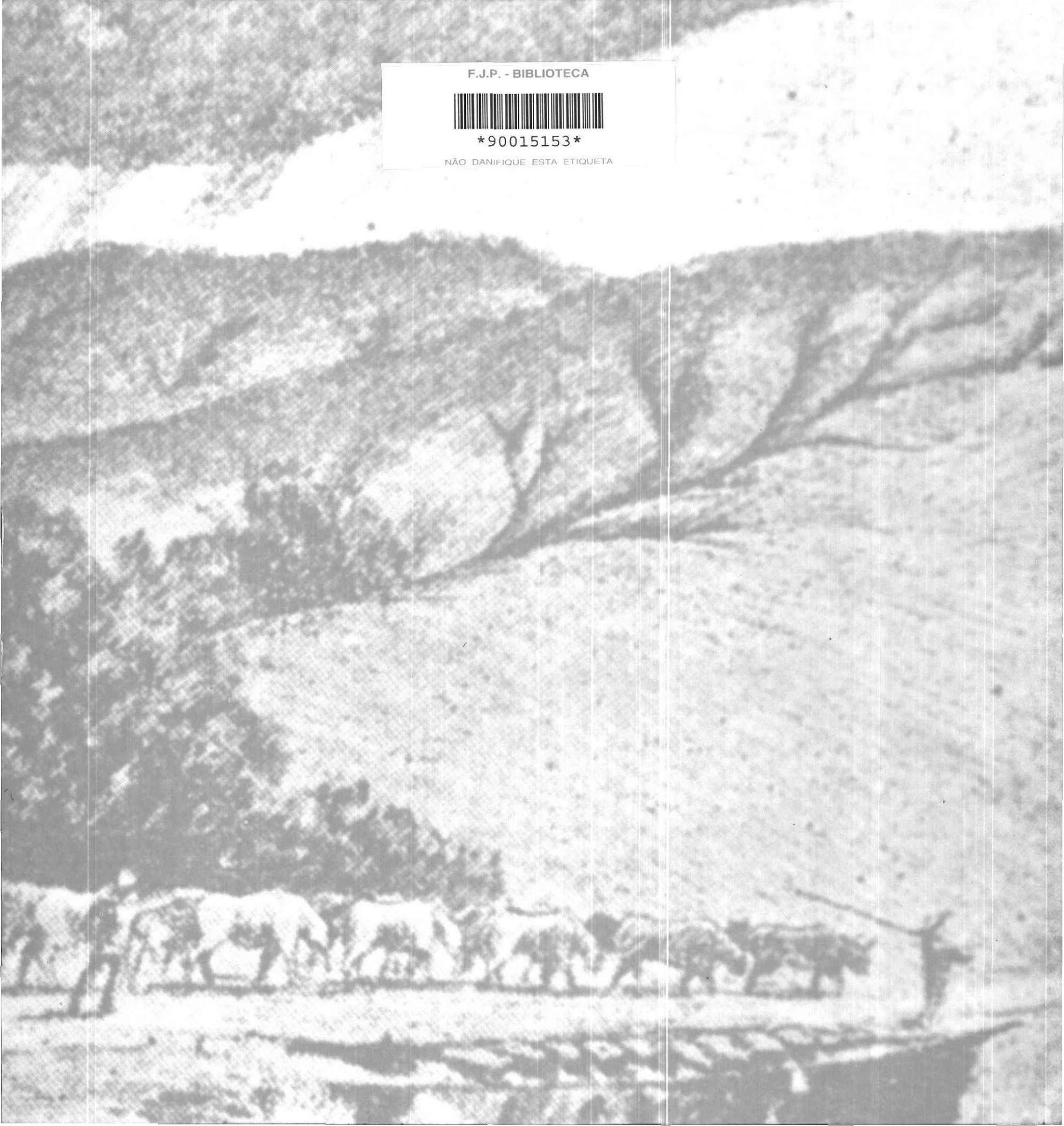


F.J.P. - BIBLIOTECA



90015153

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



**EXPLORANDO
E VIAJANDO** TRÊS MIL
MILHAS
ATRAVÉS DO
BRASIL DO RIO DE JANEIRO
AO MARANHÃO

210.9(81)
W4542P
v.2
ex.2

JAMES W. WELLS

**EXPLORANDO
E VIAJANDO** **TRÊS MIL
MILHAS
ATRAVÉS DO
BRASIL** **DO RIO DE JANEIRO
AO MARANHÃO**

Introdução
CHRISTOPHER HILL

Tradução
MYRIAM ÁVILA

VOLUME 2

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1995

Governador EDUARDO AZEREDO

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral WALFRIDO MARES GUIA

Presidente da Fundação João Pinheiro ROBERTO BORGES MARTINS

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais ELEONORA SANTA ROSA



Wells, James W.

W454e Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão/James W. Wells; tradução de Myriam Ávila e introdução de Christopher Hill. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.
2v.: 83 ilust.

1. Brasil Descrição de Viagens. I. Ávila, Myriam. trad. II. Hill, Christopher. III. Título.

CDU: 910.4(81)

A publicação desta obra tornou-se possível
através da colaboração das seguintes instituições:



FAPEMIG

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Ávila, Affonso Romano de Sant'Anna, Amílcar Vianna Martins Filho, Angela Gutierrez, Antônio Octávio Cintra, Aluísio Pimenta, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Bernardo Mata Machado, Celina Albano, Cyro Siqueira, Clélio Campolina Diniz, Douglas Cole Libby, Fábio Lucas, Fábio Wanderley Reis, Fernando Correia Dias, Francisco Iglésias, Gerson de Britto Mello Boson, Guy de Almeida, Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz, Isaías Golgher, Jarbas Medeiros, João Antônio de Paula, José Aparecido de Oliveira, José Bento Teixeira de Salles, José Ernesto Ballstaedt, José Israel Vargas, José Murilo de Carvalho, Júlio Barbosa, Lucília de Almeida Neves Delgado, Luis Aureliano Gama de Andrade, Maria Efigênia Lage de Resende, Maria Antonieta Antunes Cunha, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Norma de Góes Monteiro, Otavio Soares Dulci, Orlando M. Carvalho, Paulo Tarso Flecha de Lima, Paulo Roberto Haddad, Paulo de Tarso Almeida Paiva, Pio Soares Canedo, Roberto Borges Martins, Roberto Lúcio Rocha Brant, Rui Mourão, Vera Alice Cardoso, Vivaldi Moreira, Walter Moreira Salles.

A Coleção Mineiriana da Fundação João Pinheiro foi idealizada por Júlio Barbosa e Bernardo Mata Machado.

Coordenação Editorial ELEONORA SANTA ROSA

Produção Executiva ROSELI RAQUEL A. FREIRE DOS SANTOS

Arte Gráfica SÉRGIO LUS

Reprodução Fotográfica TIBÉRIO FRANÇA

Revisão MARIA DE LOURDES COSTA DE QUEIROZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 DE JANUÁRIA A MANGA DO ARMADOR	11
Capítulo 2 DE MANGA DO ARMADOR A CARINHANHA	25
CAPÍTULO 3 DE CARINHANHA A BARRA DO RIO GRANDE	33
CAPÍTULO 4 DE BARRA DO RIO GRANDE A BOQUEIRÃO	53
CAPÍTULO 5 DE BOQUEIRÃO A SANTA RITA	65
CAPÍTULO 6 DE SANTA RITA A FORMOSA	77
CAPÍTULO 7 DE FORMOSA À BOCA DO RIO SAPÃO	93
CAPÍTULO 8 DA FOZ À NASCENTE DO RIO SAPÃO	99
CAPÍTULO 9 DA NASCENTE DO SAPÃO A MATO GRANDE	121

CAPÍTULO 10 DE MATO GRANDE A PORTO FRANCO	137
CAPÍTULO 11 DESCENDO O RIO DO SONO DESDE PORTO FRANCO ATÉ O TOCANTINS	153
CAPÍTULO 12 DE PEDRO AFONSO A CAROLINA DESCENDO O RIO TOCANTINS	171
CAPÍTULO 13 DE CAROLINA A CHAPADA	189
CAPÍTULO 14 DE CHAPADA, DESCENDO O RIO GRAJAÚ, ATÉ VITÓRIA NO RIO MEARIM	205
CAPÍTULO 15 DE VITÓRIA AO MARANHÃO	231
APÊNDICE A LEVANTAMENTO DOS RIOS PARA OPEBA E ALTO SÃO FRANCISCO	241

APÊNDICE B	
EXPLORAÇÃO DA DIVISÓRIA DE ÁGUAS DO TOCANTINS E DO SÃO FRANCISCO; DE CARINHANHA AO VALE DO PARANÁ	243
APÊNDICE C	
CLIMA	246
APÊNDICE D	
MINERAÇÃO DE OURO E DIAMANTES NO BRASIL.....	257
APÊNDICE E	
FERROVIAS.....	263
APÊNDICE F	
USINAS CENTRAIS DE AÇÚCAR DO BRASIL.....	273
APÊNDICE G	
O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO BRASIL.....	276
APÊNDICE H	
EXTRATOS DE UMA COMUNICAÇÃO LIDA PELO AUTOR DURANTE UM ENCONTRO DA REAL SOCIEDADE GEOGRÁFICA, NO DIA 8 DE FEVEREIRO DE 1886, E INTITULADA UM ESBOÇO DA GEOGRAFIA FÍSICA DO BRASIL	289
GLOSSÁRIO	301
NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR.....	322

CAPÍTULO I

DE JANUÁRIA

A MANGA DO ARMADOR

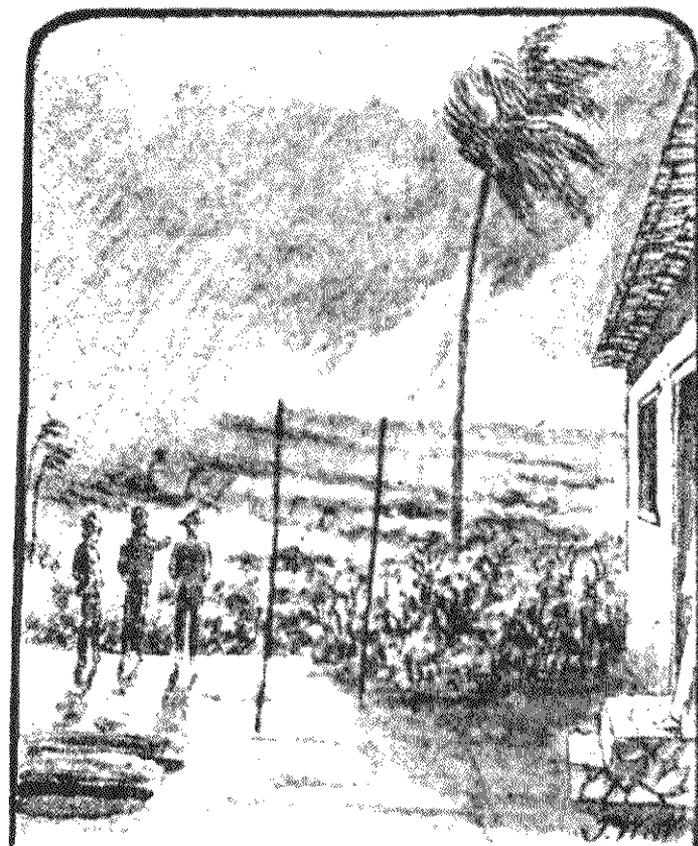
NOSSAS TROPAS UNIDAS – UMA AGRADÁVEL CAVALGAÇA NA FLORESTA – FAZENDA DO MOCOMBO – UM CAVALHEIRO BRASILEIRO – APOSENTOS LUXUOSOS – PRODUÇÃO ALÉM DA DEMANDA – TERRA BARATA – DAMAS INVISÍVEIS – TEMPO INGLÊS – SINAIS DE CULTIVO – UMA FAZENDA DE GADO – UM ABRIGO AFORTUNADO – REFEIÇÃO GROSSEIRA – UMA TEMPESTADE REPENTINA – MONTANHAS DE CALCÁRIO – UMA REGIÃO VARIADA – A VILA DO JACARÉ – UM NEGOCIANTE DO RIO – CAÇOADA – CAUSAMOS ESPANTO AOS NATIVOS – UM DESVIO – DESAHO À PACIÊNCIA – FANTÁSTICAS FORMAS DE CALCÁRIO – UMA PELEJA EM MEIO A ESPINHOS, SARÇAS E PÂNTANOS – UMA CASA DE VAQUEIRO, APOSENTOS TISNADOS – UMA PERTURBAÇÃO MUSICAL – UMA MANHÃ DE CHUVA, UM DIA DE CHUVA E UMA REGIÃO INUNDADA – HOSPITALIDADE RECUSADA – UM REFÚGIO – ACOMODAÇÃO PARA UMA NOITE ÚMIDA – UM NEGRO DE BOM TEMPERAMENTO – BOAS-VINDAS PARA O SOL NOVAMENTE – MANGA DO ARMADOR – TIPO BAIXO DOS HABITANTES, UM WAPPING RIBEIRINHO – EFEITOS DA MALÁRIA – PROVÁVEL MELHORAMENTO FUTURO NO CLIMA DO VALE DO RIO.

23 de janeiro – Nesta manhã, nossas tropas unidas faziam um belo espetáculo enquanto desfilávamos para fora da cidade. Além de nós três, tínhamos nove homens, um menino, vinte e sete mulas e cavalos e três cães, Feroz, Carranca e Pequeno.

Logo após deixarmos a cidade, a estrada se afasta gradualmente da margem do rio, passando por muitas habitações e longos trechos planos de terra inundada, as aberturas no mato baixo sendo as únicas indicações da estrada; assim foi por 8 ou 9 milhas, quando então a trilha entrou em uma floresta de esplêndidas árvores, onde uma estrada de carros bastante boa e larga nos permitiu um meio galope agradável adiante da fileira de mulas.

Mesmo os cães, por meio de cabriolas e latidos alegres, mostravam apreciar os méritos de uma estrada larga e seca na confortável sombra.

A floresta era singularmente desprovida do denso mato rasteiro habitual e muitas clareiras e aberturas encantadoras entre as imponentes árvores formavam cenários de beleza silvestre. Conspícuas entre as árvores ficavam as gameleiras gigantes em arco, muitas delas cingidas por profusas lianas envolventes, como por exemplo a *monstera deliciosa*, e recobertas de bromélias floridas de carmim brilhante. Árvores delicadas, samambaias e palmeiras de guariroba e jeribá suavizavam, com sua folhagem recortada, o contorno escuro dos troncos maciços. Cipós pendiam em longas li-



Um temporal ao cair da tarde.

nhas suspensas como o cordame de um navio, ou formavam curvas graciosas de árvore a árvore; numerosas orquídeas, parasitas, musgos e líquens decoravam os troncos e galhos, a tal ponto que quase cada uma das árvores era um jardim por si só.

Ao fim de 20 milhas, o terreno plano da floresta mudou para os morros ondulados de uma região mais elevada, que tinha sido destituída de sua floresta primitiva e transformada em pastagens.

Logo depois chegamos a uma fazenda importante, com uma casa de dois andares, a Fazenda de Mocambo.¹ Ao longo de sua larga fachada, estendendo-se pelo primeiro andar, havia uma varanda agradavelmente sombreada, onde um velho senhor de roupão estava sentado em uma cadeira de balanço; e quando lhe pedimos permissão para falar com o proprietário, respondeu: “Sou seu criado” e em seguida solicitou que desmontássemos e entrássemos. Apresentamos nossas credenciais e explicamos brevemente nossa nacionalidade e propósitos, e que nossa grande tropa chegaria em breve. O velho cavalheiro desculpou-se cortesmente por não se levantar da cadeira, dizendo: “Sou muito velho e doente”, mas, com um sorriso gentil, expressou seu prazer em nos receber, e pôs-nos toda a singela acomodação de sua casa a nosso dispor, bateu palmas e ordenou a seus negros que levassem os animais e se preparassem para o resto da tropa.

Nosso bondoso anfitrião era um senhor Marcelino – sinto ter esquecido o resto do seu nome – um cavalheiro bem-educado e representante da classe de fazendeiros educados brasileiros. Eu me lembrarei dele por muito tempo e lhe serei grato não apenas pelos confortos pessoais que nos proporcionou, mas pela cortesia afável e a benevolência que este gentil cavalheiro idoso colocava em cada palavra e ato. Naquela noite, deliciamos-nos com os luxos quase-esquecidos de um quarto bem mobiliado e uma mesa civilizada: encontrar um lugar destes no meio do sertão é como encontrar uma jóia em um monte de lixo.

A varanda dava para um jardim de flores e frutas na frente da casa, onde encontramos diversas flores de jardim européias crescendo com grande viço. Além do jardim, o terreno se estendia por uma longa distância em declives ondulados de capim, pontilhado com numerosos rebanhos de gado que pastavam; os troncos altos e retos de uma floresta vizinha e o contorno azul de planaltos distantes completavam o quadro; ao lado da fazenda, um riacho de águas claras murmurava uma canção monótona enquanto corria em meio aos seixos de um leito pedregoso e gerava a doce música da queda d’água de um monjolo adjacente. Em nossa situação confortável, com que boa disposição de espírito um viajante pode apreciar o ambiente pacífico de tal cena, na quietude da noite, quando as luzes do céu ocidental adquirem os cinzas perolados

1. Este local é indicado nos mapas como um arraial ou pequena vila. Não é de forma alguma um erro infrequente representar as propriedades mais importantes como arraiais. Mocambo, como quilombo, é um valha-couto de escravos fugidos.

e os delicados tons cerúleos do curto crepúsculo destas regiões e as primeiras névoas frias da noite surgem em nuvens diáfanas como lã cor de neve.

Nosso anfitrião infelizmente tinha de se retirar cedo, mas, antes de fazê-lo, contou-nos em uma conversa que sua família tinha ocupado terras em Januária e nas cercanias, durante muitas gerações, e tinham sido agricultores nos bons velhos tempos coloniais da mineração, quando a produção agrícola era escassa e muito valiosa e os escravos eram baratos; "agora", diz ele, "somos todos agricultores ou comerciantes e produzimos mais do que podemos vender com lucro"; ele nos contou ainda que possuía uma propriedade vizinha de ricos bosques e pastagens com uma boa casa, cercas, e demais instalações de fazenda; a área era muito considerável – na verdade, ele mal sabia sua extensão; por tudo isto ele disse que aceitaria £200, pois havia muito mais terras à venda do que compradores.

Sei que todos nós vimos com pesar o sol se levantar na manhã seguinte, trazendo a necessidade de nossa partida dos aposentos mais confortáveis que encontramos desde que saíramos de Tabuleiro Grande. Havia representantes do sexo feminino entre os ocupantes da fazenda, pois ouvimos suas vozes, mas elas ficavam tão distantes de nossas vistas como se fossem moradoras de um harém oriental.

Como de hábito em muitas das fazendas melhores da região, só nos foi permitido pagar pelo milho consumido pelos animais, mas sei que alguns dos negros terão se divertido um bocado após nossa partida; pois é raro que esses pobres escravos dos engenhos do interior consigam obter uns poucos confortos para suavizar suas áridas vidas. Infelizmente, não pudemos partir tão cedo quando esperávamos, pois uma tromba d'água repentina e violenta impediu que se arrumasse a carga nas mulas durante algumas horas, já que é sempre aconselhável em viagens não apenas "manter seca sua pólvora", como também sua bagagem.

No meio da manhã, no entanto, a tropa unida formou ordem de marcha, e lá fomos nós mais uma vez chacoalhando, chapinhando pela estrada lamacenta e os arroiozinhos turbulentos; um chuvisco ainda caía, o céu estava toldado de massas de nuvens empilhadas cor de chumbo e a vegetação pingava por cada folha quando penetramos novamente a sombra escura da floresta.

Um dia de chuva no Brasil parece ter efeitos muito mais deprimentes do que os que acometem um turista mesmo em uma cidadezinha perdida, digamos, do oeste da Irlanda, pois nestes países tropicais a pessoa se acostuma tanto com o brilho e claridade do sol, os céus claros, a folhagem resplandecendo sob a violenta luminosidade, que quando um dia de tempo chuvoso britânico ocorre, o termômetro cai, o fígado sobe, tudo se torna úmido, e gelado, e enlameado, e todos parecem contraídos, frios e desagradáveis.

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Aqui na floresta, enquanto seguimos chapinhando na lama, puxamos cuidadosamente as capas impermeáveis sobre cada pedacinho do corpo, pois as folhas molhadas dos galhos de vez em quando roçam nossas faces e ornamentam nossos narizes com gotas de água cristalina; nuvens esparsas de neblina deslizam como fantasmas por entre as árvores e o pinga-pinga da água é ouvido por todo lado; aí às vezes um burro, sem razão aparente, debanda para o meio do mato, fica enganchado e amassa a bagagem contra as árvores, o barulho gera novas debandadas e confusão por toda a tropa e o arranjo cuidadoso de nossas capas é deixado de lado enquanto cada um de nós peleja em meio aos arbustos molhados para capturar as mulas recalcitrantes e reorganizar a tropa; é claro que nestas ocasiões a chuva fica mais forte, e lá vamos nós, molhados, enregelados e enlameados, em direção a um pouso desconhecido.

Nesta terra de florestas, passamos nas baixadas por muitos roçados de culturas exauridas ou existentes de milho, feijão, fumo, algodão, mamona e mandioca; o solo é extremamente rico e bem irrigado e a região é tida como muito salubre, todavia pode-se obter terra aqui, em comparativamente quase qualquer quantidade e de qualquer qualidade, floresta, capinzal ou cerrado, por uma mera bagatela.

À tarde, emergimos da floresta quase contínua para um terreno montanhoso, morros cobertos de capim ou de matas, vales irrigados, combinando todos os elementos necessários para a criação de gado ou a agricultura em uma conjunção admirável. Por volta de três da tarde, depois de viajar por cerca de 18 milhas, chegamos aos currais e casas de adobe de uma fazenda situada à sombra de grandes gameleiras e pomares, com laranjeiras, bananeiras, mamoeiros, jenipapeiros, jaboticabeiras, etc. O céu tinha clareado e os raios do sol iluminavam a cena; o lugar parecia aconchegante e próspero, embora aos olhos de um fazendeiro inglês parecesse muito descuidado.

Ao cavalgarmos em direção à porta da residência, uma debandada geral de todas as moradoras teve lugar; as portas e as folhas das janelas foram fechadas às pressas e trancadas quando nos aproximamos. Alguns negros ocupados em jungir bois a um carro nos informaram que o “senhor” não estava em casa, que seu nome era Marcelino de Sá, um criador de gado e fabricante de rapadura, e que a uma pequena distância dali havia uma casa vazia que poderíamos ocupar para passar a noite.

Continuando nossa jornada por mais morros de capim e cerrado, e corguinhos e matas nos fundos, por fim cruzamos um riacho de 100 pés de largura, que corria sobre um leito plano e rochoso, com margens de cascalho, e percorremos o aclive de um morro do outro lado, onde encontramos nossa nova pousada, uma casa grande bem nova, com cobertura de telhas, paredes de adobe, janelas com folhas e a porta convidativamente aberta; de fato, não tivemos razão de lamentar a ausência do Senhor

Marcelino, apósentos como estes tinham de ser devidamente apreciados com o tempo que se esperava fazer aquela noite.

Era uma cena animada e movimentada ver mula por mula chegar e ser descarregada e a bagagem levada para dentro da casa; depois, homem e animal esticaram seus membros enrijecidos. Cada uma das mulas, assim que é aliviada de seus fardos, depois de uma boa fungada e de examinar o terreno, circula o ponto escolhido uma vez e depois, lentamente, se ajoelha e vira-se para uma boa rolada pela areia.

Enquanto o jantar estava sendo preparado, meus dois companheiros e eu nos deslocamos até o rio no fundo do morro para um mergulho e uma nadada na água transparente. Os preparativos para o jantar não eram feitos por um cozinheiro de avental branco e chapéu de mestre-cuca, em uma cozinha moderna, mas pelo negro e enlameado Bob. Em um balde de água, feijão, carne-seca e carne de porco salgada foram mergulhados indiscriminadamente, e um pouco da sujeira concomitante extraída antes de pôr os ingredientes na caçarola ou no fogo. A casa era admiravelmente situada e dominava vistas extensas de paisagens diversificadas a toda a volta; ao pé do morro havia o rio de águas claras, claras mesmo em tempo de chuva; mais além, em todas as direções, apareciam os morros ondulados, alguns cobertos de excelentes florestas, outros com capim ou cerrado rasteiro entre moitas de árvores e grupos de palmeiras. Mais longe, ao oeste, a cerca de 10 ou 12 milhas, via-se o contorno escuro de uma cadeia irregular de montanhas elevadas, formando provavelmente os alcantis dos tabuleiros do lado ocidental do São Francisco.

Ao cair da tarde, escuros amontoados de nuvens juntaram-se sobre esses cumes, ensombrecendo seus contornos azuis para púrpura e cinza-escuros; à medida que as nuvens avançavam, as sombras se estendiam sobre morro e vale, e então linhas oblíquas de cinza-pálido apareceram entre nuvens e montanhas, o trovão reboou, e linhas de luz vívida em ziguezague coruscaram; rajadas leves de vento eram sentidas de quando em quando; um murmúrio rouco e distante se ouviu; as nuvens se estenderam rapidamente, envolvendo terra e céu em um manto de névoa cinzenta; mais e mais rajadas de vento, umas poucas gotas grandes de chuva quente caíram; depois as folhas rodopiaram no ar, palmeiras e árvores se curvaram e, com um grito surdo, a tempestade de vento e chuva e o estrondoso trovão e o relâmpago brilhante caíram sobre nós. Sentíamo-nos gratos, sentados na semi-escuridão com porta e janela fechadas, por termos um tal abrigo. Como o vento uivava, e os clarões vívidos dos relâmpagos iluminavam o interior da sala, seguidos pelas terríveis salvas da artilharia do céu! Logo o trovão se tornou mais fraco e mais distante, e a chuva e o vento cessaram tão repentinamente quanto tinham começado.

Ao abrir a porta, viam-se a noite estrelada e riosinhos de água correndo desenfreadamente morro abaixo; o trovão rosnava à distância, enquanto as nuvens e a neblina desapareciam em direção ao leste, e a tormenta tropical findara.

Pouco depois que o ribombar da tempestade cessara, a casa passou a ecoar com o som ritmado do ressonar de seus ocupantes.

25 de janeiro – Um som alvissareiro nos acordou ao primeiro clarão do dia, o mascar contínuo das mulas se deliciando com sua ração de milho. É sempre um alívio descobrir, ao acordar, que nenhum animal está faltando.

Mais uma vez, ploque-ploque pela estrada rumo ao norte. Eram 12 milhas até Jacaré*,² um vilarejo situado às margens do rio. Passamos através de um distrito agreste e variado, onde a floresta e as árvores de segunda vegetação eram os aspectos principais da vegetação; pelo meio do caminho havia muitos morros estranhos e espantosos de pedra calcária, gastos e erodidos pelo tempo em forma de torres e pináculos e outras conformações fantásticas, os interstícios sendo preenchidos por uma variedade de cactos gigante azul e por outras plantas numerosas demais para serem especificadas. A estrada era alternadamente acidentada devido a rochas e raízes, escorregadia, devido à chuva, e macia e pantanosa nas depressões; não passamos por mais de meia dúzia de habitações à beira da estrada.

O arraial de Jacaré consiste simplesmente em uma rua de casas espalhadas e cabanas de frente para o rio, e contém cerca de 3.000 almas; quase toda habitação tem seu próprio quintal, onde crescem muitas das árvores frutíferas e outras comuns na região. Uma estrada larga e espraiada, profusamente tomada pelo capim, forma a via principal; umas poucas árvores grandes crescem às margens do rio, sob a sombra das quais se discutem a política local e as colheitas, e constituem coletivamente a taberna e o mercado de trocas da vila para a transação de negócios com os comerciantes fluviais. Uma igreja que não passa de um celeiro velho em ruínas é, naturalmente, um complemento indispensável do povoado.

Quando nos encaminhamos até a porta da casa de aspecto mais confortável, o proprietário convidou-nos a entrar e partilhar do inevitável café; seguiram-se as perguntas habituais sobre nossa ocupação, idades, salários, etc. Entrementes, toda a gente à toa da cidade já se reuniu diante da porta, as mesmas caras embasbacadas, apáticas e ociosas de sempre.

Disseram-nos que encontraríamos à frente muitas habitações à beira-rio, mas que a estrada que margeia o rio estava inundada e seria aconselhável levar um guia para nos conduzir através das matas em volta das montanhas de Itacarambi, mais adi-

* Atual Itacarambi (N.D.).

² Alligator.

ante. Um parada era necessária para descansar os animais e ferrar muitos deles, após a dura cavalgada da manhã.

Um passeio pelo arraial nos mostrou a vida habitual desses povoados ribeirinhos. Uma barca de comerciante estava na praia lamacenta, cercada por numerosas mulheres morenas e negras que pechinchavam com o mascate por um vestido de algodão, agulhas, fitas, xales vermelho-flamejantes ou azuis, etc.; no momento, ele lhes mostrava, para seu intenso deleite, um chapéu de palha enfeitado com as mais coloridas fitas e flores de imitação; elas não tinham recursos para comprá-lo, e o chapéu foi guardado de novo em sua caixa, entre os suspiros de pesar das mulheres. “Ai! Santa Maria! Que chapéu bonito! Que coisa linda! Ai de mim, isto não é para pobres como nós.”

Ao lado, sob a sombra das árvores, outro grupo de homens dedilhava violas e cantava seus improvisos, que descobrimos dizer respeito à chegada dos ingleses (nós), sua pele branca, a grande tropa, as mulas gordas, nossa terra distante onde viviam todas as pessoas ricas, e nenhum pobre, etc., etc., concluindo cada refrão com “Olhe! as moças estão olhando”. Esta última observação provocava risadinhas entre as huris escuras da barca, entre as quais e o cantor seguiu-se uma meiga caçoada.

Um roceiro com um cavalo carregado de feijão e surubim salgado ia de porta em porta procurar compradores, algumas cabeças de gado e porcos pastavam no mato junto às margens do rio; uns poucos vadios escorados nas portas e mulheres semivestidas debruçadas nas janelas, ou fazendo renda de bilro, e os sons da cantilena aguda e sibilante que vinha da escola local, completavam o resto das atividades do arraial, como o percebíamos.

Diante do arraial estendiam-se as largas e túrbidas águas do rio cheio, que traziam consigo muitos troncos boiando, e, com exceção da barca na praia, nenhuma outra embarcação estava à vista, nem subindo nem descendo pelo grande volume de água.

Durante nossas perambulações, tínhamos sido acompanhados por todos os moleques³ do arraial, que ouviam com olhos esbugalhados e boca aberta nossa conversação em inglês. Não acredito que nenhum único detalhe de nossa aparência tenha escapado à sua observação e comentários; eles corriam adiante e em volta de nós, como os meninos de aldeia na Inglaterra seguem uma caravana de circo que acabou de chegar.

Levando conosco um guia, às 2 horas da tarde, saímos em fila do arraial para um terreno mais baixo, inundado pela água alta do rio: a enchente se estendia por um longo trecho terra adentro, e só o cerrado e árvores das margens indicavam os limites do rio; por 2 milhas, chapinhamos por esta água com aspecto de sopa de ervilha, quando então nosso guia nos desviou para a esquerda, para terreno mais alto, e adentramos uma floresta aparentemente desprovida de trilha; vendo-o abrir caminho com seu facão,⁴ em meio

3. Meninos de cor.

4. Faca de mato grande.

a mata e urze, e vendo nossa longa tropa de mulas com seus fardos volumosos, e adiante só a sarça emaranhada e sem passagem, era mesmo difícil imaginar como haveríamos de avançar. Quando perguntamos ao nosso guia qual era seu objetivo ao nos meter nesse labirinto, ele nos informou que uma massa elevada de rocha que tínhamos visto a nossa frente, conhecida como Morro do Itacarambi, estendia-se até as margens do rio, e a estrada em sua base só podia ser trilhada quando o rio está baixo, e que em algum lugar da floresta havia uma trilha que passava por trás do morro. Alguns dos homens foram escalados para pegar foice e facão e ajudar o guia a limpar o caminho. Prosseguimos lentamente, por terreno em muitos pontos traiçoeiramente macio e pantanoso, fazendo os animais afundarem, de onde eram retirados com dificuldade; trepadeiras rasteiras e arbustos espinhentos cortavam nossas roupas e faces, os animais ficavam enganchados entre as árvores ou trombavam contra os troncos, e assim que um burro topa com um obstáculo a seu avanço, ele imediatamente é tomado por um desejo irrefreável de prosseguir à força; resultado: alguma coisa cede e lá se vão os pacotes, e lá se vai o burro para o meio do mato; acrescenta-se a tudo isto uma atmosfera quente, abafada e fétida, como a de uma estufa, exalações malcheirosas do solo pantanoso e miríades de mosquitos. Era de fato uma provação para a paciência e a filosofia de qualquer um.

Depois de uma hora de peleja irritante e laboriosa, alcançamos as paredes precipitosas do Morro, elevando-se sobre as matas em forma de pináculos e outras configurações fantásticas de rocha calcária, gasta pelas intempéries de séculos, que as haviam esculpido em formas estranhas e misteriosas como as ruínas de velhos castelos: imensos cactos-candelabro nos intervalos das rochas adicionavam seus estranhos contornos ao aspecto fantasmagórico do lugar.

Era uma cena insólita ver-nos lutando e abrindo caminho, no calor abafado e pestilento, entre as árvores e cipós daqueles ermos sombrios; mas o tempo e a paciência fazem milagres, pois dentro de uma hora encontramos a tão ansiada trilha, pouco melhor no entanto do que a selva intransponível que acabáramos de atravessar, pois ela estava densamente obstruída por raízes, lodaçais, troncos, trepadeiras e sarças; mesmo assim, ela nos franqueava uma indicação de que estávamos na direção certa, pois a perspectiva de passar a noite em tal local teria sido tudo menos agradável. Apenas 4 milhas, disseram-nos mais tarde, era a extensão estimada do emaranhado labirinto.

Este Morro do Itacarambi é uma estranha conformação da paisagem; é uma massa alongada de calcário elevando-se abruptamente de uma planície, pois tínhamos circulado sua base a partir do rio e voltado a suas margens, e durante todo o tempo passamos por terreno praticamente plano e pantanoso. Ele permanece ali como remanescente solitário do solo que originalmente ocupava o vale do rio, um vestígio impla-

cável de eras passadas. Os morros de calcário na estrada para Jacaré são exatamente da mesma formação.

Quando o sol baixava no oeste, saímos mais uma vez para a luz e o espaço aberto; diante de nós estendia-se uma larga expansão de pântano, limitada a leste por um cinturão de floresta que obstruía a vista do rio, e a oeste, por um aclive do terreno coberto de cerrado.

Ao saber que uma fazenda de gado ficava do lado oposto do pântano, a cerca de 2 milhas de distância, forçamos nossos animais cansados e ofegantes, chapinhando pela terra inundada, e muitas vezes afundando nos numerosos lamaçais; finalmente alcançamos o Sítio de Itacarambi, a estação avançada de uma fazenda de gado e residência de um vaqueiro. O sítio compunha-se simplesmente de um abrigo aberto com um canto fechado por paredes de lama; no fundo ficava o curral de gado, afundado até os joelhos em lama escura e fétida, que se estendia até o chão do abrigo. Tudo em volta da casa era brejoso, molhado e lamacento.

O vaqueiro consentiu de boa vontade em nos abrigar aquela noite, seu teto e chão seco nos parecendo muito aceitáveis em um terreno tão sujo, apesar de os odores da lama do curral não serem aqueles da abençoada Arábia. Naquela noite, Bob teve de "correr" com o mexido, pois nossa longa cavalgada de 24 milhas tinha aberto apetites de fazer inveja a um vereador.

Depois do jantar, enquanto nos deliciávamos com as ervas fragrantíssimas, tornadas visíveis na escuridão pela fraca luz fumarenta de uma lamparina solitária de pavio de algodão, colocado na tigelinha rasa de ferro de óleo de mamona, e pela luz bruxuleante de uma fogueira, esquecemos as fadigas do dia, a pobreza à nossa volta e mergulhamos todos no mundo dos sonhos; infelizmente nossos cochilos não iriam durar muito, pois a casa foi logo em seguida invadida por um bando de amigos farristas de nosso anfitrião, que entrou ruidosamente sem se importar com os hóspedes adormecidos; começaram as canções e a dança, acompanhadas pela sinfonia em rufo de um tambor feito de um tronco oco de árvore, em cujas extremidades se esticaram couros de carneiro. Muitas e variadas foram as bênçãos que despejamos sobre os intrusos, e o ar ficou pesado com nossos comentários; finalmente nosso anfitrião, notando nossa inquietude (era evidente que lhe ocorrera pela primeira vez que talvez não apreciássemos o concerto), perguntou mansamente se o tumulto nos incomodava: a resposta que recebeu dissipou qualquer dúvida. Quando ele sugeriu aos amigos que os estrangeiros talvez quisessem dormir, os rudes, mas bondosos, sujeitos desistiram imediatamente, e calma e paz foram restauradas.

26 de janeiro – Nesta manhã houve chuva, chuva pesada e constante, e nuvens

passageiras de neblina e garoa, que ocultavam da vista todos os objetos distantes e tornavam o ar úmido e gelado. Os homens estavam com uma aparência entorpecida quando chegaram com as mulas de uma pastagem próxima, as cabeças e ombros cuidadosamente envolvidos em seus ponchos, mas as pernas e pés descalços, rostos pálidos e azulados, e dentes batendo de frio. Não, seus rostos não estavam exatamente azuis, suas peles morenas tomavam mais um tom pardacento ou amarelo sujo; pingando de chuva, eles pareciam urubus molhados. Fizeram muito gosto em um traguinho de cachaça, engolindo de um gole sem piscar, com um suspiro de satisfação e “Ah! agora o bicho morreu!” — aquele bicho medonho que está sempre sendo morto, mas que morre só para ressuscitar de novo, uma verdadeira fênix dos insetos.

Um por um, os animais foram levados para o abrigo e a carga posta neles sob a cobertura. Terminado o jejum e uma ração extra de rum servida aos homens para espantar o frio, lá fomos nós em fila pela chuva forte e a terra inundada.

Felizmente, obtivéramos um guia entre os nossos visitantes da noite passada, senão seria improvável que achássemos o caminho em meio à água que cobria o chão. O dia todo chapinhamos na água, sempre seguindo as margens do rio, depois tudo submergira. Choveu o dia todo; o céu pesado de nuvens cinzentas e com nuances cor-de-chumbo, a paisagem em volta obscurecida pela neblina e a chuva, o ar úmido e gelado juntavam-se para formar um quadro que era tudo menos típico do Brasil.

O terreno circundante é um capinzal baixo, entremeado de arbustos e grupos ocasionais de árvores. As poucas cabanas pobres por que passamos estavam inundadas e desertas; água, água por toda parte, e nem um lugar para descansar.* À tarde, o tempo ficou pior, rajadas violentas de vento passavam varrendo e a chuva caía em torrentes, acompanhada por trovões e relâmpagos; diversos corretozinhos que corriam em leitos fundos tinham sido atravessados com grande dificuldade; em uma das vezes, os pacotes foram desamarrados em meio à lama e à umidade e carregados até o outro lado nas costas dos homens, os animais nadando atrás; tudo, homem e bagagem, estava totalmente ensopado, mas não havia alternativa senão prosseguir; ficar ali seria o mesmo que acampar em uma lagoa rasa.

Às 4 da tarde, avistamos uma casa de vaqueiro em terreno seco, chamado Poço de Lavagem, mas como o proprietário estava ausente, as moradoras do sexo feminino não quiseram aparecer nem responder a nossos chamados, e permaneceram silenciosas e invisíveis atrás de portas e janelas fechadas. Depois de uma deliberação, decidimos continuar a viagem, já que se afirmava haver terreno mais alto logo adiante. As mulas de carga foram afastadas com dificuldade da casa pouco hospitaleira, grunhindo como um burro grunhe quando contrariado.

* Aqui Wells parafrazeia o verso de Coleridge, em *The ancient mariner* [O velho marinheiro]: “Water, water, every where! Nor any drop to drink.” [Água, água em toda parte; e nem uma gota para beber] (N.T.).

A chuva caía ainda em torrentes, e a água em alguns pontos se tornara tão profunda que as mulas estavam quase nadando; ficávamos desesperados quando pensávamos em nossas roupas, provisões, etc., e víamos as caixas e malas afundarem continuamente na água. Nem um ser humano fora visto durante todo o dia.

Por sorte, lá pelo final da tarde as águas baixaram, e por fim, na luz declinante desse infeliz dia, chegamos a terreno seco e, melhor ainda, a uma casa com um “copiar” (varanda larga e aberta) vazio na frente. Quando batemos à porta descobrimos que esta estava fechada e trancada, e ninguém respondeu. Não podíamos, no entanto, fazer cerimônia, e rapidamente recolhemos a bagagem sob a cobertura do bem-vindo telhado.

Como estávamos molhados, enregelados e famintos! Com alguma dificuldade conseguimos lenha no mato próximo e logo havia uma bendita fogueira queimando, sobre a qual Bob preparou sem demora alguns beijos, que seguraram nossa fome devoradora até que o feijão ficasse pronto; das 7 da manhã às 7 da noite é uma longa cavalgada em meio à chuva e a terra inundada o tempo todo, sem uma parada para descansar ou comer.

À noite, o proprietário da casa, um negro, e sua esposa, uma mulata, chegaram. Apresentamos nossas desculpas pela ocupação de sua varanda (então totalmente ocupada por nossa bagagem, selas, homens e nós mesmos); ele nos disse com bom-humor para ficarmos à vontade, e que sua “casa estava às nossas ordens.” Como não o vimos mais a noite toda, talvez ele tenha achado melhor não criar caso; teriam sido necessários muitos proprietários para nos expulsar para a noite escura e úmida. Tivemos de nos acomodar como pudemos no espaço limitado; certamente tínhamos um bom teto de capim sobre as cabeças, mas da fachada aberta e dos lados o vento forte e carregado de umidade soprou sobre nós a noite toda. Camas bem arejadas não constavam do protocolo do dia.

Embora eu tenha mencionado o ar frio, verifiquei que o termômetro registrava 70° F durante o dia e 65° F à noite. Não é propriamente a temperatura que nos faz sentir frio; é a umidade excessiva e penetrante do ar, que parece ter uma afinidade peculiar com os nossos ossos.

Aquela noite, depois que as mulas tinham recebido uma ração de milho, elas foram soltas na escuridão para encontrar um pasto para si próprias e, logo de manhã cedo, todas apareceram no acampamento, esperando outra ração de milho, tendo aparentemente passado a noite sem fartura; mas o milho, bem se sabe, constitui a soma total da felicidade terrena de um burro.

Tendo nosso anfitrião nos informado que o Arraial de Manga do Armador estava

a apenas 4 milhas de distância, saímos cedo sem tomar o desjejum, para chegar àquele local e descansar as mulas o dia inteiro, além de secar nossos pertences encharcados.

Uma manhã clara e limpa seguiu-se à chuva do dia anterior; que bem-vindo era o sol depois de um dia daqueles! e enquanto galopávamos adiante da tropa, sentimos vontade de gritar, como Masaniello,* “Salve! manhã sorridente”, pois de fato os morros distantes, a folhagem e o rio estavam dourados e brilhantes com os raios lustrosos do sol; mas à medida que ele subia no céu, seu calor foi fazendo subir um tal vapor do chão ensopado, que a atmosfera se tornou um banho turco, o vento cessou e a temperatura ficou abafada, quente, e sufocante.

Nas bordas das poças d’água, evaporando rapidamente, miríades de borboletas cobriam o chão úmido, erguendo-se em nuvens quando cavalgávamos em meio a elas, como uma queda de neve multicolorida; elas eram de muitas variedades, mas a comum cor-de-enxofre predominava.

Manga do Armador foi por fim avistada, no terreno alto à beira do rio.⁵ Ao chegar, conseguimos obter uma casa grande, vazia e relativamente limpa, onde, logo que a tropa chegou, a bagagem foi desfeita e as roupas e provisões estendidas no sol em um quintal nos fundos; limpavam-se e secaram-se roupas e pessoas, pois todos nos sentíamos uns viajantes muito surrados.

O arraial é construído sobre duas elevações, 80 pés acima do rio, e compõe-se de uma velha igreja em ruínas e cerca de cinqüenta ou sessenta casas ou ranchos ocupados pelas raças misturadas e de cores variadas do interior: bodes,⁶ cabras,⁷ caboclos⁸ e negros.

Não vi em todo o povoado nada que se assemelhasse a uma pele branca; mesmo os mais prósperos indicavam, com seus rostos achatados e cabelo escorrido e preto, sua origem indígena; parecia haver mais do que a apatia habitual neste local e escassa urbanidade; eles mal tinham energia suficiente para nos obsequiareem com a inspeção habitual, ou para girarem cansadamente o corpo frouxo em nossa direção quando passávamos.

Havia uma grande predominância de mulheres mulatas e caboclas mal-apegoadas, ataviadas com toda a ornamentação grosseira de batas rusticamente bordadas, fitas multicores e saias de algodão de cores vistosas; quase todas estavam tilintando suas violas e embalando-se em redes em suas cabanas de barro cobertas de sapé.

Este lugar é uma espécie de Wapping ribeirinho, ou o Southsea* de outrora, e um local favorito de parada para os barqueiros que querem “passar um dia em terra”; mas o fato de não haver embarcações no porto talvez fosse responsável pela falta de animação abaixo do normal.

* Masaniello (Tommaso Aniello) Protagonista da ópera *La muette de Portier*, também conhecida como *Masaniello* (1828), do compositor francês Daniel E. L. Auber (1782-1871) (N.T.).

5. Fica a oitenta milhas de Januária pelo rio; as ribanceiras ficam a trinta e quatro pés acima do nível normal da água.

6. *Bode* é um termo usado em gíria para *mulato*.

7. *Cabra* é um nome comum para qualquer indivíduo de cor, mas só aplicado às classes mais baixas.

8. *Caboclo*, um camponês, mas o termo implica geralmente origem indígena.

* Porto em Portsmouth, sul da Inglaterra (N.T.).

Em todos esses povoados ribeirinhos, o viajante não pode deixar de perceber as figuras macilentas e as expressões apáticas de muitos dos habitantes, que se devem, em grande parte, a repetidos ataques de sezões, ou maleita, como as febres intermitentes também são denominadas. Uma vida saudável e um pouco de esforço local poderia provavelmente evitar o progresso da doença; mas um abandono total de toda higiene, a alimentação pobre, o excesso de bebida e devassidão, o costume de dormir tarde e o desconforto e sujeira das habitações são um convite direto à doença em uma região de malária. Como prova de que as febres podem em boa proporção ser evitadas, pode-se observar que toda a classe mais abastada é comparativamente robusta e isenta da moléstia mesmo em distritos que têm má fama; há, no entanto, algumas localidades, como o Alto São Francisco, que, em seu presente estado selvagem, são simplesmente inabitáveis, nenhum cuidado ou precaução pessoal sendo suficiente para proteger contra um ataque das febres endêmicas.

A rica terra vermelha das barrancas do rio e as muitas belas árvores nos punhados de mata que cercam o arraial são um indício da excelência do solo. Quando esta magnífica via natural do interior do Brasil estiver desenvolvida, graças a emigrantes econômicos e enérgicos, que paraíso ela necessariamente se tornará; as febres desaparecerão, como já desapareceram em diversas partes dos Estados Unidos, através da ocupação e cultivo da terra.

CAPÍTULO 2

DE MANGA DO ARMADOR A CARINHANHA

MAIS UMA MARCHA NA CHUVA – DIFICULDADE DE ATRAVESSAR RIOS TRANSBORDADOS – ORQUÍDEAS – UMA VEGETAÇÃO VARIADA – UMA JAKARACUÇU – UMA MULHER SENSATA – ANFITRIÕES BONS E GENEROSOS – CARNEIRO SEM VALOR – UM HOMEM INDUSTRIOSO E SATISFEITO – FAZENDA DE TABUÁ – OUTRA TRAVESSIA FEIA – REGIÃO DE GADO – PONTE DA LAGOA – MOSQUITOS – UMA NOITE LÚGUBRE – VIZINHOS NEGROS FARRISTAS – MELANCÓLICA MISÉRIA – UM ANTRO DO DEMÔNIO DA PREGUIÇA – A ESTRADA RIBEIRINHA – A SUBIDA DAS ÁGUAS – O LIMITE ENTRE MINAS GERAIS E BAHIA – O RIO CARINHANHA – A CIDADE E SEUS HABITANTES – VIDA RECLUSA DAS MULHERES – UM LONGO ATRASO – PROGRAMA DAS EXPLORAÇÕES A SEREM FEITAS – CLIMA – VIDAS OCIOSAS – IMPROVIDÊNCIA – UMA EMBARCAÇÃO É ALUGADA PARA UMA VIAGEM RIO ABAIXO – ADEUS AO VELHO TOMMY.

R

efeitos e revigorados após um dia de descanso, a manhã que começava viu-nos mais uma vez a caminho, mas rajadas de vento e um céu pesadamente cinzento indicavam mais uma marcha na chuva, e quando descíamos gradualmente dos cimos enflorestados de Manga de novo em direção às terras baixas inundadas, a chuva despencou com violência, como se tivesse reservado suas forças para quando estivéssemos já bem no meio do caminho.

Com 2 milhas de viagem, chegamos a um riacho feiamente transbordante, onde só as pontas dos arbustos indicavam a proximidade de suas margens. Ele tinha de ser atravessado, no entanto, de alguma maneira. Os homens procuraram e encontraram um tronco de árvore mergulhado 3 pés na correnteza, que servia como ponte para pedestres; uma boa quantidade de caules finos foram amarrados uns aos outros para fazer um corrimão longo e fino, as extremidades sendo presas em arbustos de cada lado do riacho; aí começou o cansativo e demorado trabalho de desamarrar toda a bagagem e transportá-la nas costas dos homens, o tronco submerso lhes servindo de ponte; fomos carregados para o outro lado da mesma maneira; depois, após escaparem uma ou duas vezes por um triz de se afogar, todos os animais foram levados nadando para a outra margem em segurança; o tempo todo a chuva desabava sem piedade.

Do outro lado do riacho, o terreno era mais alto e não estava inundado e era coberto por uma magnífica floresta. Nunca vi tantas orquídeas e outros objetos de interesse como nesta floresta; especialmente notável era uma magnífica trepadeira que dava flores-da-paixão carmim-vivo. Uma orquídea, cujas flores colhi, possuía um



Um matuto em uma manhã fria.

perfume como o do heliotrópio. Frequentemente, a única resposta a indagações sobre os nomes locais dessas plantas é “uma flor à-toa”, ou “uma coisa à-toa”.¹

Pode-se facilmente encher qualquer número de páginas tentando descrever a vegetação variada, a grande quantidade de folhagens diversificadas,² o labirinto de troncos, as trepadeiras enroladas, festonadas, envolventes, as árvores em arco, árvores altas e lisas como um pau-de-sebo, ou crivadas de pontas como a mama-de-porco;³ aqui, onde cada árvore ou palmeira, ou arbusto, ou trepadeira é diferente do seu vizinho, só uma série de desenhos, ou um volume de descrições poderia realmente dar uma idéia destas matas.

Na estrada que atravessava a floresta, os homens mataram uma grande jararacuçu, de 5 pés e 9 polegadas de comprimento.

Fizemos uma parada ao meio-dia, durante uma pausa da chuva, em um pedaço aberto e ondulado de região montanhosa, ao lado de um pequeno arroio de águas céleres.

Longos lençóis de água cercados de cerrado, ou capim, ou agrupamentos de árvores, foi esse o tipo de terreno atravessado durante a tarde.

Às 4 da tarde, chegamos a uma fazenda de gado comparativamente organizada e movimentada, situada sobre uma leve elevação e cercada de cerrado. À porta da casa, uma jovem bem arrumada estava de pé, e, por estranho que pareça, não fugiu correndo ao nos ver.

Quando perguntamos se podíamos obter pasto para os animais, ela nos informou que, embora seu marido não estivesse em casa no momento, ela o esperava para breve, e que nós éramos muito bem-vindos; havia bons pastos lá perto, e fizésemos o favor de desmontar, entrar e tomar um pouco de café. Isto é que é mudança! Que variedade de pessoas se podem encontrar em um dia de marcha, e como é difícil generalizar uma nação pelos indivíduos com os quais se entra em contato, pois aqui estava uma mulher da roça que não fugia ao ver estranhos.

Dentro da casa havia muitos sinais de boa administração e atividade; a mobília era, naturalmente, despojada e simples, no entanto havia um ar de conforto raramente encontrado. Fomos levados a um salão com mesas, cadeiras e bancos, e que foi posto à nossa disposição; um galpão fechado contíguo abrigou nossa bagagem, e a barraca foi armada pelos homens.

Vendo uma série de carneiros andando por ali, perguntei à nossa anfitriã se poderíamos comprar um deles.

“Comprar um animal inútil destes? Para quê?”

Expliquei que gostaríamos muito de provar sua carne ao jantar.

1. Uma ótima história foi-me contada uma vez sobre um engenheiro de minas inglês que veio fazer um relatório sobre uma propriedade mineradora no Brasil e, não entendendo nada de português, descreveu, em seu relatório, uma certa espécie de rocha como sendo conhecida pelos nativos pelo nome de “pedra à-toa”, ou , em outras palavras, uma pedra imprestável, sem utilidade.

2. *Xanthoxylon*, sp.

3. *Caladium*, gen.

“Deus me livre”, ela respondeu perplexa. “Imagine, comer estes bichos! Ora, você pode pegar meia dúzia se quiser; mas vendê-los não podemos porque eles não valem nada.”⁴

Enquanto estávamos superintendendo cuidadosamente o preparo dos rins e costeletas assados, nosso anfitrião chegou, um rapaz bem apanhado e ativo de 25 ou 26 anos de idade, e tão próximo de ser branco quanto um morador do campo pode ser. Ele era muito alegre e amável e esforçou-se para nos oferecer o maior conforto que podia. Mandou que fizessem excelentes camas para nós de sacos recheados de palha de milho, o que, eu posso afirmar a qualquer um, não é de se desprezar, principalmente se acompanhados de cobertores, travesseiros e lençóis limpos.

Nosso anfitrião nos contou que estava casado há oito anos, e que tinha então 26 anos de idade; ele tinha herdado as terras de seu pai com uns poucos escravos; possuía muitos rebanhos de gado e cultivava uma roça; que tinha excelente saúde, e com sua esposa e filhos era, como realmente aparentava ser, perfeitamente feliz e contente; tinha o suficiente para suprir suas modestas necessidades, e todo ano seu rebanho aumentava. Conversamos até tarde da noite, e nosso anfitrião e sua esposa estavam aparentemente tão interessados em nossa conversa que relutavam em nos deixar; sentamo-nos em volta de uma fogueira no quintal, alguns em cadeiras, alguns sobre troncos, alguns sobre couros, e assamos mandioca doce no fogo; a senhora mais tarde buscou sua viola e nos obsequiou com canções que, apesar de muito agudas e nasaladas, mostravam pelo menos boa intenção. Nossos melhores agradecimentos e as mais gratas lembranças ao fazendeiro de Tabuá.

29 de janeiro - Ao partir de Tabuá na manhã seguinte, fomos novamente maltratados pelo tempo, pois quando estávamos entrando em uma floresta de segunda vegetação (floresta, arbustos e cerrado), lá veio a chuva de novo e também, a pouca distância, mais um riacho dos feios, o Riacho do Colindo, apareceu como que para barrar nosso avanço; suas margens, abarrancadas e escorregadias, e águas profundas e rápidas pareciam quase intransponíveis. Depois de um longo tempo e muita dificuldade, um jacarandá novo e alto foi derrubado e atirado em posição adequada por cima da correnteza, para servir de pinguela,⁵ e com sua ajuda, com tempo, esforço e paciência, a margem oposta foi finalmente alcançada com toda a bagagem.

Mais adiante, o terreno se torna mais e mais aberto, surgem longos trechos de relvado e morros cobertos de fino cerrado, e freqüentes habitações à beira da estrada, principalmente pequenas estações de gado ou cabanas de vaqueiros, indicam um distrito pura e simplesmente pecuário.

4. Os brasileiros do campo têm uma curiosa aversão à carne de carneiro que é simplesmente incompreensível; eles próprios não podem apresentar um motivo, além do fato de que nunca foram acostumados a ela. Há apenas vinte anos que se pode obter carne de carneiro nos açougues, mesmo no Rio de Janeiro. Lembro-me de que, em Pernambuco, de 1868 a 1873, a única carne de carneiro que se podia conseguir era aquela que se obtinha nos vapores do Correio Real que passavam por lá.

5. “Pinguela” é um termo comum usado para se referir a uma árvore ou tronco atravessado sobre um curso d’água para o uso dos peões.

Vinte e quatro milhas de sacolejos nos levaram ao pôr-do-sol à Ponte da Lagoa, um pequeno retiro, ou estação de gado, pertencente a uma fazenda das redondezas.

Meus companheiros e eu estávamos muito adiante da tropa, o céu estava ficando preto com o acúmulo de nuvens de uma noite de chuva que se aproximava, e a pequena cabana do retiro, temporariamente entupida de peões malcheirosos e seus amigos, não oferecia o mínimo abrigo para nossa numerosa turma. As chances eram iguais de a bagagem ou a chuva chegarem uma antes da outra: estava quase escuro quando ambas chegaram ao mesmo tempo; deu empate. As duas barracas foram armadas às pressas, mas não antes que estivéssemos profusamente enlameados; um pequeno alpendre de galhos e capim foi construído para abrigar a cozinha de Bob. O capim e o chão molhados do interior das barracas não eram os lugares mais invejáveis para repousar, mas no entanto tivemos de estender neles nossos couros, à guisa de camas, e tirar o máximo proveito das circunstâncias. O ar estava extremamente quente e abafado e, para nossa tristeza, também coalhado de mosquitos torturantes, em tal quantidade que era impossível pensar em dormir.

Vendo que nossos vizinhos negros no retiro estavam evidentemente sendo atacados do mesmo modo, pelas nuvens de fumaça de esterco que saíam de seu telhado, mandei buscar um pouco que eles nos deram de boa vontade, de um estoque que haviam recolhido. Logo o pusemos a queimar dentro e fora das barracas.

O cheiro, ou a fumaça, do esterco queimando é certamente muito eficiente para afastar os mosquitos – de fato, o processo mais eficaz usado no Brasil; assim, no entanto, que a fumaça acaba, os mosquitos retornam com reforços; conseqüentemente, a opção é ficar meio sufocado ou sofrer o pior ataque dos insetos. Enquanto estamos acordados, espirramos, tossimos, os olhos ardem e esfregamos nossos corpos formigantes até que o sono nos alivia; depois o fogo apaga e os mosquitos recomeçam seus ataques. Com a conjunção da atmosfera quente e abafada, nosso cansaço, a fumaça, camas duras e mosquitos, foi uma noite longa e fatigante e a manhã nos encontrou em um estado febril de corpo e mente.

Nossos amigos negros tinham evidentemente resolvido passar a noite em claro, pois ouvimos seus violões, vozes e as palmas e arrastar de pés do batuque a noite toda.

30 de janeiro – O ar frio da madrugada, o café da manhã e um balde de água aliviaram e refrescaram em certa medida nossos corpos febris e doloridos.

A luz plena do dia revelou uma cena abjeta de lúgubre desconforto na cabana de nossos vizinhos, um rancho velho, apodrecido e escurecido pela fumaça, a cobertura de sapé despencada e decompondo-se com a idade e a umidade, o todo quase ruindo de

decrepitude; lenha, refúgio e lixo, couros podres e selas podres entulhavam o interior e sua volta; o capim e o mato altos escondiam parcialmente a miserável moradia; os habitantes estavam pálidos e abatidos com a farrá da noite anterior, tendo evidentemente bebido com exagero a cachaça brava, pois muitos deles ainda estavam “mais pra lá do que pra cá”. Estas são as condições que promovem e fomentam as febres intermitentes.⁶

Perto da cabana havia uma pobre roça invadida pelas ervas daninhas, onde altos pés de mamona misturavam sua bela folhagem com as longas hastes do milho indígena, o feijão lutava contra as ervas agrestes, o capim e a samambaia para sobreviver, pequenos renques de mandioca quase não se podiam distinguir no caos de plantas, cercas caídas e quebradas e todos os outros sinais de preguiça e negligência. Despedimo-nos alegremente desse antro do demônio da indolência.

Uma descida íngreme por uma pista escorregadia em ziguezague, com lama até os joelhos, levou-nos a um riacho espumante, por sorte pouco profundo, e que conseguimos vadear molhando apenas de leve a bagagem.

Quatro milhas mais de campo aberto, entremeadas de depressões cheias de sarças, arbustos e árvores, levou-nos ao Córrego do Escuro, outro lugar igualmente feio como os que tínhamos conhecido em cada um dos últimos dois dias. Duas ou três horas de trabalho duro e ansiedade, porém, e estávamos de novo do lado de lá.

Para além do Córrego do Escuro, a estrada segue a crista das barrancas do rio por 2 ou 3 milhas; a terra em volta é extremamente baixa e, à nossa esquerda, as enchentes cobriam muitas milhas de chão. À nossa direita estavam as águas turvas do São Francisco; estávamos em uma costela com água dos dois lados; o rio estava evidentemente subindo, pois em muitos pontos podíamos ver as águas derrubando barreiras e invadindo novas áreas; muitas partes da estrada já estavam debaixo d'água por extensões consideráveis, os arbustos sendo a única prova da existência de terra firme na vasta expansão de água.

Mais 4 milhas nos levaram a terreno mais alto e à Fazenda do Escuro, uma pequena fazenda de gado à beira-rio. Prosseguimos por mais de 2 milhas de terra plana, parcialmente inundada, chegando ao Rio Carinhanha, onde deixamos a Província de Minas Gerais, pela qual estivemos viajando durante tanto tempo, e entramos na da Bahia, do outro lado deste rio. Devido à cheia, não podíamos distinguir nem as margens nem a boca do rio, apenas as pontas dos arbustos indicavam aproximadamente seus limites.

Neste local existe uma embarcação para atravessar, em forma de um grande ajoujo. Meus companheiros e eu atravessamos imediatamente, deixando a tropa para vir em seguida. A água do Carinhanha era maravilhosamente clara, mesmo na época de cheia,

6. É uma idéia falsa aquela dos brasileiros, de ingerir quantidades moderadas de bebida alcoólica crua como preventivo da sezão. Este hábito só perturba as funções constitucionais, debilitando-as e tornando-as mais propensas à infecção.

um fato que mostra que seu curso segue, ou por um terreno comparativamente plano e arenoso, ou pelas rochas. A primeira opção é a correta.

Mais 2 milhas por uma planície perfeitamente nivelada, com uma lagoa no centro, levou-nos por fim a nosso destino. Um poucas casinhas de sapé esparsas avançadas indicavam a proximidade da cidade. Depois surge aos olhos o cemitério, um quadrado cercado por um muro bem feito e caiado de tijolos de adobe, com um portão e entrada de madeira; um pouco mais adiante, passamos por uma rua arenosa contornada por casas pobres de adobe e casebres de pau-a-pique cobertos com folhas de palmeira, que nos conduz à praça, que contém as residências urbanas dos fazendeiros mais ricos da região, as casas do juiz da comarca, do padre, do advogado, do médico, do promotor público, do juiz municipal, do juiz de paz e dos principais comerciantes da cidade, a igreja principal, a prisão e a câmara municipal. Tudo isto sugere riqueza e prosperidade e belos prédios, mas, ai! é tão enganador como os mesmos nomes seriam no núcleo inicial de uma cidade no oeste dos Estados Unidos. Não há um único sobrado em toda a cidade, mas as casas da classe mais branca e mais abastada são excepcionalmente arrumadas e limpas. Diante delas há passeios de tijolo onde, em cadeiras de balanço, as famílias se reúnem na fresca da tarde para tomar café, conversar ou cantar uma canção nasalada "de amor", acompanhada pelas notas tilintantes das cordas de arame do violão rústico.

A igreja é um edifício simples, oblongo, feito de tijolos e caiado, com cobertura de telhas; corredores abertos com telhado acompanham o prédio de cada lado. A prisão é uma enorme gaiola de paus e lama, coberta de telhas, muito velha e muito dilapidada; uma casa de detenção destas faria rir qualquer bandido civilizado, mas os poucos prisioneiros na gaiola estavam aparentemente satisfeitos com seu quinhão e não desejavam mudá-lo, senão já teriam sem dúvida saído dali; eles tinham o que comer e de seus amigos de fora podiam receber fumo, cachaça, violões, dar um passeio de vez em quando e dormir o resto do dia. Que mais eles fariam se estivessem livres? Além da praça sul, uma rua leva à mais plebéia praça norte, que, com mais umas poucas ruas, completa a cidadezinha, cidade de Carinhanha.

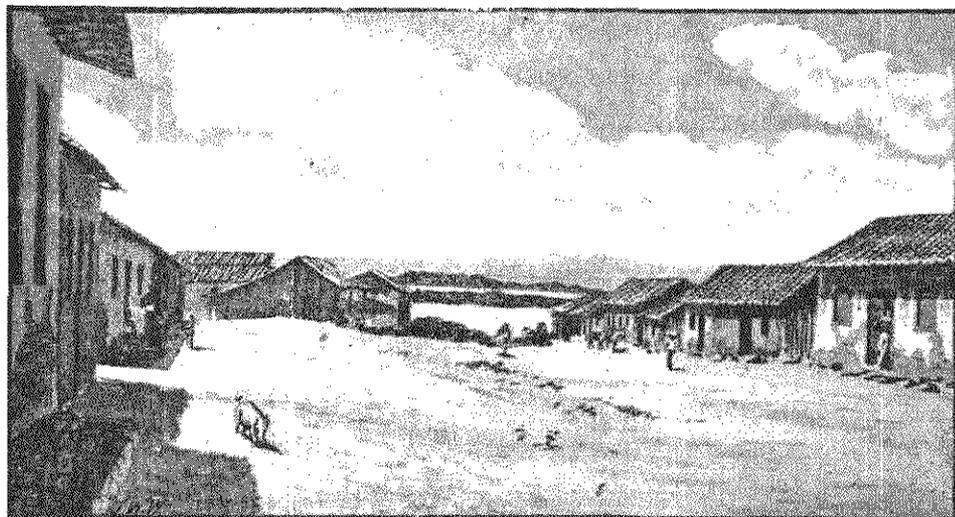
Fomos visitar, primeiramente, Mr. J. B.. Nossa delonga se reduziu ao mínimo compatível com a necessidade da discussão profissional e nossos movimentos futuros. Mr. A. F. foi encontrado hospedado no interior preto e marrom de um casebre sem caiação, encardido de fumaça e feito de barro, que dava de frente para a prisão-gaiola. Nós próprios, com ajuda do dr. João Lopes Rodrigues, conhecido como dr. Lopes, obtivemos, cada um, uma choça miserável. Nosso amigo é o cavalheiro que o capitão Burton encontrou há sete anos atrás, em Malhada e que o trouxe consigo em seu "brigade". Com a permissão do capitão, repetirei seus comentários sobre esse cavalheiro:

“Um homem branco entrou, enquanto estávamos sentados com o tenente Loureiro, e nos espantou por seu aspecto civilizado, em meio a toda essa gente de cor; ele nos foi apresentado como dr. (médico) João Lopes Rodrigues, que se formara no Rio de Janeiro e se estabelecera em Carinhanha. Ninguém teve a má-educação de lhe perguntar por que; ele reclamou da preguiça do sertão e da total falta de estímulo, exceto quando acontece de passar um estranho; eu já ouvira o mesmo na sociedade de Dublin; possivelmente o dr. Rodrigues, como um certo viajante abissínio, achava “tomar uma decisão” um processo difícil e demorado. Ele sofrera com a umidade do vale do rio, sempre úmido-frio ou úmido-quente, tão diferente do ar seco e águas-doces dos tabuleiros arenosos dos dois lados, e geralmente a curta distância, do rio. Não tinha nada dos modos e aparência pretensiosos do baiano, que se acha a nata da nata brasileira, e prontamente aceitou condução na jangada para sua casa, cerca de duas milhas rio abaixo.”

E em Carinhanha ele prossegue dizendo: “O dr. Rodrigues levou-nos a sua casa na praça e nos ofereceu o luxo de um sofá e uma cadeira de balanço, velas de cera e um mapa do caminho; além disso, ele me deu sua fotografia.”

Eu tive muitas oportunidades de encontrar o doutor, e também o doutor José Mariano dos Campos, o juiz de direito, e outras autoridades locais, homens brancos e aparentemente cavalheiros, e posso dar testemunho de seus modos gentis e muitos pequenos atos de amabilidade. Um dia tivemos um vislumbre de sua esposa, certamente o único rosto bonito que víamos desde muito tempo, e o único a ser visto em Carinhanha; mas o doutor, com todo o seu polimento, mantém o velho costume português de isolar a parte feminina de sua família do contato com estranhos. Que vida terrível deve ser para uma jovem nestas circunstâncias, nenhum alívio ou variação na rotina tediosa e na monotonia de sua vida diária, emparedada nos aposentos menores do fundo da casa, que só dão para um quintal com umas poucas árvores frutíferas e flores.

Dez dias nós passamos nesta cidade sonolenta, esperando que Mr. J. B. se decidisse e chegasse a alguma resolução a respeito de seus próprios movimentos. Finalmente ficou decidido que ele examinaria pessoalmente a região entre aqui e o Rio Tocantins, acompanhado pelos Messrs. A. F. e H. O., permanecendo Mr. H. G. em Carinhanha até sua volta. Eu recebi instruções de ir até a foz do Rio Grande, subir este rio, cruzar



A Praça Norte, cidade de Carinhanha.

a divisa e descer o Rio do Sono e o Tocantins, e por fim dirigir-me à Bahia, no litoral.

Os dias passavam muito lenta e monotonamente; o tempo estava quente e abafado, às vezes chegando a 92º à sombra durante o dia, todavia parecia não haver doença, embora a maior parte dos habitantes parecesse não ter ocupação, passando o dia dormindo ou recostados e tocando violão, cantando, dançando e bebendo cachaça à noite. Seria estranho, a princípio, imaginar como estas pessoas fazem para sobreviver; a razão de tanta vadiagem é que, depois de uns poucos dias de trabalho nos campos ou no rio, seja cultivando o terreno, pescando, ou fazendo pequenas transações, os homens conseguem ganhar um pouquinho de dinheiro e aí retornam à cidade, onde passam o tempo bebendo e farreando até que seus meios se esgotem e eles sejam forçados de novo a fazer mais algum trabalho. Nenhuma economia é feita para a velhice ou doença, ou para o caso de descendência numerosa, pois quando alguma destas contingências ocorre, os homens se inclinam para a mendicância como patos para a água e nos abordam com “Esmola pelo amor de Deus, para um velho pobre – ou para um homem doente – ou para um pobre pai sobrecarregado com uma família numerosa”, etc., conforme sejam as circunstâncias. É raro que alguém lhes recuse um cobre; neste caso, a recusa é sempre acompanhada por um toque no chapéu e um “perdoe”,⁷ uma resposta exemptória que pretende não tanto pedir desculpa pela desinclinação de dar as esmolas para o bem do pedinte, mas pelo “amor de Deus”, em nome do qual elas foram pedidas.

Dividimos nosso tempo entre passeios pela cidade e redondezas, visitas à “gente graúda”,⁸ cavaquear com os vendedores sem freguês, ou desenhando, escrevendo e discutindo nossas futuras viagens.

Tendo finalmente recebido minhas instruções finais, um ajuujo, pertencente a um dos comerciantes, foi alugado para levar-me ao Rio Grande pela soma de 274\$000, quantia que incluía o pagamento do piloto e dois barqueiros e provisões para os mesmos, para cerca de uma semana de viagem, que custava por dia cerca de quatro vezes o preço das passagens dos vapores do Correio Real Inglês por um período igual.

Agora eu tinha de me separar do pobre velho “Tommy”, meu idoso e muito criticado burro cinzento, que me carregara em segurança, sem qualquer acidente, durante dois anos de trabalho constante. Era como se separar de um velho amigo. Eu gostava muito do animal e fizera de tudo para conquistar sua afeição, mas o milho fora sempre o seu pensamento mais absorvente.

O resto de minha tropa eu passei a meus companheiros para sua viagem por terra até o Tocantins.⁹

7. Pronuncia-se *pear-dov-ee*

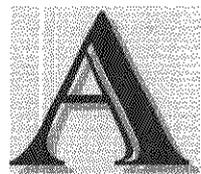
8. Esta expressão é usada para indicar pessoas de importância. As palavras significam literalmente “pessoas maduras”, conseqüentemente, a expressão combina tanto idade como posição, ou riqueza.

9. Um breve resumo de sua exploração será encontrado no Apêndice B, no fim deste volume.

CAPÍTULO 3

DE CARINHANHA A BARRA DO RIO GRANDE

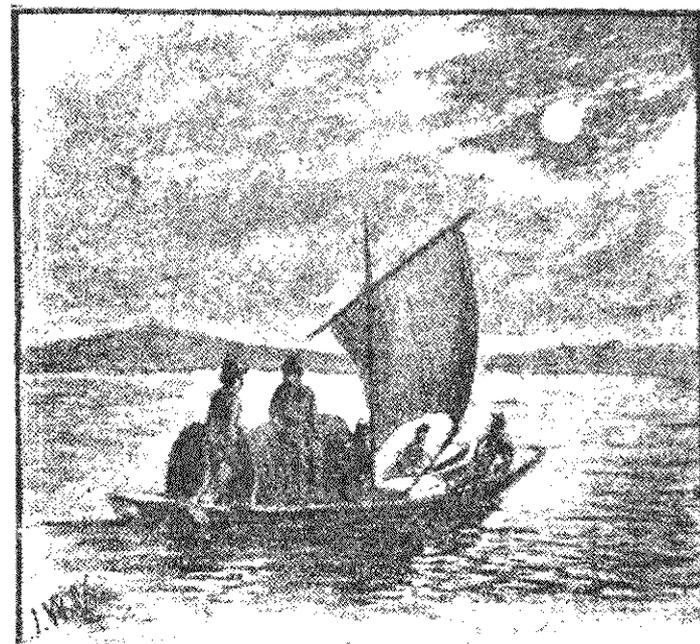
PARTIDA DE CARINHANHA RIO ABAIXO – O AJOUJO – VENTOS DE PROA – UM PORTO INFESTADO DE MOSQUITOS – PRIMEIRA NOITE NO RIO – UMA PARTIDA MATUTINA – ETIQUETA FLUVIAL – UMA VELA IMPROVISADA – AS PRAIAS DO RIO – A TRIPULAÇÃO- TERRAS INUNDADAS – UM CREPÚSCULO NO RIO – GRANDE APETITE DA TRIPULAÇÃO – UMA MANHÃ NUBLADA – SÃO BOM JESUS DA LAPA – UMA ROCHA CURIOSA – ONDE ESTAMOS? – UM PADRE HOSPITALEIRO – UM VICARIATO RIBEIRINHO – UMA MECA BRASILEIRA – A TRIPULAÇÃO EM TERRA – CRUZANDO A TERRA EM UMA JANGADA – A ENCHENTE – UM BARÔMETRO EM QUEDA – UMA TORMENTA – UMA NOITE SUJA – MOSQUITOS DE NOVO – UMA VIAGEM NOTURNA – SÍTIO DO MATO – CAPITAL PROPOSTA DE UMA NOVA PROVÍNCIA – A ILHA DO MEDO – URUBU – UMA CIDADE SONOLENTA – UM MAGNATA LOCAL – O ESTUDANTE BRASILEIRO – UMA NOITE EM TERRA – UMA REGIÃO MONTANHOSA – A PALMEIRA DE CARNAÚBA – BOM JARDIM – UMA EXCELENTE SITUAÇÃO E CLIMA SAUDÁVEL – MORRO DO PARÁ – UMA AVENTURA – UM BANDO PERIGOSO – UM SAPATEIRO GEOGRÁFICO – UMA VIAGEM NOTURNA DE SONHO – UM POSSEIRO RIBEIRINHO – A GUERRA DOS GUIMARÃES – CIDADE DA BARRA.



acompanhado por meus companheiros e pelo dr. Lopes e outra “gente graúda”, segui para a praia lamacenta, onde nosso adeus final foi dado com cordiais apertos de mão ingleses em meus velhos companheiros e abraços nos meus amigos brasileiros.

Enquanto remávamos pela correnteza abaixo no rio ainda cheio, o grupo na margem foi ficando cada vez menor com a distância, e ouviam-se gritos desmaiados de “Adeus, amigo”, “Boa sorte”, etc., e de Mr. J. B.: “Aconteça o que acontecer, cuide dos aneróides, a-ne-rói-des.”

Agora eu tinha uma oportunidade de olhar em torno de mim em minha nova condição. Diante das lembranças familiares do sacolejo das mulas e da dureza que a sela adquiria lá pelo fim da tarde, e os membros endurecidos e doloridos, devo confessar que minha primeira sensação foi extremamente agradável ao deslizar mansamente ao longo das margens do rio, algumas vezes cobertas de floresta ou matagal, às vezes de roças. A embarcação compunha-se de duas canoas de cedro rústicas, ou pirogas, de cerca de 30 pés de comprimento, colocadas a 2 pés de distância uma da outra, formando uma espécie de pontão por meio de uma série de troncos finos colocados lado a lado de través sobre as canoas, por cerca de dois terços de seu comprimento, o que fazia um convés relativamente plano; as extremidades das canoas ficavam



Velejando pelo São Francisco.

descobertas; a parte superior era ocupada pelo tombadilho de popa, ou camarote, uma cabana como a dos ciganos, feita de bambus e outras madeiras flexíveis, curvadas em semi-arco; outros paus colocados em sentido longitudinal e amarrados aos arcos eram recobertos com folhas de palmeira e forrados de couro cru; cada uma das extremidades do salão era aberta e desprotegida. O camarote era suficientemente alto para acolher minha bagagem e uma cama de couro e mantas estendidas sobre um capim cheiroso, acima da qual pendia um mosquiteiro; lá na frente, no castelo de proa, meu criado Bob (que ainda me acompanhava com o cão Feroz), estava arrumando sua cozinha, uma meia tina de terra sobre a qual estava colocado o material para uma fogueira para o preparo do inevitável feijão; em volta dele estavam a barraca dobrada, selas, bridas, *batterie de cuisine* e provisões para a viagem.

Em frente, na proa, os dois remadores lutavam contra uma forte brisa do norte que estava começando a soprar, e berravam o mais alto que podiam, enquanto manejavam de pé os pesados e longos remos. “Adeus, Carinhonha! Adeus, Mariquinha minha benzinha!”¹

À tarde, o vento aumentou e, quando a embarcação começou a pegá-lo de frente e as ondas curtas e rápidas passaram a jogar água na proa, fomos obrigados a seguir rente à margem.

O forte vento de proa, mesmo com a correnteza a nosso favor, impediu que fizéssemos muito progresso, e assim, ao pôr-do-sol, encontramos a apenas 10 milhas do ponto de partida, e o vento que soprava contra a corrente em fortes rajadas espasmódicas forçou-nos a procurar refúgio contra a noite de chuva em uma pequena enseada, onde prendemos a barca e descemos para pegar lenha; mas dali a pouco um som ameaçador, “pi-i-djen-djen” anunciou a aproximação de mosquitos, e, de fato, em poucos instantes, estávamos cercados por um perfeito rugido de miríades deles. Como eles nos fizeram mexer de cá pra lá e golpear vingativamente nossos próprios rostos, pescoços, mãos, braços e pernas; como pulávamos e exclamávamos! Os inimigos eram numerosos demais para nós e, fosse para afundar ou nadar, desatracamos e partimos pela tempestuosa noite adentro, levando muitos dos mosquitos como passageiros.

Meia hora depois, estávamos de novo ancorados paralelamente a um banco de areia, contra o qual as ondas do rio rolavam como um pequeno mar e faziam o barco balançar profusamente, mas ele flutuava bem e, se afundássemos à noite, seria em águas rasas. Lá no meio do caminho aberto que era o rio, o vento soprava com tanta força, tão frio e úmido, que as mantas eram muito bem-vindas.

O movimento da jangada, os sons da água correndo e encrespando-se dos lados, a larga expansão aberta do rio, brilhando levemente à luz pálida da noite estrelada, o

1. *Good-bye, Carinhonha! Good-bye! Good-bye, little Mary, my darling.*

reboar do vento entre as árvores nas margens, os mergulhos dos peixes e o murmúrio das vozes dos homens criavam uma cena inédita e estranha.

11 de fevereiro – Os homens estavam de pé e remando muito antes que o sol ou eu tivéssemos nos levantado. O ruído da partida despertou-me, mas a visão da densa neblina no rio e o conforto comparativo de meu leito, além da noção de que não havia um burro a montar, faziam o sujeito se sentir como um funcionário municipal num domingo, quando ele percebe que não há necessidade de se levantar no escuro e friagem de uma manhã de inverno, e estar na cidade às 9 horas.

O vento se acalmara, e o sol da manhã ergueu-se com esplendor, dissipando rapidamente a névoa fria. A embarcação acompanhava a força toda da corrente do meio do rio, e os remadores trabalhavam com vontade, cantando a plenos pulmões suas canções fluviais e xingando uma barca que passava, cujos barqueiros estavam ridicularizando e troçando de nosso ajoujo plebeu.² À direita e à esquerda, estendiam-se as margens do rio, encimadas por matagais ou cinturões finos de floresta, atrás dos quais se espraiavam longos trechos de lagoas rasas. Na margem oeste, o terreno é perceptivelmente mais alto e as elevações são vistas freqüentemente, coroadas por habitações ou fazendolas.

A margem leste é mais baixa e mais plana e mostra mais o recuo das águas, enquanto o outro lado tem o aspecto de estar sendo continuamente solapado pelo rio. Eu reparei especialmente nesta peculiaridade durante o resto da viagem e também na parte alta do rio; naturalmente há muitas exceções a esta regra, às vezes se dá até o contrário, mas no geral é esta sem dúvida a aparência constante. Poderia ser isto o efeito da rotação da terra em torno do seu eixo sobre esta longa extensão de águas fluindo quase sobre um meridiano, de sul a norte?

Vendo surgir um bom vento do sul, tive a idéia de levantar uma vela. Tirando de minhas malas alguns lençóis, já há muito sem uso, Bob foi instruído para cosê-los um ao outro; um mastro e verga foram obtidos na floresta, e logo, para grande alegria da tripulação, uma catita foi içada e, com o vento fresco a nosso favor, funcionou à maravilha, fazendo a água espumar pela proa. Acredito que esta tenha sido a primeira vela que já fora aberta sobre estas águas, pois assim me afirmou o piloto. Não há razão plausível pela qual este rio não possa ser navegável à vela, a não ser porque os barqueiros, há gerações, se habituaram ao remo e à vara, e, como todos os hábitos no Brasil, é quase impossível introduzir qualquer mudança.³

Passamos por uma paisagem sempre variada nas margens, às vezes um extenso lençol d'água, mostrando onde o rio cobriu sua margem e se espalhou por milhas terra adentro, um lençol de água amarela salpicado de arbustos e árvores, ou onde as pontas

2. É costume em toda embarcação fluvial – barcas, ajoujos e canoas grandes – carregar-se um grande porta-voz de latão, para que os dois últimos possam saudar os dois primeiros ao passar por eles, no que são prontamente respondidos. Se isto não for feito, como na ocasião acima, uma tempestade de opróbrios e linguagem chula, ou ridículas, emana da tripulação das barcas como protesto contra a quebra da etiqueta fluvial.

3. O perigo de a barca virar devido a rajadas repentinas de vento do sudeste para o noroeste, redemoinhos ou pés-de-vento, é a desculpa habitual dada para não se usarem velas. A ignorância de como usá-las é provavelmente a razão verdadeira.

de cercas, circundadas por árvores, indicam uma roça inundada, ou altas barrancas perpendiculares e elevações de argila arenosa vermelha e branca, onde desabamentos em miniatura às vezes ocorrem e escorregam com um baque e um espirro para dentro do rio erodente; essas elevações são encimadas por florestas, ou pequenos roçados, e casebres de sapé e paredes de barro, cujos habitantes, sempre que aparecem, são objeto das caçadas da incontrolável tripulação; o piloto, abrindo a boca em um formidável bocejo, os repreende mansamente e lhes diz para "terem modos".

Às 11 da manhã, a embarcação passou por Barreiros, um pequeno povoado na margem direita, a 40 milhas de Carinhanha.

Ao pôr-do-sol, chegamos a Palma, uma casa solitária na margem oeste, a 68 milhas de Carinhanha. Os ocupantes estavam esperando para qualquer hora que as águas subissem ainda mais e transbordassem cobrindo as barrancas. Uma canoa grande estava amarrada ali perto, nas quais eles tinham embarcado seus poucos e pobres pertences e bens móveis, prontos para uma retirada.

O vento cessara às 3 da tarde, e a vela fora recolhida. O ajoujo paralelo à borda coberta de capim da barranca, as águas quase niveladas à superfície do solo, era uma cena de encanto invulgar; não havia um traço de nuvem para manchar os azuis e pérolas suaves do céu crepuscular, nem uma crispação franzia a superfície lisa da água, que refletia como um espelho os meio-tons graduados do céu; o longo contorno escuro da margem oposta cortava o quadro de lado a lado; a fumaça de nossa fogueira subia em caracóis, uma coluna espiralada de azul; as linhas do ajoujo no primeiro plano formavam um contorno nítido de sombra escura contra as suaves massas de luz atrás dele. Nos elementos do quadro não havia nada de excepcional; uma jangada, um amplo lençol d'água, uma linha fina e longa de barrancas enflorestadas e o céu; era simplesmente um quadro de cores maravilhosas e tons graduados.

Outro quadro de caráter mais material era aquele formado pelos barqueiros sentados em volta de uma tigela imensa de feijão cozido, toucinho e farinha; eles comem o mexido com os dedos, apertando-o em forma de bolas, e o engolem de uma vez, como um cachorro faz com seu perisco. Calculei mentalmente o volume cúbico da quantidade originalmente contida na vasilha e dividi-o pelo número de consumidores. O resultado a que cheguei ultrapassava em muito o que eu imaginara ser a capacidade do estômago humano.⁴ Cerca de um oitavo de litro de cachaça foi depois engolido como se engole uma pílula, e aí acenderam-se os cigarros, e os homens estavam felizes e prontos para o trabalho.

Os mosquitos chegaram com a escuridão, mas, embora muitas vezes se ouvissem um peteleco e uma imprecação, os homens logo estavam dormindo.

4 M. Hallfield, que deve ter tido uma considerável experiência com esses barqueiros durante seu levantamento do rio, afirma que seu poder de consumo é quatro vezes o de um trabalhador rural comum, e o destes já é suficientemente vasto.

Minha embarcação não era uma nave de primeira classe como o brigue *Eliza* do Capitão Burton. A minha não podia aspirar a ser nada mais que uma chalupa, nem era o meu camarote tão espaçoso, ou tão rica e convenientemente equipado como o daquele famoso brigue. Meu espaço era mais limitado e, após a inusitada falta de exercício do dia, o sono é pouco e as noites são longas; mas os mosquitos resolviam a questão, se eu iria perambular pela margem ou me recolher a meus aposentos apertados, fazendo-me fugir para o abrigo bem-vindo do mosquiteiro.

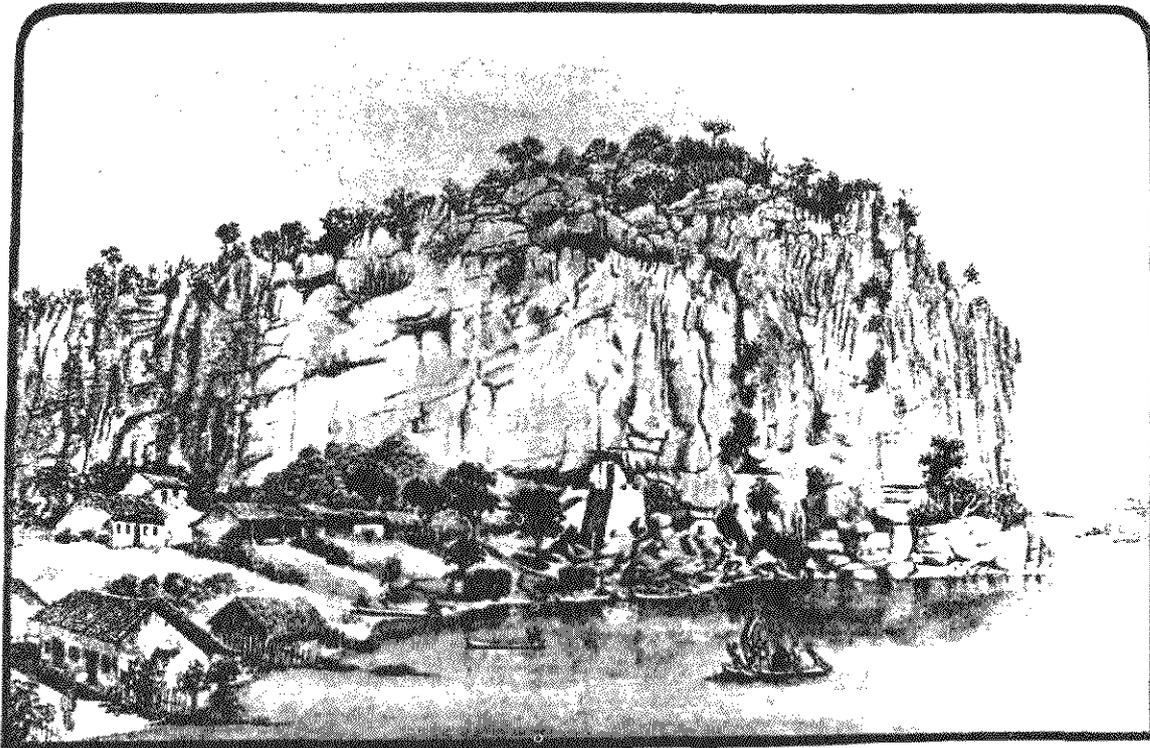
12 de fevereiro – Graças aos mosquitos e a uma ótima noite, a chalupa fez-se ao mar às primeiras horas da manhã. A atmosfera não estava fria, mas um ar úmido e fresco subia a corrente e nos fazia sentir um frio molhado.

O rio estava tão alto que longos trechos das margens, de milhas de comprimento, estavam sob a água, e, em muitos lugares, a enchente avançava pela terra como a água de um moinho; os barrancos mais altos eram encimados por muitos casebres e fazendolas.

Logo depois do meio-dia, velejamos para o porto do taumatúrgico São Bom Jesus da Lapa, na base de uma imensa rocha que se empina sobre a planície circunvizinha; fica a 28 milhas de Palma e a 96 de Carinhanha. A embarcação passou por cima das margens submersas, das cercas, das roças, do mato e ancorou em uma rua parcialmente inundada que levava à vila, que se situa em terreno mais elevado, acima de todos os níveis das cheias.

A primeira visão dessa imensa rocha de calcário, que se ergue tão abruptamente de uma planície inundada, é muito impressionante. Uma parede perpendicular de rocha, de cerca de 180 pés de altura e 150 jardas de largura, dá frente para o rio e se estende terra adentro por mais ou menos 6.000 jardas; sua face é sulcada pela ação do tempo desde eras imemoriais, cinzenta e grisalha de velhice e líquens. Seu cume encrespa-se em pináculos, pontas afiadas e blocos separados. Nos buracos e fendas, o cacto azul, em forma de candelabro – mandacaru –, e outras variedades formam figuras características e esquisitas, muito similares à vegetação das rochas calcárias por que passamos na estrada norte de Carinhanha. Duas aberturas na fachada que dá para o rio formam as entradas de uma gruta, que tem sido utilizada como igreja, e constitui um dos mais sagrados de todos os santuários da região do São Francisco.

Uma parte do povo se aproximava agora e perguntava: “O que é que tem para negociar?” Nossa resposta de que não tínhamos nada para vender, nem queríamos comprar coisa alguma, como sempre, os deixou perplexos. Suas expressões mostravam claramente uma pergunta silenciosa: “Ora, quem e o que vocês podem ser, então?”



A igreja na lapa, arraial e a pedra de São Bom Jesus da Lapa.

Mas meu pedido de que me encaminhassem à residência do padre de certo modo os tranqüilizou e eles me mostraram o caminho de bom grado.

A principal venda e armazém de secos e molhados constituía a casa paroquial, e lá em sua loja-residência, encontrei o padre, Senhor F. de F., um filho de Portugal alto, magrelo, de 40 anos de idade, com uma barba de uma semana, vestião de ceroulas,⁵ uma camisa de algodão branco, não muito limpa, e um roupão estampado desbotado; seus pés sem meias arrastavam um par de tamanhos de madeira cambaios e barulhentos. Ele olhou para o meu cartão que eu lhe entregara, virou-o do outro lado, segurou-o contra a luz e disse: “Não entendo”, e o devolveu a mim, dizendo que

não me privaria dele. Quando, no entanto, apresentei um pedido de que me fosse dado ver a famosa igreja na gruta, ele se animou e respondeu: “Pois não, mas entre e coma alguma coisa primeiro; o jantar já está pronto.”

No mesmo instante afeiçoei-me ao clérigo portuga, que, entrando em seu santuário no fundo de sua odorífera venda, pôs-se a expulsar dali um porco, algumas galinhas e crianças nuas, negras e morenas; ele espanou um banquinho muito empoeirado e limpou um espaço sobre uma mesa entulhada de uma miscelânea de coisas.

“Não faça cerimônia,” disse: “Sente-se e fique à vontade.”

Um repasto gorduroso sabendo a alho, acompanhado por uma garrafa de restilô apareceu dali a pouco, seguido por café. Depois saímos para ver a gruta.⁶

Uma rampa pronunciada, calçada com lajes de calcário, leva da rua para o lado da face do rochedo e termina em uma escadaria de calcário. Esta nos conduziu a um patamar em frente da abertura da gruta, pavimentado com ladrilhos quadrados e circundado por uma balaustrada e seis pilares de calcário caiado. A entrada é fechada por portas duplas e foi aberta com uma chave pesada que meu anfitrião trazia. Uns poucos passos nos levaram ao recinto sagrado da gruta, que faz uma curva abrupta para a direita, paralela à frente do rochedo, de modo que a segunda abertura vista do

5. Drawers [em português no texto].

6. Esta paróquia deve ser um benefício bem desejável, pois o antecessor do presente vigário voltou para Portugal com uma fortuna respeitável, e eu fui informado de que o meu anfitrião chegou ali de “pé no chão”, mas desde então já remeteu somas consideráveis a seu torrão natal.

lado de fora serve para deixar passar a luz do dia por sua janela envidraçada sobre o altar localizado no ponto extremo da gruta. A sombria lapa tem cerca de 100 pés de comprimento por 20 ou 25 pés de altura e varia em largura de 30 a 50 pés. Sobre o altar, o teto de pedra é revestido de caixotões de madeira arqueados, moldados, pintados e dourados. Na parede acima do altar fica o crucifixo espalhafatosamente pintado, mas milagroso, de São Bom Jesus da Lapa; sob ele está a imagem da Virgem com o menino. Há também dois altares menores em nichos, um de cada lado, com figuras de santos de menor importância local. Um lampião de prata maciça pende do teto diante do altar.

Com ainda a exceção de uma balaustrada de madeira cercando o coro próximo à entrada e as paredes de pedra caiada, todo o resto da gruta está como a natureza a fez. De um lado da gruta estão pendurados numerosos modelos em cera de braços, pernas, cabeças, pés, peitos, etc., que representam as curas assombrosamente milagrosas de acidentes e doenças feitas pelo santo. Muitos certificados e descrições emoldurados testemunham os milagres que não puderam ser modelados.

Esta gruta é a Meca do São Francisco: ela é toda sagrada; a terra do solo, a poeira da parede possuem virtudes extraordinárias e são usadas como específicos para a maioria dos males a que a carne é propensa. Nenhum barco passa diante do santuário sem deixar uma oferenda, e o povo da roça faz longas e distantes peregrinações para propiciar o favor do santo ou agradecer por graças imaginárias recebidas.

A tradição conta que uma mulher que procurava seu filho encontrou-o debruçado na janela da gruta com o corpo tão para fora, que acabou caindo, e teria se despedaçado, mas felizmente ela tivera tempo de gritar: "Nosso Senhor da Lapa me ajude!" A criança pousou no chão tão suavemente como se estivesse descendo por um elevador hidráulico quando o condutor puxa a corda.

O santo está muito bem de vida, sendo proprietário de diversas fazendas e numerosos escravos gordos. Eu recebi uma indicação de onde deveria deixar meu presente para a igreja, o qual foi temporariamente embolsado pelo meu guia.

Um passeio pelo povoado mostrou que ele tinha crescido consideravelmente em tamanho e importância desde que o capitão Burton o visitara, pois a maior parte das casinhas de sapé era nova e diversas outras estavam sendo construídas. O padre afirmou que a população compreendia cerca de 1.500 almas, mas eu imagino que metade deste número já é um exagero.

Havia numerosas vendinhas e botequins, mostrando evidentemente que na época do Festival há grande pândega por aqui, o que sem dúvida é o caso. Há relativamente poucos negócios feitos aqui, exceto com os barqueiros que passam e que não ousariam passar pelo santuário sem uma visita, um presente e freqüentemente uma

farra na vila, em homenagem ao santo.

Depois de nosso passeio, pusemos em questão uma garrafa de cerveja clara inglesa na venda do padre, e eu me despedi do meu um tanto rústico e encardido, porém bondoso e bem humorado amigo clérigo.

Ao chegar ao barco, encontrei lá apenas Manoel, o piloto, com uma cara muito fechada.

“Onde estão os homens?” perguntei.

“Oh! eles foram ver Nosso Senhor e devem ter ficado bêbados.”

“Como é que isto pode tê-los deixado bêbados?”

“Ora, eles vão para a vila e bebem manipueira.”⁷

“Bem, então vá lá buscá-los.”

Em poucos minutos ele voltou com a tripulação e Bob sob sua guarda. Um odor de cachaça, eructações freqüentes e sorrisos imbecis davam indício de suas libações; no entanto, eles estavam quietos e conseguiam ficar de pé, e assim, preparamo-nos para tocar o barco.

Naquele momento, um moleque chegou com uma caixa na cabeça; ele correu e entregou-me o conteúdo, seis garrafas de cerveja clara, dizendo: “É o Senhor padre que mandou”. Foi muito gentil, mas eu não tinha tempo para voltar e agradecer, portanto enviei-lhe um bilhete expressando (*à la brésilienne*) “minha grande estima pelo seu nobre caráter.”

Era trabalhoso conseguir pôr-se ao largo contra a forte corrente e a água obstruída por árvore, cabana, mato e cerca, mas não é todo dia que se “cruza o chão” em uma jangada.

O terreno na base do rochedo recebe a força total da correnteza do rio e forma uma pequena baía e redemoinho. É uma crença popular, no alto do rio, que qualquer presente para o santo que seja jogado no rio será carregado e deixado na Lapa. A posição da baía e seus redemoinhos podem muito bem reter por um longo tempo qualquer material flutuante, o que a superstição facilmente atribuiria à influência milagrosa e aos poderes de atração do santo.

Por alguma distância rio abaixo, as margens eram indicadas por um perfeito arquipélago de ilhotas, nas quais havia muitas roças e habitações, muitas das últimas abandonadas devido às cheias.

O barômetro mostrava sinais de um temporal se aproximando, e eu informei ao piloto que o instrumento indicava mau tempo e lhe disse que encontrasse um porto seguro de refúgio. Ele expressou seu assombro diante disto dizendo: “Ó que bichinho! De veras estes ingleses têm umas coisas esquisitas. Ai, meu Deus.”

7. Manipueira, um termo local para cachaça.

Foi só a duas milhas inteiras rio abaixo que encontramos uma pequena enseada, formada pela boca de um riacho com uma roça de cada um dos lados.

A atmosfera estava quente e abafada, e o céu estava ficando rapidamente coberto de nuvens intensamente pretas, com toda a indicação de uma noite tormentosa. Os mosquitos também nos descobriram e nos morderam e picaram com o veneno extra de que parecem possuídos antes de uma tempestade; mas não podíamos nos aventurar nas águas escurecidas diante da aproximação do temporal. Uma rajada repentina e violenta de vento do norte, umas poucas gotas grandes de chuva, um estouro de trovões, seguido por um relâmpago vívido – uma pausa –, uma quietude intensa – a escuridão mais negra – contra a correnteza uma massa de neblina e nuvens cinzentas avança e envolve, fazendo-os sumir de vista, as margens e o rio. De repente, com um uivo, o vento e a chuva nos atingem com tal força que nossa embarcação sacode violentamente. Como o vento gritava e a chuva despencava sem compaixão! O trovão rebombava em grandes volumes de som; na escuridão concentrada da noite, era um verdadeiro pandemônio.

A luz rubra e tremeluzente da fogueira de acampamento sobre um barranco, sob o abrigo de algumas árvores, as figuras escuras dos homens andando de lá pra cá adicionavam mais estranheza à cena de melancolia e tumulto. Mas os mosquitos, embora cada rajada de vento os soprasse para longe, retornavam em densas nuvens. Nelas não havia nada de misterioso; uma pessoa pode apreciar, mesmo em meio ao desconforto, uma tempestade bem desenvolvida e o tumulto e a majestade de som e força que a acompanham; mas os mosquitos perturbam de tal modo nossas meditações, que naquela noite em particular eu apostaria que o mais cristão e pacífico ser humano haveria de pôr tanta energia e vingança em seus tapas como jamais supôs que existiam dentro de si, sem contar que haveria de se expressar em linguagem pesada, chegando até a palavras maliciosas e proibidas. A língua portuguesa alivia até certo ponto; mas suas expressões acabam por ficar monótonas para um inglês pela repetição constante, e o anglo-saxão mais duro e contundente se torna necessário para enfrentar os tormentos intermináveis de uma noite de mosquitos destas. Quanto ao mosquito, ele mais parece uma armadilha para prendê-los do que preenche seu objetivo de mantê-los de fora.

A violência total da tempestade logo se exauriu, mas a noite ainda continuava "suja" demais para que nos aventurássemos ao mar; foi apenas nas primeiras horas da manhã, com os pés gelados, corpo dolorido e cabeça quente e latejante, que pudemos partir com segurança.

Que alívio fugir daqueles insetos diabólicos e respirar o ar fresco, mas úmido, da manhã ainda escura e enevoadada.

Deitei-me, esquecido de margens, baixios e paisagem, sentindo uma sensação absorvente de satisfação pelo fim do meu tormento. É uma pena que Dante não tenha conhecido o São Francisco na época das chuvas, pois um círculo de mosquitos perpétuos teria sido muito mais torturante do que seus fornos e outras invenções agradáveis para “esquentar as coisas” para a pobre humanidade.

O capitão Burton deveria se congratular por ter escolhido outra estação do ano, com o que ele evitou as horríveis noites de sofrimentos pelas quais tivemos de passar, forçando-nos mais de uma vez a viajar à noite e correr o risco de troncos submersos nas águas iluminadas pelas estrelas; a não ser por isto, essas viagens noturnas eram deliciosas, deslizando preguiçosamente rio abaixo, girando lentamente no meio do canal, despertos e de olho nos perigos ocultos, pois uma colisão com qualquer obstáculo submerso, ou um encalhe sobre ele, teria provavelmente virado a balsa, enchido as canoas de água, e aí, para o fundo, ou tentar nadar por muito muito tempo na correnteza rápida para a margem distante. No entanto, a sorte e o tempo nos favoreceram; e era deveras agradável ficar deitado na popa de uma das canoas, ouvindo as lorotas do piloto sobre as tradições fluviais, um ramerrão monótono, acompanhado pelas vozes dos homens cantando as canções do rio, o arrastar e borbulhar das águas e o sussurro da brisa; o horizonte distante e apagado, parcialmente obscurecido por nuvens deslizantes de nevoeiro, sob a abóbada escura da noite estrelada; o ar frio e úmido, a quietude e escuridão circundantes, criavam um encanto indefinível, com um travo de perigo para temperá-lo, tornando o sono não apenas indesejável, mas inoportuno.

No início da manhã, passamos pelo Sítio do Mato, uma pequena povoação de casas espalhadas, construídas no topo de uma elevação; este é um dos locais sugeridos para a capital da nova Província do São Francisco, há tanto tempo proposta; os outros locais são Januária, Bom Jardim,* Urubu,** Cidade da Barra, Xique-Xique e Juazeiro.

Por sua posição central, situação elevada e outras circunstâncias, Bom Jardim apresenta os aspectos mais favoráveis. A Cidade da Barra é comercialmente bem situada, mas sua localização em terreno baixo, sujeito a grandes inundações, deveria impedir a sua escolha; no entanto seu poderoso e influente filho, o senador conservador, barão de Cotegipe, Manoel Maurício Vanderlei, provavelmente exerce seu poder para evitar a formação da nova província, a menos que sua cidade natal seja escolhida para capital. Já faz muitos anos que este projeto foi debatido pela primeira vez, e mesmo agora, no momento em que se escreve este volume, nada foi decidido ainda.

A “Ilha do Medo”, pela qual passamos esta manhã, é uma reminiscência histórica dos tempos coloniais; o piloto contou-me que a tradição reza que esta e a região adjacente eram primitivamente ocupadas por uma raça de índios,⁸ que arrecadavam tribu-

* Atual Ibiritama (N.T.).

** Atual Paratinga (N.T.).

8. Os índios Tupinambás, agora extintos.

tos de todos os viajantes que ali passavam, ou os massacravam, como os antigos barões alemães da Idade Média. Agora só existem ali roças pacíficas e tudo menos moradores beligerantes.

Durante a manhã, abati a tiro duas belas garças brancas e, nas margens, localizei diversos colhereiros, uma ave que não é incomum por aqui.

À tarde, por volta das 5, chegamos a Urubu, uma cidade de mais ou menos 3.000 habitantes e três igrejas. A cidade fica afastada do rio, do qual é separada por uma planície baixa e pantanosa, então quase inundada. Uma suave elevação leva à Rua da Conceição, uma longa rua paralela ao rio; algumas das casas são bastante boas e até pretensiosas e certamente as melhores vistas até agora na região ribeirinha; as outras habitações compreendem as casas de adobe habituais, cabanas cobertas de folhas de palmeira, quintais murados e jardins rústicos. As longas ruas silenciosas eram quase tão quietas quando a "City" em um domingo, mas minha chegada foi o sinal para a esperada aparição nas portas e janelas de mulheres às risotas e homens indolentes e silenciosos; meninos e meninas corriam daqui para ali procurando a melhor vista, como os meninos de Londres quando vêm uma multidão, e, enquanto corriam, perguntavam: "Que é que está acontecendo?".

Ao entrar em uma venda, minha aparência criou tanta comoção entre os políticos municipais reunidos lá quanto se eu fosse um elefante amestrado, ou curiosidade similar. O juiz de direito e o delegado estavam em suas fazendas, mas foi-me indicada uma "casa nobre" lá perto como a residência do Senhor Comandante Coronel, e informaram-me *sotto voce* que ele era "uma pessoa graúda", "muito rico" e "muito importante". Resolvi "cumprimentar" este, evidentemente, "maioral" da cidade. Assim, entrei por sua porta aberta e bati palmas.

Uma voz nasalada respondeu:

"Quem é?"

"Seu criado", respondi, da forma ortodoxa.

Novamente a desconhecida voz nasal pergunta:

"Quem é?"

Desta vez respondo:

"Gente de fora" (quer dizer, um estranho).

Uma velha negra desleixada, semidespida, à moda nacional, abriu a porta e relanceou-me um olhar meio carrancudo, meio-espantado.

"O Senhor Coronel está em casa?" pergunto.

"N'hor sim."⁹

"Diga-lhe que um homem de fora deseja vê-lo."

9. Forma abreviada de "senhor, sim" ou "sim, senhor". Pronuncia-se *zen yor see*.

Esprei pacientemente na entrada calçada de blocos por alguns minutos, até que uma voz estentórea berra do alto de uma escada:

“Quem é?”

Respondo:

“De fora.”

“Suba”, é a resposta da voz.

Galgo as escadas e encontro um homem branco, robusto, de meia-idade, aparentemente um cavalheiro brasileiro. Indago se tenho a honra de me dirigir ao “Coronel”.

Estendo-lhe meu cartão, e explico brevemente que, sendo estrangeiro e viajante, tomei a liberdade de visitar um dos mais distintos residentes da “beira do rio”.

Ele pôs um *pince-nez* e olhou o meu cartão e passou os olhos dos pés à cabeça por minha aparência maculada pela viagem. “Entre e venha jantar conosco; acabamos de nos sentar à mesa.”

Pedi desculpas por minha aparência desleixada.

“Não faça cerimônia.” é a hospitaleira resposta, e imediatamente sou conduzido à presença de seu círculo familiar.

Encontrei-me mais uma vez em sociedade civilizada; uma bela moça branca de 20 anos, vestida de musselina branca, os cabelos negros enfeitados com a doce angélica (*Cape jessamine*), acolheu-me amavelmente; dois jovens médicos da Bahia, formados recentemente, de forma mais desdenhosa. Minha aparência desleixada e o ajuízo plebeu, de cuja chegada eles já tinham sem dúvida sido informados, não constituíam, em sua avaliação, dignidade compatível com um “doutor”.¹³ Depois de algum tempo, no entanto, seu verniz artificial se dissipou, e eles ficaram mais amáveis, oferecendo-me, por fim, tabaco “Best Bristol Bird’s-eye”. O “Coronel” estava evidentemente convencido de minha respeitabilidade, pois insistiu para que eu permanecesse em sua casa aquela noite. A lembrança dos mosquitos e do sereno da noite não me deixaram esperar que ele insistisse mais para que eu aceitasse sua hospitalidade. Uma rede foi colocada à minha disposição, mas quando deitei-me descobri que não tinha lucrado muito, pois os mosquitos eram abundantes, e, em uma rede, em qualquer posição que se esteja, há sempre alguma parte protuberante do corpo sobre a qual os mosquitos se “banqueteiam”; a grossura do tecido da rede, um lençol e pijamas são obstáculos ínfimos a sua prospecção. Nestas condições, você se sente mais tarde como se tivesse sido embrulhado em um cataplasma de mostarda.

Eu soube mais tarde que se atribui ao “Coronel” a posse de cem contos de réis (digamos £10.000), um capital difícil de se encontrar nas províncias do interior do Brasil, o que é compreensível, pois o possuidor de tal soma iria mais provavelmente se

13. O jovem brasileiro, quando estudante, quase sempre passa uma vida desterrada de dissipação como qualquer outro estudante, mas quando ele obtém seu diploma e assume sua beca, torna-se imediatamente “um homem sério” e um grande defensor da formalidade e da cerimônia, da cartola e do traque preto, etc. Lembro-me de que, anos mais tarde, quando eu estava executando os trabalhos da Ferrovia Dom Pedro Segundo no Rio de Janeiro, eu tinha desenhado alguns amplos depósitos de tijolo, nos quais eu estava ansioso para utilizar alguns tipos excelentes manufaturados nas proximidades, mas como os bons pedreiros eram escassos, tive de ir eu mesmo trabalhar, sem camisa e de mangas atreçadas, para ensinar os trabalhadores não especializados a profissão de pedreiros. Percebi que meus jovens assistentes, engenheiros brasileiros recém-formados, acharam evidentemente que eu me rebaxara com tal atividade manual, e eles logo abandonaram o “senhor doutor” e eu passei a ser desde então simplesmente o “Senhor Weiss”.

encaminhar para os centros mais luxuosos, onde pelo menos se pode colher algum ganho dos benefícios (questionáveis, talvez) das cidades civilizadas da costa.

14 de fevereiro – A paisagem em torno apresentou hoje uma mudança considerável em comparação com a parte alta do rio, pois aqui a terra apresenta um aspecto muito acidentado e montanhoso. Rio abaixo, o vale meandra em curvas sinuosas entre contrafortes salientes de montanhas que parecem, a distância, se encaixar uns nos outros. De ambos os lados, vêem-se morros atrás de morros; alguns, longos espinhaços contínuos cobertos de cerrado; outros, imensos morros redondos cobertos de floresta; tão elevado, de fato, é o terreno, que lembrou-me a costa montanhosa entre Cabo Frio e o Rio de Janeiro. O dia estava extremamente claro e quente, o termômetro registrando 88º sob o toldo do camarote. Nem um sopro de ar encrespava a superfície vítrea da água; era como mover-se sobre um lago de mercúrio. Passamos por muitos locais onde as barrancas eram altas e muito mais apropriadas para a localização de uma cidade do que a maioria dos povoamentos existentes. Reparei pela primeira vez na carnaúba, uma palmeira maravilhosamente útil (*Copernicia cerifera* de Martius); provavelmente não existe nenhum outro produto do reino vegetal que ofereça uma tal variedade de utilidades como esta elegante palmeira. Embora esta árvore, como tantos outros produtos brasileiros, tenha recebido já muita atenção, sendo descrita por muitos viajantes, não posso deixar de mencionar algumas de suas qualidades.

Ela resiste a secas intensas e prolongadas e está sempre verde e viçosa; produz um equivalente da salsaparrilha; um legume nutritivo, parecido com o repolho; vinho; vinagre; uma substância sacarosa; um amido, semelhante e equivalente ao sagu; outras substâncias lembram, ou podem passar por algum processo que lhes permita substituir a maisena, o café, a cortiça, a cera, o sal, álcalis e leite de coco; e de seus diversos materiais se fabricam velas, sabão, esteiras, chapéus, instrumentos musicais, encanamentos, bombas, cordas e cabos, estacas para cercas, madeira para vigas e caibros e outros materiais de construção, fibras fortes e leves que adquirem um belo lustre, e, em tempos de grande seca, já forneceu alimento para os habitantes famintos. Esta palmeira é considerada, com razão, o mais valioso produto do sertão.

No fim da tarde, chegamos a Bom Jardim, a 200 milhas de Carinhanha, onde atraquei entre uma pequena frota de canoas, ajoujos e barcas. O arraial fica admiravelmente situado no topo da elevação que desce até as margens do rio. As partes mais baixas estavam, no momento, inundadas pela água inusitadamente alta. A cheia mais alta conhecida só cobrira levemente a extremidade sul da rua.

Um jovem amigo do “Coronel” de Urubu, que eu trouxera de favor no ajoujo até

este local, apresentou-me ao professor do arraial, que generosamente me ofereceu um quarto vago em sua casa para pendurar minha rede e talvez escapar dos mosquitos.

Uma brisa agradável estava soprando e tornou mais aprazível o meu passeio pelo povoado, após o espaço exíguo do ajoujo e o calor abafado do longo dia. É um lugarzinho animado, as casas têm cores alegres e cada um tem seu próprio jardim e pomar; as pessoas pareciam mais industriosas e prósperas e tinham um aspecto muito mais saudável do que é habitual à beira-rio.

A possibilidade distante de a Ferrovia Central da Bahia vir terminar aqui, espaço ilimitado para construir terras altas nas proximidades para os que necessitarem uma mudança de clima, condições admiráveis para ancoradouros, uma situação central para o comércio do interior, e seu clima comparativamente saudável, tudo isso aponta para um provável futuro florescente para Bom Jardim.

Estávamos a caminho antes do primeiro raiar do dia, remando no meio do rio, correnteza abaixo, no ar enevoado e úmido do início da manhã.

Durante toda esta manhã, a paisagem pela qual passávamos era excepcionalmente encantadora, especialmente a bela cadeia de montanhas chamada Serra do Pixaim, e suas muitas ramificações, todas densamente enflorestadas e proporcionando excelentes situações para povoamentos saudáveis.

Uma longa jornada de 64 milhas levou-nos, ao pôr-do-sol, ao Morro do Pará,* um lugarejo pequeno, miserável e assolado por sezões, contando cerca de 20 casas, situadas na base de um grande morro solitário. As casas são construídas de adobe e cobertas com palmas de carnaúba. O local tinha um aspecto escuro e lúgubre, e de sua localização baixa e pantanosa subia uma atmosfera abafada e fétida, nuvens de mosquitos e o cheiro rânido peculiar à vegetação apodrecida, enfim, era muito sugestivo de malária e calafrios, mas, tendo atracado, resolvi inspecionar o lugar.

Ao passar por um rancho aberto, onde diversos homens estavam jogando cartas, fui convidado a me juntar a eles; ao mesmo tempo, em um estado semi-sentimental, eles avançaram em minha direção e insistiram em dar-me um abraço emocionado. “Venha cá, senhor Branco, jogar um tiquinho com marimbo”. Confessei minha ignorância, mas em vão; eu estava cercado por meus sociáveis amigos, que estavam consideravelmente “tocados”, e quando tentei prosseguir em frente, um mulato musculoso de olhar traiçoeiro, vestido com uma camisa grosseira, ceroulas e um chapéu de couro, postou-se em meu caminho. Enquanto eu hesitava entre puxar o revólver ou dar uma rasteira em meu cambaleante oponente – e possivelmente ter que lutar no escuro com os desconhecidos, ou ainda fugir como um raio até o ajoujo, a umas 500 jardas de distância –, um mulato claro de cabelos e barba grisalha aproximou-se, vociferando

* Morpará (S.T.)

em altos brados que “eu ia aprender o marimbo.”

O estranho avaliou a situação com um olhar e, fazendo sinal para que o seguisse, parcialmente por meio de persuasão, agrados e um pouco de firmeza, conseguiu desintricar-me do círculo de desordeiros, que recendiam a bebida de má qualidade e a catanga de negro; provavelmente eles não pretendiam fazer-me mal, mas o matuto bêbado é, no mínimo, um sujeito temerário e perigoso.

Meu acompanhante contou-me que eles eram um bando de vagabundos jogadores e ladrões de cavalos que haviam feito deste local seu quartel-general, e aconselhou-me a sair imediatamente de lá, pois eles estavam embriagados e dispostos a tudo e poderiam a qualquer momento lamentar ter permitido minha partida. Meu bom amigo contou-me que era “sapateiro de profissão” e possuía uma roça ali perto, que servia para sustentar sua família, não fosse por isto, ele abandonaria com prazer esse covil de ladrões; disse ainda que gostava muito de geografia, e, de fato, o sujeito tinha uma idéia limitada e crua de outros países além do seu raramente encontrada mesmo entre homens mais bem-educados, no interior.

Encontrei o ajuujo rolando nas ondinhas que vinham bater na praia, causadas por uma brisa fresca do sul, e os meus homens cumulando de imprecações as miríades de mosquitos que os cercavam. Como era uma bela noite de lua cheia, empurramos o barco para a corrente e içamos a vela.

A viagem na fresca da noite e sobre as águas iluminadas pelo luar era deveras aprazível; que mudança das margens lamacentas e fétidas do Morro do Pará e sua aldeia de desordeiros! O vento nos carregava alegremente e fazia a água encrespar enquanto a pesada embarcação vogava sobre as ondas. Os homens pareciam sentir a influência calmante da cena, pois cantavam em voz baixa muitas de suas canções fluviais, uma delas contando como sua ausência foi lamentada pelas belas dos dois extremos do rio, e que ele só fora tapeado pela mãe de sua querida predileta:

*Rio arriba e rio abaixo
Todo o mundo me chorou,
Só foi a mãe de minha benzinha,
Que me enganou.*

Depois de algum tempo, os homens adormeceram, todos, menos o piloto, que ficou de olho nos troncos submersos. Eu não me recolhi senão pela manhã, pois, embora esses percursos noturnos sejam muito agradáveis, a nossa frágil embarcação não era segura o suficiente para que eu pudesse dormir sem me preocupar com uma possível emborcada.

16 de fevereiro – Ao nascer do dia, verificamos que tínhamos percorrido 24 milhas à noite, embora nas últimas poucas horas o vento tivesse parado e tivéssemos então apenas deslizado rio abaixo com a corrente. Logo depois do nascer do dia, atracamos perto de uma estação de gado ribeirinha, para obter leite, ovos, galinhas e legumes. O proprietário, um enorme vaqueiro crioulo, recebeu-nos com cordialidade rude e imediatamente forneceu-me cinco garrafas de leite e perto de duas dúzias de ovos, além de batatas-doces, pelos quais ele não quis nenhum pagamento, exceto “uma pingazinha para matar o bicho”. Sua casa era um lugarzinho alegre, o casebre de paredes de adobe, coberto com palmas, estava em bom estado e seu interior era limpo e arrumado; ele era construído entre laranjeiras e limoeiros, bananeiras e a rica vegetação da beira do rio; em frente da casinha, uma área nivelada e bem varrida de solo vermelho-escuro se estendia até a borda das, naquele ponto, altas barrancas, além das quais se alongava o nobre rio, refletindo o céu imenso. Sua esposa escura e filhos crescidos estavam confortavelmente vestidos e pareciam limpos, bem dispostos e saudáveis. Porcos, bodes, perus, galinhas, cavalos e gado, em um campo adjacente, completavam a cena doméstica. *As poucas galinhas que comprei eram muito baratas, 320 réis cada (cerca de 8d).*

As margens do rio neste distrito são bem populosas; as barrancas exibem muitos casebres de trabalhadores e prédios de fazendas, muitos dos últimos têm uma aparência limpa e organizada, mas todos são construídos com a maior simplicidade.

Há muitas histórias relativas a esta região, histórias dos tempos coloniais e de batalhas e contendas entre famílias. Em Urubu, há muitos anos atrás, uma terrível luta ocorreu entre dois irmãos, os Guimarães, causando uma verdadeira guerra civil, durante a qual a maior parte dos habitantes se uniu a um ou outro lado. A cidade de Urubu propriamente dita foi sitiada, as igrejas e outros prédios ainda mostram as marcas de balas e outros sinais da disputa. A coisa acabou se transformando num *Kilkenny cat business*,* pois os dois irmãos exterminaram não apenas toda a sua família, pai, mãe, irmãs e outros irmãos, mas terminaram sendo eles próprios destruídos. Consta que 2.000 combatentes tomaram parte em algumas das batalhas. Por um longo tempo reinou uma grande anarquia, que foi somente superada pelo envio de tropas do governo para sufocar os distúrbios. O episódio é chamado de Guerra dos Guimarães.¹¹

Perto do meio-dia, depois de passar por uma área plana e baixa, consistindo de matagal fechado e cerrado e de longos trechos de pântanos inundados, avistamos a nordeste a Serra do Gentio, que corre para o norte e para o sul, e logo depois as torres e telhados das igrejas e as casas brancas e multicores da Cidade da Barra.

No embarcadouro havia muita animação e ruído; lá estavam barcas grandes e pequenas, ajoujos e canoas, vindos do alto e do baixo rio, e balsas de copa de buriti do

* *To fight like Kilkenny Cats* (lutar como gatos do Kilkenny) é uma expressão que significa “lutar até que ambos os adversários morram”. Origina-se do costume dos soldados hesitanos em Kilkenny, de amarrar dois gatos pelos rabos e pendurá-los em um varal para que brigassem até a morte (N.T.).

11. Esta região de Urubu, Xique-Xique, e Juazeiro, sempre foi um dos centros mais turbulentos do Brasil, um vulcão político, e agora, no presente ano de 1856, as partes mais baixas do rio estão infestadas de bandidos, que recebem contribuições de todas as embarcações que passam, tanto assim, que muito do trânsito entre Barra e Juazeiro foi suspenso. A polícia foi enviada para manter a ordem, mas o oficial comandante achou aconselhável ficar longe do perigo, permanecendo nas cidades. Mas ele provavelmente voltará logo a retomar seu estado geralmente pacífico.

Rio Grande, algumas ancoradas, algumas deixadas sobre a praia barrenta. A praia estava pontilhada de canoas velhas, balsas defuntas, lixo, vísceras, madeira, etc.; urubus pretos e porcos pretos magricelas se refestelavam na imundície e refugio da cidade, profusamente espalhados pela lama fedorenta. Lavadeiras negras, com suas amplas saias arregaçadas, estavam de pé dentro d'água surrando as roupas com varas, ou batendo-as em lajes chatas, ou então de mão na cintura, mexendo com os barqueiros das diversas embarcações. Os homens batiam boca na margem ou cantavam enquanto descarregavam as barcas e ajoujos, outros negociavam, e mandriões acocoravam-se sobre troncos ou se encostavam no que quer que fosse que lhes desse apoio.

O embarcadouro, como em muitas dessas povoações ribeirinhas, é o mercado para a transação da maioria dos negócios locais. De cada lado do Porto, os quintais murados das casas dão fundo para as margens; em frente há uma pequena praça aberta, contendo umas poucas lojas, com fachadas defrontando o rio.

Depois de desembarcar e tentar atravessar o lixo e a lama, subindo a seguir uma leve rampa de argila dura e areia, vi-me desamparado em terra desconhecida, sem cartas de apresentação para ajudar-me, na cidade de Barra do Rio Grande.¹²

Da pracinha em que eu me encontrava, as ruas seguiam para a direita e para a esquerda, paralelas às margens do rio. À esquerda, a rua consiste em lojas e armazéns abertos de diversos ramos e vendas; à direita, as casas são quase todas moradias particulares; esta última parte termina em uma grande praça aberta, contendo as casas mais nobres, e a nova e espaçosa igreja inacabada, desproporcional com relação à cidade, e que, como o capitão Burton comenta com justeza, faz a cidade parecer um anexo de sua matriz.

Não havendo sinais de hospedaria ou hotel em lugar nenhum, dirigi-me a um armazinho em frente do porto, para obter informações. Encontrei lá um português de semblante agradável, que repousava em seu balcão, matando o tempo matando moscas. Ele não soube indicar-me nenhum lugar onde eu pudesse achar acomodação, mas teve a bondade de se compadecer de meu estado de desabrigado e ofereceu-me com sinceridade a hospitalidade de sua morada; sabendo que ele era solteiro, o que afastava o perigo dos pavorosos *enfants terribles* brasileiros, aceitei de bom grado sua generosa oferta.

Em um passeio pela cidade, ela apresenta um aspecto muito modesto; suas ruas são longas, irregulares e arenosas, há umas poucas casas pretensiosas, com vidraças nas janelas e fachadas revestidas com azulejos portugueses, e uma calçada de tijolos, onde os moradores colocam suas cadeiras de balanço na fresca da tarde para aproveitar a temperatura agradável, ou receber uma visita de um vizinho; mas a maior parte das casas é de paredes de adobe caiadas de branco ou coloridas; outras nos subúrbios são ainda mais

12. Ela foi declarada vila por resolução régia no dia 1º de dezembro de 1752, e tornou-se cidade pela lei provincial no dia 16 de junho de 1873.

simples, meros barracos de paus rebocados com argila e cobertos de capim.

Nos quintais das casas há muitas árvores de fruta e flor, todas muito assoladas pelos ataques destruidores da grande carregadora de folhas, a formiga saúva;¹³ perto da praça norte e na extremidade oeste da cidade, o mato e as árvores se misturam com as casas e chegam até a via pública; onde não há vegetação a poeira arenosa das ruas, o brilho das casas e muros brancos fazem os olhos piscarem com o clarão da luz refletida.

Há bastante movimento nas ruas, mas confinado aos pedestres, pois raramente se vê um carro de bois; carruagens estão tão ausentes da cidade quanto em qualquer aldeia de negros no centro da África. Entre os passantes, as peles negras, morenas e pardas predominam; os brancos são principalmente os comerciantes do rio, os fazendeiros, os donos de lojas e os funcionários públicos locais e suas famílias.

O terreno ocupado pela cidade é praticamente plano e fica situado em um ângulo obtuso formado pela junção do Rio Grande com o Rio São Francisco, e como está apenas entre 17 e 24 pés acima do nível normal da água do rio, e como as cheias extraordinárias elevaram a água 36 pés acima daquele nível, é fácil imaginar que conseqüências desastrosas uma inundação de 12 a 16 pés de água sobre o conjunto da cidade deve trazer; e como isto vem impedir necessariamente qualquer desenvolvimento maior desta cidade por outro lado tão admiravelmente situada, que domina a saída para 480 milhas de navegação fluvial livre do Rio Grande e seus tributários, além de um considerável movimento de transporte no Rio São Francisco.

Durante os dias que se seguiram a minha chegada, fiz indagações sobre minha rota pretendida e os meios de viagem, o que resultou na minha aproximação das autoridades e personalidades locais, todos, sem exceção, cavalheiros brasileiros polidos e bem-educados: devo destacar, como diria um brasileiro, especialmente o dr. Firmino Lopes de Castro, juiz municipal e editor do *Eco do Rio São Francisco* (um jornalzinho semanal de duas folhas); o dr. Antônio Pereira de Castro, promotor público; o capitão Francisco Antônio Barbosa, comerciante; e meu amável anfitrião, o senhor Emílio Souza Rodrigues; todos os quais me prestaram assistência inestimável na obtenção de informações e meios de transporte, mas do Rio do Sono e Carolina ninguém podia informar-me nada; eles não só eram *terras incognitas*, como até mesmo seus nomes eram desconhecidos.

O capitão Barbosa, que já fizera diversas viagens a Goiás pelos vales dos Rios Grande e Preto, recomendou-me um certo Rodrigues como um almocreve experiente, que se comprometeria a levar-me onde eu quisesse. Este indivíduo, que vivia do lado oposto do rio, foi chamado e entramos em negociação.

Ele era um homem branco, alto, de barba, com um rosto agradável e bem feito,

embora um pouco simplório. Ele disse que podia calcular a distância do Tocantins, embora nunca tenha estado lá, nem mesmo ouvido falar do Sono, ou de Carolina; ainda assim, fechou contrato comigo para fornecer mulas e homens em número suficiente para transportar-me e a meus pertences para Carolina, por 350\$000 (na época cerca de £35), provisões ficando por minha conta. Fechamos o contrato, mas só dez dias após minha chegada ele pode reunir seus animais e eu pude partir.

Neste intervalo, muitos dias agradáveis foram passados na companhia simpática de meus novos conhecidos, e antes de minha partida combinamos uma caçada. Não estando de posse de uma espingarda na época, adquirei na cidade uma de cano fino e leve, de fabricação belga, mais ou menos do tamanho de um cano grande de revólver; ela era leve e fácil de manusear, e como só podia ser carregada com uma pequena quantidade de pólvora e chumbo, não havia o perigo de estilhaçar, ou talvez nem mesmo de ferir a caça alada.

Um dia, aos primeiros raios do sol, nosso grupo se reuniu, oito espingardas ao todo, para uma caçada à *cockney*, dispostos a atirar em qualquer coisa que encontrássemos. Uma caminhada de 4 milhas sobre planícies arenosas e cobertas de capim, e por brejos verdes cercados de juncos, arbustos e palmeiras, levou-nos ao pântano largo, plano e raso que circunda a cidade e se estende desde o Rio Grande até o São Francisco, onde nos separamos. Os brejos estavam cheios de libélulas cintilantes voando de junco a junco, ou pairando no ar, e ecoavam com as anhumas e outras aves aquáticas comuns aos lagos e pântanos do Brasil, mas elas eram todas muito ariscas e difíceis de se aproximar, e, não tendo cachorros, deixamos de buscar os resultados de muitos dos tiros. Provavelmente o “esporte” teria desgostado um caçador genuíno, pois não havia uma arma decente em todo o grupo. Cada um cercava sua caça, arrastando-se entre os juncos e o mato, e invariavelmente matava a sua ave enquanto ela nadava ou andava, esperando, em geral, que ela estivesse parada.

Era uma tarefa abrasadora; o sol derramava seus raios sobre os baixios sem sombra e ardia intensamente sobre os lagos e pântanos escaldantes, e muitos de meus companheiros, desacostumados aos exercícios ao ar livre, estavam completamente esgotados quando nos reunimos às 11 horas sob um bosque para o desjejum. Lá nossos criados tinham armado redes e preparado um repasto bem-vindo. Todo mundo logo reduziu sua vestimenta a uma porção mínima, e diversos deles desabaram sobre as redes, ou sobre a grama, completamente prostrados de fadiga. Acompanhava-nos uma figura engraçada, um lunático inofensivo, que se intitulava “General Barbosa”; ele fora, anteriormente, um comerciante influente na cidade, mas tendo passado por perdas desastrosas, os problemas advindos abalaram sua mente. Ele era até um homem

robusto e sadio, muito divertido e extremamente pândego; sua fraqueza consistia em imaginar-se uma personagem importante e rica e em presentear seus amigos com somas formidáveis. Ele era um grande favorito junto ao povo da cidade e caridosamente bem cuidado por eles.

Mais tarde, algumas horas mais foram gastas em perambular pelos brejos – de minha parte, mais pelo exercício físico e para me familiarizar com a região, do que pela rarefeita diversão da caçada.

Nossa coleta total montava a nove marrecas, cinco caruínas, seis quenquens e quatro jaçanãs (anhumas e jaçanãs parras), oito pombas e três socós; trinta e cinco aves ao todo.

A população da cidade é dada como de 4.000 ou 5.000 habitantes, e, a julgar por sua extensão, eu diria que o último número deve estar bem correto. Ela responde por um tráfico considerável de importação, das regiões do Rio Grande, de artigos de consumo local e exporta para lá, em troca, a mercadoria que recebe da Bahia; sua posição permite-lhe dominar um considerável comércio transportador nas duas direções do rio; mas há muito pouca exportação para a costa do produto nacional, já que a longa viagem por terra até a Bahia é muito dispendiosa e seus custos não deixam quase nenhuma margem de lucro para o produtor.

Durante minha permanência de dez dias neste local, muita chuva caiu, em geral à noite, em forma de temporais e tempestades de trovões, depois de dias de calor abafado e opressivo. O termômetro variava de 80º a 86º durante o dia, caindo para 76º à noite.

Quando Rodrigues anunciou estar pronto para partir, eu soube que uma barca vazia estava subindo de volta pelo Rio Grande e aproveitei para fretá-la, com o objetivo de fazer uma inspeção pessoal do rio.

CAPÍTULO 4

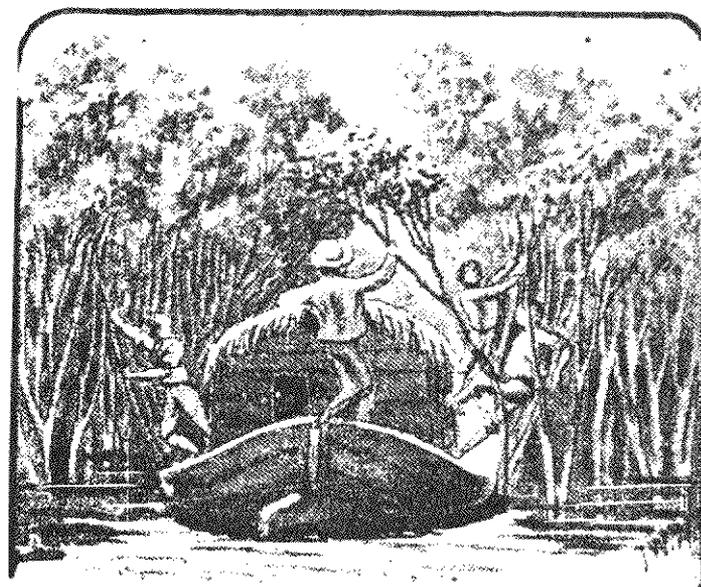
DE BARRA DO RIO GRANDE A BOQUEIRÃO

ADEUS – O IATE – INTRUSOS – UMA TERRA PANTANOSA – UMA NOITE EM UMA LAGOA – UMA CONVENIENTE CAMA DE “EXPLORADOR” – NENÚFARES – NAVEGAÇÃO DIFÍCIL – ESTREITO DA SERRA – TEMPO QUENTE – UM PROGRESSO PENOSO – UMA CENA FLUVIAL – O ESPLÊNDIDO FÍSICO DOS BARQUEIROS – LABUTADORES PACIENTES – UMA CAMINHADA AO LONGO DA MARGEM – UMA RECEPÇÃO SINGULAR – UM RIO ENTUPIDO DE PEIXES – VIAGEM LENTA – EM LOMBO DE BURRO NOVAMENTE – UM COMPANHEIRO FOLGAZÃO – BOQUEIRÃO – UMA SITUAÇÃO FITORESCA – UM FUTURO POSSÍVEL – UM PROFESSOR DE ALDEIA – INDOLÊNCIA DOS BOQUEIRENSES – UMA NOITE AGRADÁVEL – NAVEGAÇÃO DO RIO GRANDE, ETC.

26 de fevereiro – Muitos de meus gentis amigos nesta cidadezinha de gente boa reuniram-se para desejar-me “boa viagem” e dar-me um abraço final e um tapinha nas costas. “Adeus, amigos! Adeus, Senhor Doutor!” Os remadores gritam “Vam’embora” e deslizamos do meio das outras embarcações, afastando-nos do lixo que flutua nas margens.

Os homens impelem a barca lentamente por entre as numerosas embarcações do rio e mantêm-se próximos à margem, fora da correnteza forte do meio. Passamos pelos muros dos quintais e jardins (muitos inundados) das casas da rua submersa. Dúzias de lavadeiras negras estão de pé na água e tagarelam, riem e fazem comentários audíveis, quando passamos a sua frente. Negrinhos nus, de barriga inchada, espojam-se na água lamacenta, como verdadeiros girinos.

Meu iate (chamado Vila Pastora), para minha satisfação, oferece uma acomodação muito superior à do modesto ajoujo e seu espaço exíguo. Embora muito inferior a algumas das grandes e coloridas barcas do Rio São Francisco, ainda assim contém um salão espaçoso de 6 pés de largura, 9 pés de comprimento e 6 pés de altura, com janelas de folhas dos dois lados e portas em cada extremidade. Os lados e extremidades são construídos com tábuas e o teto curvo coberto com folhas de carnaúba. Em frente da cabina, a barca não tem cobertura, exceto o corredor estreito que se estende de proa a popa, onde os homens caminham com passadas lentas e cuidadosas, enquanto impulsionam o barco com as varas, correnteza acima; é muito trabalhoso puxar as varas



Nas lagunas do Rio Grande.

no fim do caminho, voltar depressa para a proa e forçar as varas de novo contra o fundo do rio, pois a corrente é tão forte que o avanço se perde facilmente.

Pouco depois de partir, a barca foi levada para a margem, onde um homem e uma mulher de cor subiram a bordo, carregando um violão e uma trouxa, e seguiram diretamente para minha cabina, sentaram-se, sem uma palavra ou com licença, em minha cama e começaram a se acomodar lá. Eu tinha visto em minhas viagens um ou dois casos de impertinência total, mas nenhum como este. Chamei o piloto e perguntei se eu não tinha fretado a barca para mim.

“Sim, senhor”, ele respondeu.

“E o que você pretende então, deixando essas pessoas se intrometerem na minha cabina? Mande-as embora.”

“Não fazem mal; eles são apenas passageiros que estão subindo o rio.”

Foram necessárias algumas palavras duras e outras bem cáusticas, antes que o capitão se convencesse de que eu realmente me opunha a dividir a cabina com outros passageiros, sem ter sido ao menos consultado.

Com pretensa inocência, ele retorquiu: “O senhor decerto pagou tanto e tanto para fretar a barca, mas que importa o quanto o senhor pagou, a barca está vazia e o senhor não pode enchê-la sozinho, então que diferença pode fazer para você se eu ganhar mais uns poucos mil-réis, levando mais alguns passageiros?”

O passageiro homem ofereceu-se para sair, mas implorou que o deixássemos viajar de favor, dizendo: “Ah! senhor capitão, tenha pena de um pobre homem e de sua mulher, que estão doidos para voltar para sua família e sua roça; o arroz está pronto para ser colhido e as cheias vão logo destruí-lo todo; nós vamos ficar bem quietos e não vamos sair da proa, o senhor não vai ser incomodado.”

O homem tinha uma cara bastante honesta e, como eles só iam seguir por algumas léguas, consenti que ocupassem a proa. A questão já estava decidida, e tínhamos prosseguido só mais um pouco, quando uma canoa nos abordou, e a tripulação ajudou duas negras a subir a bordo, as quais também marcharam diretamente para a minha cabina; apesar das flores na gaforinha, das belas saias de algodão, xales espalhafatosos e batas bordadas, elas não eram nem jovens, nem claras, nem bonitas e, como tinham evidentemente corrido para pegar a barca, estavam acaloradas e perspirando e exalavam um odor que só mesmo duas damas negras corpulentas conseguem produzir em condições favoráveis.

Seguiu-se, naturalmente, mais uma discussão irritada com o piloto, durante a qual exigí que me deixassem desembarcar, pois eu não prosseguiria mais com eles; desculpas, promessas, justificativas, ele tentou em vão e, por fim, as odoríferas damas

tiveram de voltar a sua canoa, manifestando copiosamente sua opinião de que eu era “o diabo” e “um homem brabo e de mau gênio”. Por fim, a cidade é deixada para trás, mas o progresso do iate é miseravelmente lento; em muitas ocasiões, os remadores não conseguem alcançar o fundo com suas varas, devido à profundidade da água mesmo junto à beira, onde eles têm de se agarrar aos arbustos das margens submersas que freqüentemente roçam no teto da cabina.

Até onde a vista alcança, as terras em torno parecem ser uma planície baixa, coberta de vegetação rasteira e cerrada, e tratos ocasionais de campo aberto com muitas lagoas rasas. Agora saímos da correnteza forte do rio, passamos por cima das margens submersas e entramos em uma dessas lagoas, onde a água rasa e a corrente imperceptível permitem que se faça um bom progresso por algum tempo, até que a lagoa diminui de largura, tornando-se um canal estreito e tortuoso, densamente obstruído por arbustos, que requer o uso de machado e foice para limpar o caminho.

Estas lagoas, nesta época do ano (fevereiro), quando o rio está cheio, seguem o curso do Rio Grande por muitas milhas e também se comunicam com o Rio São Francisco no fundo da cidade de Barra, tornando sua localização quase uma ilha.

Às 6 da tarde, a barca é impulsionada de lado para as margens pantanosas de outra lagoa, cercada de mato rasteiro e depois ancorada para a noite. Que lugar para se passar a noite! A terra quase não se eleva com relação à água; sua superfície arenosa está entulhada de galhos apodrecidos e folhas caídas dos arbustos e saturada por uma extensão recente com as águas da lagoa; um ar quente e úmido ergue-se do solo encharcado, impregnado de um miasma pestilento e do odor bolorento da vegetação que se decompõe.

Às 8 da noite, o termômetro registra 88º na cabina. Em tal situação e temperatura, os mosquitos eram, naturalmente, abundantes, mas o mosquiteiro dava alívio a pelo menos um tormento, embora a cabina lembrasse mais um banho de vapor.

Agora descobri a utilidade de uma cama de campanha portátil que eu mandara fazer em Barra e que é tão excepcionalmente conveniente que a descreverei para o benefício de futuros viajantes.

Duas caixas leves de cedro foram feitas, cada uma com vinte e sete polegadas de comprimento, dezesseis polegadas de largura, dezoito polegadas de altura (o cedro é preferível por ser forte e leve e seu odor afasta cupins e outros insetos); sobre a totalidade das caixas, um couro de boi, cru e molhado, foi pregado, o qual, depois de seco, fortalece muito os caixotes e os torna impermeáveis à água. Nos dois cantos superiores frontais de cada caixa, encaixes de ferro foram parafusados para receber os ganchos de ferro nas extremidades das barras de madeira que formam os lados da cama. As barras

de madeira têm, cada uma, duas polegadas de largura, duas e meia polegadas de profundidade e quarenta e seis polegadas de comprimento; ganchos foram parafusados às extremidades superiores das barras, que são enganchadas nos encaixes dos cantos das caixas. Um pedaço de lona boa e resistente é pregada ao longo do lado exterior de uma das barras, puxado bem esticado sobre o lado de cima e preso com tachas do lado exterior da outra barra. A cama está então completa. As barras podem ser removidas imediatamente com a lona, e enroladas, formando um pacote de quarenta e seis polegadas de comprimento e cerca de cinco polegadas de diâmetro, ao qual podem ser adicionados cobertores, lençol impermeável e um travesseiro de ar, ou estes últimos artigos podem ser acondicionados nos caixotes. Como as trancas têm de estar dos lados dos caixotes que dão de frente um para o outro, é evidente que as caixas não podem ser abertas sem tirar o ocupante da cama. Uma argola é também parafusada às extremidades de cada caixa e por ela passa uma corda forte de couro cru de boi; passando esta por baixo das caixas, as extremidades em alça servem para suspender os caixotes na sela de carga.

Na manhã seguinte, as primeiras luzes da madrugada nos encontraram novamente abrindo caminho pelo mato, onde os galhos batem em nossos rostos e derrubam chapéus, e a sarça arranha a pele nua dos peitos e braços dos remadores; é o mais divertido da navegação. A história dos famosos barcos americanos de fundo chato, que dizem poder navegar por terra em uma manhã orvalhada, parece possível quando se olha em volta em uma ocasião como esta e vê-se o denso matagal de cada lado, como se estivéssemos carregando um barco por uma mata inundada de imensas groseleiras e vegetação semelhante.

Não foi senão às 9 da manhã que a Vila Pastora emergiu do mato para as águas abertas do Rio Grande, onde, além da forte correnteza do rio, outra dificuldade foi encontrada, pois a extensão total do rio, cerca de 500 pés, estava coberta com uma massa densa e impenetrável de nenúfares flutuantes, chamados "gólfãos", numerosas e lindas flores malva-claro; a massa estava sendo carregada pela corrente e se estendia tão longe rio acima e rio abaixo quanto a vista podia alcançar; a densa massa espremia os lados da barca, empurrando-a de novo para o mato, onde esperamos por mais de meia hora; não vendo, no entanto, nenhuma diminuição na quantidade ou força da vegetação deslizante, fomos obrigados de novo a seguir pelo mato e pelas lagoas.

Mais uma hora de trabalho duro entre as árvores levou-nos a uma longa lagoa de água aberta, sobre a qual os musculosos remadores fizeram a Vila voar.

Em todas estas margens de lagos e pântanos, quase não há vida animal a ser vista, mesmo os passarinhos são raramente avistados; é uma imensa solidão aquática e silenciosa.

No fim da lagoa, a barca entrou de novo no rio, onde as plantas ainda eram numerosas, mas mais em forma de ilhas destacadas, que permitiam a passagem, desde que bem rente à margem onde, mesmo assim, a barca recebeu vários empurrões, quando as plantas se empilhavam em montes em volta da proa e nos obrigavam a correr com toda a força para os arbustos das margens. Ainda nenhuma terra era perceptível desde o rio; só os topos dos arbustos indicavam a localização de suas margens submersas, mas cerca de seis milhas adiante, uma linha azul de montanhas era visível, com uma brecha no meio por onde passa o rio, chamada "Estreito da Serra".

No fim da tarde, umas poucas barrancas de terreno mais alto apareceram acima das águas e, ao pôr-do-sol, a barca foi deslocada para o Porto da Fazenda do Serrote, uma pequena enseada e embarcadouro de uma fazenda vizinha, a vinte milhas de Barra.

Durante a noite, uns poucos mosquitos nos brindaram com uma serenata tocada em suas gaitas de fole, mas em nenhum ponto dessas terras inundadas eles incomodavam tanto quanto no Rio São Francisco.

O dia tinha sido opressivamente quente, 88º à sombra; à noite, a temperatura caiu para 80º, às 8 da noite, o que ainda era quente o suficiente.

Foi um trabalho insano, na manhã seguinte, impulsionar a barca rio acima; os nenúfares ainda flutuavam em imensas quantidades e, volta e meia, barravam completamente nosso avanço. Foi só na hora do desjejum, às 9 da manhã, que a serra avistada na tarde do dia anterior foi alcançada.

A janela aberta do salão formava uma moldura para um quadro da cena lá de fora. Lá, no espelho do rio, flutuava a vasta extensão de folhas verde-claras e as delicadas flores cor-de-malva das massas de nenúfares, aqui e ali pontilhadas com as jaçanãs vermelho-castanho, que gritavam como gatinhos e cujos corpos leves e patas largas lhes permitiam correr com facilidade sobre a superfície da vegetação flutuante em busca de alimento. Cortando o centro das massas revolventes de plantas, a forte correnteza tinha formado um canal de água aberta, que brilha à luz do sol como um fio de ouro brunido. Longas linhas de mato espesso indicavam as margens do rio; ao fundo, muitas carnaúbas, solitárias ou em grupos, erguem seus caules roliços, freqüentemente cobertos de bromélias, samambaias e trepadeiras parasitas. Suas folhas em leque sussurram e cintilam com muitos brilhos, faiscando quando sopradas pela brisa. Mais ao longe, uma cadeia de montanhas forma o último plano; seus sulcos, seus cumes gramados e as encostas cobertas de matos e pedras estão minuciosamente delineados no clarão forte do sol da manhã, o céu azul claro e suas ofuscantes nuvens brancas.

A porta aberta mostra um quadro de caráter mais prosaico, uma cena mal arranjada e suja, mas ainda assim pitoresca. Reclinados na proa estão as quatro figuras

seminuas dos robustos barqueiros cor de cobre, comendo seu desjejum de uma única vasilha comum, imensa, cheia de feijão, arroz e carne seca. Eles são sujeitos de esplêndida constituição física, e seu menor movimento mostra o jogo dos músculos poderosos nos braços e no peito; o sol bate em seus corpos nus tão indiferentemente como na água. Perto da entrada para a cabina, no chão da barca, meu cozinheiro está preparando meu repasto matutino em uma fogueira feita sobre um meio barril de areia; a seu lado estão os passageiros da terceira classe (o casal que embarcou na Barra), também preparando alguma mistura mística para si; o piloto está de cócoras no corredor pescando, mas nem uma mordida o recompensa.

O resto do dia foi consumido impulsionando a barca lentamente correnteza acima, até que a água ficou tão funda que não se podia tentar o fundo, o que nos obrigou

a outra longa e trabalhosa peleja em meio ao mato submerso até uma lagoa, e uma parada para a noite; a temperatura estava agradável, 78º, e os mosquitos ausentes. O dia de viagem consistira em apenas nove milhas.

O ruído dos galhos raspando na cabina, enquanto lutávamos novamente contra o mato, despertou-me na manhã seguinte; embora ela não tivesse mais do que 200

jardas de extensão, passaram-se duas horas completas antes de conseguirmos sair da selva e voltar ao rio, afinal comparativamente livre de nenúfares.

Durante toda esta laboriosa viagem, lutando contra as sempre recorrentes dificuldades que exigiam grande e contínuo esforço para superá-las, não pude deixar de sentir admiração pelo capitão e tripulação, que empregavam suas forças longa e pacientemente em seu árduo trabalho; de manhã escaldante a noite escaldante, não importa quão difícil o obstáculo, ou grande o desapontamento causado pela corrente do rio a carregar para longe a barca, pondo a perder os resultados de trabalho pesado, nenhum resmungo era ouvido, nem um “satanismo” pronunciado; eles trabalhavam



Crepúsculo no Rio Grande.

com a paciência de formigas. Evidentemente, estavam há muito habituados à labuta e seus percalços e aceitavam os problemas como inevitáveis, suportando-os com a paciência com que todos os problemas devem ser enfrentados.

Na hora do desjejum, paramos em Curral das Éguas, o porto de uma pequena fazenda que ficava mais afastada dali; neste ponto nossos passageiros da terceira classe nos deixaram e, ao saber que uma trilha acompanhava o rio até outra fazendola, a quatro milhas de distância, resolvi percorrer este espaço a pé e desembarquei com Bob e Feroz.

Era agradável poder esticar as pernas endurecidas, mas um solo arenoso profundo e solto tornava a caminhada muito cansativa. A trilha atravessa o mato rasteiro e sem sombras das margens fétidas dos alagados. Era natural esperar encontrar algum pato ou outra ave aquática nestes locais pouco freqüentados, mas durante todo o caminho não avistei uma pena. Estas terras arenosas, inundadas, são apenas grandes solidões tristes de mato e pântanos, onde o ar é abafado, quente e carregado de exalações; a vegetação é uniforme e desinteressante, sem flores ou samambaias que variem a monotonia dos arbustos espinhentos, não há aí os parasitas ou cipós que contribuem tanto com sua beleza para tornar cativante qualquer cena silvestre, não importa o quão distante ou solitária.

Finalmente, chegamos a Caiçara, nossa meta, uma casinha de paredes de adobe e cobertura de capim, com um curral ao lado. Algumas mulheres à porta haviam percebido nossa aproximação e imediatamente fugiram para dentro. Conseqüentemente, quando chegamos, encontramos portas e janelas fechadas e trancadas. Imagino que capacet de sol identifica-me de imediato como forasteiro e suspeito.

Enquanto estávamos sentados à beira do rio esperando pela barca, dois homens vestidos com roupas de couro saíram da casa e aproximaram-se timidamente. Bob perguntou-lhes se eles tinham varas de pescar e anzóis. Eles não responderam e ficaram olhando para Bob silenciosamente, sem piscar. Quando ele repetiu a pergunta, os homens, ainda encarando primeiro um de nós, depois o outro, responderam, abstratos: "Não entendo sua fala".

Para obter a confiança do tipo inferior de camponês do Brasil, é preciso se dirigir a eles em seu próprio patoá e expressões locais, pois mesmo um nativo como Bob, de uma província distante, pode ser tratado como um ser estranho, apesar dos diversos provincialismos serem só levemente diferentes um do outro. Bob riu-se deles e os chamou de "gente bruta". Eles permaneceram por algum tempo silenciosos, olhando-nos perplexos, sem dar resposta a nossas perguntas e comentários. Não creio que nenhum viajante na África tenha jamais encontrado uma rusticidade tão crassa entre os negros selvagens daquele continente.

Depois de um longo período de estupefação, nossos visitantes retiraram-se tão silenciosamente quanto tinham chegado, e a barca chegou logo depois.

Mais duas milhas rio acima, para outro portinho chamado Barreiros, completaram o dia.

A noite foi reservada à pesca, e uns poucos peixes bem-vindos foram pegos. Aparentemente, uma chuva rápida os fez morder a isca, pois eu já tentara, muitas vezes antes, pescar durante a viagem, mas não obtivera nem uma mordiscada.

O piloto informou-me gravemente que no Rio das Ondas, um afluente do Alto Rio Grande, os peixes às vezes são tão abundantes que impedem a navegação a ponto de tornar difícil o avanço de uma canoa. É curioso reparar como, em todas as partes do Brasil, se qualquer localidade em particular é famosa por alguma coisa, seja ouro, diamante, febres, caça, etc., seus méritos, ou deméritos se espalham e aumentam e se distorcem, de modo que os viajantes têm de receber toda informação sobre lugares distantes com um amplo desconto pelo exagero. Quantas e quantas vezes eu caí no logro do "muita caça" em diversos lugares e palmilhei o terreno com uma espingarda, só para voltar para casa com uma sacola decepcionante.

À noite, o termômetro registrava 85°F, e os mosquitos estavam em pé de guerra.

2 de março – Temperatura ao pôr-do-sol, 81°. Continuei minha caminhada pela borda do rio de manhã cedo; o solo é arenoso por toda parte, mas muito mais firme do que na caminhada do dia anterior. A paisagem mostra a mesma aparência sem graça: mato, arbustos espinhentos e alagados. Durante o caminho, consegui abater um par de marrecas, belo patinho selvagem, e uma galinha-d'água. Umhas poucas e pobres casinhas de sapé com suas rocinhas aparecem ocasionalmente à beira do rio.

O resto do dia se passou em calor e lentidão, o percurso do iate sendo de apenas 10 milhas, embora os homens trabalhassem bem e pacientemente.

A região ainda mostra em grande parte o mesmo caráter, mas é mais elevada e, conseqüentemente, menos inundada. A parada da noite foi em Porteira, uma pequena casa ribeirinha, a quarenta milhas de Barra.

3 de março – Eu fui despertado esta manhã pelo piloto, que me informava que Rodrigues e a tropa estavam do outro lado do rio; isto era uma ótima notícia, e eu deixei o Vila Pastora com alegria. Não posso recomendar um cruzeiro Rio Grande acima na época de cheia como um meio de se relaxar das preocupações do mundo dos negócios; na verdade, se o turista não for provido de um amplo estoque de paciência, é melhor já reservar um quarto confortável em um asilo de lunáticos para quando voltar.

Encontrei, em companhia de Rodrigues, o capitão Francisco Antônio Barbosa, que estava em uma expedição comercial para Goiás, com uma grande tropa de mulas de carga que levava suas mercadorias. Ele subirá o vale do Rio Grande, cruzará a divisa e depois prosseguirá em direção a Palma e o Alto Tocantins, onde troca suas mercadorias por couro, e pelo ouro, ou pó de ouro, encontrado naquelas regiões.

Deixando minha bagagem no Vila Pastora, para ser carregada até a foz do Rio Preto, segui a cavalo com o capitão e minha tropa.

Era uma delícia estar de novo montado sobre minha velha sela e sentir mais uma vez o sacolejo; era como se tivesse voltado ao trabalho e aos negócios de verdade.

O capitão era um excelente companheiro, cheio de anedotas e gracejos; seu rosto redondo e jovial é bronzeado e barbado, e agradável de se ver, sua gargalhada é gostosa, seu jeito, franco e buliçoso. Ele é um sujeito de compleição forte, mas, apesar de sua jovialidade, há uma agudeza em seus olhos que faz a gente sentir instintivamente que é melhor tê-lo como amigo do que como inimigo, e que é melhor evitar transações comerciais com ele. Levava em um dos seus coldres um prodigioso revólver com tambor de vinte balas, de que ele muito se orgulhava, uma velha arma de manufatura belga.

Por volta de meio dia, chegamos a Boqueirão,¹ um pequeno povoado de vinte e cinco casebres e casas de pau-a-pique, cercados de mato e de umas poucas árvores imponentes. O lugar fica muito pitorescamente situado na base de uma cadeia de montanhas que interceptam o curso do Rio Grande. As extremidades dos morros terminam de cada lado do rio em encostas suaves até a borda do rio; as margens adjacentes são relvados planos, mas levemente elevados acima do nível da água. A superfície da serra é relativamente regular e escassamente coberta de matas, mas em alguns pontos aparecem enormes penedos de gnaiss compacto, veiado de cristais e quartzo branco.

Estes morros, que atingem cerca de 300 ou 400 pés acima do rio, constituem uma continuação da divisa de águas do Rio Preto e do Paranaguá, ao norte, e estendem-se até a região montanhosa, abaixo de Bom Jardim, no Rio São Francisco.

Os habitantes do povoado são extremamente pobres e aparentam estar grandemente debilitados pelos efeitos das febres intermitentes, ou maleita, evidentemente devido em grande parte a sua dieta pobre e vidas ociosas e dissolutas. Todavia, a despeito de sua possível insalubridade, a admirável situação na junção dos rios navegáveis, Rio Grande e Rio Preto, deve necessariamente, com o correr do tempo, adquirir valor comercial. Mesmo que seja em um futuro distante, haverá um tempo em que suas águas estarão cobertas de embarcações e em suas encostas ecoará o som dos vapores que passam. As margens poderiam facilmente fornecer ancoradouros naturais, pois sempre se encontram remansos fundos ao longo delas, e o rio tem 400 pés de largura.

1. *Boqueirão*, uma brecha ou passagem em uma cadeia de montanhas.

O capitão levou-me à única casa decente do lugar, a do professor, Senhor Rezende, um jovem branco, bem-parecido, da Bahia, mas cuja figura delgada e aspecto melancólico e deprimido formavam um grande contraste com o jovial e troncado capitão. As inevitáveis redes foram logo trazidas e penduradas e serviam ao mesmo tempo de cadeiras, sofá e cama. Depois de uma breve permanência e desjejum, o capitão continuou sua viagem para o distante Tocantins, onde, ao cruzar os áridos tabuleiros da divisa de águas do São Francisco e o Tocantins, terá de viajar durante dias sobre desertos arenosos e sem água, provavelmente a seção mais árida de qualquer parte do Brasil. A barca chegou logo após o pôr-do-sol.

O senhor Rezende não era uma companhia muito animada. Contou-nos que fora mal-informado na Bahia, ou, pelo menos, como a maioria dos brasileiros do litoral, não tinha a mínima idéia da natureza e caráter do "Far West" do Brasil. Recebia uma ninharia do governo para ensinar as crianças daqui; seus alunos eram crianças brancas e branco-amorenadas, pálidas, mirradas e apáticas, de nove a doze anos de idade. Era-lhe absolutamente impossível obter carne fresca a menos que comprasse um bezerro ou um boi, pois seus vizinhos não queriam, ou não podiam, dividir com ele o custo, e ele sozinho não podia fazer face à despesa. Não é de estranhar que o jovem estivesse melancólico e deprimido; havia gasto seu pouco dinheiro com as despesas da viagem de vinda da Bahia e não tinha um vislumbre de esperança de que as coisas melhorassem no futuro; seus vizinhos eram matutos rudes, sem instrução, não possuíam ambição, nem energia, nem vontade nem desejo de nada, a não ser passar os dias dormindo e as noites cantando, dançando e farreando. Dinheiro, eles raramente vêem, para alguns é quase desconhecido; sua alimentação consiste de farinha e peixes do rio, variados com feijão, abóbora, inhame e batatas-doces; possivelmente um vegetariano considerará esta uma excelente alimentação para os trópicos, mas não se adapta a um clima de malária, pois a experiência mostra que uma ausência de alimentos nitrogenados, como toucinho, origina um decréscimo de vitalidade e prepara o corpo para absorver prontamente a malária.²

Habitantes de lugares como o Boqueirão são tão inúteis como se não existissem; não têm nada para vender, ou recursos para comprar; seu pouco esforço é gasto no cultivo de uns poucos legumes, na pesca e na construção de uma palhoça que mal é suficiente para abrigá-los; ela nunca é consertada e, quando a chuva começa a entrar por uma parte do telhado, a rede é transportada para outro canto, até que por fim, quando a palhoça não se sustenta mais, apesar das escoras, uma outra é construída ao lado da primeira. As mulheres fabricam as poucas vestimentas de algodão dos homens, que, como os casebres, nunca são consertadas e são usadas até que os trapos não se

2. Os nativos, especialmente a classe mais pobre, são muito mais sujeitos às febres intermitentes no Brasil do que os europeus recém-chegados.

mantenham mais unidos. Todavia, para piorar, eles são as mais independentes das criaturas, orgulhosas de seu direito de não fazer nada, e exercendo-o com a maior eficiência.

De Barra até a cidade de Campo Largo, no Rio Grande, há 180 milhas de curso perfeitamente navegável, totalmente desimpedido de obstáculos, a velocidade média é de 1 $\frac{1}{3}$ milhas por hora, profundidade mínima de 11 pés na época de seca. Em Campo Largo, o rio tem 325 pés de largura. Além deste ponto o rio ainda é navegável por 80 milhas até a vila de Limoeira, mas mais difícil devido a algumas curvas do rio em que ocorrem pequenas corredeiras. Acima de Limoeira começam as pedras e nem mesmo canoas podem passar em alguns pontos. Seus afluentes são o Rio Preto, mais ou menos navegável por 128 milhas até Formosa; o Rio Branco, com 37 milhas até Jacaré; e o Rio das Ondas, com 8 milhas; conseqüentemente o Rio Grande e seus tributários contêm 433 milhas de curso navegável.³

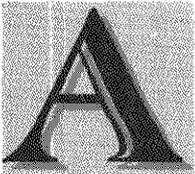
Entre Boqueirão e Barra, a terra forma uma planície larga, arenosa e pantanosa, onde o solo é tão pobre que apenas rudes e áridas variedades de espinheiros e mato conseguem suportar as secas; durante as chuvas, esta área é submetida a inundações de amplo alcance. Ela deve, portanto, permanecer ainda por longo tempo um deserto inabitável. Há poucos habitantes nesta área e estes só ocupam os terrenos altos ocasionais próximos ao rio. Disseram-me que, longe do rio, as áreas do interior são praticamente desabitadas e sem trilhas.

³ Estas notas são tiradas de levantamentos feitos por M. Hatteld.

CAPÍTULO 5

DE BOQUEIRÃO A SANTA RITA

MINHA NOVA TROPA – EU PASSO POR ANTICRISTO – O RIO PRETO – NOVO TIPO DE PAISAGEM – UMA ESPÉCIE DE PARQUE – AVES DO BREJO – UMA PAUSA AO MEIO-DIA – UM ACIDENTE – TAMANDUÁ – UMA FASCINANTE CENA NOTURNA – RODRIGUES, O TROPEIRO – BONS TEMPOS – UMA ÁRVORE DE SABÃO – ESTREITA – UMA FAMÍLIA CASEIRA E CONTENTE – GALINHA D'ÁGUA – UM MOINHO DE MANDIOCA – UMA DANÇA DE BATUQUE – FALTA UMA MULA – INCONTÁVEIS BORBOLETAS – UM POVO PRÓSPERO – LARES BRASILEIROS – SANTA RITA – A RUA – FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS – VÁRIAS ROTAS PARA GOIÁS E TOCANTINS – PERIGOS E DIFICULDADES AMEAÇAM – ENCONTRANDO UMA MULA PERDIDA – OS SANTA-RITENSES – UM DIA DE CHUVA EM SANTA RITA .



Algumas horas da manhã seguinte foram consumidas em arrumar e distribuir a bagagem entre as mulas de carga, alterando e vistoriando os arreios, repondo ferraduras soltas dos animais e preparando-nos cuidadosamente para a viagem e, um pouco antes do meio-dia, partimos.

O grupo compunha-se de Rodrigues, o tropeiro, Bob, o cozinheiro e eu, todos montados em burros; dois garotos negros acompanhavam-nos a pé para guiar as quatro mulas de carga. Meu cão Feroz e Ferro, o vira-lata de Rodrigues, completavam a tropa e, é claro, a macaca, Dona Chiquinha, que tomou seu lugar como de costume no topo da cabeça do burro, agarrando-se a suas longas orelhas com as mãos. O burro não entendeu nada, a princípio, mas logo resignou-se à situação.

As mulas eram animaizinhos pequenos, mas fortes e ativos. Uma delas carregava a barraca, outra, minhas duas malas e a cama portátil, as outras carregavam as provisões, umas poucas roupas de Rodrigues e dos homens, os utensílios de cozinha e algumas latas de pólvora e chumbo.

Rodrigues contou-me um incidente divertido que ocorrera quando ele passou por Caiçara, onde eu tinha esperado pela chegada da barca da primeira vez. Ele parara diante de uma casa para pedir um copo de leite, mas como os moradores estavam todos rezando fervorosamente naquele momento, perguntou por que reza-



*Aves dos brejos:
o jaburu-moleque,
o quem-quem
e a jaçanã.*

vam, já que não era dia santo; informaram-me que um estranho homem branco, acompanhado de um negro, tinha passado por ali naquele dia e que o homem branco, que parecia o Anticristo, chegara àquela terra para escravizar as pessoas e por isto estavam rezando para Nossa Senhora de alguma coisa para protegê-los contra o diabo e todas as suas maquinações. Foi assim que descobri que eu havia sido, pouco generosamente, confundido com o “velho cavalheiro” embora o que eu possa ter feito inadvertidamente para levá-los a conceber essa idéia esteja totalmente além de meu entendimento.

A uma milha de Boqueirão fica a foz do Rio Preto, evidentemente assim chamado por causa da aparência escura da água que, no entanto, é perfeitamente limpa e doce; é um rio profundo de correnteza lenta, de cerca de 150 a 200 pés de largura. Logo que entramos no vale do Rio Preto, a aparência da paisagem tornou-se imensamente diferente das terras baixas do Baixo Rio Grande; era como se o intervalo entre as montanhas do Boqueirão constituísse uma entrada para outra terra. A superfície ainda é plana e arenosa e apresenta poças rasas de água ocasionais, mas o terreno é coberto com uma relva deliciosamente macia e verde; há uma total ausência de cerrado e grupos esparsos de árvores e palmeiras, rodeados de arões e outras flores, pontilham a superfície da grama e criam uma aparência de parque. O rio serpenteia em curvas sinuosas pela terra gramada, suas águas quase no nível da grama; nenhum arbusto retorcido ou sarça silvestre vem atrapalhar com seu crescimento desordenado o cenário limpo e organizado, que parece estar sob os cuidados de caprichosos jardineiros, de tão fresco e livre de desordem; mesmo as poças d'água têm o aspecto de laguinhas artificiais.

Ao longe, do lado direito, a uma milha ou pouco mais, surgem as cristas da cadeia de montanhas do Boqueirão, que gradualmente se afastam da vista, enquanto avançamos vale acima. A não ser por elas, a terra parece ser, em todas as direções, praticamente reta.

A vida animal também é abundante. Papagaios e gaviões gritavam, bandos de periquitos chilreavam em revoada barulhenta de um grupo de árvores para outro e, quando cavalgávamos sobre a areia plana e firme e o suave relvado, muitos outros pássaros apareceram, como as pombas-trocazes cinza-pérola, pombos marrons e numerosas rolinhas castanhas e, em alguns dos belos laguinhas e em suas margens de relva, juncos e plantas aquáticas, havia uma abundância de aves aquáticas, marrecos, galinhas d'água (quase iguais à galinha da charneca do Leicestershire, *Gallinula chloropus*), numerosos quenquéns cinza com listras pretas, que emitem um grito como o de um gato, e a jaçanã gritadeira comum (*Parra Jaçana*), encontrada em todos os pântanos do Brasil. Também avistei um magnífico socó-boi (abetouro),¹ de pé na água, com seu longo pescoço enfiado entre os ombros, e soltando de vez em quando sons

1. *Anas exilis* (L).

como estampidos. Logo tínhamos uma bela sacola cheia de pombos e patos, suficientes para o jantar e o desjejum para todo o pessoal.

Às duas da tarde, quando o calor do sol estava muito forte, e as mulas ainda não adequadamente treinadas, fizemos uma pausa às margens do Rio Preto; um relvado plano como um gramado tratado marginava a beira da água, ornamentado com grupos de delgadas buritiranas, que espelhavam seus contornos graciosos de caules e folhagem nas límpidas e tranqüilas águas escuras, e a vegetação em torno compunha-se ainda de grupos fechados e separados de árvores. Um mergulho e o nado na água fria estavam uma delícia, mas ao sair, sofri um acidente ao bater com o joelho contra os espinhos do tronco submerso de uma árvore; a dor, por vários minutos, foi muito aguda devido aos efeitos do espinho venenoso; meu joelho inchou rapidamente, mas uma aplicação externa de cachaça mitigou-o em parte e mais tarde eu estava pronto para sacolejar de novo, apesar da articulação endurecida e dolorosa.

Às seis da tarde chegamos a Tamanduá, uma casa nova à beira-rio, a treze milhas de Boqueirão. O proprietário nos recebeu calorosamente, trouxe café e leite e cedeu-nos um quarto vazio.

Quando as sombras da noite se aproximam, a paisagem próxima à fazendinha torna-se esplendidamente suave e encantadora. Em torno de nós, e estendendo-se das bordas do rio encrespado até bem distante, há uma larga extensão de campo verde-vivo, pontilhado aqui e ali com lagunhos brilhantes, alguns cercados por numerosas plantas aquáticas em flor, outros por bosquetes de árvores imponentes e delicadas palmeiras; outras moitas cercadas de flores formam grupos isolados na planície aberta ou, nas margens do rio, espelham suas formas nas mornas águas que refletem o sol e formam com sua folhagem um rendilhado contra o céu claro e sem nuvens, azul escuro a leste, cinza-pérola a oeste; grandes sombras movem-se suavemente através do gramado de tons quentes e das águas cintilantes, pássaros gorjeiam seu "boa noite", ou gritos ríspidos soam nos lagos, quando alguma ave aquática se ergue em vôo pesado e toma o caminho de casa; uma brisa gentil de doce perfume balança e faz farfalhar as folhas das palmeiras, cujas palmas brunidas reluzem e rebrilham com cintilações de diamantes aos últimos raios dourados do dia que parte. Que cores havia! É como é vão tentar comunicá-las por meio de palavras àqueles que não tiveram o privilégio de presenciar as delicadas nuances opalinas de um suave crepúsculo tropical.

5 de março – Embora estivéssemos todos de pé ao nascer do dia, já eram quase oito da manhã quando continuamos a marcha. Rodrigues até esta hora reclamava com seus rapazes por sua demora, conferindo-lhes o título de filhos de diversos animais. Ele

podia ter economizado o fôlego porém, pois os outros não davam a mínima atenção ao seu “Billingsgate” e tagarelavam, riam e brincavam com o mais imperturbável bom humor, o que deixava o mais velho furioso e amarelo de bÍlis derramado. Ele é um sujeito nervoso e irritável, e temo que me traga problemas se toparmos com quaisquer dificuldades em nossa marcha através de Goiás, pois não adianta se incomodar com bagatelas em uma viagem pelo Brasil. “Paciência” é o lema para todos os viajantes, e mesmo para os moradores, nesta terra de constantes aborrecimentos.

O terreno percorrido naquela manhã continuava a apresentar a aparência de um parque plano. O chão da estrada era de areia firme e seca, e tão inteiramente livre de obstáculos que era um verdadeiro prazer viajar. Pelo caminho, mais alguns patos e pombos foram abatidos para fornecer um excelente desjejum na parada do meio-dia.

Depois de uma cavalgada de doze milhas, descansamos sobre um barranco musgoso, sob os ramos amplos de uma imensa mimosa à beira-rio; um descanso bem-vindo, pois minhas pernas estavam muito endurecidas e doloridas; a não ser por isto, esses piqueniques eram deliciosos. Tal “diversão pra valer” não se tem com freqüência quando se explora o interior do Brasil. Tínhamos tudo que um viajante podia desejar: água fresca ao longo da estrada, tempo ótimo, excelente terreno para se trilhar, pasto para os animais, abundância de aves pelo caminho e peixes no rio.

O rio é, em geral, cercado por numerosas árvores de grande porte. Uma variedade produz um fruto como a baga espinhosa da mamona; outra dá uma fruta grande, castanha e redonda, mais ou menos do tamanho de uma maçã grande; a primeira fornece mais óleo do que a mamona, e da última² se faz um excelente sabão vegetal.

Um longo, escaldante, mas agradável percurso à tarde, através de uma paisagem aberta, plana e sem casas, por pequenos cinturões de matas e por muitos lagos de água cristalina, nos levou, ao pôr-do-sol, até Estreita, a 36 milhas de Boqueirão, uma pequena estação de gado ao lado de uma pitoresca mata e próxima ao rio. O fazendeiro, um homem simples, vestido de couro, ofereceu-nos um cômodo vazio e nos forneceu leite, ovos, queijo e aves. Ele disse que nunca estivera em lugar nenhum, exceto na cidade vizinha de Santa Rita, 28 milhas adiante, e, mesmo assim, só fazia esse trajeto uma vez por ano. Não tinha nenhuma idéia do mundo exterior; para ele Santa Rita era a perfeita imagem de uma cidade grande. Era trabalhador e próspero, contente da vida e, portanto, provavelmente tão feliz quanto qualquer mortal pode ter a esperança de ser neste vale de lágrimas. Sua esposa era uma parda viçosa e bem disposta, mãe de sete rapazes robustos, todos vestidos de couro, que ajudavam seu pai em seu trabalho de criação de gado. Era realmente um quadro de felicidade rural; que diferença das pessoas miseráveis do baixo Rio Grande; no entanto, nenhum membro da família tinha a menor idéia do

2. *Sapindus saponaria*. Uma árvore produz diversos alqueires de um fruto que contém uma grande quantidade de matéria saponácea.

alfabeto. O velho disse que seu pai sempre vivera muito bem sem ler e escrever, e, do mesmo modo, ele e sua velha, e não via por que seus filhos deveriam se amolar com isso.

Levar ambição e descontentamento a um lar desses seria um erro imperdoável. Como todos os camponeses, bons, maus e indiferentes, também estes eram altamente religiosos, à sua maneira. Muitas estampas de santos em cores berrantes estavam pregadas nas paredes caiadas e, em um canto de sua sala principal, havia uma boneca vestida de forma espalhafatosa, com uma enorme coroa de ouropel na cabeça representando uma “Nossa Senhora” de alguma coisa. Em volta da imagem, pendiam diversas tiras de fita fina colorida, que tinham sido abençoadas pelo padre de Santa Rita e serviam como específico contra a maioria das doenças, inclusive o diabo e todas as suas obras.

6 de março – O percurso da manhã atalhou uma longa curva do rio, de 6 ou 8 milhas, e, embora tenhamos por isto deixado suas margens imediatas, a região ainda mostrava as mesmas características comuns a este vale. Ocasionalmente, através de alguma das áreas mais abertas à nossa direita, podiam-se vislumbrar as distantes terras altas da divisa entre este vale e as cabeceiras dos rios da bacia do Paranaguá, na Província do Piauí.

Ao pôr-do-sol, chegamos a outra fazenda em Galinha d’Água, a cinqüenta e seis milhas de Boqueirão. O lugar era carregado dos odores desagradáveis peculiares a um moinho e recipiente de secagem de mandioca, originários do processo de extração do ácido prússico contido nas raízes. O cheiro, como o de manteiga grosseira rançosa, servia para atrair um volumoso exército de mosquitos. Portanto fomos procurar, e encontramos, um lugar mais tranqüilo para acampar um pouco adiante, em uma clareira gramada e bem irrigada.

À noite, os sons do drão-drão de uma viola, vindos de uma fazenda próxima, criavam uma atração irresistível para os homens que, num piscar de olhos, desapareceram do acampamento. Mais tarde, Rodrigues e eu nos encaminhamos para o local da farra, onde descobrimos nossos subordinados em plena faina, dançando com os moradores homens da fazenda, enquanto as mulheres se amontoavam nas portas e espiavam por cima dos ombros umas das outras. Nossa chegada fê-las desatar em risotas, como fazem as moçoilas do interior, e, depois de deliberarem em cochichos, debandaram ruidosamente para o interior da casa.

Estas danças já foram descritas aqui, com as canções rústicas que as acompanham, cantadas em notas agudas, de elocução rápida, o monótono drão-drão das violas, e o ritmo regular dos pés que batem ou se arrastam. Mas queríamos que os homens estivessem frescos para o trabalho no dia seguinte e eles tiveram de pôr fim ao seu

divertimento e ir para a cama no galpão aberto, fedorento e infestado de mosquitos do moinho, mas seus couros são duros e os mosquitos provavelmente morrem envenenados quando picam um negro suado.

7 de março – Nossa intenção era partir cedo, mas que azar! Quando os rapazes chegaram, anunciaram que duas mulas estavam desaparecidas. Rodrigues, depois de berrar uma saraivada de imprecações, chamando os rapazes de “cabras d’inferno”, etc., montou em uma mula e saiu em busca das desaparecidas. Longas horas se passaram esperando sua volta, até perto do meio-dia, quando ele retornou, com uma expressão muito desanimada. Não obtivera nenhuma pista dos animais perdidos e temia que eles tivessem sido roubados, já que um notório ladrão de cavalos, João da Cruz, passara por ali no dia anterior.

Cansado da demora da espera, segui para Santa Rita, a 16 milhas de distância, acompanhado por Bob e uma mula de carga.

A cavalgada daquela tarde trouxe uma mudança na natureza da região, pois o terreno é mais ondulado e mais coberto de matas, com numerosos riachinhos e lagos rasos nas depressões. Em cada um desses riachinhos e lagos reuniam-se nuvens de incontáveis borboletas, que pontilhavam o chão como as margaridas da primavera; à nossa aproximação elas se erguiam do chão em grandes bandos, adejando e faiscando suas cores variadas: azul-escuro, azul-claro, marrom, rosa, vermelho-vivo, amarelo e branco. As águas dos lagos também fervilhavam e ressoavam com a numerosa fauna aquática comum aos brejos do Brasil, cujas espécies já mencionei em capítulos anteriores. Muitas fazendas e habitações foram avistadas pelo caminho, Boa Vista, Boca da Catinga e outras, todas aparentando um certo ar de prosperidade e conforto rurais brasileiros.

A palavra conforto deve, no entanto, ser tomada com restrições, pois, de um ponto de vista inglês, esta qualidade tão desejável raramente existe entre os brasileiros, seja na costa ou no interior, sua principal idéia de conforto sendo refestelar-se em *déshabillé* extremo, vestidos com um roupão velho (quanto mais velho, melhor), ceroulas e chinelos muito gastos, e balançar-se em uma rede ou cadeira de balanço em uma varanda; em volta, a poeira e a desordem podem reinar soberanas e despercebidas; poder “ficar a seu gosto” é o desiderato (e, todavia, há uma sabedoria latente neste gosto, pois as rédeas firmes do severo decoro e da respeitabilidade algumas vezes irritarão aqueles entre nós que tiveram o privilégio de respirar a atmosfera pura e desimpedida da informalidade, em lugares muito além do alcance de Mrs. Grundy* e dos cartolas de chaminé). Estas observações não se aplicam tanto às moradias fantasiosas das classes ricas das principais cidades litorâneas, onde tantas vezes se encontra uma combinação de luxo e mau gosto;

* Mrs. Grundy, que passou a ser o símbolo do decoro e convenções sociais britânicos, é constantemente mencionada na peça *Speed the Plough*, de T. Morton (1748), mas nunca aparece em cena (N.T.).

refiro-me especialmente a fazendeiros e classes similares do interior; para eles “cosyness” ou “snugnness” [aconchego, comodidade] são termos inexplicáveis, e com a palavra “home” [lar], não há compostos em sua língua que realmente correspondam a eles.

A primeira indicação da proximidade da cidade de Santa Rita é um cemitério de muros de barro ao lado de um laguinho raso; sobre seu portão de entrada algumas tentativas rústicas de ornamentação em pedra aparecem; depois o grande edifício da ampla igreja nova de “Rosário de Santa Rita” surge à vista e nos leva a uma rua longa, larga, tortuosa, arenosa e invadida pelo capim, margeada por casas de diversas formas e tamanhos, algumas de pau-a-pique, outras mais pretensiosas de paredes caiadas, portas e janelas coloridas e cobertura de telhas.

Ao perguntar pela residência do Promotor Público, Dr. Luís Baptista de Souza, para o qual eu tinha cartas de apresentação de meus amigos de Barra, indicaram-me uma das melhores casas, onde encontrei este cavalheiro dormindo em uma rede, vestido com um roupão e chinelos. Quando acordou e deu comigo a desculpar-me por uma aparente intrusão – (eu tinha sido levado ao aposento por um garoto negro) – ele desapareceu, incontinenti, com um “com licença”, e minha carta, em direção a um cômodo vizinho. Logo voltou, vestido na última “moda da Bahia”, casaco e colete pretos, calças brancas, camisa, colarinho e sapatos de couro; foi de fato uma visão inesperada neste sertão semibárbaro. Recebeu-me com um sorriso e cordiais boas-vindas e mandou que levassem minhas malas para um quarto adjacente. Suas maneiras eram as da maioria dos brasileiros educados, quando eles resolvem assumi-las: corteses e sociáveis. Ele era um jovem branco de boa aparência, de cerca de vinte e seis anos de idade; seu rosto oval bem delineado, belos olhos escuros, traços bem feitos e pesado bigode preto seriam apropriados para típico herói de um romance em três volumes. Seu irmão, Senhor Francisco, chegou logo após e também foi logo se fazendo íntimo. Meu paletó e botas de cavalgar foram removidos em seguida, por ordem de meus novos amigos e sua “pintura de guerra”, temporariamente assumida, foi logo re-substituída por roupões e chinelos; as mesmas vestimentas confortáveis foram trazidas para meu uso, uma rede foi pendurada para mim, um refresco de cachaça, limão, açúcar e água preparado para meu conforto, e eu fui instruído para “ficar a meu gosto” e informado de que “a casa está às suas ordens” e esperavam que eu não estivesse com pressa de partir.

Assim, deitados em nossas respectivas redes, conversamos sobre nossos amigos da Cidade da Barra, sobre a viagem que eu pretendia fazer, seu objetivo e a melhor maneira de obter informações a esse respeito.

Realmente, após as fadigas da jornada, encontrar sujeitos tão simpáticos e uma recepção tão franca era muito compensador. Um banho, depois o jantar, de novo sobre

uma toalha de mesa branca, faziam você se sentir um cristão de verdade.

A cidade consiste em uma longa rua de casas e casebres (paralela ao curso do rio) e uns poucos casebres espalhados no fundo, perto do campo. A igreja, como quase todas as outras no sertão, tinha sido começada há muitos anos atrás em uma escala pretensiosa demais, tanto em tamanho quanto em estilo e, como consequência natural, seu término foi impossibilitado pela falta de fundos.

É uma estrutura grande, nua e feia, de 96 pés por 60 pés. Suas paredes são feitas de brita sem reboco, sua cobertura é de telhas, seu chão de tijolos e seu espalhafatoso altar resplende de ouropéis, douração e tecidos berrantes. Embora ela seja consagrada, e missas sejam celebradas em seu interior todo domingo e dia santo, provavelmente se passarão anos e anos antes que ela seja terminada, e ainda bem, pois tal desperdício não pode merecer senão desaprovação em uma região tão pobre, onde tanto falta para o bem-estar comum.

A cidade é situada a uma distância considerável do rio e separada dele por uma extensa planície baixa e pantanosa, cruzada por um canal que sai do rio e passa pelo fundo dos quintais das casas do lado sul da rua.

Ao longo dos cais naturais do canal, havia duas barcas e três balsas sendo carregadas com feijão, milho, couros, e rapadura para exportação para a Cidade de Barra. A presença dessas embarcações era uma prova suficientemente boa da navegabilidade do Rio Preto até este ponto.

O piloto de uma das barcas contou que tinha trazido sua carga na maior parte de Formosa, rio acima, uma extensão do rio que é bem navegável, exceto na seca, quando algumas “pancadas” (pequenas corredeiras) apareciam em lugares abaixo daquele vilarejo.

As cercanias produzem couros, carne seca, milho, feijão, arroz, rapadura e farinha, mas a criação de gado é a ocupação principal.

Há uns poucos armazéns bem fornidos na cidade, onde se encontram cerveja de Tennant, biscoitos de Huntley e Palmer, fósforos suíços, sal pirético, remédios patenteados americanos e franceses, ferragem de Birmingham e Sheffield, porcelana de Staffordshire e mercadorias de Manchester, cujos estampados de algodão e xales exibem alegremente as cores mais vistosas que o estampador poderia usar, estampas grossas de goma e feitas de péssimo material.

Embora haja uma aparência de prosperidade relativa na cidadezinha, suas ruas são tão pouco movimentadas quanto as de um lugarejo provinciano inglês em dia de chuva. Olhando a longa rua, vejo apenas um cavalo de carga esperando, desanimado e desesperançado, diante da porta de uma venda, por seu dono; outro sobe a rua com um carregamento de bananas, milho, e rudes bilhas de cerâmica nativa, seguido por

seu dono moreno em camisa de algodão, ceroulas e chapéu-de-palha; duas ou três negras com xales vistosos azuis ou vermelhos, tagarelando em uma porta; uns poucos homens ociosos em outras portas; uns poucos cachorros famintos e um porco solto; algumas cabeças olhando das janelas, e umas poucas mulheres sentadas em degraus de portas fazendo renda de bilros.

Que lugar desanimador deve ser este para um homem educado passar os melhores dias de sua vida, homens como meus amigos e o Juiz de Direito e outros funcionários públicos, homens que não têm um passatempo para ocupar sua atenção, nenhum interesse na região que o cerca, seja botânico, zoológico, geológico ou artístico; nenhum livro ou periódicos, e muito pouco trabalho para fazer. Suas vidas são passadas, na maior parte do tempo, em suas redes, dormindo, fumando, conversando; suas diversões são cavalgar, caçar um pouco, jogar gamão, etc.: suas ocupações oficiais, mesmo com toda a burocracia brasileira, ocupam apenas uma mera fração de seu tempo. Por sorte, sua criação e disposição lhes permite suportar com equanimidade uma vida que, para um europeu ativo, seria intolerável.

Visitei o juiz de direito,³ dr. D., a quem entreguei uma carta de apresentação. Encontrei este senhor *en déshabillé*, deitado, é claro, em uma rede, pendurada em uma sala de estar de piso de tijolos, mobiliada com um sofá de palhinha e as inevitáveis duas cadeiras de palhinha colocadas em ângulo reto com relação ao sofá de cada lado, um tapetinho diante dele, escarradeiras de porcelana no chão, mais umas cadeiras de palhinha, duas mesas, umas jarras de vidro e uma pequena biblioteca de livros de direito e obras francesas. O doutor estava evidentemente sofrendo a influência depressiva de sua vida monótona, pois levantou-se cansadamente e, bocejando, pediu que eu me sentasse e me pusesse “a meu gosto” enquanto lia minha carta. “Sim, Senhor! qualquer coisa que eu puder fazer pelo senhor será um prazer; estou às suas ordens.” Tendo dito isto, ele voltou à sua inatividade e à sua rede, pensando, evidentemente, que tinha feito tudo o que era necessário. Em resposta a diversas perguntas sobre diversas questões, ele apenas bocejava com desalento e dizia que não sabia nada a respeito, mas sugeriu um ou dois homens na cidade que poderiam fornecer informações. Achei melhor liberar o doutor de minha perturbadora presença e incômodas e desinteressantes indagações, e assim despedi-me. Seu adeus foi acompanhado de um evidente suspiro de alívio por minha partida.

Mais tarde, com ajuda de meus dois amigos, consegui coligir o seguinte: uma trilha leva de Santa Rita a Carolina, através das províncias do Maranhão e do Piauí, mas é raramente usada e repleta de dificuldades. A vinte e oito ou trinta milhas da cidade, ela sobe as encostas precipitosas de um tabuleiro, conhecido como serra do

3. O juiz das sessões municipais.

Tipi (a divisão entre o vale do Rio Preto e o dos rios do Piauí), uma ramificação da qual se estende em forma de cadeia até o Boqueirão, perto da boca do Rio Preto. Este tabuleiro forma parte da divisória de águas nordestina do Brasil.

Um certo tenente Moraes concebeu, há muito tempo atrás, a idéia de fazer um canal entre o Rio Preto e os rios da bacia do Paraguai, com o objetivo de diminuir os efeitos das grandes secas que freqüentemente ocorrem nas províncias do norte, onde o governo gastou recentemente cerca de £20.000 em tentativas malogradas de construir grandes reservatórios no Ceará. O custo de fazer o Rio Preto atravessar as serras divisórias seria provavelmente suficiente para comprar todo o Ceará .

Há uma boa estrada que sobe o Rio Preto, e também o Rio Grande, mas além de suas nascentes há uma descida precipitosa para as terras mais baixas da província de Goiás. Em ambos os casos, há notícias de uma travessia⁴ árida por gerais ou tabuleiros secos e arenosos, que dura dois dias. O Rio do Sapão, um tributário do Preto, era inexplorado, e a localização do Rio do Sono, desconhecida. Para não fatigar o leitor com meus raciocínios, cheguei por fim à conclusão de que o Sapão não apenas me daria uma boa passagem para Goiás, mas também seria um trajeto mais direto e provavelmente levaria para o vale do Sono, e decidi explorar esta rota.

Havia notícias de que índios tapuias⁵ nômades e hostis freqüentavam aquela região e tinham várias vezes atacado os lares nos limites das áreas inexploradas. Quando meus informantes souberam de minha decisão, fui fortemente dissuadido de tentar o que eles chamavam de perigosa empresa, a menos que acompanhado por uma grande escolta armada e uma caravana de provisões e água, ou era certo que pereceria. Meus informantes desfiaram um verdadeiro coro dos muitos perigos e riscos em que eu necessariamente incorreria. "Tapuias brabos, quilombos, bichos, sucuriús", inanição, febres e floresta impenetrável, ou pradarias impossíveis de atravessar, montanhas e pântanos. Confesso que era uma epítome tão completa quanto possível dos perigos prováveis a que um viajante pode se expor no Brasil. Como, no entanto, meus informantes não tinham nenhum conhecimento real em que basear seus temores, as áreas sendo totalmente desconhecidas, estas inconveniências só existiam na habitual imaginação fértil com que o camponês brasileiro gosta tanto de conceber os lugares que não lhe são familiares.

À tarde, Rodrigues chegou com as mulas fujonas e o resto da tropa. Ele enfrentara uma longa e cansativa busca por elas naquela região pouco povoada e só bem tarde, no dia seguinte, conseguira encontrá-las, a dezesseis milhas para trás de onde havíamos acampado, pastando com um grupo de éguas.

É somente seguindo pacientemente os rastros de uma fugitiva no campo aberto

4. Esta palavra é derivada de *travessa*, uma passagem, e é usada no Brasil para designar uma viagem de um ou mais dias por terras áridas, sem água nem pastagens.

5. "Tapuia" é o nome de uma das principais raças de índios aborígenes.

que se tem alguma chance de encontrá-la, e, para este trabalho, um tropeiro experiente é maravilhosamente capacitado, seguindo um indício aqui e outro ali, reconhecendo algum tamanho ou forma peculiar dos cascos da desaparecida, ou detectando os quase invisíveis rastros sobre o capim rasteiro; eles quase possuem os maravilhosos dons dos índios para essa tarefa.

Uma caminhada à noite mostrou a rua um pouco mais animada, pois muitas famílias estavam sentadas em cadeiras na calçada, diante de suas casas, às quais meus amigos me apresentaram uma a uma. Eu era sempre bem recebido, sendo servidos sempre, naturalmente, café e doces – fiquei verdadeiramente impregnado de café naquela noite. Muitos dos homens já sabiam de tudo a meu respeito – nome, idade, salário, ocupação, casado ou não –; quanto às questões sobre as quais não estavam informados, apelavam para a imaginação. Meu salário era o ponto de discussão favorito, que me pediam repetidamente para nomear com precisão, era evidentemente inexplicável para eles por que eu me desviava da pergunta; minhas reticências eram tidas como uma das “esquisitices desses ingleses”. As loquazes senhoras idosas passavam a apreciar-me mais quando eu lhes informava que tínhamos igrejas em nosso país e que eu era um cristão e não um pagão. Quanto às jovens, muitas das quais eram muito bonitas e até mesmo brancas, era impossível aproximar-me delas; um olhar tímido, um cochicho com sua amiga mais próxima, e um riso convulsivo, era a resposta invariável a minhas observações. Em uma ocasião, o pai de uma das garotas pediu-lhe: “Canta um pouco”. Mariquinha, é claro, obedeceu imediatamente, e buscou sua viola, brindando-nos com um agudíssimo e nasal “canto à moda” de furar os tímpanos, que foi ouvido por seus amigos e vizinhos com vivo prazer. Imagine uma moça dessas com “*Candle lecture power*”* – é de se estremecer com impulsos suicidas.

9 de março – Na manhã seguinte, pesadas nuvens pretas obscureciam o sol e o céu, um calor abafado e um vento baixo e gemebundo anunciavam um dia de chuva pesada e, logo depois do nascer do sol, grandes gotas caíram, seguidas por uma rajada de vento frio, um estrondo de trovão, e a chuva imediatamente passou a trabalhar com afinco; choveu longa e pesadamente até a tarde, quando a tempestade terminou com chuveiros ocasionais. Se a cidade apresentava uma aparência tediosa e sem vida à luz do sol, imaginem que lugar deserto ela se tornou em um dia de chuva constante; não se via uma alma nas ruas inundadas, portas e janelas estavam quase todas fechadas, só as lojas abertas mostravam um ser humano, tremendo ao ar úmido, e o vendedor fumando um cigarro, com os cotovelos apoiados no balcão, o olhar vazio pousado na rua.

* Literalmente, poder de sermão de Caudle. Mrs. Caudle é protagonista de *Mrs. Caudle's Certain Lectures*, de D.W. Jerrold (1846), uma esposa rabugenta que, na hora de dormir, atormenta o marido com sermões (N.T.).

CAPÍTULO 6

DE SANTA RITA A FORMOSA

O SENHOR FRANCISCO – UMA PLANTA MEDICINAL PARA A HIDROPISIA – MATAS – PEIXE – FAZENDEIROS DE GADO – DONA CHIQUINHA E AS MUTUCAS – A TSÉ-TSÉ BRASILEIRA – UM CAVALHEIRO DE INDÚSTRIA – UM JOGADOR BEM-SUCEDIDO – UM RESFRIADO NOS TRÓPICOS – UM SOLO RICO – NA FLORESTA – UM BURRO CANSADO – FERROZ ATACADO – VINGANÇA IMEDIATA – FORMOSA – UM AMIGO NA NECESSIDADE – INTRUSOS – UMA ESTAÇÃO CHUVOSA – O VERDEJANTE ARRAIAL DE FORMOSA – UMA BONITA RIBEIRA – O TÊDIO DA DEMORA – UM FAZENDEIRO PRÓSPERO – INDOLÊNCIA DOS NATIVOS – DUVIDOSA PROPRIEDADE DA TERRA – O DESCONHECIDO SAPÃO – PREPARAÇÕES PARA ADENTRAR AS TERRAS SELVAGENS – UM VALE CULTIVADO – MORTE DE DONA CHIQUINHA – UM VELÓRIO BRASILEIRO – UM LEATHER LEGGINGS BRASILEIRO – O TIMORATO RODRIGUES – SINAIS DE TEMPO BOM – UMA MANHÃ DE CAÇADA.

10 de março – Novamente a chuva matinal impediu uma partida antes do meio-dia. O Senhor Francisco acompanhava-me, pois tinha alguns negócios a tratar rio acima.

Depois que saímos de Santa Rita, a região assume uma aparência totalmente diferente do que apresenta do outro lado da cidade. O terreno é mais ondulado e o solo, argila vermelha, é muito mais fértil e coberto com extensas matas de segunda vegetação, contendo ocasionalmente alguma madeira de ótima qualidade. Mostraram-me um cipó conhecido pelo nome de “costela de galinha”, como um maravilhoso específico para o tratamento de certas formas de hidropisia; há também grandes quantidades de erva doce (anis) silvestre.

Durante o percurso, o rio freqüentemente aparecia à vista; sua correnteza era perceptivelmente mais forte, mas não o suficiente para impedir a navegação. No fim da tarde, a trilha passava por terreno mais plano e pantanoso e, ao pôr-do-sol, o acampamento foi levantado ao lado de um grande brejo, ou melhor, de terras baixas inundadas pela chuva precedente. Ali perto havia uma palhoça, a única habitação que tínhamos visto no caminho, embora muitas trilhas se desviassem da estrada para várias fazendas e habitações situadas a maior distância do rio.

11 de março – Uma longa cavalgada por uma longa solidão de matas, morros e vales e por muitos riachinhos transbordantes levou-nos, à noite, a Peixe, um pequeno agrupamento de cinco habitações.



Matas do vale do Rio Preto nas proximidades de Formosa.

No dia seguinte atravessamos uma região similar, mas um pouco mais aberta. Acampamos à noite em Morrinho, a 124 milhas de Boqueirão.

Embora o solo dessas áreas seja excelente, a agricultura é quase nula, a ocupação favorita sendo a criação de gado. Mas estas pastagens em meio a matas são infestadas por uma grande praga, a "tsé-tsé" brasileira, a mutuca;¹ o gado se ajunta em um grupo bem unido para abanarem uns aos outros com os rabos durante o dia e, só à noite, quando as moscas desaparecem, é que eles podem pastar; a mosca tira sangue onde quer que morda. As orelhas, pescoços e lombos das mulas estavam cobertos de moscas, e fios de sangue apareciam onde quer que elas pousassem. O meu burro tinha a sorte de ter Dona Chiquinha, a macaca, em sua cabeça, pois ela se divertia visivelmente esmagando as moscas onde quer que elas pousassem ao seu alcance; era engraçadíssimo vê-la: às vezes, ela se pendurava pela cauda preênsil em volta das orelhas do burro e abaixava-se para tirar as moscas da cara e narinas, e depois atravessava para o outro lado para fazer o mesmo; o burro parecia dar valor à gentileza dela, pois mantinha a orelha na qual ela estava pendurada perfeitamente ereta, para ajudá-la da melhor maneira; formara-se evidentemente uma amizade entre os dois animais. Felizmente para nós, as moscas parecem não atacar seres humanos, senão teríamos passado um bom aperto. Na aparência, elas lembram um pouco a mosca doméstica, só que os corpos são pretos e um pouco maiores e as extremidades das asas parecem ter sido podadas com um par de tesouras.

Logo após termos acampado, um homem branco chegou com uma tropa de cavalos; estava montado em uma esplêndida mula, que tilintava sininhos de prata pendurados nos arreios, profusamente enfeitados com remates de prata. Ele avançou rapidamente em equipado veloz na direção do acampamento e estancou de repente à cavaleira, forçando o garboso animal a empinar. Era um sujeito bem-parecido e selvagem, a própria imagem romântica do cavaleiro. Um largo chapéu Panamá, elegantemente tombado para o lado, sombreava um rosto alerta, oval, branco queimado de sol, com um nariz aquilino, longas sobrancelhas pretas e retas, grandes olhos escuros faiscantes de malícia, uma pequena mas firme boca coberta por um bigode intensamente negro, uma barba preta curta, aparada e orelhas pequenas. Longos cabelos negros ondulados emolduravam sua cabeça bem feita; em torno do pescoço, estava preso um poncho azul, com uma dobra jogada por cima do ombro, o suficiente para mostrar sua figura ágil e flexível. Paletó, calça e camisa de corte e tecido europeus, longas botas amarelas, com enormes esporas de prata, um chicote de montaria pesadamente encastado, pistolas engastadas em prata nos coldres, pano de sela de pele de onça. Sim, senhor! um dos vilões do capitão Mayne Reid em carne e osso; é

1. *Hadrus lepidotus*

uma pena que ele usasse um paletó simples, pois senti falta da banda vermelha, da jaqueta e colete engalanados, as largas calças franjadas e os demais "acessórios". Naturalmente, eu não poderia deixar de convidar uma pessoa tão distinta a apegar e entrar em minha barraca. Ele desmontou imediatamente e veio até mim com um ar desenvolto e à vontade, a mão estendida. Meu cachorro evidentemente suspeitava dele, pois, depois de boa cheirada em suas pernas, soltou um grunhido baixo e raivoso, como Feroz só faz quando está disposto a uma mordida; ele foi gentilmente admoestado com um pontapé para se comportar e deitou-se imediatamente, mas sempre de olho no nosso visitante, e balançando a cauda ameaçadoramente.

O estranho contou que viera cumprimentar os companheiros viajantes; cumprimentamo-nos mutuamente com uma mesura e convidoo para nossa rústica refeição, que estava sendo posta na mesa de jantar, ou seja, sobre uma de minhas malas. Estávamos todos famintos, e não perdemos mais tempo com palavras ou cumprimentos até que a toalha, não, os pratos fossem removidos, e o vinho (cachaça) fosse trazido à mesa e os cigarros acendidos; depois o estranho abriu fogo com perguntas inquisitivas, como de costume, e, quase sem esperar pelas respostas, passou a informar-nos sobre seus próprios negócios. Ele viera da Vila da Palma no Tocantins, que afirmou ficar a 360 milhas de distância, descera o vale do Rio Preto, e estava voltando a sua terra nativa, Juazeiro, no baixo São Francisco, distante outras 360 milhas. Seu propósito ostensivo ao viajar até Palma tinha sido comprar cavalos; mas, como ele disse com uma risada, "o povo de lá, por sorte, era muito amante do jogo, e como eu jogo um pouco, consegui meus cavalos de graça, além de limpar o dinheiro da vizinhança inteira, cerca de seis contos de réis (£600)." Olhei para sua fisionomia finória e atrevida, seu corpo ágil e musculoso e imaginei que os pobres camponeses enganados teriam tido poucas chances contra um trapaceiro dessa laia, que encontrariam pronto para uma briga. "Você já fez muitas viagens deste tipo?" perguntei. "Oh! Esta é minha vida, eu vou onde quer que haja cavalos e dinheiro e permaneço lá até que eles sejam meus." "Enfrentou muitas brigas?" "Muitas." "Já matou alguém?" "Alguns". "Vamos fazer um jogozinho, só para passar o tempo", disse ele. "Meu amigo, eu não tenho nem contos de réis, nem cavalos para perder, nem pretendo ser incluído em seus 'alguns'".

Tirando o desconto da fanfarronice, esse sujeito era evidentemente um jogador profissional de sucesso, em outras palavras, um trapaceiro, e sua vida deve necessariamente tê-lo metido em muitas brigas; e nestas ocasiões, é como nos velhos tempos da Califórnia, quem é mais esperto mata, mas, em vez de um revólver, aqui se usa a faca de ponta.

Provavelmente, havia uma boa parcela de verdade em sua cínica afirmação de

que enfrentara muitas brigas com finais fatais, já que a jogatina e o “amor” são algumas das principais causas do uso freqüente da faca no Brasil; caso em que, especialmente no interior, um homem não é mais socialmente condenado por seus conterrâneos por matar, do que seria na Inglaterra se tivesse açoitado um inimigo. Todavia, com uma moralidade tão relaxada, não existe país mais seguro no globo do que o Brasil para um viajante, se ele tiver simplesmente a cortesia mais trivial e evitar o vinho, as intrigas, a política e o jogo. Estando entre brasileiros, torna-se necessário julgar suas falhas mais do seu ponto de vista do que pelo padrão inglês. Sem dúvida, a consciência do cavaleiro está tão tranqüila quanto a de um índio depois de escarpelar um inimigo.

Antes de partir, o cavaleiro confirmou as notícias que eu tivera em Santa Rita, sobre a descida íngreme de Goiás para as terras altas da divisa; contou-me ainda que viajara nove dias sem passar por uma única habitação, mas encontrara em toda parte caça abundante, veados, caititus, antas, onças, perdizes, etc. Não há água nos tabuleiros, só nos vales. Por fim, nosso amigo levantou-se, despediu-se e desejou-nos boa viagem.

13 de março – Esta manhã o senhor Francisco deixou-me para seguir outro caminho. O cavaleiro tornou a visitar-nos cedo, mas eu me escusei de recebê-lo, alegando um resfriado febril, e ele se foi.

Levantei-me, de fato, com um resfriado forte que a chuva da manhã não ajudou a melhorar. *Um resfriado não é agradável em lugar nenhum, mas nos trópicos é sempre especialmente ruim e tende a se agravar, produzindo, muitas vezes, febre intermitente.*

Durante todo o dia atravessamos magníficas florestas sobre morros, uma terra que produziria com exuberância todas as plantas tropicais. A cana-de-açúcar permite a colheita, ano após ano, sem replante, por dez anos ou mais. O rio corre por um vale profundo e estreito, serpenteando entre precipícios cobertos de matas, cujos lados descem diretamente para a beira da água, sempre forrados de densa floresta. Alguns destes vales enflorestados eram extremamente pitorescos: o céu azul refletido na superfície do rio que coleia em torno das bases das encostas de vegetação verde-escura, onde as árvores são cada uma diferente de sua vizinha, algumas erguendo-se acima de suas companheiras e espalhando-se como um imenso guarda-chuva de folhagem verde-escura; altos troncos cinza-claros, azuis, acamurçados e marrons, retos como um poste, destacam-se com clareza contra o fundo escuro e sombreado de cipós emaranhados e folhagem; a imbaúba de folhas prateadas e tronco esguio e alto, a begônia púrpura ou dourada, o pau d'arco, são conspícuos tanto pela quantidade como por suas cores; árvores que possuem as características mais notáveis de todas as florestas, desde o Rio de Janeiro até aqui.

Parei por um momento para contemplar uma abertura na floresta, como uma moldura de folhas, dando para as águas iluminadas do rio lá embaixo no vale sinuoso, o clarão brilhante em forte contraste com a profunda sombra do interior da floresta, que ressoava com o zumbido constante dos insetos, tais como as notas agudas de mosquitos azul-metálicos, o zumbido de um besouro tonto trombando cegamente em uma árvore, e o assovio monótono das muitas cigarras, todos se misturando melodiosamente ao borbulhar distante do rio quando passa pelos galhos pendentes das árvores e quando um martimpescador azul mergulha como uma jóia faiscante dentro d'água, de um galho avançado e murcho, coberto de bromélias carmesins, trepadeiras, orquídeas, musgos e cipós pendentes, fazendo balançar na brisa suave um ninho de japim.² Uma cigarra aguda, penetrante, bem próxima, de repente assusta a gente como um escape repentino de vapor de uma máquina e atrai nossos olhos para o labirinto circundante de enormes troncos arqueados, pontilhados de líquens e musgo; os cipós, entrançados, caindo como cordas, festonados, enrolados sobre o chão ou envolvendo os troncos como imensas cobras; arbustos que lembram murta; os longos troncos das árvores novas lutando para alcançar a luz do sol; samambaias gigantes e palmeiras esguias; as borboletas flutuantes como manchas escarlates na luz sombreada, o leve odor combinado de especiarias, musgo e folhas úmidas em decomposição. É tudo a mesma floresta que se vê em toda parte, só variando nos detalhes, pois a cada passo ela é outra.

As vozes dos homens, tocando as mulas pela subida atravancada de raízes, despertam-me de uma sensação de sonho. "Ô! Diamante!" "Ô! Baronesa!" "Ora! mula do diabo." A última exclamação é proferida enquanto uma mula luta para passar por entre as brechas de uma rede de raízes na vereda estreita. Quando os animais chegam, suas barrigas ofegantes, as narinas distendidas e os flancos escorrendo de suor, mostram os efeitos da escalada pela íngreme subida dificultada pelas cavidades profundas lavadas pela chuva dos interstícios entre as raízes de árvores, grandes e pequenas, que estorvam tão densamente o caminho.

A mula que carrega a barraca está quase no fim de suas forças, como fica claro por suas pernas trêmulas, cabeça baixa e orelhas caídas, que já não se erguem, nem se viram, alertas, para diante ou para trás a cada som que passa. Rodrigues observa, "Quase cansou".

A carga e pacotes foram removidos e colocados na mula de montaria de Bob e, assim liberado de seu fardo, o animal conseguiu prosseguir a jornada.

À tarde, alcançamos Formosa, debaixo de uma chuva forte. Nossa chegada criou uma grande comoção nesse lugarejo do meio do mato. Os porcos guincharam, cachorros ganiram e latiram, e os homens, mulheres e crianças correram para as portas e

² *Cassicus tetramotus*

janelas para uma boa espiada. Feroz, que estava tranqüilamente trotando a meu lado, teve uma recepção calorosa por parte de dúzias de cachorros vadios e, enquanto eu dirigia meu burro para uma das casas, todos avançaram sobre ele com ganidos e latidos, mas, não querendo ter problemas com os donos desses cachorros, ordenei a Feroz, “deita”, e o bom cão imediatamente deitou com sua cabeça entre as patas, silencioso e tão desdenhoso dos cachorros que o mordiam e atormentavam, quanto se fossem moscas. Ele tinha, no entanto, o olhar suplicante voltado para mim, evidentemente esperando permissão para atacá-los. Chamei as pessoas da casa para virem segurar seus cachorros, mas eles apenas olharam para mim, cochicharam uns com os outros e não deram resposta; assim, problema ou não, proferi a palavra pacientemente esperada, “pega”. Em um instante Feroz estava de pé – nhoque – um pulo –, outro nhoque, e dois dos cachorros caíram com as costas quebradas e sem ar; os outros, com os rabos entre as pernas, ganindo desesperadamente, fugiram para os dois lados da rua, onde, já a uma distância segura, puseram-se a latir em desafio.

Feroz, seu toquinho de cauda ereto e imóvel, demonstrava uma indiferença desdenhosa por seus inimigos e os dois antagonistas caídos, ambos em muito mau estado. “Ó que cachorro! Ó que cachorro brabo!” ouvi as pessoas dizerem, em parte com admiração, em parte com surpresa.

Mais tarde encontrei o subdelegado, senhor José Moreira de Cunha e Souza, um homem quase branco, de olhar honesto e faces coradas. Meus interesses e necessidade de uma casa por um ou dois dias foram brevemente explicados; ele demonstrou grande surpresa quando ao objetivo de minha viagem e a rota proposta, mas gentilmente colocou-se a meu dispor para qualquer conselho ou assistência de que eu pudesse precisar. “Primeiro” disse ele, “deixe-me conseguir uma casa para você; a minha esta vazia agora, pois minha família está na fazenda, e você pode ocupá-la pelo tempo que quiser; e deixe-me dizer-lhe de imediato que você não pode esperar partir tão cedo quanto pretende, pois estamos para ter uma quinzena de chuvas fortes, que sempre ocorre na segunda metade deste mês e as terras, a partir daqui, ficarão intransponíveis; além disto, você está muito constipado e tem febre; deve se tratar antes de prosseguir”.

Este bom velho então conduziu-me à melhor casa do lugar, com paredes de pau-a-pique borrifadas de barro e um telhado de telhas, portas e janelas com folhas. O piso é de mãe-terra, as paredes grosseiras de barro não são rebocadas nem caiadas, e a estrutura de madeira não é pintada. Acima dos cômodos sem forro, como de costume, aparecem as vigas e telhas do telhado. Há cinco cômodos grandes na casa e espaçosos abrigos abertos no quintal. Se não tinha uma aparência atraente, era pelo menos espaçosa e seca.

Depois de convencer-me a aceitar sua oferta, o Senhor José despediu-se de nós para retornar a sua fazenda do outro lado da água, depois de prometer encontrar-se conosco novamente e discutir o procedimento futuro.

Comecei então a tratar de meu resfriado; mas, ai! uma figura enfia a cara pela janela, outra pela porta; outra e outra vêm, e logo as portas e janelas estão bloqueadas; o povo lá fora fica nas pontas dos pés para olhar sobre os ombros dos outros e dar uma espiada no “estrangeiro”, “homem de fora”, “pagão”, “doutor”, “branco”, “inglês”, “bicho”, como diversamente me intitulam.³ Gemo por dentro diante da já conhecida amolação e chamo Rodrigues, peço-lhe que pegue uma ou duas garrafas de cachaça, agradeça ao povo por sua visita de cumprimentos e explique-lhes que eu estou “incomodado” e preciso ficar quieto e descansar. Isso foi dito em um quarto dos fundos, pois o cômodo da frente estava tomado pela multidão curiosa e ociosa, de cócoras, fumando e expectorando profusamente do mais fundo do seu ser, vistoriando meus pertences e pegando tudo o que está a seu alcance, discutindo em sussurros suas opiniões sobre a fabricação e natureza dos diversos objetos. Rodrigues partiu em sua missão, e eu passei a ouvir os diversos “Ah!”, o estalar de línguas, tosses e expectorações e murmúrios de “Ó que cachaça boa e forte!” e o arrastar dos pés quando meus visitantes se retiram calmamente.

Ao voltar para a sala da frente, é preciso uma vassoura para remover os vestígios da visita, pois o chão está em estado deplorável. Mais tarde, cada uma das quatro janelas da frente torna a se encher de caras de desocupados que se apóiam nos peitoris e descansam os queixos nos punhos; seus olhares fixos observam cada movimento meu, até que escureço a sala fechando delicadamente as folhas das janelas diante deles com um “com licença”.

Durante toda a noite o vento soprou furiosamente, acompanhado por uma chuva violenta que tornou o ar frio (70 F) e úmido.

A manhã seguinte nasceu com um céu baço e cinzento; o vento cessara, mas a chuva caía em longos fios retos; por três dias e três noites este tempo durou, com apenas uns poucos minutos de intervalo. A umidade parecia penetrar em tudo; as árvores pingavam, riosinhos se formavam na rua, poças d’água surgiam no chão debaixo das goteiras do telhado, e quando o vento soprava, uma névoa fina entrava pelas juntas abertas das telhas; roupas, cobertores, provisões, tudo ficou úmido ou mesmo molhado, e uma floresta nascente de fungos azuis se acumulou rapidamente sobre as botas, selas, e arreios. Curar um resfriado nessas condições não era nada fácil, mas Rodrigues fez algumas infusões de ervas e com umas poucas doses de quinino eu estava relativamente bem no terceiro dia, quando um sol oportuno apareceu, degenerando logo, porém, em uma atmosfera abafada, quente, cheia de vapor.

3. [Em inglês] *Foreigner, a man from beyond their district, pagan, doctor, white, Englishman, “bicho”*. Esta última palavra significa qualquer coisa viva.

Fui então dar uma caminhada pelo arraial. Ele é composto de duas ruas irregulares, paralelas uma à outra; as casas são de pau-a-pique borrifado com barro, como de hábito, e os casebres são gaiolas de paus fincados um ao lado do outro, com uma cobertura de palha em cumeeira. Um ou dois quartos na parte de trás dos casebres são divididos por paredes de pau-a-pique ou barro, ou por partições de palmas trançadas; cadeiras ou mesas são raramente vistas, seus lugares são preenchidos por uns troncos ou um banco reto, e um amontoado heterogêneo de redes, couros, potes de cerâmica, almofadas para a renda de bilros, o pilão de triturar café ou milho, varas largadas, espingardas baratas e fracas e lixo em geral. Muitas das fachadas dos casebres são totalmente abertas, e lá se podem ver as mulheres fumando, acocoradas e trabalhando na renda de bilros; os homens adormecidos em redes e crianças morenas nuas, com barrigas inchadas enxameando por toda parte na companhia de porcos magros e cachorros ainda mais magros, e umas poucas galinhas e perus completam o círculo familiar.

A rua oposta à minha é muito larga e contém a igreja, uma construção simples e velha, em bom estado e exibindo a data de 1790; portanto esta não é, evidentemente, uma povoação nova. As ruas estão densamente invadidas pelo mato, tão abundante em alguns pontos que chega a cobrir a vista das casas do outro lado; trilhas volteiam em meio às ervas e arbustos em todas as direções e, como aparentemente não há carroças ou veículos de rodas, a ausência de uma via desobstruída não tem importância.

A vegetação parece apossar-se de Formosa, em frente, atrás e em volta de cada casa; em cada fresta e cada canto crescem o mato espesso e árvores de grande porte, os telhados são massas de arbustos, cada quintal tem algumas frutas, como bananas, laranjas, mamão, goiaba e figos, e a mamona se encontra em quase todos. O solo, de uma terra vermelho-escura, é extremamente rico, como o mostra claramente a vegetação circundante.

O Rio Preto, a cerca de 100 jardas do arraial, é um belo curso límpido, correndo sobre um leito pedregoso, cercado de encostas suaves de relva macia sombreadas por grupos de árvores e palmeiras, grandes e pequenas. Lá encontrei um ajoujo sendo carregado de rapadura, açúcar e cachaça provenientes da fazenda do subdelegado, para serem vendidos em Santa Rita. Um passeio ao longo das margens cobertas de capim do rio mostrou muitas cenas de beleza, variando constantemente da floresta às touceiras soltas de árvores e arbustos, e ao terreno aberto que lembra um gramado; muitas variedades de passarinhos chilreavam boas-vindas ao sol e o pequeno e irrequeto joão-de-barro marrom agitava as asas ao soltar rapidamente seu assovio *tremolo*; a água borbulhava placidamente ao passar e banhava a folhagem de muitos arbustos pendentes e muitas raízes de árvores. Que paraíso deve ser este lugar se colocado nas

mãos de um povo econômico, um povo que se contente em viver dos frutos de um esforço razoável. Mas vastas somas deverão ser gastas não apenas na abertura de comunicações com a costa, como também a região intermediária deve ser povoada antes que este distrito possa ser utilizado com lucro, como merecem as suas vantagens.

Nuvens negras apareceram e corri para casa bem a tempo de escapar do prelúdio de mais três dias de chuva constante. O tempo passava muito devagar; nem um livro ou jornal para ler; cada livro, periódico e jornal que eu possuía tinha sido examinado cuidadosamente, até mesmo cada reclame nos jornais, muitos com mais de um ano de idade. Meu único recurso era o desenho; sem isto eu sentia que nesse antro da indolência eu começaria a ficar como os moradores, deitar-me-ia em uma rede e passaria o tempo dormindo. É estranho como a sensação vai tomando conta da pessoa, como o desejo de não fazer nada se assoma em nós nas circunstâncias em que me encontrava; só mesmo apelando para a capa, as botas altas, etc., e saindo para caminhar pela lama e pela chuva, é que se podia resistir à sensação.

Um dia ou dois de tempo bom ocorreram mais tarde, e aproveitei para visitar o subdelegado, o único homem industrioso do lugar. Levando Rodrigues comigo, atravessamos o rio em uma canoa muito desengonçada (a única balsa disponível) e fiz um belo passeio pela floresta e pequenas plantações até a fazenda do Senhor José, a cerca de três milhas do arraial. Encontrei o corado e robusto velho de sessenta e cinco anos em casa; ele ficou contente em ver-me e deu-me um forte aperto de mão.

Sua casa fica situada em um vale longo e largo, todo cultivado; cana-de-açúcar, mandioca, milho, feijão, café, bananas e mamona, tudo cresce com a maior exuberância. Quanto ao cafezal, nunca vi nenhum melhor nos distritos cafeeiros do Rio de Janeiro.

Ele trabalha duramente, sem dúvida, no entanto, sua casa é uma moradia da desordem e do desconforto. Uma casinha de sapé com paredes de barro fornece uma acomodação mínima para passar a noite, para ele e sua família; o interior nu contém apenas umas poucas camas, redes, e bancos. Lá fora, em diversos galpões abertos, desenrola-se a vida cotidiana; uma longa mesa e bancos em um deles constitui a sala comum de refeições, em outro, fica a cozinha. Nos demais galpões ficam a moenda de cana rústica, de madeira, movida à manivela, as panelas abertas para secagem da farinha, o monjolo para moer o milho, os celeiros e depósitos. Um curral e um cercado de árvores frutíferas e flores sem cultivo formam as cercanias das construções. E espalhados por toda parte há arreios para bois e cavalos, agulhões, selas, couros, espingardas, sacos, pilões de pilar café – em qualquer parte e em toda parte, nenhum lugar determinado para nada. Todavia, deve-se lembrar que a desorganização é um hábito nacional,

e aquilo que para um estrangeiro aparenta ser caos e desconforto, é aqui muito mais um sinal de prosperidade.

O velho não tinha filhos e só três escravos; o trabalho extra era feito por trabalhadores contratados a 320 réis (8*d.*) por dia, com comida. Ele não pode tirar uns dias para levar sua produção para o mercado em Santa Rita, exceto em raras ocasiões e é obrigado a vendê-lo a negociantes que vêm a Formosa, e que ganham o mesmo com seu comércio miúdo que ele com todo o trabalho duro. Ele lamenta muito que não haja alguma comunicação mais barata e mais rápida com a Cidade de Barra, pois lá os preços são três vezes mais altos do que em Formosa. No momento, não existe nenhuma perspectiva de um grande compensação por seus esforços, além da competência, contentamento e independência.

Ele falou com amargura da indolência dos formosenses, pois apenas a necessidade mais absoluta pode movê-los a executar algum trabalho, que é interrompido assim que eles tenham adquirido um estoque de carne seca, farinha, cachaça, e talvez um pedaço de tecido de algodão novo para suas mulheres; nada os fará largar sua rede durante o dia, e sua viola, dança e cachaça à noite. Disse-me ainda que, quando era um jovem sem um tostão, passara por Formosa e, notando a fertilidade do solo, tinha decidido fixar-se ali e, sozinho, sem recursos ou dinheiro, transformara o vale antes coberto de floresta, pouco a pouco, em quarenta anos de trabalho constante, em seu agora florescente estado de cultivo. Ele foi reticente quanto ao modo pelo qual obtivera a terra; provavelmente não havia proprietário e ele não tinha nenhum direito legal a ela, mas, como ninguém reclamava sua posse, tornou-se virtualmente o dono.

Ele era muito atormentado pela perseguição de bichos de vários tipos: onças comiam o seu gado nos campos, e veados, capivaras, antas, caititus, raposas, pacas e cotias freqüentemente causavam grande dano a suas plantações no vale.

O amigo José, entregue a sua própria sorte desde bem jovem, tivera de combinar em si as diversas habilidades e ocupações de fazendeiro, carpinteiro, ferreiro, ferrador, açougueiro, agente de polícia, etc. Ele contou-me ainda que, devido a sua prosperidade, atraía sobre si a inveja, o ódio e a malícia daquele povoado de sorrateiros, Formosa.

Havia um grande número de mulheres em torno da casa, velhas e jovens, feias e bonitas, pretas, morenas, amarelas e quase brancas. Temo que infelizmente seu código de moralidade não seja aceitável a Mrs. Grundy; aquela dama respeitável levantaria as mãos de pavor. O velho convidou-nos para seu jantar – um suprimento liberal de sopa, peixe, carne de veado, feijão, mandioca doce e batatas-doces, seguidos de doces e da inevitável pinga de cachaça, e depois café. Estava tudo encharcado de gordura e alho,

e o ambiente era sujo, poeirento e desarrumado; mas eu há muito superara escrúpulos quanto a esses pontos.

Ele não sabia informar-me nada sobre o Sono, pois nunca nem ouvira este nome; e sabia muito pouco sobre o Sapão, exceto que diziam ser ele infestado de índios, onças, febres, etc. – a suposição de sempre dos brasileiros sobre todas as áreas inexploradas. Contra uma coisa, ele disse, você deve se prevenir: a fome, não só por vocês, como também pelas mulas, pois se topar com algum capim agreste cru (capim alto, duro e velho, que cresce há muitos anos), você não apenas terá dificuldade em atravessá-lo, como as mulas provavelmente não encontrarão nada, exceto uns poucos matos à beira d'água, e nem sempre haverá água. Será necessário levar mais duas mulas carregadas de milho e recipientes de couro para carregar água.

As duas mulas adicionais o bom velho ofereceu-se para alugar por 30 mil-réis para a viagem (cerca de £3). Ele também sugeriu que seria aconselhável levar comigo alguém que tivesse experiência na região selvagem de Goiás e disse que mandaria um certo Antônio da Lapa procurar-me, um homem que tinha viajado e feito comércio em todas as partes de Goiás, um grande caçador, e que, em diversas ocasiões, comandara expedições contra os índios – enfim, um “*leather-leggings*”* brasileiro. Prometeu também mandar um jovem índio xerente, um rapaz que ele criara desde pequeno, que tinha sido capturado alguns anos atrás em uma das escaramuças de fronteira com os índios, e que já acompanhara Antônio em diversas de suas viagens.

Só nos últimos poucos anos os índios haviam deixado de ser um problema; antes dessa época todas as habitações afastadas, mesmo naquela vizinhança, eram moradias extremamente perigosas. Agora os gentios estavam relegados ao Sapão, o misterioso reduto de todos os perigos a serem encontrados no Brasil, pelo menos de acordo com as informações.

O sol estava quase se retirando para a noite quando terminamos nossa conversa e nos preparamos para partir, mas o Senhor José não quis saber de voltarmos a pé, e insistiu em que eu levasse seu cavalo favorito, um grande esquipador, e também um para Rodrigues, mandando ao mesmo tempo um menino ir buscá-los.

Foi bom termos ido a cavalo, pois quando chegamos a Formosa estava chovendo forte de novo. Ao chegar em casa, fiquei muito angustiado ao encontrar Dona Chiquinha muito doente e aparentemente sofrendo um ataque de sezão. Bob a envolveu em um poncho, e a colocara diante do fogo, onde ela tremia e tinha calafrios violentos. A pobre macaca já estava indisposta há alguns dias e já tinha recebido uma dose de óleo de mamona. Pobre Dona, ela estava tão gelada que no esforço de aquecer-se, quase se queimou por várias vezes, ao chegar perto demais da chama. Fizemos

* Literalmente, petreiras de couro. Diz-se também *leather-stocking*. Refere-se ao apelido do herói Natty Bumppo, o Hawkeye de *O Último dos Moicanos*, de J. E. Cooper, cujos romances eram chamados “*leather-stocking novels*” (N.L.).

o que pudemos por ela, mas ela morreu nos meus braços aquela noite, e dirigiu-me um olhar inteligente em sua débil tentativa de proferir um último e grave “cu-hu-u”. Pobre Dona, vou sentir muita falta dela, pois ela foi minha companheira constante em todas as minhas viagens desde o Alto São Francisco e me ajudara a passar muitas longas horas de solidão com suas travessuras.

Por volta de meia-noite, fui acordado por barulhos sobrenaturais, e o clarão de luzes na rua. Ao sair à porta, encontrei quase todas as mulheres do arraial reunidas perto de uma casa próxima, algumas chorando, outras gritando o mais alto que podiam, outras cantando uma nênia agreste, e todos os cachorros e galos do lugar latindo e cantando.

Era um velório brasileiro, pois eu soube que um homem tinha morrido em um casebre ao lado, naquela noite. Eu tinha sido chamado na ocasião para vê-lo, pois, sendo um “doutor”, deveria ser necessariamente um médico, e apesar dos meus protestos em contrário, tive de ir.

O doente estava sofrendo de uma inflamação aguda do fígado. Febre alta, pele amarelada, tosse, vômitos, grande dor na região do fígado agravada pelo toque, respiração ou tosse e subindo até o alto do ombro direito. Eu não podia fazer nada a não ser aplicar flanelas de água quente que aliviavam momentaneamente a dor, mas, exceto isto, eu não tinha como ajudar o pobre homem, que estava muito além da capacidade do meu policresto, as “pílulas de Cockle”. Não havia remédios no povoado, conseqüentemente ele só podia ser tratado com ervas e sîmplices nativos, e morrer.

As luzes emanavam de tochas em chama carregadas pelas mulheres e alguns homens. Os gritos, choro e cantilena monótona da nênia, as figuras movendo-se no clarão tremeluzente e enfumaçado, o casebre aberto, onde o cadáver jazia exposto à vista, sobre uma cama de cavalete, formavam uma cena indescritivelmente estranha. A viúva podia ser vista agitando os braços desesperadamente, gritando como louca, arrancando os cabelos, exclamando “Ai! Jesus! Ai! meu Deus! Ai! Santíssima Virgem!”, etc. e comportando-se em geral como uma pessoa destituída da razão. O clamor e alarido continuavam sem pausa.

Percebi que a agonia do pesar era alimentada e sustentada por libações freqüentes e liberais de cachaça; era quase engraçado ver, às vezes, uma mulher morena – seu longo cabelo de índia todo despenteado, sua bata toda torta, os olhos turvos e lacrimejantes de excitação e bebida – dar uma boa virada na garrafa de cachaça, soltar um grunhido de satisfação, bochechar com água e cuspi-la pelos interstícios de seus dentes serrilhados; depois recompor-se e partir para o trabalho de novo, jogando para trás a cabeça, e abrindo a boca para o desenvolvimento adequado de uma série de

uivos de estourar os tímpanos. A música era evidentemente distribuída em vozes, pois a viúva e parentes próximos executavam os gritos, outras os uivos, e o resto as nênias; poucos homens estavam presentes e mesmo estes não participavam do concerto.

Por volta de 3 da madrugada, uma procissão de homens aproximou-se com um caixão grosseiro e gasto, de segunda-mão, evidentemente fazendo as vezes de carro fúnebre. Em frente dela vinha carregado um enorme crucifixo de madeira grosseira, e cada homem trazia uma vela acesa. Não se gastou muito tempo ou cerimônia colocando o corpo no caixão, pois em poucos minutos o cortejo retornou com ele para a igreja, acompanhado por todas as mulheres, que tinham aparentemente reservado os pulmões para o *finale*; elas rodopiavam, jogavam os braços para cima e gritavam com fúria como dervixes dançantes, enquanto os homens prosseguiam em silêncio, juntando-se agora à cantilena. Era realmente uma cena estranha na escuridão da noite, ver passar a fila de luzes trêmulas, tochas flamejantes e mulheres violentamente exaltadas, e ouvir o alarido sobrenatural. Não havia padre para executar o serviço fúnebre, e o corpo foi simplesmente retirado do caixão, jogado em um buraco no chão do cemitério, e a terra rapidamente socada com os pés.

De vez em quando um padre de Santa Rita visita o lugar, para fazer casamentos, batizados ou rezar uma missa para os que morreram desde sua última vinda.

Uma noite relativamente tranqüila e reconfortante se seguiu, interrompida apenas pelo canto de todos os galos e os latidos de todos os cachorros do arraial.

Vieram mais alguns dias de chuva. Como o tempo passava lentamente! A chuva era tão forte e contínua que eu me tornei quase um prisioneiro da casa; meu único remédio contra a monotonia era desenhar.

Os vizinhos, no entanto, faziam o favor de visitar-me, e todos contavam-me casos pavorosos do Sapão, de caçadas e ataques de índios.

Há poucos anos, no distrito vizinho de Paranaguá, casebres tinham sido saqueados, os homens assassinados e as mulheres e crianças feitos prisioneiros. Porém, pelo que pude apurar, fora apenas uma retaliação por ofensas infligidas, pois os índios, especialmente os meninos, são considerados presas legais para quem quer que os capture, mate ou tome como escravos.

É sempre a mesma velha história das terras de fronteira; de aborígenes e brancos em todas as terras remotas do velho e do novo mundo.

Entre os meus visitantes estava o famoso Antônio da Lapa, um verdadeiro personagem. Duas jardas de homem de ombros largos e quadrados, mas magérrimo, com cerca de cinquenta anos de idade, seco e queimado pela constante exposição ao sol; sua cabeça é pequena, no formato de um coco, mas olhos pretos e brilhantes espiam

por debaixo de suas sobrancelhas peludas; seu rosto é chupado e fino, sua boca e queixo são cobertos por bigode e barba pequenos e grisalhos, o bigode é marrom de rapé. Suas vestimentas compõem-se de chapéu, paletó e calças justas de couro de veado, macio e curtido, e uma camisa de algodão listrada de azul; em seus pés descalços estão presas duas imensas esporas enferrujadas, uma longa faca está enfiada no cinturão e em suas mãos há uma longa espingarda de pederneira, de cano curto, de fabricação muito antiga; ele parecia deveras um Dom Quixote brasileiro, de pé na minha frente, em uma atitude relaxada, com suas mãos como garras, agarradas à espingarda.

Então, Senhor Antônio, quer me acompanhar ao outro mundo?" "Onde V'ncê quiser", responde ele.

O velho *leather-leggings* certamente tem uma aparência muito disposta para os gerais, mas eu olho com cara de dúvida para aquela espingarda assombrosa e digo, "Você não vai levar esta coisa, vai?" "Isto," diz ele, levantando o velho cano de gás com um olhar faiscante; "Ah! você vai ver o que vamos fazer com ela, ora, não existe uma espingarda como esta em lugar nenhum." Com isto eu concordei, mas seus méritos pareciam mais que duvidosos. Nós então discutimos os termos de nossa associação. Ele teria de acompanhar a tropa e se ocupar do que fosse necessário e permanecer até que eu não precisasse mais de seus serviços, recebendo vinte mil-réis por mês e comida. Dei-lhe instruções de comprar imediatamente um boi gordo e transformá-lo em carne seca logo que viesse o tempo de sol. Ele ensinou Rodrigues e seus homens a fazer cartuchos para suas armas. "Vamos ter muita caça," ele disse, com um risinho, "índios, porcos e veados. E talvez onças." Rodrigues não parecia nada satisfeito com esses comentários e as muitas lorotas que os moradores tinham lhe contado estavam fazendo sobre ele o efeito esperado. Mais tarde, ele veio até mim e disse, "Senhor Doutor, eu sou tropeiro e não me importo de ir aonde quer que haja uma estrada, mas entrar nesses gerais selvagens para morrer de fome, ou ficar perdido, ou talvez enfrentar índios, onças, porcos-do-mato, e todo tipo de coisas do diabo... Não, Senhor, vou-me embora." Apelei para o seu senso de justiça, aleguei que tendo fechado um contrato comigo tinha de cumprí-lo. Apelei para sua dignidade, sua coragem, seu patriotismo, seu senso de honra, etc., etc., mas tudo em vão; o velho disse que tinha de voltar para sua família, com a velha história de que sua mulher estava doente, ou sua mãe podia morrer e que o feijão, ou o arroz, ou o milho de sua roça precisava ser colhido. Como último recurso, tentei uma outra tática: "Bem, Mr. Senhor Rodrigues, se você quer voltar, tem de voltar sozinho, eu não lhe pagarei um vintém e pedirei ao subdelegado que mande suas mulas e empregados seguirem comigo, e se você resistir, será preso." Era apenas uma ameaça, pois não poderia ter ficado com seus animais, mas serviu ao meu objetivo, pois ele disse, depois de pensar um pouco,

“Bom, então faça como quiser, adeus meus pobres filhinhos, minha mulher e minha casa, que eu nunca mais verei.”

A chuva continuou com pequenos intervalos até 3 de abril, quando uma clara e limpa manhã de sol e um céu sem nuvens indicaram afinal que a chuva da estação passara.

Enquanto isto, o Senhor José estivera comigo, e eu fui pagar a visita em uma manhã bem cedo, pois queria caçar um pouco. Saímos de sua casa debaixo de chuva forte, e fomos a sua roça, levando conosco uma dúzia de cachorros de raça indefinida, mantidos sem comida especialmente para a ocasião. Ao chegar perto das matas adjacentes, os cachorros foram soltos, e muito pouco tempo depois suas vozes indicaram que tinham achado um rastro. Tínhamos nos escondido nesse meio tempo atrás de uns arbustos que cercavam uma saída da mata, e logo depois um belo veado mateiro veio saltando para o terreno mais aberto das plantações. O animal parou por um momento, com a pata da frente levantada, orelhas em pé e narinas abertas, evidentemente farejando nossa presença; os sons dos cachorros que se aproximavam o impeliram para adiante de novo — craque! — e a delicada criatura cai para a frente, abatida por José. Uma cotia⁴ vem a seguir com longos pulos como os de um canguru; foi uma presa fácil demais. Os cachorros agora partem em uma outra direção e finalmente emergem da mata a alguma distância, perseguindo um animal que não conseguimos distinguir; seja o que for, está indo para o riachinho do centro do vale. “Vamos, doutor,” grita José, e corre para lá com a energia de um jovem, chocando-se contra touceiras de cana, pulando sobre troncos, ora em um buraco de lama, ora desviando-se dos galhos das mamonas, para adiante e para baixo, descendo um barranco íngreme para o rio; os cachorros enquanto isto ladrando alto e vindo em nossa direção. De repente, o velho pára e atira; “Lá vai ela,” ele grita, e aponta para uma paca que nada no rio. Neste instante um imenso focinho emerge enquanto os cachorros aparecem, é só um instante, pois mergulha em seguida. “Ó bicho do diabo,” exclama José, enquanto observa o animal mergulhado (uma capivara, o martírio dos fazendeiros), e, tendo recarregado, lá vamos nós atrás dela, e os cachorros conosco. É uma idéia estranha de caçada; a chuva cai com força, estamos cobertos de carrapichos e lama, arranhados por sarças, mas mesmo assim escorregamos ladeira abaixo e nos desembaraçamos dos matos, bem a tempo de atirar simultaneamente, à distância, na capivara que está agora em águas rasas; ela está evidentemente ferida, mas recua para dentro do mato próximo, onde é perseguida pelos cachorros, e onde a encontramos encurralada com o lombo sangrando abundantemente, mas arrostando com galhardia os cachorros que fecharam o cerco à sua volta. Dois tiros do meu revólver põem fim à caçada. Foi um trabalho rápido

4. *Clethrionomys brasiliensis*, Blainville.

e certo e tivemos uma bela corrida, se se pode dizer assim. Os troféus compreendiam um veado, uma cutia, duas pacas pintadas e uma capivara. A capivara é dificilmente comestível, pois possui uma glândula que deve ser cortada imediatamente depois de morta; senão a carne adquire um forte gosto almiscarado e, mesmo sob as circunstâncias mais favoráveis, ainda mantém um sabor desagradável. Os fazendeiros as destroem sem compaixão, pois elas causam grandes prejuízos às roças. Quanto às demais caças do dia, eram todas petiscos refinados, especialmente a paca, não existe nenhuma carne mais saborosa, quando nova e bem preparada.

Em outras ocasiões, quando enfrentei o tempo em minhas caminhadas, encontrei muitas aves em algumas das depressões inundadas do campo, lindas garças brancas,⁵ grandes patos,⁶ e as demais aves comuns aos pântanos e lagos do Brasil.

5. *Ardea candidissima*

6. *Anas moschata*

CAPÍTULO 7

DE FORMOSA À BOCA DO RIO SAPÃO

ADIÇÕES À MINHA TROPA – DOM QUIXOTE – PRESENTIMENTOS DE DESASTRE – UM OURIVES ITINERANTE – UMA FAZENDA DE GADO – APROXIMANDO-NOS DOS GERAIS – OS ROSQUES DE BURITIS DO SAPÃO E SUA BOCA – SANTA MARIA – ATAQUES DE ÍNDIOS – AS ÚLTIMAS CASAS – UM RECANTO ATRAENTE – PERSPECTIVA DE AVENTURAS – O ALARME DE RODRIGUES – DIFICULDADES DE DECIDIR POR UMA ROTA – O RIO SAPÃO – JOSÉ GROSSO.

Finalmente, estávamos a caminho de novo, e despedimos-nos de Formosa, felizes de estar escapando daquele aglomerado desolador de choupanas miseráveis, especialmente após o longo e vexatório atraso de vinte e dois dias, de espera enfadonha e cansativa pelo término das chuvas constantes, e depois, finalmente, os dias de preparações para a viagem através da região desconhecida que nos cercava, como, por exemplo, secar e salgar a carne para a matalotagem, para o que o sol é indispensável. Minha tropa agora compunha-se de Rodrigues e Bob montados em mulas, Antônio da Lapa a cavalo, e Serga, Roberto e Arcanjo a pé, quatro mulas para carregar a bagagem e duas outras carregadas de milho, e os dois cães. Meu bom amigo, o subdelegado, nunca deixou de tentar inculcar em mim sua opinião de que seria loucura pensar em aventurar-me nos ermos do Sapão sem o caçador valente e combatente de índios que era Antônio, que tão bem conhecia a perversidade dos tapuias. Eu olhava para aquele espécime de *leather-leggings* brasileiro, para seu cavalo, armas e equipamento e, bem, ele me fazia rir, não era exatamente o que eu imaginava que o capitão de minha escolta deveria ser. Seu cavalo, um velho cinzentão mosqueado, é meditabundo e sonolento; seus joelhos são exageradamente desenvolvidos e têm uma inclinação perceptível para a frente, as costelas podem ser contadas, sua crina é espetada e despenteada, os olhos são pesados de sono, há um ar geral de depressão no animal que, se indica uma ausência de vícios, mostra também que ele não é nenhum corcel fogoso. Seu cavaleiro, um Dom Quixote perfeito para tal



Buritirana, buritis e o Rio Preto em Santa Maria.

Rocinante, tem ainda aquela mesma aparência que descrevi em sua primeira visita a mim, com a adição de um velho capote azul puído, amarrado à sela.

O índio xerente, "Trascuhin", como é chamado, que já viera me ver uma vez, na última hora não apareceu, e partimos sem ele.

Todo o arraial se reunira para assistir a nossa partida, entre eles meu caro e velho amigo, o subdelegado. Eles acenam, "Adeus! Até a volta! Até outra vista!" etc. Ao que respondemos, como é devido, "Se Deus quiser."¹ Ao mesmo tempo, agouram muitos pressentimentos melancólicos de perigo e apuros com os índios, fome, sede, febres, onças e porcos selvagens que eles achavam que nós iríamos tolamente procurar. Rodrigues empalideceu visivelmente e teria retornado com prazer, se não soubesse que nesse caso não receberia nada pela contratação de suas mulas e seus empregados.

A jornada deste dia foi só de quatorze milhas, pois foi necessário parar e deixar a carne seca mais tempo no sol.

A região atravessada era montanhosa, bem irrigada nas baixadas e ricamente coberta de matas, as habitações eram poucas e muito espaçadas. Acompanhamos o rio durante quase todo o caminho, a terra em torno era quase sempre plana e permitia um bom avanço, embora tivéssemos de atravessar diversos brejos, e vadear pequenos lagos. Muito pouca vida animal podia ser vista, exceto algumas aves aquáticas.

O vale tem a aparência de ter sido escavado das planícies adjacentes, pois, embora por pouca extensão, digamos de 100 a 300 jardas, a terra é levemente ondulada e montanhosa, e uma subida para exame das elevações mais distantes e altas mostra que os seus cumes são planos e se estendem até longe no horizonte, uma pradaria árida e agreste.

No início da tarde, chegamos à Fazenda do Vão, pertencente a um Major Antônio de Miranda, composta de umas poucas cabanas grandes parecidas com gaiolas, com toda a parafernália de um fazendeiro de gado. Neste lugar estava hospedado um ourives itinerante italiano. Contou-me que estava no Brasil há seis anos e tinha viajado por uma grande porção do império; mas, como era de se esperar, uma pedra rolante como esta tinha adquirido muito pouco musgo; certamente aquele não era o lugar em que se esperaria encontrar um ourives, onde suas perspectivas de sucesso profissional nestes distritos sem dinheiro deviam ser mesmo muito reduzidas.

Minha confortável barraca foi montada, e a noite transcorreu agradavelmente; a temperatura estava deliciosa, e os mosquitos, ausentes. Só as investidas repentinas de Feroz contra os intrometidos porcos perambulantes da fazenda perturbaram a tranqüilidade da noite.

Na manhã seguinte, os animais foram felizmente encontrados onde se esperava

1. *Adeus! Until you return. Until we see you again.*

2. *If God wills it.*

que estivessem, e partimos logo, eu cavalgando na frente com o Dom Quixote. A região agora parecia dar sinais da proximidade dos gerais, mudando das terras enflorestadas de Formosa para o que é conhecido como “cerrado fechado”, ou seja, uma vegetação baixa e densa, com freqüentes trechos de capim alto agreste, sarça espinhenta, palmeirinhas anãs com acúleos e espessos arbustos entres as árvores; porém o solo era rico em muitos pontos, e uma pastagem admirável podia ser obtida facilmente, todavia, durante toda a manhã, fora da trilha estreita pela qual viajávamos, nenhum sinal de vida ou cultivo foi encontrado; não se ouvia um som, exceto o burburinho da água do rio e o sussurro da brisa; mesmo os pássaros eram raros. Por volta de meio-dia alcançamos uma pequena fazenda, ou retiro, como as fazendas menores são geralmente denominadas, conhecida como Mato Grosso, a 28 milhas de Formosa. Lá Rodrigues fez sua pausa do meio-dia para descansar os animais e tomar o desjejum, embora faltassem apenas 4 milhas para a destinação daquele dia, a foz do Sapão. Após um rápido desjejum, Dom Quixote e eu prosseguimos para o misterioso Sapão, onde se supunha que todos os nossos apuros começariam. A cada milha percorrida, a região se tornava mais e mais aberta, e ao chegar à boca do Sapão, ambas as margens apareceram franjadas por finas fileiras de buritis, de oitenta pés de altura, a primeira vez que eu via essas lindas palmeiras em tal quantidade,³ na verdade, elas formam o aspecto característico da região em que estamos para entrar, e serão mencionadas com mais detalhe adiante. Ao lado dos bosques de buritis, a terra é plana e freqüentemente pantanosa por pequenas extensões afastadas do rio e depois eleva-se em encostas suaves cobertas de cerrado ou capim, chegando até as inclinações quase perpendiculares dos tabuleiros vizinhos. Estas encostas, quando vistas do vale do rio, dão a impressão de uma cadeia de montanhas, quando na verdade são as paredes dos tabuleiros denudados; seu topo plano se estende nivelado até onde quer que comece o próximo vale.

Na junção do Sapão com o Rio Preto há umas poucas casas, conhecidas como Santa Maria, as últimas habitações que veremos por muitos dias; elas formam realmente um posto avançado nas fronteiras do desconhecido. Muitas das casas são grosseiramente fortificadas com muros grossos de tijolos secos ao sol, com brechas para mosquetaria e uma cobertura de duas camadas de folhas de palmeira, entre as quais fica uma camada grossa e substancial de argila, como proteção contra um possível incêndio da cobertura de palha por setas flamejantes em ocasiões de ataque.

Embora já se tenham passado alguns anos desde que os tapuias (xerentes e coroados) visitaram a vizinhança, os habitantes ainda levam uma desconfortável vida de suspense e expectativa, e as mulheres e crianças só se arriscam a curtas distâncias de suas casas. Este local foi, há mais tempo, cenário de muitos ataques dos índios e de

3. Os poucos exemplos esparsos que se encontram nos pantanos de Minas não têm comparação com estes belos bosques.

4. Gardner, o naturalista, passou por Santa Maria no ano de 1835, vindo do Ceará, através de Goiás, a caminho do Rio de Janeiro. Sua descrição deste lugar, escrita há quase cinquenta anos atrás, é perfeitamente aplicável à época presente. Poucas foram as mudanças ocorridas desde então. Ele menciona como as pessoas viviam já então: aterrorizadas com o temor de ataques dos índios, como os extratos abaixo de sua obra mostram.

"Não estávamos longe da casa em que a atrocidade mencionada acima foi praticada pelos índios. O ataque foi feito durante o dia, enquanto os homens estavam ausentes nos campos, e depois de queimar a casa e matar três mulheres, eles levaram embora duas crianças. Os moradores de Santa Maria afirmaram-me que viviam em constante temor dos índios e que tinham sérias intenções de mudar-se para uma região mais populosa. Este índio vive geralmente a uma distância considerável a noroeste e são conhecidos como xerentes. Suponho que este ataque ocorreu em consequência de um dos índios ter sido baleado e ferido por engano e como vingança, com a assistência de seus companheiros, cometeu a atrocidade acima mencionada."

"As histórias que ele contou sobre os índios alarmaram muito a meu grupo, e eu fui conseqüentemente obrigado a mandar preparar todas as minhas armas, de modo a fazer uma aparição tão formidável quanto possível."

"As pessoas do campo têm todas um temor desta tribo se viazem e desabrida a estrada que sobe o Rio Preto a partir de Santa Maria, e antes de seguir-la perguntaram-me freqüentemente se eu não tinha medo de fazê-la, com tão pouca escolta. Seu próprio medo deve-se em grande parte, creio eu, a sua própria covardia, um sentimento muito comum em todas as partes do país que visitei."

Mas Mr. Gardner cometeu um grande engano com referência ao curso do Rio Preto quando afirmou que "o Rio Preto despeja no Rio São Francisco, um pouco acima de Vila da Barra," pois este rio, como minha viagem mostrou, penetra o Rio Grande em Boqueirão.

5. As seguintes correntes rasas e tortas são os principais impedimentos à navegação do Rio Preto:

Atolento.....	55	quilômetros abaixo de	Formosa
Porto Raso.....	37	"	"
Marambonda.....	21	"	"
Jatobá.....	12	"	"
Raposa.....	7	"	"
Vão da Batallha.....	16	"	acima
Vão do Angelo.....	19	"	"
Vão da Capivara.....	21	"	"
Vão do Brejo Grande	31	"	"

Destes, Porto Raso é o mais raso, mas mesmo na estação seca seu canal tem uma profundidade mínima de 4 pés.

6. Os anetóides mediram 1732 pés acima do mar e 420 pés acima do Rio São Francisco em Cidade da Barra.

escaramuças com perdas de ambos os lados; muitas cabeças de gado já foram levadas pelos invasores, e também, ocasionalmente, mulheres e crianças, que desapareceram nos então ermos de Goiás, para nunca mais voltar.⁴ Sugeriu ao meu *leather-leggings* que estas teriam sido boas ocasiões para exercitar seus formidáveis poderes. Ele deu um sorriso amarelo e, depois de relatar o que temo que hajam sido conflitos imaginários que tivera com os índios, observou que ir atrás de uma horda de tapuias que foge com o seu espólio exigiria um maior número de homens do que seria possível reunir nos distritos. "E a nossa tropinha, então?" perguntei.

"Ah!" disse ele, solenemente, levantando o chapéu, "Só Deus sabe se nós jamais voltaremos."

Felizmente, para mim, eu já tinha tido tantas experiências com os poderes imaginativos dos natutos brasileiros com relação a perigos e males dos distritos distantes, que já me tornara totalmente cético a respeito do que me contavam. Já com o meu tropeiro, Rodrigues, não era assim; ele literalmente estremecia de medo quando ouvia essas histórias fabulosas.

Até este ponto, eu achava o Rio Preto navegável para embarcações de pequeno calado, digamos, três pés abaixo da superfície da água. A largura varia de 100 a 200 pés, a velocidade média do rio é de cerca de duas milhas por hora; em algumas curvas há umas poucas corredeiras insignificantes, mas contra as quais um pequeno vapor poderia facilmente avançar.⁵

A situação de Santa Maria é muito pitoresca. As águas escuras mas limpas do rio correm quase no mesmo nível da relva macia das margens, que são pontilhadas aqui e ali por grupos de pindaíbas, buritiranas, buritis, e bambus. A atmosfera é clara como cristal, uma brisa estimulante sopra fresca e com o céu azul-claro e a paisagem verdejante de morros ondulados cobertos de capim, e as encostas vizinhas, de um vermelho intenso, dos tabuleiros, o lugar forma no conjunto uma localização graciosa para uma residência, e, com a admirável pastagem, é fácil compreender por que as pessoas permaneceram aqui apesar dos problemas com os índios, a que eu confesso que só daria importância se os vivesse na própria pele.⁶

Um pouco antes de escurecer, Rodrigues e a tropa juntaram-se a nós, e cruzamos o Sapão transportando a bagagem em uma canoa, nadando com os animais através da corrente, e depois bivacamos para passar a noite.

À noite, recebemos uma visita dos magnatas locais. Foi muito divertido ver suas caras de tristeza, expressando um horror sagrado diante de nossa temeridade e a seguir adicionar outro item à nossa já formidável lista de desgraças vindouras, a saber, morcegos vampiros, que disseram existir em tal quantidade em uma parte do vale do Sapão, a

cerca de 16 milhas de distância, que é quase impossível para qualquer animal sobreviver a uma noite lá. Isto foi quase demais para Rodrigues, pois quando, em adição a tantos perigos pessoais em potencial, surgiu a possibilidade de ainda perder suas mulas, a mera idéia o desesperou, e ele imediatamente declarou que não prosseguiria mais.

Foi só por meio de ameaças de prisão pelo subdelegado de Formosa, alternadas com agrados e lisonja e por fim pela promessa de pagar-lhe por cada animal que viesse a perder, que finalmente consegui acalmá-lo. Pobre Rodrigues, temo que seus sonhos naquela noite tenham sido um pesadelo de onças, índios, porcos-do-mato, morcegos, jibóias, escravos fugidos e esqueletos descorados.

Embora a rota pelo Rio Sapão não estivesse incluída em minhas instruções, o Rio do Sono fazia muito claramente parte delas. Todavia, até o ponto presente, eu não fora capaz de obter a mínima informação sobre seu paradeiro; como, no entanto, uma estrada acompanha o Rio Preto e daí entra em Goiás, viajantes que passassem teriam certamente mencionado este Rio do Sono nos seus casos de viagem, se ele estivesse em seu trajeto.

Em Santa Maria, apurei que as encostas oeste da divisória de águas do São Francisco e o Tocantins são extremamente precipitosas, ou, como meu informante me disse, que quando alguém olha para baixo desde o topo, em direção às terras baixas em Goiás, a profundidade é tão grande que a paisagem distante fica azul. Eu, porém, não creio que meu informante tenha jamais estado lá, todavia, como naquela direção não há aparentemente nenhum Sono e a divisa é provavelmente muito íngreme, decidi pelo menos tentar o Sapão, especialmente porque seu curso aparente parecia se conformar às minhas idéias de qual deveria ser minha direção geral.

O Rio Sapão, em sua junção com o Rio Preto, é um rio lento, de cerca de 50 pés de largura e 12 pés de profundidade e, se ele se estender por qualquer distância com esta quantidade e profundidade de água, e com gradientes leves, seu curso só exigirá um pouco de correção para torná-lo um bom canal natural. Mas temo que este século não verá a sua execução, ou mesmo a necessidade de uma tal obra, pois há muitas terras férteis próximas à costa que ainda estão para ser desenvolvidas, antes que essas áreas centrais possam ser habitadas e cultivadas como deveriam ser.

Entre meus visitantes estava um sujeito forte, de bom corpo e aparência honesta, José Grosso de nome; ele viajara já bastante em Goiás e no Piauí e, em uma ocasião, tinha explorado sozinho o misterioso Sapão por trinta milhas. Ele aceitou de boa vontade um convite para se unir a meu grupo. Rodrigues olhou para ele perplexo, como a um tolo prestes a correr sem necessidade um grande risco. Eu estava satisfeito de ter José, pois, até então, Bob era a única pessoa com quem eu podia contar em qualquer emergência.

CAPÍTULO 8

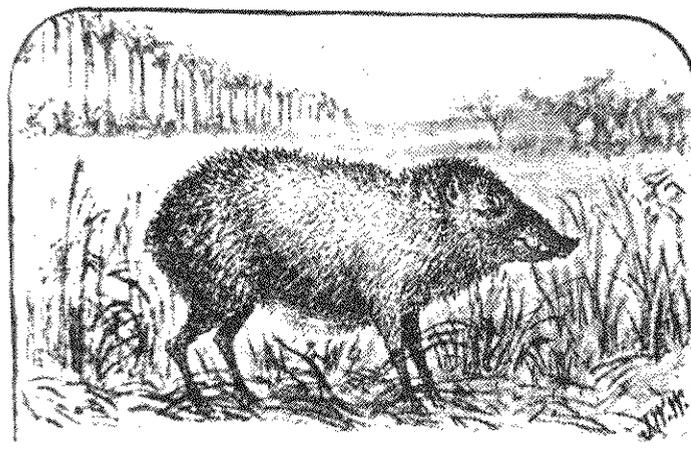
DA FOZ À NASCENTE DO RIO SAPÃO

O VALE DO SAPÃO – FIM DA ESTRADA – SINAIS DE CAÇA – OS BREJOS DOS BOSQUES DE BURITI – PRIMEIRA NOITE NO ERMO – MONTANHAS DE ARENITO DOS GERAIS – REGIÃO PITORESCA – MORCEGOS VAMPIROS – ANIMAIS FUGIDOS – OS GERAIS – LÍRIOS ARBÓREOS – INDÍCIOS DE TERRA SALINA – UMA MARAVILHOSA REGIÃO PARA CAVALGAR – ARARAS – UM ALARME NOTURNO – UMA ANTA – UMA RAVINA DE SILVESTRE BELEZA – O CABEÇA-DE-PRADE, UM CACTO RASTEIRO – UMA SOLIDÃO SINISTRA – UM FUNGO ROSFORESCENTE, O "FLOR-DE-COCO" – CONSTRUÇÃO DO FORTE – ESCAPO DE UMA CENTOPÉIA – TOCAIANDO VEADOS – CUPINS DE TÉRMITAS E ABELHAS – GRANDE QUANTIDADE DE MEL – DOM ANUNCIA SINAIS DE ÍNDIOS – AURORA NO ACAMPAMENTO – VADEANDO UM LODAÇAL – UM NOVO MÉTODO DE CAÇAR VEADOS – INDÍCIOS DE PECARIS – UM ESPLÊNDIDO CLIMA – NOITES ADORÁVEIS – ABUNDÂNCIA DE CAÇA – O PANTANO DOS NOVE GALHOS – QUARTEL-GENERAL DOS PECARIS – UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL – PECARIS VERSUS CÃES – UM CAMINHO OBSTRUÍDO – O VALE, NOVAMENTE – PREPARAÇÃO PARA RECEBER OS INIMIGOS – O ACAMPAMENTO – O ATAQUE DOS PECARIS – DOM FICA SURDO – GUARNIÇÃO REFORÇADA – UMA NOVA BATALHA – RODRIGUES TREME – UMA LONGA NOITE DE EXCITAÇÃO – O CERCO É LEVANTADO DEPOIS DE GRANDES PERDAS POR PARTE DO INIMIGO – DESCRIÇÃO DOS PECARIS – MILHO NO EGITO – VINHO DE BURITI – UMA VISÃO INTRIGANTE – UM BELO VALE – A NASCENTE DO SAPÃO – UMA INTERESSANTE DESCOBERTA GEOGRÁFICA – MISTERIOSA GRAMA VERDE – PIG-STICKING – UM TAMANDUÁ ESPETADO – O TAMANDUÁ DESCRITO – PERCURSO DIFÍCIL – SOFRIMENTO DAS MULAS – UMA SUBIDA – OS LAGOS DO VALE DA DIVISÓRIA DE ÁGUAS – A ALTITUDE UNIFORME DAS EMINÊNCIAS PLANAS – O DIVISOR DE ÁGUAS ENTRE O SÃO FRANCISCO E O TOCANTINS – DENUDAÇÃO DA REGIÃO OESTE – UMA EXCELENTE REGIÃO PARA A CRIAÇÃO DE GADO – UM BOSQUETE DE PINDAÍBAS.

6 de abril – Uma adorável manhã, como Dartmoor no Devonshire em um dia do início do verão, encontrou-nos prontos para partir, mas tivemos de esperar por José Grosso, que chegou mais tarde.

Tínhamos percorrido apenas umas poucas milhas subindo a margem sul do Sapão, quando ficou claro que todas as habitações tinham cessado; não havia mais trilhas e o capim nas depressões era tão alto e viçoso que era difícil forçar o caminho através dele e agora as trilhas dos muitos animais ficavam de hora em hora mais freqüentes; eu já vira os rastros da onça, do guará ou lobo vermelho, da anta, capivara, veado, pecaris e outros animais.

Até então, em todas as minhas viagens pelo Brasil, eu nunca vira terras aparentemente tão boas para a caça. Rodrigues naturalmente estremeceu diante dos indícios. Depois de uma marcha de dez milhas, topamos com uma longa depressão que se entendia desde os tabuleiros até o Sapão e, bem no centro dela, avistamos com relutân-



Uma queixada enfurecida.

cia longas alamedas de buritis, agradáveis à vista, certamente, uma paisagem pitoresca, mas muito “esconjurada” pelos viajantes.

Estas palmeiras invariavelmente crescem em terra pantanosa e, quando encontradas assim em forma de alamedas, indicam a presença de um profundo lodaçal, através do qual nem cavalo nem mula podem passar sem perigo e dificuldade. Nesta ocasião, ao procurar por uma passagem, uma vara foi facilmente enfiada a 6 pés de profundidade no solo preto e macio, assim, desistimos da tentativa e desviamos 2 ou 3 milhas do nosso caminho para dar a volta à fila de palmeiras que interceptava nossa linha de marcha em ângulos retos.

Este lugar, conhecido como “Brejão”, é um local famoso pelos morcegos, portanto, prosseguimos por mais quatro milhas e chegamos ao pôr-do-sol ao que José chamava “Brejo de Lama”, onde montamos nosso acampamento em meio ao capim alto de suas margens.

Durante este dia de marcha, minha primeira experiência nas áreas total e completamente desabitadas do Brasil, experimentei um grau de euforia e contentamento que não sentia há muito tempo. Atribuí a sensação ao efeito da atmosfera pura e saudável, ao esplendor do campo aberto, às brisas frescas predominantes e talvez, em grande parte, a um excelente estado de saúde.

Os aspectos mais notáveis do vale são as muitas sendas, ou melhor, alamedas de buritis, que crescem quase invariavelmente em linha reta; as distâncias entre as palmeiras são, naturalmente, irregulares, mas as longas alamedas retas dão a impressão de terem sido plantadas pela mão do homem.

Os brejos adjacentes que preenchem toda a amplitude das depressões, geralmente de 100 a 200 jardas de largura, são cobertos por um capim verde-claro mas grosso e duro, impróprio mesmo para pasto de mulas; ele é muito acre, áspero e duro e logo cria feridas nas gengivas dos animais.

De cada lado do rio, variando de umas poucas centenas de jardas a uma ou duas milhas de distância, as encostas, ou paredes dos tabuleiros circundantes erguem-se em rochas de arenitos de diversas cores, cortóidas em profundas ravinas, que são frequentemente cobertas de matagal; a aparência dessas paredes, que varia com as muitas cores de sua formação (vermelho, camurça, amarelo, branco e cinza), em contraste com o céu azul-claro, o capim verde-claro e as alamedas de palmeiras dos brejos, além do castanho-amarelado das superfícies cobertas de cerrado dos morros ondulantes do vale – tudo, morros, rochas e brejos, brilhando sob um sol impiedoso e, soando com o zunido de insetos peculiar ao brejos que evaporam sob um sol tropical, formavam tais quadros de magníficas combinações de cores que fariam a alegria de qualquer artista.

Depois de despachar um jantar frugal de carne seca e feijão e dar às mulas suas rações de milho, elas foram soltas para conseguir o pasto que pudessem encontrar, que consistia nos brotos novos de bambu, dos quais havia tantas moitas por perto. Cada um então assumiu uma postura reclinada sobre couros no chão, ou em redes amarradas às árvores. Rodrigues, como sempre, entreteve-nos com seus temores de problemas e perigos por virem, até que mergulhamos no sono, sob o teto do claro céu estrelado.

Ao nascer do dia, tomamos o desjejum enquanto os homens saíam em busca dos animais. Depois de uma longa demora, ele retornam e anunciam que quatro animais estão faltando (e aqueles que conseguiram encontrar estavam profundamente perfurados pelas mordidas dos morcegos): não havia remédio senão mandar os homens procurá-los novamente e ter paciência.

Hora depois de hora se passou, todavia nem homens nem animais chegavam. Como era quente e cansativo, esperar assim ociosamente no sol sem sombra, pois as árvores eram tão separadas e tinham tão pouca folhagem, que não havia qualquer sombra. Foi só às 2h30 que eles voltaram com os animais, e só às 3 da tarde nos pusemos a caminho; os infelizes animais tinham voltado à noite para Santa Maria, com a provável intenção de continuar sua jornada até em casa, evidentemente desgostosos com a falta de pastagem.

Naquele dia não cobrimos mais do que seis milhas e acampamos, à noite, ao lado de um brejo, ao qual os homens deram o nome de "Brejo da Lontra", por um desses animais ter vindo visitar nosso acampamento. Os cães deram-lhe caça, mas a lontra refugiou-se nas águas do brejo.

Na manhã seguinte, durante a demora habitual em alimentar e arrear os animais, José e eu escalamos as rochas do tabuleiro, de onde, percebendo que o rio faz uma curva considerável, resolvi subir com a tropa para a terra alta, e assim atalhar o caminho.

Depois de algum tempo e esforço, encontramos uma subida fácil para os animais, e prosseguimos nossa jornada no que era para mim um outro novo mundo, "Os Gerais de Goiás". Até tão distante quanto se podia ver, a terra se estende chata como uma mesa, não se percebe a menor ondulação; o solo solto e arenoso é raramente coberto com tufos de capim fino cinza-esverdeado e duro, umas poucas árvores de cortiça e grandes números do estranho lírio arbóreo (*Vellozia*) ou Canela de Ema, que florescem em belas flores cor de malva na extremidade de cada galho; na forma, a planta lembra um candelabro, mas, na composição, nenhuma produção do mundo vegetal; os galhos e troncos compõem-se como se fossem de uma série de copos fundos colocados um dentro do outro, enfiados em um caule medular duro e rígido, que passa por seu centro. (Há um ótimo espécime seco no Museu Britânico.) Esta planta é peculiarmente

característica destes gerais, ou tabuleiros, como eles são diversamente denominados. Gardner menciona a mesma planta nos tabuleiros de Diamantina, Piauí e Goiás.¹

Estes gerais são um lugar maravilhoso para um galope, e em sua atmosfera estimulante a pessoa se sente radiante de uma saúde rústica que no entanto desenvolve um tal apetite, e talvez uma “hebetite”, que na solidão da extensa planície sem trilhas ela pode ter uma miragem das agradáveis estalagens de beira de estrada do campo inglês e evocar visões das boas coisas que se podem encontrar lá.

Na subida do tabuleiro, reparei em um ou dois lambedouros de sal, que apresentavam numerosas pegadas de diversos animais. Se esta terra salina pudesse ser utilizada, ele se mostraria imensamente valiosa, pois o sal é comparativamente o artigo de consumo mais caro do interior do Brasil, a maior parte dele transportada com grande esforço e dispêndio desde a costa marítima. O Rio de Janeiro é suprido principalmente pelas Ilhas Canárias, e envia o sal para os interiores distantes de Minas Gerais e Goiás.

Numerosos pares de araras passavam por nós voando e faziam a imensidão ressoar com seus gritos altos e discordantes. Estas aves gostam particularmente do fruto do buriti e um lambedouro de sal é uma grande atração para elas; elas se deliciam também em rolar pela areia, a cujo propósito se prestam os rios e os gerais deste distrito.

Mas, excetuando estas aves, não há mais nada para quebrar a solidão sinistra e o silêncio destes ermos, e, embora haja certamente numerosos indícios de caça, até aqui eu não pude ver nenhuma. Entretanto, José e Dom Quixote imploravam mais um pouco de paciência da minha parte.

Nosso acampamento naquela noite foi montado em um capinzal aberto, onde o capim áspero e viçoso era inconvenientemente sugestivo de uma emboscada, assim, pelo menos, observou Rodrigues. Diante da comparativa ausência de pasto para os animais, eu agora dava valor à sabedoria do conselho que recebera em Formosa, para que trouxesse as duas cargas de milho.

Em volta da fogueira à noite, pensei que Dom Quixote acabaria por provocar um delírio de pavor no pobre Rodrigues com seus casos do distrito; mesmo o frio José contribuiu com sua cota para a agonia do pobre homem.

A altas horas da noite, fomos despertados pelos cães que dirigiam latidos altos à escuridão circundante; foi o bastante para Rodrigues, ele se levantou em desespero e gritou, “Às armas, rapaziada, às armas, os tapuias, ai! Meu Deus! Vou morrer!” – e disparou sua espingarda às tontas na escuridão, causando, é claro, grande confusão entre seus próprios homens, que fizeram todos o mesmo, antes que pudéssemos detê-los. Os protestos foram inúteis, até que José lhe plantou um pontapé bem dado, o que trouxe o timorato homem à razão.

1. Há diversas espécies conhecidas e descritas desta estranha planta, mas o maior tamanho conhecido até agora não atinge uma altura maior do que 4 ou 5 pés, enquanto as do Sapae variavam desde o pé jovem e pequeno até o totalmente maduro de 8 ou 9 pés de altura.

Os cães retornaram mais tarde, e pela manhã encontramos os rastros de uma anta que passara perto do acampamento e causara o alarme. Rodrigues estava sem graça e cabisbaixo, e eu esperava que a absurda lição lhe fosse benéfica; riram muito dele, e isto tem mais efeito sobre essas pessoas do que qualquer reprimenda.

8 de abril – Uma alegre partida foi dada de manhã cedo e durante o dia cobrimos vinte e quatro milhas; o caminho seguia principalmente por sobre os gerais, e ocasionalmente tínhamos de descer e cruzar algum dos muitos tributários do Sapão, ou brejo ou arroio.

Um riacho, que batizamos de Riacho do Salto, depois de passada uma bonita cachoeira em seu curso, era uma gema de beleza silvestre. Um curso borbulhante da mais pura água, saltitando sobre pedras forradas de líquens e musgo, através de um pequeno paraíso de uma das mais belas vegetações dos trópicos, xaxins e moitas de gramíneas arborescentes, palmeiras de diversos tipos, orquídeas e bromélias em plena floração, margens musgosas e diversas variedades de samambaias, o conjunto graciosamente festonado com lianas e cipós e, para dar maior vivacidade, miríades de borboletas coloridas e diversos colibris adicionavam suas cores brilhantes ao ambiente animado e pitoresco.

Descansamos ali ao meio-dia; e até mesmo meus companheiros, que demonstravam tão pouca atração pelas belezas da natureza quanto costumam fazer os brasileiros da roça, mesmo eles avaliaram o recanto como “muito bonito” e homens e animais tomaram um bom banho antes de prosseguir novamente.

O resto da marcha do dia descortinou os aspectos habituais dos gerais, exceto pelas palmeiras baixas e um cacto rasteiro, o “cabeça-de-frade”,² tornarem-se mais freqüentes, o último muito inconveniente para os que viajavam a pé. É como a parte de cima de uma bola, de cerca de 9 ou 12 polegadas de diâmetro, com nervuras como as de um melão e elevando-se apenas uma ou duas polegadas acima do chão; sua superfície é densamente coberta de espinhos longos e duros e, como ele é difícil de notar entre os tufos de capim, é muito perigoso; por sorte, os homens foram cuidadosos e não se acidentaram. Dizem que o gado e os cavalos apreciam muito sua polpa carnuda, e logo aprendem a esmagar os espinhos com os cascos.

No fim da tarde acampamos ao lado de uma mata perto do Sapão, a cuja vizinhança tínhamos descido novamente, em busca de água para o acampamento.

O local era muito triste e solitário; perto de nós uma mata fechada projetava suas sombras sobre a depressão onde estávamos acampados; o capim alto e viçoso cobria o chão; o Sapão corria preguiçosamente sem um murmúrio, parecendo, ao serpentear

². *Melocactus* ou *Echinocactus*

entre seus bosques de buritis, um verdadeiro Estige negro. À direita e à esquerda dele, no agora muito estreitado vale, erguiam-se altaneiros, muito acima de nós, os contornos escuros das encostas dos tabuleiros, cujas sombras profundas intensificavam a obscuridade do local; as vozes dos homens eram quase dolorosas na intensa quietude e silêncio. Os homens disseram com voz abafada, “Que lugar feio”, e o intitularam “Brejo Escuro”.

Em meio à escuridão circundante da noite, distinguia-se uma grande luz azul-pálido e, indo examinar de onde ela se originava, descobri que se tratava de um fungo fosforescente que crescia na base de uma palmeira nanica. Ele é conhecido como “flor de coco” (*Fungus phosphoricus*).

Neste acampamento construímos uma trincheira³ com as selas e a bagagem, empilhando-as em forma de quadrado oco, uma excelente defesa contra os pecaris ou outros inimigos. As armas foram carregadas, os cartuchos distribuídos e turnos de vigia organizados para a noite.

Recostados no chão diante do fogo, alguns sobre couros ou capas, a luz brilhante de um lado, pensei que belos alvos seríamos para tapuias itinerantes. A noite, no entanto, passou sem incidentes, sem mesmo um latido dos cães.

Durante a noite, sentindo algo se arrastar em minha bota, fiz um movimento sonolento, e o inseto, fosse qual fosse, saiu. De manhã, ao enrolar a minha manta, uma enorme centopéia foi encontrada enrolada nas dobras. Imagino que fosse o visitante da minha perna; se foi, escapei por sorte de suas quelas venenosas.

Esta manhã, o indispensável cantil de couro estava faltando; isto causou mais um atraso, enquanto dois homens refaziam o trajeto de ontem para encontrá-lo.

Aproveitei a oportunidade para ir com o Dom até os gerais em busca de alguma variação de dieta, deixando José Grosso encarregado do acampamento.

Depois de uma escalada curta, mas íngreme, pela face do rochedo mais próximo, chegamos ao topo, onde a extensão plana dos gerais se abria a nossa vista. Quase os primeiros objetos que discernimos foram um gamo e uma corça, e como o pouco vento vinha na nossa direção, eles ainda não tinham percebido nossa presença. Arrastamos-nos através do capim alto até estarmos a um bom alcance e abatemos com facilidade nossa caça; ao mesmo tempo, Antônio mostrou-me os esgalhos de um numeroso bando fugindo em disparada pelo capinzal. Porém, não estávamos em uma expedição de caça e estávamos satisfeitos com nossa presa, uma espécie pequena de veado, quase gazela em suas proporções delicadas, lindas cabeças e olhos vivos e brilhantes; eles são conhecidos como galheiro e campeira,⁴ o gamo e a corça dos campos. Pequenos como eram os cervídeos, o meu, pelo menos, logo se tornou uma carga avolumada enquanto

3. Literalmente, trench.

4. *Mazama campestris*.

cambaleávamos em direção ao acampamento, transpirando sob o sol já escaldante e tropeçando nas pedras e capim alto da descida, onde estávamos fora do alcance da agradável brisa. Eu pensava na glória de marchar acampamento adentro com meu troféu, mas a cada momento a gazela parecia ficar mais pesada e tive de desistir daquela satisfação e mandar um dos homens buscá-la.

A marcha daquele dia seguia o vale, já que os tabuleiros não ofereciam nenhum meio de acesso para os animais; um aspecto notável do dia foi a grande quantidade de formigueiros, de quatro a seis ou sete pés de altura, construídos de argila originalmente por uma espécie de formiga branca, e depois ocupados – certamente um entre cada três – pela “abelha de cupim”. Estas abelhas tinham expulsado as formigas de seu alojamento e se domiciliado em seu lugar. Sem exagero, eu acredito que muitas toneladas de mel poderiam ser recolhidas desses morrinhos; de um único cupim extraímos o suficiente para satisfazer os apetites de todos – mesmo as mulas receberam sua quota. O mel é encontrado em bolas pequenas e compactas de delicada cera preta, de cerca de uma polegada e meia de diâmetro; cada bola é separada e distinta de sua vizinha, e o mel tem excelente sabor. As abelhas, é claro, voavam em torno de nós, mas eram perfeitamente inofensivas; elas são pequenas e pretas, não muito maiores do que uma mosca doméstica; o mistério é como elas conseguem conquistar e expulsar as formigas brancas; talvez muitas batalhas tenham sido travadas antes que as últimas desistissem da posse; de qualquer modo, as abelhas eram evidentemente donas da situação. Diversas dúzias de cupins foram examinadas, e mais de um terço estava ocupado pelas abelhas, mas somente em dois ou três casos o mesmo cupim era ocupado conjuntamente por abelhas e formigas.

A terra por que passamos neste dia era alternadamente a terra baixa pantanosa imediatamente adjacente ao rio e os morros suavemente ondulados, cobertos de cerrado fino que os separavam das encostas do tabuleiro; mas muitos desvios cansativos tiveram de ser feitos em volta dos brejos de buriti que continuamente interceptavam o caminho.

Mais tarde chegamos a um riacho que vinha aparentemente de uma longa distância pelos gerais, onde acampamos. Este riacho denominamos Ribeirão do Veado, para comemorar nosso excelente jantar de carne assada; a carne era muito gostosa e significou uma agradável mudança de dieta.

Depois do jantar, Antônio chamou-me de lado e deu-me a desagradável notícia de que havia índios na vizinhança; ele chegara a esta conclusão ao notar uma colmeia que tinha sido removida, e também vira as pegadas dos índios. Perguntei a ele por que não me mostrara na hora; ele respondeu que não queria assustar-me então,

mas depois pensara que era melhor me contar. Eu tinha uma boa suspeita de que o velho Dom estava testando em mim os efeitos de sua imaginação. Fui consultar José, que ficou sério e disse que podia ser verdade, mas que ele não acreditava que fosse. Eu tive de dizer ao velho Dom que se ele me pregasse alguma peça, eu suspenderia uma ou duas de suas refeições. Ele jurou por todos os santos que estava falando a verdade. Fizemos nossa preparação habitual, mas a noite transcorreu tranqüilamente, sem incidentes.

10 de abril – Com que sensação de alívio um viajante nestes gerais acorda de manhã e encontra todos os seus animais no acampamento mascando o seu milho; e depois da noite úmida de sereno, com a barba e as mantas molhadas do pesado relento noturno, como é bom um café quente ao romper da aurora, quando o chão está molhado e o capim e a folhagem peroladas de gotas de orvalho, e leves nuvens fofas de neblina aqui e ali encobrem as vistas do capinzal e do cerrado e enrolam-se em espirais deslizantes em meio às nobres colunatas dos buritis. É muito bonito de se ler a respeito, isto de acampar ao ar livre; mas a sensação de manhã ao acordar é de sujeira, umidade e dor no corpo. Porém, além do café, há o prazer de um bom banho, e para isto o Ribeirão se prestava à perfeição – deliciosa água limpa e fresca, cristalina como o ar.

Subimos o Ribeirão por uma ou duas milhas, até encontrarmos uma travessia, e depois passamos a cortar os gerais planos paralelamente ao curso do Sapão. Ao meio-dia vadeamos outro riacho, ou melhor, buritizal; embora o chão fosse macio, fizemos uma passadeira, espalhando em fila sobre o brejo os forros de couro cru das selas de carga, sobre a qual guiamos os animais. Como era necessário fazer observações ocasionais no vale do Sapão, nossa rota se dirigiu novamente para o rio.

Durante o dia abatemos mais três veados. Em uma ocasião, tentei uma coisa que vira Antônio praticar, isto é, envolver-me dos pés à cabeça em minha capa e avançar diretamente para um bando de cervos. Eles olharam para mim durante algum tempo com perplexidade e chegaram a aproximar-se de mim. Eu estava fazendo uma mira firme com meu revólver, quando Feroz e Pensamento passaram por mim correndo para perseguir a caça; naturalmente, o bando debandou com a velocidade do vento, e os cães logo voltaram, evidentemente perguntando-se para onde tinham ido os veados.

Eu cavalgava à frente com o Dom, deixando nosso rastro claramente marcado no capim alto. Pelo caminho, matamos mais dois veados e poderíamos ter pego mais outros, mas teria sido carnificina, pois já tínhamos o suficiente para alguns dias.

Por volta de meio-dia chegamos às bordas de um buritizal que ia até o Sapão. Lá paramos para aguardar a tropa, que logo chegou, parou e comeu o desjejum. Encon-

tramos numerosos sinais de pecaris, tantos que comecei a acreditar em sua existência; o capim apresentava muitas trilhas pisoteadas por eles e poças d'água ainda estavam revolvidas, onde eles aparentemente tinham se refestelado há pouco. Batizamos este como o Brejo do Diogo.

O Dom e eu continuamos a liderar o caminho, desta vez por sobre campos limpos, abertos e arenosos, muito raramente coberto com tufos esparsos de capim fino e duro, e ocasionalmente umas poucas canelas de ema e cactos cabeça-de-frade. Prosseguimos por cerca de seis milhas e vimos adiante um longo vale que se estendia dos gerais até o Sapão, e tão densamente crivado de buritis que era evidente que não havia alternativa senão seguir o seu curso até que se pudesse encontrar um vau, pois nestes buritizais a extensão e profundidade do lamaçal estão sempre em proporção com a densidade de crescimento das palmeiras; quanto mais juntas elas estão, mais intransitável é o pântano. Eu calculei que estávamos então a cinco milhas do Sapão e não adiantaria descer pelo buritizal, já que a possibilidade de encontrar uma passagem mais abaixo é sempre menor.

Mais tarde acampamos à borda do pântano.

Naquela atmosfera clara e saudável e com o exercício diário, estávamos, felizmente, todos com excelente saúde; e nossa alimentação, embora a mais rústica possível, nunca foi tão apreciada por um caçador de raposas depois de correr o dia todo atrás dos cães. Aquelas noites, nunca as esquecerei, em que repousávamos no chão diante da fogueira sobre couros ou mantas e ouvíamos as histórias do Dom sob o claro céu estrelado, na atmosfera pura e fresca. Como nenhum dos males previstos tinha ainda surgido, os homens estavam ficando mais tranqüilos, exceto, naturalmente, Rodrigues, que, creio, imaginava que cada árvore do horizonte era um índio à espreita, querendo o seu sangue.

Partimos logo depois do romper do dia; fui à frente subindo o vale com Dom e Bob, procurando uma passagem. Tínhamos percorrido uma curta distância, quando vimos que finalmente alcançáramos os alvissareiros campos de caça de que tanto tínhamos ouvido falar. Primeiro avistamos alguns veados, depois, mais adiante, eles se tornaram muito numerosos. De repente o Dom, agitado, chamou minha atenção para dois pequenos animais pretos que disparavam pelo capim baixo do brejo em frente. "Porcos! Porcos!" disse ele; os pecaris, no entanto, logo desapareceram de vista. A cerca de 500 jardas de nós havia um bando de sete veados; o Dom não podia esperar mais; ele disse que tinha de atirar. Desta vez, depois de envolver a cabeça em um lenço vermelho, ele se arrastou de quatro na direção dos animais, balançando a cabeça para baixo e para cima enquanto avançava. Um belo gamo afastou-se de sua família para

investigar a natureza do estranho visitante. Vi o Dom fazer mira com aquele seu maravilhoso trabuco. Uma nuvem de fumaça azul ergueu-se do lado do seu ombro, e depois mais uma da boca da espingarda, e o gracioso animal caiu. Bob e eu fomos mais tarde atrás de outro bando, mas não conseguimos chegar perto o suficiente; já se espalhava evidentemente a notícia entre os cervos de que o “nobre animal” estava entre eles.

Mais tarde topamos com os rastros de todos os animais encontráveis nestas regiões, até mesmo onças e tamanduás.

Tivemos de viajar bem umas sete milhas desde o acampamento antes de encontrar uma passagem possível através do pântano, tão largo e profundo era o lamaçal; de fato, tivemos de ir à fonte da água ao pé das montanhas escarpadas do tabuleiro, onde encontramos uma confluência de não menos que nove brejos diferentes, cada um equipado com sua alameda de palmeiras. Que maravilhosa cena era aquela!

Foi necessário rodear cada uma dessas ramificações, pois estávamos no fundo do vale estreito, onde as encostas do tabuleiro nos cercavam como uma muralha, pela qual não havia aceso visível. O capim alto e viçoso também estava atulhado de pedras de arenito e árvores de cortiça baixas e retorcidas, era uma marcha penosa tanto para homens como para animais, mas lá ficava certamente o quartel-general dos pecaris da região, pois por todo lado o chão estava sulcado e revolvido, o capim pisado em longas avenidas, as poças de água turvas de sua espojadura, e o local cheirando como um chiqueiro; todavia, por estranho que pareça, não havia nenhum deles à vista, para nossa sorte; pois em um lugar tão inconveniente, um ataque desses ferozes animais no número em que eles evidentemente podiam reunir, permitiria-lhes pegar-nos em grande desvantagem.

Apressamos os animais para sair dessa armadilha para homens montada por porcos e, mais tarde, saímos do labirinto pela extremidade do último tributário do brejo principal e, depois de alguma dificuldade, encontramos uma subida para os gerais, onde fomos em linha reta até o Sapão, atravessando a terra plana.

Durante a travessia dos pântanos o Dom disse:

“Ah! Senhor Doutor, que pena abandonar um lugar tão bonito; se você e eu estivéssemos aqui hoje à noite, como íamos nos divertir com os pecaris; mas, paciência, eles nos farão uma visita hoje à noite, por causa do rastro dos cachorros.”

Mas nem tempo nem lugar nos permitiriam satisfazer os desejos do Dom, já que não havia água nem pasto para os animais. O comentário do Dom sobre os pecaris nos fazerem uma visita deve-se a uma crença popular de que estes animais, quando bastante numerosos, seguem o rastro de um cão por muitas milhas e o atacam e matam. De fato, é costume entre os caçadores imitar o latido de um cachorro para atrair a atenção dos porcos e induzi-los a se reunirem e prepararem um ataque; quando, en-

tão, os caçadores em segurança no alto das árvores, a caça é garantida, pois os homens só têm de atirar no que quiserem.

O terreno atravessado naquela tarde não era tão livre de mato como o que víamos até então, sendo em muitos pontos densamente coberto de cerrado fechado (onde abundam em imensa quantidade as mangabeiras produtoras de borracha), através do qual o progresso era muito lento e difícil e exigia o uso constante de nossos facões. Depois de uma marcha longa e cansativa, chegamos ao vale do Sapão novamente, a boas oito milhas do retiro dos pecaris.

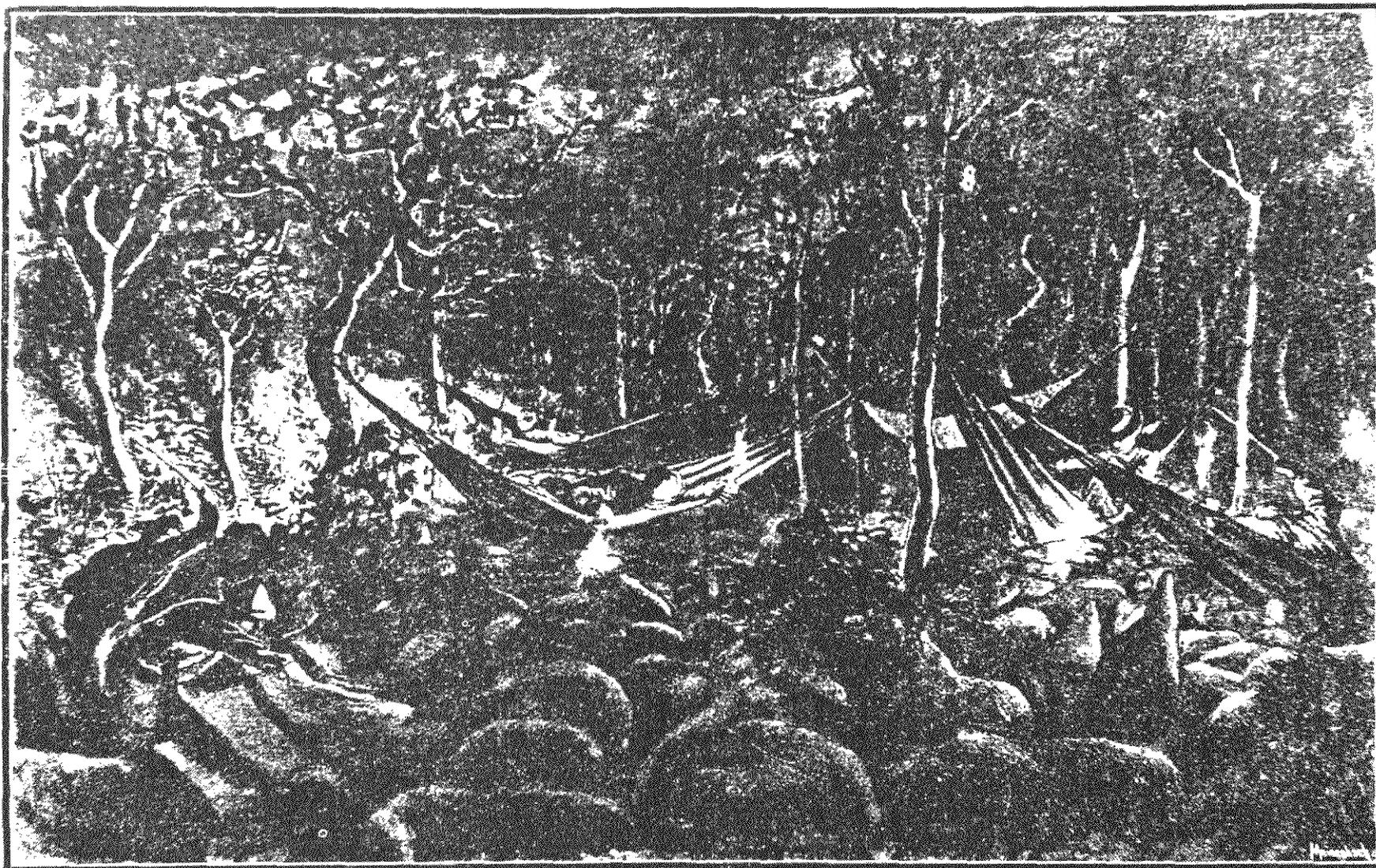
Verifiquei que o vale do rio apresentava quase as mesmas características que observáramos mais abaixo. Para se construir uma ferrovia ele é admirável; os gradientes são praticamente nivelados, e o único engenho necessário estaria em cruzar os muitos brejos de buritis que interceptam a rota, e estes, embora numerosos, são estreitos.

Mesmo o próprio Rio Sapão poderia sem dúvida ser transformado em um bom canal, na ausência de uma ferrovia, pois há água em abundância e o terreno oferece grande facilidade para a correção de seu curso.

Foi tomado um cuidado especial na preparação do acampamento aquela noite. O Dom e José superintenderam a operação de construção do forte, cujos lados eram adicionalmente protegidos, estendendo-se sobre eles os couros usados para cobrir as cargas das mulas. O mato também foi cortado para completar e aumentar as defesas, e uma estaca forte foi enfiada no chão dentro do forte para prender os cachorros caso os pecaris chegassem. O acampamento foi feito às bordas de um grupo de árvores, nos quais pudemos pendurar as redes, pois ninguém queria dormir em terra firme aquela noite, mas dois dos homens, que não possuíam redes, estenderam seus couros no chão dentro do forte.

Depois do jantar, já se sabe que os pecaris constituíram o único tópico de conversação, mas hora após hora se passou sem que houvesse sinais de sua presença; e, depois de escalar os turnos de vigia, deitamo-nos, e com a fadiga do dia, eu logo adormeci.

Pareceu-me, porém, que eu mal fechara os olhos, quando senti minha rede ser violentamente sacudida. Era o Dom acordando-me e dizendo "Acorda, cá estão os porcos, a festa vai começar." A primeira peculiaridade que me chamou a atenção foi a predominância do odor de chiqueiros velhos. Sentei-me, olhei em volta e pus-me à escuta. O pretume de piche da noite nos cercava, mas o fogo, queimando alegremente, lançava sua luz bruxuleante sobre os troncos das árvores, a folhagem, e as redes; dois homens estavam no forte com espingarda e faca nas mãos, e os cachorros amarrados à estaca eram mantidos quietos com dificuldade, e davam vazão a sua excitação com rosnados profundos. Enquanto eu escutava, tornou-se evidente que



O acampamento atacado por queixadas.

estávamos cercados por alguns animais, pois de muitas direções ouvia-se na quietude da noite o som de corpos movendo-se através do mato, ramos estalando, capim farfalhando, etc. Foi um momento de suspense, mas não por muito tempo; pois subitamente, de todos os lados, veio o som aterrorizante do chacoalhar simultâneo de dentes das vastas hostes do inimigo, seguido pela multidão de animais negros que investiam, correndo com espantosa velocidade em direção a um centro comum, o forte. Cada um de nós que estava nas redes acendeu uma espiral de velas de cera que haviam sido preparadas para a ocasião. E que cena se seguiu! O fogo espalhou-se rapidamente e extinguiu-se em parte; debaixo e em volta de nós havia uma massa furiosa de pecaris negros, mal discerníveis à luz difusa, mas todos empurrando e forçando a passagem para a frente; os homens no forte tinham descarregado suas

armas e estavam ocupados em golpear e esfaquear os porcos que tentavam trepar pela superfície lisa dos couros que cobriam os lados do forte. Os homens nas redes, depois de descarregar suas espingardas, debruçavam-se e golpeavam com suas facas os animais que enxameavam abaixo deles. O ataque parecia mais a valentia cega e temerária dos árabes do Sudão, pois a cada porco que caía guinchando, ferido, dúzi- as de outros vinham ocupar seu lugar. A luz fraca das velas e a fogueira semi-extinta serviam apenas para iluminar indistintamente os elementos da estranha, barulhen- ta, selvagemmente insólita cena; os troncos das árvores circundantes e sua folhagem; as redes balançando e seus ocupantes inclinados para baixo, cortando e estoqueando com suas longas facas cintilantes; as figuras obscuras dos homens na trincheira, re- pelindo com gritos e estocadas a multidão dos inimigos; as formas velozes e furiosas dos corpos negros dos porcos-do-mato, atirando-se aos montes contra o forte, sem se importarem em serem derrubados um após o outro e sempre impelidos para adian- te pelos de trás que lutavam para chegar à frente; outros tentavam sem sucesso alcançar nossas redes ou abocanhavam ferozmente as árvores que nos sustentavam; os cheiros extremamente desagradáveis e nauseantes dos animais, seu chocalhar de dentes como mosquetaria atirando em colunas, a detonação das armas de fogo, os gritos dos homens, os uivos e latidos dos cachorros e a luz difusa, criavam uma cena indescritivelmente estranha e excitante. Cada bala de meu revólver acertava o alvo. Gritei para os homens que poupassem sua pólvora e projéteis, mas era como conver- sar em um vendaval no mar.

A despeito de todos os esforços, a batalha ainda fervia. Os animais pareciam não ter fim, pois até onde a luz fraca permitia ver, o chão estava coberto com seus corpos em movimento, correndo, lutando, os mais fortes sobrepujando os mais fracos, gru- nhindo, guinchando e batendo com os dentes; e pairando acima de tudo havia as exalações abomináveis de seus corpos, um odor que parecia uma combinação de man- teiga rançosa e alho.

Eu estava ficando ansioso, não apenas por minha bagagem, mas pelos homens atrás do forte, que tinham de cortar e estoquear como loucos; a agitação era intensa. Os fortes couros crus estavam rasgados como que por uma faca afiada, e os sacos de feijão e farinha deixavam escorrer em profusão os seus conteúdos, através dos inume- ráveis rasgões causados pelas presas afiadas.

Embora estivéssemos totalmente a salvo nas redes, o forte estava oscilando; mui- tas das selas e sacos tinham sido deslocados pela pura pressão do inimigo. Nossas pou- cas e pobres armas de fogo pareciam não fazer mais efeito do que se fossem espingardinhas de rolha, embora o terreno começasse a ficar coberto de corpos feridos

e mortos. Por fim consegui fazer os homens das redes atirarem projéteis em um ponto dado, e depois de um tempo isto pareceu fazer efeito, pois, tão repentinamente como começara, o ataque cessou; e os animais recuaram simultaneamente e em silêncio.

O Dom (sua voz cacarejando de satisfação) gritou para nós que nos preparássemos, pois eles provavelmente retornariam. “Ah!” disse-me ele em voz baixa “que farra estamos fazendo!” Eu, no entanto, pensava nos homens do forte, um dos quais estava estancando o sangue de seu pulso. Pedi ao Dom que fosse apoiá-los; mas de repente ele ficara muito surdo; estava bem aconchegado em sua rede e realmente não poderia ouvir-me; mas José, como bom sujeito que é, saiu, correu para o forte, pulou para dentro, e ajudou os homens a cuidar dos estragos. Ainda podíamos ouvir os porcos no mato, e daí a pouco, sem o menor aviso, ouvimos de novo o diabólico bater de dentes formando um círculo à nossa volta, seguido imediatamente por outro assalto furioso e a batalha se renovou com todo o seu tumulto; mas aí, depois da primeira onda de excitação, ficamos mais calmos, e José lá no forte era por si só uma hoste; este ataque foi de duração muito menor, e o inimigo mais uma vez recuou de repente. Na pausa que se seguiu, lembrei-me de Rodrigues, pois ocorrera-me então que eu ainda não tinha tido notícia dele; sua rede estava imóvel, e as beiradas puxadas sobre seu corpo, que formava uma protuberância redonda no centro. Vi isto tudo e podia imaginar o pobre homem aterrorizado, encolhido, com o rosto pálido e a respiração entrecortada, e fazendo-se tão pequeno quanto possível. Os homens do forte tinham se comportado com muita bravura.

Seis ou sete outros ataques foram feitos ainda, mas cada um era mais fraco que o anterior, e os intervalos entre eles cada vez maiores. A tumultuada noite parecia interminável e, finalmente, não foi senão perto do romper do dia que ouvimos o último grunhido.

Às primeiras luzes da aurora cinzenta, José propôs fazer um reconhecimento, e saiu com esse objetivo. A princípio ele ia com muita cautela de árvore em árvore. Resolvi ir também, mas neste exato momento senti um impulso solidário para com a surdez do Dom e pensei em quão confortável era uma rede e que eu, na verdade, não ajudaria em nada; além disto, lembrei-me de que os generais devem sempre ocupar altas posições de comando; todos nós relutávamos em abandonar nossos postos seguros.

José voltou logo depois e anunciou que o inimigo tinha finalmente debandado.

Foi aí que me lembrei dos cavalos e mulas, e ficamos aguardando ansiosamente sua chegada, pois eles haviam adquirido o hábito de aparecer por conta própria no acampamento de manhã cedo para sua ração matutina de milho. Com alívio, vi três ou quatro chegarem logo depois, mas dois homens tiveram de ir buscar os outros, que

foram, felizmente, encontrados pastando um abundante estoque de brotos novos de bambus. Por sorte, os animais tinham estado pastando em uma direção oposta àquela de onde vieram os pecaris, senão teria havido uma debandada.

Quase a primeira coisa que os homens fizeram após a retirada final foi entalhar a pele do ventre do inimigo defunto, e extrair a glândula que gera o nauseante odor peculiar a estes animais; pois se não extraída logo após a morte, ela contamina a carne de tal modo que a torna incomível, exceto para índios, que não têm objeções a nenhum sabor e comem todo o seu alimento animal cozido segundo o mesmo princípio com que um cozinheiro europeu prepara uma galinhola. Havia vinte e sete porcos mortos dentro e em torno do acampamento, e também diversos outros feridos, aos quais era necessário dar o *coup de grâce*. As feridas eram quase todas de facas e machadinhas, mas um bom número deles deve ter ido embora para se recuperar ou permanecer sofrendo dolorosamente.

Seis dos mais gordos foram selecionados para serem salgados e postos a secar e sua preparação, além dos consertos dos sacos de provisões, atrasou nossa partida por algum tempo.

Um exame destes animais mostrou serem uma espécie de pecari como a que é conhecida como *Dicotyles labiatus*, mas uma diferença essencial era a ausência dos lábios brancos que dão o nome àquela espécie; nossos inimigos tinham focinhos pretos e lábios escuros; a não ser por isto, coincidiam em todos os pontos.

Eles tinham quatro incisivos na mandíbula superior e seis molares de cada lado acima e abaixo; enquanto as presas, embora menores do que as de um porco, são muito mais finas e afiadas, inclinando-se levemente para trás, e sobrepondo-se estreitamente uma à outra. Alguns dos corpos dos animais mediam trinta e seis polegadas de comprimento. Eles são mais esbeltos do que o porco comum, e cobertos com cerdas rijas e longas, coloridas em anéis alternados de cinza, marrom claro e preto. Estas cores variam com o tamanho e a idade dos animais, e conforme cada uma delas predomine, fazem o animal parecer ou marrom, ou cinzento ou preto; o maior que encontramos era quase todo preto, enquanto o menor tinha uma aparência amarronzada. Durante a batalha eu não pude deixar de observar o aparente método de seus movimentos, como se eles fossem guiados por chefes. Parece que seu modo de ataque em uma ocasião como aquela com que nos tinham presenteado, é cercar em silêncio, formando um círculo completo, o objeto a ser assaltado; quando, a um determinado sinal, tem início um bater de dentes simultâneo, seguido por uma investida geral convergente ao centro, durante a qual os maiores e mais fortes alcançam a frente primeiro e os menores ficam na retaguarda; sua retirada é efetuada por um sistema

igualmente metódico. Há uma pequena espécie vermelha conhecida pelo nome guarani de *caititu*;⁵ nossos amigos são conhecidos pelo cognome brasileiro de queixadas, ou porcos-do-mato. Pelo que eu tinha testemunhado na noite anterior, posso compreender perfeitamente como estes corajosos animais em grande número são capazes de cercar e destruir uma poderosa onça; e se meu cachorro Feroz tivesse caído em seu meio, ele teria sem dúvida lutado com bravura, mas não teria a mínima chance de escapar; felizmente para nós as cordas das redes não se romperam, como as cordas de rede costumam fazer nos momentos mais impróprios, de outro modo eu não estaria aqui para contar a história.

Mas agora, da fogueira do acampamento, vem o cheiro de pecari assado, pois pedaços deles já estavam sendo preparados para o desjejum e emitiam um odor muitíssimo mais aceitável do que quando vivos. Depois de prontos, é desnecessário dizer que, após a longa noite e no ar frio e orvalhado da manhã, nossos visitantes foram imensamente apreciados, mesmo sem molho de maçã, pois agora não havia o menor traço do repulsivo odor.

Marchamos pelo vale do Sapão acima, agora um curso estreito e vagaroso de água esplendidamente límpida mas escura, correndo quase nivelada com o capinzal adjacente, franjado com finos cinturões ou alamedas de buritis.⁶ O rio, embora fundo – oito a dez pés – não tinha mais de dez ou doze pés de largura; estávamos evidentemente nos aproximando de sua nascente.⁷

Não tínhamos viajado mais de uma milha desde o acampamento, quando chegamos ao topo de uma leve costela que interceptava nosso caminho, e que tinha até então ocultado a vista do alto do vale. Ao chegar a este ponto, um cenário dos mais inusitados abriu-se ao meu olhar, pois, ao invés de ver o vale se estreitar, como vinha fazendo até então, ele se ampliava para uma bacia côncava de cerca de 2 milhas de largura e 3 milhas de comprimento e quase cercada pelos morros, ou melhor, pelos alcantis dos gerais.

A maior parte da área desta depressão é ocupada por uma lago pantanoso, circundado por milhares e milhares de buritis. A água evidentemente não é funda, pois moitas esparsas de juncos, e capim, e palmeiras podiam ser vistos crescendo por toda a sua superfície. Além das margens imediatas deste lago raso, o terreno é coberto de buritis, alguns em grupos, alguns aos pares, alguns em alamedas longas e retas. O conjunto do vale é, com a exceção de uns poucos intervalos, cercado pelos penhascos de arenito pitorescamente coloridos dos gerais.

Havia um belo céu azul lá no alto, manchado com nuvens fofas e brancas em quantidade suficiente para lançar sombras deslizantes sobre a paisagem; verdes no

5. *Dicotyles torquatus*

6. Em muitas ocasiões os homens tinham cortado algumas destas palmeiras e, com os troncos caídos no chão, abriram um buraco de cerca de 8 polegadas quadradas; este rapidamente enche-se de um líquido quase transparente, que é uma bebida muito refrescante, e lembra muito o leite do coco verde, mas muito mais doce. Deste líquido os nativos fazem o famoso "vinho de buriti", deixando-o fermentar. Ele torna-se então uma bebida forte e inebriante, muito apreciada pelos índios. Daí o nome desta palmeira – *Mauritia umfera*.

7. O cenário da aventura de ontem à noite denominei Batalha.

capim dos brejos, azuis no céu refletido nas águas do lago, castanho dourado sobre todas as terras mais altas que são cobertas pelas gerações acumuladas de anos e anos de capim e variadas ainda pelos muitos e ricos matizes das encostas precipitosas dos alcantis escarpados circundantes – era deveras uma magnífica combinação de cores e formas, e que solidão profunda!

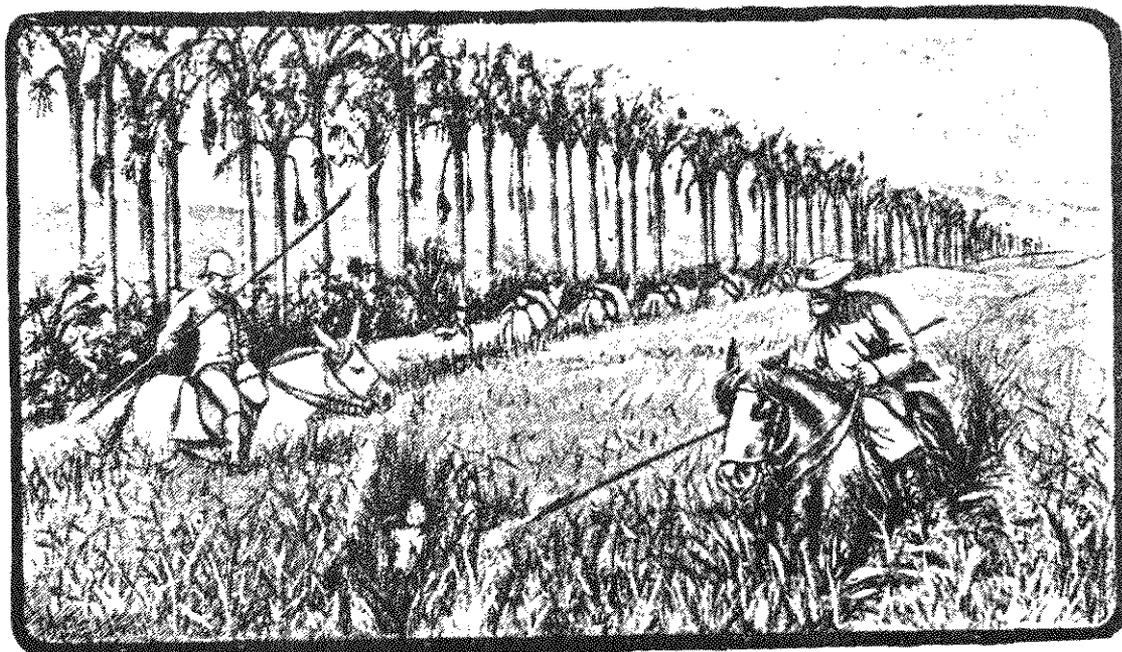
A noroeste e sudoeste surgem duas aberturas onde a terra, mais ou menos nivelada com o pântano, forma um claro horizonte contra o céu azul. Estas duas aberturas são separadas por uma cadeia de montanhas de cume plano, com lados perpendiculares e uma base do declive natural de terra. Estas montanhas têm uma aparência notável e lembram uma enorme fortaleza de titãs.

Resolvi explorar o aparente escoamento das águas do lago pelas duas aberturas mencionadas acima a noroeste e sudoeste, para cujo propósito era aparentemente necessário dar a volta a três quartos da inteira circunferência dos pântanos e lagos à nossa frente.

O Sapão aqui perde sua qualidade de rio corrente entre margens claramente definidas, pois suas águas e filas de buritis se espalham gradualmente e misturam-se com as do largo lago pantanoso, onde as palmeiras já não aparecem em forma de alamedas, mas em grupos destacados, densos e extensos, cujo crescimento indica a natureza quase intransponível de um grande lamaçal.

Prosseguimos viajando, mantendo-nos o mais próximo possível do curso do Sapão, pois ocorrera-me que se este lago drenava para o oeste pelas aberturas de sudoeste e noroeste, eu tinha feito uma descoberta geográfica muito interessante, ou seja, *que todo o vasto território que forma a seção nordeste do Brasil é praticamente uma ilha*, já que qualquer água fluindo para o oeste deve necessariamente unir-se em algum ponto ao Tocantins.

No caminho, reparei em um outeiro cercado por pântano e coberto de capim verde enquanto que *todos* os terrenos similares eram cobertos de um capim castanho e densamente emaranhado, de crescimento antigo. O Dom, observando o meu olhar,



"Pig-sticking"* em Goiás.

* Literalmente, "finca-porco". Caçada ao javali selvagem, feita a cavalo, com uma lança (N.T.).

chegou até mim com um jeito misterioso e disse, “é gente! seja quem for, são quilombeiros ou tapuias”. Certamente, esta mancha de capim verde em terreno alto era misteriosa; olhamos em volta, mas não pudemos ver outros indícios de humanidade, e assim tocamos a marcha para diante.

Como diversos pecaris tinham cruzado nosso caminho recentemente, José e o Dom cortaram três longos bambus retos; nas extremidades de cada um amarramos nossas facas de ponta, para fincar os porcos. Mas o primeiro uso que achamos para nossas lanças foi em um animal diferente; nossos cachorros tinham desaparecido de repente pelo capim alto, latindo, e poucos momentos depois um imenso tamanduá⁸ veio rolando para o espaço aberto da terra semi-pantanososa, seguido pelos cães; ele ia a bom passo, mas com os mais extraordinários e ridículos movimentos. Tornou-se então bem interessante observar a sagacidade dos cães, que se colavam bem às suas costas, tentando agarrar só a cauda do animal e mantendo-se fora do alcance de suas poderosas patas dianteiras, armadas com tremendas garras. Os cães, no entanto, estavam evidentemente perdendo a cautela e chegando mais perto, e o desajeitado bicho já tinha dado alguns botes particularmente rápidos, tentando rasgar os cachorros. Temendo um possível desastre para meu fiel Feroz, galopei para lá, mas é incrível a velocidade que estes tamanduás desajeitados conseguem desenvolver. Tivemos de fazer os nossos animais irem à toda para alcançar a caça, quando então pudemos enterrar as nossas lanças. O tamanduá custou a morrer, caído sobre as costas e golpeando com as patas dianteiras. Os homens cortaram porções de carne para comer, mas, mais tarde, já preparadas, achei-a muito fortemente impregnada de ácido fórmico para ser agradável, e os cachorros não a quiseram.

Ocorreu-me então que o incidente da descoberta pelo Dom do roubo de uma colméia há alguns dias, poderia ser talvez explicado por ela ter sido removida por um tamanduá e não por um estranho na tocaia como ele supunha.

Embora a aparência deste grande vale fosse encantadora e parecesse de travessia fácil, nós o achamos muito fatigante; o terreno plano perto das bordas do grande lago, coberto apenas com tufo esparsos de capim curto e fino, parecia muito agradável, mas descobrimos que consistia quase inteiramente em atoleiros, que em alguns pontos se estendiam até a base do planalto circundante. Muitas vezes tivemos de tentar o expediente de fazer passarem os animais sobre os couros estendidos sobre o capim molhado, para evitar que eles ficassem engolfados no pântano; para desviar dos pântanos não havia alternativa senão forçar caminho em meio ao capim alto e emaranhado do terreno mais elevado na base dos penhascos que fechavam o vale.

Pelo caminho passamos por diversos pecaris, isolados ou aos pares, mas a nature-

8. O grande tamanduá-bandeira dos brasileiros, o tamanoir de Buffon (*Myrmecophaga jubata*). Este animal media – cabeça, 16 polegadas; costas, 4 pés; rabo, 4 pés; comprimento total cerca de 9 pés e 4 polegadas. Era o espécime mais admirável que eu já vira. Seu movimento peculiar ao correr deve-se a sua necessidade de dobrar suas imensas garras em forma de bico de gavião, e apoiar-se na porção superior externa das patas dianteiras, dando-lhe um movimento muito similar ao que um homem teria se tivesse de dobrar seus punhos e andar de quatro, usando o topo de seus pulsos em vez das mãos. Este animal é totalmente desprovido de dentes; sua boca é uma pequena fenda no fim de uma tromba alongada; sua cabeça é longa e fina, e inteiramente fora de proporção com as outras avantajadas partes de seu corpo; os olhos são pequenos, e a língua longa, cilíndrica e prostrátil, lubrificada por uma saliva viscosa, que a torna especialmente adaptada à ingestão de insetos. O imenso desenvolvimento muscular das enormes pernas dianteiras, cada uma armada com quatro formidáveis garras em gancho, permite-lhe destruir com facilidade os fortemente construídos montículos de argila cozida pelo sol das térmitas, ou formigas brancas. Os pêlos da cabeça são curtos e compactos, mas no resto do corpo são longos, ásperos e caídos, especialmente no topo da nuca e nas costas. A cor da cabeça é uma mistura de cinza e marrom, a parte superior do corpo é marrom-escura e branco-prata. O que distingue especialmente esta espécie da outra menor, o tamanduá (*Myrmecophaga tamandua*), é uma larga faixa preta, circundada de cada lado por outra similar de cor branca ou castanho-acinzentado-claro; começando no peito ela passa obliquamente sobre cada ombro, onde termina em ponta. Estas faixas deram origem ao nome *bandeira*.

za acidentada do terreno não permitiria uma perseguição. Economizamos nossas lanças para terras mais abertas.

As mulas davam sinal do esforço despendido, da falta de pastos e da dificuldade do caminho, especialmente, pois seus peitos, faces e pernas dianteiras estavam totalmente destituídas de pêlos, em consequência do continuo atrito com o capim alto. Perto de uma moita de pindaíbas e bambus verdes, fixei o acampamento, com a intenção de descansar homens e animais e de escalar um penhasco próximo para fazer o reconhecimento do terreno.

Levei o Dom comigo, embora ele fizesse uma careta diante da perspectiva da escalada. Ele teria ficado surdo novamente, eu sei, mas viu que não iria adiantar, e assim, levou consigo seu pau-de-fogo e lá fomos nós.

Depois de uma escalada curta mas laboriosa, alcançamos o topo. Olhando de cima, como eu olhava para o grande vale, ele naturalmente apresentava uma aparência diferente da vista distante da manhã. Não há apenas um lago grande e pantanoso, como parecia a princípio, mas uma quantidade de lagos grandes e pequenos ligados por canais ou divididos por faixas de terra seca. O esforço da subida foi compensado, pois permitiu-me distinguir um provável atalho através do vale, pois do lado oposto da moita de pindaíbas, onde o acampamento fora erguido, havia um caminho elevado natural e aparentemente seco, levando ao lado oposto do vale e dividindo os lagos em dois conjuntos distintos. Não parecia haver um único arbusto ou árvore em todo o vale, excetuando a vegetação peculiar aos pântanos, pindaíbas e buritis; toda a terra seca era coberta com o capim seco, marrom e emaranhado, "agreste cru", como é chamado. O lado oposto do vale é murado pela cadeia das montanhas, a modo de fortaleza, as quais terminam abruptamente nas extremidades norte e sul. O ponto culminante da cadeia parecia estar no mesmo nível em que eu estava, como também as montanhas à direita e à esquerda, e atrás de mim os gerais estendiam-se lá longe, chatos como uma mesa. A formação geral destes vales pode ser facilmente compreendida.

O cume desta larga, longa e extensa Chapada da Mangabeira, divisor de águas do São Francisco e do Tocantins, é mais provavelmente uma relíquia de um grande platô que talvez se estendesse em alguma época desde os tabuleiros da Bahia, a leste do São Francisco, até os planaltos a oeste do Tocantins, em Goiás. Como, no entanto, as águas mais baixas deste último não são represadas ao ponto que o é o Rio São Francisco pelas pedras das cachoeiras de Paulo Afonso, o nível do Tocantins é muito mais baixo do que o desse rio, consequentemente a drenagem oeste da bacia é mais pronunciada do que a leste, e isto se vê logo que se passa a divisa, as evidências de grandes

denudações que não apenas escavaram os vales dos rios, mas também rebaixaram toda a superfície da terra, exceto quando aqui e ali umas poucas montanhas isoladas de topo plano permanecem como indícios do nível primitivo.⁹

Longe, à minha direita, eu via o cenário de nossa aventura da noite passada e, olhando para baixo para o panorama do vale, compreendi que imensas voltas tínhamos dado naquele dia, tendo viajado talvez dezesseis milhas que correspondiam a apenas quatro em linha reta.

Nestes ermos sem estradas é muito fácil determinar uma direção dada; a dificuldade é segui-la em meio aos muitos obstáculos em forma de pântanos, ou capim emaranhado.

Depois de descermos, fomos a pé examinar o caminho no pântano, onde encontramos a terra seca e o capim batido em muitas trilhas, seja por homem ou quadrúpede, mais provavelmente os últimos, já que víamos muitos corpos movendo-se à distância, que minha luneta fazia-me crer serem tapires ou capivaras.

Se o capim seco deste vale fosse anualmente consumido pelo fogo, que bela região para criação de gado ele seria, pois este agreste quando queimado todo ano fornece um pasto muito bom; é só quando ele já é muito velho que fica duro e acre e lembra mais um taquaral do que capim.

O grupo de pindaíbas junto ao acampamento parecia uma peça ornamental de folhagem em uma pradaria tropical. Ele ocupava uma área quase oval, no centro havia buritis e em volta deles as graciosas pindaíbas; em sua base uma massa de samambaias e arbustos em flor que tornavam as bordas do conjunto claramente definidas em meio à terra plana de brejos à sua volta.

13 de abril – Esta manhã o termômetro registrou 68^o, uma temperatura que, nestas latitudes, cria uma sensação de frio, especialmente se você passou a noite dormindo ao ar livre.

Com a exceção de um falso alarme de Rodrigues, a noite transcorreu placidamente e sem incidentes. Este acampamento batizamos com o nome de Pindaíbas.

De manhã cedo, seguimos pelo caminho elevado que localizamos ontem e alcançamos o lado oposto do vale, onde fiz parar a tropa e prossegui com o Dom em direção à abertura sudoeste da bacia.

Numerosas trilhas de animais selvagens, especialmente pecaris, foram encontradas, e uns poucos veados avistados bem ao longe. A abertura sudoeste mostrou ser na verdade uma drenagem da seção sul dos lagos, onde a água transbordada escapa em forma de um riachinho considerável e corre para o sudoeste de Goiás.

9. Em uma comunicação sobre um "Esboço da Geografia Física do Brasil," lida por mim diante da Real Sociedade Geográfica no dia 8 de fevereiro de 1886, descrevi as aparentes denudações que ocorreram tão evidentemente nesta e em muitas partes do Brasil. (Ver Apêndice H.)

Depois de circular o canto do extremo sul dos penhascos, à direita, topamos de repente com um vasto panorama de morros baixos e ondulados de grande extensão, cobertos, até onde se pode enxergar, com o velho capim marrom de gerações. Cerca de dez milhas a oeste e sudoeste há uma cadeia de montanhas; algumas são isoladas e lembram torres Martello* empoleiradas sobre uma base redonda e inclinada, outras formam filas de montanhas de contorno irregular.

O curso do vale do rio, perto do qual nos encontrávamos, desaparecia lá longe a sul-sudoeste. Como eu pretendia ir para o oeste ou noroeste, esta direção não servia a meu objetivo.¹⁰

A queda do terreno de onde estávamos até o chão abaixo de nós é muito grande e abrupta, e eu pude, até certo ponto, compreender os motivos que levaram o meu informante de Santa Maria a dizer-me que o fundo da terra abaixo da nascente do Rio Preto ficava azul de tanta distância; pois aqui uma névoa levemente azul e transparente cobria a paisagem, dando-lhe uma aparência exagerada de profundidade e distância. O rio ao meu lado corria rapidamente e mais em baixo tornava-se uma série de cachoeiras e corredeiras.

Enquanto olhávamos à nossa volta, algumas queixadas emergiram de bosques de buritis para o terreno comparativamente aberto onde estávamos. Uma oportunidade destas não devia ser desprezada, e nós partimos para investir sobre os valentes animais. Eles aguardaram nossa aproximação por um momento, até que estivéssemos perto, quando então, após hesitar entre atacar-nos ou não, bateram com as presas em cliques rápidos, viraram-se e fugiram. Foi uma bela corrida pelo terreno arenoso, só aqui e ali coberto com tufo de capim duro e fino, e finalmente conseguimos esperar duas das queixadas que aparentemente haviam desistido de fugir a grande velocidade.

Voltei então para o acampamento e de lá marchamos todos para a extremidade norte das montanhas, em direção à abertura noroeste do vale.

Lá, novamente, outra vista das solitudes de Goiás apareceu, mas, de um ponto de observação diferente, a vista apresentava outros aspectos. Neste, a já mencionada saída noroeste de Vargem Bonita mostrou ser, como eu já previa, a saída oeste do grupo norte de lagos e pântanos do vale, e assim completava o círculo de águas em torno da porção noroeste do Brasil; pois o Sapão é a drenagem leste, e este novo rio correndo para o oeste tem necessariamente de se encontrar com o Tocantins, mesmo se não for uma das cabeceiras do Rio do Sono.

O novo rio seguia em corrente rápida e com muitas quedas por menos de meia milha, e lá a superfície do terreno caía rapidamente em extensos morros redondos, em ondas. Paramos aqui para o desjejum, denominamos o acampamento Bom Sucesso,

* Pequeno forte circular usado antigamente na Europa para defesa da costa. Corruptela de (Cabo) *Mortella*, na Córsega (N.T.).

10. Este córrego, considerarei mais tarde, deve ser a fonte do Rio Novo, que, quando se junta a um Rio Preto, passa a ser um dos principais afluentes do Rio do Sono. Este Rio Preto é inteiramente distinto daquele em que deságua o Rio Sapão.

pelo término tão satisfatório de meus esforços até então. O rio, meus subordinados denominaram Rio Diogo.

Eu não podia, nestas circunstâncias, deixar de celebrar o acontecimento desenvolvendo minha última garrafa de cerveja amarga de Bass e deixando a garrafa vazia emborcada sobre uma estaca, como sinal da ocupação britânica.

A mais alta elevação das águas da divisa acima da cidade de Barra do Rio Grande foi verificada como sendo de 778 pés, e 2.090 pés acima do nível do mar. A distância pela estrada é de aproximadamente 330 milhas, mas como o curso dos rios é muito mais sinuoso e, conseqüentemente, mais comprido, seu gradiente médio não deve ser de mais de 2 pés e 4 polegadas por milhas; e como não há nenhuma cachoeira em toda a sua extensão, a possibilidade de navegação futura e a existência de condições favoráveis para uma linha de gradientes leves pode facilmente ser compreendida.

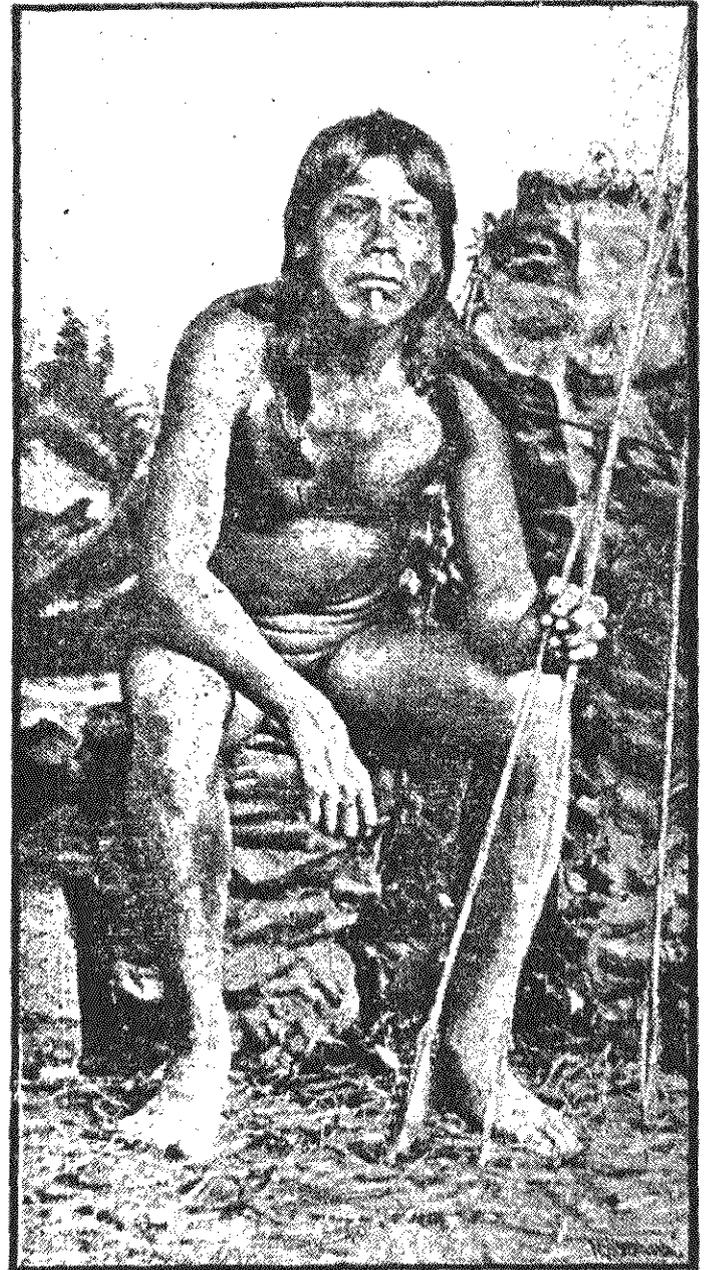
CAPÍTULO 9

DA NASCENTE DO SAPÃO A MATO GRANDE

ENTRAMOS EM GOIÁS – PRADARIAS – A IMENSA FORTALEZA DE PENHASCOS DA CHAPADA DA MANGABEIRA – O RIO DIOGO – MARCHANDO PELAS SOLITUDES – A JIBÓIA QUE RUGE – O MILHO ESTÁ NO FIM – DIFICULDADE DE SEGUIR UMA ROTA – ATRAVESSANDO O CÔRREGO DO BURACO DO DIABO – UMA CENA NOTURNA NO ACAMPAMENTO – UMA ROTA INCERTA, E JÁ SEM MILHO – ESTRANHOS À VISTA – UM CONSELHO DE GUERRA – UM RECONHECIMENTO – A VEGETAÇÃO DOS TOPOS DOS MORROS – UM MUNDO DE CAPIM MARROM – UMA PERSPECTIVA DESNORTEANTE – SINAIS DE HABITAÇÕES DISTANTES – A TRILHAS DOS ESTRANHOS – UMA JANGADA DE COPA DE BURITI – NO RASTRO DOS ESTRANHOS – UMA ATMOSFERA ESTIMULANTE – GADO SAUDÁVEL – CHEGADA A UMA CASA – PAZ OU GUERRA? – UMA ENÉRGICA FAMÍLIA DE SERTANEJOS – OS ESTRANHOS DESCOBERTOS – OS ARAÚJOS PROSCRITOS – UM ANFITRIÃO BOM E HOSPITALEIRO – TERRA DE QUALQUER UM – O SAPÃO É AFINAL UM ATALHO PARA GOIÁS – UMA HABITAÇÃO SOLITÁRIA – JOSÉ DO MATO GRANDE E SUA FAMÍLIA – ESCAPAMOS DE UMA LONGA TEMPORADA NOS ERMOS – UMA FAZENDA DE FRONTEIRA – CHEGADA DE MINHA TROPA – UMA NOITE DEBAIXO DE UM TETO NOVAMENTE – UM GRUPO DE EXPLORAÇÃO E CAÇA – UMA ESCARAMUÇA COM OS PECARIS – A PERSEGUIÇÃO LEVA-NOS AO TOPO DAS ÁRVORES – UNS POUCOS MOMENTOS DE EXCITAÇÃO – AS JIBÓIAS DOS BREJOS – HÁBITOS DOS PECARIS – EXPLORANDO O TERRENO.

15 de abril – tendo assim atravessado a divisa das bacias do São Francisco e do Tocantins, entrávamos conseqüentemente na Província de Goiás. O cume dos penhascos de topo plano que cercam Vargem Bonita,¹ ficam cerca de 2.300 pés acima do mar.

A configuração da terra à nossa frente apresenta imensas diferenças com relação àquela em que estivemos viajando ultimamente. Do topo de um longo morro redondo de capim alto, vemos atrás de nós os limites oeste e os alcantis da Chapada da Mangabeira,² aquele longo, largo, arenoso, plano tabuleiro sem árvores, que se estende das fronteiras vizinhas do Maranhão e Goiás e continua em ondulações quase diretamente para o sul, em direção à série de cadeias de montanhas verdadeiramente de estratos sublevados ao sul de Goiás. A aparência destes alcantis é extraordinariamente estranha. A cada poucas milhas ao longo de suas faces, grandes brechas aparecem, marcando a existência de fontes e águas que correm para oeste. Os cumes dos alcantis formam uma seqüência de níveis paralelos, como se tivessem sido aplainados e abertos como massa com um rolo; a face superior dos penhascos são paredes perpendiculares que se erguem sobre elevações



Um "indio manso".

1. Beautiful lowland.

2. "Flats of the mangaba tree"

naturais da terra formadas pela acumulação de arenito caído, desintegrado pelo tempo e pelas intempéries. Eles têm a aparência, à distância, de longas séries de fortalezas gigantes, comandando as vastas áreas, abaixo e em frente deles, de morros ondulados de capim marrom e vales sinuosos de bosques de buritizais, e, mais adiante a oeste, de montanhas altas isoladas em forma de torre Martello, ou pequenos grupos de outros morros de topo plano, como fortes avançados da cadeia principal de fortificações.

Seguimos durante todo o dia o curso descendente do Rio Diogo, forçando caminho pelo capim alto e viçoso que por toda parte cobre os morros ondulados.

É uma bela região, o ar é magnífico, deliciosamente fresco e puro; não há água estagnada, nem vegetação apodrecida, nem mosquitos, nem pragas de nenhum tipo. A brisa varre a superfície encapelada do capim como em um campo de milho maduro; é tudo tão claro e brilhante que a gente se sente fervilhar de saúde e animação.

Enquanto o comboio de nove mulas, dois cavalos e três homens a pé segue seu caminho pelo capim emaranhado às margens das alamedas de palmeiras, a aparência e o ruído inusitados da tropa perturbam os muitos residentes dos bosques, grandes araras³ púrpuras, carmesins e douradas protestam, com gritos ásperos e altos, contra nossa intrusão em seus domínios; papagaios verdes e as lindas jandaias de cabeça dourada⁴ também tagarelam e guincham; ocasionalmente um rugido baixo e touco é ouvido em meio ao lamaçal na base das palmeiras, que dizem vir das grandes sucuriús ou jibóias; um veado de vez em quando salta em fuga adiante de nós, ou o capim freqüentemente vibra com a debandada rápida de um pecari; aí, se o capim não for muito alto, alguns de nós deixam as fileiras, lança na mão e partem em perseguição dele. Os ativos animais geralmente escapam, mas tivemos muitas corridas animadas, para grande deleite dos cachorros, e ocasionalmente conseguimos espetar nossos arpões.

Freqüentemente se vêem, em alguns dos vales verdes brejosos, rebanhos do pequeno veado campeiro, que não são de modo algum tão mansos quanto os do Sapão, e muito antes que possamos chegar perto o suficiente para mirar, eles já se foram, um fato que me faz pensar que não estamos distantes de áreas habitadas.

Os numerosos bosques de buritis, com seus profundos lamaçais que tão continuamente obstruem o caminho, dão muito trabalho para atravessar ou circundar e triplicam ou quadruplicam as distâncias, o que é especialmente irritante, pois estou preocupado com as mulas, que estão em condições muito precárias. O pasto tem sido tão ruim e contém tão poucos nutrientes que elas ficaram muito fatigadas com o grande esforço de abrir caminho pelo capim, e seus peitos e pernas da frente estão pelados e a pele de muitas delas apresentam escaras e sangraduras dos cortes causados pelo capim duro, parecido com taquara. Em alguns lugares, ele tem cinco ou seis pés

3. *Ara ararauna*.

4. *Tangymathus*, sp.

de altura, um denso emaranhado de taquaras entrançadas, em outros, apenas dois ou três pés. O milho está quase no fim e só é suficiente para um, ou no máximo dois dias de ração. Foi uma sorte que o tivéssemos trazido, de outro modo a tropa não poderia absolutamente ter viajado tanto tempo sem ele.

Uma mula brasileira, forte e resistente como é, sem o seu milho é tão pouco útil quanto uma locomotiva sem combustível.

Quando se viaja em um campo aberto como este, pareceria relativamente fácil seguir a direção desejada; a pé, sim, mas não com uma tropa de burros de carga. Por exemplo, eu quero seguir para oeste ou noroeste; vejo nestas direções grupos de montanhas no horizonte, algumas a 8 ou 10 milhas de distância e, em vez do Rio Diogo correr nessa direção, diversos pequenos riachos se reúnem a ele, correndo de oeste e noroeste, e o rio propriamente dito segue para sul-sudoeste, e na condição precária dos animais, não ousa desviá-los da vizinhança da água para planaltos talvez áridos e sem água. Conseqüentemente, resolvi seguir o curso do Rio Diogo por, pelo menos, um dia ou dois. Um pouco adiante, o Rio Diogo despeja em um rio mais considerável, que corre de uma nascente ao norte. Continuamos a seguir o curso desses rios unidos.

No fim da tarde um riacho, muito difícil de atravessar, barrou nosso caminho; ele penetra nas agora profundas e rápidas águas do Rio Diogo à nossa direita, cercado por margens altas e cinturões de mata fechada, que só poderiam ser atravessadas com muito esforço e risco. O riacho à nossa frente é pequeno em volume, saltitando sobre pedras e matacões no fundo de um desfiladeiro profundo, de encostas precipitosas, cheio de atoleiros. José cavalgou por um longo tempo ao longo das margens do rio para encontrar uma passagem, mas só voltou quando o sol se punha no horizonte. Informou que lá no alto, o riacho se abria em um largo e intransponível buritizal, que aparentemente se estendia por milhas de distância até as paredes dos tabuleiros; não havia absolutamente qualquer pastagem por perto, exceto as folhas dos arbustos, mas do outro lado havia alguns bambus e um fino cerrado. Para o bem dos animais, era necessário levá-los para o outro lado do riacho a todo custo.

Um burro é conduzido barranco abaixo, onde logo afunda na lama macia e debate-se e arremete furiosamente, bufando de terror, seus olhos distendidos e narinas trêmulas; com um esforço final ele se ergue para fora do atoleiro, mas só para escorregar e cair; e sai rolando pela descida íngreme, com carga e tudo, aterrizando sobre seu lombo entre as pedras lá embaixo; os homens descem até lá e aliviam a pobre besta de sua carga, quando ela se levanta cambaleante e, depois de várias tentativas e fracassos, finalmente alcança o topo da margem do lado oposto.

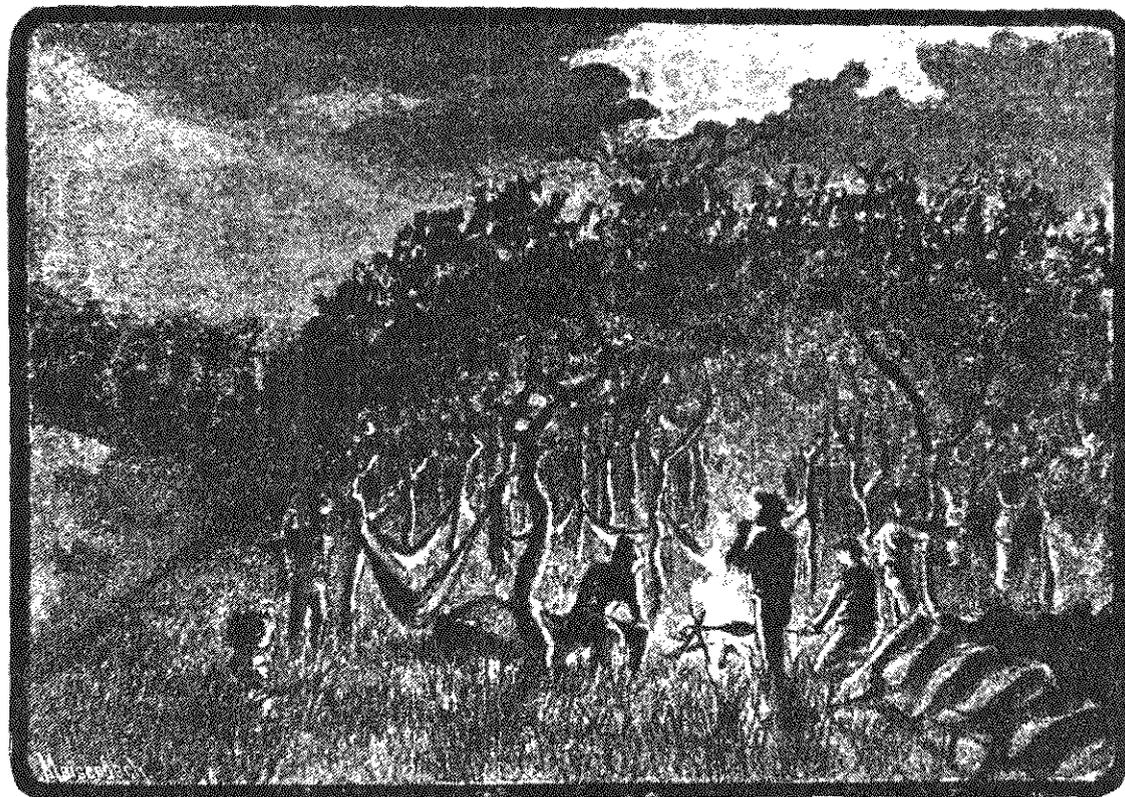
Todo o resto das mulas teve de ser descarregado e a bagagem carregada até o

outro lado sobre a cabeça dos homens, pois a área do pé de um homem sustenta seu peso em lugares onde o pequeno casco de uma mula afundaria inextrincavelmente.

Foi uma tarefa muito difícil e trabalhosa fazer o resto dos animais atravessar a garganta, mas, depois de muita luta e acidentes, com a ajuda dos couros estendidos sobre os locais piores, em que eles escorregavam e caíam sobre as ancas, finalmente conseguimos depositá-las do outro lado, esfoladas, abaladas e tremendo por todo o corpo, mas sem dano maior.

A fogueira do acampamento tinha sido acesa enquanto isto, e uma quantidade de brotos novos de bambu colhida para forragem para os pobres animais famintos. Os homens unanimemente batizaram o riacho de Córrego do Buraco do Diabo.

Eram 7h30 da noite, quando acabamos de arrumar tudo para o pernoite e sentamo-nos em torno da fogueira, conversando sobre queixada assada e as perspectivas das descobertas do dia seguinte, ou sobre uma visita noturna das queixadas, ou dos tapuias. Nada, no entanto, poderia ser mais belo do que a maravilhosa noite de luar, com uma temperatura de 70º, e uma ausência de qualquer inseto torturante ou outras pragas. O acampamento fora armado entre as árvores de um cerrado ralo, à beira do vale fundo de um pequeno afluente do Córrego do Buraco do Diabo. Era uma cena pitoresca na obscuridade da noite, pois a chama do fogo lançava fortes clarões de luz sobre as árvores, as redes, a barricada, o capim, e as figuras dos homens em movimento, um dos quais está assando um pernil de pecari no espeto diante do fogo para o desjejum; outro está dando às mulas sua derradeira ração de milho; outro galga de volta o barranco com uma caçarola de água para o feijão; outro está limpando o porco que espetamos durante a marcha. Antônio solta baforadas de seu cigarro e conta seus casos (os outros homens estão distantes, prendendo algumas das mulas), eu me sento sobre minha



Cena noturna no acampamento nos ermos de Goiás.

cama de caixas e fico pensando quando é que sairei destes ermos. Sombras escuras nos rodeiam, na escuridão da noite ao ar livre em ermos desconhecidos, que você pode tão facilmente povoar com possíveis visitantes indesejáveis, uma vaga sensação de mistério toma conta de você, como a que eu me lembro que sentia quando criança com relação a um certo gabinete escuro da velha casa. Sobre nossas cabeças uma lua nova brinca de esconder com massas ocasionais de nuvens, ou desponta em céu claro e limpo, quando elas rolam para longe, tornando os detalhes da paisagem distante claros e definidos à luz fria. Estranhos sons, peculiares à noite, caem assustadores e inesperados sobre a quietude do acampamento, sufocando o murmúrio da conversa e fazendo todos se porem à escuta com os nervos retesados, até que o ruído da queda de um tição desfeito da fogueira faz voltar nossas imaginações errantes, ou Antônio diz suavemente: “Não é nada, é algum bicho”. Mas se Feroz rosna baixo, é curioso ver a atenção aguçada, como as armas são agarradas e as cabeças se levantam em atitude de alerta. Nestas condições, adquire-se um sono peculiarmente leve. Eu podia, na época, dormir bem durante toda a noite, independente do lugar e da situação, e levantar-me bem disposto pela manhã; no entanto, parecia-me ter ouvido cada som e percebido cada movimento que ocorrera durante a noite, inclusive cada ocasião em que o homem de sentinela revolvera o fogo, ou levantara a tampa da panela para ver o feijão que estava cozinhando. Mas a presença do meu excelente cão de guarda, Feroz, era sempre uma fonte de segurança contra surpresas. Seria difícil para qualquer ser aproximar-se do acampamento e não encontrá-lo alerta e pronto com seu profundo rosnado de aviso.

16 de abril rompe como uma manhã clara e límpida, tão livre de neblina como o meio do dia, mas diversas das mulas estão faltando, tendo provavelmente se extraviado em busca de pasto. Os homens seguem sua trilha facilmente através do capim alto dos morros, mas é necessária uma longa caminhada para encontrá-las, e já são dez horas quando conseguimos partir.

É com uma sensação estranha que se abandona um acampamento nestes ermos desconhecidos para sair pela imensidão vazia, com animais exaustos, estoques de milho esgotados e os rios correndo em ângulo reto com relação à direção desejada. Por volta de meio dia alcançamos o topo de um longo morro e avistamos uma bela coleção de longas alamedas de buritis, estendendo-se até bem distante nas concavidades de vales rasos e largos, cercados por grandes morros ondulados de capim marrom e os paredões em forma de fortaleza da Chapada da Mangabeira ao fundo.

Enquanto paramos um momento para olhar em volta, Antônio, que tinha visão muito aguçada, exclamou de repente, “Olha lá! gente, gente, lá estão eles”, e dirigiu

minha atenção para um par de manchinhas pretas no alto de um morro distante. Através de meus binóculos, distingi dois homens a cavalo totalmente imóveis e, aparentemente, observando nossos movimentos. Rodrigues logo juntou-se a nós e descobrindo a causa de nossos olhares curiosos, imediatamente ficou muito agitado, gritando para os homens, “Às armas, rapazes, às armas; os índios, preparem os cartuchos.”

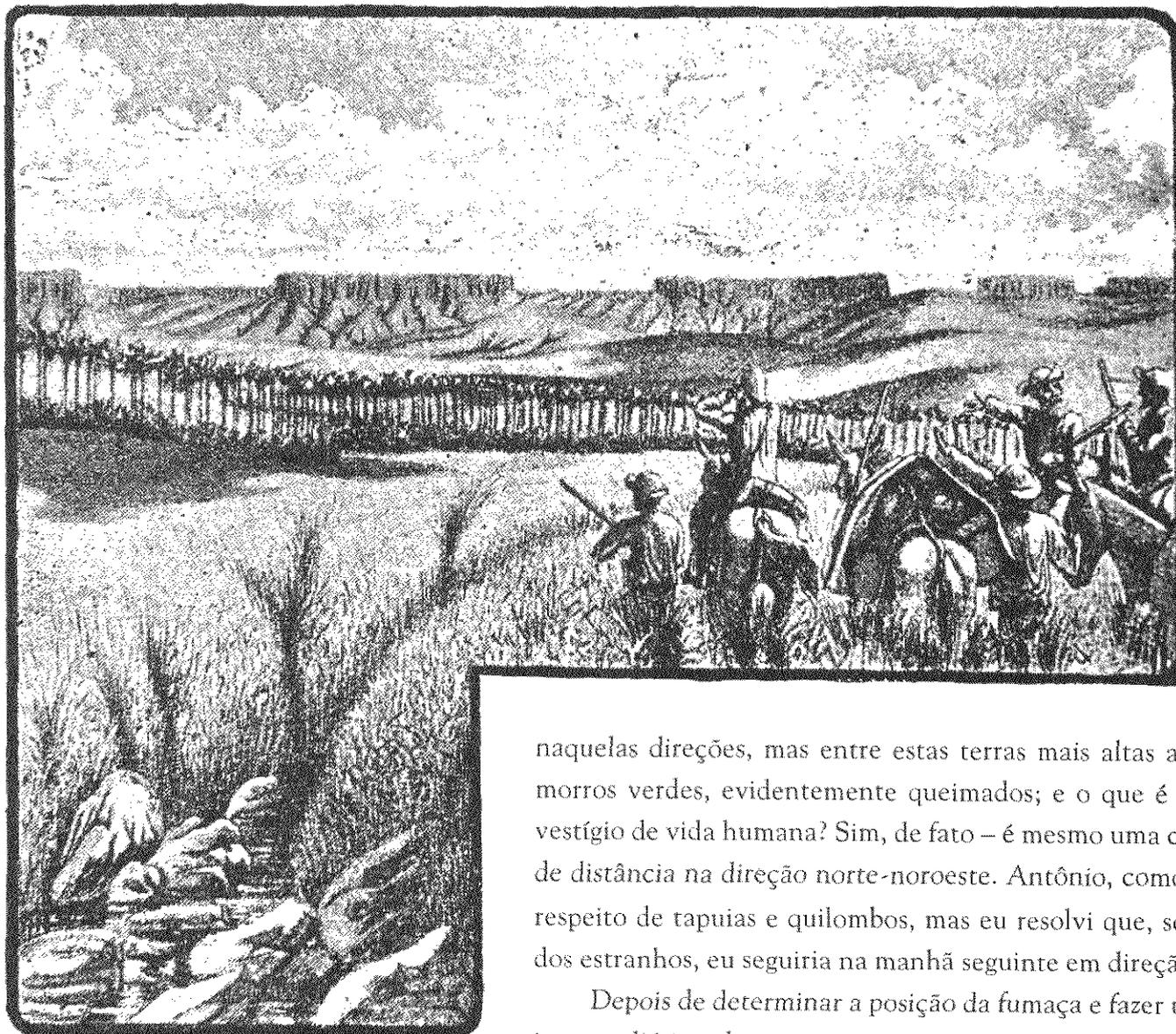
“Cale a boca, e não seja idiota,” tornou José, calmamente.

Enquanto isto, os dois estranhos, evidentemente não gostando de nossa presença, deram a volta e logo desapareceram de vista. Reunimos um conselho de guerra, e a opinião geral era que se tratava de “quilombeiros”, parte de um bando de escravos fugitivos sob o comando de um certo Araújo (uma espécie de Rob Roy brasileiro), que se supunha ter seu quartel-general em algum ponto deste território. Eu não pude deixar de supor que eram caçadores de alguma colônia próxima e propus seguir sua trilha, embora os brejos intermediários exigissem um enorme desvio, mas como a direção que eles haviam tomado ao partir provavelmente interceptaria nossa rota, decidi continuar a jornada e assim encontrar mais adiante, e seguir, os seus rastros.

No fim da tarde, encontramos uma boa pastagem em uma encosta que tinha evidentemente sido queimada há não muito tempo, e próxima a uma alta elevação isolada. Montei acampamento para descansar e alimentar os animais, enquanto eu ia a pé, acompanhado por Antônio, subir o morro e avaliar as vistas.

A subida foi demorada e difícil, através de capim alto e intrincado, em terreno acidentado, coberto de matações de um arenito grosso e multicolor, com veios ocasionais de quartzo, de variedades brancas e claras, todas fortemente tingidas de vermelho amarelado por óxido de ferro. No cume do morro, encontramos uma área de cerca de um acre de extensão, perfeitamente plana, em alguns pontos rasgada por ravinas; a superfície era forrada por uma vegetação similar à que encontramos nos tabuleiros, ou seja, tufos de capim fino e duro, palmeiras nanicas, mangabeiras e cajueiros baixos, *Vellozias* e diversos arbustos pequenos esparsos e as perfumadas flores brancas da *Spiranthera odoratissima*, todas tão diferentes dos morros cobertos de agreste de antes, como se tivéssemos ascendido para uma outra região.

Olhando em volta de nós, era como se olhássemos para um mar de imensas ondas montanhosas de capim marrom, perto e longe o mesmo matiz marrom aparecia, quebrado apenas pelas fileiras de buritis e as finas orlas de matas dos vales mais distantes, e os paredões da Chapada a leste; um longo vale aberto estendia-se para o sul, o curso do Rio Diogo, uma direção que me intrigava consideravelmente; para sudoeste uma longa cadeia cortava uma saída por esse lado e para o oeste e noroeste outras cristas e morros isolados aparentemente obstruíam a possibilidade de drenagem para o Tocantins



Avistando estranhos numa região deserta.
Os morros em forma de fortaleza da Chapada da
Mangabeira – Buritizais e savanas de capim.

naquelas direções, mas entre estas terras mais altas a noroeste, eu distingui alguns morros verdes, evidentemente queimados; e o que é isto que eu vejo entre um tal vestígio de vida humana? Sim, de fato – é mesmo uma coluna de fumaça, mas a milhas de distância na direção norte-noroeste. Antônio, como sempre, começou a grasnar a respeito de tapuias e quilombos, mas eu resolvi que, se não déssemos com os rastros dos estranhos, eu seguiria na manhã seguinte em direção do capim verde e da fumaça.

Depois de determinar a posição da fumaça e fazer uma planta esboçada das terras intermediárias, descemos o morro, mas em vez de voltar ao acampamento, cruzamos um córrego e prosseguimos além dele, para procurar pegadas dos estranhos.

Nossos esforços foram recompensados, pois encontramos o rastro de dois cavaleiros encaminhando-se para oeste; seguimos a trilha por cerca de uma milha até as margens do Rio Diogo, do outro lado do qual havia uma pequena jangada amarrada em uns arbustos.

“É uma jangada de índios,” disse Antônio ao vê-la.

“Amigo Antônio, se você disser mais uma palavra sobre os tapuias, eu vou cortar suas rações de manipueira”,⁵ respondi, completamente enjoado com a menção constante desse bicho-papão.

A jangada consistia de feixes dos ramos secos das folhas dos buritis, dispostos em duas camadas transversais, uma sobre a outra. Os cavaleiros, provavelmente aqueles

5. Manipueira é um termo usado ocasionalmente para designar um mata-bicho, ou um gole de cachaça.

que tínhamos avistado pela manhã, tinham evidentemente vadeado o rio com a ajuda da jangada, pois as impressões dos cascos dos cavalos e de pés descalços eram distintamente visíveis na areia da margem. Retornamos ao acampamento e fizemos preparações para deixar lá os animais, a bagagem e alguns dos homens no dia seguinte, e depois prosseguir a pé para explorar as terras verdes do noroeste.

Deste modo, na manhã seguinte, levando comigo Antônio e meu criado pessoal, Bob, e bem armado, com bornais de provisões, garrafas d'água e bússola, partimos a pé em nossa exploração do local da fumaça misteriosa. José Grosso ficou encarregado dos homens e do acampamento, pois Rodrigues estava tão apavorado que era totalmente inútil para este propósito.

Chegamos ao rio, onde Bob mergulhou, nadou até o outro lado e voltou puxando a jangada. Do lado de lá, encontramos uma trilha bem definida, que seguimos por um longo tempo sem ver nada, exceto capim marrom, buritis e uns poucos pássaros, entre os quais algumas lindas araras azuis e douradas. O chão era seco e arenoso, em alguns lugares tão macio e profundo que era difícil andar, todavia, o efeito produzido pelo exercício era totalmente diferente do estado úmido e pegajoso em que se fica nas matas, pois aqui nesses morros ventilados o sol e o ar fresco e seco parecem absorver toda a transpiração e, apesar dos escaldantes raios do sol, você se sente ágil e flexível, disposto a qualquer esforço.

Por fim, depois de algumas horas de marcha, cruzamos um lindo riachinho de águas cristalinas (que, como todos os riachos desta região, corre sobre um leito pedregoso de arenito duro, de grão grosso), atravessamos um cinturão de floresta e emergimos em uma suave elevação toda coberta com o capim verde de uma queimada, e oh! visão bem-vinda, algumas cabeças de gado pastando lá em cima; tinha de haver alguém morando em algum lugar por ali. O gado olhou-nos interrogativamente por alguns momentos, depois levantaram as patas traseiras e debandaram. Eles eram de cor preta e pareciam estar em excelentes condições pelo que podíamos avaliar à distância; seus chifres eram tão enormes e davam-lhes uma aparência tão feroz, que sua retirada não nos incomodou.

Cerca de uma milha adiante, depois de passar por uma pequena plantação em um campo roçado dentro da mata de um vale estreito, alcançamos uma grande casa com aspecto de gaiola, feita de paus e coberta de capim. Um homem que estava de pé diante da porta encarou-nos com surpresa por um momento e, provavelmente estranhando a aparência inusitada de meu capacete, retirou-se imediatamente para dentro da casa, de onde logo voltou com seis homens altos e morenos, cada um armado com uma espingarda.

Parei e gritei: “Ó de casa!”

“Ó de fora! É de paz ou guerra?”, vem a resposta.

“Amigos e cristãos”,⁶ respondo.

“Pode chegar,” responde o mais velho. Todos, no entanto, conservavam suas armas e olhavam para nós com evidente perplexidade, mas como éramos só três e avançávamos com as espingardas sobre os ombros, seu alarme logo se acalmou.

Eu tinha diante de mim um grupo de homens dos mais seletos que já encontrara em todo o Brasil. À frente de todos estava um homem idoso, de cerca de sessenta anos de idade, com bem mais de seis pés de altura, ombros largos e musculosos e profundamente bronzeado, seu queixo quadrado era parcialmente coberto por barba e bigode, curtos, crespos e grisalhos, seu nariz era aquilino, suas sobrancelhas pesadas, sombreando olhos agudos e penetrantes e, no conjunto, ele era um modelo de força musculosa. Seu rosto tinha uma expressão de curiosidade e indecisão, mas era o de um homem franco, honesto e másculo; os demais homens, aparentemente seus filhos, eram todos sujeitos altos, bem-feitos e morenos, de cerca de 20 a 32 anos de idade. Todos, pais e filhos, estavam vestidos igualmente com roupas de couro de veado curtido, chapéus, casacos, coletes e calças; os pés estavam descalços, e não usavam camisas.

Apresentei uma breve explicação da minha presença nestes ermos e contei que deixara o resto da tropa no acampamento. O velho imediatamente deu-me cordiais boas-vindas, pendurou redes e chamou sua esposa, uma velha dama morena e saudável, que tinha aparentemente se retirado para algum cômodo fechado enquanto se averiguava quem eram os misteriosos seres.

Durante a conversa que se seguiu, eu soube que os dois cavaleiros que avistara ontem, cujo rastro seguíramos, eram dois dos rapazes que estavam diante de nós, que tinham ido caçar nas montanhas e que, quando eles viram nossa relativamente numerosa tropa naquelas paragens (que eles sabiam ser desprovidas de estradas), ficaram bastante intrigados, sem entender de onde surgíramos e, estando tão distantes, só tinham podido distinguir um grande grupo montado, que julgaram ser de quilombeiros errantes ou “araújos”. Tinham voltado para casa o mais depressa possível para informar seu pai que os araújos estavam em pé de guerra⁷ e tinham, conseqüentemente, resolvido ficar em casa naquele dia e fazer um reconhecimento pela região no próximo.

Os filhos então ofereceram-se para ir buscar minha tropa, mas, lembrando-me do pavor que acometeria Rodrigues diante de estranhos, que o levaria a atirar primeiro e perguntar depois, mandei Antônio de volta com eles, meu anfitrião tendo-lhe generosamente oferecido um cavalo para esse objetivo.

A velha dama traz-nos cabaças com leite, servindo farinha e café em cabacinhas

6. Cristãos é um termo geralmente aplicado aos habitantes dos territórios indígenas em Goiás para designar os brasileiros, os aborígenes são conhecidos como *tapiuas*, *geníes*, ou *índios*.

7. Estes Araújos são os bichos-papões destes contos, se eles realmente existem é mais do que duvidoso. Diz a lenda que há alguns anos atrás um certo Araújo (que era famoso no sertão por seus numerosos crimes), vendo que investigações inconvenientes estavam sendo feitas a seu respeito pelas autoridades policiais das cidades do interior, desapareceu nos ermos desta região, onde se supõe que tenha se juntado a um valhaçouto de escravos fugidos (*quilombeiros*); que certas fazendas mais atastadas tinham sido atacadas e saqueadas sem compaixão pelos bandos sob a liderança do fora-da-lei, e seus moradores assassinados com grande brutalidade. Esta é a voz geral, mas não pude traçar nenhuma das circunstâncias atinentes seja quanto a data ou localidade, nem pode a suposta existência da fortaleza dos Araújos ser relacionada a nenhuma região em particular.

menores. Acendem-se cigarros, minha garrafa preta de cachaça é passada em roda a meus anfitriões, que dão goladas bem dadas, prendendo a respiração e suspirando de prazer diante de um luxo tão raro, “Ah! é forte! boa cachaça!”

Um descanso bem merecido em uma rede é apreciado agora, e durante uma longa e animada conversa partilhamos nossas respectivas experiências, do que pude depreender o seguinte: a vizinhança, conhecida como Jalapão, foi colonizada pelos cristãos há apenas cinco ou seis anos, na maioria imigrantes da província vizinha do Piauí, que foram atraídos pelas excelentes terras de pastagem dos mortos, e o solo fértil de muitos dos vales e que adquiriram, unicamente pelo direito de ocupação, a propriedade de suas terras, onde a posse é praticamente a única lei.

Cerca de 20 milhas adiante, em direção noroeste, há um pequeno povoado conhecido como Espírito Santo, e além dele umas poucas fazendas de gado.

Uma trilha passa através de Espírito Santo vinda do Piauí em direção a Natividade, no sul de Goiás, e é a única estrada que existe na região entre a Chapada da Mangabeira e o Tocantins.

Os únicos artigos de exportação do distrito são uns poucos rebanhos de gado, que são conduzidos a Parnaguá, no Piauí, ou de lá para Santa Rita do Rio Preto e são trocados por artigos de necessidade que o distrito não produz: espingardas, sal, pólvora e chumbo, tecidos de algodão, facas, machados, foices, etc.

Minha rota ao longo do Sapão abrirá uma comunicação muito mais curta para Santa Rita do que o caminho circular pelo Piauí, pois, como os habitantes do Rio Preto, os daqui tinham povoado o misterioso vale do Sapão com uma tal variedade de perigos e riscos que as pessoas preferiam dar a volta pelo Piauí do que organizar um grupo de exploração e averiguar os perigos e dificuldades imaginados.

O velho exagerou imensamente o que ele chamava “a coragem do Senhor Doutor” em atravessar o Sapão com um grupo tão reduzido.

Certamente, se uma fração mínima dos perigos prenunciados tivesse se concretizado, minha exploração provavelmente acabaria em desastre, mas como não encontrei nenhum índio ou quilombeiro prontos a assaltar-nos, nem onças de tocaia, nem florestas intransponíveis, nem febres malignas, mas apenas uma escaramuça com as queixadas, não valia a pena mencioná-lo.

A velha senhora disse que passava uma vida muito nervosa de ansiedade, pois todos os seus filhos e seu marido deixavam-na sozinha às vezes durante dias, enquanto estavam fora caçando, e como seu pai e irmão tinham sido mortos por um ataque de índios a sua casa no Piauí, ela nunca se livrara das lembranças e inquietude das terríveis cenas de sua juventude.

Embora o Jalapão seja cercado por imensos tratos de terra inexplorados, e seja sabido que existem tribos de coroados nas nascentes do Rio do Manoel Alves, a cerca de cem milhas, e tribos semi-civilizadas de xerentes às margens do Tocantins, não parece haver medo, entre os homens, de “índios brabos”.

O Senhor José do Mato Grande,⁸ meu anfitrião (seu sobrenome é também o nome do local onde mora) aparentemente leva uma vida livre, feliz e independente com seus gigantescos filhos, que são, na verdade, pelos modos e simplicidade, apenas meninos que cresceram demais; e é agradável ver o respeito e atenção que dedicam a seus pais.

Sua roça na mata, a caça dos campos e seus rebanhos de gado fornecem tudo o que necessitam para sua vida simples – sua casa, alimentação e roupas. Não fosse pelo sal, armas de fogo, pólvora e chumbo, eles seriam totalmente independentes do mundo exterior; eles são ativos, enérgicos e saudáveis, e relativamente limpos em seus hábitos; seus únicos vícios, um cigarro de vez em quando ou um gole de cachaça quando conseguem obtê-la, pois esta é, felizmente, escassa e cara na região.

Eu soube ainda que o rio que estivéramos acompanhando ultimamente, e ao qual o Rio Diogo se juntara, é conhecido como Rio Preto, cuja nascente fica em meio à Chapada da Mangabeira, em um vale baixo um pouco parecido com aquele ao norte da nascente do Sapão, e que, um pouco além dele, os rios correm em direção ao grande e navegável Paranaíba.

Se eu tivesse seguido as sinuosidades do Rio Preto, ele ter-me-ia conduzido a uma imensidão sem trilhas de capim agreste quase intransponível, mas teria depois levado, por um longo desvio, a sua junção com o Rio do Soninho abaixo de Espírito Santo. Uma tal rota ter-me-ia provavelmente detido durante uma semana ou duas no ermo, batalhando com as dificuldades de avançar, o capim alto, os muitos cursos pantanosos e buritizais, e cinturões de floresta, intervalo este durante o qual os animais certamente sucumbiriam.

Só de pensar nisto eu esticava as pernas e braços na confortável rede, com uma sensação de satisfação intensa por tê-lo evitado e estar nas mãos de pessoas tão boas.

As paredes de sua casa são construídas de paus de pindaíba fortes e retos, colocados bem juntos; as molduras da porta e janelas são tábuas grosseiramente aplainadas; o teto é de capim, e os três cômodos de dentro são formados de partições também de paus retos; a cozinha fica sob um abrigo aberto, coberto e sem paredes, onde algumas pedras formam o fogão, e umas poucas panelas de barro, pratos de lata, colheres e cabaças, a *batterie de cuisine*. Em frente à casa, uma cerca de estacas de pindaíba⁹ circunda um quintal de terra limpa e uma cabana coberta de capim que serve como

8. *Joseph of the great forest, on thick woods*

9. *Xylopiu sericea*

celeiro para a estocagem das colheitas de feijão, milho, arroz, mandioca, inhames, café, algodão, óleo de mamona, abóboras e batatas doces, tudo isto produzido por sua roça.

Muitos dos paus de pindaíba da cerca criaram raízes e desenvolveram galhos vigorosos, embora muitos deles tenham sido fincados no chão de cabeça para baixo.

Um galpão aberto adjacente contém o forno de secar farinha e um par de rolos de madeira rústicos, manejados a mão por meio de manivelas, para espremer cana e fazer um pouco de rapadura. Correndo por ali, à sua doce vontade, estão quatro atrevidos porcos-do-mato domesticados, uma arara azul e dourada e uma púrpura-escuro, três papagaios verdes, um macaco, uma dúzia ou mais de galinhas, uns poucos porcos, bodes e alguns cachorros, todos, com exceção dos últimos, perfeitamente mansos, e as araras e papagaios excelentes conversadores.

Por fim, minha tropa chegou, e José estendeu a todos barulhentas boas-vindas. Mais tarde, ele nos convidou a todos, comandantes e comandados, a partilhar de um generoso jantar que ele e a velha senhora tinham preparado para nós. Era um jantar sem elegância, tanto por parte dos convidados como do serviço de mesa, mas foi marcado pelo bom humor, enormes apetites e uma apreciação total de todas as coisas diante de nós, e da bondade franca e cordial de nossos hospitaleiros anfitriões. À noite, a barraca foi armada para acomodar meus subordinados, e todos se recolheram cedo, cada um deles feliz de estar livre das noites de vigia e das inquietudes dos dias passados.

Na manhã seguinte, acompanhado por José como guia, comecei a explorar as áreas circunvizinhas, mapeando uma planta ligeira do curso das águas e tomando observações barométricas. Como as mulas estavam consideravelmente exaustas e precisavam de descanso, ele amavelmente providenciou cavalos e sugeriu que fizessemos também uma caçada. Todos os seus filhos e meus homens estavam ansiosos para participar, exceto Rodrigues, que com seus dois contratados permaneceu na casa para fazer companhia à senhora. Como era possível que acampássemos ao ar livre, ponchos e sacolas de provisões foram levados conosco.

Os cavalos eram fortes e estavam descansados e em boas condições, mas eram tão selvagens e ariscos, que era preciso tomar cuidado para que as selas não fossem desocupadas muito de repente. Porém, como foi agradável galopar pela superfície plana dos morros ondulantes de capim curto! Como o ar estava fresco e puro! Tão fresco e estimulante, e como apareciam estranhamente claros e minuciosamente definidos os mais distantes contornos do horizonte, livre do menor traço de névoa.

Nos distantes leste e sudeste surgiam os baluartes dos esporões avançados dos estranhos tabuleiros das Chapadas, exibindo, mesmo a grande distância, os inúmeros tons de sua formação e suas paredes íngremes e escarpadas, vincadas por profundas

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

fendas perpendiculares cavadas pelas chuvas e intempéries de séculos. Entre nós e esses penhascos havia uma vasta extensão de morros e vales, marrons à distância, verdes no primeiro plano; longas linhas sinuosas de florestas escuras ou alamedas de buritis preenchiam as depressões; em todas as direções havia elevações esparsas de mais morros de topo achatado, alguns formando cadeias, outros isolados, outros em grupos; suas paredes perpendiculares e sulcadas eram imensamente pitorescas em seus magníficos tons.

Abrimos caminho em direção a uma parte do Rio Preto, consideravelmente abaixo da que tínhamos cruzado no dia anterior, ao pé de uma queda d'água conhecida como Cachoeira do Firmino. Os barrancos inclinados eram tão cheios de fontes e atoleiros que era muito difícil descer por eles. As margens do rio não apresentavam matas, e no terreno próximo, apenas uns poucos buritis surgiam no solo lamacento da depressão, e um pouco de cerrado aqui e ali entremeavam as encostas dos morros com suas árvores retorcidas. O leito do rio é de calcário.

Um pouco mais adiante, em uma depressão larga e rasa, ficava o terreno de caça favorito de nosso anfitrião (onde ele tinha freqüentemente encontrado quantidades consideráveis de queixadas), um imenso buritizal que se estendia aparentemente desde as Chapadas até o Rio Preto.

Paramos a pedido de José, pusemo-nos à escuta e logo distinguimos o grunhidos dos porcos entre os buritis, onde eles se alimentam dos frutos das palmeiras, que são seu alimento predileto.

Deixando os cavalos amarrados às árvores de um cerrado fino que cobria o terreno inclinado das bordas dos pântanos, e bornais, ponchos e outras travancas suspensos nos galhos, avançamos para o ataque.

Confesso que senti uma trepidação e o coração aos pulos, quando saímos de perto das convenientes árvores, tão tranquilas e aparentemente construídas de propósito para uma retirada humana das queixadas, mas naquele momento, uma tropa de algumas dúzias delas emergiu da selva do pântano para o brejo aberto e desapareceu no capim alto vizinho.

Três dos filhos de José, com Antônio, Bob e José Grosso, começaram a correr para cortar sua retirada e logo desapareceram em meio ao capim alto um pouco mais ao pé do morro. Depois de uns poucos momentos de expectativa, ouvimos disparos de espingarda e gritos nos avisando para tomar cuidado; ao mesmo tempo outra tropa de pecaris apareceu no brejo aberto e seguiu as pegadas das outras. O capim ficou agitado com os movimentos dos animais, e eles logo depois entraram no terreno mais aberto do cerrado, onde esperávamos, perseguidos pelos cinco homens; nós todos atiramos, mas como

eles estavam fora de alcance, não lhes fizemos grande dano. Os animais, cerca de quarenta ao todo, pararam então de repente e encararam seus perseguidores com batidas furiosas de patas e chacoalhar de dentes e, repentinamente, avançaram sobre os homens e sobre nós. Nunca se viu uma agilidade ginástica como a que exibimos ao correr para e escalar as árvores mais próximas, muitos deixando cair suas espingardas ou facas na pressa.

José e seus filhos eram os mais calmos, especialmente o velho, que, talvez um pouco enrijecido para subir em árvores, calmamente encostou-se em um tronco, abraçou-se a ele com a mão esquerda e, inclinando-se para a frente em uma postura semicurvada, com seu longo facão em riste, aguardou a furiosa carga.

Que galhardos eles vinham varrendo o chão com seus focinhos bem baixos, mas a poucos pés de nossas árvores eles param subitamente e, batendo as presas, fazem investidas curtas e repentinas. Eu achara um poleiro confortável no alto de uma árvore baixa retorcida e, mirando cuidadosamente nas queixadas mais próximas, derrubei três delas com cinco tiros de revólver.

Elas investem bem de perto sobre as pernas de José, mas sua longa e aguda faca de ponta corisca rapidamente com golpes e cortes ágeis e eficazes. Os outros homens, segutos em seus esconderijos nas árvores, fizeram bons disparos, mas antes que qualquer um de nós possa recarregar, os pecaris fogem em debandada. Todos nós descemos depressa de nossos poleiros e corremos atrás dos animais fugitivos, carregando as armas enquanto corremos, mas nossos bravos inimigos param subitamente e nos encararam com um olhar de desafio e fazem mais uma galharda investida. Que ignominiosos parecemos então em nossa corrida desabalada até as árvores mais próximas, onde, não havendo tempo nem facilidade de trepar, somos forçados a seguir o exemplo de José e enfrentar o inimigo com facas; mas os pecaris, depois de uma pausa momentânea, fogem e desaparecem em meio ao capim alto das bordas dos pântanos, cruzam os brejos e entram no matagal de buritis.

Embora a coisa toda tenha acontecido em um espaço de poucos minutos, havia elementos de perigo suficientes para apimentar a caçada, pois se, quando batemos em retirada, algum de nós tivesse tropeçado e caído, as conseqüências teriam sido sérias, se não fatais. Prefiro espetar os porcos de cima da mula com nossas lanças improvisadas. Demos o *coup de grâce* nos feridos, mas muitos conseguiram fugir apenas parcialmente machucados. Verificamos que nossos troféus perfaziam dez porcos, todos em excelentes condições.

Como José e seus filhos estavam ansiosos por outra peleja, subimos o vale e logo vimos aqui e ali um grunhidor solitário do lado de fora das palmeiras e vegetação

aquática dos pântanos; e freqüentes grunhidos, ouvidos em meio aos bosques, indicavam a presença de considerável número de nossos inimigos.

Um pouco mais adiante, uma língua de terra firme coberta apenas com capim curto estendia-se até perto dos bosques, mas ninguém se interessou em se aventurar tão longe do acolhedor santuário das árvores e possivelmente topar com uma imensa jibóia enrolada no pântano.¹

José Grosso e um dos filhos de nosso anfitrião logo retornaram para ficar com os animais, enquanto prosseguíamos em busca de um pecari extraviado. Andamos por cerca de uma milha, mas não encontramos o que esperávamos, porém ao retornarmos, alguns pecaris foram vistos encaminhando-se em direção aos morros em pares ou grupos de três, voltando para seus covis nas valeiras e groras das nascentes de rios, ao pé dos paredões das Chapadas. Abrimos caminho em meio às árvores, e acabamos conseguindo alguns tiros à distância, abatendo mais dois deles.

A questão agora era se deveríamos prosseguir nossa jornada para que eu pudesse tomar minhas notas e acampar ao ar livre, tendo de enfrentar um provável ataque noturno dos pecaris, ou se voltaríamos a Mato Grande. *Achei preferível uma noite de paz e tranqüilidade, embora isto fosse talvez muito pouco esportivo, e assim, encaminhamo-nos para casa.*

É muito incomum esses pecaris lutarem com tal fúria durante o dia, mas isto se deveu principalmente a nosso encontro inesperado com um número tão considerável deles nessa ocasião, pois eles ficam, em geral, espalhados por seus pontos de pastagem em grupos bem pequenos durante o dia e retornam ao abrigo comum à noite, de onde saem para atacar em imensa quantidade qualquer inimigo que invada a sua área, como quando seguiram nossos cães no Sapão.

Passei o dia seguinte tomando notas da região circunvizinha, após o que, homens e animais estando revigorados, prosseguimos no dia seguinte para Espírito Santo, levando meu anfitrião como guia.

Eu estava naturalmente ansioso para remunerá-lo ao partir, mas ele protestou energicamente contra o recebimento de qualquer quantia, dizendo “para que serve o dinheiro neste fim de mundo?”, mas aceitaria com prazer pólvora, chumbo e sal, e fiquei muito satisfeito em lhe dar tudo o que eu podia dispensar, o que fez seu coração se regozijar com um estoque tão farto.

10. Estes bunitzais são o reduto de imensas jibóias, de tal tamanho que eu hesito em mencioná-lo — certamente maiores do que eu jamais ouvi falar de qualquer espécie de cobra em qualquer parte do globo. José assegurou-me de que já perdera não um, mas diversos bois em diferentes ocasiões quando o gado entrara nos pântanos para beber água, onde ele mais tarde só encontrou suas cabeças e chifres. *Passo adiante a história como ele me contou. Posso dar-lhe crédito, já que ele não parecia um homem dado ao exagero, mas não tendo visto pessoalmente uma cobra engolir um boi, não posso pedir a meus leitores para acreditar naquilo que ouvi, embora eu me sinta disposto a crê-lo eu próprio.* José contou-me que já matara algumas vinzenas, mas nunca usara suas peles duras para qualquer fim, embora se façam botas de montaria com elas no Espírito Santo. Ele também afirmou que estas jibóias às vezes emitem um som baixo e rugido em resposta ao disparo de armas de fogo. Nisto estou disposto a acreditar, já que eu mesmo em diversas ocasiões ouvira sons baixos e roncões partindo dos bosques enquanto passávamos.

CAPÍTULO 10

DE MATO GRANDE A PORTO FRANCO

MONTANHAS ISOLADAS – FORMAÇÃO CALCÁRIA – UMA REGIÃO ONDULADA – O RIO SONINHO, NASCENTE DO SONO – EXCELENTE GADO E MAGNÍFICAS PASTAGENS – MATAS ENCANTADORAS – AUSÊNCIA DE FEBRES – O ARRAIAL DE ESPÍRITO SANTO – BOTAS ALTAS DE PELE DE COBRA – A PELE DE UM BELO ESPÉCIME – BICHO-DE-PÉ – UM ARRAIAL INDEPENDENTE – UMA ESTRADA COMPLICADA – BOA ESPERANÇA – UMA FAZENDA DE SERTANEJOS – UM BRASILEIRO EMPREENDEDOR – UMA NOITE COM AS BARATAS – UM PIONEIRO BRASILEIRO – PERIGOS DO BANHO DE RIO – UM VAU CANSATIVO – UMA NOITE DE TEMPESTADE DEBAIXO DA LONA – BOB ESCAPA DE SE AFOGAR – GRANDE LUTA PARA ATRAVESSAR UM RIO – UMA REGIÃO PEDREGOSA – VESTÍGIOS DO VELHO PLATÔ – UM TRECHO DE ESTRADA ACIDENTADO – UMA AVENTURA COM UMA CASCAVEL E OUTRA COM UM GAMO GIGANTE – UM GRUPO DE VIAJANTES – OS BONDOSOS GERALISTAS DE JALAPÃO – OS GERAIS ÁRIDOS – CHEGADA EM PORTO FRANCO – A FAZENDA EM PORTO FRANCO – COMEÇO A CANSAR-ME DE MINHAS VIAGENS – UM PERÍODO TEDIOSO – CRIAÇÃO DE GADO EM PORTO FRANCO – UMA PLANTAÇÃO SELVAGEM – ESCRAVOS BEM-TRATADOS – CLIMA – O ALTO CUSTO DO SAL – ÍNDIOS E MISSIONÁRIOS – UMA BALSA É CONSTRUÍDA – ADEUS A MEUS SEGUIDORES – A TRIPULAÇÃO DA BALSA.

Depois de prosseguir umas poucas milhas em nosso caminho, passamos perto de uma montanha alta, solitária, de topo plano, conhecida localmente como “O Morro”, uma montanha que forma um marco proeminente do terreno quando vista da saída do vale do Sapão. A parede desta montanha mostra três formações diferentes; a mais alta parece ser um calcário similar ao que eu encontrara nos rios, a do meio uma espécie de arenito vermelho, e sob ela uma argila dura, branca, quebradiça e margosa. O acamamento é praticamente horizontal, pelo que pude perceber.

A trilha era muito boa, passava sobre inclinações suaves e circulava as extremidades dos buritizais e riachos enflorestados. A cerca de 6 milhas de Espírito Santo, atravessamos o Rio do Soninho, um curso de água cristalina de cerca de 30 pés de largura. Ele se junta mais tarde ao Rio Novo, e os dois constituem então o Rio do Sono, meta de minha exploração.

Passamos por muitos rebanhos de gado pertencentes a meu caro anfitrião José; eles pareciam gordos e saudáveis. Devo dizer que em todas as minhas peregrinações pelo Brasil eu nunca vi uma área tão admiravelmente adequada à criação de gado. Outra vantagem que este distrito possui é que quase não existe uma milha quadrada que não seja irrigada por água corrente ou umedecida pelas nascentes dos brejos, e as



Bob escapa por um triz de afogar-se.

inúmeras faixas de floresta nos vales maiores indicam um solo apropriado para qualquer produção agrícola, como testemunham as exuberantes roças do José.

Estes cinturões de florestas são maravilhosamente belos, pois contêm muitos dos mais refinados produtos vegetais da região, uma grande variedade de palmeiras, magníficas samambaias arborescentes, festões de cipós de flores, como o maracujá, ou flor-da-paixão silvestre, muitas variedades de convolvuláceas, e muitas espécies de flores que desconheço totalmente; e as parasitas, bromélias, os gravatás (abacaxis silvestres) de cores brilhantes, muitas variedades de folhagens multicoloridas, esplêndidos arões e as grandes folhas lobadas da bela trepadeira *Monstera deliciosa*, com suas linhas pendentes de raízes aéreas. Há, além disso, uma ausência de vegetação apodrecida e de mato rasteiro, nenhum odor de malária, nem mosquitos ou pragas de insetos de qualquer tipo. Os próprios pântanos são perfeitamente salubres, pois são diferentes dos brejos do São Francisco, criados pelo transbordamento de um rio, que depois ficam a estagnar. Aqui eles se originam de fontes perpetuamente correntes e são, ademais, profusamente expostos às brisas frescas que contínua e ininterruptamente varrem estes morros expostos e vales largos. É de fato uma bela região, e se não fosse tão distante do mundo lá fora, seria um lugar magnífico para a criação de gado e a imigração; assim como é, permanecerá provavelmente intocada por muitas gerações, até que os Estados Unidos estejam superpovoados, e talvez o interior da África já todo colonizado, e até que uma ferrovia alcance esta terra linda e promissora.

20 de abril – Chegamos ao pequeno povoado isolado de Espírito Santo, que se compõe de umas 20 casinhas de pau-a-pique situadas em meio a uma exuberante vegetação de belas árvores e mato fechado.

O Senhor José dirigiu sua montaria até a porta aberta de uma casinha, onde um sapateiro estava cortando a pele curtida de uma imensa jibóia sucuriú ou sucurijuba. Ele largou o trabalho quando seu amigo José se aproximou, e saudou-o com: “Como tem passado, compadre, e a comadre e os meninos?”

Quando entramos na casa reparei com surpresa na magnitude da pele de cobra que estava sendo transformada em botas de montaria e expressei o desejo de adquiri-la.

“Isto não é nada, é só um filhotinho, “observou o sapateiro em resposta a minha expressão de surpresa.

Todavia, curtida como estava, e necessariamente muito reduzida de suas dimensões originais, ela media três pés e uma polegada de largura, o que representaria um diâmetro de, digamos, um pé, e o que restava dela media 19 pés e 6 polegadas de comprimento, mas partes consideráveis já tinham sido cortadas de cada extremidade. O sapateiro

garantiu-me que ela tinha antes 25 pés e 6 polegadas de comprimento, e confirmou as afirmações do Senhor José sobre o enorme tamanho que estas jibóias conseguem alcançar ocasionalmente.¹ Ele vendeu-me de boa vontade os restos da pele por dois mil-réis.

Obtive um casebre vazio, muito enfumaçado e malcheiroso, onde passamos a noite, levando conosco no dia seguinte um bom suprimento de sicos ou bichos-do-pé,² o que pôs termo aos banhos de rio por um ou dois dias, a não ser quando era inevitável atravessar um rio.³

Nossa chegada tinha criado uma evidente sensação no vilarejo; primeiro, todos os meninos e meninas vieram correndo, depois, homens sonolentos e bocejantes os seguiram com preguiça, mulheres pararam de fiar algodão ou cessaram de catar o habitat do *pulex capital* umas das outras. O arraial todo, todos compadres ou comadres de José, logo nos cercou, e mãos morenas e encardidas foram estendidas para um aperto de mão frouxo, sem firmeza nem pressão, pois as mãos frias e úmidas só tocavam a minha molemente como o contato com um sapo ou a barbatana de um peixe; mas eu estava ficando sem provisões e tinha de confraternizar. Confraternizei devidamente com grande resultado, pois obtive abundantes suprimentos de carne-seca, aves, toucinho, farinha, legumes, ovos e mel, muitos deles oferecidos como presente.

O arraial é quase uma comunidade auto-suficiente, pois muito pouco é importado do mundo exterior, e absolutamente nada é exportado. Não existe qualquer autoridade legal ou policial, e as pessoas governam-se a si mesmas, um pequeno *imperium in imperio*, e no entanto o sapateiro contou-me que raramente ocorre alguma perturbação da ordem, e as pessoas são pacíficas e tranqüilas, embora haja um ou dois criminosos entre eles que são "procurados" alhures.

Logo que a primeira onda de entusiasmo pela nossa chegada passou, os habitantes voltaram depressa a seu estado normal de semi-sonolência e voltaram cada um a seu casebre, onde eram vistos logo depois deitados em redes ou esteiras de capim, em atitudes sugestivas de completa prostração. Provavelmente, como o sono ocupa uma porção tão grande de seu tempo, ele lhes deixa poucas oportunidades de brigar, mesmo se a energia necessária para esse esforço não lhes faltasse. O contraste entre meu resolutivo amigo José, seus filhos altos e estes aldeões frouxos e inativos era extraordinário e serve para mostrar que este clima não é necessariamente debilitante para quem possui a mais medíocre parcela de determinação e força moral.

Ao observar uma considerável preponderância do número de mulheres sobre o de homens e comentando a respeito, soube que uma grande quantidade destes tinha partido para uma área na vizinhança de Natividade, próxima às margens do Alto Tocantins, onde fora feita uma nova descoberta de depósitos consideráveis de ouro de

1. Esta grande jibóia é variadamente conhecida pelos naturalistas como *Eunectes murinus*; a *boa anaconda* de Daudin; a *boa murina* de Mart. É a *culebra d'água* do Orenoco, e a *cobra de veado* de Pernambuco. Seu nome indígena significa "animal que tuge", devido a seus poderes sibilantes. A palavra é composta de *sucu*, um animal, e *cura*, que ronca ou tuge.

2. *Pulex penetrans*.

3. É prática comum em todo o Brasil preencher-se o orifício feito na pele pela larva destes insetos com água de cal, para fazê-lo secar e sarar, pois se a ferida ficar molhada, erisipelas e problemas de pele aparecerão muito provavelmente.

aluvião. Eu não pude obter mais nenhuma informação, a não ser que havia “muito ouro”; mas o fato inusitado de estas pessoas sonolentas terem desenvolvido uma energia e disposição tão inesperadas para partir em uma “corrida” de pouca intensidade atrás dele, indicava que havia uma certa veracidade na história.

Esta Natividade é um dos centros das antigas operações mineradoras dos primeiros colonizadores portugueses, uma raça de espírito aventureiro que se espalhou por Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, em busca de ouro, como um enxame de formigas. Gardner passou por Natividade em 1838 e descreve em seu livro o estado já então terrivelmente decadente da velha cidade e os vestígios de grandes lavagens aluviais abandonadas há muito. Provavelmente o terreno compensaria bem a prospecção feita por um especialista em mineração, pois, embora os velhos mineiros fizessem seu trabalho com eficiência, eles raramente tentavam, naquelas eras obscuras, lutar contra obstáculos que podem ser agora facilmente combatidos com os conhecimentos e aparelhagem atuais.

Na manhã seguinte, José e seus filhos retornaram a sua casa no mato, e nós prosseguimos a jornada.

Viajamos 20 milhas neste dia, chegando à tarde em uma fazenda conhecida como Boa Esperança.⁴ O caminho era cheio de dificuldades, pois diversos córregos e muitos vales pantanosos tinham de ser atravessados. Em alguns dos lamaçais os animais afundavam quase até a barrigueira, e no esforço para saírem quase sempre jogavam suas cargas ou seu cavaleiro na lama dos atoleiros. Porém, não houve nenhum prejuízo, e altas risadas e muitas brincadeiras saudavam a infeliz alma quando ela emergia toda emplastrada de lama, ou saída de um mergulho na água dos brejos. Um córrego que corria de alguns morros de topo plano à nossa esquerda deu-nos considerável trabalho, pois a água era funda e a correnteza forte: não havia nenhuma canoa por perto nem material à mão para construir uma balsa; os animais atravessaram a nado, e a bagagem foi carregada em várias viagens em uma liteira rústica apoiada na cabeça de quatro homens, pois a água em alguns pontos chegava até seus queixos e era necessário unir as forças e despender muito esforço para se equilibrarem sob o seu fardo.

Boa Esperança, a fazenda do Senhor Capitão Fortunato d’Oliveira Mascarenhas, é um estabelecimento bastante grande para estes ermos e muito singular em sua aparência, pois todos os diversos prédios eram bem novos e tinham um aspecto fresco e brilhante, e o material usado na construção, os paus claros, ocre-amarelados de pindaíbas e as folhas verde-bronze das palmeiras de piaçava, que serviam de cobertura para o teto, e trançadas, de cobertura para as paredes, criavam uma aparência muito agradável e combinavam com a paisagem circundante de morros verdes arredonda-

4. Good hope.

dos, pontilhados aqui e ali com bosques de buritis, e as sempre lindas touceiras de pindaibas. Nem um prego, uma tábua aplainada, uma partícula de argila ou uma corda era usada em nenhuma parte das estruturas, tudo era obtido da produção das matas.

O capitão, um amável, jovial, bem-apanhado e belo homem de cerca de 60 anos de idade, recebeu-me com boas-vindas sonoras, diretas e alegres, fazendo-me sentir imediatamente como um velho conhecido. Depois de ver a bagagem guardada em um rancho que construía expressamente para o uso de viajantes que por ali passassem, e os animais devidamente cuidados, ele mostrou-me seu estabelecimento. Deve ser de fato um sujeito muito trabalhador, pois só se estabelecera naquela região há doze meses, e certamente fizera maravilhas nesse período. Ele construía um cabana grande e cômoda, celeiros, senzalas e outros anexos, erguera um engenho de cana rústico, um alambique, cercara um grande curral para o gado e limpara um grande trato de terra que exibia plantações exuberantes de produtos diversos. Moravam com ele sua esposa, duas filhas, três filhos adultos e três escravos negros adultos, que pareciam bem tratados e satisfeitos com sua sina.

Ele se declarou muito contente com as perspectivas de sua empresa, e esperava ser muito bem-sucedido; pode encontrar um bom mercado para seu gado no Piauí a £3 a cabeça, preço baixo certamente, mas que ele parecia considerar compensador.

Ao recolher-me para a noite em meus aposentos em um quartinho no rancho dos viajantes, apareceu uma praga que eu não contava encontrar em um lugar destes; a luz mal se extinguiu quando estranhos ruídos roçagantes foram ouvidos entre as folhas de palmeira das paredes, e logo depois ficou claro que um considerável número de insetos de tamanho respeitável estava montando uma pista de corrida sobre meus cobertores. Ao acender um fósforo, para meu grande asco, percebi que o lugar estava fervilhando com miríades de baratas fedorentas, de duas ou duas e meia polegadas de comprimento. Estava chovendo forte lá fora, e os aposentos dos homens também estavam infestados. Fortes observações foram conferidas ao alegre capitão ausente, pois poderíamos ter evitado esta amolação dormindo na barraca, se tivéssemos sabido da abundância desses repulsivos insetos, mas não vendo outro remédio, enrolei-me em meu cobertor e deixei os insetos nojentos e malcheirosos ficarem à vontade. Pela manhã, quando contei ao capitão sobre aquele incômodo, ele deu boas risadas e sugeriu que o sabor de um inglês deve ter sido uma grande atração para as baratas, pois ele nunca tivera tão poucas em seus aposentos; afinal de contas, ele disse, “elas não fazem mal, são muito inocentes”. “Ora! E a catanga delas?” “Oh! a gente se acostuma com isso.”

Encontrei minha bagagem invadida pelos asquerosos insetos, e foram precisos

diversos dias antes que pudéssemos finalmente livrar as malas e caixas deles.

O capitão e um vizinho, um Tenente Militão (que tinha chegado durante a noite anterior, e que tinha sido o pioneiro na colonização deste distrito do Jalapão), acompanharam-nos por um trecho do caminho para mostrar a estrada para o Ribeirão, o primeiro de mais uma série de riachos difíceis que tínhamos de atravessar naquele dia, onde não havia outro meio senão descarregar tudo, fazer passar os animais a nado, mandar minhas roupas e toda a bagagem para o outro lado sobre as cabeças dos homens e nadar eu mesmo até lá. Mas estes rios goianos, especialmente os destes gerais, têm a fama de serem tão bem providos de habitantes estranhos e venenosos, que não se pode evitar um sentimento de apreensão ao dar um mergulho, pois há jacarés, enguias elétricas, piranhas e, finalmente, uma certa aranha d'água, que eu tenho estado curioso para ver, mas ainda não consegui; de acordo com as descrições, é uma espécie de raia-lixo, que frequenta os fundos dos rios junto à margem, e quem quer que pise nela, pisa em um longo espinho que se projeta a várias polegadas de perto da extremidade de sua cauda; a ferida causa grande agonia e muitas vezes paralisa parcial da perna. O tenente preveniu-me muito contra ela.

Mais três carregamentos similares tivemos de fazer em córregos menores, e depois de 12 milhas as trilhas nos levaram de novo através do Soninho, nesse ponto um rio consideravelmente cheio de cerca de 120 pés de largura. A água corria a boa velocidade, e, no melhor vau, a profundidade era grande demais para os homens passarem andando. Como ainda era cedo, resolvemos alcançar o outro lado naquele dia, pois Antônio achava que poderíamos fazer uma balsa e atravessar com ela. Assim, a bagagem foi empilhada no chão, e os homens, enviados com os animais para colher feixes das palmas caídas e secas dos buritis em algum buritizal da vizinhança. Dentro de uma hora, eles voltaram com os animais bem carregados e puseram-se a trabalhar para construir uma balsa; os longos ramos, de 6 a 8 pés de comprimento, extremamente leves e flutuantes, foram amarrados com cipós em feixes de cerca de um pé de diâmetro; perto de meia dúzia de feixes foram dispostos lado a lado e presos entre dois troncos fortes, mais uma camada de feixes foi então disposta transversalmente sobre a primeira e bem presa a ela, e a balsa estava completa: foi então devidamente lançada e carregada com a bagagem, e dois homens nadaram com ela para o outro lado; a correnteza carregou-os por cerca de 600 pés rio abaixo antes que conseguissem chegar à margem oposta, coberta de densos arbustos e árvores, onde tiveram de abrir caminho a facão através do mato. Depois que a bagagem estava segura do outro lado, a pesada balsa teve de ser puxada correnteza acima para chegar de novo ao embarcadouro; esta operação teve de ser repetida muitas vezes, depois os animais foram levados a nado, dois deles sendo quase carregados pela

correnteza até umas corredeiras não muito distantes, e só foram salvos por pura sorte, tendo ficado agarrados em algumas raízes que se projetavam sobre a água.

O sol estava baixo quando a tediosa operação foi completada, nuvens negras amontoavam-se, o trovão murmurava e o ar estava pesado e abafado, todos estes, indícios de uma noite tempestuosa. Tínhamos até então sido favorecidos por um tempo tão firme que não era de se esperar que tal sorte continuasse, especialmente porque abril é uma época chuvosa, e o mês seguinte traz geralmente grandes tempestades.

A barraca foi tirada, trincheiras cavadas em volta dela, e tudo confortavelmente arrumado para a noite. A pobre barraca, tão raramente usada, tinha sido freqüentemente objeto de muitos resmungos por parte de Joaquim, que dizia que o seu peso estava acabando com os animais; mas naquela noite, quando a chuva caía torrencialmente, quando os ventos uivavam e sopravam em furiosas rajadas, o trovão reboava e o relâmpago lampejava, como só o faz nos trópicos, quando, ademais, a barraca manteve-se firme e todos nós secos e aconchegados em seu grato abrigo, neste momento ninguém reclamou da tão caluniada barraca.

A manhã seguinte surgiu escura com nuvens pretas e o chão, molhado e empapado da chuva ainda forte; a mudança, depois de uma longa seqüência de belas manhãs como a que tínhamos experimentado, era um bocado deprimente, e a dificuldade de acender o fogo e preparar o desjejum ocasionou muitos “diabo de chuva” por parte de Bob, mas a visão do então transbordante Soninho, agora um rio furioso e intransponível, fez-me congratular a mim mesmo por tê-lo atravessado no dia anterior.

Por volta das 10 horas da manhã, a chuva passou e pusemo-nos a caminho logo depois, mas só pudemos avançar pouco mais de uma milha até chegar a mais um rio turbulento, o Ribeirão do Desabuso, largo e raso, mas correndo rápido sobre massas de pedras.

Bob tirou a roupa e entrou no rio para averiguar o vau; depois de andar um pouco pela água, ele afundou de repente em um buraco e perdeu o pé, e para nosso horror foi arrastado correnteza abaixo entre as rochas pontiagudas e logo desapareceu de vista por uma curva do rio. Corremos pela margem para prestar o socorro possível, mas as barrancas eram tão densamente cobertas de árvores que era difícil chegar até a água; debatemo-nos através do mato, árvores e cipós, e finalmente chegamos ao topo da margem onde, olhando ansiosamente rio abaixo, tive o prazer de ver meu velho seguidor sentado sobre uma pedra e esfregando o ombro. Em resposta a nossos gritos, ele se levantou e acenou com a mão, pulou na água de novo, alcançou a margem oposta e logo era visto correndo, rindo com gosto e mostrando seus dentes brancos limados, como se tudo tivesse sido uma boa brincadeira. Felizmente para ele, acostumara-se aos

rios desde criança, tendo sido criado às margens do Abaeté, em Minas Gerais, onde trabalhara como garimpeiro⁵ e mergulhador.

Ele colheu uma boa quantidade de cipós firmes de um grupo de árvores próximo (tinha levado consigo sua faca, enfiada em um barbante amarrado à cintura) e com eles trançou uma corda forte e longa, prendeu uma extremidade a uma árvore da margem e depois entrou na água com o rolo, desenrolando gradualmente à medida que prosseguia; a água não passava de sua cintura pela maior parte da largura do rio, até que ele se aproximou do buraco fundo perto do nosso lado, onde cuidadosamente seguiu correnteza acima e encontrou uma passagem mais rasa, e finalmente chegou em segurança até nós. Seu ombro estava sangrando e muito contundido; ele estava em geral muito machucado e coberto de equimoses, mas não seriamente ferido. Uma merecida ração extra de cachaça, aplicada interna e externamente, acalmou consideravelmente seus nervos perturbados. Com muito trabalho e esforço, a bagagem foi transportada, mas os animais deram muito trabalho; foram levados um por um, dois homens ajudando cada um, segurando com força os cabrestos. A corda de cipó facilitou enormemente o processo; de fato, não o poderíamos ter feito sem ela, tão forte estava a corrente.

Diversos outros córregos menores tiveram de ser atravessados mais adiante, com maior ou menor dificuldade, e no fim da tarde deixamos o campo ondulado e gramado, ao qual nos havíamos acostumado, e entramos em um terreno bruscamente ascendente e acidentado, coberto com as árvores retorcidas e o mato dos cerrados, o acesso a dois morros altos de topo plano a cerca de três milhas de distância, separados por um desfiladeiro amplo, de mata fechada, cujas encostas eram pontilhadas de pedras grandes e pequenas.

O morro da direita é conhecido como Morro do Celeste, o da esquerda, como Morro do Bote, ou Morro do Mandacaru, como é diversamente chamado; ambos os morros são ricamente coloridos e franjados de arbustos nos cumes; um profundo vermelho-ferrugem é a cor predominante das paredes precipitosas, enrugadas e erodidas em fundas cavidades, pináculos, torreões e botarésus.

O Morro do Bote é aparentemente assim chamado por sua semelhança aproximada a um bote virado de fundo para cima. Perto de sua extremidade sul, há uma imensa fissura como um rasgão, o canto, que é assim dividido, inclina-se muito para fora da perpendicular, pronto a qualquer momento para formar um grande desabamento de terra.

Ocorreu-me imediatamente que estes morros são provavelmente os vestígios dos tableiros elevados que a princípio estendiam-se (em continuação à Chapada da Mangabeira) por todo este vale do Tocantins, e que o iminente desabamento do Morro do Bote é um

5. Homem empregado na busca de diamantes.

exemplo da vasta denudação que teve lugar, e ainda está se processando.

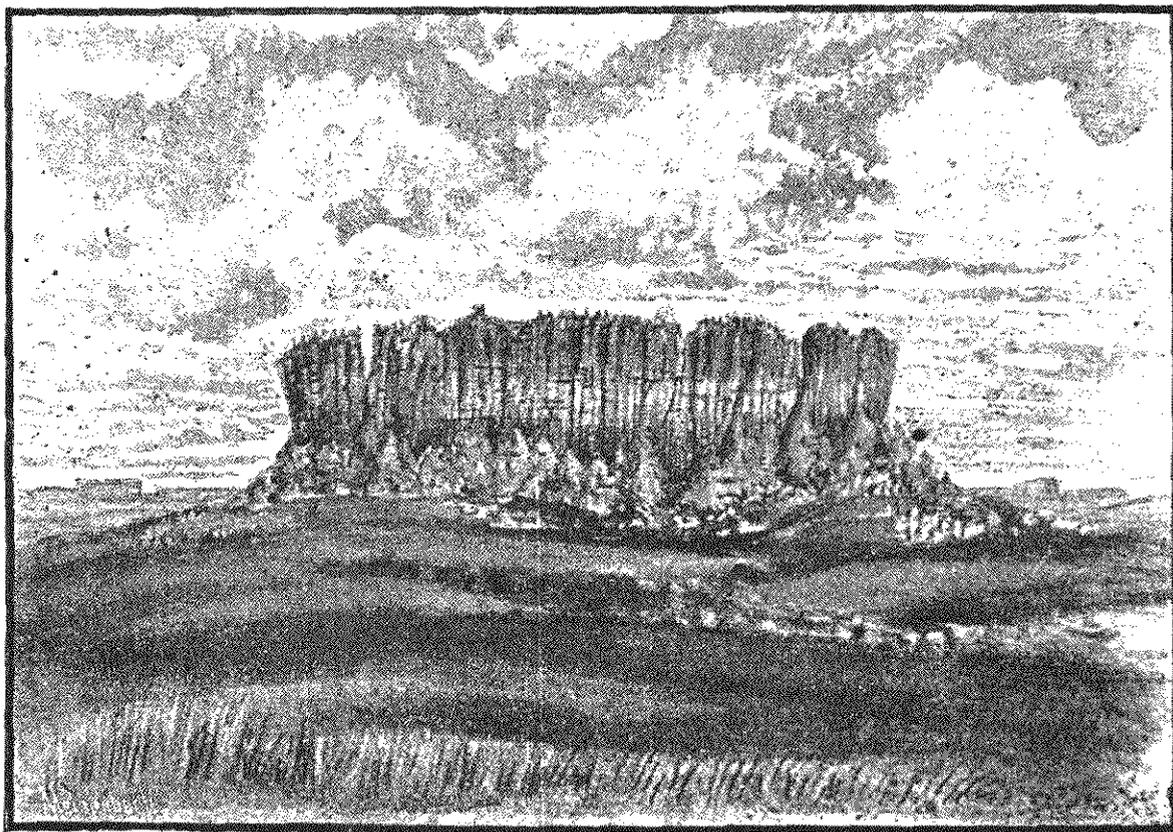
O Soninho passa a cerca de duas milhas ao sul do morro, em um vale profundo, além do qual aparecem outros morros de topo plano.

A estrada passa perto da extremidade leste do Morro do Bote, onde as grandes muralhas perpendiculares, como rochedos monstruosos, erguem-se a 500 ou 600 pés acima de nós, parecendo prontos a despencar e esmagar estes pigmeus com milhares de toneladas de rochas, que parecem tão gastas e castigadas pelas intempé-ries, e apresentam uma infinidade de cores todas escurecidas pela ação do tempo, exceto em poucos lugares onde pequenos deslizamentos ocorreram recentemente; lá as cores são mais claras, e as divisões de estratos, claramente defini-

das. A parte mais baixa forma uma rampa natural de areia, pedras e argila, coberta de cactos gigantes, árvores retorcidas, arbustos rasteiros e imensas massas de pedras. Algumas das pedras que tão profusamente forram a superfície do terreno são arenitos ásperos granulados, brancos, vermelhos e marrons, apresentando ocasionalmente veios de quartzo branco; dentre outras há umas poucas peças de rochas amigdalóides e massas de conglomerados, ou pudingue.

Depois de passar por estes veneráveis monumentos de uma era primitiva, a trilha se torna uma estrada do diabo, fontes exsudam do chão por toda parte e formam valesinhos fundos de pauis entre fileiras de rochas e pedras soltas, espessamente cobertas de cactos azuis altos, sarça espinhenta e árvores retorcidas; escorregamos encosta abaixo, ficamos atolados nos lamaçais, escalamos as pedras e deslizamos alegremente em meio às pedras esparsas como um navio no mar, os rostos e roupas arranhados e rasgados pelos inúmeros espinhos que tão profusamente cobrem a estreita vereda.

Desisti finalmente de tentar prosseguir montado e segui a pé na frente, cortando um cajado no caminho para ajudar-me a pular por cima das muitas poças de água estagnada. A alguma distância à frente da tropa, enquanto eu descia lentamente um



O Morro do Bote ou o Morro do Mandacaru.

declive escorregadio de rochas musgosas e argila, um movimento em meio ao capim ao meu lado atraiu-me a atenção, e, parando um momento, o ruído do chocalho de uma cascavel informou-me cortesmente de sua proximidade. Permaneci quieto, e o “bicho” emergiu lentamente para a trilha aberta, quando então administrei-lhe com meu cajado o que um dos meus antigos camaradas teria, nestas circunstâncias, denominado uma “tacada de primeira”, e depois peguei o chocalho de nove anéis como troféu.

Cerca de meia hora depois, outra aventura aconteceu. Eu tinha-me adiantado consideravelmente à tropa e ultrapassara o terreno quebrado e acidentado, e estava lentamente subindo por uma senda grāmada cercada de árvores: uma brisa forte soprava contra mim e fazia as árvores e folhas farfalharem animadamente. Quando cheguei ao alto desta leve eminência, dei de cara subitamente com um imenso cervo, a uma distância de uns 20 passos, tão inesperadamente que nós dois ficamos provavelmente igualmente espantados; o animal teve um sobressalto e pulou, depois ficou parado, assustado, porém olhando para mim aparentemente indeciso entre atacar ou bater em retirada. Eu aprontei meu pesado revólver imediatamente e com o primeiro tiro eu o ferí; ele cambaleou por um momento e depois abaixou sua esplêndida galhada para o ataque, mas um segundo e terceiro tiros fizeram-no cair no chão com eficácia. Não era a primeira vez que meu revólver abatia um veado, mas eu certamente não esperava fazê-lo nesta região, onde toda caça deve necessariamente ser muito arisca. Os homens lá atrás, ao ouvirem os tiros, vieram correndo e disseram que o cervo é conhecido como suçuapara, “um bicho brabo e bicho a toa”, e que sua carne é absolutamente intragável devido a sua forte “catinga”. Levei comigo sua galhada de seis pontas, que media 30 polegadas de lado a lado, e cerca de 36 polegadas de comprimento. O animal tinha 4 pés de altura do lombo ao chão, e media 4 pés e 6 polegadas de focinho ao rabo, seu corpo era coberto de pelos longos, ásperos e fulvos; é um animal de forte compleição, de um tipo extremamente diferente do veado comum, pequeno e com aparência de gazela, que se encontra normalmente no Brasil, e é a maior espécie conhecida da família dos cervídeos no continente sul-americano.

Já bem no fim da tarde, perto dos bosques de uma depressão rasa da região conhecida como Brejo do Celeste, encontramos um grupo de viajantes montados: um homem branco idoso, dois homens mais jovens e três mulheres, com vários criados negros a pé dirigindo os animais de carga. Como raramente se vêem estranhos na estrada nestes distritos, o velho parou e perguntou quem éramos e para onde íamos; quando respondi que estávamos indo para Porto Franco, ele informou-me que era o proprietário daquela fazenda, um Senhor Capitão João Rodrigues de Nogueira,⁶ a caminho do Piauí com parte de sua família. Eu relatei brevemente a natureza de minha ocupação e ele teve a

6. *Captain John Roderick of Walnut-tree*

bondade de escrever uma nota rápida para seus filhos em Porto Franco, para que me dessem toda atenção e assistência. Como estava ficando tarde e estávamos para acampar, ofereci a acomodação de minha barraca, mas ele declinou, pois esperava alcançar uma pequena fazenda próxima; separamo-nos com votos mútuos de boa viagem ("Boa viagem, e Deus o acompanhe, e Deus permita que você seja feliz").

Certamente, esses geralistas do Jalapão são extremamente gentis comigo, e como estranho e viajante não posso deixar de ter um forte sentimento de gratidão para com eles por sua hospitalidade franca e apreciá-los por seu caráter bondoso.

Acampamos lá e armamos a barraca; a noite transcorreu tranqüilamente, mas com diversas pancadas de chuva.

Depois de deixar o Brejo do Celeste, atravessamos um trecho comparativamente plano de gerais áridos, ou campos, por cerca de 8 milhas de solo profundamente arenoso, pontilhado de esparsa vegetação nanica, como tufos de capim ocasionais, piaçavas anãs, cactos e uns poucos arbustos. Ao fim destas 8 milhas há um descida abrupta para um vale fundo e largo, conhecido como "o Baixão", onde encontramos a primeira habitação desde que deixáramos Boa Esperança, uma casinha de sapé com uma pequena roça, de propriedade de um negro e sua família, que nos regalaram com leite e aipim assado.

Uma leve descida, e uma cavalgada de 4 milhas por outro trecho plano de campo levou-nos à borda das terras altas que cercam a grande depressão na qual se situa Porto Franco. Descemos, ou melhor, despencamos pelas encostas íngremes do tabuleiro por uma trilha precária, a pique e pedregosa, e finalmente chegamos a nosso destino.

Como todas as outras fazendas do Jalapão, a fazenda de Porto Franco é também um local de construção bem recente, mas bastante sólida, com paredes de adobe e cobertura de telhas e uma larga varanda aberta que se estende por toda a fachada da residência.

O capitão deve ser abastado, pois as numerosas casinhas, anexos e celeiros espalhados, os grandes currais de gado e um bom número de empregados indicavam um estabelecimento bem grande. O que é curioso é como se pode obter lucro com a criação de gado e a agricultura tão longe de um mercado, especialmente quando o mercado do Piauí é tão pobre e limitado.

Cordiais boas-vindas foram-nos dadas, como as que se dariam a qualquer forasteiro neste lugar solitário, pois não há mais habitações entre esta e as margens do Tocantins, e um viajante que passa deve ser realmente uma dádiva de Deus. Sem dúvida os moradores se acostumaram desde a mais tenra idade a esta solidão, todavia, mesmo assim, uma cara nova deve ser uma visão tão grata a eles quanto o era para Robinson Crusóe.

Com um suspiro de alívio, desmontei pela última vez da mula que me carregara

tão bem até ali, pois terminara outro capítulo de minhas viagens e experiências, como haviam terminado, por algum tempo, minhas jornadas por terra.

A sala em que fui introduzido era muito simples e pobre, bastante pobre aliás; paredes e chão de pura terra, bancos nus e mesas nuas e nenhum excesso destes dois últimos itens. Os moradores eram de tons variados de marrom e “marelo”, e seus rostos e roupas de algodão teriam melhorado com uma boa lavada; porém, a seu modo, eram extremamente gentis e demonstravam a maior boa vontade em providenciar os confortos materiais de que eu necessitava. Uma pretinha muito suja veio da cozinha com o café, um moleque trouxe cana-de-açúcar cortada em pedaços de tamanho conveniente para se comer, meu anfitrião ofereceu-me seu melhor restilo, com açúcar, limão e água.

Mas, a despeito da boa vontade de meus amigos, eu não me alegrava com a perspectiva de um ou dois dias de atraso, gastos com as preparações para a viagem rio abaixo. Minhas peregrinações já duravam tanto que, ocasionalmente, o cansaço e a monotonia da vida produziam um intenso anseio de voltar ao mundo lá fora, e pelo menos ouvir o que estava se passando lá e fazendo sua história, pois eu estava sem qualquer notícia ou cartas da Europa já há quatro meses. O Capitão Burton, na parte inicial de suas jornadas pelo Brasil, discorre sobre as glórias da solidão, e diz, “Que infeliz o viajante que, como St. Hilaire, está sempre lamentando a falta de sociedade”, de conversação; e que, ‘reduzido à sociedade de suas plantas,’ consola-se somente com a esperança de chegar ao fim de sua viagem! *‘Une monotonie sans égale, une solitude profonde; rien qui pût me distraire un instant de mon ennui.’* E isto de um naturalista... *‘Je finis par me désespérer à force d’ennui, et je ne pus m’empêcher de maudire les voyages.’* Compreende-se o retrato que ele traça de si próprio, coberto com um guarda-sol para proteger-se do sol, e um raminho para afastar os insetos. Lembra um Mr. Ledbury científico.” Como meu caráter imperfeito não me permitiria apreciar o amor à solidão do capitão, minha longa permanência entre os “matutos” e “sertanejos” começava a produzir seus efeitos. Ela tinha durado tanto tempo que eu podia me solidarizar de coração com a falta que o *monsieur* sentia de pessoas civilizadas, mesmo com todos os seus defeitos e convencionalismos. Até o capitão, ao fim de sua viagem, soltou um leve suspiro de alívio e disse: “Minha tarefa está cumprida. Recebi sua recompensa, e a força esvaiu-se de mim.”

Passei um dia em Porto Franco, sem dúvida um dos confins mais tediosos da terra, comparado com o qual uma aldeia do interior inglês em dia de chuva apresenta a mais fervilhante animação. Chovia uma boa chuva brasileira, mas eu dei alguns passeios a pé pelas vizinhanças e pus minhas notas em ordem; isto permitiu-me passar o tempo, de outro modo, mais uns poucos dias lá ter-me-iam provavelmente reduzido a um estado de imbecilidade, ou ao estado normal de passividade do povo da roça.

É, provavelmente, uma dádiva misericordiosa da Providência estas pessoas desenvolverem uma capacidade tão grande de dormir para preencherem o vácuo da ociosidade. Meus anfitriões eram incultos, gente da roça que nunca tinha viajado, bons, afáveis e extremamente hospitaleiros certamente, mas uma hora de conversa já exaure seu curto estoque de informações, e quando eles se cansam de *interrogar-me*, seus terríveis bocejos expressam sua inanição e um desejo de descansar em suas redes. Suas ocupações são aquelas relacionadas com a criação de gado (cerca de 2.000 cabeças de gado pertencem à fazenda) e o cultivo de um pequeno roçado para suprir suas provisões principais. Todo ano o rebanho é reunido, os bezeros e novilhas ferreteados com a estampa da fazenda e um certo número de bois é levado para as cidades-mercado do Piauí, a 200 ou 500 milhas de distância, onde só atingem o preço de 3 ou 4 libras por cabeça. Um certo número é ainda abatido, e a carne, transformada em carne seca, é enviada com os couros pelo Rio do Sono abaixo, em uma balsa de buriti, até Pedro Afonso, um vilarejo no Tocantins, onde desemboca o primeiro rio mencionado e onde são vendidos aos negociantes que descem o Tocantins até o Pará. A balsa é abandonada ao chegar a seu destino, e os homens voltam por terra. Os dois homens que se encarregam dessas viagens foram contratados por mim para conduzir-me rio abaixo.

Nas vizinhanças há pouca coisa de interesse. A terra é baixa e forma uma depressão considerável com relação às terras mais elevadas que a circundam com encostas abruptas e precipitosas. O solo é uma margem clara arenosa, escassamente coberta com tufos de capim, pequenos arbustos, palmeiras nanicas, cactos rasteiros (cabeça-de-frade) e ocasionalmente uns poucos aglomerados de árvores ou um bosque de buritis. Fica cerca de 400 pés abaixo do vale da nascente do Sapão, é menos exposta às brisas frescas que varrem esses planaltos tão ininterruptamente, e já não se experimenta a atmosfera maravilhosamente estimulante peculiar àqueles distritos.

A roça da fazenda situa-se em um terreno limpo na mata das margens do rio, a cerca de uma milha. Lá, algodão, café, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, mamona, milho, inhame, batatas-doces, tudo cresce com exuberância, mas na maior confusão, um perfeito matagal, pois pouco se faz além de limpar mal o terreno, queimar os troncos e arbustos derrubados e plantar da forma mais primária as diversas sementes e mudas dos diferentes legumes que são deixados sem cuidados até amadurecer. Os tocos queimados, os matacões espalhados, as ervas silvestres extrínsecas (fetos, taquaras, sarças e gramíneas), que crescem para todo lado entre os legumes, as cercas grosseiramente construídas, e o mata entrançada circundante, criam um aspecto de peculiar desalento, abandono e cultivo descuidado; só se faz aquilo que é absolutamente necessário; mais nada. Mas nestas roças desordenadas, e na floresta que as cerca, há muito

para interessar o botânico, o naturalista e o entomologista, no crescimento espantoso de uma vegetação variada, nos muitos pássaros, borboletas e besouros e as capivaras, antas, cotias, pacas e quatis, que causam tanta depredação e destroem muito mais do que aquilo que consomem, uma fonte de perpétua preocupação para o fazendeiro.

Embora haja uma dúzia de homens na fazenda, filhos ou escravos do capitão, sua capacidade de trabalho é mal e ineficientemente utilizada. Durante minha permanência, não vi um único homem cumprir um dia de trabalho normal; os escravos fazem o que bem entendem, eles não nadam em luxo, decerto, mas são tratados leniente, até bondosamente, e muitos trabalhadores pobres da Inglaterra invejariam sua sorte. As mulheres negras e morenas claras parecem fazer todo o trabalho, limpando manualmente e fiando o algodão, tecendo um tecido rústico, pilando milho ou mamonas, fazendo farinha ou rapadura e até trabalhando nos campos quando necessário.

O clima deste distrito do Jalapão é certamente saudável, seco e quente nos platôs e morros, mas sempre temperado com brisas frescas; nos vales baixos enflorestados o calor é naturalmente mais úmido. A temperatura varia durante o ano de 76º a 88º durante o dia, e de 70º a 78º à noite. É claro que não tive como verificar isto pessoalmente, mas, pelo que observei e pela informação recebida, calculo que esta seja a variação aproximada. Não há febres ou doenças endêmicas, sezões e maleitas, ou seja, febres remitentes e intermitentes são muito raras. Comparativamente, não há mosquitos, carrapatos, maruins, ou outros insetos nocivos, exceto nas roças e matas, onde umas poucas formigas, mosquitos e carrapatos são ocasionalmente encontrados.

Disseram-me, contudo, que onças e sucuriús são a causa de consideráveis perdas entre os rebanhos, e a caça a estes destruidores e aos veados e perdizes que abundam nesta área forma a principal diversão e variedade na existência monótona destas pessoas.

Os meses de chuva são outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e maio; em abril há pancadas; março, junho, julho, agosto e setembro são secos.

O sal é a grande deficiência destes distritos do interior; ele tem de ser trazido do Rio São Francisco através do Piauí, ou da costa, e é, naturalmente, excessivamente caro, representando o principal item de despesa nas fazendas de gado. É a grande necessidade e artigo de tráfego por todo o interior habitado do Brasil. A Ferrovia Dom Pedro II sozinha transporta anualmente cerca de 19.000 toneladas para o interior.

Embora este Jalapão seja tão pouco habitado, e apesar das muitas histórias e rumores que ouvi em contrário, não pude vislumbrar qualquer prova da existência de aborígenes em estado selvagem em suas vizinhanças; os poucos que há estão “aldeados”, sob os cuidados de monges missionários italianos e são designados como “índios man-

sos”,⁷ contrariamente aos “índios brabos”.⁸ Há uma aldeia dos coroados às bordas do Manoel Alves Pequeno, cerca de 100 milhas a noroeste, outra dos caraújos perto da nascente do Manoel Alves Grande, cerca de 60 milhas ao norte, e outra de xerentes no Rio Ipiabanha, 70 milhas ao sul da boca do Rio do Sono.

Pela manhã do segundo dia, minha tripulação de dois homens, Jacinto e Jesuíno, chegaram e passaram a colher material para a construção de uma balsa; no mesmo dia minha tropa e acompanhantes, José Grosso, Antônio e Roberto, com as duas mulas do Sr. José, retornaram pelo Sapão, que logo será utilizado como um atalho de Santa Rita até estes distritos, mas Rodrigues ainda não se recuperara de seus numerosos sustos e preferiu retornar à Barra do Rio Grande por uma longa volta, através dos distritos habitados de Paranaguá no Piauí, do que pela rota mais direta seguindo o Sapão. Ele disse: “Não, senhor! Eu não quero saber nunca mais daquela região selvagem, por nada deste mundo, Deus me livre. Em terra de gente branca, aí sim, estou disposto a viajar pra onde você quiser, mas não nesses ermos do diabo.” Pobre Rodrigues, ele era um sujeito honesto e franco, mas um rematado covarde. Embora meu contrato com ele fosse levar-me até Carolina no Tocantins por uma soma estipulada, esta soma eu lhe paguei já agora – \$350.000 (digamos, 35 libras, com uma gratificação de mais \$50.000), o que afinal era um preço baixo pela utilização e serviços de três homens e sete mulas, por uma jornada de 460 milhas – ou melhor, 500, incluindo os desvios, que ocupara dois meses, além do tempo gasto na volta; pois se fizermos o cálculo de um mil-réis (2 *shillings*) por dia para cada homem e um por cada animal, daria um total de \$500.000. Em Minas Gerais, 5 e às vezes até 10 mil-réis por dia é o frete de uma mula normal.

Meu criado pessoal, Bob, permaneceu comigo e concordou em acompanhar-me até a costa. Só posso dizer que despedi-me de meus outros acompanhantes com tristeza, pois nenhum viajante poderia desejar um grupo de homens mais pacientes em todas as dificuldades e provações, mais bem dispostos, obsequiosos e respeitosos do que estes bons sujeitos. A pusilanimidade de Rodrigues era uma fraqueza, mas que só resultava em gargalhadas à sua custa.

Os dois novos balseiros eram dois rapazes fortes de cerca de 25 anos de idade, mais de 6 pés de altura, ombros largos e peito musculoso, sua cor era um oliva escuro luminoso, seus cabelos longos, negros e levemente ondulados, seus rostos não tinham pelos, e seus traços eram agudos e proeminentes e diferentes tanto do negro como do tipo comum de índio sul-americano. Eles faziam seu trabalho de um modo silencioso e metódico, eram muito tranqüilos em suas maneiras e tendiam um pouco à rispidez.

A balsa foi finalmente construída e estava pronta; mas, ao subir a bordo da desa-

7. *Tame Indians.*

8. *Wild Indians.*

jeitada e pesada embarcação, ela oscilou consideravelmente com o meu peso e comecei a duvidar do que ocorreria sob o peso da tripulação e da carga; era de temer que a linha de flutuação de Plimsoll desaparecesse. Para testar sua estabilidade, toda a bagagem e as provisões foram arranjadas a bordo, e depois a tripulação foi convocada para fazer um passeio experimental. Quando tudo estava a bordo, sua superfície ficou no nível da água, e ela balançava de modo muito desagradável com os nossos movimentos; no entanto, chegamos a afastar-nos da margem para a experiência, mas poucas jardas foram suficientes para provar sua instabilidade. Até Jacinto, que até então garantia o seu poder de transporte, gritou: "Jesuíno! Jesuíno! Vamos voltar já! Não posso fazer nada com este bicho. Eu é que não vou nele, por nada deste mundo." Depois de uma luta acirrada contra a correnteza, alcançamos a margem de novo.

A balsa teve de ser desmontada e reconstruída com mais uma camada de feixes de ramos de buriti, que seria a terceira. Não havia como partir naquele dia, já que tínhamos de conseguir cavalos para andar umas poucas milhas em busca dos ramos adicionais necessários. Os homens trabalhavam bem, e já era noite quando uma balsa maior (8 pés por 12) foi terminada, e pela manhã, quando carregada com a bagagem e a tripulação, ela ficou razoavelmente estável.

Uma espécie de tenda cigana (de 5 pés por 7) foi feita então, curvando-se em uma série de arcos semicirculares uma certa quantidade de varas de pindaíba, mantidas em posição por fileiras horizontais de bambus, a um pé de distância um do outro, e a estrutura total depois coberta com folhas de palmeira e forrada ainda com couros crus secos: este abrigo foi o meu lar por diversos dias. A dirigibilidade da embarcação era naturalmente nenhuma, e, embora houvesse muitos trechos complicados de água à nossa frente, a pilotagem dependeria da força e habilidade dos balseiros.

O pior lugar que teremos de enfrentar é a "Apertada Hora", onde, nesta época do ano, as perspectivas de uma travessia bem-sucedida ou desastrosa são quase iguais. Esta corredeira, dizem-me, corre com grande força por sobre e entre inúmeras pedras, em meio a paredões sem praia de rochedos perpendiculares: quando o rio está cheio, as pedras ficam submersas, e quando a água está baixa, elas ficam bem acima da correnteza; nos dois casos a descida pode ser efetuada com comparativa segurança, mas, quando o rio só está semicheio, o perigo é muito grande, e a corredeira quase intransponível, devido à ausência de qualquer canal definido e a dificuldade de discernir a posição das pedras. Como o rio pode estar em qualquer uma dessas condições quando chegarmos à Apertada Hora, o ínterim será um período de grande ansiedade até que estejamos fora de perigo.

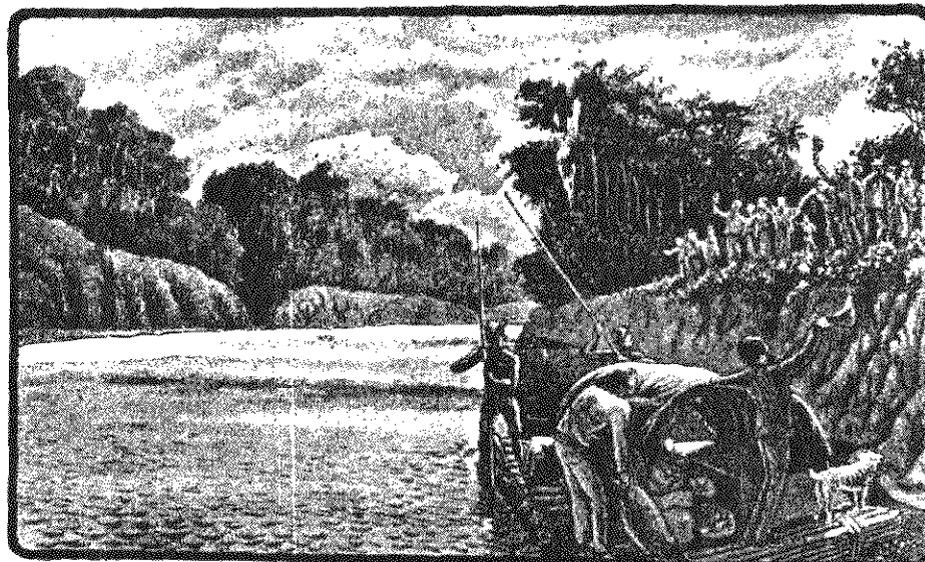
CAPÍTULO 11

DESCENDO O RIO DO SONO DESDE PORTO FRANCO ATÉ O TOCANTINS

ADEUS A PORTO FRANCO – NO RIO DO SONO – NOSSA PRIMEIRA PANCADA – ACAMPAMENTO EM TERRA – CULINÁRIA INDÍGENA – UMA PERSPECTIVA PERIGOSA – UMA NOITE DE VENTO – O RUGIDO DE UMA ONÇA – MANHÃ NO RIO – AS MARGENS DO SONO – CURIOSA COLMÉIA – AVES E ANIMAIS RIBEIRINHOS – PANCADAS – FERÓZ E SUA CAPACIDADE DE NADO – UM GATO DO MATO, ABATIDO – COZINHANDO COM DIFICULDADE – UMA NOITE TORMENTOSA – MÃS PERSPECTIVAS – APROXIMANDO DAS CORREDEIRAS – EM DISPARADA SOBRE AS CORREDEIRAS DO “FUNIL” – APRISIONADO NO VALE DO RIO – MAGNÍFICA PAISAGEM – IMPULSIONADOS PELA VELOCIDADE DAS ÁGUAS – UM ESPETÁCULO REPENTINO E TERRÍVEL – NO VÓRTICE DA APERTADA HORA – ALGUNS MOMENTOS DE SUSPENSE – SOBRE AS PEDRAS – UMA LUTA INSANA – ESCAPAMOS POR POUCO – DESAPARECIMENTO DO RIO – UMA SAÍDA INESPERADA – ESPLÊNDIDO DESEMPENHO DA TRIPULAÇÃO – PERDAS E DANOS – UM ERMO – UMA CADEIA DE MONTANHAS INTERPÕE-SE – UMA NOITE DESCONFORTÁVEL – INDÍCIOS DE DIAMANTES – PECARIS DE NOVO – UM AVANÇO CAUTELOSO PELA MATA – PARA O ALTO DE UMA ÁRVORE – AO ATAQUE – CARNE DE PORCO PARA O JANTAR – A PACIÊNCIA E OBEDIÊNCIA DE FERÓZ – A BANANA SILVESTRE – MACACOS – A VIDA NO SONO – A CAMA AQUOSA DE BOB – UM DIA ESCALDANTE – UMA FAZENDA MISERÁVEL – O RIO PERDIDO – AS MARGENS REPLETAS DE VIDA ANIMAL – O BAIXO SONO – CHEGADA AO TOCANTINS.

25 de abril – Quando já prontos para uma partida bem matinal, a tripulação lembrou-se de que tinha de lavar suas roupas, o que atrasou a partida por uma hora. Por fim, tudo estava pronto, e as pessoas da fazenda, o Senhor Joaquim e os outros filhos do Capitão Rodrigues, um Senhor Manoel da Fonseca Galvão, e os homens, mulheres e crianças da fazenda alinharam-se nas margens e nos aclamaram animadamente; pois uma viagem de balsa rio abaixo era um acontecimento em suas vidas monótonas, e duplamente inusitada quando feita por um forasteiro.

A balsa é impulsionada com as varas até a correnteza e logo desliza para longe da pequena multidão à beira-rio, que nos saúda repetidas vezes, e seus gritos de “Boa viagem,” e “Adeus! Até à volta!” ou “Até outra vista!” vão ficando cada vez mais longínquos à medida que nos afastamos e desaparecemos por uma curva do rio. Adeus, meus amigos, vocês recebe-



Partida de Porto Franco no Rio do Sono, Goiás.

ram o estrangeiro com hospitalidade rústica e franca e embora possam ser desmazelados e indolentes, vocês são certamente bons e genuínos; seu lema deveria ser “bastam a cada dia suas próprias necessidades”.

Mais uma vez em um rio, deslizando suavemente sobre as águas levemente encrespadas, pois a balsa foi impulsionada para o meio da correnteza e derivamos a cerca de 2 ou 3 milhas por hora.

O Sono não tem aqui, em geral, mais de 240 ou 300 pés de largura, mas em algumas das curvas alarga-se para 350 e até 400 pés. Sua profundidade é muito variável; em alguns pontos, chega a 20 pés, em outros é de apenas 5 ou 6 pés. A água é maravilhosamente límpida e transparente, e a paisagem das margens é inenarravelmente encantadora. Em muitos lugares, elas se erguem em barrancas elevadas de arenito multicolor, encimadas por florestas e recobertas de trepadeiras floridas. Em outros pontos, os campos se estendem até as margens avermelhadas e praias brancas de areia, em longos declives de relva verde. Nas poças de água sombreada das curvas, as lindas margens refletem-se como em um espelho.

Poucas milhas abaixo de Porto Franco, atravessamos nossa primeira “pancada” (denominação local para uma corredeira sobre baixios), onde deslizamos em grande velocidade entre as ondulações, que faziam de novo dançar nossa embarcação, e passamos à toda por pedras pretas pontudas, habilmente evitadas pelos esforços dos homens, que exibem grande força física, frieza de ânimo e uma rápida avaliação das circunstâncias; eles manejavam suas longas varas de 24 pés como se fossem varinhas de pescar, dando uma empurrada aqui, uma empurrada ali nas pedras, e assim evitavam as Cilas e Caribdes de cada lado, chegando às águas pacíficas mais adiante. Foram momentos de uma certa ansiedade, o suficiente para fazer os olhos brilharem e forçarme a segurar com força no teto da cabine.

É certamente uma sensação nova, depois dos dias inteiros passados no lombo do burro, encontrar-se reclinado sonhadoramente na balsa, sentindo a água murmurante e observando as margens sempre diferentes, que adejam diante dos olhos como as mudanças de um cosmorama; é tudo tão ocioso, e todavia tão agradável; mas há ocupação suficiente em observar os ângulos de direção do curso, calcular a distância e fazer esboços da posição dos muitos córregos e ribeirões, que se juntam ao rio de cada lado, e também sondar a profundidade, enquanto derivamos.

Temos de parar cedo, pois as cápsulas de percussão de nossa única espingarda foram esquecidas em Porto Franco, e Jacinto tem de voltar por terra para buscá-las.

Atracamos para a noite em uma pequena enseada aconchegante, ao lado de uma praia de areias branco-prateadas. No topo da barranca há apenas a magra vegetação

dos campos, que se estende até bem longe em grandes ondas de terra gramadas, pontilhadas às vezes com umas poucas árvores retorcidas e um pequeno arbusto nanico. Uma pequena área é limpa em meio à grama, a pesada barraca é arrastada com dificuldade morto acima e armada (pois a tarde mostra indícios de uma noite suja); lenha é obtida, e acende-se uma fogueira crepitante; aproveito para dar um mergulho e nadar nas águas claras do rio, mesmo com a possibilidade de encontrar aranhas d'água, enguias elétricas, piranhas, jacarés e outros "bichos".

Mais tarde, um equipamento de pesca é preparado, as iscas enfiadas e logo temos alguns peixes excelentes, que são cozidos depois por Jesuíno à moda indígena. Um buraco, de cerca de 6 polegadas de profundidade, é escavado na areia, os peixes são limpos,¹ envolvidos nas folhas aromáticas do sassafrás,² colocados no buraco e cobertos de areia. Faz-se então uma fogueira sobre ele, e os peixes, frescos e delicados, são, como os egípcios, deixados a "cozer em seu próprio caldo"; o resultado é muito bom.

As nuvens adensam-se e escurecem à medida que a noite avança, e logo grandes rajadas de vento vêm testar as estacas da barraca, e aí a chuva despenca em cortinas de água. A balsa está bem presa e procuramos o hospitaleiro, mas despojado abrigo da barraca, cuja única mobília consiste em alguns couros estendidos no chão e uma lâmpada de óleo de mamona pendurada no pau da barraca. Enquanto sorvemos nosso café e tiramos umas baforadas, Jesuíno reconta alguns dos casos dos primeiros colonizadores, e assim passam-se uma ou duas horas da longa noite. Uma boa parte da conversa tem por objeto as corredeiras da Apertada Hora e as probabilidades de suas condições serem boas ou ruins, pois Jesuíno sempre desceu o rio na estação chuvosa ou na seca, e no tempo irregular de abril as chances são aparentemente iguais de sofrermos um revés ou superá-la sem maiores danos, mas, como Jesuíno o coloca, com o fatalismo de um rurco, "Se Deus quiser, escaparemos; senão, morreremos." Esta era uma perspectiva muito dúbia, mas consolei-me dando o desconto do proverbial exagero brasileiro acerca de perigos.

Agora, como o vento tiva e sacode a barraca, fazendo a lona bater com estrondo! E lá fora, onde a chuva já há muito apagou a fogueira, uma escuridão densa domina, e a noite está barulhenta com os sons das folhas farfalhando e os troncos e galhos que rangem. Certamente, o clima de piquenique com que a tarde caiu já não existe, e eu verifico que, sem o exercício diário habitual, o couro no chão parece descobrir mais ângulos e quinas do que o costume no corpo da gente.

Por volta das 10 horas da manhã, fomos despertados por um rosnado baixo de Feroz. A princípio não ouvimos nada a não ser o pinga-pinga das árvores (pois a tempestade já passara); depois foi ouvido o inconfundível rugido distante de uma onça. Feroz

1. Os índios não limpam o peixe antes, mas achei melhor fazê-lo.

2. *Nectandra cymbarum*.

rosnou de novo e deu um salto para a porta da barraca, mas foi pego bem a tempo e acorrentado; de outro modo teria partido ousadamente para a luta, e aí teria sido o fim do meu cachorro. Meu revólver era minha única arma de fogo, pois Jacinto ainda não voltara com as cápsulas de percussão e eu devo confessar que não é agradável sentir que apenas uma divisória de lona nos protege de uma onça à espreita, que ronda pela noite procurando alguém para devorar. Felizmente, os próximos rugidos tornaram-se mais e mais distantes e finalmente não se ouviram mais, mas o incidente afugentou o sono e tornou a noite longa e cansativa.³ Finalmente abandonei o couro duro, arrastei-me até a balsa e meti-me na cama de caixas, que fazia-me sentir menos os ossos.

Nas primeiras horas da manhã, Jacinto chegou, e, depois de mais um mergulho refrescante no rio, partimos ao nascer do dia.

Os tons suaves da madrugada de uma linda manhã caíam igualmente sobre campo e corrente e tingiam toda a criação com seus matizes rosados. As margens ricamente coloridas brilhavam à luz quente, que fazia as folhas gotejantes da floresta, as samambaias e flores da praia, todas luzirem e reluzirem como jóias. Sobre o rio, aqui e ali, manchas de vapor ascendente obscureciam em parte suas camadas de ouro cintilante, até que uma leve brisa levou para longe a neblina na mais sutil das nuvens. Os peixes pulavam nas águas fumarentas; vívidos martins-pescadores azul-bronze dardejavam desde seus poleiros nos esqueletos de troncos descoloridos encahados à beira d'água; garças brancas deslizavam à superfície do rio com as asas bem abertas; nuvens de periquitos barulhentos e tagarelas passavam pelo ar; numerosos passari-nhos miúdos chilreavam e gorjeavam; e, nas matas, os rugidos de guaribas ecoavam e reverberavam de penhasco a penhasco das barrancas. Era um quadro que, mesmo na ausência de conforto pessoal, não se podia deixar de contemplar com deleite, e toda a natureza parecia dar boas-vindas à aurora cor-de-rosa e ao ar puro e fresco, depois da noite escura e ameaçadora.

O cenário das margens está sempre mudando, pois a região além do rio (quase toda de campos) é uma série de ondulações, os vales terminam em terras baixas de florestas à beira-rio e os esporões ou cristas formam penedos de 60 até 80 pés de altura. Estes penedos apresentam uma aparência extremamente pitoresca e maravilhosamente diversificada. Frequentemente, suas paredes perpendiculares são cobertas de longas massas pendentes de cipós e trepadeiras floridos, e suas fendas são cobertas de massas de samambaias, fetos e musgos, irrigados pela umidade da água gotejante; às vezes riozinhos formam pequenos jatos de água e caem em uma cortina nebulizada dos altos das barrancas; outras vezes, os penedos mostram superfícies nuas e lisas de rochas de cores diversas, nas quais uma estrutura muito curiosa frequentemente atrafa-

3. Esta foi a única ocasião em todas as minhas viagens que poderia ter produzido uma aventura com uma onça.

me a atenção: vista de frente, ela lembra um couro escuro de boi esticado e pregado na parede de rocha, medindo em média de 8 a 6 pés de comprimento e de largura; de lado, ela aparece inflada e distendida e culmina em um ponto suspenso, ou ápice, próximo a seu lado inferior. Estas curiosas formações são os ninhos da xupé,* uma abelha que produz grandes quantidades de excelente mel, mas que pica terrivelmente, e pela posição em que ficam os ninhos, a meio caminho da superfície lisa das rochas, são de difícil acesso, a menos que o coletor esteja envolto em couro e desça do alto por meio de cordas, o que às vezes é feito.

No todo, o Sono é até aqui um rio bonito em uma bela região de clima agradável. À medida que derivamos, ouvimos volta e meia um corpo pesado caindo na água, geralmente uma capivara, e em uma ocasião avistamos uma anta, que desaparece antes que possamos chegar mais perto.

Ao meio dia, passamos pela boca do Ribeirão da Espingarda, um curso d'água que corre desde os planaltos das divisas do Maranhão e Goiás, a cerca de 40 milhas a nordeste. Ele tem em torno de 100 pés de largura, é navegável por aproximadamente 20 milhas e atravessa uma região totalmente desabitada.

Para lá desse ribeirão, a margem direita forma penhascos excepcionalmente elevados, coroados com toda a exuberância de uma densa vegetação tropical, e poucas jardas são passadas quando ouvimos a música de água gotejante escorrendo dos penhascos de arenito rochoso, em meio a tantas variedades e formas de vegetação, samambaias delicadas e flores em baixo, árvores gigantes em cima, entrançadas com festões de cipós, um verdadeiro paraíso de beleza, tudo espelhado nas límpidas águas lá embaixo. A margem sul é muito mais baixa e encimada apenas pela vegetação rasteira dos campos adjacentes; aqui avistamos a segunda anta daquele dia, e eu arrisquei um tiro, mas o "bicho" tratou os pequenos grãos de chumbo com o mais supremo desprezo e na maior calma mergulhou na água; mais tarde abati um belo mutum¹, ou curaçau, empoleirado em uns galhos suspensos sobre a água. Havia um bando de uns sete ou oito nos galhos, mas esta bela e excelente ave é um prêmio em si, pois é tão grande e pesada quanto um peru pequeno, e sua carne é igualmente saborosa e nutritiva. A ave é bem conhecida e dispensa descrição, bastando mencionar que seu nome indígena, mutum,² é uma imitação exata dos sons que ela emite. Estas aves são facilmente domesticáveis e convivem sem problemas com os galináceos domésticos no Brasil, mas as tentativas de criá-las na Inglaterra não tiveram até hoje nenhum sucesso.

Durante o decorrer do dia, atravessamos com segurança diversas "pancadas", ocasiões em que havia uma grande gritaria e um manejo rápido das varas, para desviar, aqui e ali, das pedras. Estes curtos arrancos eram excelentes estimulantes, ou melhor, "abridores

* Trata-se provavelmente da abelha guaxupé (N.L.).

4. *Cnax alector*

5. Pronuncia-se com uma ênfase bem marcada no t. *Moo-t'ong*

de olhos”, e era uma cena rara nesta terra da letargia ver a maneira como os olhos dos homens dilatavam e cintilavam com o excitamento e ouvir seus gritos ecoarem acima do rugido das águas; e ver como seus esplêndidos músculos se movem em seus poderosos braços, peitos e ombros, com o violento esforço; pois estas balsas desajeitadas não podem ser pilotadas como uma canoa, nós derivamos quase para onde nos leva a correnteza, e quando ela nos carrega na direção de uma rocha à frente, o único remédio, especialmente se a correnteza for forte e a água profunda, é manter as varas abaixadas e prontas, e quando a pedra chega ao alcance delas, erguê-las à direita ou à esquerda, com toda a força; o choque é grande, e um esforço tremendo e sangue frio e habilidade são necessários para agir em uma só direção simultaneamente; as fortes varas entortam-se em arcos com a pressão, enquanto a pesada embarcação, tendo seu movimento interrompido, finalmente se volta na direção correta, balançando e inclinando-se nas ondas dançantes e na água célere. Eu estremecia ao pensar no que seria a Apertada Hora.

À tarde, uma tempestade de vento e chuva levou-nos a procurar abrigo em terra, pois nessas ocasiões os homens não podem ver os sinais de rochas submersas, e é necessário esperar até que a borrasca tenha passado. Uma hora depois, a tempestade acalmou e nós continuamos a deslizar. Feroz, que gostava tanto de nadar quanto um terra-nova, divertia-se freqüentemente com um mergulho no rio e uma nadada até a praia, sempre que ouvia qualquer som misterioso vindo das matas e nos pontos em que as margens eram suficientemente baixas para permitir que ele as galgasse. Às vezes ele desaparecia deste modo por duas ou três horas seguidas, quando então seu focinho preto aparecia bem atrás de nós, e ele rapidamente nos alcançava.

Às 6 da tarde, ancoramos à beira de um pequeno banco de areia para passar a noite: como os dois balseiros precisavam entrar nas matas para cortar varas sobressalentes para impulsionar a balsa, segui-os com minha espingarda. No meio dos gerais topamos com um grupo de pindaíbas, onde os homens apontaram para mim uma pequena fêmea de ocelote⁶, ou gato-do-mato, no alto de uma árvore. Um tiro a fez cair; que quadro de fúria felina seus estertores finais apresentavam; como ela rangia os dentes, bufava e rosnava e arreganhava as garras! Mas Feroz, vendo sua oportunidade, avançou sobre ela, segurou-a, quebraram-se uns ossos e a gatinha ficou imóvel; mas o cachorro levou consigo as marcas de suas garras.

Logo que a noite veio caindo, despencou outra chuva, para grande prejuízo das operações culinárias, mas Bob ficou firme em seu posto e estendeu seu poncho apoiado em uns gravetos acima do fogo para afastar a umidade; embora ele, é claro, tenha ficado totalmente ensopado, conseguiu mais ou menos assar o mutum. Choveu a noite toda, e os homens passaram muito mal sob um abrigo improvisado de galhos, já que não havia

6. *Felis pardalis*

espaço suficiente para armar a barraca em meio ao espesso mato rasteiro das margens.

Felizmente, até então não tínhamos encontrado insetos noturnos torturantes, nem um mosquito fora ouvido ou visto, mas ocasionalmente alguns maruins atacavam-nos durante o dia, quando passávamos por terras de cerrados.

A manhã seguinte rompeu limpa e clara, e Jesuíno era visto olhando para a água com um semblante muito meditabundo e, naturalmente, coçando a cabeça, como fazem todos os matutos quando estão pensando. Indaguei a causa de suas cogitações.

“É o diacho, o rio não está nem cheio nem raso, e nós temos de passar pela Apretada Hora hoje,” ele respondeu.

“Não poderíamos transportar as coisas por terra, ou pelo menos seguir pela margem e dar uma olhada? “

“Qual! As barrancas lá são muralhas de pedra e imensas florestas fechadas cobrem a área vizinha.”

“É então? Vamos arriscar?”

“Se o Senhor Doutor desejar, nós estamos prontos.”

“Então, vamos embora.”

À medida que avançávamos rio abaixo, ficava evidente que estávamos nos aproximando de uma região mais acidentada e pedregosa. Logo adiante podíamos discernir, a algumas milhas de distância, um contorno azul de montanhas interceptando a direção do rio, e a superfície do terreno tornava-se muito mais irregular, mais e mais enflorestada, e matacões consideráveis de rochas escuras cobriam as praias em lugar dos bancos de areia prateados de antes. As “pancadas” tornaram-se freqüentes, e quase a cada curva passávamos algum susto, especialmente em um ponto, a Pancada da Espingarda, onde as ondinhas formavam uma arrebentação encrespada de 3 pés de altura, e varria o tombadilho à frente e atrás, dando-nos a todos um belo banho e fazendo a balsa dançar e rodopiar como uma rolha na água; mas o canal era fundo e relativamente livre de pedras, e nós passamos ao longo da margem a uma velocidade furiosa, sem outro dano senão ficarmos molhados. As pancadas apareciam tão rapidamente uma após a outra, que só com muita dificuldade podiam-se tomar notas, fazer medições, e desenhar o curso do rio .

Os próximos momentos de animação foram os da travessia do Funil, onde o rio passa através de duas imensas massas de rochas duras e pretas, à distância de cerca de 50 pés uma da outra. Suas superfícies são lisas e regulares devido à ação da água, que provavelmente ocupava, em alguma época, um nível muito mais alto, pois as partes superiores destas rochas, esculpidas em bordas regulares horizontais, estão agora cobertas de densos cipós e arbustos.

Era o bastante para assustar uma pessoa timorata ver, ao aproximarmo-nos destas imensas comportas, a água literalmente espirrar pela estreita passagem; assim que entramos no vórtice, parecia que eu estava sendo arremessado para adiante, e a balsa parecia estar fugindo – um momento só, e passou; mas não totalmente, pois somos jogados em uma massa de redemoinhos em ebulição na saída da passagem, onde giramos e giramos, e onde apenas a magnífica coragem e a força demonstradas pela tribulação salvaram-nos de emborcar nos caldeirões de água.

Depois deste susto, temos um momento de alívio, mas estamos aprisionados em uma profunda garganta entre penhascos altos e inescaláveis, de onde não poderíamos retornar se o quiséssemos, e um pouco adiante a correnteza nos arrebatará e nos carregará até a Apertada. Bem, agora não há saída, e temos de arriscar. As temidas corredeiras ficam a 4 ou 5 milhas do Funil. Por uma longa e funda ravina, cavada no solo pela ação das águas, deslizamos a cerca de 3 milhas por hora, uma velocidade que aumenta perceptivelmente à medida que avançamos.

A paisagem é extremamente selvagem e estranha, em muitos lugares os penhascos têm mais de 100 pés de altura, e acima de suas bordas, como um delicado rendilhado contra o éter azul, há uma franja da folhagem emplumada da alta e esguia bacaba⁷ e do tucum,⁸ palmeiras⁹ até então desconhecidas para mim, bambus emplumados e a infinita variedade da vegetação tropical. A partir da beira dos penhascos a terra se eleva até montanhas consideráveis.

Enquanto isto, nossa velocidade aumenta até umas boas 6 milhas por hora. A tripulação está de pé na proa como estátuas de mogno, com as varas em riste, prontas para o inimigo, e ocasionalmente dá longos impulsos na água para manter-nos em movimento, e o mais perto possível da corrente principal. Bob ofereceu-lhes seus serviços, mas que são dispensados com agradecimentos, pois os homens dependem um do outro para a ação simultânea.

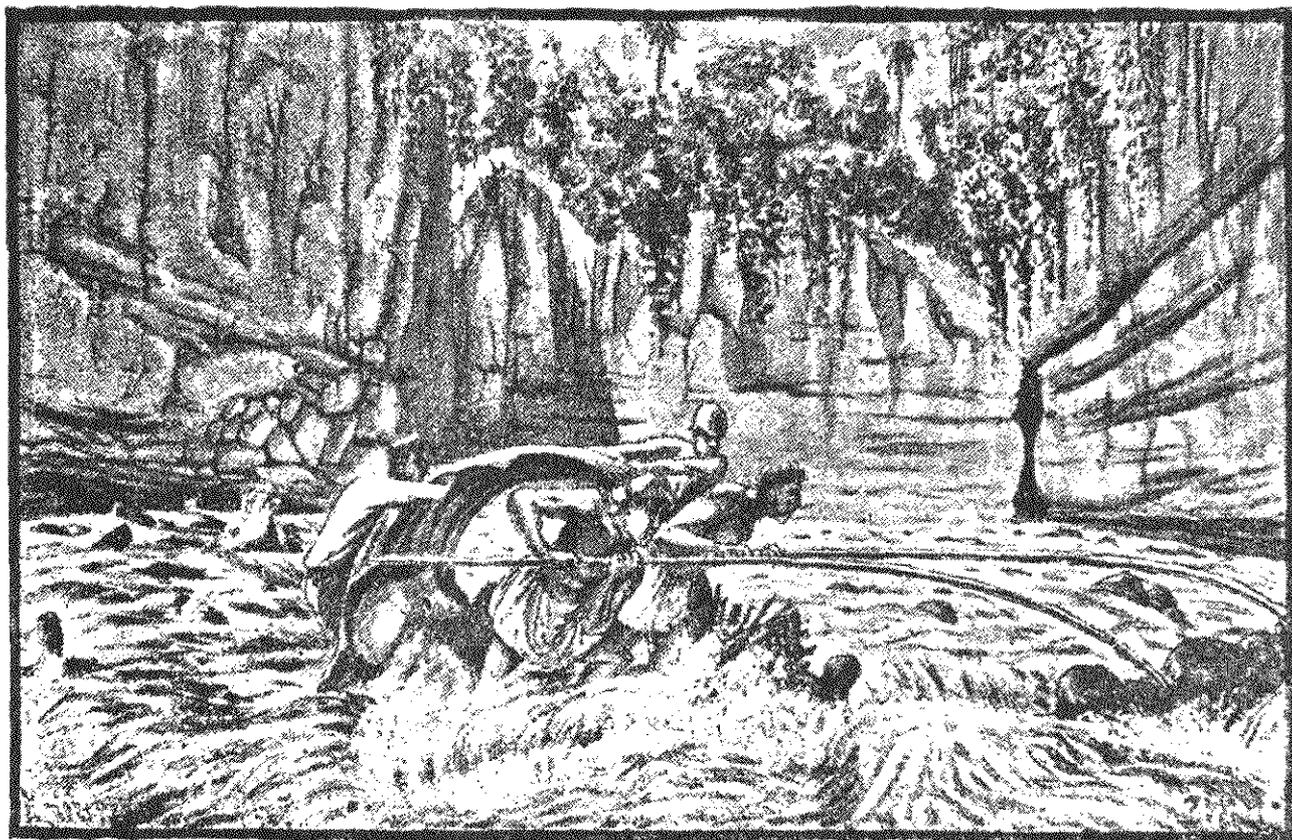
Uma curva fechada do rio aparece agora diante de nós e para ela avançamos com velocidade crescente; a balsa arfa como um navio em mar de proa, nas longas águas rápidas em ondas, um rugido surdo se torna perceptível – a velocidade aumenta mais –, a curva é alcançada e dobrada – as cataratas estão diante de nós. À vista do estado das corredeiras, a tripulação grita desesperada: “Cruz! Ave-Maria! Virgem Nossa Senhora! Estamos perdidos!”. Certamente, o que tínhamos à nossa frente não era um lugar que se escolhesse para um passeio de barco. Descendo uma inclinação perceptível, o rio, de mais ou menos 250 pés de largura, arremessa suas águas espumantes e borbulhantes, uma massa de redemoinhos, cortinas de espuma e jatos de neblina, entre inúmeras pedras pretas que pontilham a superfície em todas as direções. Na ponta mais extrema,

7. *C. Enocharpus bacaba*

8. *Bacris setosa*.

9. Esta última palmeira é largamente utilizada pelos índios do Amazonas. Com seu material eles tecem sua ótima rede de esteira, cordas, tapetes, franjas para as redes, sapatos, cestas, etc.

uma parede de rocha cruza a corrente e obstrui a visão de qualquer saída visível da garganta. Para mim, nenhum canal é perceptível; parece tudo uma larga extensão de águas impetuosas e fervilhantes; espuma e pedras, e que estamos voando em direção à destruição inevitável, pois o mais forte nadador naquelas águas velozes estaria indefeso e seria destroçado em pedaços. Mas meus resolutos companheiros não se deseperam, e virilmente reúnem suas forças para a luta que se aproxima.



Nas corredeiras da Apertada Hora.

Lembro-me de vê-los com os olhos dilatados, dentes cerrados e corpos curvados, aferrados a suas varas com uma firmeza tenaz, dando estocadas rápidas em, para mim, não sei o quê; a balsa dá guinadas, mergulha e rodopia, às vezes totalmente submersa, outras, erguendo-se das ondas só para mergulhar de novo à direita, à esquerda, em todas as direções; é com dificuldade que me mantenho seguro no teto da cabine, mas os homens têm magníficos pés de marinheiro, pois não importa o quanto a balsa possa oscilar, ou que mares possam jogar-se contra eles, seus corpos parecem funcionar por meio de tornéis da cintura para cima – uma parada repentina, seguida por um choque esmagador –, a balsa aderna, e grandes massas de águas borbulhantes varrem-na de cabo a rabo – tudo o que é leve é carregado para fora, malas e utensílios de cozinha, adeus! tantas curiosidades preciosas –, a balsa parece estar se quebrando, pois grandes fragmentos de ramos de buriti são arrancados ao chocar-se contra as pedras, e o teto do salão oscila e ameaça arfar para a frente; Bob está até a cintura na água corrente, mas agarra-se aos lados curvos do teto. Ainda assim, a tripulação mantém o autodomínio e ombro a ombro empunham suas varas e arremetem com elas, com uma força hercúlea, contra uma pedra próxima, no esforço de libertar-se da pedra que está despedaçando a balsa;

as fortes varas estão curvadas com a intensa pressão, e eu rezo para que elas agüentem. Tudo em volta é uma barafunda de águas céleres e revoltas, que quebram sobre nós em grandes nuvens de vapor. De repente, a balsa gira, é levantada – escorregamos –, saímos, e de novo somos atirados loucamente para a frente – e lá vamos nós em disparada para nos chocarmos contra o rochedo que parece cortar toda saída no fim das corredeiras. De novo a balsa bate com força nas pedras, mas é instantaneamente desviada – estamos livres de novo – de novo avançando, mergulhando, pulando e rodopiando velozmente para a frente, balançando de um lado para o outro; quando nos aproximamos dos rochedos, bem à direita, uma fenda aparece: os tripulantes lutam como dementes para alcançá-la – e conseguem – e em um instante somos arremessados por um canal estreito onde, para meu grande espanto, reinam a paz e a tranqüilidade; e deslizamos por um canal quase sem correnteza, de menos de 20 pés de largura, entre altas paredes de rocha preta, cobertas de musgos, fetos e umidade. Onde estão aquelas águas revoltas? Para onde é que elas foram, já que saímos pela única saída aparente? Só há uma solução: elas saíram por algum escoadouro subterrâneo sob aquelas rochas à esquerda, pois, mergulhando às pressas uma linha com um peso na ponta, ela afunda rapidamente por 20 pés, de onde uma poderosa corrente subaquática a impulsiona para a frente, um fato que demonstra suficientemente a probabilidade da minha suposição.¹⁰

Este canal estreito estende-se por cerca de 100 jardas, e aí termina na expansão de água plácida habitual do rio.

Agora, na tranqüilidade e sombra desta enseada calma, com frentes gotejantes e peitos arfando com a agitação recente, podemos perceber com clareza o risco que, talvez tolamente, corremos, mas que todavia terminou tão bem. Os homens tiram seus chapéus e exclamam com fervor um reconhecido “Graças a Deus”, por terem miraculosamente escapado, e quando eu vejo toda a cena desenrolar-se na minha memória, foi realmente um prodígio que tenhamos saído vivos. Provavelmente a descida não terá consumido mais de um minuto, mas cada segundo estava pleno de perigo. Se os homens não conhecessem tão bem os canais, a posição das pedras, nem fossem tão hábeis no manejo de suas varas e dotados de tanta força e sangue frio, teríamos decerto sido esmagados contra as rochas, e uma vez na água, “adeus, até outra vista”.

A balsa estava não apenas muito danificada, o salão todo desmoronado, como também muitas coisas haviam-se perdido: sacos de provisões, uma mala de roupas, muitas coleções de curiosidades, amostras de minerais, diversos desenhos e, por último, mas não menos importante, nossa valiosa frigideira, tudo “foisembored”.

10 Estes desaparecimentos de grandes volumes de água por escoadouros subterrâneos, como a Apertada Hora, não são de modo algum incomuns no Brasil, onde são conhecidos como *sionadouros*. e Gardner descreveu um exemplo muito interessante no Rio São Bernardo, um afluente do Rio Paraná, perto das vertentes ocidentais do divisor de águas São Francisco-Iocantins. Na página 382 de seu *Travels in Brazil* [Viagens no Brasil], após mencionar que diversos cursos d'água que afloram na Serra-Geral perdem-se sob uma cadeia paralela de calcário e emergem a 12 milhas de distância, unidos em um único volume de água, conhecido como Rio São Bernardo, ele descreve a cena do desaparecimento de um dos ribeiros.

“Descobri que ele não entrava por uma caverna aberta, mas por uma abertura muito abaixo da superfície da água. A corrente aqui corre com velocidade considerável, batendo contra a fachada quase perpendicular de rocha calcária e, formando alguns redemoinhos, perde-se na vagem abaixo.”

Tivemos de prosseguir por bem uma milha antes de encontrarmos um lugar para desembarcar e fazer os consertos. Eu queria que a tripulação escalasse os rochedos e voltasse às corredeiras para procurar os artigos perdidos, mas eles se recusaram terminantemente, sob a alegação de que o terreno até lá era tão acidentado e tão coberto com uma floresta densa que levaria muito tempo para chegar ao local, onde tudo o que cai é tragado imediatamente, como eles já tinham observado em experiências anteriores. A única chance de encontrar algum destroço flutuante era permanecer onde estávamos e observar se alguma coisa vinha pela corrente; mas embora tenhamos ficado de olho até o pôr-do-sol, nada apareceu.

Tínhamos escapado sãos e salvos, e seria ingratidão lamentar uma pequena perda de objetos, não importa o quão valiosos. Não deixei, porém, de sentir-me um pouco triste com a perda de tantos esboços; por sorte, meus preciosos desenhos não estavam todos na mala perdida.

Até onde pude, examinei de perto a composição das paredes do estreito canal, mas não pude classificar o material senão como uma rocha de grão muito fechado e fino, extremamente dura, de um tom escuro em cor neutra, e em geral muito similar às rochas de Pirapora, que um autor muito conhecido descreveu como "*Grauwacker sandstein gres traumatico.*"*

Os restos melancolicamente dilapidados da balsa, estendida sobre uma praia, davam-lhe a aparência de ter estado em uma colisão, ou em uma luta livre; os feixes de ramos tinham-se arreganhado, os ramos projetavam-se em todas as direções, o salão estava nas últimas; um pouquinho mais e ele teria sido todo destruído, e aí nós teríamos perecido, com certeza. A bagagem foi toda trazida para a praia, e o trabalho de reconstrução absorveu o resto do dia.

O local era um ermo selvagem e silencioso, cercado por morros de densas florestas, pois aparentemente uma cadeia atravessa neste ponto a região, de uma formação muito diferente do que a que geralmente se encontra entre o São Francisco e o Tocantins, excetuando-se talvez o material da serra que cruza o Rio Grande em Boqueirão. O Rio Sono tem aqui cerca de 400 pés de largura, enclausurado entre barrancas semelhantes a penhascos, um rio que corre placidamente, parecendo, à luz do sol poente, um lençol de ouro, marginado pelos reflexos invertidos dos rochedos e florestas como em um espelho; nem o menor sopro de vento perturbava a aparência vítrea de suas águas, ou agitava as folhas silenciosas da floresta ribeirinha; em meio à grande quietude que reinava, o pulo de um peixe, ou o grito ocasional de uma ave, e as vozes dos homens soavam estranhos e ociosos e assustavam o ouvido com sua estranha nitidez.

Mais uma noite de chuva fez de nossos aposentos novamente apartamentos pou-

* *Grauwacker* - em português, *grauwaca* (N.T.).

co desejáveis, mas a fadiga e a excitação do dia nos abençoaram com uma tal capacidade de dormir que a chuva fustigante e as rajadas de vento eram bagatelas desconsideradas; embora não tivéssemos podido armar a barraca, sua lona estendida sobre galhos deu-nos um certo abrigo e evitou que os homens ficassem totalmente encharcados.

Uma neblina pesada cobria o rio de manhã cedo, fazendo nossos membros enregelados parecerem ainda mais frios, e apesar da afirmação anterior dos homens de que não havia mais pedras adiante, eles não quiseram partir até que a neblina tivesse passado, mas às 7 da manhã estávamos de novo a caminho.

As margens aqui mostravam indícios de cascalho e formação diamantífera. Provavelmente, existem mesmo diamantes, pois este rio só tem sido navegado por minha tripulação e mais um ou dois outros que, como eles, ignoram totalmente a natureza e as características dos indícios de ouro ou diamante. Eu queria muito examinar de perto o cascalho, mas o tempo era precioso; eu tinha de me apressar, na esperança de pegar o último bote comercial que descia o Tocantins até o Pará. Já passara a época dos fretes, mas ainda havia uma chance. Durante a manhã vimos uma lontra, capivaras, um jacaré, a anta nº 3, e nas árvores das margens, numerosos macacos de cerca de um pé de altura, com o corpo castanho-claro e as caras pretas; nestas florestas há também numerosos rebanhos de pecaris. Descobri que não tínhamos deixado para trás todas as pedras, pois atravessamos durante o dia diversas pancadas causadas por rochas submersas, todas as quais atravessamos em segurança.

À medida que seguimos rio abaixo, as margens vão ficando muito mais baixas, e a floresta freqüentemente se estende até a beira d'água por terreno levemente inclinado.

À tarde, Feroz levantou seus toquinhos de orelhas e latiu, e logo depois ouvimos o grunhido de pecaris nas matas; uma tal oportunidade de uma "refeição decente" não podia ser desprezada, e todas as mãos trabalham em uníssono para impulsionar a balsa até a praia, mas derivamos mais uma meia milha antes de poder agarrar as árvores e amarrar a embarcação. Isto lembrou-me dos homens das chatas do Tâmis, descendo o rio com a corrente e tentando puxar sua pesada embarcação para perto da margem. Feroz tinha acabado de receber sua ração, mas, enquanto desembarcamos, digo-lhe que se deite e monte guarda; por mais que ele queira se unir a nós, permanecerá lá, desamarrado, até retornarmos. Estas florestas são certamente encantadoras de se ver em sua vegetação imensamente variada e exuberante, mas andar por elas é um trabalho difícil; elas formam um tremendo emaranhado de sarças e cipós, de troncos altos e retos, gigantescas árvores em arco e caules esguios das árvores novas, trepadeiras e grandes raízes e espinhos e acúleos que arranham e picam como uma vespa.

É preciso uma boa meia hora de trabalho antes de alcançarmos, quentes e transpirando, arranhados e grudentos das folhas mortas, os primeiros sinais dos pecaris, no solo revolvido onde eles escavaram o chão em busca de raízes, e logo depois sua presença é detectada por sua catinga; agora um avanço cauteloso é feito de árvore em árvore, arrastando-nos sob os arbustos, parando, ouvindo, e o tempo todo desembaraçando os pés dos cipós que os prendem e afastando os galhos. Eu acabei de abandonar o abrigo amigo de uma arvorezinha muito jeitosa e quando prosseguia em busca de outra, de repente, craque-craque-craque, como uma artilharia, soa com assustadora nitidez no silêncio das matas. Oh, deuses! onde está minha árvore, é tudo mato denso e cipós; tudo por uma árvore, queria estar mesmo “empoleirado” agora. Mergulho em meio aos cipós e espinhos, sem pensar em roupas rasgadas e arranhões, e alcanço um palmeira esguia de palmito; eu nunca trepei tão depressa antes – era como ser incentivado por um forçado; os homens, confortavelmente escondidos em uma árvore enforquilhada lá perto, riram-se com vontade de minha precipitação e posição ridícula – mas eu não tenho vontade nenhuma de enfrentar esses valentes animais em meio a um mato tão entrançado. Eles parecem, no entanto, contentar-se com seu desafio, pois não dão as caras e estão em silêncio de novo. Eu desço cuidadosamente de meu pau-de-sebo e arranjo um poleiro mais confortável. Bob então imita o latido de um cão, ao que os pecaris imediatamente respondem com saraivadas de batidas e estalar de dentes; a selva espessa parece estar repleta deles, mas ainda assim eles não querem ser vistos, e logo, pelos sons de seus movimentos pelo mato, eles estão evidentemente batendo em retirada. Jacinto e Bob descem então e desaparecem cautelosamente e sem ruído no mato baixo; passa-se algum tempo – estamos à escuta –, não se ouve outro som senão o murmúrio das águas lá perto, o sussurro da brisa entre as folhas farfalhantes das copas das árvores e o zumbido de insetos voando, que tornam a quietude circundante ainda mais profunda. Subitamente, dois disparos são ouvidos em rápida sucessão, a alguma distância, seguidos por guinchos, grunhidos e o bater de dentes; os sons se aproximam mais e mais, o mato se move – e uma quantidade de pecaris marrons passa correndo; atiramos; um animal cai, o resto desaparece. Agora reconhecemos que eles são não os porcos guerreiros do Sapão, mas apenas o relativamente inofensivo caititu comum, ou pecari marrom. Jacinto e Bob retornam, cada um carregando um porco, que, com o nosso, ou melhor, de Jesuíno, perfazem três abatidos.

A floresta tem pouco mais de 100 jardas de largura, pois, além desta área, a terra se estende em longas encostas cobertas de capim agreste cru alto, indicando de imediato uma localidade inabitada. Quando voltamos à balsa, encontramos o pobre Feroz quase submerso em um mar de saliva. Seu jantar estava diante dele, mas como tinha

recebido ordens de deitar-se e montar guarda, ele evidentemente pensou que a proibição incluía também sua comida. Dirigiu-me um olhar suplicante, mas ainda esperou pacientemente pela ansiada ordem: “come”;¹¹ poucos cães teriam levado as instruções tão ao pé da letra sob uma tentação tão grande.

Por volta de meio-dia passamos pela foz do Rio das Balsas, um rio considerável, de cerca de 160 pés de largura. Ele é tido como navegável, mas atravessa uma região desabitada, exceto próximo a sua nascente, onde dizem que há uma tribo de “índios brabos”, o que pode ser ou pode não ser. Abaixo desse rio, o Sono se alarga para cerca de 500 pés de largura.

Em meio às matas, naquele dia, apareceu pela primeira vez a banana silvestre, “bananeira do mato”,¹² e uma palmeira nova para mim, a inajá;¹³ muitas das árvores eram também densamente cobertas dos cipós de uma grande convolvulácea cor de malva, entre cujos festões grande quantidade de macacos saltava de cá para lá. Os grunhidos dos pecaris eram freqüentemente ouvidos, mas não podíamos perder mais tempo com outra caçada. Em uma ocasião, ouvimos, nas profundezas da floresta, sons como uma série de batidas em unísono; disseram-me que o barulho era produzido por macacos quebrando nozes com pedras.

Não encontramos mais pancadas; o rio flui como um caudal bem-comportado.

No fim da tarde uma pesada tempestade de vento e chuva despencou sobre nós e obrigou-nos a buscar abrigo à boca de um pequeno riacho; ao circundarmos os arbustos que obstruíam parcialmente sua entrada, espantamos uma verdadeira família de capivaras que se refestelava na água rasa. Elas mergulharam ao nos ver e não pusemos mais os olhos nelas.

Esta vida no Sono é decididamente agradável; é exatamente como um longo piquenique, muito rústico, é certo, e aborrecido como o são todos os piqueniques quando chove, e excitante o suficiente na Apertada Hora, um lugar por onde eu não gostaria mais de passar em uma balsa. O clima é agradável e muito saudável, a paisagem bela e variada, a ponto de não poder ser descrita, e não há mosquitos.

Pela manhã, Jesuíno enfiou a cabeça na cabine e chamou minha atenção para Bob. Eu não pude deixar de rir ao vê-lo; ele tinha ido dormir no banco de areia úmido, em declive, ao lado de sua fogueira, mas suas longas pernas tinham-no feito rolar morro abaixo, e lá estava ele com as pernas imersas na água morna do rio até os joelhos, mas ainda dormindo; estava se fazendo de isca para jacarés e piranhas, mas, para sua sorte, nenhum dos dois apareceu, e nem mesmo um espirro houve em consequência da cama molhada.

Um longo e silencioso dia de muito calor foi passado deslizando lentamente pela

11. Pronuncia-se *come*s.

12. É uma questão muito polêmica entre os botânicos se a banana já foi alguma vez nativa do Brasil. Humboldt, em seu *Essai Politique* (v. III, p. 22), afirma que a planta é nativa do Brasil. Possivelmente ele terá tido em vista a *bananeira do mato*, que é, em relação à banana cultivada, o que uma maçã silvestre é para suas congêneres desenvolvidas.

13. *Coccoloba plumosa*, Mart. *Maximiliana regia*.

superfície da água, agora de aparência oleosa; de fato o dia mais quente que eu vivia depois de um bom tempo, pois nem um sopro de vento temperava os raios escaldantes do sol. Na sombra da cabine o calor parecia ainda pior do que lá fora; o termômetro registrava 96º, o calor era realmente sufocante e deslizávamos, oh!, tão devagar. Na mata o termômetro indicava 86º. Nós todos, homens e cão, mergulhávamos volta e meia na água enquanto a balsa derivava pela corrente, e assim conseguíamos nos refrescar um pouco.

Uma ou duas habitações apareciam agora. Parei em uma, uma fazendinha pobre, um quadro miserável.

O proprietário, um sujeito maltrapilho, moreno e despenteado, de cerca de 40 anos de idade, contou-me que vivia ali há uns seis anos, tendo imigrado do alto do Tocantins com diversas cabeças de gado, mas que estava totalmente desanimado com os resultados de seu empreendimento; sua fazenda ficava longe demais de um mercado para o gado, e em Pedro Afonso tudo o que podia vender eram couros, já que não tinha dinheiro para comprar sal e preparar carne-seca, e, além do mais, as onças tinham destroçado de tal maneira seus rebanhos que seu aumento era mínimo. Comprei belas peles de onça a um mil-réis cada. Ele comentou que o dia estava excepcionalmente quente, pois geralmente ele não tinha queixas da região quanto ao clima, salubridade, ou solo.

Este homem era tão irremediavelmente preguiçoso, ou desalentado, que tinha deixado tudo “descambar” e ia empurrando uma existência miserável com as necessidades mais básicas. Sua roça era um perfeito matagal que misturava legumes e plantas agrestes. Sua casa de paus e capim, a princípio bem construída, estava quase inabitável; as formigas tinham destruído as principais partes da estrutura, e o casebre parecia prestes a desabar para a frente a qualquer momento; a cobertura de capim estava cheia de buracos e pendia em feixes arreganhados de matéria putrefata, só mantida ligada pelas raízes de plantas que vicejavam exuberantemente em sua podridão. As paredes tinham parcialmente desaparecido, o resto era sustentado por escoras. No interior havia uns poucos bancos quebrados, uns poucos couros, diversas redes velhas rasgadas e sujas, e poeira, sujeira e desordem reinavam soberanas. As mulheres estavam apenas semivestidas com saias de algodão extremamente sujas, rasgadas e restos de batas, os cabelos desgrenhados e emaranhados, suas peles encardidas de sujeira; diversas crianças de várias idades e cores passeavam por lá perfeitamente nuas, seus rostos pálidos e amarelados, seus braços e pernas miseravelmente finos, as barrigas inchadas, mas mostrando as costelas como um esqueleto. Bah! uma esqualidez destas faz a gente se sentir mal, e eu me afastei com enjôo no coração, acostumado como

estava às cenas de pobreza brasileiras. Debatí com o proprietário sobre seu modo de vida e tentei encorajá-lo a melhorar, reunir suas forças e agir como um homem, mas era como se eu tentasse induzir aquela personificação da indolência, o animal brasileiro chamado preguiça, a participar de uma corrida. A única resposta que recebi foi um arrastado, “Não posso, não estou acostumado, não é nosso costume”, etc. Nada havia para comprar, exceto as peles; não havia galinhas, porcos, cabritos, nem mesmo farinha, o pão brasileiro, só melancias, abóboras, e mandioca doce, e nada disso eles queriam vender.

Todavia, considerando que estas pessoas estão totalmente habituadas à solidão de uma região selvagem, se eles apenas se esforcassem para fazer uma quantidade razoável de trabalho diário, poderiam viver naquilo que lhes pareceria um verdadeiro paraíso. É uma cena triste ver as profundezas de degradação a que seres aparentemente civilizados podem descer. Neste caso, não havia nem a desculpa do vício da bebida para explicar uma penúria tão deprimente. Nada além de incorrigível indolência constitucional.

No início da tarde passamos pela foz do Rio Perdido,¹⁴ de cerca de 150 pés de largura. Suas margens são desabitadas, suas águas, segundo disseram, navegáveis, e a região que ele atravessa é tida como rica em madeiras e pradarias.

As matas por aqui são repletas de barulhenta vida animal, especialmente aves que aclamaram com assobios, gritos, chilreios e estridências a vinda de uma brisa fresca à tarde: havia bandos de barulhentos “passos pretos”, lembrando demais, tanto em trinados como em forma e cor, nossos melros ingleses, canindés esganiçados (grandes araras purpúreas), bandos de periquitos, graciosas garças brancas; ouviam-se também os gritos altos das seriemas, os gritos agudos e repetidos da araponga, como se batesse em uma barra de ferro, o grunhido de pecaris e os mergulhos ruidosos das capivaras. Não se deve imaginar que todos estes sons emanavam de uma localidade dada como uma *menagerie* ou um jardim zoológico; este é um engano em que se incorre freqüentemente ao descrever cenas tropicais, pois o viajante não tem como mencionar as diferentes aves, animais, ou gritos estranhos quando os encontra ou ouve em momentos diferentes durante a jornada de um dia.

Desembarcamos para passar a noite pela última vez no Sono, em um banco de areia e uma praia pedregosa largos, um pouco abaixo de um Ribeirão do Lajedo na margem norte, onde apreciamos o doce ar perfumado da noite clara e estrelada, um verdadeiro luxo após as últimas noites de tempestade.

A manhã seguinte viu-nos “Rumo ao Oeste!”* pela última vez; pois no Tocantins tomaremos a direção norte e longitudinal ao “Cinto de Orion”, constelação que, en-

14. *The last river*.

* Em inglês, *Westward Ho!*, título de um romance de C. Kingsley, publicado em 1855 (N.L.)

quanto seguíamos para oeste, tinha durante tanto tempo sido minha orientação noturna – e quantas vezes desejei virar-lhe as costas e ir na direção oposta. Agora, anos passados, eu raramente a vejo sem que me acorram as velhas lembranças desses dias e noites agrestes e selvagens.

A última parte das margens do Sono é muito baixa, e a terra adjacente sujeita a inundações, as praias são lodosas do húmus depositado do rio, que aqui flui tão lentamente, ou pode ser que as águas da cheia do Tocantins recuem naquele ponto, e, encontrando a correnteza do Sono, tornem-se estagnadas e depositem a matéria que transportam em solução, pois certamente não há solo macio no alto deste rio para gerar tanta lama; o solo é arenoso demais para isto.

Embora a viagem do dia fosse de apenas 10 milhas, foram necessárias sete horas para cobrir a distância; por fim, uma última curva do rio que nos custara uma hora para alcançar, abriu-se numa amplitude de cerca de 600 pés, divididos ao meio por uma ilha, e depois juntou-se às largas águas barrentas do Tocantins.

CAPÍTULO 12

DE PEDRO AFONSO A CAROLINA DESCENDO O RIO TOCANTINS

CHEGADA A PEDRO AFONSO – UM ANFITRIÃO INDIFERENTE – TARDE DEMAIS PARA O ÚLTIMO BOTE – OS BOTES E COMERCIANTES DO RIO TOCANTINS – UMA ANTIGA ALDEIA INDÍGENA – MENINOS ÍNDIOS – A “MONTARIA” – A NOVA TRIPULAÇÃO – FREI RAFAEL E SUA MISSÃO – OS ÍNDIOS COROADOS – A REGIÃO EM TORNO DO ARRAIAL – UMA EMBARCAÇÃO DELICADA – MINHA BARRACA É SACRIFICADA – ADEUS, PEDRO AFONSO – APOSENTOS APERTADOS – REMOS DO TOCANTINS X SÃO FRANCISCO – AS MARGENS DO TOCANTINS – UM PATIFE ASSASSINO E SEU LAR – PERSEGUIÇÃO DOS ÍNDIOS E CRIMES IMPUNES DO INTERIOR DO BRASIL – TERRAS BEM IRRIGADAS – BICO DE TUCANO E SEUS RECURSOS – NO RIO TOCANTINS – UMA TRISTE PERDA – IMPRESTABILIDADE DOS HABITANTES – CHEGADA A CAROLINA – ACONSELHADO A ABANDONAR A VIAGEM AO PARÁ – A CIDADE E SEUS HABITANTES – DESAFONTAMENTO NA OBTENÇÃO DE UMA TROPA PARA A VIAGEM POR TERRA – ESCASSEZ DE CAÇA – PAISAGEM MONTANHOSA – DISTRITOS DE OURO E COBRE – UMA FESTA RELIGIOSA – UMA FESTA NEGRA.

N

o dia 30 de abril, após a viagem de cinco dias, atracamos do lado sul do rio em uma margem escorregadia e lamacenta, entre os restos de defuntas balsas de buriti, às quais nossa brava embarcação se juntara agora para apodrecer ou ser carregada rio abaixo.

Era mesmo hora de pôr fim à viagem, pois os poros dos feixes de buriti tinham-se tornado totalmente impregnados de umidade, e a balsa passou a ficar cada vez mais encharcada a cada dia, de tal modo que o tombadilho estava já à flor da água.

As margens, cinco pés acima do nível normal da água, são franjadas por um estreito cinturão de árvores, atrás dos quais se estende uma planície chata, coberta de capim, arbustos esparsos e grupos de árvores.

A cerca de 500 jardas de distância fica o arraial de Pedro Afonso, que exhibe o tipo usual de habitação, casas de parede de adobe e cobertura de telhas, e casebres de sapé, espalhados irregularmente sem qualquer organização aparente, em meio a grupos de árvores grandes e pequenas e mato espesso; as veredas estreitas passam ao fundo de uma casa e à frente da próxima.

Fui até a casa de um Senhor L., para quem meus bons amigos de Porto Franco tinham-me dado uma carta de apresentação. Apontaram-me uma venda semifechada,



No Rio Tocantins.

onde encontrei um jovem branco corpulento, apático e sonolento, cochilando sobre o balcão. Ele está com sono demais para manifestar qualquer surpresa à minha chegada, pois apenas vira a cabeça languidamente como se eu fosse uma visita de todo dia, e uma pessoa tremendamente enfadonha. Lê minha carta, e com muitos “Ai! meu Deus!” e gemidos, e muita atribulação, consegue assumir uma postura sentada, e depois faz, com voz arrastada, as perguntas impertinentes de sempre. “Como é que você se chama?” “De onde você vem?” “Para onde você vai?” “Qual é sua profissão?” “De quanto é o seu salário?” “Quanto é que você vale!”, etc. Dei a entender que as perguntas “O que você gostaria de comer no desjejum?” e “Quando é que você o quer?” estariam mais de acordo com a situação, pois não tínhamos parado na nossa hora normal de desjejum, e já eram então 2 da tarde.

Mas, ai! o senhor é duro de percepção, está cansado e ameaça desabar de novo em seu balcão e assumir uma inatividade magistral. Assim, com um “com licença”, eu, sem qualquer cerimônia, passo em revista sua venda e descubro alguma farinha, ovos, uma lata de sardinhas, alguma cachaça, uma xícara, água, açúcar e uma colher. Ele observa com curiosidade enquanto bato os ovos e acrescento cachaça, açúcar e água; nunca tinha visto esta mistura antes.

Com a ajuda de um vizinho mais ativo, obtive-se um casebre vazio, e a bagagem foi devidamente alojada. Os homens receberam o seu preço estipulado de 10 mil-réis cada, e mais um par de mil-réis como gratificação e partiram para alguns dias de diversão no arraial, felizes e contentes com a ninharia recebida. Se eu lhes tivesse pago três ou quatro vezes a quantia, eles nem teriam dito “obrigado”; só lhes teria proporcionado um período mais longo de dissipação, como o de um marinheiro em terra.

Para minha tristeza e grande desapontamento, eu soube que o último bote comercial havia descido o rio há apenas dois dias atrás, e que não havia outro rio acima. Isto foi duplamente desanimador, pois lá se fora a chance de obter uma passagem para o Pará em uma barcaça de cabines relativamente cômodas.

Anos depois, quando no Baixo Tocantins, vi essas barcas grandes e confortáveis chamadas “botes”; elas são até certo ponto similares às barcas do Rio São Francisco, mas, embora não tão bonitas na aparência, muito mais espaçosas, algumas com 15 pés de boca, e 70 pés de comprimento, com uma cabine grande e cômoda no meio, e pilotada por uma tripulação de vinte a quarenta índios. Este alto número é levado para fazer as numerosas descargas nas diversas corredeiras do Baixo Tocantins, abaixo e um pouco acima do Araguaia, onde toda a carga tem de ser retirada e carregada até acima das corredeiras, e o bote vazio, puxado por meio de cordas. Quando desce o rio, o bote escorrega pelas cachoeiras. Doze meses são consumidos em uma viagem comer-

cial do Pará até a cidade de Palma no Alto Tocantins: dez na subida e dois na descida do rio. Disseram-me que se um comerciante consegue fazer duas viagens bem-sucedidas sem naufrágio, ele tem o direito de se aposentar com uma renda. As mercadorias transportadas rio acima são estampados de algodão, xales, jóias de Birmingham, bacalhau seco da Terra Nova, farinha, café, cachaça e diversas miudezas; estas são permutadas nos arraiais e aldeias ribeirinhas por couro cru, pó de ouro, carne-seca, óleo de copaíba, plantas medicinais, fumo, peles de onça e outras, feijão, farinha, toucinho, etc. Se um homem consegue acumular uma fortuna moderada em dois anos de uma vida dessas, ele bem a merece, pois é uma vida árdua, insalubre e cheia de torturas de insetos; há, além do mais, o grande risco que ele corre de ver naufragar o trabalho de todo um ano, o que é mais provável acontecer. Para tornar-se um comerciante bem-sucedido, um homem deve ter capital, para começar, ser "esperto", no sentido americano do termo, ser forte e saudável, ter uma constituição de ferro, grande paciência e ser totalmente familiarizado com o seu negócio, as pessoas, o rio e, além disto, ser abençoado pela sorte.

Eu pensara encontrar em Pedro Afonso um arraial semi-indígena e tive muita surpresa ao ver que não passava de um povoado brasileiro comum, embora houvesse lá muitos índios puros, xerentes e coroados, que só diferem em aparência do matuto comum por seu físico robusto, seus traços e o cabelo preto longo e liso; entre eles havia diversos garotos índios do Rio Araguaia que mal falavam o português.

Os garotos vieram à minha cabana à noite com um índio que entendia português e, depois de muita persuasão, executaram algumas de suas danças nativas; eram sujeitos alegres e fortes e riram com grande regozijo quando li para eles um pequeno vocabulário de palavras que eu anotara a partir das explicações de seu companheiro. Eles estavam trabalhando para um homem, praticamente como escravos, mas aparentemente bem tratados dentro dos moldes rústicos da roça, e estavam evidentemente felizes e contentes e em situação muito melhor do que em seu estado selvagem original.

Para descer o Tocantins, o único meio disponível era uma "montaria", ou pequeno barco de rio, que adquiri por cinqüenta mil-réis (5 libras); um barco largo e raso, feito de pranchas estreitas de cedro, com um pequeno telhadinho de capim na longa popa pontuda, onde o nome da embarcação, "Sussuapara" estava pintado. Era inconvenientemente pequeno, tendo só 3 pés e 6 polegadas de boca no meio, e 14 pés de comprimento, mas era um caso de escolha de Hobson, ou isto ou nada.*

Uma tripulação de dois homens foi contratada como remadores aptos,** Pacífico Dias Ribeiro e Evaristo Santos Oliveira, o primeiro contratado para ir até a boca do Araguaia por 25\$000, e o último até Boa Vista por 6\$000; ambos tinham a mais velha-

* Escolha de Hobson — escolha sem alternativa real. De Thomas Hobson, cavalariço de Cambridge, que oferecia seus cavalos em rodízio, sem permitir que o freguês optasse por este ou aquele (N.T.).

** Wells lembra aqui a expressão "marinheiro apto" (*able-bodied seaman*) usada pela marinha mercante na seleção de tripulantes (N.T.).

ca e desonesta das caras, e ambos tinham sido soldados e presidiários. Embora houvesse pouca dúvida de que eram uns rematados patifes, confiei-me a eles com muito menos hesitação do que o teria feito com um londrino mal-encarado em circunstâncias similares.

O dia seguinte foi consumido em obter provisões para a viagem; um quarto de boi foi comprado por 3\$500 (7 *shillings*), cortado em tiras, esfregado com sal e pendurado ao sol para secar. Este parece ser um método tosco de preservar a carne, mas quando feito adequada e eficientemente, é perfeito,¹ e depois de uma semana ou dez dias, quando assado no espeto sobre o fogo, seu sabor é extremamente apreciável, mesmo levando em consideração o saudável apetite por qualquer coisa que a fogueira de acampamento desperta. Não se deve confundir-la com a carne-seca, que é um artigo de grande procura nas cidades da costa, verdadeiramente abominável, impregnada como fica com os odores dos compartimentos apertados dos navios, e todos os tipos de sabores indesejáveis.

Pela pouca informação que pude coletar de Pedro Afonso e sua história, apreendi que ela era originalmente uma aldeia de índios coroados canibais. Em 1848, um monge italiano da Bahia, chamado Frei Rafael, chegou à aldeia, foi recebido com agressividade a princípio, e esteve por muito tempo correndo perigo diário de perder a vida, mas seu tato, paciência e caráter bondoso e suave, gradualmente, foram conquistando a obediência e a boa vontade destes selvagens filhos da floresta, a ponto de lhe permitir batizá-los na fé católica romana e ensinar-lhes alguns hábitos de diligência, agricultura e a prover ao dia de amanhã. Todavia, eles ainda usam apenas a sua vestimenta natural, isto é, sua pele, e algumas penas espetadas no cabelo em dia de festa; possivelmente o pobre frade não tem nada com que vesti-los, e, sabiamente, não vê vergonha onde não há nenhuma.

Em 1850, os primeiros colonos brasileiros apareceram entre os índios, que dois anos depois, acompanhados por seu amado pastor, buscaram uma existência melhor na selva das margens do Rio do Manoel Alves Pequeno. Poucos meses atrás (1875), o idoso monge, reduzido à invalidez por uma paralisia, foi visitado por Frei Antônio (um monge missionário da mesma ordem), que carregou o inválido consigo para seu lar entre os índios xerentes, no Rio Ipiabanha, 72 milhas acima no Tocantins. Todos falavam destes abnegados homens em termos afetuosos e respeitosos. Nenhuma recompensa nesta terra pode haver para eles, exceto a satisfação e o contentamento que a renúncia de si pelos ditames do dever e da consciência deve conferir e de fato confere. Lamentei imensamente que a pressa não me permitisse testemunhar o resultado de seus esforços e travar conhecimento com estes homens incrivelmente altruístas. Por volta de 1870, o chefe dos xerentes, conhecido como Capitão Gabrielle, com uma

1. Nos tabuleiros do Ceará e do Piauí a atmosfera é tão seca que a carne pode ser preservada simplesmente secando-a ao sol sem qualquer sal.

pequena escolta de sua tribo, fez uma longa viagem para o Rio de Janeiro, para visitar o Imperador. Eles voltaram satisfeitos com a visita e carregados de presentes.

A população de Pedro Afonso é diversamente estimada em 300 até 500 almas; as habitações são muito espalhadas e cobrem uma área considerável de terreno, todavia o primeiro número é provavelmente o mais correto.

O vilarejo contém uma pequena igreja de adobe caiado e cobertura de telhas, extremamente sem graça e tão despreziosa quanto uma caixa branca. Em volta dela, espalha-se a maior parte das casas. Na época não havia padre, pois ninguém tinha ocupado o lugar de Frei Rafael.

Os habitantes são extremamente indolentes, e suas casas, decrépitas e sujas; as principais ocupações, aparentemente, são fumar, dormir e jogar, no considerável tempo livre que a criação de gado e uma agricultura restrita para o suprimento das necessidades locais permitem. No entanto, mesmo assim, o local consegue sustentar cinco vendas, cujos proprietários levam vidas terrivelmente monótonas; não é de se espantar que o Senhor L. esteja em um estado tão adiantado de frouxidão e decadência; uma vida dessas levaria qualquer europeu decente a um asilo de lunáticos em muito pouco tempo.

A situação do arraial foi bem escolhida pelos aborígenes, já que fica bem acima de qualquer enchente possível do rio.

Do lado oposto do rio, as margens do Tocantins elevam-se ainda mais e formam alcantis consideráveis, fendidos em um ponto pelo escoamento das águas céleres de um riacho, que fornecerá excelente energia para mover os moinhos em um futuro mui e mui distante, quando estas exuberantes terras agrícolas e pastorais estiverem colonizadas e desenvolvidas.²

3 de maio Esta manhã a "montaria" "Sussuapara" é trazida até o embarcadouro lamacento do arraial para receber sua carga, mas infelizmente ela não pode carregar toda a tripulação, passageiros e bagagem, e alguma parte da última tem de ser deixada para trás; conseqüentemente, sou obrigado, com pesar, a me separar da barraca que me fora tão útil. No último instante, Pacífico, que estivera por algum tempo torcendo o chapéu e coçando a cabeça, e evidentemente hesitando em fazer algum pedido, requer um adiantamento de 20\$000 de seus 25\$000.³ Segue-se uma longa e tortuosa discussão que acaba, por fim, com a ajuda de um Senhor Leôncio, com o homem aceitando 5\$000. Quando estamos todos a bordo, a apostura da embarcação fica apenas 3 polegadas acima da água e tão lábil, que qualquer movimento descuidado da tripulação a fará certamente emborcar. Uma dúzia, mais ou menos, de pessoas assis-

2. Nos mapas antigos do Brasil um São Lourenço está marcado em frente do Sono. O habitante mais antigo não pode dar-me nenhuma informação sobre a sua existência em nenhum lugar, ou tempo nenhum.

3. Este é um costume muito condenável, mas quase universal dos camaradas de receber um adiantamento do salário. Normalmente, eles mantêm a palavra com o patrão e cumprem os acordos feitos; mas o patrão está de qualquer forma sujeito a ver sua tripulação desertar em qualquer localidade ribeirinha, onde ele pode não conseguir um substituto.

tem a nossa partida, mas o sonolento Senhor L. não é capaz do esforço de percorrer as 200 jardas que nos separam. Caminho até sua venda para despedir-me dele. Ele está encolhido em uma rede fumando um cigarro e, sem levantar-se, estende frouxamente sua mão mole, úmida e fria, boceja um “boa viagem” e vira a cabeça pesada para dormir mais um pouquinho, feliz, sem dúvida, por me ver partir. Ele disse-me uma vez que eu estava sempre com tanta pressa, e sempre tão agitado e vermelho, que ficava incomodado ao ver-me. Como ele conseguia ganhar a vida é uma questão curiosa, pois não há fregueses em sua venda semifechada; sua principal ocupação consiste em armazenar a pouca produção local e trocá-la ou vendê-la aos comerciantes do rio, e como a estação do comércio só dura três ou quatro meses em um ano, ele aparentemente passa os outros nove dormindo, como os animais no inverno ártico.

Com muitos gritos de “Vam’embora rapaziada!” Vam’embora! Adeus, Pedro Afonso! Adeus, adeus, gente! Adeus, Mariquinha! Adeus, raparigas gordas e bonitas! Vam’ para o rio abaixo,” etc., partimos com um impulso de furiosas remadas, que resultam em muito pouca velocidade e previnem os homens, ao deixar entrar água no barco, que eles devem ir mais devagar e parar com as brincadeiras; de fato, o barco é tão instável que qualquer mudança de posição ou movimento de nossa parte tem de ser feito por meio de sinais pré-combinados; até um espirro tem de ser dado com todo o cuidado. A perspectiva de uma viagem para o Pará em um espaço tão exíguo e em uma embarcação tão frágil não é de modo algum agradável.

Os remos que os homens usam são muito diferentes daqueles remos grandes e pesados do Rio São Francisco; estes são pequenos e de cedro leve, com não mais de 3 pés de comprimento, a pá é bem chata e circular, de 8 polegadas de diâmetro; os homens ficam sentados e remam com pancadas curtas e rápidas, quarenta por minuto; no São Francisco, os remadores ficam de pé e dão remadas fortes e demoradas, não mais de vinte e duas por minuto.

Enquanto descemos pelo rio, a vista de numerosos casebres nas margens lembra as barrancas do São Francisco, mas aí acaba a semelhança, pois este rio é recoberto em toda a extensão por vegetação densa e espessa, que se estende até a beira da água; não importa o quanto as barrancas sejam altas, suas encostas são todas verdes de folhagem densa. A aparência das matas do Tocantins é bem pobre, pois a verdura parece consistir principalmente em massas compactas de arbustos rasteiros, cobertos e entrançados por trepadeiras em flor. Possivelmente, os longos “tiros”, ou trechos sem curva, que terminam em horizontes de céu e água, tendem a diminuir e ananizar a aparência das margens verdes, e o efeito é realmente enganador, pois por trás dessas paredes de folhas há muitas árvores de magnitude considerável que não são perceptíveis da água.

Evaristo pediu permissão para atracar em uma pequena fazenda por alguns instantes. Acompanhei-o e tive a recompensa de encontrar uma personagem. A trilha seguia por cerca de meia milha além do cinturão de mato e floresta do rio, através de campina ondulada, e levou-nos a uma casa de adobe e telhas, com anexos e currais, graciosamente situada ao lado de um aglomerado de árvores, próximo a um riachinho de água dourada, que despejava em uma roda d'água rústica que fazia funcionar as roldanas de madeira de uma moenda de cana. Em um dos galpões umas cinco ou seis jovens brancas estavam trabalhando, secando farinha em uma larga tigela aberta e rasa sobre uma pequena fornalha construída de tijolos de adobe; elas estavam parcialmente vestidas só com saias, e, se tivessem sido bem esfregadas, suas peles seriam praticamente brancas; todas tinham belos traços, e se não fosse por suas expressões rudes, teriam feito mulheres realmente lindas; mas suas saias sujas e rasgadas, peles sujas e cabelos emaranhados e rebeldes tornavam-nas repulsivamente reprováveis. Elas eram as escravas do capitão, possivelmente suas próprias filhas.

Aproxima-se agora este indivíduo, e que capitão! é um verdadeiro ogro; o ser que agora nos grita uma saudação é alto e de constituição robusta, de idade aparentemente entre 60 e 70. Um chapéu de palha estragado cobre seus longos cabelos brancos e sujos, que caem por sua testa e pelos ombros em cachos emaranhados e despenteados. Sobrancelhas enormes, peludas e grisalhas quase se encontram no cenho profundo sobre um longo nariz adunco e quase escondem seus pequenos olhos agudos e fundos, que espreitam a gente com um olhar mesclado de esperteza e selvageria; sua longa barba e bigodes, que deveriam ser brancos, estão amarelos de sujeira e rapé, a barba cobre sua face até a beira dos círculos inchados em volta dos olhos. Sua vestimenta inclui uma camisa muito suja e rasgada, amarrada na cintura com um barbante em que está presa sua faca de ponta; suas calças, que já tinham sido de algodão branco, estão marrons de sujeira; um pedaço rasgado chega até o tornozelo, o outro lado só até o joelho, ambas puídas e esfarrapadas e besuntadas de lama; sua camisa está aberta até a cintura e expõe um peito áspero de pêlos grisalhos, mais como o de um macaco do que o de um homem. Suas mãos largas e fortes são cobertas de longos pêlos grisalhos, seus largos pés descalços estão grumados de lama. O todo forma o mais diabólico canalha que já tive o prazer de retratar. Como modelo, ele seria inestimável.

Durante o caminho, Evaristo tinha-me posto a par de sua história. Não se sabe de onde ele surgiu originalmente, mas sabia-se que fora um grande agricultor no Piauí, depois um negociante no rio, o proprietário de lojas em diferentes cidades e arraiais ribeirinhos, e era, para o interior do Brasil, considerado muito rico, mas um insaciável desejo de matar o metera em tais dificuldades e fornecera tantas oportunidades às

autoridades locais de ganhar um dinheiro honesto, que sua propriedade se consumiu no decorrer de vinte e dois julgamentos por assassinato no mesmo número de anos, de cada um dos quais ele aparentemente escapara, cedendo gradualmente sua riqueza. Evaristo contou-me que ele se orgulhava de seus feitos e que gostava muito de falar sobre eles; assim, aproveitei uma oportunidade para trazer à baila o assunto com o ogro. Seus olhos brilharam em suas órbitas cavernosas diante de minhas perguntas, e ele respondeu, com uma risada, que afinal de contas só lhe davam o crédito de vinte e duas mortes. “E o resto? E o resto?” disse ele, curvando a cabeça com um arranco e encarando-me, ao mesmo tempo esperando-me as ilhargas com seus dedos em garra, como um homem que quer fazer ver a outro a graça de uma boa piada. Ele queria ser gentil e hospitaleiro, mas era impossível resistir ao sentimento de repulsa diante de sua figura odienta de velhaco assassino, e eu bati em retirada rapidamente, pois ele poderia ser tomado pelo desejo de enterrar sua faca, para experimentar, em carne inglesa. Achei que ele era um louco, e a estranha expressão de seus olhos parecia confirmar a impressão.

Na volta, reparei em alguns jovens índios nus que por ali estavam, e perguntando a Evaristo de onde eles vinham, ele disse-me que o Capitão tem o hábito de atacar as tribos nômades de índios na região selvagem entre o Tocantins e o Araguaia, quando então ele e outros caracteres similares massacram-nos como animais de rapina e levam as crianças como cativos.⁴ As leis e a constituição do Brasil são sem dúvida, no papel, bastante razoáveis e justas, mas, na prática, a burocracia acaba beneficiando a bolsa mais farta, especialmente no interior longínquo do país, onde qualquer magnata local pode cometer com impunidade o mais bárbaro dos crimes, desde que seja influente e possa pagar.

Continuamos a viagem sem incidentes, mas o calor era considerável, 86º, e nossos membros estavam horrivelmente doloridos por estarem confinados ao espaço limitado do barco.

Numerosos riachinhos deságuam no rio, como uma olhada no mapa mostrará, e mostram como são bem irrigadas as suas margens. Desembarcamos em um pequeno campo de cana-de-açúcar à margem das barrancas, para conseguir abrigo para a noite na fazenda do colono, que compreendia uma casinha de adobe e um galpão aberto contendo uma moenda rude, movida por bois. Os moradores nos encararam com olhos fixos e, em resposta ao nosso pedido por um teto, mostraram-nos o galpão aberto, onde foi-nos permitido pendurar as redes, em companhia de porcos que se refestelavam nas delícias de mastigar as canas recém-moídas.⁵

Durante o dia seguinte, diverti-me muito com o volume de histórias, anedotas e

4. Como prova de que esta história provavelmente não é um exagero, cito o seguinte extrato de um relatório oficial do Ministro da Justiça para o ano de 1883. O incidente a que se refere ocorreu na região amazônica. “Em uma comunicação oficial de 27 de janeiro último do presidente da província, apresentada durante uma viagem que fez subindo o Rio Purus até o Rio Acre, fui informado dos horríveis crimes cometidos ali, e ainda impunes por falta de meios para a repressão efetiva dos criminosos e pela dificuldade de encontrar nestas regiões uma pessoa de capacidade para exercer sem remuneração as funções de agente de polícia. Conspicuos entre esses crimes estão aqueles das perseguições bárbaras de Leonel Antônio do Sacramento aos índios do alto Purus, que resultaram na destruição de mais de cinco aldeias e no assassinato de mais de 200 homens, mulheres e crianças. Nestas circunstâncias, o presidente prontamente ordenou que uma canhoneira seguisse imediatamente para o Purus, levando o juiz municipal, o promotor público e o notário. Com estes funcionários foram dez soldados da linha sob o comando de um sargento por falta de um oficial. Uma pessoa de toda a confiança foi nomeada delegado de polícia.” Este pequeno extrato é suficiente para mostrar que dificuldades o governo tem de enfrentar para manter a ordem em seus vastos domínios. Seus esforços são dignos de louvor, mas para cada caso como este (que só pelo acaso de o presidente da província estar viajando por lá, veio a ser comunicado oficialmente), há vintenas de crimes similares, ou mesmo piores que ocorrem e passam sem que se ouça falar deles.

5. Os produtores de açúcar contaram-me que se algum mecanismo tão eficiente quanto os maxilares dos porcos pudesse ser fabricado para extrair a maior quantidade possível de caldo de uma cana, ele superaria o mais moderno dos aparelhos para este fim.

piadas, que fluíam incessantemente da boca de Evaristo (ou “Bico de Tucano”, como os outros o chamavam, devido a seu longo nariz adunco).

Nossos estoques de carne seca comprados em Pedro Afonso tinham sido estendidos como colchas no telhado da pequena cabine para secar ao sol, mas um cheiro forte torna-se indubitavelmente perceptível, a carne toma um decisivo tom azul e diversas larvas gordas passeiam por ela. Dou ordens de jogá-la fora, mas Evaristo protesta, e diz “É o que é que nós vamos comer então, se você fizer isto?” “Oh! compram-se uns frangos, ou outra coisa nessas casas de beira-rio.” “Eles não vão lhe vender nada, experimente para ver,” responde. Realmente, desci na próxima casa e, vendo algumas galinhas, ofereci-me para comprá-las. As pessoas imediatamente se negaram a vendê-las ou qualquer outra coisa, e eu tive de voltar com as mãos abanando. “Agora,” disse Evaristo, “se você me der essa carne, eu vou lhe dar de comer do bom e do melhor pelo resto da viagem”. Era uma proposta que eu não podia recusar. Ele pegou as mantas de carne e pôs-se a lavá-las no rio, como uma lavadeira ensaboa e esfrega uma nas outras as roupas sujas, depois passou a enxaguá-las e a bater com elas repetidamente na água, pediu um pouco de sal, esfregou-a com ele e pendurou a carne ao sol para secar; “ela vai estar toda podre amanhã”, ele disse, “mas serve para hoje, você vai ver.” Em uma ou duas horas o sol secara a carne, e ela parecia bem sã. Evaristo tinha estado, enquanto isto, observando com olho crítico os diversos casebres da margem, e por fim encontrou um que lhe agradou, e aí remamos para a terra. Levando as longas tiras de carne sobre o ombro como se carrega um cobertor, ele subiu pela barranca lamacenta e desapareceu de vista. Esperamos durante um quarto de hora, e aí ele reapareceu e chamou o Pacífico. Pouco depois eles retornaram carregados com seis galinhas gordas, um cacho de bananas, um saco de laranjas, várias raízes de mandioca doce, batatas-doces, inhames e rolos de fumo; ambos estavam com bafo de cachaça. Evaristo disse então com júbilo, mostrando algumas moedas de cobre: “Isto é o troco”. Senti uma dorzinha na consciência, mas como as pessoas não queriam vender, e as exigências da natureza têm de ser satisfeitas, bem – bem – vamos remar logo para longe com nossas barganhas.

Um pouco mais tarde, eu tive ocasião de abrir uma mala, quando então uma pequena *Union Jack* de fabricação doméstica, que fora do meu velho camarada C., ficou exposta à vista. Evaristo logo comentou: “Que bandeirinha de santo bonita, você me empresta? Eu posso ganhar uma pequena fortuna com ela.” “Como assim?” “Ora, com uma bandeira linda destas, eu poderia parar em cada casa do rio e ganhar uns cobs simplesmente pedindo ‘Esmolas para o Divino Espírito Santo.’”⁶ Ô Evaristo, Evaristo, seu homem malvado. Sua rematada sem-vergonhice era tão cômica que eu tive uma pontinha de vontade de verificar o efeito dessa experiência. Mas a dignidade

6. É habitual para os irmãos leigos de qualquer igreja, quando coletando esmolas para as despesas da igreja, carregar uma bandeirinha, seja em cores simples ou com emblemas do santo.

e a decência têm de ser devidamente observadas, e assim a bandeira foi guardada de volta em seu lugar. Evaristo aí proferiu um longo discurso sobre o excesso de escrúpulos de certas pessoas.

Agora eu tenho de dar uma trégua à tão explorada paciência do leitor em seguir os incidentes corriqueiros destas viagens, e com uns poucos parágrafos mais o deixarei desembarcar em Carolina. Lamento, em consideração a ele, que os acontecimentos não tenham sido mais “arrepiantes”, como é bom de se ler diante da lareira na casa da gente.

O mapa talvez mostrará melhor do que uma longa descrição a configuração geral da região. As barrancas são lamacentas e freqüentemente compostas de lodo macio, preto na cor e desagradável no cheiro, e no entanto a ribeira é salubre, e não há mosquitos, os maiores indícios da ausência de malária. No rio, os botos, ou golfinhos de água-doce, constantemente se erguem à superfície, e com um som, como um suspiro profundo, retornam às profundezas da água. Dizem que eles fornecem grandes quantidades de óleo, mas não são utilizados de absolutamente nenhuma forma.

Um pouco acima do Rio do Manoel Alves, uma cadeia de montanhas cruza o rio, e, a julgar pelo pequeno volume da maioria dos riachos que se juntam ao Tocantins do lado leste entre o Sono e o Manoel Alves, estas montanhas são provavelmente uma continuação daquela serra que cruza o Sono na Apertada Hora. É uma teoria plausível e que merece existir até que se prove seu erro. Em outros pontos, as terras que margeiam o rio são levemente onduladas e, por toda parte, cobertas com o capim e o cerrado dos campos arenosos, exceto nas barrancas e na subida dos muitos valesinhos dos cursos tributários onde longos e estreitos cinturões de floresta dominam. Não pude ver nenhum dos terrenos baixos e pantanosos que são tão característicos do Rio São Francisco, e também nenhum planalto como aquele dos tabuleiros que acompanham este rio ao longo de quase todo o seu curso, pois o vale do Tocantins é uma depressão larga e rasa que parece ser escavada e estender-se desde seus divisores de águas a leste e oeste.

A viagem foi extremamente monótona; havia pouco para atrair a atenção; muito poucas aves são vistas nas extensões retas de água, limitadas a distância por um horizonte de céu e água, e à direita e a esquerda por longas fileiras de mato denso; o sol nos açoitava sem piedade e refletia seus raios em brasa a partir da superfície brilhante da água e, ademais, o espaço exíguo e o cuidado necessário ao fazer qualquer movimento criavam grande desconforto e uma intensa sensação de *ennui*; durante toda a viagem não vimos embarcação de espécie alguma.

Dizer simplesmente que as margens do Tocantins são habitadas criaria uma impressão errônea, embora a cada poucas milhas apareçam casinhas, mas no interior não

existe absolutamente uma habitação sequer, todavia daria no mesmo se a beira-rio fosse totalmente desabitada, considerando-se o benefício e a utilidade dessas pessoas para o mundo, ou para seus semelhantes. Eles levam vidas inteiramente egoístas, trabalhando apenas o suficiente para manter uma existência miserável. Felizes não são, pois suas fisionomias apáticas e desanimadas provam o contrário; é uma espécie de servidão vitalícia, pelo menos eles a tornam assim. Muito pode ser feito neste rio por meio de diligência, cooperação e empreendimento, mas cooperação é uma coisa de todo ausente da concepção dos matutos, e assim eles vegetam como as plantas em volta deles, cada um vivendo por si, desperdiçando em sono suas vidas, até que a morte os alivie de sua pesada carga. No entanto, existe latente um material bom e sólido nestas pessoas, o que é indispensável é um século de bom exemplo e *sangue novo europeu*, especialmente, e então estes doze milhões de brasileiros contribuirão com sua quota adequada para os estoques do mundo; assim como é, se uma boa metade deles fosse varrida da face da terra, esta não sairia perdendo, e todavia há um clamor no Brasil por mais braços.

Uma noite, ocorreu um desastre irreparável, que deploro ainda hoje. Eu tinha estado fazendo um esboço do rio quando fui chamado para a refeição da noite. Deixando o esboço e o caderno na popa do barco, fui "vestir-me para o jantar". Ao voltar, o infeliz Feroz estava ocupando o lugar onde meus tesouros tinham sido deixados; ali eles tinham desaparecido na água, para nunca mais serem vistos. Só o caderno de desenho continha cerca de 200 esboços, e o caderno de notas, muitas anotações inestimáveis. Senti-me imensamente propenso ao pesar; por sorte meus diários ainda estavam a salvo na mala.

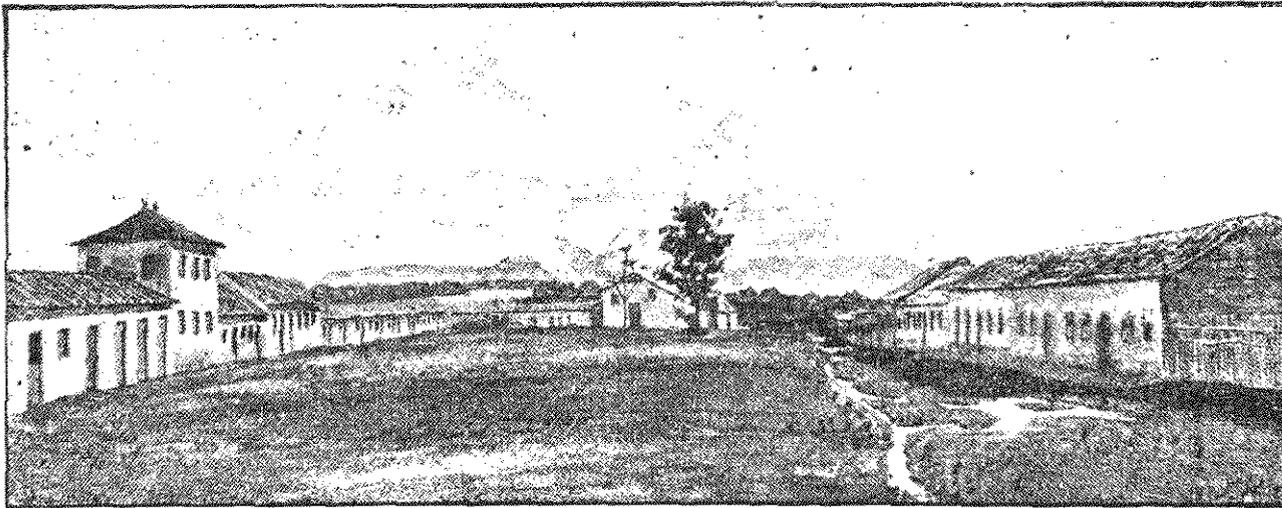
No dia 7 de maio, chegamos a Carolina. No alto de um barranco elevado de uma argila vermelha e arenosa, um espaço plano de mato leva a algumas casinhas espalhadas, meio escondidas por arbustos altos e árvores; seguindo uma trilha estreita de cerca de 300 jardas, entrei em uma praça oblonga arenosa e invadida pelo capim e cercada de casas. Ela parece silenciosa e deserta à claridade brilhante e ao calor do sol da tarde, e só uma ou duas pessoas podem ser vistas movendo-se por lá. Não possuindo cartas de apresentação para ninguém, fui atrás do juiz de direito e enviei-lhe meu cartão pelas mãos de um moleque que respondera às minhas palmas. O negrinho pegou o cartão cuidadosamente, olhou para ele, cheirou-o e saiu correndo, segurando-o o mais longe de si; logo ele voltou e com um jeito condescendente disse que eu podia entrar. O juiz era um cavalheiro branco de bonita aparência e olhos inteligentes, polido, cortês e "*trés distingué*" no aspecto geral, apesar do roupão, ceroulas e chinelos. Durante a conversa que se seguiu, ele aconselhou-me veementemente a abandonar a idéia de descer o rio até o Pará, não apenas devido à estação tardia e conseqüente aumento da dificuldade de atravessar

as muitas corredeiras e cachoeiras, mas também por causa das notícias que lhe haviam chegado de uma epidemia extremamente intensa de febres malignas e varíola que estava grassando no rio abaixo do Araguaia, e que seria muito preferível seguir por terra através da província do Maranhão, para sua capital na costa. Considerando que o juiz estava em situação de julgar dos méritos ou desvantagens de cada rota, e não sabendo na época que motivo ele poderia ter para persuadir-me a abandonar o Tocantins, e como qualquer das rotas me era indiferente, aceitei seu conselho.

Por sugestão do juiz, procurei e achei o promotor público, um jovem louro, em cuja casa obtive acomodações até que eu pudesse obter uma tropa de animais para levar-me à Chapada.

Carolina foi decretada vila em 1831 e elevada a cidade em 1859. Ela contém uma modesta igreja caiada, dois armazéns bem equipados e cinco vendas pequenas, uma cadeia, uma escola pública e uma força de polícia de dez homens, então comandados por um subtenente, o Senhor Comandante. Sua população é tida como perfazendo 1.500

peessoas; seus principais habitantes consistem nas autoridades locais, o juiz de direito, o padre, o juiz municipal, o promotor público, o delegado de polícia, um advogado, o professor da escola, dois negociantes principais e uns poucos fazendeiros que possuem casas na cidade. Há algumas casas relativamente confortáveis de dois andares, que exibem o luxo incomum de janelas



A cidade de Carolina, Rio Tocantins.

envidraçadas, e em uma das casas há até um piano. O desenho ao lado dará uma idéia da aparência da praça desta cidade sonolenta ao meio-dia.

O silêncio da praça invadida pelo capim e a ausência de movimento são notáveis, mesmo para uma cidadezinha do interior. Não há carroças, nenhuma tropa de mulas ou cavalos quebra a triste monotonia; mesmo na margem do rio, no embarcadouro, não se vêem balsas, nem canoas, nem outras embarcações.

Encontrei um comprador para a "montaria", e a tripulação foi dispensada, mas, se

eu tivesse tido motivos para prever a longa demora de três semanas à qual fui submetido para conseguir transporte por terra, eu certamente teria preferido arriscar as febres e às corredeiras perigosas do baixo Tocantins, e teria ido para o Pará na montaria, embora tenha sido talvez mais prudente não tê-lo feito, pois mais tarde, durante minha permanência em Carolina, diversos barqueiros experimentados chegaram do baixo-rio e afirmaram que a varíola e as febres malignas estavam fazendo tantas baixas lá que muitos barcos que retornavam foram abandonados pelas tripulações e os infelizes comerciantes deixados sozinhos nas cidadezinhas e arraiais, a esperar, talvez durante meses, que a epidemia cessasse.

Meus esforços para obter animais foram uma sucessão de desapontamentos; muitas vezes uma tropa me era prometida, mas, quando o dia chegava, enviavam-me desculpas no lugar dos animais esperados, ou era o proprietário que estava doente, ou seus animais não estavam em condições de trabalhar, ou ele de repente precisava deles para outra coisa, ou sua esposa, ou mãe, ou filho, ou alguém estava doente; era desconcertante. Por fim, ouvi dizer que o juiz de direito retornaria em breve ao Maranhão e ocorreu-me que um companheiro para dividir as despesas da viagem seria desejável, e as muitas desculpas que me tinham sido dadas pelos proprietários de cavalos e mulas para não cumprir o combinado talvez se explicassem desta maneira; se era assim ou não, de qualquer modo não pude partir até que o doutor estivesse pronto a vir comigo.

Os habitantes de Carolina e arredores são pessoas extremamente sossegadas e pacíficas; até mesmo os rancores e pequenas ciúmeiras originadas pela política, que tantas vezes fazem dessas cidadezinhas uma sementeira de facções e intrigas, parecem estar ausentes desta cidade sonolenta. O advogado mantém-se precariamente e, se não fosse pela polícia, não haveria trabalho para as sessões, pois os guardiões da paz, não tendo outra ocupação senão beber, jogar e fumar, têm eles mesmos de fornecer trabalho para seus deveres oficiais, pois, durante minha residência lá, a maioria deles ocupava o interior do calabouço.

O limitado comércio que existe com o mundo exterior é transacionado com o Pará por meio da navegação comercial do Rio Tocantins. Pelo que pude apurar, os únicos produtos de exportação parecem ser o couro e a carne-seca, e mesmo estes em quantidades insignificantes, mas uma importação muito maior vem do Pará, principalmente produtos de algodão, ferragens e sal.

Embora o rio abunde em peixes, não se fazem tentativas de pescá-los com armadilhas ou redes. Os seguintes são alguns dos peixes mais comuns do rio:

PEIXES DE ESCAMAS

Nome do Peixe	Comp. em polegadas	Observações
Pirarucu	60 a 70	Geralmente é salgado
Piabanha	36 a 40	Peixe de bom sabor
Bicudo	30 a 36	Espécie de peixe-espada, perigoso para os banhistas; cheio de espinhas
Caranha	20 a 24	Quase redondo; boa carne.
Curamatã	20 a 24	Comedor de moscas
Aruaná	20 a 24	Comprido e fino; não serve para a mesa.
Piranha	12 a 24	Peixe feroz; cheio de espinhas
Curupeté	20 a 24	Peixe de bom sabor
Corvina	16 a 20	Não presta
Piau	2 a 18	Peixe de bom sabor
Pirambeba	12 a 15	" " " corpo achatado
Mandubi	10 a 14	" " "

PEIXES SEM ESCAMAS

Nome do Peixe	Comp. em polegadas	Observações
Piraíba ou piratinga	60 a 80	Uma espécie de toninha de água-doce; comestível
Dourado	50 a 60	Excelente peixe
Pintada	50 a 60	Similar ao surubim do São Francisco
Boto	50 a 80	Lembra a piraíba, mas a parte chata da cauda é horizontal
Piraúna	50 a 60	Corpo bem grosso; saboroso
Jaú	40 a 50	Grande e grosso, não é comestível
Chicote	40 a 50	Enguia longa; saboroso
Poraquê	35 a 45	Enguia elétrica
Caranha	30 a 36	20 polegadas de largura
Surubim	20 a 30	Bom peixe
Barbado	20 a 30	Peixe ruim
Cachorro	20 a 30	Bom peixe
Candiru	18 a 22	Corpo grosso; não-comestível
Mandim ou Armado	20 a 26	Bom peixe
Fidalgo	14 a 18	" "
Bico-de-pato	12 a 15	" "

Muitos destes peixes do Tocantins têm nomes similares aos do São Francisco, mesmo não havendo identidade de espécies. Por exemplo, o dourado do último é um peixe de escamas, com longos dentes afiados; no Tocantins é um peixe de lama sem dentes e sem escamas. O surubim do São Francisco é enorme, aqui ele é relativamente pequeno, e o curumatã, corvina, piau são todos diferentes dos seus xarás do "Frisco".

Destes peixes sem escamas, há apenas dois que têm dentes grandes: o cachorro e o caranha.

Mas que insignificante é a menção destes poucos nomes mesmo dos maiores peixes destes rios, quando se lembra que já foram classificadas 1.300 espécies de peixe no Amazonas.

Além da exasperação criada pela minha impossibilidade de partir, não existia outra razão para lamentar a longa demora em Carolina, pois havia diversas famílias muito simpáticas com quem convivi com muito prazer e a quem devo muito por sua franca hospitalidade e tantos atos de gentileza, que muito suavizaram o tédio de minha estada entre eles. Meu principal recurso para passar o tempo era explorar os arredores a pé e desenhar.

A partir das margens altas do rio, a terra se eleva em todo o redor em longos morros ondulantes de capim e cerrado, que se estendem até grupos de morros consideráveis, a 2, 3 e 4 milhas ao fundo da cidade.

Muitos córregos cortam a região e a transformam em morros ondulados e vales; nas depressões há muita madeira e as barrancas do Tocantins são sempre franjadas de florestas estreitas. Não havia nada para caçar exceto umas poucas aves, na maioria pombos, papagaios e algum tucano, e os numerosos passarinhos miúdos e tentilhões das roças, e gaviões, almas de gato, anus pretos, etc., dos campos.

O solo dos campos é sempre arenoso, os morros são de arenito e ardósia argilosa, e o arenito duro geralmente forma os leitos dos cursos d'água.

Do lado oeste do rio, diversas milhas para o interior, há uma longa cadeia de montanhas, provavelmente a 1.000 pés acima do nível do rio; dizem que elas contêm ouro e cobre, mas pouco se sabe sobre essa região, e as áreas circunvizinhas são praticamente desabitadas.

O rio tem quase 1.200 pés de largura, e do Sono para Carolina nem uma pedra, corredeira ou banco de areia existem para impedir a navegação.

Houve duas festas durante minha estada, uma sendo as Novenas (nove dias de celebração e uma festa final) do Divino Espírito Santo, a outra as Novenas dos negros e festa de sua santa de estimação, a negra Santa Rosária.* As festividades trouxeram muitas pessoas do campo para a cidade, as quais, no entanto, ficavam fechadas dentro de casa durante a claridade e o calor do dia. Todo dia havia um badalar incessante do

* Nossa Senhora do Rosário. Wells naturalmente não está familiarizado com as invocações católicas (N.T.).

sino da igreja e o espocar de foguetes; a não ser por isto, a aparência habitual de sonolência da cidade quase não era perturbada. À noite, grandes fogueiras eram acesas na praça, e os trabalhadores e a gente da roça reuniam-se para dançar a tamboia e o batuque acompanhados pelo repique tocado com as mãos sobre a extremidade coberta de pele de uma árvore oca e pelo dlão-dlão das violas. O juiz e a juíza, ou patrono e patronesse do festival, um dos comerciantes principais e sua esposa, abriram as portas ao povo e regalaram os visitantes com chá verde, café, doces e bolos.

A festa negra foi um acontecimento mais barulhento e alegre. Fui conduzido a uma casinha de porta e janela, o palácio do Imperador e Imperatriz da Festa, um negro grande e preto e uma negra ainda maior e mais gorda, ambos africanos puros; eles

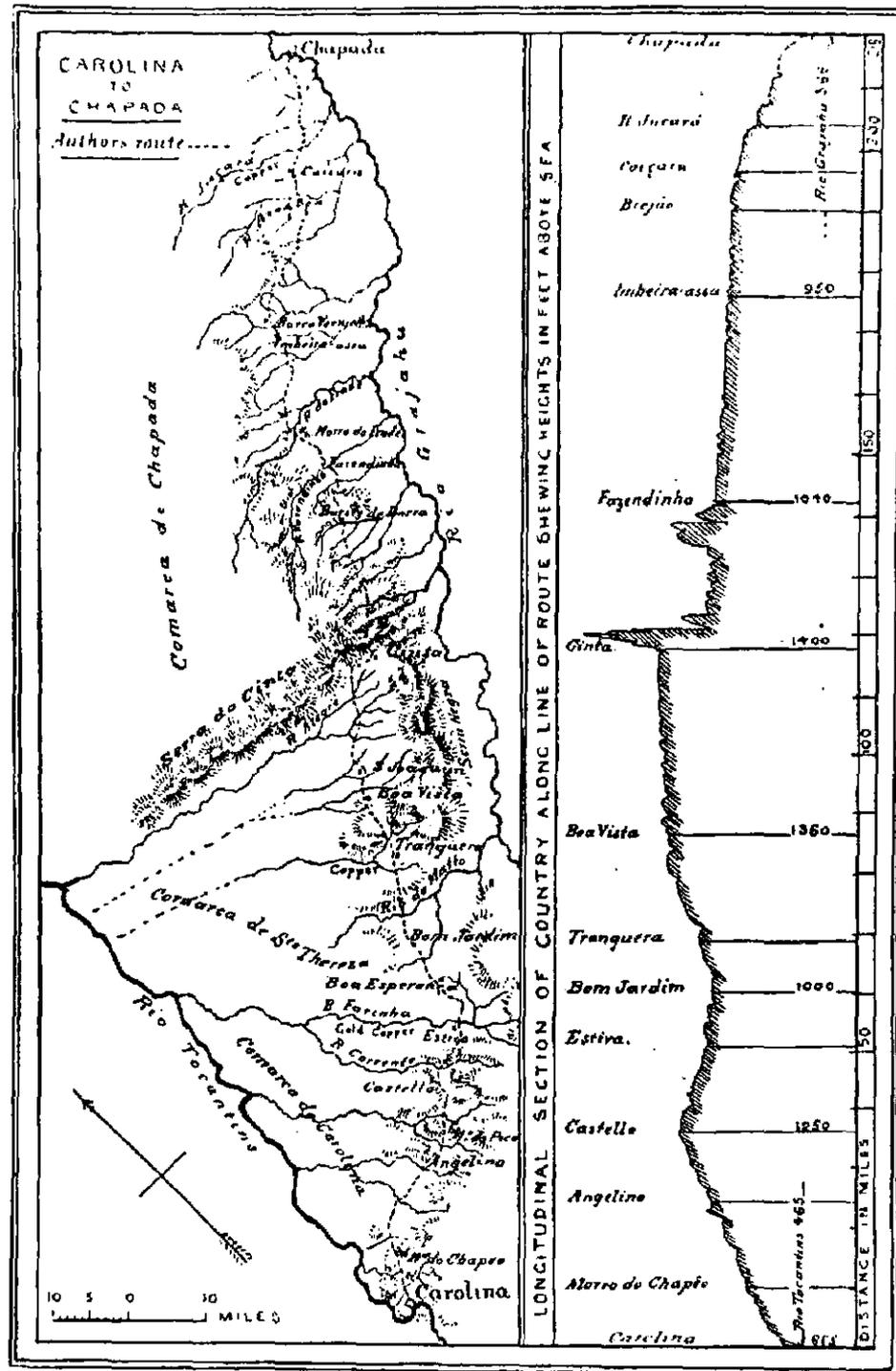
estavam sentados solenemente em cadeiras sobre um tablado, sob um dossel de tecido verde e amarelo; cada um usava uma coroa pesada de prata maciça na cabeça e correntes de ouro nos pescoços. O homem usava o uniforme de capitão do Exército Brasileiro, a Imperatriz trajava um vestido de musselina amarelo e uma longa cauda de pano carmesim; dois negros em uniforme de cavalaria, com sabres desembainhados nas mãos, serviam como guardas de honra; e diversas donzelas negras, vestidas de musselina branca e profusamente adornadas com ornamentos



Uma festa à meia-noite em Carolina.

de ouro maciço, atendiam a Imperatriz; estas moças eram escravas pertencentes a diferentes senhoras da cidade, as quais haviam aparentemente cedido às huris negras todos os seus braceletes, anéis, broches e colares. Fiquei muito admirado ao ver uma tal exibição de joalheria, especialmente quando fui informado de que eram de excelente metal. Em um aposento maior ao lado, uma longa mesa coberta com uma toalha branca estava posta com um generoso suprimento de comestíveis para servir à onda de visitantes, que, depois de fazer uma cortesia para Suas Majestades Imperiais, retirava-se para essa sala. Era divertido assistir à voracidade com que se devoravam as boas

coisas; nenhum dos visitantes perdia tempo com cerimônias ou era exigente em sua escolha: cada um pegava o que quer que estivesse mais próximo. Garrafas de cachaça eram a bebida à disposição. Por volta das 8 horas da noite, Suas Majestades retiraram-se de sua sala do trono e todos caminharam para a praça aberta, onde fogueiras estavam crepitando e foguetes estouravam. Seguiram-se danças, que duraram por toda a longa noite. Uma delas, evidentemente uma dança indígena, chamada cacuria, eclipsava de todo o can-can, que em comparação é a própria inocência; havia outras danças menos “quentes”, como a tamboa, a onça e o batuque. Havia uma insólita estranheza na cena enluarada, o fogo flamejante, as figuras saltitando ágeis, as canções estranhamente estimulantes, porém de ritmo monótono e arrastadas, misturadas com gargalhadas e gritos de diversos indivíduos embriagados, e no alto as nuvens brancas iluminadas pela lua, deslizando calma e lentamente pelos céu escuro e silencioso, levadas pela suave brisa da noite calma, em solene contraste com o pequeno pandemônio na mãe-terra. Os movimentos dos dançarinos eram tudo, menos pudicos, o tumulto grande, e muitos dos foliões estavam bêbados, todavia não houve a menor sombra de brigas.



Rota seguida pelo autor de Carolina a Chapada e seção longitudinal da mesma indicando altitudes.

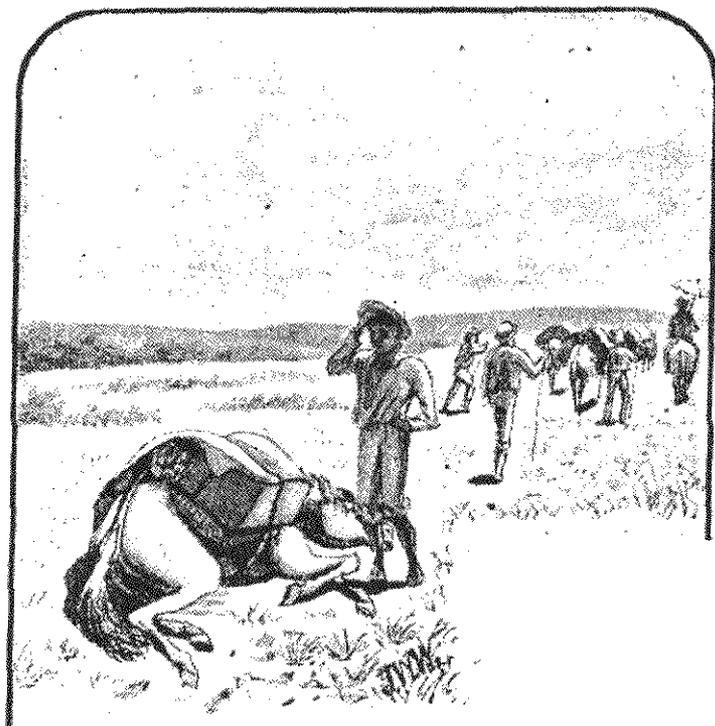
CAPÍTULO 13

DE CAROLINA A CHAPADA

PARTIDA DE CAROLINA – MEIOS PRECÁRIOS DE VIAGEM POR TERRA NO NORTE BRASILEIRO – PERSEGUINDO O GADO – UMA ESCOLTA DE CORTESIA – UM ACAMPAMENTO ALEGRE – UMA REGIÃO ELEVADA E MONTANHOSA – MORROS PITORESCOS – ANGELINO – UM NEGRO DILIGENTE – O MORRO DO CASTELO – UMA CURIOSA FORMAÇÃO – MEU COMPANHEIRO DE VIAGEM – UMA REGIÃO ESCASSAMENTE HABITADA – TRILHAS RUDES – NA MATA NO ESCURO – AOS TROPEÇOS NO ESCURO – JOÃO NOGUEIRA – UMA REGIÃO DE COBRE – NOSSOS MISERÁVEIS CAVALOS DE CARGA – NOITES ÚMIDAS NO ACAMPAMENTO – UMA MARCHA A PÉ – ESCASSEZ DE CAÇA – UM ACAMPAMENTO ENCANTADOR – UMA ESTRANHA ÁRVORE – A SERRA DA CINTA, UMA IMPORTANTE CADEIA – UMA VEREDA DE MONTANHA – UMA CASCAVEL – O ESTORVO DE SE VIAJAR COM ANIMAIS PRECÁRIOS – UM ACAMPAMENTO CANSATIVO – UMA FLORESTA DE PALMEIRAS – MORRO DO FRADE – TIMIDEZ DAS MULHERES DA ROÇA – UM DESCANSO OPORTUNO – UMA FAZENDA DESLEIXADA – BOAS NOVAS: UM CAVALO FRESCO – PLANÍCIES RETAS E VALES FUNDOS – PASSANDO A NOITE EM UM AÇOUGUE – INDÍCIOS DE COBRE – TREZEDELAS – CHEGADA A CHAPADA.

26 de maio – O dia longamente esperado da partida chega finalmente, pois o doutor está pronto para sua viagem e os muitos obstáculos que tinham até então impedido minha saída desaparecem todos de repente; uma curiosa coincidência certamente, e por mais desagradáveis que sejam minhas conjeturas, estou feliz por poder prosseguir seja em que condições, e acho mais aconselhável não investigar demais a exatidão de certas suposições que andei formando.

Neste dia, a cidadezinha, normalmente quieta, parece muito animada. Fazendeiros e pessoas da roça vêm em tropas dos arredores, a pé ou a cavalo, e juntam-se ao povo da cidade reunido em grande número em volta da casa do juiz, para desejar-lhe “boa viagem”. Cada cavalo dos arredores é requisitado pelos moradores para aumentar a procissão de “cavalheiros” montados, a escolta de honra da “primeira autoridade da comarca”, em sua partida. Minha nova tropa chega agora, dois cavalos de sela e dois de carga; por sorte ainda tenho minha velha sela e brida, pois os arreios e o gado são de fato precários; corcéis esqueléticos de joelhos valgos e olhar tristonho, meditando na atitude e totalmente descoroçados na aparência; os arreios de carga são velhos, dilapidados e remendados com tecido de algodão e seguros com cordas; o estofo da



Travessia dos tabuleiros áridos do Maranhão.

albarda é duro e produz esfoladuras. Que diferença das belas tropas de mula de Minas! mas quanto mais para o norte se vai, maiores são os inconvenientes da viagem: não há mais hotéis ou hospedarias de beira de estrada, nem pontes sobre os córregos, as mulas são escassas em número e precárias na qualidade, e os tropeiros não conhecem seu ofício tão bem quanto aqueles do sul. A causa disto é não apenas a maior pobreza dos habitantes destas províncias norristas do interior, mas principalmente a existência de tantos rios navegáveis, que dispensam em grande parte o trânsito por terra.

A popularidade do juiz evidencia-se agora pelo som dos muitos “vivas” do povo que o saúda enquanto, montado a cavalo, ele faz uma volta final pelo âmbito da cidade, acompanhado por uma escolta montada de cerca de 60 dos principais moradores e fazendeiros da região. As portas e janelas de cada casa estão ocupadas por seus moradores que aclamam o juiz quando ele passa, chapéu na mão, acenando um adeus a seus concidadãos. A pequena cavalgada finalmente se dirigiu para a saída da cidade, onde fui juntar-me a ela, após despedir-me de meus amigos.

Logo estamos entre os muitos morros do terreno ondulado que circunda a cidade como um grande anfiteatro. Os níveis mais altos destas ondulações espalham-se ocasionalmente em consideráveis extensões de tratos planos de campina, pastagens de numerosos rebanhos de gado. O “sangue” jovem da tropa, que até então estivera fazendo uns com os outros as brincadeiras inocentes e sem-graça peculiares à juventude brasileira, volta agora sua atenção para o gado que pasta, e passa a persegui-los onde quer que o terreno seja plano e livre de qualquer coisa que os obrigue a saltar; um deles é evidentemente um verdadeiro sertanejo, pois cavalga com a desenvoltura de um gaúcho, e, galopando pelos flancos de um touro em disparada, agarra sua cauda esticada com a mão e upa! o atônito animal cai de costas no chão entre os vivas de seus camaradas. Eu tinha ouvido falar muito deste truque dos sertanejos (nativos dos distritos pecuários), mas nunca o tinha assistido. Aqui no norte, e nas províncias centrais do Brasil, ele substitui o uso do laço e da bola do sul e dos Estados argentinos.

À medida que prosseguimos, a superfície das cadeias de ondulações torna-se mais arenosa e estéril, e meu pangaré miserável afunda profundamente no solo fofo e avança pesadamente para diante com muitos suspiros fundos, mas cada passo é agora um passo em direção à costa, e eu me alegro com isto, indiferente a tudo o mais.

A cada milha, mais ou menos, passamos por grupos de montanhas proeminentes, arredondadas ou escarpadas, nenhuma com o cume em pico, todas têm o topo mais ou menos plano, nascentes de numerosos córregos que escavaram vales amplos no solo arenoso e, pela percolação da água, transformaram estas depressões em terras férteis e enflorestadas.

Nossa partida se dera já em plena tarde, e eram 7 da noite quando chegamos a uma pequena habitação no sopé do Morro do Chapéu, um morro alto e arredondado com o topo plano e encostas perpendiculares, visível de Carolina, a 10 milhas de distância. Não havendo espaço para nós e a numerosa escolta que tinha acompanhado o juiz até ali, e a noite estando bonita, uma enorme fogueira logo está flamejando no terreiro em frente à casa, onde couros, esteiras, ponchos e mantas são reunidos e estendidos no chão à guisa de camas. É um acampamento ruidoso, e as canções, risadas e piadas prevalecem até altas horas; mas na manhã seguinte alguns dos jovens estão muito tristes e calados e evidentemente arrependidos do profuso consumo de cachaça, das horas tardias e do excesso de hilaridade, acrescidos de uma noite ao ar livre e do sereno frio da madrugada; um ou dois exibem rostos muito acabrunhados, amarrados com lenços, que sugerem dores de cabeça e peito cheio.

Os amigos do juiz retornam agora a suas casas, depois de nos dispensar a ambos abraços apaixonados e os fervorosos votos de que “Deus permita que você seja feliz, etc.” Tudo é dito com grande verbosidade, mas, do mesmo modo que o seu “Seu criado está a suas ordens, minha casa, meus serviços à sua disposição”, não tem, pelo menos em Carolina, qualquer significado. Pois tais declarações aparentemente tão generosas foram-me feitas constantemente durante minha estada em Carolina, mas apesar delas fui mantido prisioneiro por dezenove dias, e só por ocasião da partida do juiz pude obter os minguados animais que agora formavam minha tropa. O fato diminuiu meu amor pelos carolinenses, e eu não levarei comigo aquele respeito e lembranças agradáveis que teria, pelo tratamento, sob outros aspectos, carinhoso que recebi.

Durante a cavalgada da manhã, o aneróide mostrava um aumento contínuo de altitude do terreno, que se tornava mais e mais irregular e tão entrecortado por vales fundos e estreitos e montanhas que se erguiam abruptamente, que viajar era uma tarefa muito penosa.

Entre as matas das baixadas, palmeiras de várias espécies formam os principais aspectos da vegetação; duas eram inteiramente novas para mim, o pati¹ e a juncereira, como também uma árvore localmente conhecida como “moleque” que chama a atenção por seu tronco alto e reto, de cor ocre amarelada viva, folhas verdes extremamente brilhantes e flores rubras; havia, porém, uma velha conhecida de Minas, a embira-açu,² com suas flores escarlates e tronco verde-seiva, com veias amarelo-claras estendendo-se de alto a baixo na casca. A casca desta árvore é muito utilizada para amarrar, pois parte-se facilmente em longas tiras e forma cordas flexíveis e fortes. Avistamos alguns veados nas terras abertas (mas eles eram muito ariscos), e no solo escuro e macio das matas viam-se numerosos rastros de porcos-do-mato.

1. *Cocos Weddellii*. Os índios fazem alguns de seus arcos desta palmeira.

2. *Xylopia frutescens*.

Ao meio-dia chegamos a Angelino, uma pequena fazenda situada em meio a um grupo de montanhas de 300 a 400 pés de altura, muitas delas bastante pitorescas, pois suas faces são escarpadas e irregulares e erodidas pelo tempo e intempéries em formas fantásticas, torres, colunas, pináculos, arcos suspensos e cavidades profundas, ricas em cores que brilhavam ao sol forte; altos cactos, bambus espinhentos e matagal emaranhado forram as encostas mais baixas, capim e cerrado cobrem o terreno ondulado entre as montanhas.

Angelino é outro bom exemplo do que pode ser feito no interior do Brasil com energia e trabalho duro. O proprietário, um negro, foi na juventude um escravo, mas com a morte de seu senhor recebera a liberdade. Ele então abandonou o cenário de sua servidão e partiu em busca de um lugar para construir uma casa para si e sua esposa, e finalmente escolheu o local onde vive ainda hoje, no que era antes um perfeito matagal; no decorrer de trinta anos de uma vida evidentemente laboriosa, ele adquirira independência financeira e conforto para sua velhice.

A fazenda incluía uma moenda rústica para moer cana-de-açúcar e fazer rapadura, uma casa confortável, relativamente limpa e arrumada, numerosos galpões, carros de boi e parrelhas de bois, grande número de roças e plantações de cana e um rebanho de 1.200 cabeças. O dono era assistido por dois filhos, excelentes negros saudáveis e honestos, e ocasionalmente por alguns trabalhadores contratados. *Este é o tipo de homem de que o Brasil precisa.* E, no entanto, este homem começara a vida na pior das condições, sem um tostão, sem escola, sem amigos e perdido no interior, longe de todos os recursos; mas possuía a vantagem sobre um emigrante europeu de um conhecimento bruto do solo, do que plantar e como plantar, uma saúde de ferro, um clima adequado a sua natureza, um conhecimento da língua portuguesa e das pessoas com as quais ele entrava em contato.

À tarde deixamos nosso diligente anfitrião e as montanhas de Angelino, e logo depois entrávamos em uma campina ondulada, inabitada e sem árvores, intercalada com brejos ocasionais, que se estendia por 10 milhas, depois das quais alcançamos um terreno mais montanhoso e coberto de florestas. Ao pôr-do-sol chegamos a Castelo, outra fazendola, situada no sopé do Morro do Castelo, assim chamado aparentemente por uma semelhança imaginada com uma torre redonda. O aneróide mostrou que estávamos 712 pés acima do nível de Carolina; o cume do morro é cerca de 400 pés mais alto.

Em Castelo, fomos mal recebidos; as pessoas não queriam dar nem vender nada, nem mesmo uma garrafa de leite, embora diversas vacas estivessem em um curral próximo; possivelmente o proprietário tinha tido uma passagem desagradável pelas cortes do juiz, pois notei que o homem parecia tudo, menos deliciado à visão do meu companheiro.

De Castelo a Estiva são 16 milhas; a estrada passa entre morros, ficando então acidentada e salpicada de pedras, e por planícies repletas de areia; a vegetação compreende faixas de floresta nos vales, cerrados nos morros e tufos esparsos de capim fino nos planos; muito poucos pássaros foram vistos e nem um quadrúpede sequer.

A parada do meio-dia foi feita ao lado do Rio Farinha, um curso d'água de cerca de 40 pés de largura, que corria para o Tocantins. Suas águas claras passam por cima, ou por baixo, de lajes lisas de rochas de minério de ferro, que aparentemente forma o subsolo da terra em volta. Em alguns pontos, o rio desaparece por completo de vista, mas fendas ocasionais nas rochas mostram as águas subterrâneas, às vezes de mais de 20 pés de profundidade; o proprietário de um casebre próximo informou-me que ouro e cobre tinham sido encontrados na região, mas nunca explorados.

Meu companheiro de viagem passou o descanso do meio-dia em uma rede, aproveitando o luxo de uma sesta, pois ele já estava tremendamente fatigado com a jornada, e prodigiosos foram os bocejos e gemidos com os quais, em um esforço final, ele se levantou e preparou-se para a estrada, recolocando suas confortáveis vestimentas compostas de um terno de algodão branco, luvas de algodão branco, botas longas e largas marrom-claras, chapéu-de-palha de aba larga, óculos azuis, e um guarda-sol branco³ debruado de verde.

É tarde alta quando começamos a percorrer as 16 milhas até o acampamento proposto para a noite, e já tarde demais para cobrir uma distância destas, mas a estrada é relativamente boa, sobre longas planícies poeirentas e ressecadas, passando no caminho por duas habitações e pelo Rio do Mato, uma das fontes do Rio Grajaú.

Enquanto o sol desaparece, entramos em uma área de floresta onde, em resposta às indagações acerca de nosso destino, nosso guia diz: "É perto, mais um bocadinho", palavras que podem e de fato implicam qualquer coisa, ou qualquer distância. À medida que avançamos, a escuridão cai rapidamente, a mata fica mais densa, a trilha mais estreita e mais obstruída e os cavalos tropeçam em raízes e buracos; ramos, galhos, espinhos e cipós pendentes nos golpeiam e arranham os rostos e as mãos, arrancam nossos chapéus e rasgam nossas roupas, e a escuridão por fim se torna completa. Esforços ocasionais são feitos para iluminar o caminho com fósforos ou tochas improvisadas, que só servem para tornar a escuridão circundante ainda mais escura, todavia os animais, vacilantes, espremem-se entre os matos e ainda conseguem prosseguir para algum lugar, para onde, é impossível dizer; depois do que parece um tempo interminável, a voz do guia é ouvida adiante gritando "Cuidado! Olha a descida!", e aí segue-se o barulho de um trambolhão em algum lugar. Como é que podemos olhar para o que quer que seja neste negrume impenetrável? Um fósforo aceso só deixa ver as orelhas

3. Anos mais tarde, viajando pelo Brasil, adotei a mesma vestimenta confortável, menos o guarda-sol, e posso recomendar enfaticamente o seu uso, com a adição de uma cinta de flanela.

do meu cavalo e a densa folhagem em volta de nós; de repente o animal desaparece de debaixo de mim e rola para baixo, e, pulando fora da sela, encontro-me despencando pelo mato sem qualquer sustentação aparente, mas finalmente aterrizo, muito arranhado e com roupas rasgadas, de quatro no leito macio e lamacento de um córrego, perto do cavalo, que está de cabeça para baixo tomando um banho de lama e água. O barulho da queda e os gritos de “pare” evitam a tempo que meu companheiro despenque em cima de mim. Os dias daquele guia devem ter-se encurtado pelo coro de terríveis palavras que o saúda, mas ele não está melhor do que eu, pois, com seu cavalo, também rolou da mesma maneira barranco abaixo até a ravina enlameada. Os homens na margem acendem uma vela e descem-na para nós, e com a adição da luz de uma tocha improvisada feita de folhas secas de palmeira, apanhadas às pressas, descobrimos que estamos no leito de um córrego estreito e lamacento, de cerca de 20 pés de largura e circundado por margens perpendiculares de 12 pés de altura. Mas não houve dano, exceto uma sacudidela, algumas escoriações e arranhões, e roupas rasgadas, molhadas e enlameadas. À primeira vista, parece difícil perceber como os outros podem deixar de descer pelo mesmo caminho meu, mas um pouco de tempo e paciência permitem encontrar uma descida mais fácil lá perto, e, finalmente, uma saída para fora do rio.

É uma estranha visão na obscuridade circundante, ver-nos agarrados uns aos outros na água do córrego, fracamente iluminado pela luz da tocha, uns escorregando pela descida íngreme e despencando na água, outros escalando as margens abruptas do lado oposto; a escuridão, a luz fraca, o barulho dos animais resfolegantes e o som da água espirrando, os gritos dos homens ecoando nesta câmara escura formavam certamente uma cena arrepiante, mas roupas frias, molhadas e enlameadas são muito pouco românticas. Continuamos a abrir caminho pela floresta escura adiante, por uma longa meia hora, que parece uma eternidade, e finalmente emergimos, com um sentimento de profunda gratidão, na noite estrelada do campo aberto, mas onde as trilhas são tão pouco perceptíveis no capim que o guia perde toda noção de seu paradeiro; felizmente descobrimos um correzozinho de água boa e acampamos ali aquela noite.

Partimos aos primeiros raios da aurora e atravessamos, primeiramente, tratos consideráveis de terra plana e pantanosa, depois ondulações cobertas de cerrado e manchas de floresta, e, às 10 da manhã, chegamos a Tranqueiro, uma fazendola pertencente a um Senhor João Nogueira, que posso recomendar a todos os futuros viajantes desta estrada como um sujeito bom e sociável.

Nos arredores imediatos deste lugar há indícios consideráveis de cobre, e o metal fora encontrado em seu estado nativo, um rico espécime do qual foi-me mostrado pelo Senhor João, que gentilmente permitiu que eu ficasse com ele. Ele o tinha tirado,

disse-me, de um amontoado de rochas que brotava da superfície do chão a cerca de 2 milhas de distância; por diversas milhas em torno o terreno é de natureza muito pedregosa, principalmente material ferruginoso.

Nosso estoque de milho estava no fim, e tivemos de esperar enquanto o Senhor João mandava alguém buscar mais em sua roça; mas bondoso como ele sem dúvida é, já passa das 2 quando o milho chega. É uma coisa triste para qualquer viajante depender desse povo da roça para qualquer serviço, pois eles dão tão pouco valor ao tempo que amanhã é o mesmo que hoje; mesmo diante de meus pedidos para que apresse a vinda do milho, o Senhor João responde sossegadamente, “tenha paciência, amigo, você pode partir amanhã, se não for hoje.”

Às 3 da tarde, finalmente partimos e percorremos uma região muito diversificada, que alterna morros escarpados, profundos vales enflorestados e longas planícies de campina. A trilha é, em muitos pontos, execrável, passando sobre caminhos pedregosos, salpicados de matações e afloramentos de rocha, ou por atoleiros, densamente cobertos de mato entrançado, através do qual temos de abrir caminho com faca e foice; finalmente a jornada do dia terminou atravessando uma longa planície arenosa e funda, pontilhada de moitas esparsas de cerrado que lembram um pomar descuidado, ao lado de uma das quais acampamos; o terreno era livre de mato rasteiro, e as árvores, arrançadas da maneira mais conveniente para amarrar as redes.

A jornada do dia foi de 20 milhas. Até agora os animais tinham agüentado bem melhor do que sua aparência miserável fizera-me crer.⁴ O único que tinha se entregado era o que meu criado Bob montava, e ele foi obrigado, em consequência disto, a prosseguir a pé.

30 de maio – Uma brisa gloriosamente fria e fresca (66^o F) despertou-nos ao romper da aurora e arrancou-nos depressa das redes saturadas de orvalho. O orvalho da noite destes planaltos é muito pesado, pois pela manhã a nossa barba está tão úmida quanto uma esponja empapada; pequenas poças d’água formam-se nas concavidades do lençol impermeável, e as mantas e cobertores estão tão molhados como se tivessem sido deixados na chuva, e nestas ocasiões os pés gelados e os narizes frios fazem-nos indagar ansiosamente pelo café quente.

Na manhã seguinte, atravessamos longos tratos planos e arenosos e cinturões de floresta espessa. Ao passar por alguns destes últimos, onde a trilha é tão pouco usada e invadida pelas plantas, muito tempo é consumido pelos homens em cortar e limpar os ramos e galhos que obstruem densamente o caminho; mais tarde se chega a uma planície longa e reta, sem árvores e sem água, onde os cavalos afundam até acima dos

4. No entanto, é espantoso ver que fardos pesados esses miseráveis cavalos de carga do norte conseguem carregar, e que imensas distâncias eles percorrem. Em Pernambuco é uma visão memorável ver as tropas de cavalos do interior chegando, com um enorme balote de algodão de cada lado, muitos tendo vindo de 200 ou 300 milhas serrão afora, e todavia quem os vê poderia achá-los bons para o matadouro, de tão esqueléticos, macilentos e desolados.

machinhos no solo seco e solto; era uma tarefa dura e trabalhosa, e meu criado, que tinha pego um espinho venenoso no pé, mancava pelo caminho com grande dificuldade e dor. Cedi-lhe meu cavalo enquanto eu ia andando, para grande surpresa do juiz, que nem podia compreender os meus motivos nem apreciar meu gosto. Caminhei durante metade da jornada de 16 milhas daquela manhã, e embora lutar por aquele terreno pesado e quente sob o sol escaldante não seja agradável, todavia a brisa fresca que varre estas planícies abertas cria uma sensação de entusiasmo que me fazia apreciar a caminhada, apesar de tudo.

Estas planícies são singularmente destituídas dos sons e cenas habituais de vida animal, pois os pássaros são muito poucos tanto em variedade como em número, e não se vê nem um vestígio de quadrúpedes. As planícies largas e extensas são ermos silenciosos, perturbados apenas pelo farfalhar da folhagem, os doces sussurros do vento e a batida macia dos cascos de nossos animais.

Às onze horas, alcançamos as margens de um correzozinho encantador, que corria por uma vala rasa na planície, suas margens são relvados verde-claros que se inclinam suavemente, com aqui e ali uma árvore ou um arbusto destacado, ou um grupo de pindaíbas, ou outras árvores e palmeiras, cada uma cercada de um canteiro de flores vivas, na maioria arões e lírios; dos galhos das árvores pendem longos festões de flores de maracujá e convolvuláceas; beija-flores de diversas espécies (especialmente uma variedade de rabo de tesoura) são numerosos e zunem num vôo rápido de flor a flor, parando de repente para mergulhar seus bicos longos e finos nas corolas das convolvuláceas, tão calmamente como se estivessem pousados em um poleiro em vez de parados, imóveis em pleno ar pela ação extremamente rápida de suas asas. Sua plumagem brilhante brilha e cintila ao sol com raios faiscantes de cor como as cintilações de um diamante. Nas margens sombreadas do córrego, entre a relva das bordas e as pedras cobertas de musgos, há grande número e variedade de samambaias e outros fetos, que contribuem com sua folhagem delicada e graciosa para os encantos do cenário.

Tínhamos estendido nossas mantas para o piquenique da manhã sob a sombra oportuna de uma grande árvore que se erguia sozinha nas encostas verdes do córrego, e notando que ela me era desconhecida, arranquei um pedaço de sua casca muito grossa, dura e rugosa, e imediatamente uma seiva muito volátil jorrou do talho. O pedaço que eu tinha nas mãos estava saturado dela como se tivesse sido mergulhado em querosene (seu cheiro era muito similar), e no fogo mostrou ser igualmente inflamável. Tirei várias amostras e alguns dias depois o odor tinha mudado para o delicado perfume de violetas. Só pude apurar que a árvore é conhecida como Mirim⁵ (um termo diminutivo indígena aplicado a qualquer coisa), embora esta árvore seja tudo menos

5. Esta árvore poderia ser a sapucaia (*Carpotroche brasiliensis*), que dá um excelente óleo de odor peculiar e muito agradável e que não deve ser confundida com a sapucaia (*Mimca brasiliensis* de Velloso).

pequena, pois seus galhos mais baixos ficavam a cerca de 20 pés do chão e seu tronco tem quase 5 pés de circunferência; suas folhas eram pequenas e peniformes e de uma cor verde-escura e baça. O termômetro registrou 83º à sombra desta árvore.

Às 3h30 deixamos este lindo acampamento e viajamos até as 6h30, de novo por longas planícies arenosas, que se estendem entre os vales enflorestados dos rios que correm para o oeste em direção do Tocantins. Logo depois de partirmos, avistamos adiante de nós o espinhaço da Serra da Cinta, o mais importante divisor de águas do Maranhão.

A jornada terminou próximo ao sopé da serra, na Fazenda da Cinta, moradia de três famílias que vivem em igual número de casas feitas de palmas. Lá o juiz estava entre amigos, que ficaram evidentemente honrados em receber sob seu teto uma personagem tão importante quanto um juiz de direito.

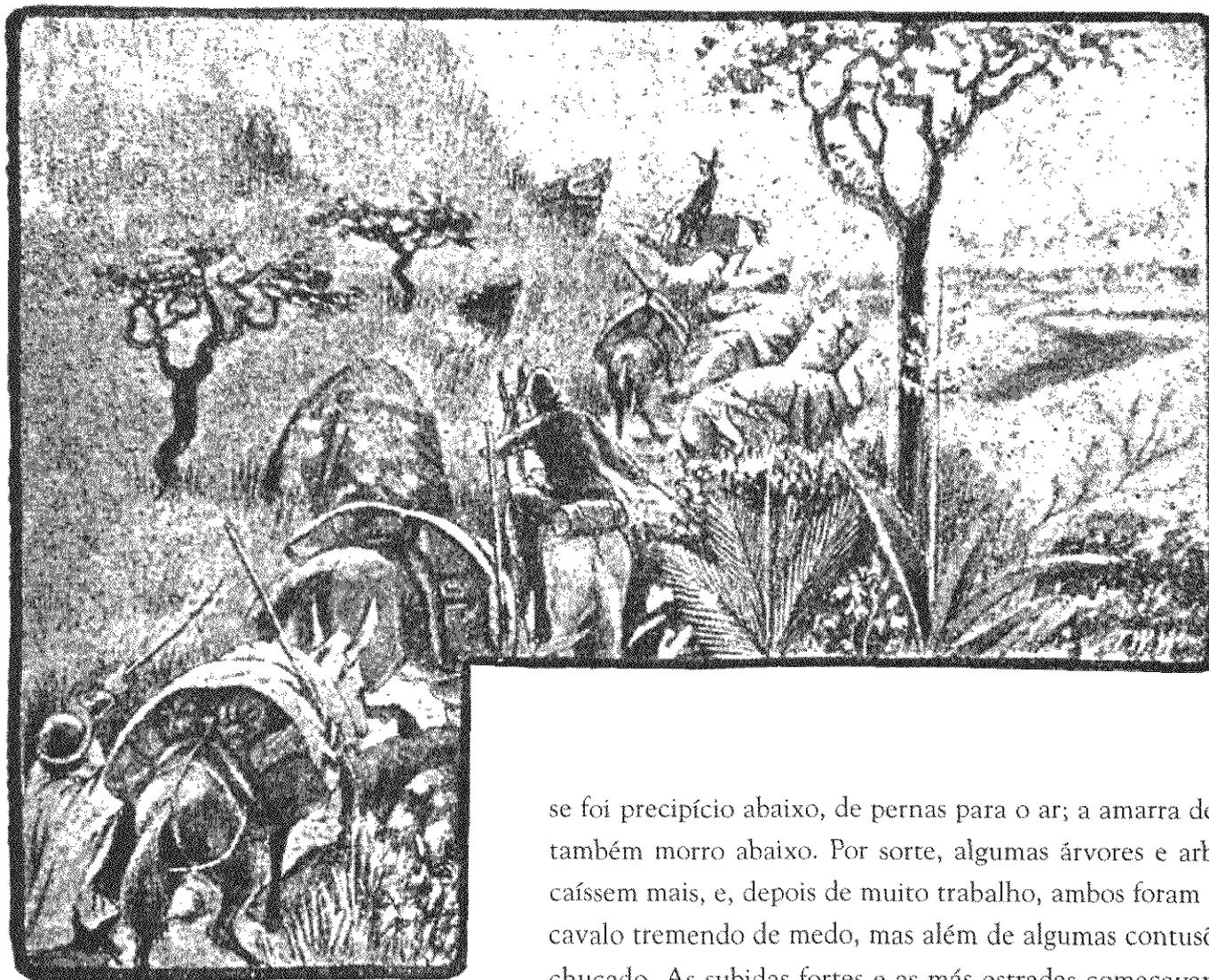
Há uma grande vantagem em viajar com uma "pessoa muito distinta" dessas, pois ele é de tal modo o foco de atração que o estrangeiro que passa fica comparativamente esquecido e, conseqüentemente, livro-me da carga de uma parolagem entediante e deixam-me em paz, enquanto o doutor responde às perguntas impertinentes habituais sobre minha ocupação, etc., especialmente a inevitável "Quanto ganha?".

Em frente à fazenda, a serra toma uma direção oeste-noroeste rumo a Santa Tereza, no Tocantins (a três dias de viagem) em uma série de elevações arredondadas, com picos ocasionais de rochas aparentemente de arenito, com encostas escarpadas e acidentadas, ou longas inclinações cobertas de capim alto, viçoso e marrom e pouco mato; nas ravinas e depressões, matas densas se estendem até bem alto em direção às montanhas.

Calculei que a elevação mais alta não fica a mais de 500 pés acima da fazenda, que meu aneróide indicou ficar a 862 pés acima do nível de Carolina e 1.400 pés acima do nível do mar.

Na estrada, aquela tarde, o cavalo do juiz sucumbira, e o cavaleiro tomou posse do cavalo de seu camarada, que teve então de unir-se a meu criado Bob, que ia "hatendo a areia". Um belo cavaleiro fogoso foi então emprestado ao juiz por seus amigos. Também procurei um para meu criado, mas sem sucesso.

Segunda-feira, 31 de maio – Uma partida relativamente matinal foi feita às 6h30, em uma manhã clara, brilhante e fresca, e logo depois estávamos sacolejando pelos morros da serra, em veredas de quebrar o pescoço, que serpenteiam por encostas íngremes de capim, salpicadas de pedras grandes e pequenas (a maioria de um saibro grosso semidecomposto, muito manchado de óxidos de ferro); abismos profundos la-deiam o caminho estreito. Em uma dessas trilhas perigosas um cavalo escorregou e lá



Travessia da Serra da Cinta.

se foi precipício abaixo, de pernas para o ar; a amarra de sua carga se rompeu, e foi-se também morro abaixo. Por sorte, algumas árvores e arbustos os detiveram antes que caíssem mais, e, depois de muito trabalho, ambos foram içados para a trilha de novo, o cavalo tremendo de medo, mas além de algumas contusões, ele não parecia muito machucado. As subidas fortes e as más estradas começavam agora a fatigar os animais, e diversos afundavam-se exaustos e jaziam com os flancos arquejantes e narinas a arfar, e só por meio de longos e repetidos períodos de descanso podíamos mantê-los andando.

Do cimo da serra há uma imensa vista para o norte, sobre terra que consiste principalmente de longas planícies arenosas e morros ondulados, cobertos de cerrado, e vales fundos de floresta.

A descida é muito maior do que a subida, pois a terra do lado norte é bem mais baixa do que a que deixamos para trás. A serra evidentemente funciona como um imenso muro de contenção para aquele platô alto e evita uma denudação da extensão daquela do lado norte, onde a queda das águas é maior, e tem tornado os vales estreitos e profundamente sulcados.

Ao alcançar esta terra baixa, o aneróide mostrou uma diferença de cerca de 500 pés entre os níveis médios dos dois platôs, dando à serra uma altitude aproximada de 1.000 pés acima de sua base norte, e 500 acima da base sul.

Muitos dos seus contrafortes podiam ser vistos estendendo-se por muitas milhas em forma de espinhaços, curvando-se para dentro e para fora de acordo com as sinuosidades de seus vales, todos voltados para o leste e em alguns pontos interceptando nosso caminho, o que ainda nos proporcionará vários tropeços. À medida que descemos, as encostas tornam-se mais acidentadas, em alguns lugares mostrando faces de terra e rocha de cores variadas, vermelhas, amarelas e púrpura-escuro.

No caminho, os homens mataram uma cascavel de 5 pés e 3 polegadas de comprimento. Seu chocalho de oito voltas foi acrescentado a meus outros troféus.

Chegando ao platô mais baixo, depois de uma pequena pausa para os animais cansados e ofegantes, prosseguimos lentamente por estradas difíceis, de areia profunda, até às 11h30, quando alcançamos um rancho de vaqueiros chamado São José, a 20 milhas de Cinta. A marcha tinha sido excepcionalmente lenta e tediosa, e formávamos um grupo longo e disperso, pois vários dos cavalos tinham sucumbido, e mesmo depois que suas cargas foram mudadas para os cavalos de sela dos empregados (que agora iam todos a pé), eles tinham ficado muito para trás. Uma jornada de um dia no Brasil com uma boa tropa de mulas é, na melhor das épocas, uma cavalgada longa e cansativa, mesmo quando corre tudo bem, pois braços e pernas ficam enrijecidos e doloridos, o sol escaldante queima e resseca a pele, a cabeça dói e o corpo está cansado; é, no entanto, duplamente ruim quando os animais estão fatigados e esgotados e exigem incessante incentivo para prosseguir, e é doloroso ver os esforços das pobres criaturas lutando contra a força que se esvai, a transpiração escorrendo-lhes pelos flancos, as línguas ressequidas pendendo para fora da boca, os olhos brilhantes forçosamente expressando sua agonia.

Tentei de novo em São José conseguir uma muda de animais a todo custo, mas tive mais um insucesso.

Depois de um longo descanso, partimos à tarde, e fomos indo bem até a última parte, quando um dos últimos braços compridos da Serra da Cinta teve de ser atravessado, uma estrada ruim, íngreme e pedregosa, que foi a última gota d'água para os animais, pois, com a exceção do cavalo do juiz, que era jovem e vigoroso, eles se deitavam repetidas vezes, depois de tropeçar e cair, um após o outro, pela pura impossibilidade de continuar. Só mesmo tirando continuamente suas cargas e deixando-os descansar, e seguindo aos poucos, foi que pudemos finalmente, depois de muita fadiga, atingir o sopé da descida já ao pôr-do-sol, em um lugar onde, afortunadamente, havia um curso d'água no campo aberto. Eu tinha tido de caminhar as últimas poucas milhas, e a estrada acidentada, a subida íngreme e o sol quente tornaram-me o acampamento tão bem-vindo quanto aos animais.

Uma bela noite fresca, com o termômetro em 64^o, e um bem merecido repouso noturno reanimaram homens e animais. Meu cavalo, que não estava tão esgotado quanto alguns dos cavalos de carga, teve então que se revezar no carregamento de uma parte da bagagem que de outro modo teria de ser deixada para trás, e todos partimos a pé, exceto o juiz, que teve a bondade de oferecer-me seu cavalo e dispor-se a ir “batendo a areia” por algum tempo, mas um cavalheiro brasileiro a pé no interior sentir-se-ia tão confortável quanto um peixe fora d’água; e como eu estava em excelente forma e podia muito bem suportar a fadiga de caminhar, não aceitei sua oferta.

Logo depois de deixar o acampamento, a trilha entrava em uma floresta de palmeiras, tão diferente das florestas das latitudes mais ao sul como aquelas o são de um bosque europeu. Confesso que, a essas alturas, eu já experimentara um tal excesso das belezas da flora brasileira que me sentia pouco disposto a apreciar os encantos destas formas essencialmente tropicais de vegetação, todavia, é preciso que o viajante seja deveras insensível para não perceber a incrível delicadeza de tais plantas, pois lá parecia se reunir tudo o que havia de mais gracioso no mundo vegetal: havia palmeirinhas nanicas como o ubuçu,⁶ que crescia em forma de um feixe de imensas plumas de avestruz, palmeiras altas, com folhas macias e emplumadas como o jupati,⁷ ou o tronco espinhento e os cachos de frutos púrpura da marajá,⁸ palmeiras com folículos pendentes como a inajá,⁹ palmeiras com caules lisos, palmeiras com caules espinhosos, samambaias arborescentes altas e baixas, e samambaias de muitas outras variedades, e dispersas aqui e ali árvores grandes de espécies diversas, a imensa gameleira arqueada,¹⁰ a inchada barriguda,¹¹ o tronco alto, reto e amarelo do moleque, e as pequenas mimosas de folhagem emplumada verde-clara. Cada tronco de árvore era pontilhado de líquens cinza-pérola ou rubros e carregava uma abundância de parasitas (principalmente bromélias debruadas de azul e a pênsil barba-de-velho), e fetos e musgos, pequenos jardins em miniatura; muitos arbustos da ordem das Myrtaceae ajudavam a preencher os espaços entre as árvores; os cipós, alguns em folha, outros em flor, alguns como o cordame de um navio, balançavam suas linhas graciosas de árvores em árvore ou pendiam em linhas longas e retas. A vegetação não era de modo algum densa e compacta como a floresta do Amazonas, pois os raios do sol escoavam profusamente pelas clareiras entre as árvores maiores e permitia à luz do sol manchar as folhas polidas e brilhantes das palmeiras com sua luz dourada, em um lindo contraste com as partes sombreadas. Muitos pássaros freqüentam estas valeiras adoráveis, com suas penas de cores vívidas, combinando com a paisagem. Havia araras carmesim, azuis e douradas, papagaios verdes, colibris multicores, longos tucanos de bico amarelo e púrpura e corpo branco, periquitos tagarelas verde-azulados, pica-paus de cabeça verme-

6. *Munia arna sacctifera*

7. *Raphia tedigera*

8. *Bactris maraja*

9. *Maximiliana regia*

10. *Urastigma doliana*

11. *Echites*, sp

lha batendo nas árvores com pancadinhas rápidas e agudas em busca de larvas e insetos, e os ninhos do japim¹² suspensos em feixes de ramos entrelaçados. No chão, grandes camaleões¹³ azuis e verdes assustam o viajante com seus ruídos ao correr pelas folhas secas, fazendo-o preparar-se para uma possível cobra; e não deixa de aparecer alguma, uma coral cor de creme, púrpura e vermelho-brilhante, que cintila com tal brilho que não há nada que se lhe compare na natureza quando um raio de sol atinge o esplendor maravilhosamente suave, embora metálico, de suas cores. A mata, de cerca de 4 milhas de extensão, ocupa uma depressão baixa e plana entre campinas mais elevadas, às quais chegamos mais tarde, um longo e arenoso campo de tufos esparsos de capim fino e duro. Duas milhas de areia macia levaram-nos a outro rancho de vaqueiro chamado Fazendinha, onde ainda não pude obter animais novos.¹⁴ Continuamos a viagem, e depois de atravessar mais planícies de areia e cinturões de florestas às margens dos rios, que correm todos para o Rio Grajaú no leste, chegamos a um córrego pitoresco perto de um morro de bom tamanho, chamado Morro do Frade, uma enorme massa quadrada de rocha escura e multicolor, lembrando um imenso bolo de ameixas na aparência; seus lados são precipitosos e desprovidos de vegetação; seu topo, que evidentemente já foi plano, está erodido em pontas irregulares, pináculos e cristas, e colorido pela vegetação, cujo caráter a distância não me permitiu distinguir. Eu tinha caminhado 15 milhas antes de nos sentarmos para o desjejum (como de hábito, ao meio-dia) e confesso que senti vontade de chamar um fiacre para o resto da viagem. Felizmente, à tarde, os animais recobram-se um pouco, e meu Rocinante carregou-me por umas poucas milhas, até que sucumbiu de novo, e eu tive de prosseguir a pé. Às 6 da tarde, chegamos a um grupo de três casas com um engenho e construções anexas, todas parcialmente ocultas em meio a um emaranhado de árvores e mato, conhecido como Imbeira-açu. Ouvimos vozes ao nos aproximarmos, depois mulheres foram vistas correndo para dentro de casa. À nossa chegada, todas as portas e janelas estavam fechadas e nenhuma resposta foi dada aos nossos gritos, e assim, sem mais cerimônia, tomamos posse do engenho para nossa acomodação noturna.

A noite foi muito mais quente do que o habitual, 76º, e fomos muito perturbados pelos guinchos de porcos curiosos, que Feroz atacava e atormentava, e meus antigos inimigos, os mosquitos, também executaram um concerto em notas agudas e nos picaram e espetaram à vontade, mas eu logo me esqueci de todos os tormentos, pois estava completamente esgotado pela caminhada do dia.

2 de junho – Meu companheiro saiu cedo a cavalo pela manhã para ver se conseguia obter outro cavalo para mim em umas casas mais adiante; então os habitantes

12. *Cassicus icteronotus*.

13. *Agama picta*.

14. Embora tenhamos passado por fazendas de gado, raramente avistamos reses no caminho, pois as pastagens ficam muitas vezes a milhas de distância.

masculinos de Imbeira-açu finalmente se aproximaram timidamente e deram-nos uma longa olhada, mas eles ou não podiam, ou não queriam, compreender-me, respondendo seja com um grunhido interrogativo ou um “Não entendo, n’hor não” a meu desejo expresso de adquirir um cavalo, ou legumes, ou frutas, ou leite. A parte feminina, nós só a vimos a distância, espiando-nos de trás de portas semifechadas e folhas de janelas. O lugar todo, que poderia ter sido tão facilmente embelezado, era sujo, mal-amanhado e dilapidado, e fiquei feliz em deixá-lo.

Marchamos por mais 14 milhas, quase o tempo todo por planícies de areia, com uns poucos riozinhos cruzando a rota; agora que o juiz estava ausente, seus homens resmungavam alto e freqüentemente contra sua “viagem braba”, e começaram a desabafar sua raiva batendo nos pobres animais. Eu estava por acaso atrás de um dos rapazes quando ele cruelmente enfiou uma vara pontuda nas narinas de um cavalo; o rapaz ficou extremamente perplexo ao receber uma forte pancada de meu cajado nas costas e a informação de que isto se repetiria se ele torturasse de novo os animais. Estava evidentemente além de sua compreensão o motivo de ter apanhado; ficou amuado por um tempo, mas umas poucas repreensões ríspidas o fizeram ter modos, muito mais do que tivera em qualquer época, até mesmo os resmungos cessavam quando eu estava por perto.¹⁵

No Brejão encontrei o juiz à minha espera e “Oh! alegrai-vos,” ele tinha conseguido um animal novo para mim. Eu já estava saturado de “bater a areia”. Quatorze milhas não parecem muito para uma caminhada, mas é mais do que o suficiente antes do desjejum por sobre essas planícies escaldantes e arenosas do Maranhão, mas se alguém quiser provar um delicioso néctar, que ande umas poucas milhas, afundando na areia escaldante a cada passo, as roupas ensopadas de transpiração, o corpo duro e dolorido, a boca seca e áspera, e depois chegue a um corregozinho de água cristalina borbulhando sobre as pedras, entre margens cobertas de flores, samambaias e gramíneas, e deite-se no chão, e beba e beba o delicioso e bem-vindo líquido; pois quando uma pessoa está realmente sedenta, todos os líquidos são trocados pelo aplacador natural da sede da Natureza.

Depois do Brejão, a região muda consideravelmente, os longos tratos arenosos anteriores dão lugar a um solo mais cascalhado, coberto de árvores nanicas e arbustos, as últimas pertencentes principalmente à ordem das mirtáceas. O terreno é relativamente plano, mas entrecortado por vales muito profundos, difíceis de descer e subir, com pequenos riachos turbulentos no fundo. Ao cair da noite, chegamos a Caiçara, uma cabana de folhas de palmeira, onde obtivemos o luxo de carne fresca ao preço de 80 réis a libra (cerca de 2 pence). Como Imbeira-açu, o lugar era repulsivo pela esqualidez e sujeira. O juiz escolheu dormir na casa, mas eu preferi o ar livre e fresco aos

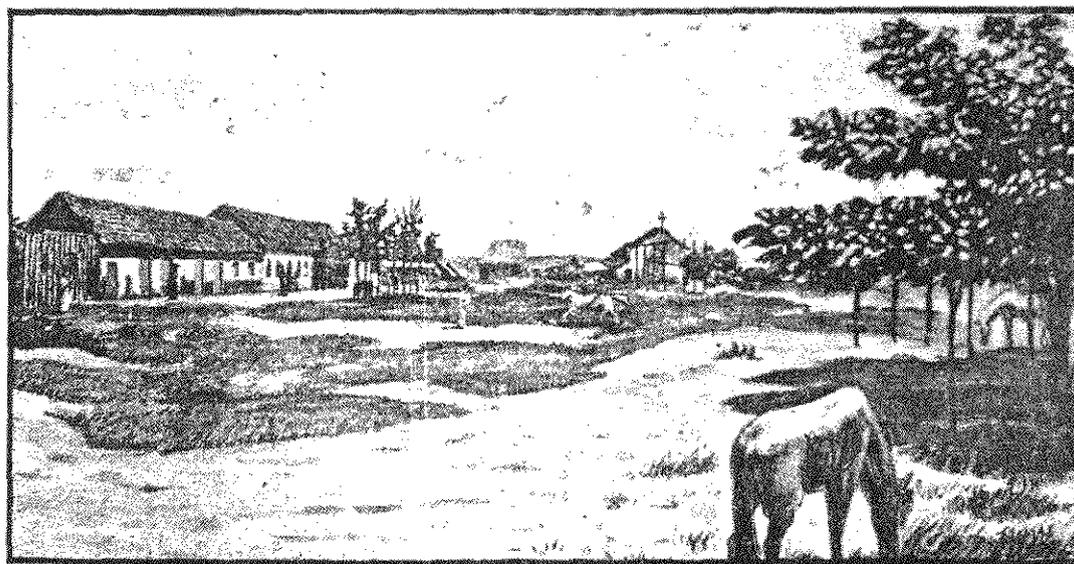
15. É preciso muito tato por parte do viajante no Brasil ao lidar com a gente da roça. Justiça e firmeza são geralmente tudo o que é necessário, e medidas drásticas são no mínimo perigosas, e o viajante pode arricar-se a ser eslaqueado, mas certas pessoas, como as mulas e os cães, melhoram depois de espancadas e passam a admirar seu patrão.

cheiros combinados de carne recentemente abatida e diversos outros odores gerados pelo refugio e lixo do interior da cabana. Ao nascer do sol, o termômetro marcava 72º.

3 de junho – Estando agora a 20 milhas de Chapada, o doutor e eu decidimos seguir juntos e deixar os homens virem trazendo a bagagem e os animais com mais vagar. O passo rápido com que viajavamos era uma mudança agradável da caminhada lenta com que vínhamos jornadeando até então, e decididamente preferível ao “pé no chão”. Depois de poucas milhas atravessamos o Ribeirão de Juçará, onde há novamente indícios de cobre, pela aparência das rochas que afloram em muitos pontos em forma de diques. O leito e as margens do Ribeirão são compostos inteiramente de rochas verde-escuras, de um grão fino e fechado como basalto; estas rochas se estendem por todo o caminho até Chapada. A terra é coberta por toda parte de cerrado, e os vales são estreitos e muito profundos. Depois de uma breve parada para o desjejum em uma pitoresca clareira de relva macia sob a sombra de uma alta caraíba e um mergulho nas águas transparentes de um riacho, continuamos a viagem e logo depois do meio dia chegamos ao vale do Rio Grajaú, e, descendo 200 pés ou mais, à vila de Trezedellas, na margem ocidental do rio e imediatamente oposta à vila de Chapada, a 188 milhas, em minha estimativa, de Carolina.

Atravessamos o rio em uma “montaria”¹⁶ e a água era suficientemente rasa para permitir que os animais a vadessem até o outro lado; o leito e as margens são de rocha verde-escura, o solo do terreno mais alto é argila vermelha, e cascalho com afloramentos de pedra, e a superfície é de areia e cascalho.

Chapada é um pouco como a cidade da Bahia em um aspecto, por ter uma cidade baixa e uma alta. A primeira consiste em uma rua ao longo das margens, paralela ao curso do rio. Uma longa subida incerta por uma inclinação muito íngreme, profusamente obstruída por afloramentos de rocha e buracos fundos, leva-nos à parte principal da vila, construída sobre um platô alto e extenso, esparsamente coberto com uma vegetação de cerrado e um solo seco e cascalhento. Há uma praça com casas destacadas à sua volta, e a velha igreja inacabada de sempre, com andaimes que estão ali há



A praça da cidade de Chapada.

16. Um pequeno barco em forma de canoa.

anos, tão característica de todas as vilas e arraiais do norte. Muitas das casas parecem confortáveis e pretensiosas (pelo menos do ponto de vista nacional), espalhafatosamente pintadas em têmpera, verde, azul, chocolate, amarelo, vermelho, branco, sem a mínima preocupação com a combinação ou harmonia das cores; as janelas têm treliças, e os telhados *projetam-se em largos beirais, formando quase varandas sobre as calçadas de blocos em frente*. Saindo da praça, há várias ruas irregulares de casas, algumas em fila, outras destacadas e divididas umas das outras por suas hortas de árvores frutíferas. Há diversas vendas, armazéns-gerais e galpões abertos de ferreiros, tanoeiros, carpinteiros, pedreiros, etc. Há mais vida e movimento do que em Carolina, mas mesmo assim não é muito. As ruas são repletas de uma areia macia e funda, que se *ergue em nuvens a cada sopro do vento, ou foram invadidas pelo capim e o mato onde o solo é mais firme, ou são quase como uma escadaria grosseira de pedra rochosa, como a subida do rio; o sol derrama seus raios violentos sobre as ruas sem sombra, e todos os que podem mantêm-se dentro de casa, cochilando em suas redes*.

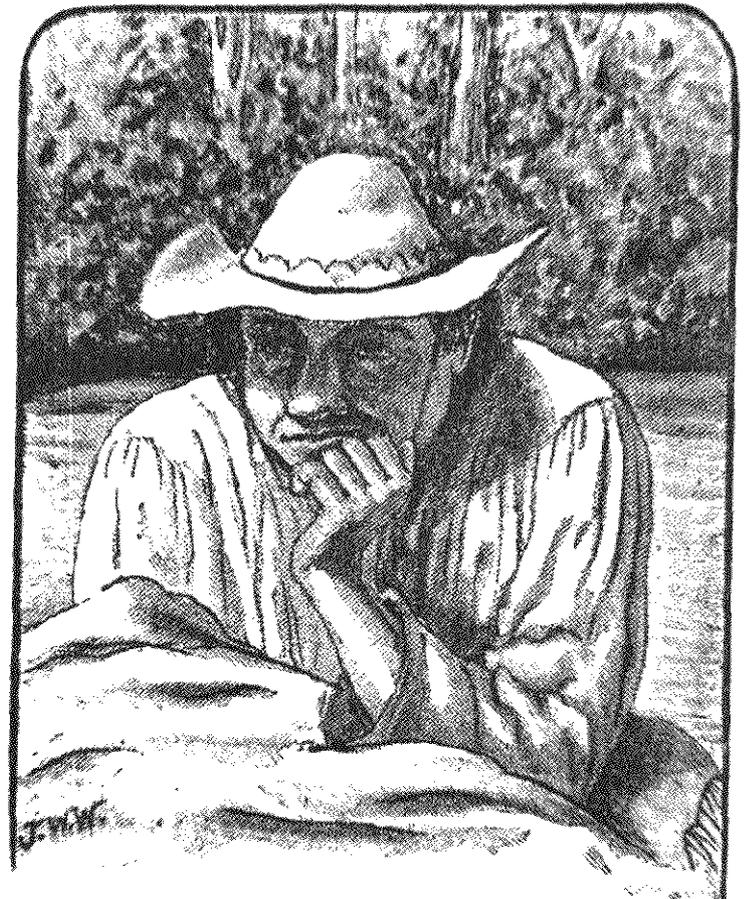
Meu companheiro convidou-me para ir à casa de seu amigo, colega e antigo camarada da faculdade, dr. Cândido Pereira Lemos, juiz de direito da Comarca de Chapada.⁵

17. Esta palavra significa uma esplanada larga, e daí o nome desta cidade nas bordas do tabuleiro.

CAPÍTULO 14

DE CHAPADA, DESCENDO O RIO GRAJAÚ, ATÉ VITÓRIA NO RIO MEARIM

UMA FAMÍLIA AGRADÁVEL – CRIANÇAS DE CHAPADA – UMA REGIÃO RICA EM COBRE – AS SESSÕES EM CHAPADA – COMÉRCIO – UM ÍNDIO BRANCO – FRETAMOS UM IGARITÉ – UMA GRANDIOSA PARTIDA DE CHAPADA – NOSSA NOVA EMBARCAÇÃO E SEUS TRIPULANTES – O RIO GRAJAÚ E SUAS BELEZAS – UM ACAMPAMENTO À BEIRA DA FLORESTA – MACACOS QUE UIVAM – UMA SILENCIOSA SOLITUDE – MOSQUITOS DE NOVO – VIDA ANIMAL DA RIBEIRA – UMA MONTANHA DE PEDRA DE AMOLAR – UM MORRO DE ESPATO ACETINADO – UM LUGAR PÉTIDO – UMA VIAGEM NÔTURNA – TRONCOS SUBMERSOS – ENTERRADOS VIVOS – UMA NOITE DE TORMENTO – BOTES DO RIO – NA FLORESTA – PEIXES FERÓZES; AS PIRANHAS – UMA CORRIDA – UM RIO TORTUOSO – MORRO DO ORATÓRIO – PESCANDO – VEGETAÇÃO DAS MARGENS – ÍNDIOS GAMELAS – PRIMEIRAS HABITAÇÕES DESDE QUE DEIXAMOS CHAPADA – BELEZAS OCULTAS – BORRACHUDOS – TRONCOS SUBMERSOS – UMA HISTÓRIA DE ÍNDIOS – UMA TROCA DE CUMPRIMENTOS – O EFEITO DE UM REVÓLVER – NUMA NEBLINA MATINAL – ATORMENTADOS POR BORRACHUDOS – UM DIA DE JORNADA PARA AVANÇAR 600 JARDAS – UM PARASITA ÚTIL – UMA CENA CREPUSCULAR – UMA COLISÃO COM UM TRONCO – FORMIGAS DE FOGO A BORDO – NO MEIO DO MATO ESCURO – UM PERFEITO INFERNO – TORMENTOS CONTÍNUOS – O DIRETOR DE ÍNDIOS – VALIOSAS PRODUÇÕES NATURAIS DA FLORESTA – ALDEIA INDÍGENA – SOBRADINHO E SEUS MORADORES – UM DESLIZAMENTO DE TERRA – ÍNDIOS ITAMBEIRA – SURGE A FEBRE – UMA MAGNÍFICA FLORESTA – RIO DE ÁGUAS MARRONS – REMADORES INCANSÁVEIS – UM JACARÉ E AS PIRANHAS – UMA PENÉLOPE – UM JANTAR PERDIDO – MATO CERRADO – UM ALARME INDÍGENA – UMA NOITE BARULHENTA DE SAPOS – PERIGOS DE DORMIR SOBRE UM BANCO DE AREIA – TRISTES LEMBRANÇAS – O CLIMA MORTÍFERO DO RIO EM CERTAS ESTAÇÕES – MAIS INDÍCIOS DE COBRE – UMA MAGNÍFICA REGIÃO CUPRÍFERA – INGATIVAS – UMA AVE MERGULHADORA – UMA FAZENDA ABANDONADA DEVIDO AOS MOSQUITOS – UM LONGO DIA DE TRABALHO – ADORMECIDO EM UM COCHO DE GADO – UMA NOITE CANSATIVA – TERRAS HABITADAS – BRILHANTE NITIDEZ DO CENÁRIO TROPICAL – UM CASAL INDUSTRIOSO – UMA CAPOEIRA DE PALMEIRAS – UM LAGO MAL-ASSOMBRADO – AS TERRAS SUBMERSAS À BOCA DO GRAJAÚ – UMA LOCALIDADE INCANDESCENTE – NO RIO MEARIM – NENHUMA TERRA PARA SE ACAMPAR – UMA JORNADA LENTA E FATIGANTE – CHEGADA EM VITÓRIA – APOSENTOS RÚSTICOS.



Manoel, o piloto.

Passei três dias com o Dr. Cândido e sua família durante as preparações para a viagem de descida do Rio Grajaú. Logo após nossa chegada, todos os principais habitantes vieram visitar o meu companheiro de viagem. As visitas eram conduzidas com muita cerimônia e reverências de lado a lado e trocas de cumprimentos pomposos e vazios, mas, apesar de seu amor à formalidade (que logo desaparece depois que se quebra o gelo das apresentações), muitos dos fazendeiros e comerciantes são sujeitos francos e ativos e se não tivessem sido acostumados por tanto tempo aos hábitos indolentes e conservadores que predominam entre eles, seriam sem dúvida uma gente mais prática. Um deles, o capitão Antônio José dos Matos, trouxe-me amostras do cobre e plumbagina nativos, encontrados em um afloramento de rochas a cerca de 4 milhas de distância, e como insistiu muito para que eu fosse ver o local, acompanhei-o até lá.

O distrito é extremamente pedregoso, e rochas afloram acima do solo em todas as direções. O lugar onde as amostras de cobre nativo foram obtidas era um veio de rochas que corre para nordeste e sudoeste; seu curso podia ser traçado por muitas centenas de jardas, e em diversos pontos eu consegui boas amostras de cobre, tanto em estado nativo como em outras formas. A plumbagina fica em outro distrito a leste, ao qual não fui.

Tendo sido pressionado por diversos dos habitantes a fazer-lhes uma visita, procedi a uma ronda das casas. Os homens são cheios de casos para contar e ansiosos para saber tudo sobre mim, meu salário sendo o tópico infalível de interesse. As mulheres mais idosas são velhas damas tagarelas, sempre consideravelmente *en déshabillé*, as mães mais jovens são enfermiças e cansadas dos cuidados com a casa e a progênie quase sempre numerosa. As moças raramente são bonitas (exceto quando muito jovens), e embora uma flor freqüentemente adorne seus cabelos negros, elas são tão desleixadas e mal-ajambradas como suas mães e tias. Mas as crianças, especialmente as mais novinhas, eram meu horror; mesmo nas famílias mais prósperas elas são amareladas, mirradas e dotadas de proeminentes “panças”, quase sempre nuas, a maior parte das vezes infestadas, como suas mães, com o “*pulex capital*”, e completamente imundas; suas bochechinhas exibem camadas contornadas de encardido, onde o constante fluxo de lágrimas lavou a sujeira em sulcos sucessivos. São terrivelmente mimadas, berram à mínima provocação e mordem, arranham, e até insultam com nomes feios os pacientes negros que cuidam delas. Mesmo quando seu escarcéu impede a conversa, a mãe apenas protesta suavemente dizendo, “Ai! Meu Deus! Ó que menino! Não faça isto, meu bem. Não chora, benzinho. Ah! Meu Deus!”. Observações que naturalmente só resultam em berreiro redobrado, quando então a criança é levada para longe gritando, chutando e mordendo. Ao ver-me, algumas põem-se logo a berrar, outras aproximam-se amigavelmente, lambuzam-me com mãos grudentas e malcheirosas e montam nos meus joelhos e assentam neles seus corpinhos nus, mais apropriados para serem levantados com um par de tenazes e jogados em um chiqueiro congénial. Certamente, elas não são o que se considera crianças beijáveis.

As sessões estavam abertas na ocasião, e o juiz local partia toda manhã às 11 horas, em sua pintura de guerra, que se compunha de uma casaca preta, cartola, sapatos de couro tratado e guarda-chuva (o termômetro a 88^o), para descer para a cidade baixa, onde os julgamentos têm lugar em uma salinha apinhada de uma pequena casa de porta e janela. Todos os processos eram por fâcadas e ferimentos, geralmente com resultados fatais; mulheres, cartas e cachaça sendo as causas primárias de todos os problemas; e por maior e mais horrível que seja o crime, o criminoso nunca recebe a pena capital, mas é sentenciado à prisão perpétua, ou a um certo número de anos, que podem ser servidos,

ou na penitenciária de Fernando de Noronha, ou na prisão da província, ou mesmo na cadeia local. O juiz sai de casa com muitos gemidos e suspiros, como se fosse o mais sobrecarregado dos seres, e retorna por volta de 2 da tarde, abatido e exausto com seus esforços. Toda noite a banda municipal marcha morro acima e faz uma serenata para o meu companheiro de viagem. Ela se compõe de duas cornetas, um trombone, uma flauta, dois violinos e um tambor grande; o tambor grande e o trombone são especialmente eficientes, os outros instrumentos “desaparecem”. A homenagem não seria completa sem alguns foguetes, que são devidamente estourados nos intervalos.

Chapada (originalmente, como Carolina, uma aldeia indígena) tem uma população de mais ou menos 1.500 habitantes. É difícil obter qualquer informação confiável sobre este ponto, já que não se mantém ou faz qualquer recenseamento; só posso fazer uma estimativa pelo número de casas. Um comércio de boas proporções é mantido com o interior, tanto de exportação como de importação, pois há navegação ininterrupta daqui para a costa. Sal, ferragens, mercadorias de algodão, armas de fogo, pólvora e chumbo são os itens principais de importação, e couro, carne-seca, salsaparrilha, bálsamo de copaíba, fumo, piaçava¹ e cachaça, os de exportação. Não há qualquer estatística das quantidades, e embora estas sejam sem dúvida consideráveis para uma cidadezinha como Chapada, o tráfego não compensaria nenhum gasto mais dispendioso na melhoria da rota, nem vejo, na ausência de imigração, qualquer razão para que se espere algum melhoramento perceptível imediato. Há uma ferrovia que se propôs construir de Barra da Corda até Carolina, o que sob as presentes condições de tráfego é realmente bobagem. Seria dispendiosa de construir e somas consideráveis teriam de ser gastas anualmente para mantê-la em funcionamento. Barra da Corda é uma cidadezinha no Rio Mearim, a cerca de 70 milhas a leste de Chapada. O rio é navegável e os vapores sobem até Barra da Corda a partir da cidade do Maranhão. Infelizmente, eu só descobri este fato depois de deixar Chapada, senão eu teria evitado a desconfortável viagem Grajaú abaixo, indo, em vez disto, para Barra da Corda.

Na casa do Dr. Cândido percebi uma criada, desleixada como era de se esperar, em comparação com a qual uma empregada de pensão londrina no estágio inicial de seu dia de trabalho pareceria limpa e bem arrumada. Esta mulher em particular era praticamente branca, com longos cabelos castanho-escuros e lisos e olhos cinzentos, e todavia tinha um rosto inconfundivelmente chato de índia, o que me fez indagar de onde ela vinha; fui informado de que ela era uma índia pura, de uma raça conhecida como “índios brancos”, do baixo Tocantins. Vi também um belo rapaz atlético, só um pouco mais escuro que muitos espanhóis, um índio Guajajara do Rio Pinaré. Embora tanto o homem como a mulher, especialmente a mulher, possam passar muito bem no

1. *Attalea funifera*.

Brasil por “gente branca”, se se considerar apenas a sua cor, no entanto ambos tinham as inegáveis características principais dos índios: a cabeça grande com maçãs do rosto altas, e face larga e chata, olhos pequenos, nariz pequeno, e lábios proeminentes mas não grossos, queixo pequeno e testa estreita, pescoço curto, peito largo e fundo, braços longos, quadris, mãos e pés pequenos, e estatura baixa.²

Recebi uma visita um dia de um jovem, que, sabendo que eu era “engenheiro”, veio pedir-me que fizesse o obséquio de consertar o seu relógio. Ele pareceu surpreendido quando eu lhe disse que não conhecia o mecanismo dos relógios, mas vendo que seu Geneva estava aparentemente só sujo demais, recomendei que o “fervesse”, pois ouvira falar que isto já surtira efeitos. Ele prometeu fazer a experiência.

Conseguimos fretar um igarité, com os serviços de um piloto e três remadores. O barco tinha-nos sido oferecido, colocado de fato às nossas ordens, por um dos mais ardentes dos dedicados amigos de meu companheiro de viagem, e que nos cobrou apenas o dobro do que descobri depois ser o preço normal. Estes foram os preços que pagamos pela viagem a Arari:

Frete do igarité	60\$000.
Salário do piloto	60\$000.
Três remadores	150\$000.
Provisões.....	26\$660.

	296\$660

Digamos, por alto, 30 libras por 12 dias de viagem para nós dois, três criados, e os quatro homens que compunham a tripulação, nove pessoas ao todo. Considerando que a embarcação obteria um carregamento para voltar, era caro demais.

Entre os gêneros que armazenei, comprei em Chapada *ale* de Tennant, biscoitos Huntley and Palmer, fósforos Bryant e May, sardinhas e frutas engarrafadas francesas, vinho português, querosene americano e velas de carnaúba, mas o feijão, a farinha, a carne seca, o porco salgado, sal, açúcar, café e cachaça formavam a parte mais substancial das provisões.

O dia 6 de junho chegou finalmente, um dia de alegria, pois era o dia de nossa partida. Toda a “gente graúda” (magnatas) do lugar, os coronéis, os majores, os capitães, os tenentes, e os alferes, reuniram-se na casa do dr. Cândido, devidamente ataviados em suas melhores fatiotas (alguns de casaca preta e cartolas), para formar um desfile de honra e escoltar meu companheiro até o barco. Os aduces preliminares consistiram em

2. Os índios Bacairis, que antes habitavam a região do Rio das Mortes, na província do Mato Grosso, tinham, segundo se relata, a pele branca e eram um ramo dos Parecis, a principal tribo indígena do Mato Grosso. Henderson menciona em sua obra os Manajós, ou índios brancos do Maranhão, estabelecidos nas proximidades do Içá antins, abaixo do Rio Araguata. Esta raça é também conhecida pelo nome de Anambés.

muitos abraços e trocas de todos os tipos de votos de felicidade eterna, boa sorte e boa saúde, e depois, despedindo-me de meu bom amigo, Jr. Cândido, e sua gentil senhora, dona Maria, juntei-me à retaguarda do desfile que ia crescendo à medida que avançávamos. No porto havia uma multidão de homens, mulheres, crianças e diversas negrinhas com cestas de pães, bolos, conservas, queijos, mel e ovos, todos presenteados a meus companheiro; três grandes botes estavam no rio para receber a escolta de amigos; em um havia uma banda de tambor e trombone, que imediatamente deu início à sua barulhenta operação, acompanhada de disparos de foguetes e bombas que explodiam, gritos e vivas, qualquer coisa que contribuísse para o estardalhaço e barulho que o matuto tanto ama.

Mais abraços e discursos inaudíveis em meio à algazarra têm lugar, enquanto subimos em nossa embarcação; finalmente levantamos ferro, seguidos pelo comboio de botes carregados com a banda e todos que conseguiram se espremer a bordo. Por muitas centenas de jardas, as margens estão repletas de habitantes da cidade, que gritam seus vivas a plenos pulmões, foguetes são disparados de margens e barcos, bombas explodem com estrondo, a banda barulhenta e a gritaria ecoam e reecoam entre os barrancos rochosos das bordas, num alarido ensurdecedor. Seguimos por cerca de uma milha, e aí os amigos do doutor desembarcam e encontram-no em terra para um último afago amoroso, com os braços enlaçados em seu pescoço e tapinhas doces e apaixonadas nas costas. Ele responde com um excelente discurso, como quase todo brasileiro educado é capaz de fazer, e fazer bem, e, depois de mais uns abraços, ele se livra, nós desatracamos e os homens remam furiosamente para longe dos ecos do último viva. O doutor disse-me então que estava muito irritado com essa manifestação toda, já que ela tinha o objetivo evidente de deixar clara a rejeição a seu colega, que não é popular no distrito.

Agora que podemos nos abandonar à solidão silenciosa da floresta e do rio, é possível examinar a nova embarcação. O *igarité* é um barco largo, raso, de convés corrido, com 20 pés de comprimento e 6 pés de boca, e só duas polegadas acima da água a meia-nau; seu calado é raso e ele não tem quilha, a proa e a popa são redondas, levantadas e pontudas como uma colher; o leme é substituído por um longo remo largo, que gira em um entalhe na ponta da popa; a meia-nau, uma cabaninha de teto redondo, feita de folhas de palmeira, coberta com as mesmas e forrada com couro, faz as vezes de cabine e salão e tem apenas espaço suficiente para as provisões, bagagem e um estrado; as extremidades são abertas e há uma outra entrada através de uma pequena abertura do lado, como a entrada de um canil. O piloto, Manoel, é um sertanejo de olhos mansos, muito quieto e moreno, a quem aparentemente nada pode perturbar, apressar ou enervar; ele é lento na fala e nos movimentos, veste um casaco e chapéu de couro, camisa e calças de algodão grosseiro. A tripulação não tem uma aparência

muito atraente; um deles é um sujeito moreno e idoso, com um rosto longo e imberbe e lábio inferior caído; o outro é um sujeito selvagem, folgazão e incontrollável, com uma grande massa de cabelo grosso e crespo; ele grita, ele canta e exhibe seus dentes serrilhados, ri o tempo todo, faz piadas e caçoa de seu companheiro de expressão solene; o terceiro é um cavaleiro mais jovem e moreno, com um rosto taciturno e macanibúzio. “Camisolas” (camisas de algodão sem mangas) e calças são suas únicas vestimentas. O juiz e dois criadinhos negros, meu criado Bob e eu completamos o grupo.

No porto de Chapada, medi o rio e verifiquei que ele tinha 109 pés de largura, com profundidades variando de 3 a 6 pés, no que era então um mês seco. A correnteza flui à velocidade de cerca de uma milha por hora. A água é clara e tépida. O nível normal da água é de 366 pés acima do mar, 72 pés abaixo do Tocantins, em Carolina, e 150 abaixo da cidade alta de Chapada. Este rio é maravilhosamente belo, barrancos de rocha verde-escura, de 10 a 30 pés de altura, formam as margens, por cuja face pendem as imensas raízes de grandes árvores que crescem no solo do topo, a água escorre e pinga pela ribanceira a cada poucas jardas, e a umidade faz crescerem fetos e musgos em cada fresta e fissura, e nas partes mais estreitas do rio as grandes árvores espalham seus galhos lá no alto de cada lado e misturam-se umas às outras em arcadas de verdura, as folhas verde-douradas, formando um rendilhado escuro e opaco de galhos contra o céu azul, que aqui e ali deixam passar uma torrente de raios de sol sobre as águas sombreadas do rio.

As árvores mais conspícuas são as gameleiras de folhas largas e troncos de formas fantásticas, as samaúmas ou barrigudas abauladas,³ a bignonia, o pau d’arco⁴ de flor roxa, e o tronco verde do pau de embira.⁵ A vegetação rasteira inclui arbustos da família das mirtáceas, grandes moitas de bambus de diversas variedades (alguns atingindo uma altura de 50 pés) e o gravatá branco,⁶ cujas notáveis fibras podem ser transformadas em levíssimo papel. Palmeiras de qualquer tipo são raras nestas matas.

O hote avança a bem quase 4 milhas por hora, impulsionado por quatro remos (pois Bob juntou-se à tripulação). Os homens ficam de pé e remam puxando os longos remos com ímpeto. Os toletes são formados, cada um, pelo prolongamento das costelas do barco, 2 pés acima do tombadilho, em cujas extremidades se prendem os remos. Como já eram quase 4 da tarde quando partimos, fizemos uma jornada curta e atracamos, ao pôr-do-sol, nas margens rochosas, em um ponto onde as raízes de uma grande gameleira lá em cima tinha espalhado uma rede de ramificações, deixando buracos e frestas parcialmente cheios de terra e depósitos, exatamente os lugares onde as cobras adoram se entrosar. Escalamos o barranco e limpamos um espaço na mata; acende-se a fogueira, o jantar é preparado e comido, as redes suspensas onde quer que haja um local conveniente (prefiro minha cama de caixas a bordo), e aí temos a longa noite escura diante de

3. *Ginnia echinates*, que fornece a seda vegetal.

4. *Tecoma curatilis*.

5. *Xylopiu frutescens*.

6. *Berberga tinctoria*.

nós. Quando o sol se põe, a floresta ressoa com os profundos rugidos roucos dos guaribas,⁷ lembrando mais o mugido de um touro do que o de um animal tão pequeno; mas à medida que o curto crepúsculo se transforma em noite escura, eles cessam seu alarido, e um profundo silêncio se segue, perturbado apenas pelo leve zumbido contínuo dos mosquitos e o ruído do pulo ocasional de um peixe na água. A noite é morna e abafada (82^o), cobertas grossas são insuportáveis, e os mosquitos se divertem; eu já começo a sentir saudades das noites frescas dos planaltos abertos que atravessamos tão recentemente. Mas danem-se estes mosquitos – *plaft – plaft* –, se há algo que faz um homem se sentir cruel é tornar-se uma presa indefesa de nuvens desses mosquitos sedentos de sangue.

Estamos todos de pé às 4 da manhã, e depois de um pulo no rio, que refresca em parte o corpo febril depois de uma noite cheia de mosquitos, levantamos ferro enquanto ainda está escuro e deslizamos lentamente com a correnteza para evitar uma colisão violenta com troncos submersos. Depois de algum tempo, a aurora cinzenta aparece, e a neblina rola para longe da superfície da água morna; à medida que as sombras vão sumindo e a luz morna do romper do dia brilha sobre as árvores e a água, as matas despertam em sons, o sonoro pássaro-sino (araponga) tange suas orações, um lindo corrupeirão⁸ vermelho, dourado e púrpura-escuro chilreia suas doces notas (provavelmente o único pássaro tropical de plumagem viva que sabe emitir notas melódicas). Os guaribas uivam de novo a distância, um grupo de macacos marrons nas árvores tagarelam e riem para nós quando passamos. Sobre um barranco lamacento à nossa frente avistamos um pavão selvagem do Maranhão caçando moscas e mosquitos. (Por que ele é chamado de pavão eu não sei, a menos que a similaridade de seu grito tenha originado o nome). Ele é de cor púrpura escura e uma ave de formas delicadas, do tamanho de uma galinha comum. Um jacaré de tamanho pequeno e diversas capivaras desajeitadas aparecem em seguida.

Em uma parte do rio chamada Santa Luzia, o embarcadouro de uma fazenda próxima, há uma montanha considerável, composta quase inteiramente de pedra de amolar⁹ da mais fina qualidade.

Ao meio-dia, passamos por um alto rochedo de pedra branca, que cintila e rebrilha ao sol; sua base está gasta pelo rio, e seu cume avança consideravelmente por sobre a água; sua substância é a variedade fibrosa de gipsita conhecida como espato acetinado. O rochedo tem cerca de 60 pés de altura, e estende-se pelas matas em uma elevação maior.

Depois de passarmos por este rochedo, as barrancas dão lugar gradualmente a inclinações baixas e musguentas, ou a terreno baixo, que é tão coberto de mato denso e árvores e trepadeiras em flor que não se vê o solo.

7. *Mi. us beelzebub*

8. Pertencente ao gênero *Xanthornis*

9. Esta espécie de arenito pertence aos períodos carbonífero ou devoniano.

Atracamos, ao pôr-do-sol, em terreno nem 2 pés acima da superfície do rio, e como as cheias chegam a elevar-se em Chapada 20 ou 30 pés acima do nível de então, pode-se ter uma idéia da malária e dos mosquitos que são ocasionados pelo recuo das águas destas terras inundadas. O solo é macio e repleto de folhas em decomposição, através das quais nossos pés afundam como em uma esponja. O ar é abafado e bolorento, o calor morno e úmido, como o de uma estufa fechada; os mosquitos são tão numerosos que suas notas unidas criam um rugido como o som de uma cachoeira distante. Temos de nos manter em contínuo movimento ou ficar a sotavento do fogo, em meio à fumaça. Não perdemos tempo com o jantar esta noite e, logo que podemos, partimos de novo pela escuridão da noite; a lua é nova, a luz é fraca e as sombras escuras são intensas.

Pouco depois de partirmos, trombamos em um tronco submerso, e a embarcação aderna, um dos lados afunda sob a água, e se o barco não tivesse convés teria feito água e ido ao fundo. Como o rio não tem mais de quatro pés de profundidade, os homens entram na água, e com machados e facas libertam o barco do tronco.

Por volta das 8 horas da noite atracamos em um banco de areia, onde somos de novo tão perseguidos por mosquitos que os homens cavam covas na areia e enterram-se nos buracos, deixando apenas suas cabeças acima do chão, cobertas com um pano. Eles haviam remado de 5 da manhã às 8 da noite e, estando muito exaustos, adormecem logo em suas insólitas camas, que formam uma visão curiosa de se ver à luz do sol, uma fila de cabeças fincadas na areia. O juiz tinha sabiamente trazido um mosquiteiro, através do qual ele passa as cordas da rede; o meu, infelizmente, ficou em Formosa. Eu tento de todas as maneiras escapar de meus algozes, mas em vão; a noite está abafada e quente, e eu a atravesso lenta e horrivelmente andando de lá para cá sobre o banco de areia, pois tentar deitar para dormir é escolher entre ficar semi-sufocado pelo calor das cobertas, ou ser picado pelos malévolos insetos.

Acordo todo mundo às 4 da manhã, e logo depois estamos a caminho no escuro e na neblina; aí, sem pensar em troncos submersos ou naufrágios, consigo obter o desejado sono.

Por volta das 8 da manhã, passamos por um bote (que tinha deixado Chapada no dia anterior ao da nossa partida), carregado de couros e bálsamo de copaíba, com destino ao Maranhão; a tripulação de oito índios nus está comendo o desjejum na margem, suas peles grossas aparentemente impermeáveis às picadas de mosquitos, pois os homens estão sentados tão tranqüilamente como se não houvesse insetos por perto.

À hora do desjejum, entro pela floresta próxima, que neste ponto é notavelmente livre de vegetação rasteira, e mesmo os cipós habituais são poucos em número e variedade. É uma cena inusitada ver este labirinto de troncos altos e retos (desde a árvore

maciça de 12 ou 15 pés de circunferência, até o tronco comprido e esguio da árvore nova, cuja copa de galhos fica tão acima do terreno que parece ser de equilíbrio instável), todos eles sustentando um grande pálio de folhagem escura, quase impermeável aos raios de sol. Pode-se seguir com o olhar grandes colunatas destas árvores, até onde as colunas mais distantes parecem mesclar-se com a indistinção azulada da sombra escura. Sob os pés, o solo é macio da acumulação de folhas caídas, todas apodrecendo em meio ao solo negro e à umidade do chão. O ar é frio e úmido, mas tem um cheiro leve e enjoativo como o de uma sepultura. Como o solo da floresta fica apenas uns poucos pés acima da água baixa do rio, ele deve ficar profundamente inundado pelas enchentes anuais, que provavelmente já varreram ou afogaram a vegetação rasteira, e a sombra densa impede sua renovação.

Não volto sem uma contribuição para o farnel, pois ouvindo os sons de assobios baixos em meio à folhagem lá do alto, distingo ali alguns macacos, atentamente seguindo meus movimentos com evidente curiosidade. Um tiro derruba um deles, um tipinho marrom e engraçadinho, com uma franja de pêlos cinzentos em volta da cara.

Retorno então à margem, com a intenção de dar uma nadada, mas a cena com a qual me deparo tem o efeito de demover-me dessa intenção. O juiz está sentado no barco com um pau em sua mão, balançando uma linha com um pedaço de carne amarrado na ponta e içando piranhas a bordo uma atrás da outra; não é necessário anzol nem flutuador, pois, assim que a isca entra na água, muitos peixes lutam e brigam uns com os outros para agarrá-la, e então (enquanto se agarram com firmeza à carne) elas são facilmente atiradas a bordo. O convés está repleto delas, pulando e batendo com seus dentes serrilhados e afiados.

Estes peixes pequenos mas ferozes¹² são um dos perigos de muitos rios brasileiros (no Rio Grajaú, excepcionalmente abundantes) e têm a fama de poder reduzir a um esqueleto, em comparativamente poucos minutos, qualquer cavalo ou boi que entre na água. No Grajaú, elas variam de 4 a 14 polegadas de comprimento, suas proporções são cerca de um terço de seu comprimento em profundidade, das costas até debaixo da barbatana, e cerca de um sexto de seu comprimento em espessura. A cara é bem aquela de um buldogue, e a boca é armada com uma formidável fileira de dentes de quinas agudas, pontas afiadas e serrilhados, tão afiados que um dos peixes, que pulava pelo convés, facilmente cortou em duas uma vareta, que enfiou em sua boca. Sua cor é um púrpura-escuro e azulado nas costas, clareando pelos lados até o verde-claro e vermelho profundo e terminando em um ocre amarelado por baixo. Elas são similares às piranhas do Rio São Francisco, das quais há um esboço na página 268 do volume I.

O bote pelo qual tínhamos passado no início da manhã passa por nós agora en-

12. Serra Salmo Piraxi; Cuvier. O carneiro do Orenoco.

quanto comemos, mas ao meio-dia alcançamo-lo novamente e começa uma bela corrida: oito remadores contra quatro. Ambas as tripulações esforçam-se ao máximo, mesmo o nosso fleumático Manoel agita-se um pouco e anima brandamente seus homens: "Puxa, rapaziada, puxa!" Eles gritam e lutam com todas as forças, seus olhos lampejam, e a transpiração escorre por seus rostos e peitos. Finalmente passamos à frente entre os gritos de escárnio de nossa tripulação, que oferecem um cabo para rebocar o "bote velho". "Vam'embora! vam'embora rapaziada! Adeus! Adeus, bote velho!". O "bote velho" foi ignominiosamente derrotado e nunca mais nos ultrapassa.

As altas barrancas do rio agora desapareceram por completo, e durante todo o dia passamos por florestas de troncos altos e retos, com quase nenhuma vegetação rasteira, uma visão que mais lembra um bosque de pinheiros do que a típica floresta brasileira.

Eu tinha saído de Chapada com a intenção de mapear grosseiramente o curso do rio, mas este é tão extremamente tortuoso que a operação de aproximadamente determinar a direção é quase impossível, a não ser por um processo que o tempo e as condições não permitem. Até agora não aparecera uma seção reta do rio superior a 100 jardas. Tentei pacientemente calcular por alto o comprimento dos ângulos que variam de modo incessante, compreendendo os quatro cantos da bússola, mas, quando desenhado, o curso resultou num tal emaranhado, e as curvas se misturaram tanto, e o rio cruzava e recruzava a si próprio tão repetidamente, que eu quase deixei tudo de lado em meu desespero.

Vários jacarés pequenos (caimões) flutuam descansadamente sobre a água como troncos, mas mergulham com um coleio quando nos aproximamos; e um grande socó¹¹ marrom é visto nas margens de um arroio tributário, esperando por peixes, com seu longo pescoço dobrado e escondido em meio às penas dos ombros, e freqüentemente as belas garças brancas¹² mergulham no ar à nossa frente, quase roçando a superfície das águas com suas asas de neve estendidas. À luz da lua, prosseguimos a viagem até bem tarde da noite. Os homens remam quietos e cantam em voz baixa suas canções fluviais, acompanhadas pela batida regular dos remos e o murmúrio e encrespar das águas dos lados do barco, sons que criam um estranho e insólito efeito no silêncio pesado da noite e nas intensas sombras da floresta, enquanto o denso orvalho forma leves nuvens transparentes no ar frio e úmido.

Por volta de 8 da noite, avistamos um morro redondo isolado, a uma pequena distância do rio à direita, conhecido como Morro do Oratório, devido a uma cavidade profunda e larga que aparece a meio caminho de sua face. À brilhante luz do luar uma mancha grande e branca podia ser discernida na encosta, o resto do morro estando coberto pela vegetação. Os padres deste distrito são evidentemente pouco empreen-

11 *Ardea herodias* L.

12 *Ardea candidissima*

dedores, ou teriam estabelecido aqui um novo São Bom Jesus da Lapa em um receptáculo natural tão evidentemente adequado para um santo troglodita.

Atracamos às 9h30 em uma praia arenosa circundada por floresta, onde passamos uma bendita noite sem mosquitos. Manoel pôs uma isca na linha ao chegarmos e pegou dois surubins gordos, cada um pesando 5 ou 6 libras. Estes peixes são de certo modo similares em forma e em textura de pele a seus parentes do São Francisco, mas são marcados por faixas longitudinais de tom neutro escuro sobre um campo cor de camurça-clara, em vez de pintas.

A manhã surge fresca e fria com as neblinas matinais, termômetro indicando 70°. Saímos ao romper da aurora, pois estas primeiras horas da manhã são preferíveis ao calor do dia. A viagem de hoje mostra uma mudança no caráter da floresta, pois não apenas a maior parte da vegetação é composta de uma grande variedade de palmeiras, mas a disposição geral é muito diferente de qualquer das florestas do alto do rio. A vegetação rasteira é densa, mas acima dela não há um dossel escuro de folhas suspensas em colunatas de troncos altos, pois, aqui nestas florestas de palmeiras, as árvores e palmeiras mais altas formam grupos, ou erguem-se isoladas e separadas do grupo seguinte, ou da próxima árvore ou palmeira isolada, por um intervalo de vegetação mais mirrada. Cada um desses agrupamentos é imensamente diferente um do outro, e cada poucas jardas apresentam uma mudança variegada na composição e arranjo das plantas. Por exemplo, entre arbustos forrados de parasitas em flor, uma palmeira márjá levanta sua imensa fronde como um volante gigantesco, ou uma palmeira bacaba surge envelopada nas voltas serpeantes de um imenso cipó que, junto à copa emplumada de seu sustentáculo, ramifica-se nos galhos de uma grande árvore, que irá fatalmente espremer e destruir a palmeira, e depois assumir a aparência de um imenso saca-rolhas. Em seguida, vem uma clareira repleta de bambus nanicos, palmeiras inajá em plumas e “cana braba”¹³ (cana-de-açúcar silvestre), misturada com arbustos espinhentos e plantas parasitas, todos brilhando e cintilando à luz do sol. Agora uma enorme samaúma ergue seu enorme tronco abaulado muito acima de seus vizinhos mais baixos, suavizando as cores destes com a sombra profunda de sua vasta folhagem. O próximo é talvez um grupo de mais palmeiras altas, todas entrançadas com parasitas pendentes ou cipós em flor festonados, de cores brilhantes e vívidas, e assim poderíamos continuar e encher páginas com a descrição destas lindas florestas de palmeiras onde a vegetação é tão variada. À claridade forte do meio-dia vêm-se alternadamente massas largas de folhagem brilhando ao sol, e sombras suaves projetadas sobre a verdura mais baixa pelos galhos espalhados de imensas árvores umbráticas.

Durante a manhã, encontramos dois botes e um igarité que sobem o rio do

13. Os índios fabricam suas melhores flechas deste bambu, que é reto, leve e resistente.

Maranhão para Chapada; as tripulações de remadores são índios nus da tribo dos Gamelas,¹⁴ sujeitos fortes e robustos; eles seguem seu caminho lentamente e com dificuldade contra a corrente. Que esforço de labor paciente é este, e eles já viajam há quarenta e um, quarenta e três e quarenta e seis dias, respectivamente, vindos de Arari no Rio Mearim.

Mais adiante, atiro em um jacu, pousado em um ramo que se estende sobre o rio, e a ave cai na água ajeitando; mas antes que possamos alcançá-la, é arrastada para longe de nossas vistas pelas piranhas, que saltam e agitam a superfície da água em sua luta umas com as outras pela presa.

Às 10h30 atracamos no porto do tenente-coronel Mariano Bandeira, um fazendeiro. Até aqui não tínhamos passado por nenhuma habitação ribeirinha desde a saída de Chapada. Nesta região, as encostas dos gerais, ou planaltos, chegam a uma milha do rio, e em suas campinas abertas há algumas fazendas de gado, 5, 10 ou mesmo 20 milhas distantes uma da outra.

A casa do coronel é construída com paredes de adobe e coberta de telhas, o centro é aberto para a fachada e cercado dos lados e atrás pelos diversos cômodos da casa; este espaço aberto sob o telhado serve de acomodação para os viajantes que passam e é generosamente provido de ganchos para pendurar suas redes.

Um negro velho informa-nos que o “coronel” e seus filhos estão fora, “campeando o gado” (levando o gado para novos pastos), e que as mulheres do estabelecimento estão ocupadas (ou, em outras palavras, tímidas demais para aparecer), mas sentimos que somos vigiados, pelo som de risadinhas e o farfalhar de saias que se ouvem atrás da porta quase fechada.

Durante o resto do dia, uma brisa fresca vem temperar os raios escaldantes do sol; o juiz, no entanto, diz não conseguir suportar a claridade e o calor nem mais um momento, e jaz estendido sob a sombra da tolda, ou cabine, mas de modo algum repousa imperturbado, pois uma nova tortura vem agora a bordo em forma do pium,¹⁵ um horrachudo preto, pequeno como um grão de pólvora fina; e como eles preferem a sombra ao sol, andam dando trabalho ao meu companheiro. Ele está cercado de nuvens destes insetos e, enquanto coça sua pele que arde, amaldiçoa-os violentamente; ainda assim não quer abandonar a sombra sufocante da tolda, e está sendo rapidamente coberto no rosto e nas mãos de pontinhos vermelhos minúsculos. A cada picada os insetos tiram sangue, a pele inflama rapidamente e causa um ardor dos mais irritantes e a perfuração forma um pontinho preto que permanece por muitos dias.

Aparentemente, o único obstáculo à navegação do Grajaú, além de seu comprimento quadruplicado por curvas e viradas e longas voltas, é a quantidade de troncos

14. Estes Gamelas foram denominados assim pelos brasileiros devido ao costume que possuem, quando em estado selvagem, de usar um pedaço de madeira redondo ligeiramente côncavo em uma tenda em seus lábios interiores, o qual lembra um pouco uma gamela, isto é, uma vasilha, e é um adorno comum às principais raças aborígenes.

15. *Trombidium*, sp. (?)

submersos. Há dois anos atrás (em 1873), a província pagou 10.000\$000 (por volta de 1.000 libras), para removê-los, mas como os barrancos consistem principalmente de solo aluvial macio, as árvores caem continuamente no rio, obstruem a passagem de barcos e tornam a navegação perigosa, pois em alguns pontos a corrente é tão forte que, ao dobrar repentinamente qualquer uma das curvas fechadas, um barco corre o risco de trombar com um tronco antes de poder evitá-lo e emborcar. Em um determinado local, um grande jatobá¹⁶ caiu no rio, e mal deixa espaço suficiente para passar entre seus galhos e o mato da margem oposta; e assim, os galhos levam parte da cobertura de folhas de palmeira da cabine.

No fim da tarde passamos por um rochedo alto de terra avermelhada, encimado por mato e floresta, que Manoel conta-me ter sido o cenário de uma aventura que ele vivera com os índios em 1863. O seguinte é, do melhor modo que posso traduzir, a sua narrativa de um episódio romântico de magnanimidade indígena, embora seja quase tão impossível transmitir o sentido dos termos e expressões curiosas do piloto quanto verter do escocês informal para o francês idiomático.

“Desde muito jovem eu vivi por este rio, por muitos anos como remador e varejador, e agora como prático (piloto). Há alguns anos atrás, os índios itambeira eram todos selvagens e freqüentemente devastavam as fazendas afastadas para vingar seus camaradas assassinados, pois sempre que víamos um índio naquela época costumávamos atirar nele, mas muitas vezes os botes eram surpreendidos e a tripulação morta em retaliação. Ah! aqueles eram tempos selvagens! Ora, no ano de 1863, eu era varejador em um barco que retornava do Maranhão, e estávamos todos cantando em coro uma canção enquanto impulsionávamos o barco lentamente correnteza acima, quando, ao nos aproximarmos daquele rochedo e virarmos a curva, Ave-Maria! um grande número de índios selvagens surgiu de dentro do mato com arcos retesados apontados para nós; fomos totalmente pegos de surpresa, e antes que pudéssemos carregar nossas espingardas, um grande número deles pulou dentro d’água e nadou ou veio vadeando pela água até nossa embarcação, pois estávamos próximos da margem. Era inútil resistir, pois uma dúzia de flechas estava apontada para cada um de nós. Os índios subiram a bordo, e, apesar de nossos esforços, fomos vencidos pelo peso do número, sobrepujados, e os tacapes e lanças eram manejados ameaçadoramente. Naquele momento, o capitão da tribo apareceu à beira do rochedo, vestido em trajes de penas, e a um sinal dele, os índios ficaram quietos, embora nos mantivessem seguros. O capitão falava um pouco de português, o suficiente para que o entendêssemos, e disse: ‘É Curuxé que fala, e o cristão vai ouvir. Os cristãos matam os itambeiras como matam as cobras, e Curuxé matou os cristãos; bom! mas Curuxé viu os homens bons¹⁷ que ensinam os

16. *Hymenaea courbaril*, uma leguminosa.

17. Missionários italianos, provavelmente.

guajajaras, e eles dizem para ele não matar os cristãos; por que eles então perseguem os índios que querem ser seus amigos? Curuxé pode matar vocês todos e pegar suas mercadorias, mas ele lembra dos brancos bons, aí ele diz, sigam seu caminho em paz para os seus irmãos, e digam para eles não matar o pobre índio quando ver ele de novo na margem.’ A um novo sinal do chefe os índios deixaram-nos em paz sem levar nada. A

história foi espalhada por todo o rio, e os barqueiros por um longo tempo deixaram os índios sossegados; mas, Senhor Doutor, alguns homens são uns tais diabos que têm de matar alguma coisa, e depois de um tempo os velhos problemas recomeçaram e chegaram a um ponto tal que finalmente o governo enviou tropas aos distritos beligerantes para ocupar as aldeias indígenas. Depois disto a guerra acabou, e agora estes mesmos índios formam a maioria das tripulações dos botes do rio.”

Ao pôr-do-sol, paramos ao longo de um banco de areia cercado de floresta. Logo depois de acendermos o fogo, um grande bote com doze varejadores, na maioria mulatos e negros, chega do baixo rio, e a tripulação atraca na margem oposta para jantar. Pouco depois eles começam a se divertir gritando comentários obscenos e a apupar, berrar e caçoar de nosso grupo menor. Nossos homens não demoram a responder, e ambos os lados vão ficando irritados, e tudo parece apontar para uma boa briguinha. Mas o juiz agora toma a frente e repreende ambos os lados: “Cala a boca, seus brutos”. Nossos homens obedecem prontamente, mas o grupo oposto retoma seu berreiro e apupam com vigor redobrado. “Mande uma bala ou duas nos canalhas, Senhor Xames; não tenha pena de matar esses vermes,” sugerem-me agora mansamente. Descarrego três tiros de meu revólver por cima das cabeças dos desordeiros. O efeito é cômico. Um silêncio segue o primeiro tiro, gritos e disparada em busca de abrigo, o segundo, e depois do terceiro eles imploram: “Pelo amor de Deus, não atira mais”. “Então fiquem quietos e vão embora imediatamente.” Eles não hesitam um momento, e levantam ferro com sua embarcação, e logo estão varejando correnteza acima em silêncio: quando eles imaginam que estão bem fora do alcance, irrompem outra vez em improperios, maldições e linguagem vil, mas outro tiro, e a queda da bala na água próxima a eles, acelera sua partida.

Logo damos o fora na direção oposta, e colocamos algumas milhas entre nós e



Um índio

nossos vizinhos arruaceiros. Um rosnado e o latido furioso de Feroz vêm assustar-nos à noite, com a possibilidade do inimigo estar tentando um ataque noturno, mas a luz da manhã mostra os rastros frescos de uma anta que tinha passado perto de nós na escuridão e causado o alarme do cachorro.

10 de junho – Uma densa neblina branca encobre o rio e a floresta ao romper do dia, tão espessa que objetos a 10 jardas de distância são indiscerníveis, mas, apesar de tudo, partimos e vamos derivando correnteza abaixo, e dentro de uma hora, ou pouco mais, a neblina sobe e flutua para longe.

Neste dia, os piuns nos abordam em batalhões completos; vendo-nos com as cabeças envolvidas em lenços, só com o nariz e os olhos de fora e as mãos nos bolsos, alguém haveria de pensar que estávamos em um clima frio. Na hora do desjejum, é preciso que cada um balance um galho acima da cabeça e das mãos do outro, enquanto este outro engole rapidamente seu desjejum e retribui depois o favor. Tentar suportar esses ataques com complacência seria o mesmo que assumir um semblante sorridente como o de São Sebastião quando serviu de alvo aos arqueiros, pois as picadas destes piuns lembram uma chuva de agulhas quentes, nossas mãos e rostos estão vermelhos, inchados e cobertos de pontinhos pretos minúsculos como se tivessem sido polvilhados de pólvora. Na água, a praga não é tão ruim, mas ainda assim mais do que suficiente para tornar as coisas desagradáveis. Todo o dia é passado virando para a direita, para a esquerda, para todos os pontos da bússola na verdade, e imagine a nossa insatisfação quando, no final da tarde, Manoel apontou-me uma parte da mata onde, a uma distância de 600 jardas terra adentro, tínhamos tomado o desjejum naquela manhã, um dia inteiro de remadura para avançar 600 jardas. O terreno intermediário parece, como Manoel afirmara, ser perfeitamente plano e sem rochas, e um canal estreito poderia facilmente ser cortado; todavia estes numerosos proprietários de botes enviam suas frotas ano após ano e nunca tentaram reunir seus esforços para fazer melhorias tão simples; pois estas tremendas voltas ocorrem com frequência no curso do rio. Tudo, não importa quão trivial a tarefa, ou o custo, é jogado para cima do governo e, no entanto, estas pessoas impossíveis, em todas as classes igualmente, estão sempre afirmando: “Oh, sim; nós somos muito atrasados, nosso povo é gente muito preguiçosa”, e os que falam não se lembram, aparentemente, de que eles próprios são unidades do “povo”. O dia todo serpenteamos pelas belas florestas de palmeiras, freqüentemente sob arcadas de verdura, de onde balançam longos cipós e a crina da barba-de-velho,¹⁸ e bolas suspensas de ninhos de pássaros feitos de pauzinhos entrançados.

Encontro o seguinte em meu diário. O cenário é a hora da Ave-Maria vesperti-

18. Esta parasita pode vir a ser um produto útil, pois uma tima inglesa no Rio tem feito experiências com ele e descobriu que ele fornece uma excelente substância, extremamente similar à crina de cavalo. O parasita fino, longo e pendente, como um retrós muito fino, é colhido e posto a secar ao sol, o córtex torna-se então seco e quebradiço e é facilmente retrado, deixando exposto um fio longo, preto e brilhante, similar à crina e exatamente tão forte quanto ela. Este parasita ocorre em vasta extensão por todo o Brasil tropical e dá uma aparência essencialmente tropical às árvores.

na, a atmosfera está parada e quente, há um zunido de calor e insetos na margem próxima. As luzes quentes do dia que parte tingem os galhos e folhas mais altos das árvores da barranca oposta com tons de rubi e ouro, e dispersam uma claridade suave em torno. Bem perto, debruando a margem arenosa, enormes árvores elevam-se e projetam densas sombras sobre nós, a franja do manto escuro da noite; o rio move-se lentamente, sem um murmúrio, sem uma ondulação, refletindo como um espelho cada galho e folha e ramo de suas barrancas enflorestadas. A fumaça azul do fogo sobe espiralada em uma coluna vertical e se desfaz em meio à folhagem. Bob está alternadamente cozinhando e batendo no corpo, os homens estão deitados ou sentados no convés estapeando os rostos, corpos e pernas nus, e maldizendo os piuns, Manoel está na frente pescando piranhas nos intervalos dos tapas. Sento-me no convés e escrevo, com a cabeça envolta em uma toalha e com um par de luvas do juiz nas mãos e cercado-me de fumaça de tabaco. O juiz senta-se sobre um tronco caído perto do fogo, apressando os movimentos de Bob e recoberto dos pés à cabeça com um lençol. Termômetro 84º. "Anda gente! anda! anda! vamos embora! já está noite! Vamos jantar, senhor Xames, deixe o seu livro", grita ele impacientemente, pois a partida dos piuns está sendo substituída pelo primeiro zum-zum dos mosquitos que vieram procurar seus lugares para a noite, até de manhã cedo, quando os piuns virão rendê-los para as operações do dia.

O luar pálido mistura-se com os últimos brilhos perolados do dia que parte, quando os homens, refeitos com o descanso e a refeição da noite, batem seus remos nas águas escuras e prosseguem mais uma vez entre as sombras negras, ou nas águas iluminadas pela lua, cantando e marcando o ritmo com suas remadas. É uma hora agradável de tranquilidade, paz e frescor revigorante, que compensa um pouco pelo calor do dia.

Mas à medida que avançamos, vamo-nos metendo em terríveis enrascadas; primeiro trombamos com três troncos submersos, livramo-nos dos dois primeiros com certa dificuldade, mas da terceira vez ficamos entalados firmemente na forquilha de uma árvore submersa, e os homens estão com tanto medo das piranhas (e com razão) que não querem se aventurar na água e têm de pôr-se a trabalhar para serrar e cortar com machadadas o obstáculo; subitamente, eles nos assustam com fortes exclamações e maldições generalizadas, e quando vamos ver qual é o problema, descobrimos logo, pois temos a bordo um enxame de formigas grandes e pretas, que os homens a princípio intitulam unanimemente "formigas do diabo", e realmente eles não estão longe da verdade, pois estas são as terríveis "formigas de fogo", cujas picadas venenosas são como uma queimadura grave. Que apuros estamos passando! Não há saída; acendemos velas e esmagamos, pulamos e imprecamos alternadamente, mas mais e mais so-

bem a bordo a cada momento, e apesar da dor (pois estamos cobertos de formigas), todos contribuem, alguns na destruição do inimigo, outros tentando soltar o barco, varejando, cortando e serrando, e depois de dificuldades infinitas, que têm de ser vividas para serem compreendidas, flutuamos de novo. Agora a atenção de todos está devotada de tal modo a esmagar as formigas, e estamos tão absorvidos por esta ocupação, que ninguém percebe uma correnteza bastante forte circulando uma curva que nos carrega antes que saibamos onde estamos, bem em direção a uma selva de arbustos espinhentos da margem, onde, além dos arranhões cortantes que os homens recebem, acolhemos a bordo uma nuvem mista de mosquitos e vespas. A água é funda, e a correnteza forte nos atira bem em cima dos arbustos; está escuro como piche em sua sombra, e é somente depois de muito esforço e irritação de espírito que nos libertamos, sentindo-nos deveras desesperados com a dor aguda e o ardor de um tal acúmulo de torturas. Mark Tapley rir-se-ia, talvez, de tanta diversão, mas nós não o fizemos.

Um pouco mais adiante, passamos por um bote amarrado para a noite; nossos homens gritam: “Boa noite, rapaziada,” mas as únicas respostas são resmungos e linguagem chula. Um pouco abaixo, atracamos em um banco de areia, e lá tem fim um desagradável anoitecer.

Todos reclamavam das dores agudas das picadas de formigas e vespas, e os corpos quase nus dos homens devem tê-los feito sofrer imensamente, pois as poucas picadas que me couberam foram extremamente dolorosas.

De novo, os mosquitos torturaram-nos durante toda a noite. De fato, neste Grajaú não há como escapar de um tal inferno, dentro da água piranhas e enguias elétricas; na superfície, piuns, formigas e mutucas; e na terra, mosquitos e vespas. Sentia-me arder em febre com a dor e a irritação de tantos suplícios; todavia esta é a melhor estação para se viajar no Grajaú, que se encontra então livre de febres, e as pragas de insetos são menores. Como hão de ser os meses de março e abril, quando as febres malignas de tipo fatal predominam, e quando, segundo contam os homens, os mosquitos são “muitos”, pois para mim eles são demasiadamente “muitos” já agora.

11 de junho – Todos estão dispostos a partir bem cedo apesar da densa neblina fria, mas o avanço é difícil devido aos numerosos troncos submersos, contra muitos dos quais nos chocamos, e se o convés não cobrisse completamente o bote, já teríamos ido a pique há muito tempo.

Densas nuvens de piuns perseguem-nos novamente à hora do desjejum, e mais tarde as mutucas¹⁹ vêm acrescentar seus contingentes a nossos inimigos. Há também uma mosca sangüíssedenta que deixa uma pequena gota de sangue onde lhe permitem saciar-se. A

¹⁹. *Hadrus lepidotus*

gente se sente até um pouco inclinada a desculpar a crueldade dos antigos barqueiros do rio quando atiravam em índios indefesos à margem, pois, sob um tal processo de tortura incessante, cria-se um sentimento e um desejo louco de esmagar ou destruir alguma coisa ou qualquer coisa. À tarde encontramos um bote comandado pelo capitão Dias, manejado inteiramente por seus índios itambeira nus. Eles são todos sujeitos fortes e atléticos, de pele oliva-escura e de semblantes de modo algum desagradáveis. O capitão é o diretor, ou superintendente, apontado pelo governo para “catequizá-los”, isto é, para cuidar deles e fazê-los trabalhar; os lucros devem ser inteiramente repassados para uso da tribo, mas contam-me que o capitão tem um bom negócio, pois os esforços de cerca de 200 índios empregados na coleta de bálsamo de copaíba, salsaparrilha, castanhas de sapucaia, além da produção de suas roças, renderiam uma soma considerável por ano.

O leitor deve formar ele próprio uma imagem das glórias da floresta e de nossos contínuos sofrimentos pelo resto do dia e da noite.

Na manhã do dia seguinte, passamos por Porto dos Índios, embarcadouro da aldeia, situado cerca de 2 milhas terra adentro, sobre o alto platô dos campos acima do vale enflorestado. Lamentei saber que os “meninos” não estavam em casa, pois senão teria deixado meu cartão de visitas.

Poucas milhas adiante, um pequeno alcantil avança para o rio, no ponto onde, como Manoel informa, seu bote foi ameaçado em 1868 por índios que estavam na margem e que ele não sabia de onde vinham ou quem eram; por sorte passara sem troca de tiros. À tarde atracamos junto a uma fazenda ribeirinha, chamada Sobradinho, a residência de um casal de meia-idade, um homem branco e uma mulher branca. Sua casa de folhas de palmeira é bastante limpa e confortável; eles possuem uma vaca, galinhas, porcos e algumas aves da mata domesticadas, tucanos e araras, e é agradável ver a afeição entre o casal e seus bichinhos de estimação, que são extremamente mansos. O homem, que é evidentemente superior ao gênero de pessoa que se encontra neste interior, informa-me que foi criado no litoral, de onde, tendo tido revezes, decidiu retirar-se para estas solitudes com sua “velha”, para viver do cultivo de uma rocinha, da criação de galinhas e da extração de bálsamo de copaíba, os quais ele permuta com os hotes que passam por mercadorias essenciais ou os luxos que lhes são caros. “Mas, meu amigo, como você pode existir em meio a estes piuns e mosquitos?” Ele dá de ombros e responde: “Agüento, meu amigo”. O casal não é de modo algum improdutivo ou indolente, pois há sempre abundância de trabalho para mãos dispostas, mesmo em uma moradia tão solitária. Entre a casa e o rio há plantações florescentes de laranjas, limas, bananas, bananeiras-de-são-tomé, abacaxis, araçás, e algumas flores, todas margeadas pela linda vegetação das florestas de palmeiras. Há excelente pesca no rio,

e boa caça nas matas e nas terras de campos ao fundo, mas a localidade é quente demais para ser agradável (naquele momento, 86º dentro da casa), e os piuns são suficientes para enlouquecer uma pessoa, embora os moradores da casa não pareçam muito incomodados por eles, ou talvez os insetos tenham-nos temporariamente deixado em paz e buscado em nós uma mudança de pasto.

Algumas milhas rio abaixo, chegamos a uma passagem complicada, causada por um deslizamento de terra recente de um rochedo de arenito às margens do caudal; o depósito bloqueou o rio, que o cobre em uma série de canais tortuosos de águas céleres, gerando muitos solavancos e dando muito trabalho para atravessar.

Durante a noite, as fogueiras do acampamento dos índios itambeira do capitão Dias são vistas reluzindo por entre as árvores e o mato. Os índios estão em uma de suas expedições migratórias em busca do bálsamo de copaíba (*Copaifera*, sp. var.); alguns dos homens estão na margem pescando, mas não dão resposta a nossos cumprimentos quando passamos.

13 de junho – Esta manhã um dos remadores, aquele da cara triste, está tremendo com um ataque de sezão; só é de espantar que outros de nós não tenhamos tido um ataque destes ainda.

De manhã bem cedo, passamos, do lado oeste, pela boca do Rio Marajá, um rio de água limpa, levemente acastanhada; ele tem cerca de 120 pés de largura e provavelmente nasce na Serra da Cinta. Suas margens são tidas como desabitadas, exceto por “índios brabos”, e ainda não foram exploradas.

À hora do desjejum, abandono os piuns e entro na floresta com minha espingarda. Perto do rio, a vegetação rasteira da floresta é uma massa de sarças, trepadeiras e pequenos arbustos de murta, todos entrançados pelos cipós e galhos emaranhados e cobertos com o lodo seco de enchentes passadas; mas, abrindo caminho a faca pela selva intrincada, chego por fim a um terreno que se eleva suavemente, onde a floresta é mais livre de mato e logo se resolve em grandes colunatas de árvores altas e retas como colunas; o avanço só é dificultado pelas projeções de imensas raízes e pelas massas de cipós que pendem como uma fieira de retrós fino, ou como enormes colossos, da grossura do corpo de um homem, enroscados em torno de grandes troncos; outros, de tamanhos, formas e espécies variados, espalham-se pelo chão em espirais, ou em massas como um novelo de barbante emaranhado, ou formam balanços naturais de árvore em árvore, um perfeito labirinto de cordame quase sem folhas, pois não há flores à vista e mesmo uma folha verde é rara. Bem lá em cima, há um telhado escuro de folhagem, através do qual a luz do dia passa aqui e ali em pontinhos, como as estrelas da noite. Sob os pés, um solo

fundo de húmus preto, espessamente coberto com o depósito de árvores em decomposição, folhas decaídas e o lodo de muitas enchentes. A atmosfera é fria, úmida e fresca, após o clarão causticante do rio, mas está prenhe de muitos odores indescritíveis, que variam nos diferentes pontos; às vezes um cheiro apimentado e pungente, ou um odor de alho, ou um cheiro de terra úmida, ou um doce perfume aromático. O silêncio é intenso e até acrescido pelo zum-zum de um mosquito azul-metálico que passa, ou pelo zumbido de uma mosca ou besouro. Mais adiante, encontro um riachinho de água fria e cristalina, borbulhando sobre pedras e massas de folhas podres, entre margens inclinadas cobertas de musgos e samambaias, onde, minha atenção sendo atraída por um movimento em meio às últimas, percebo uma bela ave de plumagem escura e brilhante, verde-púrpura, e quase tão grande quanto uma galinha, pavoneando-se e solrando ocasionalmente uma nota baixa e melancólica. Sinto-me como um bruto ao derrubá-lo com um tiro, mas nossa despensa está deveras limitada em variedade, e a necessidade endurece meu coração. A ave, que acabo de conhecer, fico sabendo mais tarde que é um jacamim, e sua carne é muito apreciada.²⁰

Continuando minha viagem às 11 da manhã, passo um dia sem incidentes deslizando pela floresta eterna, onde não há nem um sinal de vida humana e quase não se ouve um som, pois muito pouca vida animal perturba a quietude neste dia.

O rio está subindo perceptivelmente, e a cor da água é agora um marrom profundo, como o de café fraco; as águas estão represadas provavelmente devido a uma enchente no rio Mearim.

À tarde encontramos outro bote, manejado por doze índios nus; que couros estes sujeitos devem ter para suportar o calor causticante do sol e as picadas de insetos. À noite, a lua estando clara, o rio iluminado (agora com cerca de 200 pés de largura) e os homens de bom humor, eles abrem os peitos em sonoras canções, que são devidamente encorajadas por nós, pois assim eles esquecem a fadiga e a hora tardia e remam animadamente em uníssonos com pancadas ritmadas, ouvindo com júbilo infantil os sons de vozes e remos ecoando em meio às sombras tristes e negras das árvores. Eles são realmente sujeitos formidáveis para este trabalho, estão remando o dia todo, de 6 da manhã às 10 da noite, com apenas duas pausas curtas para as refeições; de fato, desde que deixamos Chapada, eles fizeram diariamente, em média, pelo menos doze horas de trabalho efetivo, o que, eu calculo, corresponde a 40 ou 50 milhas por dia.

O acampamento noturno é quente, abafado e repleto de mosquitos, mas a manhã surge limpa, clara e fria, trazendo com ela, naturalmente, os piuns para render a guarda aos mosquitos. A temperatura da água é de 80º, e a do ar 70º, que logo aumenta, à medida que o sol sobe, para 84º. O remador doente aparentemente beneficiou-se do

20. Provavelmente o jacamar do paraíso (Guiraca porphyrocephala).

efeito de uma dose de óleo de castor seguida de quinino (na ocasião, meus únicos remédios) e uniu-se a seus camaradas no trabalho.

No caminho, passando perto de um pequeno jacaré que se aquece ao sol sobre um barranco lamacento e arenoso, planto nele uma bala do meu pesado revólver naval; ele se contorce até a água, onde espadana e arfa, abrindo e fechando as mandíbulas com sonoros estalidos; está evidentemente muito ferido, e as piranhas parecem reconhecer o fato, pois a água por diversas jardas em torno fica violentamente movimentada com seu avanço em direção à presa, pois mesmo o couro duro de um jacaré não o protegerá, se ferido, de seus dentes afiados. Os homens gritam deliciados, "Aí! jacaré, agora as piranhas tu mordes".

À hora do desjejum, ouvindo o canto de um jaú²¹ lá perto na floresta, vou em busca dele, imitando seu grito enquanto prossigo; ele avança em minha direção, parando de vez em quando para ouvir com um pé levantado. Abato a caça, mas no final das contas não colho nenhum benefício por minha carnificina, pois enquanto Bob estava tranqüilamente limpando a ave no rio, sem prestar atenção ao que fazia, as piranhas subitamente a agarram e levam para longe. Comemos a ave, no entanto, de forma indireta, pegando uma pilha de piranhas e comendo-as ao desjejum.

Depois de abandonarmos este lugar, surge de novo uma mudança considerável na vegetação das margens, pois as magníficas florestas virgens de palmeiras não são mais vistas; agora há uma vegetação muito mais densa, mas mirrada, de mato fechado (em alguns pontos sua superfície inteira é coberta com uma teia de parasitas fluorescentes ou outros tipos); uma variedade é especialmente conspícua, em sua quantidade, forma e cor; ela se compõe de grandes massas de filamentos muito macios, sem folhas, dourado brilhante na cor e cobre consideráveis extensões de arbustos, que aparentemente destrói, obstruindo-lhes o ar e a luz. O terreno também é, em muitos pontos, baixo, plano e inundado, um perfeito viveiro de miasma, que é perceptível nas ondas de ar quente e úmido que nos chegam, acompanhadas de nuvens de horrachudos.

À tarde, atirei em outro jacaré, e também em um maguari, uma garça cinza-azulada, que infelizmente conseguiu arrastar-se para dentro do pântano.

Temos de continuar remando até quase 7 da noite antes de encontrarmos um local para atracar, tão baixas e pantanosas são as margens do rio. Nesta parada, a tripulação de um igarité está bivacada para a noite, e em estado de alarme por ter visto alguns índios selvagens nas barrancas aquela tarde, e quando continuamos a viagem à luz da lua, eles nos recomendam energicamente que montemos guarda à noite e acampemos na margem leste, o lado do rio oposto àquele em que tinham visto os "meninos".

A viagem continua até às 9 da noite, quando desembarcamos em um ponto da

21. *Penelope*.

terra firma margeado por árvores e cercado terra adentro por pântano, onde sapos e rãs estão fazendo um barulhento concerto. Os barqueiros, esgotados com o calor abafado e a cansaça do dia, adormecem logo, sem se importarem nem com barulho, insetos, índios ou qualquer outra coisa; o juiz pendura sua rede e logo vai deitar, deixando-me só ao lado do fogo e da escuridão e dos muitos ruídos estranhos da noite.

A luz da lua é forte e clara, as árvores, algumas brilhando ao luar pálido, outras perdidas no negrume da noite sem luzes, assumem formas estranhas e fantásticas e projetam sombras intensamente negras sobre as águas do rio, que cintila como um espelho de prata aos raios frios e brancos da luz. A noite não é tão silenciosa como de hábito, pois os sapos no pântano próximo produzem um alarido como o dos diversos sons de uma fábrica de algodão, zumbindo, berrando como uma ovelha, assobiando, coaxando, apupando, gritando rai! ai!, rugindo, uma perfeita babel de ruídos, que se erguem e caem conforme predomine a voz de uma ou de outra espécie. Há ainda o ribombar do socó-boi (um abetouro grande), como o berro de um touro; ciganas soltam gritos ásperos; corujas piam, bacuris (uma espécie de curiango) bradam em notas agudas, ba-cu-ri, ba-cu-ri; o mandim grunhe sob a água como um porco; e outros peixes pulam; todavia, todos estes sons tornam a sinistra solitude ainda mais impressionante. Os mosquitos, felizmente, não nos descobriram, e a atmosfera é fresca e agradável.

É uma sensação estranha trazer à mente nestas circunstâncias as antigas cenas de antigas lembranças e contrastá-las com as misteriosas e insólitas imagens e sons do presente, mas enquanto penso e medito, índios, amigos, ruas de Londres e pântanos do Grajaú misturam-se todos no caos do país dos sonhos, e a sentinela adormece.

15 de junho – Uma manhã fresca com o termômetro em 65º encontra-nos todos de pé ao romper do dia, e eu me felicito por mais uma noite passada sem problemas, pois, por mais calejado e indiferente que um viajante possa filosoficamente se tornar a possíveis, ou mesmo a prováveis, riscos, há sempre, especialmente naquela noite, a contingência de um jacaré dar-lhe uma bocada enquanto ele dorme no chão, ou uma enorme jibóia resolver servir de invólucro para o corpo de um inglês, ou uma onça que ronda em busca de uma presa pode querer pegar um ou dois de seus ossinhos, sem contar com a miuçalha representada pela imensa variedade de cobras venenosas que o Brasil oferece, graças ao que o viajante acaba por se sentir um pouco inclinado a apreciar o fato de já ter ultrapassado o período da dúvida.

Em diversas ocasiões, nos dias anteriores, eu tinha avistado muitas cruces rústicas de madeira erguendo-se em meio ao mato das margens, e nesta manhã contei quase cem em uma distância de poucas milhas, os sinais principalmente das covas de ho-

mens que caíram vítima das febres fatais que em certas estações do ano (março e abril) predominam neste rio; algumas, no entanto, são o resultado de uma altercação, ou uma luta livre, e também de emboscadas de índios.

A vegetação agora torna-se, se possível, mais basta, densa e compacta, e a terra, até onde se pode ver, parece inundada; mas em meio a esta terra baixa, contrafortes suavemente inclinados dos planaltos estendem-se aqui e ali, e neles a floresta novamente aparece em toda a sua magnífica e implacável exuberância.

Às 11 horas, chegamos a um desses contrafortes, que termina em um penhasco à beira d'água. No topo há um pequeno roçado e uma cabana de folhas de palmeira chamada Mato dos Bois. O terreno aqui é muito pedregoso, e a rocha muito similar àquela de Chapada, uma pedra verde dura e escura, de grão fechado. O proprietário da cabana, o Senhor Antônio Henrique Maciel, diz-me que já se encontrou cobre lá perto, e para comprovar sua afirmação, mostra-me alguns espécimes de minério de cobre que gentilmente permite que eu leve comigo. Sem dúvida, esta deve ser uma grande região cuprífera, pois rastreei seus indícios por cerca de 500 milhas de minha viagem.²² Creio que as terras mais elevadas dos platôs, mesmo na vizinhança de Mato dos Bois, são perfeitamente salubres, e não há falta de mão-de-obra indígena, ou mesmo de trabalhadores nativos brasileiros, e a navegação fluvial é livre e ininterrupta até a cidade do Maranhão. Este será necessariamente um local de grandes empreendimentos, quando talvez os futuros neozelandeses estiverem revolvendo as ruínas da Antiga Londres.*

Há uma aldeia de índios itambeira semicivilizados no Rio Pinaré, a 24 milhas de distância do Senhor Antônio, o qual informa que a terra mais adentro é relativamente bem ocupada por fazendas de gado, distantes 5 a 10 milhas uma da outra.

Todo o resto do dia passamos por terras monotonamente baixas, onde os ingás²³ crescem em grande número. Esta árvore produz um fruto comestível, que tem um caroço duro, com uma fina cobertura de natureza leve e fofa, doce e fresca ao paladar, e a casca é enrugada e quebradiça. Devido à predominância destas árvores, este tipo de vegetação é denominado "ingativas".

Durante a tarde, o piloto matou um mergulhão do tamanho de uma perdiz; plumagem preta lustrosa, pescoço longo e esguio, os olhos de um verde brilhante, o bico longo, reto e forte, com a extremidade da mandíbula superior sobreposta à inferior.

Por volta das 5 da tarde, desembarcamos junto a algumas casas abandonadas para preparar o jantar; nenhuma explicação é necessária para o abandono da propriedade, pois os mosquitos são "impagáveis"²⁴ e, quando saímos às pressas, eles nos acompanham em bandos, como fazem os pernilongos em um entardecer de verão na Inglaterra.

Mais tarde o luar mostra-nos um outro trecho da grandiosa floresta, e durante a

22. Chega a estender-se até às proximidades do Pará.

* Visão do futuro evocada pelo historiador e político inglês T.B. Macaulay (1800-1859) (N.T.).

23. Família das leguminosas.

24. Literalmente, que não se pode pagar, mas é um termo comum no Brasil e compreende uma variedade de significados: insuportável, "uma coisa impagável", coisa incompreensível, algo extraordinário.

noite passamos por diversas habitações e roçados ribeirinhos, as primeiras todas construídas com folhas de palmeira. Na esperança de comprar alguma cachaça (pois nosso estoque está esgotado), convencemos os homens a remar até perto de meia-noite, quando, vendo que não há perspectiva de obtermos a desejada manipueira, atracamos perto de uma habitação ribeirinha para passar o resto da noite. Os moradores já se recolheram há muito, naturalmente, mas um galpão aberto oferece abrigo contra o pesado orvalho da noite. Os barqueiros deitam-se em qualquer lugar e de qualquer maneira, pois estão totalmente exaustos com seu longo dia de trabalho, de 6 da manhã às 12 da noite. O juiz está aconchegado em sua rede e protegido dos mosquitos pela rede, e logo o risonar indica o repouso tranqüilo de todos. Mas eu estou inquieto e febril, e se nestas circunstâncias um mosquito é suficiente para nos deixar em um estado de intensa irritação nervosa, que dirá então se estamos cercados pelo rugido de miríades de zumbidores. Finalmente, as longas horas vão passando enquanto caminho de baixo para cima em um estado de semi-sonolência, com a cabeça latejante, a pele ressecada e inflamada e os nervos em um estado de tensão em que cada som faz estremecer exageradamente, e o clarão da lua, as sombras negras, o desconforto circundante, e o ar úmido cheirando a terra molhada, tudo parece tão irreal e insólito, como se se estivesse perdendo a razão.

Às 4 da manhã, desperto todo mundo e, enquanto deslizamos pelo rio na friagem da madrugada e na ausência de mosquitos, obtenho o esperado alívio e dou uma boa cochilada.

Ao acordar, o sol está alto e quente, e o ar vem dos grandes tratos de floresta inundada por que passamos em baforadas repletas de vapor e carregadas com os odores de pântanos e da vegetação apodrecida. Ocasionalmente, passamos por trechos de terras mais elevadas, todas ainda cobertas de densas florestas e apresentando diversas habitações construídas sobre estacas, com os assoalhos a 6 ou 8 pés acima do terreno. Muitas destas cabanas são maravilhosamente pitorescas, cercadas como estão por magníficas árvores e bela vegetação tropical, locais que fazem estremecer de deleite o coração de um artista, todavia é absolutamente indispensável representá-las fielmente com minuciosa delineação de detalhes, onde à luz do sol cada folha e ramo é tão claramente definido por sua sombra preta subjacente, pois aqui se pode ver que uma clareza vívida e uma nitidez de contorno obtêm-se apenas por um contraste extremamente escuro de cor, conseqüentemente, qualquer desenho fiel de cenas tropicais apresenta um efeito que aqueles que não conhecem os trópicos não conseguem compreender e estão prontos a condenar a imagem que não podem entender, como brusca de tons e artificial.

Pelo caminho, compramos cachaça para as almas em ânsia da esforçada tripula-

ção, e eles bem merecem uma recompensa tão pequena por seu bom comportamento e aplicação incansável, e o pequeno “gole de conforto” alegra-os à sua maneira. Ao mesmo tempo, obtenho de uns homens em uma canoa, por uns poucos cobres, peixes de qualidades variadas, mas todos excelentes, em quantidade suficiente para o desjejum de todos a bordo.

Ao meio-dia atracamos perto de uma casa e roçado inteiramente novos, chamada Rego, pertencentes a um rapaz casado, de não mais de 22 ou 23 anos de idade, que, com sua jovem esposa e um escravo negro, mostram um exemplo bastante raro de operosidade no clima debilitante desta ribeira baixa. O jovem, animado, ativo e inteligente, possui algumas cabeças de gado, e uma milha quadrada ou duas de pastagens nos campos atrás da floresta, que, com a produção de uma pequena roça, permitem que ele leve uma vida livre e independente, laboriosa certamente, mas abençoada com o privilégio da independência e a satisfação e contentamento derivados de uma vida industriosa.

A casa fica situada na crista de um pequeno barranco, agradavelmente exposta às brisas dos ventos alísios; ela é fresca, limpa e confortável, e o proprietário afirma ser, como realmente parece, feliz e contente.

Próximo à casa fica o que se chama “capocira de palmeiras”, a cobertura natural que se apossa de um roçado já esgotado, que em Minas Gerais, ou na Bahia, torna-se uma sarça de samambaias, capim-de-cheiro, bambus, palmeiras jovens, arvoretinhas e arbustos; aqui é diferente, pois uma geração de palmeiras jovens tomou espontaneamente posse do terreno; elas são todas praticamente da mesma altura, 15 ou 18 pés de altura, a folhagem lembra grupos de grandes plumas de avestruz, cujas extremidades se misturam uma com a outra e formam avenidas naturais deliciosamente sombreadas; é realmente um recanto maravilhosamente gracioso, moldado pela jardinagem da natureza.

Para o leste, a cerca de 12 milhas de distância, há um lago interior de tamanho considerável, chamado Lagoa-açu, de cerca de 4 milhas de diâmetro. Suas águas são profundas, claras e transparentes, suas margens são orladas por um solo e vegetação ricos e por muitas propriedades. Como a maioria dos lagos, ou qualquer poça grande de água do Brasil, ele é povoado por demônios e superstições; afirmam terem sido vistas casas no fundo da água transparente e sons de cantos e danças partem de lá, além de contar com uma cobra encantada e uma sereia (mãe-d’água), possivelmente geradas pelos efeitos espirituais de boas quantidades de cachaça na imaginação de camponeses surpreendidos pelo cair da noite, quando seu cérebro estava cantando e eles viam todas as árvores dançando e girando em torno deles.

Depois de deixar o Rego, logo perdemos de vista não apenas as casas e a floresta, como também a terra firme, e a água se torna quase estagnada, e avançamos só à força

dos remos, sem a ajuda de qualquer corrente; o rio se divide em uma série de canais, separados apenas por arbustos rasteiros, ou às vezes em uma seqüência de laguinhos, cobertos por plantas aquáticas flutuantes. Nenhum canal em particular é visível, e poderíamos facilmente nos perder por algum tempo em um labirinto aquático destes, e agora é realmente a única ocasião em que necessitamos dos serviços de um piloto.

O ar é muito quente e opressor, nenhum sopro agita a superfície vítrea da água, que reflete, como um espelho, as imagens invertidas de cada ramo e folha dos arbustos. Muitos pequenos jacarés são vistos flutuando como troncos, e em diversos pontos a água é perturbada pela luta das piranhas que, quando não encontram alimento, atacam umas às outras. Nos arbustos há numerosas ciganas, que voam preguiçosamente de arbusto em arbusto, ou saltitam mansamente nos galhos quando passamos perto delas, sem ligar para a nossa presença; elas são grandes como faisões, e parecem-se muito com eles, mas suas cabeças são decoradas com uma crista de penas como a de uma cacatua; como sua carne é considerada intragável, elas desfrutam, em conseqüência, de imunidade de perseguição pelos barqueiros que passam.

Perto de 5 da tarde, depois de um longo e tedioso serpear para dentro e para fora dos canais, entramos nas águas largas do Rio Mearim.²⁵ É com toda certeza desprovido de qualquer sentimento de pesar que saio então do Grajaú e deixo para trás seus muitos inegáveis encantos e belezas, mas também seus abomináveis insetos. Mas as lembranças de sua gloriosa paisagem, como todas as outras coisas que são agradáveis, deverão sobreviver e, de fato, sobrevivem, às reminiscências daqueles dias e noites de tortura. *Eu o percorri, e estou feliz por tê-lo feito, porém ficaria muito, mas muito triste mesmo, se tivesse de fazê-lo de novo.*

O Rio Mearim agora se estende diante de nós em um longo curso reto de cerca de 600 pés de largura, cercado por margens baixas, inundadas e enflorestadas. A água flui tão lentamente, oh! tão lentamente, pois minha impaciência é deveras imensa para ver mais uma vez o mar aberto e a humanidade civilizada.

Quando o sol se põe com dourado esplendor sobre o céu e a água, os mosquitos nos abordam em *corps d'armées*, mesmo aqui no meio do rio; parar em qualquer lugar está fora de questão, pois não há terra seca à vista. Os homens continuam a remar cansada mas corajosamente até a meia-noite, quando então alcançamos a praia da cidade de Vitória. Os barqueiros estão vencidos pela fadiga e pelo sono, e, assim que a embarcação está presa, eles se deitam sobre toras de madeira na praia lamacenta, e em poucos momentos um coro de roncões anuncia sua indiferença tanto por mosquitos quanto por leitos duros. Pela primeira vez, sinto-me realmente doente e indisposto e passeio pela praia por um longo tempo com o corpo febril e a cabeça dolorida.

25. Minha estimativa é de que a distância de Chapala até a foz do Grajaú, seguindo o curso do rio, e de pelo menos 450 milhas, e como a foz fica a apenas 35 pés acima do nível médio do mar, o afluxo do rio é de, em média, 9 pelegadas por milha. Em linha reta a distância não excede 240 milhas.

CAPÍTULO 15

DE VITÓRIA AO MARANHÃO

DIA DE SANTO ANTÔNIO EM VITÓRIA – A CIDADE E SEU PADRE – ADEUS A MEU COMPANHEIRO – DE PARTIDA PARA ARARI – UM PORTO MOVIMENTADO – UM NEGOCIANTE INFLUENTE – HOSPITALIDADE PORTUGUESA – PASSAGEM RESERVADA PARA O MARANHÃO – UM TEMPORAL AO ANOITECER – UMA CENA INCOMUM – RETORNO DA SELVA – UMA PALESTRA COM UMA JOVEM MUITO FRANCA – REGIÃO PANTANOSA – UM GRANDE PROPRIETÁRIO – A NAVEGAÇÃO DO BAIXO RIO E SEU COMÉRCIO – UMA EMBARCAÇÃO LOTADA – BONDADÉ DE MEU ANFITRIÃO – ACOMODAÇÃO RÚSTICA – UMA CENA MELANCÓLICA – UMA MARÉ – UM VAPOR FLUVIAL – NA BAÍA DE SÃO MARCOS – DESEMBARQUE NO MARANHÃO – RETORNO À CIVILIZAÇÃO – DIFICULDADE EM SAIR DO PORTO – UM COMPATRIOTA INCOMPETENTE E UM FUNCIONÁRIO BRASILEIRO GENTIL E PRESTATIVO – A BORDO DO BAHIA – UM ATAQUE DE FEBRE NO MAR – A TRISTEZA DE BOB E SUA PARTIDA PARA CASA – ADEUS AO POBRE FERÓZ – PERDIDO, ROUBADO OU FUGIDO.

17 de junho – Grandes estouros de explosões de bombas, o espocar de foguetes e o dobrar dos sinos da igreja são ouvidos à luz do dia, sons que saúdam a festa de Santo Antônio. A praia lamacenta está salpicada de entulho e refugo e coberta de enormes toras de cedro que foram trazidas rio abaixo para serem vendidas; há diversos botes, igarités e canoas, todos, como a praia, abandonados, pois as tripulações estão na cidade para a festa.

Eu acompanho o juiz até a cidade, onde sua primeira visita é à igreja, para agradecer por sua chegada em segurança.

Como ainda é cedo, passeamos pelas ruas sujas, arenosas e invadidas pelo capim e por uma praça cercada de casas (todas mais ou menos dilapidadas) e também uma igreja velha bastante bem construída, mas muito necessitada de consertos; as ruas partem da praça em ângulos retos. Há uns poucos sobrados com varandas e janelas com vidraça, mas a generalidade das moradias são casinhas de porta e janela, feitas de adobe, e cabanas de pau-a-pique. Cerca de meia-dúzia de vendas e armazéns parecem bem abastecidos de mercadorias. Depois visita-



Uma plantação de cana-de-açúcar às margens do Baixo Rio Mearim.

mos o padre, um sujeito franco e jovial, que é, dizem-me, um grande favorito entre o povo da cidade, embora sua criada seja jovem e bonita e sua casa ressoe com os gritos e berros de sua numerosa prole, na qual praticamente não há dois com o mesmo tom de pele. A cidade apresenta, mesmo no fim da manhã e no dia de uma festa tão grandiosa, uma aparência decididamente sonolenta; poucas pessoas são vistas nas ruas e estas só se movem de modo lânguido e apático, como se a vida fosse um fardo pesado.

Devido à enchente do rio, a cidade está cercada de água e sua comunicação com a terra firme interrompida. De fato, o juiz, que se separa de mim aqui, cruzará a região de canoa, até sua casa entre os lagos e os canaviais de açúcar de Viana, para lá do Rio Pinaré.

Partimos com expressões mútuas de pesar, pois, afinal de contas, enfrentamos juntos muitas provações à nossa paciência, e nem uma palavra ou ato precipitado jamais estragou nossas boas relações. Duvido que dois ingleses médios quaisquer tivessem se dado tão bem juntos.

Esta longa e tediosa narrativa está agora chegando a seu termo (que bênção! posso ouvir o leitor dizer, e ele o diria ainda com mais fervor se tivesse tido de compilá-la), e nós partiremos depressa de Vitória, depois de minha curta visita e curtas observações, pois ela é igual a qualquer outra cidade do interior no norte do Brasil: elas são todas semelhantes, todas dilapidadas, algumas mais do que as outras, e Vitória é uma das "mais".

Cerca de 8 milhas rio abaixo, passando por terras baixas, planas e pantanosas, que lembram muito a região plana abaixo de Plumstead, na área mais baixa do Tâmis, chegamos a Arari do lado sul do rio, em meio a uma verdadeira frota de pequenas embarcações fluviais e escunas grandes da cidade do Maranhão.

O porto está animado e movimentado com os homens que descarregam ou carregam as naus. A única rua principal acompanha o rio e fica apenas dois ou três pés acima do nível da água; ela compreende diversos armazéns grandes e o sobrado em que reside o capitão José Antônio Soares (um negociante português de considerável riqueza e influência); na extremidade oeste da rua há uma igreja bastante grande e bem construída, outro sobrado, algumas casas menores e outro armazém grande; ao fundo destas construções a terra se estende até a distância em brejos perfeitamente planos, cobertos de capim e alguns aglomerados de árvores e arbustos, pastagem de numerosos rebanhos de gado.

Tendo uma carta de apresentação para o capitão, vou, como é devido, visitar aquele cavalheiro, e encontro-o em seu grande armazém, que recende com os cheiros mesclados de bacalhau da Terra Nova, carne seca, açúcar, toucinho, querosene, sujeira e gordura. O Capitão recebe-me de modo aberto e cordial, convida-me a subir, manda vir

refrescos e pede-me que “esteja em casa” e “não faça cerimônia”. Depois de uma curta conversa, fico sabendo que o vapor de Mearim não virá antes de dez dias, mas que um “iate” (um barco a vela) deve seguir para o Maranhão em um dia ou mais. Descubro-o e logo faço um acordo com o proprietário, que se recusa, no entanto, a deixar-me usar a cabine do convés, pois tem de enchê-la com a carga, e assim, devo contentar-me com uma viagem *al fresco* e com a acomodação que puder obter no alto da carga. Bem, melhor isso do que nada, e eu não estou propenso a objetar a um pouco mais de exposição ao sol e ao sereno da noite, e qualquer coisa serve, desde que eu possa alcançar a costa. Um violento temporal de sudeste, de vento, chuva, trovão e raios, varre o local à tarde e limpa o ar do calor sufocante de antes, deixando uma frescura deliciosa no ar.

A vista da varanda do capitão é ampla e variada, e depois da borrasca o céu clareou, e quando o sol afunda no horizonte dos extensos campos planos e pantanosos do lado oposto do rio, o céu fica todo iluminado com o mais suave dos tons e tingido com seus matizes quentes a superfície do largo rio levemente encrespado, as árvores de suas margens, as casas, os cais rústicos e os mastros e formas das diversas embarcações. Na rua lá embaixo bandos de homens passam trotando em direção às naus ou vindos delas, com sacas de açúcar ou outras mercadorias nas cabeças. Rio acima, uma barca está inclinada sobre a praia, e o ruído da calafetação mistura-se com as canções dos barqueiros que desaferram uma grande escuna; alguns homens estão jogando em um galpão aberto, insensíveis ao que se passa à sua volta; na rua, meninos estão jogando peteca e o capitão negocia a compra da carga de mercadorias de uma canoa que se encontra acostada em seu cais. Mulheres negras e morenas com xales espalhafatosos e roupas estampadas passam de cá pra lá e trocam, ao passar, muitos chistes com os ociosos e os trabalhadores. É um retorno dos ermos da selva para o mundo atarefado e ativo e faz-me experimentar uma euforia indescritível e um sentimento de satisfação por ter chegado até ali, tão longe da esplêndida vegetação do interior, com suas dificuldades e prazeres, insetos torturantes e cenas de beleza.

Durante minha estada em Arari, eu tive uma conversa bastante divertida com uma jovem que eu acho que devo relatar, pois servirá para de algum modo ilustrar as opiniões e o caráter de uma moça do interior brasileiro. A bela era a filha única de um comerciante tido universalmente como muito próspero.

Eu tinha ido visitar o pai, que ficara conhecendo, e ele deixara-me só na varanda por algum tempo enquanto cuidava de seu armazém lá embaixo.

Enquanto ruminava sobre as coisas em geral, ouço um suave hm! hm! vindo de perto, e depois percebo que na sacada de um quarto ao lado surgira uma jovem. Noto que ela tem lindos cabelos e lindos olhos franjados com longos cílios, sua pele é pálida

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO

mas clara, seus traços são bons, e ela é no aspecto geral, decididamente bela. Ela está olhando muito recatadamente para a rua lá embaixo, mas os cantos de sua boca movem-se com a sugestão de um sorriso, e vários outros hm! hm!s são pronunciados com suavidade. Em meu melhor português digo, “Boa tarde, minha Senhora “. “Boa tarde, senhor”, responde ela. Quebrado assim o gelo, sou imediatamente cumulado de perguntas.

“Qual é o seu nome?”

“James.”

“O que é que você disse?”

“James.”

“Nosso Senhor! Eu nunca poderia pronunciar isto. Eu nem acredito que isto é um nome. Por favor, diga-me direitinho; diga bem devagar.”

Pronuncio meu nome completo. Ela ri com gosto, bate os pés e as mãos e continua:

“Que sons engraçados! Imagine alguém com um nome tão esquisito! Mas você é estrangeiro, eu sei, então deve estar certo, mas eu jamais serei capaz de pronunciar-lo. Diga tudo de novo. Ha! Ha! como é engraçado! Mas por que vocês estrangeiros não têm nomes bonitos como os brasileiros? Você é francês, não é?”

“Não, eu sou inglês.”

“Sim, sim, eu sei, é tudo a mesma coisa.”

“Mas você não sabe que os ingleses são tão diferentes dos franceses quanto o seu povo é do meu?”

“Ora, isto é estranho. Pensei que todos os estrangeiros fossem iguais, pois eles todos são tão diferentes de nós brasileiros, e nenhum deles sabe falar português direito. Vocês têm padres em seu país, ou igrejas? Você é batizado?”

“Certamente que sim.”

“Pois você acredita que eu pensava mesmo que vocês eram todos pagãos, mas não posso acreditar que vocês tenham padres de verdade.”

“Eu garanto para você que eles são padres de verdade, mas em meu país eles podem se casar.”

“Casar? Padre casado!”

Isto lhe pareceu tão imensamente cômico e estimulou suas faculdades risíveis de tal modo, que ela quase gritou de tanto rir e dançou de hilaridade, e fez tanto barulho que atraiu a atenção de seu pai no armazém lá embaixo, que saiu e perguntou: “O que é isto, minha filha?”

“Oh! não é nada, meu pai, é só este estrangeiro que está contando casos engraçados sobre seu país. Pode ir embora.”

O indulgente pai voltou então para seus sacos e barris.

“Mas agora diga-me honestamente, vocês têm mesmo igrejas?”

“Certamente, e algumas delas são edificações muito belas e elaboradas.”

“É mesmo? Elas são como as nossas?”

“Bem, não exatamente; elas são um pouco maiores e um pouco mais limpas, e algumas pessoas as considerariam talvez um pouco mais elegantes.”

“Ora essa, quando você diz isto tenho certeza de que está inventando, não vou acreditar em mais uma palavra do que você disser. Tenho certeza de que não existe uma igreja mais bonita ou mais imponente no mundo inteiro do que a nossa de Vitória. Mas, você é casado?” pergunta ela subitamente, depois de uma pausa.

“Não, sou solteiro.”

“Por que não se casa?”

“Não encontro ninguém que me queira.”

Depois de uma pausa, e dando um pequeno suspiro, ela continua:

“Eu vou me casar.”

“Quando?”

“No dia 30 deste mês.”

“Permita-me congratulá-la pela proximidade de um acontecimento tão alvissareiro.”

Ela bate com o pé e diz: “Não está próximo, é um tempo bem longo de espera. Eu quero tanto me casar” (Depois de uma outra pausa e a repetição de um suspiro), “Mas, talvez, afinal, eu não me case mesmo então.”

“Como assim?”

“Porque é bem possível que eu encontre outra pessoa de quem eu goste mais. Eu já estive para casar muitas vezes, mas quando chega a hora eu recuso. Da última vez, foi porque meu namorado disse-me que não queria que eu conversasse com outros rapazes; você já ouviu falar de um desaforo destes? Mandei-o embora imediatamente, pois não quero ficar trancada em casa o dia inteiro só com escravos estúpidos para conversar. Mas o papai fica furioso nessas ocasiões e repreende-me, e aí eu choro muito, o que não lhe agrada, então ele fica bravo com meu namorado e o manda embora, e aí eu fico muito triste, porque estou sempre pensando em rapazes, como os rapazes estão sempre pensando em moças, o que é muito natural. Você não acha? Mas tenho certeza de que você é pagão, e se nosso padre estivesse aqui eu o faria batizá-lo.”

“Você acha então que não há chance para nós, pobres estrangeiros?”

“Decerto que não, mas vou mencioná-lo em minhas orações, e isto pode ser de alguma ajuda para você.”

Neste ponto o pai entra na sala, evidentemente achando que a entrevista já dura-

ra o suficiente. Mas a jovem demonstra seu descontentamento arremetendo porta adentro com uma carinha amuada.

Não pude reprimir um sentimento de comiseração pelo rapaz que corre um risco tão grande de se casar com a garota mimada.

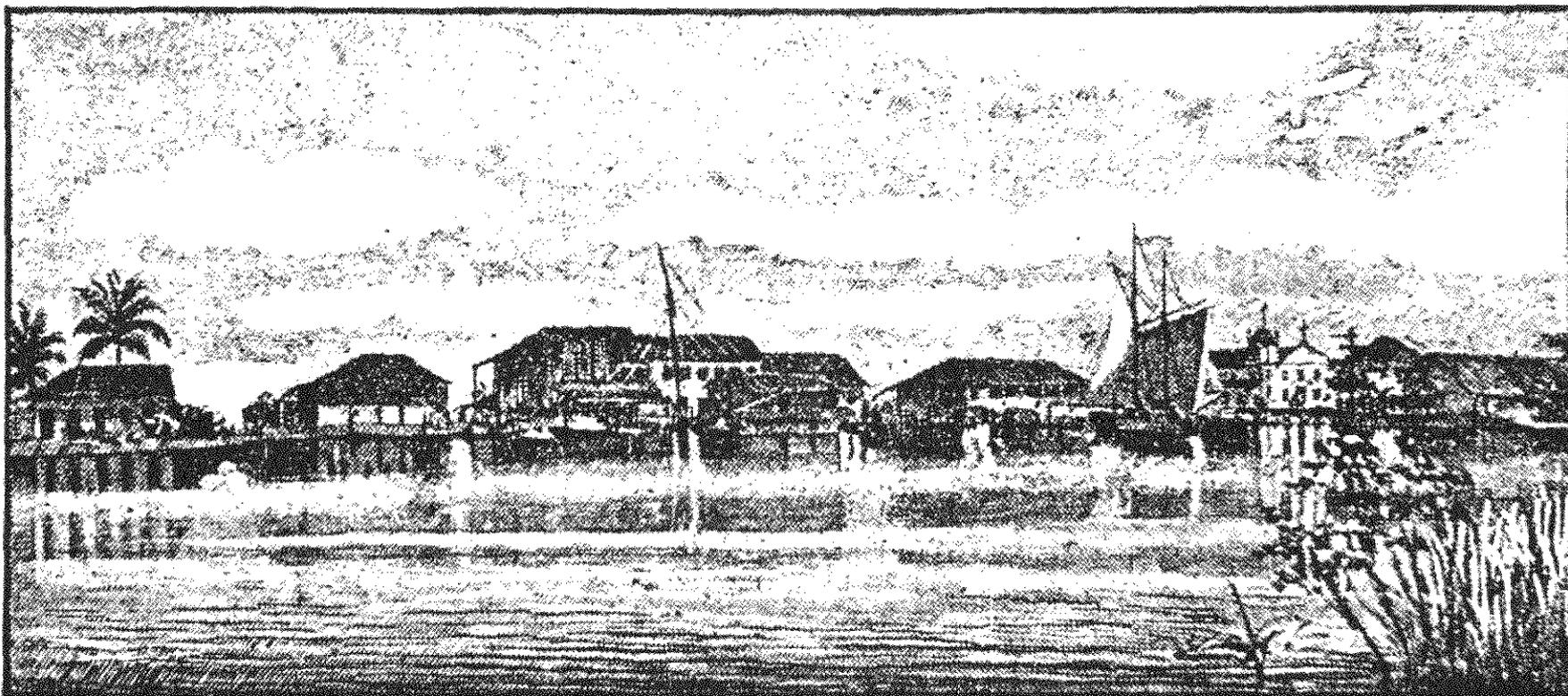
Quase toda a Arari pertence a meu anfitrião, o capitão, que praticamente monopoliza todo o comércio provincial do interior, pois os diversos barcos que navegam o rio não podem prosseguir além deste local, a partir do qual embarcações maiores e mais robustas são necessárias para a navegação até a cidade de São Luís do Maranhão; e como estas grandes embarcações à vela não podem, ou não querem, subir os diversos rios do interior, o capitão ocupa portanto a posição de intermediário, ou agente, entre os importadores e os exportadores do interior e os da capital; mas os longos créditos (doze meses) para os comerciantes do interior, tornam suas operações muito precárias, e a então recente introdução da navegação a vapor nos Rios Pinaré e Mearim diminuiu consideravelmente os seus negócios, colocando produtor e comprador em comunicação direta, dispensando a necessidade de Arari como mercado intermediário.

20 de junho – À tarde, a barca ladeia o cais para receber o resto de seu carregamento, e ao pôr-do-sol partimos para o Maranhão. A embarcação está inconveniente-mente repleta de carga, a cabine está abarrotada e no convés empilham-se até o alto cestas de galinhas e perus, sacos de laranjas, fardos de carne seca, rolos de carne de porco salgada, cachos de bananas-são-tomé e outras, sacas de farinha, e quase não se pode achar um lugar para equilibrar os pés e nenhum lugar para repousar, exceto a superfície cheia de protuberâncias da carga, com calombos e concavidades.

Despedi-me de meu anfitrião, que me acompanhou até a barca, onde alguns negros esperavam por mim com um caixote de vinho do porto e vários frangos assados, doces, pão, etc., um presente do generoso capitão. Nunca mais vi este bom homem de novo, nem ele esperava ver-me novamente, todavia eu não poderia ter sido tratado com mais gentileza se fosse um membro de sua família. Vim como estranho e parti como um velho amigo.

21 de junho – Minha cama desconfortável e dolorosa para o corpo, em cima de sacas, fardos e cestas de carga, não oferece nenhuma tentação de ficar deitado até tarde, e a madrugada gelada encontra-me de pé, com as juntas duras e molhado de orvalho, pois as mantas estão tão úmidas como se tivessem sido mergulhadas na água.

A maré está baixa e mostra o leito do rio em grandes baixios de lama preta e macia; não há vento, e, com a ajuda dos remos apenas, fazemos pouco progresso no rio sem



Arari, Rio Mearim.

corrente. As margens são baixas e lamacentas, demarcadas por mangues e repletas de inumeráveis quantidades de caranguejinhos vermelhos,¹ e diversos colheireiros rosaclos.² À medida que o sol sobe mais e mais, o calor violento torna-se quase insuportável, e a claridade forte mostra um cenário monótono de brejos planos verde-acinzentados e praias e baixios de lama. De repente, em não mais do que um instante, a virada da maré chega com um rugido poderoso de águas, que força o piloto a ancorar, pois a embarcação é violentamente arrastada, e as águas sobem o rio a 6 ou 7 milhas por hora.

Mais tarde levantamos ferros, mas durante todo o dia o vento sopra apenas em pequenas lufadas. Estou já completamente ressequido, mas a exposição direta em uma extensão tão larga de água cinzenta e barrenta, sem um sopro de vento para aliviar a claridade e o calor sufocante, não é de modo algum agradável em uma latitude apenas três graus abaixo do Equador.

Às 4 da madrugada, o rio abaixa de novo e torna-se inavegável; assim o piloto ancora em uma pequena enseada atrás de uma ponta de terra, onde aguardamos, resguardados da força da "piraroca"³ (macaréu, ou onda de arrebentação) que acompanha aqui a virada da maré. Ao luar vejo-a avançando, uma seqüência de ondas crespas e encapeladas, que vai de margem a margem (aqui, de uma milha de distância uma da

1. O *Gelasimus*, uma espécie do gênero *Ocyroda*.

2. *Platerhynchus* ou *Platalia ajaja*.

3. Palavra derivada do termo indígena *piroca*, calvo. [Trata-se de um engano de Wells, que grafa *pororoca* como *piraroca* (NT).]

* Nesta data, denominada *Guy Fawkes Day*, comemora-se na Inglaterra o fracasso de uma conspiração dos católicos para explodir o Parlamento, com fogueiras e queima de bonecos que representam o conspirador (N.T.).

outra), passa por nós com um rugido e um ronco e faz nossa embarcação girar e dançar em volta de seus cabo e balançar violentamente nas águas em remoinho, mas a enseada é um porto de refúgio, onde a força das ondas é de certo modo quebrada pelo promontório contíguo. Mais tarde, o vapor de roda de pá da capital, com uma cauda de barcas à toa, passa por nós, soltando fumaça, espirrando água e brilhando com sua feira de luzes na escuridão da noite.

Havia muita reclamação no rio, com relação aos preços altos e quase proibitivos cobrados pela companhia (que detém o monopólio, e um pesado subsídio provincial), e prevalecia a opinião geral de que os diretores e as autoridades eram uma família feliz e não se importavam absolutamente com os interesses dos fazendeiros a quem eles deveriam estar servindo.

Os mosquitos nos abordaram com seus exércitos e nos mantiveram ativos e alertas até as 10 da noite, quando a maré permitiu nossa partida.

Mais tarde, na noite de 24 de junho, ancoramos na baía de São Marcos, nos fundos da cidade do Maranhão, onde incessantes estouros de foguetes e bombas anunciavam a observância da véspera de São João, o 5 de novembro brasileiro.* O resto da viagem foi tão monótona e sem incidentes que havia pouco a destacar; havia horas ocasionais de prazer, quando velejávamos alegremente com ventos vigorosos e favoráveis, que refrescavam o corpo tão intensamente abrasado, picado até a irritação pelos mosquitos à noite e tostado pelo sol durante o dia. O rio é largo, chegando em alguns pontos a 2 milhas de largura, mas em toda parte as margens baixas e limosas, encimadas por capim fino, ou cercadas de mangues, criavam cenas indescritíveis de desolação, uma mudança radical da paisagem do Grajaú; todavia, perto do rio ficam extensas plantações de açúcar e toda a riqueza da província. Muitas dessas plantações são bastante extensas e têm sido exploradas há cem anos ou mais, pois o rico solo negro dessas planícies é bem adequado ao cultivo da cana-de-açúcar. Nestes distritos, febres intermitentes e sezões são muito comuns em certas estações do ano, como a visão dos brejos planos, escaldando ao calor deste clima tórrido, sugere imediatamente, e se não fosse pelas brisas frescas e saudáveis dos ventos alísios que varrem as praias e os planaltos do Brasil, esta e localidades similares seriam tão inabitáveis quanto as piores partes da costa oeste da África.

Ao descer à terra de manhã cedo em um domingo, entre as casas de uma cidade importante, com bondes e lâmpadas de gás, gente bem vestida andando pelas ruas pavimentadas e todas as muitas cenas e o movimento inerentes à humanidade civilizada, sinto-me como se tivesse pisado de novo sobre a mãe-terra vindo de outro planeta, tão estranha e inusitada é a agitação, depois das cenas tranqüilas do interior; mas superior a tudo é a intensa sensação de satisfação e gratidão pelo fim da longa jornada.

* Nesta data, denominada Guy Fawkes Day, comemora-se na Inglaterra o fracasso de uma conspiração dos católicos para explodir o Parlamento, com foguetas e queima de bonecos que representam o conspirador (N.L.).

Iniciei minhas viagens cheio de entusiasmo e deleite diante da perspectiva de “uma vida rústica” nos distantes ermos pouco conhecidos, mas terminei-as com um prazer muito maior e um sentimento grato de alívio, como se tivesse acordado de um pesadelo. Porém agora, decorridos anos, à medida que o tempo passa, as lembranças dos velhos dias assumem um aspecto cada vez mais suave, pois os muitos incidentes e paisagens agradáveis parecem perder os inconvenientes que as acompanharam e destacar-se claras e nítidas nos nossos pensamentos, enquanto o lado mau do quadro vai-se apagando nas sombras escuras do oblívio. A fogueira do acampamento, os campos e o topo do morro varridos por brisas, a floresta sombreada, o sol claro, a vegetação deslumbrante, aquelas noites de luar no São Francisco, no Sono e no Grajaú, que diferente parece tudo agora, livre dos insetos, do desconforto e da má alimentação.

Ao ouvir que um vapor nacional, o Bahia, estava no porto e partiria naquele dia para o sul, apressei-me até o escritório da companhia para conseguir uma passagem para a cidade da Bahia, mas como não pude apresentar um passaporte (tendo-o totalmente enviado com uma parte da bagagem para a Bahia, da cidade de Barra do Rio Grande), recusaram-me peremptoriamente um bilhete. Declarações, protestos, súplicas, foi tudo inútil, mas, tendo recebido o conselho de procurar o cônsul, fui até a casa desse indivíduo e tive de esperar um bom tempo até que ele despertasse de seu cochilo, e mesmo assim só para que ele me recusasse qualquer ajuda ou assistência, embora eu tenha proposto apresentar papéis que comprovassem minha história; por fim, ele sugeriu que eu fosse ver o chefe de polícia. Ao perguntar por esse cavalheiro em sua residência, levaram-me a subir a escadaria, de onde, de uma sala contígua, fui convidado por uma voz alta e franca a entrar e tomar o desjejum. Encontrei o chefe com sua família tomando a refeição da manhã e, tendo pedido desculpas por minha intromissão matinal, expliquei brevemente a necessidade de buscar sua assistência. “Sente-se, meu amigo; tome o desjejum e depois me conte.” Durante a refeição, fiz-lhe um curto resumo de minha viagem; o “chefe” demonstrou grande interesse em meu relato e, sem hesitar, deu-me uma autorização para deixar o porto. Portanto, meu primeiro encontro com um compatriota não foi um episódio agradável.

Ao meio-dia, embarquei a bordo do Bahia com meu criado Bob, que estava evidentemente deslumbrado com o que via, pois jamais contemplara o mar, que dirá um vapor. Senti naquele momento um tal alívio, um tal relaxamento, que uma reação seguiu à longa peleja contra dificuldades e privações, e eu quase sucumbi com um forte ataque de febre, mas felizmente recuperei-me antes de alcançar a cidade da Bahia.

Cerca de três semanas depois de chegarmos à Bahia, Mr. J.B., que tinha descido o Rio São Francisco, chegou com todo o equipamento de campanha da expedição, e no

dia seguinte, 30 de julho de 1875, retornei à Inglaterra no magnífico *Brittania*, um grande vapor da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico, que se parece com um iate, para desfrutar umas férias em casa depois de sete anos de trabalho no Brasil.

Antes de deixar a Bahia, eu obtivera emprego para Bob em uma fundição de ferro, onde ele poderia ter oportunidade de utilizar sua grande força física, mas ao entardecer do mesmo dia encontrei-o na escadaria do hotel, chorando como um bebezão, aparentemente porque os trabalhadores tinham-lhe pregado peças. Ele não queria mais voltar ao trabalho, e, no dia seguinte, embarquei-o em um vapor que ia para Cachoeira, no fim da baía, de onde ele irá a pé até sua casa distante em Minas Gerais.

Um triste incidente marcou o fim de minhas peregrinações. Ao descer a costa, eu deixara meu cão Feroz em Pernambuco a cargo de um amigo, que cuidaria dele até que eu voltasse. Na ida para a Inglaterra, desci nesta cidade, onde fiquei sabendo, para meu grande pesar, que meu fiel camarada estava perdido. Ele fugira uma vez da casa de meu amigo e fora encontrado no embarcadouro do litoral, olhando ansiosamente para o oceano aberto, sentado sobre os quadris e uivando soturnamente por seu dono ausente, circundado por um semicírculo de pessoas, todas temerosas de se aproximarem de um animal de aparência tão feroz; meu amigo convenceu-o a voltar com ele, mas o cão tornou a fugir e, apesar de árduos esforços para descobrir seu paradeiro, nunca mais foi visto. Pobre Feroz! Adeus, meu fiel amigo!

As primeiras 38 milhas, de São Gonçalo da Ponte, são, de longe, a parte mais acidentada da linha, pois esta seção requer 1.359.848 jardas cúbicas de escavação, os três viadutos e onze túneis, além de numerosas pontes e aquedutos.

Oito engenheiros estiveram encarregados do levantamento, que ocupou vinte meses de trabalho de campo e três meses de trabalho de escritório.

DISTÂNCIA DE SÃO GONÇALO DA PONTE DOS PRINCIPAIS LOCAIS DE IMPORTÂNCIA

Milhas.

14	Arraial de São José.
31	A passagem na Serra dos Três Irmãos, "O Funil".
44	Arraial de Capela Nova do Betim.
62	Arraial de Santa Quitéria.
73	Urucuia.
89	Arraial de Inhaúma.
110	Lugarejo de Três Pedras.
114	Arraial de Tabuleiro Grande.
127	Lugarejo de Bom Sucesso.
173	Arraial de Bagre.
195	Buriti Comprido.
315	Pirapora.
335	Boca do Rio das Velhas .

APÊNDICE B

EXPLORAÇÃO DA DIVISÓRIA DE ÁGUAS DO TOCANTINS E DO SÃO FRANCISCO; DE CARINHANHA AO VALE DO PARANÁ

Ver-se-á, ao examinar o mapa que acompanha esta obra, que Januária oferece um caminho muito mais curto para o Tocantins do que Carinhanha; mas a última teve de ser o ponto de partida da expedição, de acordo com as instruções. A rota seguida na exploração era através de Cocos, subindo o vale do Rio Formosa até Sítio, São Pedro e Posse. O resultado mostra que há quatro rotas alternativas para o Tocantins:

- 1º) de Januária, na direção das nascentes dos Rios Carinhanha e Correntes;
- 2º) da cidade de Carinhanha, seguindo o vale do rio deste nome até a nascente do Correntes;
- 3º) pelo vale do Rio Carinhanha, até a boca do Rio Itaguari, depois subindo este vale até a nascente do Correntes;
- 4º) pelos Rios Carinhanha, Itaguari, depois através do deserto até o Rio Formosa, e subindo este vale até o Correntes. Em cada uma destas rotas, o vale do último rio citado oferece uma passagem fácil e favorável até sua junção com o Rio Paraná, 17 milhas abaixo de Flores. Canoas e embarcações leves podem descer daí para a cidade de Palma, ponto de partida de grandes hotes que descem o Tocantins até o Pará. Na verdade, todas essas e a região circundante enviam suas exportações para o Pará e recebem dele suas importações.

O divisor de águas é um tabuleiro amplo e arenoso, perfeitamente plano em alguns pontos, em outros muito ondulado. As encostas leste são muito suaves e regulares, mas o solo é de uma natureza tão estéril e arenosa que de Buriti Torto, dezesseis milhas a oeste de Cocos, um deserto ("travessia") completamente desabitado, estende-se por 165 milhas até Sítio, onde, antes que o viajante o penetre, é necessário providenciar todo o necessário para si e os animais: alimentos, forragem e água. Através de todo o curso seguido do Rio Formosa, nem um único afluente foi encontrado em uma distância de oitenta e três milhas. A água da chuva filtra-se através do solo arenoso para dentro do Rio Formosa, cujas águas são extraordinariamente claras e límpidas, daí o seu nome. Toda a área deste deserto é imprestável para a agricultura ou

como pastagem; mas, em alguns pontos, as margens dos Rios Carinhanha e Itaguari são contornadas por cinturões de madeiras de bom tamanho, e ocasionais agrupamentos de árvores são vistos nas depressões da terra e do platô divisório. O Carinhanha poderia ser facilmente tornado navegável e perfeitamente seguro; mas suas águas são no momento raramente usadas como meio de transporte, devido a seu curso extremamente tortuoso; há uma grande curva que exige um dia para ser percorrida, e onde o viajante pode preparar sua ceia no mesmo lugar em que tomou o desjejum.

Mas não se deve imaginar que a “travessia” é um deserto africano, pelo contrário, um campo rico e curioso para o botânico existe entre as pindaíbas, as mangabeiras, lírios arborescentes, cactos rasteiros, o buriti, a carnaúba e as palmeiras nanicas, as mimosas e todas as muitas variedades de árvores estranhamente retorcidas e mirradas, arbustos resistentes, capins cinzentos e duros e flores vivas peculiares aos campos arenosos do Brasil. A atmosfera é maravilhosamente clara e pura, parecendo, por assim dizer, um reflexo do brilhante azul do céu e de suas nuvens deslizantes, brancas como neve, e o solo, o capim, as flores coloridas, tudo brilha e cintila aos raios impiedosos de um sol escaldante.

A vertente oeste do divisor de águas é totalmente diferente da leste; pois, como o Tocantins é muito mais baixo do que o São Francisco, a inclinação de seus afluentes com relação às nascentes do leste é necessariamente maior do que a dos afluentes do São Francisco, e as encostas oeste da divisória são muitas vezes abruptas e precipitosas; a terra é muito melhor irrigada por correntes rápidas e o solo é mais fértil. O vale do Rio Paranã é razoavelmente bem habitado e provido de numerosas fazendas de gado. Aqui, imensas manadas são criadas e enviadas em uma longa jornada por terra de 1100 milhas, via Januária e Curvelo, para o Rio de Janeiro. Esta região é bem irrigada e a pastagem é excelente. É uma bela região de morros ondulantes e planícies relvasas, pontilhada de “capões” (ilhas de floresta, na língua guarani) nas depressões, e por cinturões de floresta nas margens dos rios. Mas há uma desvantagem: a existência de muitas terras pantanosas, o que ocasiona uma quantidade considerável de febre intermitente. Diversos membros da expedição sofreram ataques agudos durante seu avanço através do, com exceção deste aspecto, paradisíaco vale.

No futuro distante, quando houver necessidade de uma ferrovia ligando o São Francisco e o Tocantins, o engenheiro encontrará condições muito favoráveis para o seu trabalho, pois não há montanhas onde se escavarem túneis, ou por sobre as quais passar, nem vales profundos para transpor, e os gradientes serão sempre suaves e as curvas leves. Por enquanto, só haveria o transporte de gado, e nenhuma ferrovia pode rebaixar seus preços a ponto de competir com sucesso com os sertanejos que enviam

seu gado para o mercado pela estrada, e para quem o tempo não representa ganho. O “matuto” recusa-se a empreender por paga uma jornada de um dia, mas fará de boa vontade a mesma jornada para adquirir algum artigo de necessidade por uns poucos *pence* a menos do que em sua vizinhança mais próxima, pois adora economizar o que se recusa a ganhar.

APÊNDICE C

CLIMA

As informações que se seguem foram retiradas de estatísticas de temperatura publicadas pelo calculador assistente do Observatório Imperial do Rio de Janeiro.

TEMPERATURAS MÁXIMAS E MÍNIMAS ANUAIS À SOMBRA

Ano	Máxima		Mínima	
		g.F		g.F
1880	27 de janeiro	99,50	1º de julho	56,66
1881	9 de dezembro	94,46	6 de agosto	56,66
1882	27 de novembro	98,06	1 de setembro	50,36
1883	25 de novembro	99,50	19 de agosto	55,22
1884	12 de janeiro	98,96	16 de setembro 7 de outubro	58,10

			g. F
1851 — 67	temperatura média		74,48
1868 — 78	"	"	75,02
1879 — 84	"	"	73,04

Os meses de maio a outubro compreendem a estação seca, e novembro a abril, a chuvosa.

Há, naturalmente, uma diferença muito considerável entre as temperaturas do centro da cidade, mais baixo, e as dos subúrbios elevados nos morros que a circundam. No dia 10 de dezembro de 1885, a temperatura do dia e da noite da cidade naquela data era respectivamente 91°,0 e 73°,0 respectivamente, enquanto no hotel de Paineiras, na estrada de ferro do Corcovado, o termômetro registrava na mesma ocasião 75°,2 de dia e 64°,4 à noite.

Quando os fluminenses tiverem capital e coragem para construir uma ferrovia para as áreas elevadas ao fundo da cidade, que são no momento de difícil acesso, eles realizarão um empreendimento muito lucrativo e serão grandemente beneficiados.

Observações feitas em Pirapora, Rio São Francisco, com o termômetro suspenso dentro de uma cabana coberta de capim, construída sobre uma pequena elevação (o local mais fresco da vizinhança):

1874	Mínima	Máxima	Variação Diária	
			Mínima	Máxima
Janeiro	63	93	71-82	64-93
Fevereiro	64	95	69-85	64-95
Março	63	94	68-89	65-92
Abril	64	91	67-84	68-95
Maio	63	93	70-75	66-83
Junho	49	81	64-71	57-91
Julho	45	93	48-76	47-93
Agosto	46	98	54-73	46-81
Setembro	61	88	64-89	64-94
Outubro	64	90	69-74	64-90
Novembro	67	88	71-75	67-88
Dezembro	67	97	76-83	70-97

Observações em Carinhanha, Rio São Francisco. Termômetro suspenso no corredor de uma casa na praça principal da cidade:

Data 1875	Hora da Observação				Comentários
	7 h.	10 h.	13 h.	16 h.	
5 de março	78	82	85	88	
6	76	82	92	92	
7	79	86	88	89	
8	78	81	87	88	Trovoada a oeste.
9	75	85	89	78	Temporal de 14h30 às 15h30
10	76	80	81	80	
11	75	79	84	84	Chuva ao meio-dia. Trovoada e chuva forte à noite.
12	76	81	86	78	Chuva das 14 às 15 horas e à meta-noite.
13	76	80	82	81	Chuva das 14 às 15 horas. Chuva com trovoada às 22 horas.
14	78	80	79	77	Chuva ao meio dia e à noite.
15	74	77	79	79	Chuva das 14 às 15 horas. Forte temporal de 17 às 18 horas.
16	72	76	75	80	Tempo bom.
17	73	76	78	79	O rio subiu 11 polegadas e desceu rapidamente 9.
18	74	79	82	86	
19	76	78	86	88	
20	77	82	86	88	
21	77	82	85	86	
22	78	88	85	84	
23	78	80	82	81	Chuva às 7 horas.
24	79	80	82	84	Chuva forte a sudeste
25	79	80	85	84	
26	78	81	82	85	Forte tempestade a noroeste.
27	76	83	86	85	
28	76	80	82	80	
29	72	79	81	81	Pesadas nuvens cúmulos negras durante todo o dia, passando rapidamente ao norte.
30	72	76	78	82	
31	70	78	82	81	

Data 1875	Hora da Observação				Comentários
	7 h.	10 h.	13 h.	16 h.	
1 de abril	70	74	80	80	
2	68	75	80	80	
3	69	79	81	82	
4	71	80	81	84	
5	72	82	81	84	
6	71	80	83	86	
7	72	80	84	88	Sinais de chuva a noroeste
8	76	80	91	87	Chuva rápida às 7 horas.
9	76	83	86	85	Duas chuvas rápidas à tarde.
10	77	82	86	82	
11	74	84	83	83	Duas chuvas leves durante o dia. Chuva pesada durante uma hora à meia-noite.
12	78	79	85	83	
13	78	82	81	83	
14	77	80	83	84	Nuvens pesadas. Às 16 horas, um temporal passou a alguma distância.
15	73	81	85	84	
16	76	84	84	86	
17	74	82	87	84	Chuva forte por duas horas às 2 horas.
18	75	82	84	84	Duas chuvas leves durante o dia.
19	72	78	82	82	Chuva forte de 21 à 1 hora à noite.
20	73	75	78	80	Chuva de 18 às 9 horas da manhã.
21	68	72	76	76	Chuva à meia-noite.
22	68	71	72	74	
23	68	76	78	76	
24	70	76	78	77	
25	69	72	84	82	
26	72	82	86	84	
27	73	78	82	80	
28	69	74	81	82	
29	66	71	82	82	
30	70	80	80	82	

Data 1875	Hora da Observação				Comentários
	7 h.	10 h.	13 h.	16 h.	
1 de maio	72	80	86	87	
2	71	78	81	84	
3	72	79	81	84	
4	70	78	81	82	
5	73	79	82	79	Chuva forte a leste às 16 horas, vento mudou então para sudeste. Chuva forte a sul-sudeste.
6	74	81	84	86	À noite vento forte de leste trouxe tempestade e trovoadas que seguiram para o norte.
7	70	77	80	80	
8	68	71	78	78	
9	64	72	78	80	
10	66	74	80	78	
11	64	76	79	78	
12	66	78	80	79	
13	66	70	79	81	
14	68	71	76	82	
15	70	79	81	80	
16	69	75	82	81	

Temperaturas observadas durante a exploração da rota de Carinhanha ao Rio Paraná, Rio Tocantins. N.B.: estas leituras, especialmente as feitas às 13 e às 16 horas, são mais altas que as temperaturas reais à sombra, devido à dificuldade de se obter um recanto sombreado em uma jornada através de uma região de campos.

Data	Nome da localidade	Distância em milhas de Carinhanha	Hora da Observação				Altura acima do nível do mar em pés
			7 h.	10 h.	13 h.	16 h.	
5 de março	Lagoa do Peixe	10	72	86	100	82	1.534
6	"	"	66	95	94	96	"
7	"	"	75	108	103	91	"
8	"	"	84	"
"	Cutral Elso	33	92	"
9	"	"	74	"
"	Buriti	45	82	"
10	"	"	73	"
"	Rio Inaguari	"	...	85	1.599
"	Carabás	66	92	80	1.853
11	"	66	75	1.922
"	Cocos	74	...	85	1.852
12	"	"	73	1.839
13	"	"	76	1.873
14	"	"	73	77	82	83	1.892
15	"	"	74	1.880
16	"	"	74	1.869
"	Rio S. Antônio	82	...	83	1.811
"	Buriti Torto	90	80	...	1.891
17	"	"	74	"
"	Rio das Pedras	111	83	2.237
18	"	"	73	"
"	Rancho Calande	120	88	76	2.200
19	"	"	71	"
"	Buriti Pintado	140	88	2.417
20	"	"	73	"
"	Rio Formosa	152	86	...	2.464
21	"	"	74	"
"	"	165	78	73	2.577
22	"	"	70	82	"
23	"	180	72	82	2.614
24	"	190	74	79	2.624
25	"	200	72	82	84	82	2.714
26	"	"	71	"
27	"	206	74	78	2.753
28	"	219	70	88	2.814
29	"	227	68	84	86	94	2.858
30	"	"	69	"
"	Topo do divisor	233	...	77	2.935
"	Buriti	243	85	...	2.637
31	Rio Correntes	250	...	82	85	...	2.521

Data	Nome da localidade	Distância em milhas de Carinhanha	Hora da Observação				Altura acima do nível do mar em pés
			7 h.	10 h.	13 h.	16 h.	
1 de abril	Rio Correntes	250	66	2.521
"	Sítio	255	82	2.425
2	"	"	70	...	76	...	"
3	"	"	...	75	"
4	"	"	68	"
5	"	"	68	"
6	Rio Correntes	263	...	86	2.398
"	S. Vidalgo	274	87	"
7	"	"	60	"
"	Ribeirão	"	92	...	2.334
8	"	290	74	"
9	Dores	309	70	2.414
"	S. Pedro	325	88	2.694
11	Posse	342	73	2.629
15	Fazenda do Poço	348	72	...	82	...	2.714
16	Trombo	360	72	...	90	...	2.058
17	Boa Vista	383	73	...	90	...	1.922
"	Vale do Paraná	...	75	1.766
"	Flores	425

Temperaturas observadas na viagem de Barra do Rio Grande, no Rio São Francisco, até a cidade do Maranhão:

Data	Localidade	Horas de Observação		Distâncias de Barra do Rio Grande em milhas	Alturas acima do mar em pés
		7 h.			
23 de fevereiro	Barra do Rio Grande	77	1.312
1 de março	Boqueirão	76	...	66	1.412
5	Tamanduá	76	...	80	1.430
6	Estreita	74	...	100	1.475
7	Galinheira	70	...	121	1.480
8	Santa Rita	78	...	140	1.500
11	Garo	76	...	157	1.512
13	Formosa	72	...	210	1.670
4 de abril	Vau	70	...	225	1.700
5	Santa Maria	73	...	251	1.732
9	Brejo Escuro	73	...	298	1.880
12	Batalha	65	14 h.	336	2.090
13	Vargem Bonita	70	...	342	2.140
"	Topo dos Morros	...	79	...	2.320
14	Nascente do Rio Diogo	72	...	350	2.070
15	Acampamento	71	...	358	1.705
16	"	73	12 h.	...	1.630
"	Boca do Brejão	...	82	369	1.605
19	Nascente do Soninho	...	83	373	1.682
21	Passagem do " n° 1	76	...	379	1.485
24	" " n° 2	76	...	424	1.060
28	Boca do Rio Preto	...	84	435	907
29	Porto Franco	76	...	457	815
1 de maio	Rio do Sono	76	740
4	"	77	670
5	"	75	645
6	"	76	622
8	Boca do Rio do Sono	76	610
"	Pedro Afonso	76	...	584	663

Vasta como é a extensão do Brasil, o clima de norte e sul não mostra nenhum grande extremo de calor ou frio. O Egito é mais quente no verão, e a Espanha é sempre mais fria no inverno. A Amazônia, que atravessa a região do Equador, não é de modo algum uma zona tão tórrida quando sua posição nos levaria a pensar. Uma permanência de dois anos em Santo Antônio, no Rio Madeira, uma das regiões mais insalubres da Bacia Amazônica, mostrou uma média geral máxima de 82° - 88°, e mínima à noite de 69° - 75°, mas em uma ou duas ocasiões excepcionais durante o dia, o termômetro registrou 95°.

Em Pernambuco, a cerca de 8° de latitude sul, o termômetro raramente excede 84°, ou desce abaixo de 65°.

No sul, no Rio Grande do Sul e Paraná, a variação de temperatura é muito maior do que nas regiões central e norte. Aqui, leves geadas ocorrem nas noites de inverno, enquanto no verão, durante o dia, o termômetro alcançará um grau de temperatura tão alto, ou mesmo mais alto do que em qualquer parte das seções tropicais do Brasil.

A uniformidade e brandura relativas da temperatura do litoral brasileiro e dos tabuleiros elevados do interior deve-se aos ventos alísios que tão infalivelmente varrem a terra com suas brisas puras e refrescantes e carregam para longe e dissipam a malária gerada pelos pântanos das terras baixas da costa norte, que seriam, de outro modo, tão insalubres quanto a costa ocidental da África. É somente em vales profundos, ou onde as localidades são isoladas dos ventos do oceano por arredores montanhosos, como no Rio de Janeiro, que o termômetro ocasionalmente mostra um alto grau de temperatura.

SAÚDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

ESTATÍSTICAS DE MORTALIDADE NO RIO DE JANEIRO E SEUS SUBÚRBIOS, OBTIDAS DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS

Infelizmente, não há dados precisos para determinar exatamente o número da população atual desta área, mas acredito que 400.000 é razoavelmente correto, embora uma tal estimativa talvez seja considerada por muitos uma quantidade exagerada.

Durante o último ano (1885), a mortalidade total foi de 10.182, distribuídos da seguinte maneira:

Sexo		Condição		Nacionalidade	
Masculino	6.332	Livres	9.881	Brasileiros	7.112
Feminino	3.850	Escravos	301	Estrangeiros	3.070

Idades		Locais	
0 a 7 anos	2.363	Casas particulares	6.847
7 a 25 anos	1.494	Hospitais	3.358
25 a 40 anos	2.026	Estradas	4
40 a 55 anos	1.678	O mar	23
Acima de 55 anos	1.811		
Desconhecida	810		

1ª metade do ano 5201

2ª metade do ano 4981

CAUSAS DE MORTALIDADE

Tuberculose	1754	Febres diversas	193
Causas variadas	1624	Mortes violentas	196
Coração	1232	Trismo de recém-nascidos	178
Natimortos	793	Convulsões	131
Bronquite, etc.	654	Doenças linfáticas	131
Órgãos digestivos	581	Consumpção dos intestinos	130
Cérebro-espinhal	555		
Febre perniciososa	545	Diarréia	55
Apoplexia	480	Disenteria	41
Febre amarela	374	Erisipela	39
Fígado	289	Varíola	4
Febre tifóide	206		

Mortalidade por diversas febres de 1877 a 1885								
	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884	1885
Febre amarela	1174	974	1433	912	95	1336	618	374
Febre perniciosa	668	552	555	472	...	600	426	545
Febre tifóide	208	168	178	186	...	160	157	206
Outras febres	285	214	208	170	749	352	135	193
Sarampo	52	42	14	4	...	149	15	...
Variola	2175	197	27	127	937	1366	89	4
	4562	2147	2415	1871	1781	3963	1440	1322

Como se vê pela tabela de mortalidade por febre durante os últimos oito anos, o Rio de Janeiro melhorou consideravelmente a sua condição sanitária.¹ As mortes por febre amarela compreendem em média, em diferentes anos, cerca de 1 a 10 por cento da mortalidade total. As vítimas de febre amarela são em geral estrangeiros recém-chegados (principalmente jovens, que são geralmente descuidados em seus hábitos, ou na execução de precauções indispensáveis a um forasteiro não-aclimatado), camponeses acabados de chegar do interior; marinheiros em licença ou trabalhando ao sol e dormindo ao relento; e os residentes debilitados por um mau estado geral de saúde, devido a uma longa permanência em um clima tropical. Às vezes a doença, apesar de todas as precauções, toma de assalto um antigo morador de hábitos tranquilos, ou uma senhora que terá vindo de um subúrbio saudável para a cidade infectada para fazer compras.

As diversas variedades de febres pantanosas que são comuns em muitas partes do interior exigem, para ocasionar um ataque, condições completamente opostas àquelas da febre amarela, pois um estrangeiro saudável recém-chegado pode em geral viajar por uma região de malária com relativa impunidade, mesmo quando os habitantes locais estão todos sofrendo de febres endêmicas; e mesmo se o estranho torna-se um residente, ele será menos sujeito a um ataque do que os nativos. Porém, em alguns dos afluentes do Amazonas, estas febres às vezes assumem uma forma extremamente maligna, e dos seringueiros que anualmente sobem o rio, milhares nunca retornam. O rio Purus, especialmente, tem uma notável reputação pela natureza ocasionalmente fatal de seu clima.

1. Desde que se escreveram as observações acima, este ano (1886), tendo sido inusitadamente quente, a febre amarela voltou a predominar; no entanto, apesar da alta temperatura dos primeiros meses do ano, não alcançou a extensão de anos anteriores, tendo, porém, aumentado a área de sua devastação, pois muitas vilas do interior e muitas cidades da costa foram este ano visitadas pela primeira vez pela cruel doença. Como sempre, a epidemia cessou com a chegada da estação fria de maio a setembro.

APÊNDICE D

MINERAÇÃO DE OURO E DIAMANTES NO BRASIL

Provavelmente não existe outra parte do mundo em que o ouro esteja espalhado por uma área tão vasta quanto no Brasil; do norte ao sul, do leste ao oeste, ele é encontrado, seja em quartzo ou aluvial, e quase não há uma única província em que não haja ocorrência de ouro. Um certo Antônio Rodrigues, natural de Taubaté, em São Paulo, tem o crédito de tê-lo descoberto em 1693. Naqueles dias, o que são agora as províncias eram denominadas então "capitanias", cada uma sob um governador, e praticamente independentes umas das outras.¹ Quando os paulistas de Taubaté fizeram a descoberta do ouro, eles tentaram excluir os recém-chegados da Europa e as capitanias vizinhas de participação no achado, e, finalmente, em 1708, sob a liderança de um certo Manoel de Borba Gato, tentaram expulsar todos os intrusos; assim começaram as guerras dos Caboclos e dos Emboabas, que depois de muitas escaramuças, terminaram com o partido dos paulistas sendo deslealmente traído e exterminado até o último homem. A cena do massacre deu-se nas proximidades de São João del Rei, e assim surgiu o nome do Rio das Mortes, que passa perto da cidade.

Este é apenas um dos muitos episódios registrados da anarquia e desordem que reinavam naqueles primórdios no interior selvagem do País, mas, apesar de todas as dificuldades e privações, os velhos colonizadores, evidentemente cheios de energia e de espírito empreendedor, disseminaram-se sobre a superfície da terra e penetraram até localidades distantes em Goiás e Mato Grosso, onde os vestígios existentes das antigas lavras mostram que uma imensa quantidade de trabalho foi feito, morros foram escavados ou nivelados, vales e distritos inteiros foram revolidos. A lavagem por meio de calhas foi largamente empregada, e a água era conduzida em canais abertos, às vezes por trinta ou quarenta milhas, sobre terreno geralmente muito acidentado, e um imenso número de trabalhadores deve ter sido empregado nas operações.

Em 1713, o governo colonial decretou um imposto de um quinto (Quinto Real) do produto total de todas as minas, mas a despeito de seu cioso zelo, deve ter sido extremamente difícil evitar contrabando ou operações em localidades distantes, fora do alcance da inspeção oficial; porém, mesmo assim, é espantoso ler nos arquivos de Ouro Preto acerca das fabulosas somas recebidas em pagamento do quinto, uma boa parte das quais ajudou a reconstruir Lisboa após o terremoto de 1755.

1. Isto pode talvez ter dado origem ao plural "os Brasis", como se refere a ele ocasionalmente a seção de correspondência exterior dos jornais.

Todo este vasto ganho com a mineração praticamente cessou por volta de setenta ou oitenta anos atrás, provavelmente devido à exaustão das velhas lavras, ou ao custo e à escassez crescentes do trabalho escravo e indígena; no entanto, não posso deixar de crer que o Brasil ainda será um grande país de mineração de ouro e diamantes; há muitos argumentos a favor e contra esta opinião.

CONTRA

1º) Que até aqui a maioria dos esforços feitos por estrangeiros e nativos para reativar algumas das velhas lavras abandonadas redundou em fracasso, pois os antigos mineiros haviam feito seu trabalho muito eficiente, e até cientificamente, e limpavam tudo até os ossos.

2º) Que os técnicos mineiros californianos exploraram partes do País e não encontraram nenhuma recompensa.

3º) Que atualmente não há prospecções individuais por parte dos nativos que correspondam àquelas do antigo californiano que se enveredava pelos recessos das Montanhas Rochosas para pesquisar e labutar por conta própria, e sofria privações a que jamais se submeteria por um salário, por maior que fosse.

A FAVOR

Que, levando em consideração a enorme área do Brasil, e especialmente as vastas extensões que até agora nunca foram pisadas pelo homem, com exceção do índio nômade,² é razoável supor que ainda há “peixe tão bom no mar como o melhor que já se pescou”, ou, em outras palavras, é impossível acreditar que os poucos pontinhos no mapa do Brasil que representam a posição de minas antigas e atuais possam ser os únicos depósitos auríferos que existem. É contrário à razão pensar assim. O problema é encontrar os veios; pode ser como procurar uma agulha no palheiro, mas a agulha está lá, e muitas outras além dela. Gostaria de reunir uma meia-dúzia de californianos ou australianos práticos e resistentes e indicar-lhes onde ir no Brasil. Estou convencido de que poderia colocá-los na pista certa, através da prospecção de regiões inexploradas em uma continuação das agora facilmente traçadas linhas de terreno aurífero.

Nos últimos anos tem havido um aumento considerável do interesse nacional dirigido à mineração de ouro, e o Ministro da Agricultura está constantemente recebendo pedidos de concessões para explorar terras supostamente auríferas, mas muitas destas concessões são requeridas, nem tanto para uma exploração bem intencionada, mas como algo para vender a promotores de companhias, o que é, certamente, no momento, o sistema mais lucrativo de mineração de ouro do Brasil. Um “mineiro”

2. Há muitas regiões perfeitamente desconhecidas a 100 milhas da costa.

muito esperto, mas pouco inteligente, conseguiu passar uma concessão para as mãos de uma companhia americana; o capital foi levantado, e maquinaria dispendiosa enviada por uma longa e árdua viagem até o interior de Minas Gerais, mas ao começar as operações a terra mostrou ser desprovida de ouro; ela tinha sido astutamente “polvilhada”. O conhecido engenheiro de minas americano, que fora enviado para fazer um relatório sobre a propriedade, fora acompanhado em suas prospecções por um matuto de aparência simplória, o concessionário, que declarou haver ouro por toda parte, batendo amorosamente com sua bengala em cada bateia que o engenheiro testava pessoalmente, e fazia algumas observações aparentemente casuais sobre sua riqueza. Esta bengala era oca e fora enchida com pó de ouro e engenhosamente arranjada de modo a deixar cair um pouco do pó quando necessário. Nada mal para um matuto.

Perto de São João del Rei, garimpei ouro de fato da poeira da estrada; toda a região circunvizinha está literalmente salpicada de ouro e, no entanto, não valeria a pena explorá-lo, pois encontra-se disperso em porções mínimas. A terra fica acima do nível da água, e não há lugar para depositar a lavagem. Os antigos mineiros limpavam muito efetivamente os locais aproveitáveis do distrito, chegando a desviar o curso de um rio.

No volume I, página 259, citei um exemplo do que um homem pode fazer sozinho com picareta e bateia em distritos favoráveis como os do Rio Paracatu; e no distrito de Diamantina há ainda uma quantidade muito considerável de mineração de diamantes sendo feita, da qual o mundo exterior não sabe absolutamente nada.

O Brasil já supriu o mundo amplamente com diamantes e ainda continua a fazê-lo, mas ninguém jamais lê em um jornal brasileiro nenhuma notícia sobre estas minas ou lavras. Possivelmente elas são tão lucrativas que os mineiros podem achar melhor conservar os resultados de sua lavra apenas para seu próprio conhecimento.

Os ingleses fizeram muitas tentativas de mineração de quartzo no Brasil, e, entre muitos fracassos, apenas uma, a Companhia de São João del Rei, obteve sucesso; esta mina pagou seu capital repetidas vezes. É atualmente a mina mais profunda do Brasil³ e um empreendimento dos mais substanciais, mantido com grandes custos. Não há sinais de que se deva temer sua exaustão próxima, mas se ela jamais recobrará seus antigos dias de prosperidade vai depender grandemente da sua administração, pois as condições peculiares da mina requerem tratamento especial. O nome da companhia é enganador no que diz respeito a sua situação atual; originalmente foi cavado um poço na cidade de São João del Rei, mais tarde abandonado, e a companhia iniciou suas operações atuais em Morro Velho, perto do Rio das Velhas. O capitão Burton, em seu *Planaltos do Brasil*, dá detalhes mais completos e minuciosos sobre esta e outras minas inglesas da região.

³ Os poços da mina são planos inclinados de cerca de 2.000 fathoms de comprimento.

A condição atual das leis de mineração no Brasil é muito insatisfatória, principalmente devido à incerteza reinante, pois nunca se decidiu definitivamente se os depósitos minerais pertencem ao Estado, ao proprietário da terra ou ao descobridor. Conseqüentemente, uma concessão de direito à mineração é freqüentemente redigida de modo diferente por vários ministros, de acordo com a interpretação que eles ou seus conselheiros façam da lei.

ESTATÍSTICAS DE FERROVIAS BRASILEIRAS EM FUNCIONAMENTO, CONSTRUÇÃO E PROJETO, ATÉ O FIM DE 1884

O **negrito** indica as linhas pertencentes ao Estado, o tipo normal as Companhias Nacionais e o *italico* as Companhias Inglesas.

N.B. 1-000\$ = 1 conto, ou 1.000 mil-réis ao valor ao par de 27 pence = £112 10s. 0d.; ou 1-000.000\$ = £112.500 0s. 0d.

Província	Nome da Ferrovia	Comprimento			Rota em metros	Características	Custo			Proporção	Diferença entre o atual e o projeto	Receitas em 1884				
		Em Km.	Em mil.	Em mil.			Orçamento	Na realidade	Total			Receita	Despesa	Reserva	Útil	
		Km.	Km.	Km.			\$	\$	\$			\$	\$	\$	\$	
Paraná	Itaipava		6.000	6.000	1	2	5.000.000	5	5.000.000							
	Baturost	15.462		60.000		15			6.000.000			1.000.000	1.000.000		900.000	
Rio Grande do Norte	Cameroon - Sobral	20.420				15			2.000.000			600.000	600.000		600.000	
	Imperial - Bragança - Natal - Juazeiro - Rio	1.100			1	15	5.000.000	2.000.000	7.000.000	40.000		1.000.000	1.000.000		1.000.000	
Paraná	Curitiba	22.500			1	2	5.000.000		5.000.000	40.000		40.000	40.000		40.000	
Pernambuco	Recife - São Francisco	22.000	45.000		4	125	10.000.000	1.000.000	11.000.000	50.000	2	1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Caruaru	53.000			1	15			5.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Caruaru	90.000	20.000		1	15			2.000.000			2.000.000	2.000.000		2.000.000	
	Recife - Ilheus	90.000		60.000		20	5.000.000	2.000.000	7.000.000	50.000		50.000	50.000		50.000	
	Recife - São Paulo	55.000		9.000	1	15		1.000.000	1.000.000							
	Recife - Olinda	11.000			14	15		500.000	500.000	50.000			50.000	50.000		50.000
Alagoas	Piedade	25.000			1	10			1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
Alagoas	Alagoas	50.000			1	10	1.000.000		1.000.000	50.000		50.000	50.000		50.000	
Sergipe	Aracaju - São Francisco		12.000		1		1.000.000		1.000.000							
Bahia	Recife - São Francisco	11.100			15	15	16.000.000		16.000.000	100.000	1	100.000	100.000		100.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	100	1.000.000		1.000.000							
	Recife - Ilheus	80.000	41.000	15.000		15						60.000	60.000		60.000	
	Recife - Ilheus - General	215.000	15.000	150.000	1	1	1.000.000		1.000.000			400.000	400.000		400.000	
	Santo Antonio	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000	100.000						
	Santa Cruz	100.000		80.000	1	10	1.000.000		1.000.000	100.000						
Bahia - Minas	140.000	90.000	25.000	1	15		2.000.000	2.000.000			50.000	50.000		50.000		
Rio de Janeiro	Caracas - São Francisco		2.000			10	1.000.000		1.000.000							
Rio de Janeiro	Recife - Ilheus	11.000	60.000		1	5			1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Caracas - Rio de Janeiro	25.000		10.000	1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	60.000	40.000	10.000	1	15						400.000	400.000		400.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	
	Recife - Ilheus	80.000			1	10	1.000.000		1.000.000			1.000.000	1.000.000		1.000.000	

Província	Nome da Estação	Locustamento			Barragem em metros	Circunferência pedras	Capital			Preço por Km	Porcentagem garantida	Resultado em 1884					
		Em func.	Em constr.	Em projeto			Garantido em subsc.	Não garantido	Total			Receita	Despesa	Saldo	Deficit		
Rio de Janeiro	Rio Barão	8.500		20.000	11	2.57											
	Bananeiras	8.000	20.000		11	2.57		40.000	300.000								
	Forto Novo 2		10.000		11	2.57		80.000	800.000								
	Terapias de		6.000	45.000	11	2.57											
	D. Pedro Segundo	22.900	61.478	119.446	170	2.57				94.431.221	130.296	11.551.943	6.321.150	1.499.513			
	Rio do Ouro	58.056		16.111	113	2.57				1.164.912							
	Castroville	17.184			11	2.57			700.000	700.000							
	Rio de Janeiro e Magé		40.000	15.000	11	2.57			1.000.000	2.000.000							
São Paulo	S. Paulo	211.227			117	2.57	12.665.000		12.665.000	46.559	7	1.191.699	1.263.655	122.966			
	S. Paulo	119.450			118	2.57	13.155.450		13.155.450	109.466	7	5.012.432	1.521.299	4.291.133			
	Paraná e Campos	242.500			118	2.57		27.000.000	27.000.000	65.107		1.111.153	525.075	586.078			
	Itirama	180.000	80.000	33.000	119	2.57	2.452.050	3.150.000	5.602.050	13.273	7	130.411	128.426	1.985			
	Bogotá	51.000			119	2.57	1.300.000		1.300.000	44.613	7	3.583	30.835	27.252			
	S. Carlos de Pinão	112.200	46.947	67.515	119	2.57		5.000.000	5.000.000	18.056		110.507	149.213	38.706			
	Magiana	80.000			119	2.57	5.100.000	5.700.000	10.800.000	12.647	7	1.012.784	452.081	560.703			
	Magiana e Itaipava		21.000		119	2.57	1.200.000		1.200.000		6						
	Sucacatana	190.000	27.000	109.000	119	2.57	5.500.000	1.500.000	7.000.000	43.000	7	712.679	801.561	88.882			
Paraná	Paraná e Curitiba	40.000	10.000		119	2.57	11.491.000		11.491.000		7	30.084	141.271	111.187			
Santa Catarina	Desa. Terra Chocoma	1.600			119	2.57	5.411.000		5.411.000		7	8.550	61.412	52.862			
Rio Grande do Sul	Southern Province		190.500		119	2.57	13.321.450		13.321.450	46.341	7						
	Campana e Itaipava		291.000		119	2.57	13.407.649		13.407.649	57.002	6						
	Paraná e Southern		183.500		119	2.57	6.000.000		6.000.000	5.699	6						
	Porto Alegre e São Henrique	42.500			119	2.57	1.400.000	1.150.000	2.550.000	67.307	7						
	Porto Alegre e Caçapava	1.200.000	1.200.000	11.000	119	2.57			2.400.000	54.000		130.946	400.000	269.054			
	S. Joazeiro	11.000			119	2.57			92.000	291.402							
	S. João e Monte Negro			23.000	119	2.57											
Minais Gerais	Minais Gerais	120.000			119	2.57	15.491.250		15.491.250	91.144	7	251.473	219.427	32.046			
	Campana	40.000	160.000	110.000	119	2.57	20.000.000		20.000.000		7	461.500	765.400	303.900			
	Campana e Minas	95.000		120.000	119	2.57			1.000.000	1.200.000	12.251		139.380	121.754	17.626		
	Campana e Minas			120.000	119	2.57			4.000.000	4.000.000		7					
	Minais Gerais		50.000	100.000	119	2.57	9.000.000		9.000.000		7						
	Campana e Minas			100.000	119	2.57	5.000.000		5.000.000		7						
	Campana	1.000	300	16.000	119	2.57	800.000		800.000	10.000	7	14.152	61.954	47.802			
	Campana e Minas			10.000	119	2.57			1.000.000	1.000.000		7					
	Campana e Minas			15.000	119	2.57	10.000.000		10.000.000		7						

Em 1885

Resumo	Quilômetros	Milhas	Milhas
Em funcion.	6'115'343	3.800	4414
Em constr.	1'990'935	1.248	1411
Em projeto	5'472'124	3.400	3138

* Por seis meses até 30/junho/1884

+ Custo da construção parcialmente pago por subvenção provincial

Ø Companhia Francesa

As estatísticas acima foram retiradas do Relatório Anual do Ministro da Agricultura para o ano de 1885.

APÊNDICE E

FERROVIAS

FERROVIAS ESTATAIS BRASILEIRAS

Dom Pedro Segundo. Esta é a ferrovia mais importante do Império, em comprimento, tráfego e custo. É admiravelmente situada, pois recebe a totalidade das exportações e importações de Minas Gerais e dos ricos distritos cafeeiros do vale do Rio Paraíba. A linha principal estende-se até além de Queluz, e uma longa extensão está sendo construída agora para levar a linha finalmente até as cercanias de Sabará no Rio das Velhas. Outro ramal para Ouro Preto, capital de Minas Gerais, também está em construção. Estas duas últimas seções irão, durante muitos anos, diminuir sensivelmente os lucros da ferrovia, pois o tráfego insignificante terá de ser mantido com um excesso muito considerável da despesa sobre a receita. A imigração para estes distritos é praticamente nula, e uma proporção muito grande da terra só é adequada para uma magra pastagem de gado; no entanto existem, espalhados em meio aos morros e montanhas, muitos vales e depressões de solo muito bom, suficiente para fornecer uma produção abundante, mesmo com o número atual de habitantes, caso eles fossem apenas razoavelmente industriais, mas temo que mesmo a presença da ferrovia em seu meio não logrará exortá-los a uma atividade mais vigorosa.

A FERROVIA DOM PEDRO SEGUNDO

RENDIMENTO E DESPESAS COM O TRÁFEGO DE MERCADORIA E PASSAGEIROS EM DIVERSOS ANOS

Ano	Milhas abertas	Tráfego de passageiros e mercadorias Quantias em mil-réis			Número de passageiros	
		Receitas	Despesas	Balço	Subúrbios	Linha principal
1858	38	295.845\$	172.092\$	123.753\$...	115.112
1861	43	1.099.815\$	697.836\$	401.979\$	136.559	279.380
1863	55	1.001.997\$	854.109\$	147.888\$	160.122	304.766
1866	117	1.858.076\$	847.845\$	1.010.231\$	233.246	405.529
1869	126	4.325.817\$	1.845.662\$	2.480.159\$	531.068	778.543
1871	147	5.434.984\$	2.387.677\$	3.047.307\$	583.201	903.470
1874	233	7.604.032\$	3.381.894\$	4.222.138\$	785.413	1.230.114
1878	348	9.970.500\$	5.447.794\$	4.522.706\$	1.474.089	2.193.357
1881	403	13.067.911\$	5.605.765\$	7.462.145\$	1.852.970	2.755.487
1884	453	11.502.561\$	6.503.029\$	4.999.533\$	2.170.206	3.125.127
1885	453	12.212.955\$	6.368.496\$	5.844.458\$	2.475.269	2.489.225

A tabela do número de passageiros e do rendimento do tráfego conta uma história muito eloqüente do maravilhoso progresso desta seção do império. O tráfego suburbano de passageiros é indicativo do crescimento da cidade; o da linha principal mostra o movimento ou deslocamento crescente das pessoas, pois aumentou fora de qualquer proporção com o crescimento da população. As últimas 50 milhas da ferrovia passam por terras comparativamente improdutivas, onde o tráfego esparso fez subir as despesas de manutenção e as receitas totais chegaram a diminuir de 1881 a 1885. No entanto, embora a ferrovia possa não ser capaz de vir a ter lucros maiores nessa direção, ela pode ter uma expectativa razoável de melhoramento a partir do desenvolvimento adicional de suas doze ferrovias tributárias, atualmente em funcionamento, muitas das quais estão prolongando suas extensões, de modo que as boas perspectivas do futuro contrabalançarão as más. Há toda razão para se esperar que a ferrovia Dom Pedro II ainda continue a ser um importante contribuinte para a renda do Estado, o que é muito bom, para equilibrar as estarrecedoras deficiências das outras oito ferrovias estatais, apenas uma das quais, a Baturité, dá um pequeno lucro. Esta ferrovia e a Sobral, ambas na província nortista do Ceará, e a Paulo Afonso, às margens do Baixo Rio São Francisco, foram construídas pelo Estado para obter algum

1. A extensão (1885) de ferrovias em funcionamento construídas pelo Estado e de sua propriedade é de 1.067 milhas, cujo custo ao valor ao par do mil-réis foi de cerca de £17.193.224. A receita líquida de todas estas linhas produz cerca de 3 1/2 por cento sobre o capital empregado.

retorno, em trabalho, pela comida fornecida aos milhares de famintos durante a grande fome do norte do Brasil em 1877, 1878, 1879.

O prolongamento, pelo Estado, da ferrovia Bahia-São Francisco é um erro gigantesco, exceto talvez para objetivos estratégicos, já que é também a extensão da Recife-São Francisco. Ambas as novas linhas atravessam uma região selvagem e na maior parte estéril; a da Bahia, principalmente, é um imenso deserto praticamente desprovido de cursos d'água, solo bom, ou habitantes. O objetivo de ambas as linhas é alcançar o Rio São Francisco, onde o tráfego atual e a total ausência de imigrantes está muito aquém de poder fornecer uma compensação financeira pelo dispendioso investimento nas longas linhas de cada uma das ferrovias, muito menos das duas. Há perspectivas mais otimistas para a linha Caruaru, em Pernambuco, pois ela atravessa um antigo distrito agrícola, razoavelmente bem provido de propriedades açucareiras. A linha Porto Alegre - Caceguai, no Rio Grande do Sul, irá também em breve tornar-se lucrativa, pois fica em uma das poucas províncias para as quais acorrem imigrantes em grande número.¹

Cantagalo – Esta ferrovia é de propriedade do Governo Provincial do Rio de Janeiro. Uma parte da linha, entre sete e oito milhas, é construída com o sistema Fell de cremalheira para subir o aclave íngreme das planícies até as elevadas alturas de Nova Friburgo. Desde 1878, a linha vem sempre produzindo um pequeno lucro, e no ano passado, 1885, devido principalmente a uma administração mais econômica, os lucros da operação anual ultrapassaram um pouco os 5 por cento do capital. Ela atravessa regiões cafeeiras e açucareiras e uma área que vai se desenvolvendo lentamente, mas com constância. O clima da parte alta é delicioso e, embora o solo seja em geral pobre, há ainda tratos consideráveis, ou melhor, trechos de terra excelentes à espera de desenvolvimento. O futuro da linha é seguro e muito promissor.

AS LINHAS DAS COMPANHIAS NACIONAIS

Mogiana – Esta ferrovia de São Paulo é a linha nacional de maior sucesso no Brasil, devido não apenas ao distrito fértil que atravessa, mas também à economia no custo da construção e a gerência eficiente de seus administradores. Por algum tempo, ela esteve rendendo dividendos progressivamente crescentes e já está pagando à província quantias recebidas durante os primeiros dias como garantia de investimento. O último semestre mostrou um lucro de 16 por cento na linha principal e no ramal do Amparo, e 7 por cento na ramal Rio Preto. Embora o café represente um importante item em seu tráfego, a linha não depende unicamente desta produção para o seu tráfego.

go de mercadorias. Suas debêntures de 5 por cento são cotadas na Bolsa de Valores de Londres, e oferecem um investimento tão seguro quanto se possa desejar. Suas ações ordinárias são cotadas no Rio com uma rentabilidade de 50 por cento. A companhia está estendendo a sua linha até as águas navegáveis e regiões férteis do Rio Grande, sob uma garantia de 7 por cento do Governo geral .

Oeste de São Paulo ou Ferrovia Paulista . Esta é uma continuação da linha inglesa de São Paulo, de Jundiá a Campinas. A concessão foi oferecida originalmente à Companhia São Paulo, mas, tendo sido insensatamente recusada, formou-se imediatamente uma companhia nacional e o capital foi levantado em São Paulo. A Província garantiu originalmente 7 por cento sobre um quarto do capital atual; é uma linha muito próspera e seus lucros têm crescido regularmente. Ela agora paga dividendos de 11,2 por cento, e as ações têm uma rentabilidade de 25 por cento .

São Carlos – Rio Claro. Esta é mais uma ferrovia paulista bem-sucedida. O capital foi levantado sem qualquer garantia, e o custo de sua construção é o mais barato de qualquer ferrovia de 1,00 m. de bitola do Brasil. Seu tráfego está crescendo rapidamente. Ela paga 10 por cento, e suas ações têm prêmio de 5 por cento.

A linha Grão Pará ou Petrópolis, no Rio de Janeiro, é uma continuação da primeira ferrovia construída no Brasil, a velha ferrovia Mauá. É agora um sucesso completo, e paga 9 por cento de dividendos. As ações estão a 25 por cento de prêmio.

Estas quatro ferrovias são as únicas cujas ações ordinárias oferecem rentabilidade na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

A Leopoldina é a principal linha tributária da Ferrovia Dom Pedro II. A companhia é muito empreendedora e ativa, e a linha é agora uma das ferrovias mais importantes do império. Por enquanto, seu tráfego não fornece dividendos, que têm de ser compensados com o auxílio de garantias, mas como a linha atravessa uma zona rica e fértil (grande parte da qual ainda não desenvolvida), e os habitantes demonstram um grau inusitado de energia e espírito empreendedor, há um bom futuro à sua frente. No momento, ela paga 7 por cento de dividendos sobre as ações ordinárias, que estão cotadas a um desconto de 28 por cento. O capital é de 30.969.600\$ em ações ordinárias, e £500.000 em debêntures de 6 por cento. As despesas representam aproximadamente 50 por cento da receita, e os lucros são quase iguais a 2 por cento do capital.

Campos – *Carangola* é uma linha que melhora progressivamente. Na primeira metade de 1884, ela recebeu 139.902\$ do Governo geral para completar os dividendos, mas, no período similar de 1885, exigiu apenas 84.448\$. O tráfego agora provê um lucro igual a 3 por cento do capital. As ações ordinárias, ao desconto de 35 por cento, recebem dividendos de 5 por cento sobre o valor nominal, as debêntures de 5 1/2 por cento não estão cotadas.

Macaré – *Campos* atravessa quase inteiramente uma das regiões açucareiras mais importantes do Brasil. Uma companhia sem qualquer interesse garantido conseguiu nos últimos anos sair de uma quase bancarrota para uma condição próspera. As ações, antes com 80 por cento de deságio, chegaram a uma valorização de 20 por cento, mas, desde a fusão com a ferrovia St^o. Antônio de Pádua, sofreram outra queda de rentabilidade da ordem de 50 por cento, todavia a linha é próspera. Os lucros subiram de 645.349\$ em 1882, para 697.067\$ em 1884, os últimos sendo equivalentes a 8,7 por cento do capital, mas este equilíbrio está sendo absorvido agora pela amortização de obrigações temporárias adquiridas através de sua fusão com a St^o. Antônio de Pádua.

Uma inspeção das tabelas anexas mostrará os totais do capital e do tráfego de outras linhas nacionais cujos dividendos são todos dependentes de garantias, seja sobre uma parte, ou o todo de seus capitais. Há uma linha malsucedida, a Bahia-Minas, construída com ajuda de uma contribuição provincial de 9.000\$ por quilômetro, que é um “elefante branco” para seus proprietários, os construtores, pois em 1884 o tráfego era insignificante e os gastos mais do dobro do volume das receitas, e não há interesse garantido para ajudá-la a esperar por tempos melhores.

AS COMPANHIAS FERROVIÁRIAS INGLESA

São Paulo,² de Campos a Jundiá. Esta linha próspera é intrinsecamente superior a qualquer outra ferrovia inglesa no Brasil, e há muitas poucas em qualquer parte do mundo que se tenham mostrado um sucesso financeiro de tal monta, embora seu custo de construção por milha seja maior do que o de qualquer outra ferrovia do País. Esse alto custo foi causado pelo aclave abrupto da costa até o nível elevado dos tabuleiros de São Paulo. Parte da linha consiste em planos inclinados com máquinas estacionárias. Para o fim do ano financeiro, 1883-1884, a companhia repassará ao Estado, dos lucros de operação, a soma de £334.091, derivados de metade do rendimento líquido superior a 8 por cento. Não há razão para temer nenhuma queda permanente nas atuais cotações elevadas das ações na Bolsa de Valores de Londres, pois a extensão de ferrovias na província

2. Comumente chamada *San Paulo*, nome que não é nem inglês nem português.

de São Paulo está fazendo grandes progressos, e o total de seu tráfego deve passar pela portagem da Estrada de Ferro São Paulo, e sejam quais forem as mudanças que possam ocorrer no Governo ou no país, esse tráfego deverá crescer continuamente.

Há uma imensa distância entre a prosperidade da São Paulo e as condições financeiras das outras ferrovias inglesas, todas as quais, sem exceção, dependem do Estado para seus dividendos. Eu as mencionarei em seguida por sua atual ordem de mérito, ou razão entre despesa e receita, como se apresentavam no final de 1884.

Recife-São Francisco. Esta ferrovia, aberta ao tráfego em 1860, vem obtendo desde então os resultados mais deploráveis. De 1860 a 1882 houve dezessete déficits anuais e seis pequenos balanços positivos anuais; e nos últimos seis meses, terminando em 31 de dezembro de 1885, a ferrovia mal pode quitar suas despesas de manutenção. Ela tem sido durante todo esse longo tempo um teste dos mais cruciais para o valor das garantias do Estado, pois mais do que 150% de todo o custo da linha foi pago à companhia como rendimento garantido. Um ramal para Timbó está sendo construído. Este ramal atravessa uma região fértil, razoavelmente povoada, e que fornece um volume considerável de produção. Grandes esperanças baseiam-se na perspectiva de uma melhoria do tráfego com a contribuição deste ramal tributário.

Imperial Central Brasileira da Bahia. Esta linha, a primeira da seção moderna de linhas inglesas, foi aberta ao tráfego em parte em 1882. Como todas as companhias mais recentes, seu tráfego foi estimado para produzir um lucro de 4 por cento, uma estimativa aceita pelo Estado como plausível, pois ele endossou essa crença fornecendo a garantia de 7 por cento. A linha tende a prosseguir na direção do Rio São Francisco, tornando-se provavelmente mais tarde mais um competidor para as outras linhas da Bahia, do Pernambuco e de Paulo Afonso, mas como ela acompanha principalmente a rota da estrada velha para o rio, atravessando distritos mais populosos e férteis do que qualquer daqueles destas três linhas, suas perspectivas são mais otimistas do que a daqueles empreendimentos quiméricos. As despesas para 1884 representaram 87,37 por cento da receita, e os lucros ficaram abaixo de meio por cento do capital. Em 1885, o tráfego aumentou 63,5 por cento, mas as despesas absorveram 94,5 por cento da receita.

Grande Oeste do Brasil. Esta linha de Pernambuco, com seu nome altissonante, dá apenas um passinho muito curto em direção ao oeste selvagem do Brasil. Aberta ao tráfego em 1881, sob os mais confiantes auspícios, produziu até recentemente lucros mínimos. Em 1881 e 1882, eles eram de cerca de meio por cento do capital garantido,

em 1883 cerca de dois, em 1884, caíram para 1 por cento; 1885 terminou com uma pequena perda. Esta ferrovia deveria ser uma linha de razoável sucesso, pois um tráfego muito considerável circula do interior pela estrada principal que corre mais ou menos paralela a ela. Mas suas tarifas altas iniciais mostraram ao povo do campo que era mais barato continuar a fazer suas longas jornadas desde o oeste distante pela estrada do que pela comparativamente curta distância restante de 60 milhas coberta pela ferrovia. O remédio é estender a linha por cerca de 100 milhas,³ abaixar as tarifas, controlar o transporte por cavalos na área próxima à estrada, e aí ela poderia dar lucros, pois há aparentemente um tráfego de mercadorias suficiente, mesmo nas épocas ruins, para produzir um dividendo razoável e a extensão proposta da linha até a região fértil de Timbaúba é muito desejável.⁴ Como o tráfego depende principalmente da produção de açúcar, seu rendimento deverá sempre vacilar de acordo com a estação, e o último ou os dois últimos anos foram excepcionalmente ruins, devido à colheita pobre e aos preços não compensadores do açúcar no momento.

Minas-Rio. Esta linha encontra a Dom Pedro II a cerca de 156 milhas do Rio de Janeiro, e corre por Minas Gerais, portanto, sua conexão com o Rio só existe no nome. É a mais cara do grupo mais novo de ferrovias de construção inglesa no Brasil. Ela tem sido alternadamente condenada como uma “ferrovia para lugar nenhum” e aclamada como um empreendimento dos mais promissores. Suas ações têm sempre até aqui sido cotadas com rentabilidade. Por quê? Em comparação com outras ferrovias do Brasil – ora, deixemos a questão permanecer simplesmente, *por quê?* Seu tráfego produziu em 1885 um pequeno balanço positivo, mas a receita total era menos do que 3 por cento do capital. É provável que ela se pague e conseqüentemente, enquanto os bônus de 5 por cento do Governo brasileiro estiverem ao par, ou quase, as ações de juros garantidos desta e de outras linhas *similares* com gastos de manutenção cobertos farão jus a um prêmio. Haverá provavelmente um futuro próspero, embora remoto, para esta linha, pois ela atravessa uma terra adequada à agricultura e a pastagens, o tráfego não depende de colheitas especiais e o clima é admirável, mas será preciso esperar pelo tão esperado influxo de imigração, e, mesmo então, seu capital excepcionalmente volumoso exigirá grandes rendimentos para produzir pequenos dividendos.

Sul-Brasileira Rio Grande do Sul. Esta ferrovia custou por milha um pouco mais do que a metade da última linha mencionada. Está em seu primeiro ano de operação e até agora demonstrou que pode pagar o investimento, pois suas receitas em 1885 representaram mais de 4 por cento do capital, com a sobra de um pequeno lucro. Sua me-

3. Para Campina Grande, na Paraíba do Norte.

4. A companhia começou agora a construção deste ramal, de cerca de 26 milhas de comprimento.

lhor característica é estar situada em uma área progressista do Rio Grande do Sul, uma província que, como São Paulo, absorve uma grande proporção dos imigrantes que vêm ao Brasil para trabalhar de verdade.

Há muita razão para acreditar que esta ferrovia produzirá dividendos no curso de muito poucos anos, quando então, se isto se der, suas debêntures irresgatáveis de 6 por cento disporão de um prêmio muito alto.

Alagoas. Todas as linhas anteriores dão agora, ou já deram, pequenos lucros, ou cobrem mais ou menos suas despesas de manutenção; esta linha, aberta ao tráfego no extremo fim de 1884, mostrava ao fim do ano de 1885 um pequeno prejuízo, a receita bruta sendo de cerca de 3 por cento do capital. Mas uma boa temporada açucareira produziria um resultado muito mais favorável.

Conde d'Eu. O prejuízo no balanço do funcionamento desta linha absorve uma fração considerável das quantias recebidas como garantia. Ela está infelizmente encurralada entre dois mercados consideráveis, que são alimentados a partir do interior. Seu terminal fica também na Paraíba, 14 milhas acima do rio do mesmo nome, cuja navegação se torna a cada ano mais difícil, e até que a ferrovia seja estendida até o fim dessas 14 milhas intermediárias até a embocadura do rio (onde há um excelente porto) e assim aumentem os meios de navegação e melhore o estado do mercado local, não há absolutamente nenhuma perspectiva de melhora nos rendimentos. Seria também aconselhável (caso a Grande Oeste não prolongue suas linhas) estender mais 100 milhas para o oeste e lá drenar o importante tráfego rodoviário do interior que agora segue para Pernambuco no sul e para Mamanguape no norte. Quando a linha foi aberta, ela recebeu no início um afluxo inesperado de tráfego de mercadorias, ocupando todos os vagões de carga, mas os fazendeiros logo perceberam a diferença entre o custo do transporte barato pela estrada e as altas tarifas da ferrovia, e esse ímpeto favorável logo desapareceu, não apenas devido às altas tarifas, mas também ao fato de que os precários preços de mercado da Paraíba levaram os fazendeiros a enviar sua produção pela estrada até Pernambuco, mesmo com o pagamento dos impostos de importação provinciais.

Dona Tereza Cristina. Esta linha foi construída especialmente para transportar o produto das minas de carvão na extremidade da ferrovia, mas como foi aberta ao tráfego muito antes que se levantasse o capital para a exploração do carvão, os rendimentos foram assustadores. As despesas em 1885 perfizeram cerca de 475 por cento da receita, que montou apenas a cerca de um por cento do capital. Agora, seja qual for a

fortuna das minas de carvão, elas pelo menos trarão uma certa quantidade de tráfego, e como há um clima excelente em Santa Catarina, um solo bom e um início de imigração, sem contar a eventualidade de um grande êxito na indústria de carvão, há algum fundamento para a esperança de tempos melhores.

Imperial Brasileira Natal-Nova Cruz. Os rendimentos da operação desta linha são únicos na história das ferrovias. A proporção entre receita e despesa era, em 1884, de 70 para 229; na primeira metade de 1885, 22 a 118; na segunda metade do mesmo ano, de 50 a 109; conseqüentemente, uma grande parte das garantias é necessária para compensar os prejuízos com os gastos de operação. Nunca houve a mínima perspectiva de um tráfego compensador, e seria interessante examinar as estimativas em que se baseiam os cálculos de 4 por cento sobre o capital, que são exigidos pelo regulamento do Governo, de cuja demonstração depende a concessão de uma garantia. A receita bruta é de cerca de 1 1/4 por cento do capital garantido, e de menos de 1 por cento do capital total.

A tabela anexa de receita e despesa para o ano de 1885 foi-me fornecida por gentil cortesia dos gerentes londrinos das diversas companhias ferroviárias. A receita é aquela derivada dos ganhos reais, independente de qualquer quantia recebida do Governo brasileiro como rendimento garantido. Eu, no entanto, acho extremamente difícil reduzir a uma base comum as despesas das diversas linhas, pois quase cada uma das companhias trata diferentemente a divisão de despesas entre Londres e Brasil; por exemplo, fui informado pela Companhia Natal-Nova Cruz de que a despesa dada inclui absolutamente tudo, tanto em Londres como no Brasil,⁵ enquanto a de outras linhas mostra apenas o custo no Brasil, algumas destas incluindo o custo de administração, perdas com o câmbio, seguros, acidentes, etc.; outras excluem alguns destes últimos itens. Além disso, nas linhas mais antigas aparecem itens que na Inglaterra seriam debitados na conta do capital, como novos prédios para a ampliação das acomodações das estações, etc. Na Recife-São Francisco isto constitui uma quantidade de monta, e surge uma diferença entre o total de despesas como dadas por esta companhia e aquele sancionado pelo Governo brasileiro devido a um desacordo quanto aos períodos pelos quais este custo incomum deveria ser distribuído.

Ainda assim, apesar dessa falta de harmonia em dados comuns, as quantias em questão não são suficientes para afetar materialmente o aspecto financeiro dessas linhas, e, portanto, as tabelas servirão para permitir que o leitor julgue aproximadamente os méritos relativos das diversas ferrovias, e minhas observações, necessariamente abreviadas, para avaliar por alto as probabilidades dessas linhas, em um futuro próximo ou distante, produzirem seus próprios dividendos, como o faz a linha "São Paulo".

5. As despesas londrinas de cada companhia variam de 3.000 libras a 6.000 libras por ano.

ESTATÍSTICAS DE RECEITAS E DESPESAS DE FUNCIONAMENTO
DAS FERROVIAS INGLESAS NO BRASIL

Períodos	Recife S.Francisco		Bahia S.Francisco		Brazilian Imperial Central Bahia		Minas - Rio		Grande Oeste		Conde d'Eu	
	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa	Receita	Despesa
Ano 1884	1.090:224\$	677:157\$	597:827\$	529:998\$	439:779\$	385:547\$	262:832%	183:530%	573:619\$	519:391\$	148:057\$	170:002\$
Meio ano até jun. 85	530:121\$	376:533\$	254:123\$	259:123\$	249:790\$	217:660\$	191:984%	167:157%	180:178\$	196:578\$	40:036\$	119:018\$
1885 julho	38:922\$	43:597\$			32:289\$	37:023\$			13:607\$	28:541\$	4:718\$	20:601\$
agosto	35:139\$	40:119\$			27:918\$	35:261\$			22:472\$	33:824\$	4:660\$	22:569\$
setembro	44:710\$	38:386\$			27:142\$	34:421\$			15:064\$	26:827\$	5:952\$	23:728\$
outubro	65:537\$	41:391\$			30:926\$	37:100\$			35:381\$	33:209\$	15:693\$	26:522\$
novembro	111:248\$	50:214\$			34:403\$	34:314\$			51:593\$	31:570\$	18:755\$	25:799\$
dezembro	151:439\$	18:659\$			41:717\$	35:787\$			41:095\$	28:740\$	16:488\$	23:825\$
Total de seis meses	446:995\$	295:366\$	230:637\$	228:637\$	194:395\$	213:906\$	254:823%	206:173%	179:212\$	182:711\$	66:266\$	143:044\$
	São Paulo		Tereza Cristina		Alagoas		Imperial Bras. Natal Nova Cruz		Sul Bras. Rio Grande do Sul		P. Alegre - Novo Hamburgo	
Ano 1884	5:812:700\$	1:890:076\$	8:649\$	63:472\$	14:497\$	9:761\$	69:871%	229:317%			111:188\$	131:378\$
Meio ano até jun. 85	3:021:810\$	980:943\$	23:780\$	139:593\$	67:925\$	68:796\$	22:503%	117:930%	305:777\$	271:971\$	58:160\$	64:067\$
1885 julho			2:879\$	17:040\$	8:784\$	12:165\$	2:562%	17:854%	36:230\$	44:409\$	7:482\$	9:872\$
agosto			4:018\$	16:910\$	7:194\$	11:221\$	2:667%	17:716%	37:645\$	41:994\$	5:356\$	8:000\$
setembro			6:046\$	15:569\$	9:747\$	11:283\$	7:406%	18:598%	45:190\$	42:765\$	11:748\$	9:677\$
outubro			7:416\$	17:334\$	7:787\$	10:307\$	13:216%	18:931%	60:225\$	44:904\$	11:138\$	16:328\$
novembro			3:739\$	15:669\$	8:696\$	11:095\$	11:259%	18:205%	52:381\$	48:591\$	11:707\$	16:043\$
dezembro			5:159\$	20:244\$	14:402\$	14:032\$	8:879%	19:320%	61:981\$	46:642\$	12:993\$	14:122\$
Total de seis meses	3:111:274\$	949:714	29:257\$	102:766\$	56:610\$	70:103\$	45:989%	110:624%	293:652\$	269:305\$	63:424\$	74:942\$

N.B. 1: 000\$ ou mil mil-réis ao valor ao par de 27 pence = £112 10s.0d.

APÊNDICE F

USINAS CENTRAIS DE AÇÚCAR DO BRASIL

Este deve ser um assunto penoso para muitos leitores, pois trata-se de um empreendimento que foi amargamente decepcionante para quase todas as pessoas envolvidas, com a única provável exceção dos promotores, que lucraram o seu tanto e deixaram os pobres acionistas cuidarem sozinhos de seus interesses. Provavelmente ninguém esteve mais iludido nesse negócio do que o Governo brasileiro, pois, na época em que se resolveu autorizar as concessões garantidas, o açúcar obtinha um preço relativamente alto no mercado externo e existia uma necessidade imperiosa de equipar as grandes propriedades açucareiras com maquinário novo e melhorado, de modo que os plantadores pudessem competir com lucro com os produtores das Índias Ocidentais e Demerara, e naquele momento não havia razão para prever o grande e ruinoso declínio posterior no preço desta mercadoria, ou que as garantias se tornariam algo além de uma obrigação normal do Governo. Mas a história inteira desta transação apresenta uma série de erros e incompetência por parte das companhias e correspondente atitude truculenta do Estado no cancelamento das concessões.

Os concessionários de êxito desfizeram-se lucrativamente de seus direitos e privilégios em favor de promotores londrinos, pelos quais muitos dos princípios orientadores de tais empreendimentos foram totalmente ignorados. O capital foi todo absorvido em gastos preliminares, aquisição da concessão e contrato de construção e não foi deixada nenhuma margem para as despesas de manutenção, o que é por si só uma omissão comercial imperdoável. Muitos dos contratantes, experientes de fato em operação de ferrovias, desconheciam totalmente o custo da construção dessas fábricas, e, onde esperavam obter um belo lucro, só conseguiram um prejuízo completo. Se este negócio tivesse sido administrado de outro modo, e não pelos talvez bem-intencionados mas dispendiosos e mal informados conselhos de direção londrinos, não se teria obrigatoriamente chegado a um estado de coisas tão deplorável quanto o atual, pois no Brasil há companhias nacionais de fabricação de açúcar exatamente similares, criadas a partir de concessões garantidas similares. No total, são bem-sucedidas, e algumas de suas ações realizaram prêmios consideráveis, e agora elas apresentam um contraste muito favorável em relação às companhias inglesas; naturalmente, uma boa

ou má colheita em cada caso afeta o resultado de cada ano de operação. Uma das principais causas de diferença de resultados entre as companhias inglesas e as nacionais é que as últimas abastecem em conjunto as demandas locais ou nacionais por um preço maior do que o oferecido pelo mercado externo para o qual as companhias inglesas têm enviado até agora sua produção. Mas há esperanças consideráveis de que, depois de as companhias terem pago tão amargamente por sua experiência, e com a melhoria do preço do açúcar, o que certamente ocorrerá, em vista da diminuição dos estoques de beterraba, este setor de investimentos britânicos e, até mesmo agora, um pouco mais de senso comum e pesquisa por parte dos administradores acerca da demanda poderiam melhorar muito este estado de coisas, *pois há uma grande demanda interna onde os preços perfazem o dobro dos preços do mercado inglês*, um fato que os conselhos aparentemente ignoram. Os resultados desapontadores destes empreendimentos foram muito grandes para o Estado e o obrigaram a exercer não apenas o mais estrito controle, mas também a estabelecer os regulamentos mais vexatórios e irritantes (pois desnecessários e inúteis), e valer-se de qualquer descumprimento insignificante da meticulosa carta de contrato (não importa quão importante para o interesse público da localidade que se destinava a servir) e assim isentar-se de suas obrigações através do cancelamento da concessão, ou do contrato, que é o que ela é na verdade. Darei um exemplo.

Uma das concessões foi trazida para Londres em uma época em que as atuais companhias estavam todas estabelecidas e suas ações já tinham depreciado, mas como a localidade que esta concessão particular representava oferecia (e continua a oferecer, mesmo nestes tempos ruins) condições excepcionalmente favoráveis, a nova companhia foi organizada após uns nove meses de trabalho tedioso, nenhum saque foi permitido a qualquer pessoa ligada a ela e, do capital garantido, foi separado um fundo para despesas de operação. Os planos foram enviados ao Rio em setembro, mas veio março e nada de decisivo fora feito pelo Governo, exceto pelo levantamento de objeções irrisórias que só serviam de desculpa para adiar a aceitação efetiva das responsabilidades Imperiais.

Finalmente, o agente da concessionária foi ao Rio, onde por fim os planos foram aprovados, e um telegrama foi enviado pelo Governo ao Ministro em Londres para autorizar a companhia a levantar seu capital e iniciar o trabalho. Uns dez dias depois, quando o agente estava se dirigindo ao local da fábrica para dar início ao trabalho preliminar, ele soube, para seu espanto, que o Ministro da Agricultura tinha, sem qualquer aviso, cancelado arbitrariamente a concessão, sob a alegação de que os contratos feitos com produtores para o fornecimento de cana não especificavam o peso, mas

apenas a quantidade de cana a ser fornecida. Mesmo se esta alegação fosse sustentável (os mesmos contratos tinham sido verbalmente aceitos pelo ministro anterior), a concessionária ainda dispunha, de acordo com os termos de sua concessão, de dois meses mais para a reforma desta cláusula, se necessário, o que na verdade não era. Como prova da solidez desse empreendimento, os produtores locais tinham contribuído com £15.000 e o presidente e seus amigos com mais £15.000 para o capital da companhia. Assim, com o traço arbitrário de uma pena, uma empresa excelente foi destruída, e um ano inteiro de trabalho e ansiedade, além de vários milhares de libras, perdidos, pois a concessão e a terra tinham sido pagas em dinheiro, e técnicos haviam sido mandados para o Brasil para fazerem relatórios, além das muitas despesas legais e pessoais inerentes à organização de um empreendimento destes, tudo isto baseado na fé de uma garantia do Governo Imperial Brasileiro. Enfim, esta ação, tão inconsiderada, tão totalmente indiferente a todo senso de direito ou legalidade, é inteiramente indigna da respeitabilidade de um grande país e significa uma grande mancha na honra até então impoluta do Brasil Imperial.

APÊNDICE G

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO BRASIL

No breve espaço que podemos dispensar a este tema (do qual se teria tanto a dizer para fazer-lhe justiça), devo confinar-me unicamente a questões abstratas e a algumas estatísticas.

O passado do Brasil apresenta um quadro interessante das mudanças que o tempo ocasiona em um país; um dos principais resultados disto no Brasil foi uma transferência do interior para o litoral de seus centros produtores de riqueza, uma perda temporária para um ganho permanente, uma troca das riquezas evanescentes obtidas com a mineração pelos resultados mais estáveis produzidos pela agricultura, o comércio e as indústrias. Se a descoberta do ouro no Brasil tivesse sido contemporânea à da Austrália e à da Califórnia, quando a terra já era governada por uma política mais liberal e esclarecida do que nos dias em que era uma colônia portuguesa, ela teria atraído a seu vasto interior milhares de representantes das resistentes raças da América do Norte e do Norte da Europa; mas a descoberta foi feita quando o país era uma verdadeira *terra incógnita*, antes da época dos correspondentes estrangeiros e do telégrafo, e seus estoques virgens de diamantes, ouro e prata serviram apenas para enriquecer sem proveito os antigos colonizadores e tornar-se uma maldição para o País. Esta riqueza mineral construiu os grandes mosteiros, conventos e igrejas (cujas paredes maciças e desgastadas pelo tempo e intempéries o viajante encontra nas principais cidades antigas da costa e em partes do interior); as grandes e antigas construções das fazendas, mesmo cidades como Vila Rica, no Paraná (agora uma ruína num deserto); numerosas cidades e arraiais antes prósperos de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Bahia, e outras províncias, agora todos em ruínas, dilapidados e decadentes. Quando se lembra que nos velhos tempos o comércio do Brasil restringia-se a Portugal e, sob certas condições, em extensão limitada, à Grã-Bretanha, a primeira reação é maravilhar-se ao se verem tantas evidências de um antigo espírito nacional de atividade e energia tão imensamente diferente do que agora existe entre os habitantes do interior. Há muitas razões plausíveis para explicar a mudança. Pode-se admitir que a velha raça dos portugueses (apesar de como possam ser agora), em outras épocas, possuía uma energia indômita e um grande espírito de aventura, que, por muito tempo após o iní-

cio da colonização do Brasil, foi fomentada e fortalecida pelas lutas inerentes à colonização de uma nova terra, ao enfrentar aborígenes guerreiros e grandes dificuldades naturais. Então veio a descoberta de ouro e diamantes; navios e navios de negros foram importados da África; os aborígenes provavelmente também conquistados e forçados a trabalhar. O custo da mão-de-obra, abundante, era uma mera bagatela e provavelmente permitia que fossem exploradas com grande lucro minas que hoje, mesmo com a alta perfeição atual da ciência e dos equipamentos de mineração, só poderiam ser exploradas com prejuízo, em consequência da escassez e do custo presentes da mão-de-obra. Grande, de fato, deve ter sido a riqueza mineral extraída sob estas condições, e igualmente grandes devem ter sido os lucros obtidos por aqueles que, por meio da agricultura, supriam as necessidades da população mineira, pois a demanda por provisões deve ter sido considerável, a oferta pouca e o ouro e os trabalhadores baratos e abundantes. Mas quais foram as consequências naturais? Seguiu-se uma era de luxo, em que as sucessivas gerações tornaram-se habituadas a vidas mais indolentes devido a uma riqueza adquirida fácil demais; e um clima tropical imprimiu suas influências perniciosas sobre a grande e velha raça. Com o tempo, as velhas minas e aluviões foram-se exaurindo, ou dificuldades intransponíveis se apresentavam, e a velha energia do povo tinha ficado viciada e desmoralizada, pois não se tentavam novas explorações, e finalmente a população inteira voltou sua atenção para a pecuária e a agricultura, mesmo nos mais distantes distritos do interior; mas sendo todos produtores, a demanda diminuiu e a oferta aumentou, e um mercado na costa ficava longe demais para que se pudesse pagar o transporte. Seguiram-se então anos de inatividade e improdutividade, vidas não animadas pela ambição ou esperança de mudança, consumindo o que se produzia, e também a riqueza acumulada pelos antepassados, que era dividida e subdividida entre os cada vez mais numerosos descendentes, engendrando o horrível estado de negligência, letargia, indolência e degradação moral que existe tão freqüentemente entre a maior parte dos camponeses do distante interior do Brasil, um estado que persistirá ainda por muitos anos, pois de que adiantam ferrovias e comunicações para pessoas como essas, a menos que elas sejam reerguidas pelo exemplo de imigrantes diligentes e esforçados?

Mas no litoral existe um estado de coisas muito mais encorajador. Por litoral entendo uma faixa de terra ao longo da costa que se estende de 50 a 300 ou 400 milhas terra adentro. Este estreito cinturão, junto com o vale do Amazonas, produz quase toda a exportação. Aqui, estrangeiros e capital estrangeiro contribuíram muito para mostrar aos brasileiros que há outros caminhos a percorrer além daqueles antigos que seus pais trilharam. Quando se recua uns poucos anos no passado e se compara a então total carência de empreendimento público nacional com o estado de coisas atu-

al, é maravilhoso ver o que tem sido feito pelo capital e a ciência nacionais, o trabalho nas ferrovias, companhias de navegação a vapor, trilhos de bondes, telefones, telégrafos, empresas comerciais e industriais, além da instituição de sociedades científicas e artísticas. É o despertar do longo estupor que se seguiu à evanescente e fictícia prosperidade nacional do passado, um restabelecimento da crise em comparação com a qual as questões escravagista e financeira são meras bagatelas, pois foi uma crise que temporariamente arruinou o País de corpo e alma. Veja-se agora a longa lista de companhias nacionais e as ferrovias construídas com capital nativo por engenheiros e construtores nativos; através das crescentes facilidades de comunicação e circulação, as pessoas ultrapassam o estreito círculo de suas aldeias e suas idéias ampliam-se. Vejam-se os milhares que a cada ano circulam de lá para cá, saindo das Províncias Nordestinas, freqüentemente áridas e assoladas pela seca em direção às maravilhosas florestas do Amazonas, à procura da valiosa borracha, enfrentando o perigo das febres e sofrendo grandes privações, pois é grande recompensa para qualquer destas pobres criaturas de cor ser capaz de ganhar de 10 a 20 mil-réis por dia.

Este moderno despontar da iniciativa pública nos habitantes da faixa litorânea é como o ressurgimento de um espírito de aventura latente e é o aspecto mais favorável de um excelente progresso nacional, enquanto esclarecimento e bem-estar, que tende a contrabalançar as tão insatisfatórias contas nacionais e o estado estagnado do interior.

O rendimento normal do País é em geral suficiente para cobrir as despesas normais; mas tantas obrigações têm sido assumidas precipitadamente, sem um levantamento técnico dos méritos dos empreendimentos a que se dão as garantias, ou uma consideração realmente séria das responsabilidades na possível eventualidade da não concretização das sempre róseas afirmações e estimativas, que o Estado agora encontra-se às voltas com uma imensa carga de endividamento, muito do qual é até indiretamente não compensador, e o resultado é um sério desequilíbrio em suas finanças.

Já por muitos anos, desde o fim da Guerra do Paraguai, nem um único ano tem apresentado um balanço positivo. Infelizmente, não há um remédio convenientemente elástico para compensar o rendimento deficiente, como o nosso "imposto de renda" inglês; na verdade, quase não há impostos diretos dignos de menção; eles devem ser todos ainda levantados e vir a formar um dos recursos de que o Estado poderá dispor, caso fique um dia "contra a parede". Os déficits e (apesar da liquidação de antigos empréstimos) a sempre crescente dívida nacional têm sido equilibrados com empréstimos contínuos, tanto externos como internos. No entanto, embora os próprios brasileiros estejam totalmente a par das finanças nacionais e o *Jornal do Comércio* (o *Times* do Brasil) esteja sempre chamando com seriedade a atenção para o problema, os hõ-

nus internos de 6 por cento pagam juros de 9 por cento e representam os investimentos da maior parte dos fundos de reserva das companhias públicas nacionais.

Durante os últimos vinte anos, o investidor britânico em empresas e títulos brasileiros tem ameaçado os "trovões de seu vaticano", a Bolsa de Valores de Londres; entretanto, apesar de tudo, o país progride firme e seguramente, e o crédito do Estado é muito alto. Uma coisa, porém, deve-se ter em mente, a saber, que o estado financeiro nacional de qualquer país não pode ser avaliado à maneira de uma casa comercial, pois há poucos, ou nenhum, governos cujo ativo, se convertido em moeda, seja capaz de cobrir suas obrigações atuais. O crédito do Brasil, apesar de tudo o que já foi dito contra ele, ocupa uma alta posição, tanto entre os brasileiros como entre os estrangeiros, e deve-se lembrar também que, até onde se sabe publicamente, ele não tem nenhuma hipoteca sobre seu rendimento, propriedade ou recursos; nem o País está tributado na extensão em que poderia estar, até, em um dos casos (um imposto sobre a terra) com grande vantagem nacional. Sua capacidade de obter crédito é sem dúvida grande, mas também o são seus recursos. As tabelas seguintes mostram a arrecadação, gastos e dívida nacional para cada ano de 1875 a 1883-4.

Ano	Arrecadação	Gastos	Dívida Nacional		
			Ano	Externa	Interna
1874-5	113.887:185\$	133.252:048\$	1875	177.166:222\$	487.573:173\$
1875-6	109.957:377\$	113.441:856\$	1876	169.217:777\$	514.577:411\$
1876-7	108.747:079\$	143.691:511\$	1877		510.269:504\$
1877-8	120.632:606\$	161.579:170\$	1878	160.320:000\$	588.850:150\$
1878-9	125.144:878\$	190.153:455\$	1879	158.283:555\$	623.813:466\$
1879-80	137.587:677\$	166.957:238\$	1880	151.077:333\$	608.283:246\$
1880-1	145.216:449\$	152.524:588\$	1881	141.072:000\$	672.958:728\$
1881-2	149.265:862\$	156.749:546\$	1882	133.355:555\$	675.030:532\$
1882-3	145.080:089\$	165.652:707\$	1883	169.213:333\$	691.979:562\$
			1884	163.732:444\$	690.515:604\$

Vê-se, deste modo, que durante estes anos a arrecadação cresceu 28 por cento e os gastos, 24 $\frac{1}{2}$, por cento; a dívida externa diminuiu 8 por cento e a interna cresceu 41 por cento. Contra a dívida em 1884, devem-se creditar como ativo:

Devido pela República do Uruguai	16.607:298	\$
Devido pela República do Paraguai	256:049	
Impostos não pagos	12.550:033	
	<hr/>	
	29.413:380	\$
	<hr/>	

A dívida externa, como indicado nas tabelas acima, é calculada ao valor ao par do mil-réis em 27 pence. A quantia em 1884, 163.732.444\$, é equivalente a £18.419.900, a partir de cuja data ela tem sido consideravelmente reduzida pela amortização, mas o empréstimo de £6.000.000 em 1886 elevou-a de novo a mais de £24.000.000 A dívida interna compreendia:

4, 5 e 6% bônus internos	338.119:900	\$
6% empréstimo em ouro interno, 1868 ¹	22.800:000	
4 $\frac{1}{2}$ % " " " " 1879 ¹	44.203:640	
Papel-moeda	187.936:661	
Títulos	46.548:500	
Depósitos de Poupança	18.848:946	
Órfãos, etc., depósitos	18.668:623	
Diversos	13.389:334	
	<hr/>	
	690.515:604	\$
	<hr/>	

Esta quantia, calculada ao valor ao par do mil-réis, é equivalente a £77.683.005, portanto a dívida total do Brasil, em 1884, era de £96.102.905, um número alto para um país cujas exportações anuais são de cerca de £1 7s.6d. per capita, e cerca de 18% de sua dívida nacional.

A seguinte tabela das exportações e importações do Rio de Janeiro é indicativa do progresso das indústrias nacionais, pois no ano 1884-1885 as importações decresceram, da média dos anos 1879-1884, 8 por cento, enquanto as exportações cresceram 10 $\frac{1}{2}$, por cento. Uma grande proporção deste decréscimo deve-se ao estabelecimento, durante os últimos poucos anos, de mais de sessenta fábricas de algodão, todas elas muito prósperas.

1. Uma grande proporção destes empréstimos é mantida agora na Europa, sendo cotada na Bolsa de Valores de Londres, aparentemente figurando como um débito externo brasileiro.

VALOR OFICIAL EM MIL-RÉIS, DE IMPORTAÇÕES
E EXPORTAÇÕES NO RIO DE JANEIRO

Países	1884-1885		Média anual de 1879-1884	
	Importações	Exportações	Importações	Exportações
Grã-Bretanha	36.265:211\$	6.464:052\$	39.199:555\$	10.397:737\$
França	12.514:654\$	6.645:542\$	16.370:151\$	10.291:995\$
Alemanha	9.009:121\$	10.367:758\$	8.795:632\$	9.538:315\$
Estados Unidos	7.731:273\$	67.946:143\$	8.024:875\$	53.922:974\$
Uruguai	7.263:546\$	1.538:331\$	7.161:365\$	2.079:956\$
Portugal	5.544:637\$	463:869\$	6.337:716\$	3.136:236\$
Bélgica	4.062:767\$	2.869:701\$	4.415:932\$	3.000:581\$
República Argentina	2.723:887\$	2.014:826\$	3.462:888\$	1.335:659\$
Vários	2.002:943\$	2:678\$	549:310\$	858:901\$
Itália	689:653\$	1.357:210\$	805:804\$	394:340\$
Áustria	243:137\$	5.396:510\$	116:417\$	1.217:865\$
Suécia e Noruega	173:040\$	1:225\$	191:861\$	52:829\$
Espanha	114:746\$	10:832\$	333:608\$	36:326\$
Holanda	86:859\$	4:855\$	130:451\$	2:568\$
Chile	62:194\$	87:115\$	241:304\$	45:931\$
Rússia	32:221\$	622:621\$	51:467\$	13:042\$
Cabo da Boa Esperança	1:192\$	2.008:119\$	442\$	1.367:627\$
Mediterrâneos	...	1.357:727\$...	854:379\$
Dinamarca	...	5:910	4:018\$	249:785\$
	88.521:101\$	109.145:024\$	96.192:796\$	98.797:046\$
Total para a totalidade do Império	162.970:402\$	223.864:731\$		
Valor em libras esterlinas a 19 pence por mil-réis	£12.901.393	£17.722.033		

Vê-se que os Estados Unidos e a Alemanha são agora os maiores compradores da produção brasileira, e a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos e o Uruguai constituem, nesta ordem, os maiores fornecedores do mercado brasileiro. Os Estados Unidos são o melhor freguês do café e da borracha e a Alemanha, o segundo melhor do café e do fumo.

As seguintes estatísticas de imigração indicarão os países que fornecem para o Brasil novo sangue e novos músculos, e também as províncias que atraem a maior parte dos recém-chegados, e mostrarão como São Paulo e o Rio Grande do Sul estão atraindo os trabalhadores imigrantes, pois o Rio de Janeiro absorve em larga escala uma grande proporção dos portugueses, que permanecem lá como trabalhadores, mecânicos e comerciantes.

IMIGRANTES EM 1884

Chegaram no Rio de Janeiro		Deixaram o Rio de Janeiro	
Nacionalidade	Número	Partiram do Rio de Janeiro para as diversas províncias	Número
Portugueses	8683	São Paulo	4427
Italianos	5933	Rio Grande do Sul	1985
Alemães	1240	Minas Gerais	1202
Austríacos	598	Rio de Janeiro	875
Espanhóis	576	Santa Catarina	611
Poloneses	359	Paraná	385
Franceses	155	Espírito Santo	33
Ingleses	100	Amazonas	27
Russos	98	Pará	21
Uruguaios	90	Bahia	11
Suços	70	Alagoas	11
Argentinos	29	Pernambuco	10
Americanos	24		
Belgas	19		
Turcos	16		
Mouros	8		
	17.999		
Passaram pelo Rio a caminho de Santos	1609		
	19.608		9598

O movimento de imigração em 1884 foi consideravelmente menor do que em 1883 e 1882, quando 24.493 e 24.827 chegaram ao Rio em cada um desses anos. A queda nos números para 19.608 foi causada principalmente porque os portos do Brasil estavam praticamente fechados durante a maior parte do ano aos colonos da Europa, devido ao cólera.

As estatísticas seguintes da receita e despesa dos Correios, nas diversas províncias do império nos anos 1877 e 1884, servirão para mostrar a relativa importância comercial de cada província e, também, assinalar o desenvolvimento de algumas e o retrocesso de outras. A julgar pela receita de 1884, ver-se-á que Minas Gerais e o Rio Grande do Sul estão agora à frente de Pernambuco, enquanto as distantes províncias interioranas de Mato Grosso e Piauí caíram para o fim da lista na ordem de quantias.

RENDIMENTOS DOS CORREIOS

Nome da Província	Receita		Despesa	
	1877	1884	1877	1884
Rio de Janeiro	553.021\$	673.045\$	672.445\$	865.761\$
São Paulo	138.399\$	325.016\$	144.677\$	291.271\$
Pernambuco	80.692\$	105.959\$	80.741\$	90.460\$
Rio Grande do Sul	72.766\$	127.155\$	77.763\$	142.901\$
Minas Gerais	72.768\$	175.062\$	170.286\$	312.298\$
Bahia	63.414\$	83.798\$	84.546\$	132.106\$
Pará	30.141\$	63.179\$	23.334\$	52.622\$
Maranhão	18.433\$	24.868\$	39.655\$	45.839\$
Ceará	11.572\$	23.553\$	33.358\$	42.586\$
Paraná	11.502\$	24.316\$	27.687\$	41.414\$
Santa Catarina	11.344\$	18.310\$	13.871\$	27.309\$
Alagoas	8.350\$	16.174\$	24.539\$	27.797\$
Espírito Santo	5.400\$	15.211\$	10.618\$	22.927\$
Amazonas	4.902\$	10.671\$	8.271\$	14.914\$
Sergipe	4.866\$	5.893\$	14.129\$	16.725\$
Mato Grosso	3.078\$	2.235\$	6.644\$	10.546\$
Rio Grande do Norte	2.960\$	5.269\$	18.029\$	21.349\$
Goiás	2.797\$	6.071\$	20.916\$	44.572\$
Piauí	2.220\$	3.735\$	16.232\$	21.352\$
Paraíba	1.802\$	6.334\$	22.417\$	25.620\$
Totais	1.100.400\$	1.747.555\$	1.507.077\$	2.259.677\$
Déficits	406.677\$	512.122\$		

Ao tratar das possibilidades do futuro do Brasil, ocorre-nos a recomendação (acho que foi Artemus Ward quem a fez) de não profetizar a menos que já se saiba, porém há muitos elementos, tanto favoráveis como adversos, sobre os quais basear conjeturas razoáveis. Ao mesmo tempo, muitas ilusões existentes devem ser destruídas ao se considerar este tema. A principal é que o Brasil não é de modo algum um país tão universalmente fértil quanto crêem mesmo os próprios brasileiros, como mostram as páginas desta obra: provavelmente não há uma área similar no mundo que ofereça um terreno tão maravilhoso para o botânico, mas mesmo onde ele venha a encontrar alguns dos seus maiores tesouros, a saber, nos amplos e extensos campos, há um solo que é quase sempre absolutamente sem valor para a agricultura. Os campos do Brasil, que cobrem talvez $\frac{3}{4}$ de sua área, são os Dartmoors do império; conseqüentemente, esses grandes tratos imprestáveis devem ser devidamente descontados quando os otimistas expõem seus brilhantes relatos sobre a “vasta área” e os “recursos infindáveis”, etc. Mas deixando de lado estes “ermos” para serem considerados em um enevoado futuro distante, restam ainda imensos tratos de terras férteis a serem povoados e desenvolvidos, e não há necessidade de ir até o oeste longínquo para encontrá-los. Mencionarei apenas três: a bacia fértil do Rio Doce, os limites ocidentais do Espírito Santo e mesmo a um dia de viagem da capital do império, entre as terras altas de Teresópolis, há excelentes campos para novas povoações. Nos dois primeiros, muitos dos distritos são não apenas desabitados, mas inexplorados, devido às dificuldades de abrir caminho através de suas densas florestas. No terceiro distrito mencionado, há uma paisagem esplêndida, um clima magnífico e trechos ocasionais de solo capazes de produzir a maior parte dos produtos europeus. Aqui, qualquer imigrante diligente e esforçado com um capital moderado, digamos £500, e bem orientado e dirigido por conselheiros amigos, teria uma chance de sucesso muito maior do que se seguisse o fluxo normal de imigração para as Colônias ou os Estados Unidos.

Mas mesmo esses distritos não são de modo algum tão maravilhosamente férteis, pois o Brasil é deficiente em dois elementos fertilizadores naturais, ou seja, os invernos e as minhocas. Na queda das folhas, nos meses secos de junho, julho, agosto e setembro, os cerrados e campos dos planaltos mostram grandes áreas completamente cobertas com uma vegetação esparsa, ressecada e calcinada, os ramos e galhos todos nus e sem folhas, e o solo cozinhando no calor seco, depois as folhas caídas, secas, duras e quebradiças são espalhadas e despedaçadas pelo vento e seus elementos se dissolvem em gases. É só nas florestas espessas, onde o solo é naturalmente úmido, que estas fontes de fertilidade podem se acumular para enriquecer o solo.

Porém, de volta a nosso assunto. O Brasil tem agora uma população estimada em entre 12 e 13 milhões, cerca de um décimo dos quais são escravos. As autoridades dos

Correios estimam a população em 12.899.691 (não se pode deixar de mencionar o último 1, que sugere um cuidado muito grande na estimativa), mas a maior parte deste número deve ser deixada de lado como um fator inútil na consideração do potencial produtivo no progresso próximo futuro do império, pois uma proporção tão grande dos habitantes está espalhada sobre uma área tão vasta que, no interior distante, onde suas produções excedem em pouco a demanda local, é impossível estabelecer comunicações lucrativas, nem existe necessidade delas quando tanto é exigido nas terras limítrofes da costa. A idéia popular de desenvolver o interior sem um fluxo de imigrantes para ocupá-lo é um *Ignis fatuus*, em busca do qual o Estado comprometeu tristemente suas finanças. Mesmo sob as condições mais favoráveis, demorará anos e anos até que se ocupem as terras férteis não aproveitadas da costa, portanto, os moradores do oeste longínquo podem ser deixados à sua própria sorte, vegetar como as árvores em torno deles, crescer e multiplicar até que chegue o tempo em que o leste comece a transbordar para o oeste, aí então esses números poderão ter um valor que não existe no presente.

Se o Brasil será jamais um campo popular para imigrantes, como a República Argentina, é uma questão que apenas o futuro pode responder. O Brasil apresenta abertamente boas-vindas ao estrangeiro, e o Estado despendeu £4.000.000 tentando induzir a imigração, mas existe um intransponível ciúme nacional, para não dizer antipatia, com relação aos estrangeiros, que é aparentemente incontrolável. Há um número muito considerável de colônias alemãs prósperas nas províncias do sul, e os colonos tornam-se mais brasileiros do que os próprios brasileiros; eles amam seus país de adoção, são econômicos e industriais e atingem uma condição de prosperidade que seus vizinhos brasileiros menos ativos invejam, mas não conseguem entender. A antipatia assim engendrada não é tanto dirigida contra os indivíduos, mas contra seu sucesso. Como exemplo do ciúme existente, posso contar que em 1882 houve uma loteria em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em conexão com uma exposição. O primeiro prêmio, de 200.000\$, foi tirado por um alemão residente em Hamburgo. Isto enfureceu de tal modo os brasileiros que eles puseram fogo no prédio e tudo foi destruído. Uma fonte adicional de maus sentimentos é o fato de que os alemães, com sua sagacidade, apropriaram-se das melhores terras. Mas sejam quais forem os problemas acarretados, todos os que querem bem ao Brasil só podem esperar veementemente vê-lo povoado por uma raça enérgica, qualquer que seja sua nacionalidade. No caso dos alemães do sul, ele podem ser temporariamente um elemento de discórdia, mas são extremamente leais ao Governo e constituem uma sólida base para uma vigorosa prosperidade futura.

O fato de o Imperador não ter nenhum herdeiro masculino imediato ao trono representa um grande bicho-papão para os temerosos, e temem-se sérias rupturas na soli-

dez do império quando da muito indesejável sucessão ao atual regente. Mas não importa que mudanças ocorram no governo do país; há bons motivos para crer que ele sempre cumprirá com honradez suas obrigações, pois, uma vez que seu crédito seja abalado, o que será de sua grande dívida interna? O país sozinho, sem auxílio exterior, não poderia honrar seus compromissos, conseqüentemente esta dívida interna é um baluarte da estabilidade do Estado como nossa própria Dívida Nacional; e haja o que houver, ele tem de pagar. O fato do Brasil estar situado na América do Sul deprecia muito o valor de seus títulos para muitos investidores em potencial que têm uma noção enevoada de geografia, pois, para a maior parte do público britânico, o Brasil é uma daquelas repúblicas sul-americanas, em algum lugar da América do Sul, propensas a revoluções, terremotos e febre amarela, e todo esse tipo de coisa, sabe, e de qualquer modo, há um imperador que acorda nas horas mais absurdas da manhã, e os brasileiros são espanhóis.

Finalmente, o futuro próximo ou remoto do Brasil dependerá quase inteiramente de o país tornar-se mais cedo ou mais tarde uma meta preferencial dos imigrantes da abarrotada Europa. Na República Argentina e no crescimento dos Estados Unidos, testemunham-se os resultados maravilhosos produzidos por uma afluência de imigrantes, e se o movimento se dirigir mais tarde para o Brasil a prosperidade do país aumentará aos saltos e borbotões. Como é agora, mesmo com a presente vinda muito moderada de imigrantes, o crescimento constante na prosperidade social, pelo menos das áreas do litoral sul, é inegável e tende a continuar.

Vejamos a distribuição do capital britânico atualmente investido nos Bônus do Governo brasileiro e em várias empresas públicas no Brasil:

	£
Bônus imperiais brasileiros	29.241.844 ²
Companhias ferroviárias	18.850.258
Companhias de navegação.....	3.864.660
Companhias de telegrafia submarina	3.432.049
Companhias bancárias.....	2.000.000
Companhias de fabricação de açúcar	1.735.820
Companhias de gás	1.291.803
Companhias mineradoras.....	1.068.540
Companhias de água e esgoto.....	1.034.700
Companhias de bondes	124.200

£ 62.643.874

2. Esta quantia inclui £ 4.907.644 das apólices de ouro do empréstimo interno de 1879, que são agora, em sua maioria, mantidas em Londres, e cotadas na Bolsa de Valores.

APÊNDICE H

EXTRATOS DE UMA COMUNICAÇÃO LIDA PELO AUTOR DURANTE UM ENCONTRO DA REAL SOCIEDADE GEOGRÁFICA, NO DIA 8 DE FEVEREIRO DE 1886, E INTITULADA *UM ESBOÇO DA GEOGRAFIA FÍSICA DO BRASIL.*

Fui levado a escrever esta comunicação, não tanto pelas extraordinárias ilusões que existem a respeito do Brasil, mas pelo fato de que quase todos os mapas (certamente todos os mapas ingleses) tendem a criar uma idéia muito errônea do País, representando-o como uma terra muito montanhosa e não como ela é, na maior parte um vasto platô, escavado em numerosos vales pelas denudações, com relativamente poucas cadeias puramente de montanhas, ou seja, montanhas verdadeiras de estratos sublevados. É muito lastimável que os cartógrafos ingleses não façam maior uso dos ricos estoques de informações geográficas coletadas anualmente por viajantes em todas as partes do globo. Por exemplo, dez anos já se passaram desde que eu tive a honra de apresentar a esta Sociedade informações e um esboço de mapa de uma parte considerável do Brasil desconhecido, os quais mostravam o interessante fato de que o nordeste do Brasil é praticamente uma ilha, mas em nenhum mapa inglês do País isto ainda está indicado, ao passo que tanto os cartógrafos brasileiros como os alemães seguiram minuciosamente os meus levantamentos.

Uma olhada no mapa esboçado¹ mostrará quatro características principais na fisionomia do País. Primeiro, as vastas planícies baixas do Amazonas, como Humboldt denominou aquela grande concavidade; e as campinas planas do Rio Paraguai. Segundo, os planaltos elevados que se estendem sobre a maior parte do império ao norte e ao sul do Amazonas. Terceiro, as terras ainda mais altas que constituem os divisores de águas dos principais rios. Quarto, os grupos de serras que consistem de rochas primitivas de estratos puramente sublevados.

Esta vasta área contém, naturalmente, tantos elementos constituintes variados, que, para discorrer sobre eles no curto âmbito desta comunicação, sou necessariamente

1. Ver Mapa Físico do Brasil encartado em bolsa neste volume.

te compelido a tratar do assunto da maneira mais geral possível, que entretanto se coadune com uma compreensão clara de meu objetivo. Para esse propósito, dividi toda a área em três grandes seções, ou sistemas, hidrográficos e, se as posições de suas bacias forem mantidas na memória, isto ajudará muito a obter uma impressão duradoura da configuração do País. Traçarei a seguir o curso dessas divisões.

Vê-se que uma linha de elevação bissecta o centro do continente sul-americano, elevando-se gradualmente de oeste para leste. Sua seção ocidental, embora um divisor de águas tão proeminente, consiste em uma série de grupos de tabuleiros largos e ondulados, interceptados pelas numerosas nascentes dos rios que correm para o norte e para o sul. A separação entre muitas destas águas, que correm paralelas umas às outras, porém em direções opostas, é tão estreita que, em muitos casos, a bacia do Amazonas poderia com facilidade ser ligada à dos rios do Prata por canais, e a comunicação por via aquática de um sistema para o outro tornada completa. Por exemplo, perto da cidade de Mato Grosso, o Rio Alegre, um afluente do rio amazônico Guaporé, sobe uma pequena elevação juntamente com o Rio Aguapeí, afluente do Rio Paraguai. Estas duas nascentes diminutas de rios caudalosos fluem para o leste a poucas milhas de distância uma da outra e lado a lado, por 20 ou 30 milhas, através de terreno relvoso e ondulado, e muitos de seus próprios ramais são separados uns dos outros por apenas umas poucas centenas de jardas, sendo que canoas já foram arrastadas de um rio para o outro por sobre a baixada intermediária. Há outras conexões próximas similares de rios que correm em direções opostas, separados apenas por terras baixas; as cabeceiras do Tapajós quase se unem às do Rio Sararé, outro afluente do Guaporé, e os Rios Xingu e Araguaia são quase unidos aos afluentes do Paraguai. Próximo às fronteiras do Mato Grosso e Goiás a linha desses tabuleiros bifurca-se, um ramal segue para o sul, ainda em forma de planaltos amplos e elevados, o outro corre para o nordeste e assume mais a forma de uma série de cadeias e morros isolados em pico, conhecidos como Serra do Caiapó e Serra das Divisões do Rio Claro. Perto da cidade de Goiás, a divisa torna-se distintamente montanhosa, e as cadeias irradiam-se em todas as direções; aqui ficam os Montes Pireneus, que constituem, até onde se sabe, a segunda cadeia mais elevada do Brasil, chegando a alturas variadamente estimadas em 7.700 e 9.700 pés acima do nível do mar. Mas além desse ponto, à medida que este divisor de águas segue para o norte e forma a separação entre o Tocantins e o São Francisco, ele não tem mais a forma de montanhas como se representa geralmente nos mapas, mas é na verdade um largo platô estéril e arenoso, finamente coberto de vegetação baixa e tufos de capim duro. Neste espinhaço largo e plano, um viajante pode freqüentemente percorrer 100 milhas sem encontrar água, ou pode atravessá-lo de canoa de Barra do Rio

Grande, no São Francisco, até a boca do Rio do Sono no Tocantins. Este platô alto e elevado, conhecido como Chapada da Mangabeira, estende-se até a latitude 10° sul, onde se une a um platô similar, alto e plano, que forma uma ferradura, e constitui o divisor de águas dos rios do nordeste do Brasil. Agora, voltando aos Montes Pireneus, vê-se que outra continuação da cadeia central segue em direção à Serra do Mar e junta-se a ela, formando a divisa entre as bacias do São Francisco e do Rio do Prata. Esta também não pode ser considerada uma cadeia de montanhas, como é representada habitualmente, pois a maior parte dela compõe-se de grandes morros redondos e ondulados, com picos ocasionais e muitos tabuleiros de topo plano; mas à medida que se aproxima da Serra do Mar, vai-se tornando mais elevada e termina em cadeias distintas de gnaiss granítico e em morros compostos, na maior parte, de rocha ferrífera extremamente rica.

Nesta região a superfície da terra é altamente irregular e montanhosa. Uma cadeia, antes conhecida como Serra do Deus-Te-Livre, é suficientemente ilustrativa pelo nome, de seus caminhos acidentados, destiladeiros e precipícios profundos.

O ponto de interseção do divisor de águas central com a Serra do Mar é geograficamente uma localidade muito interessante, pois seus cumes elevados constituem uma divisória que corre para os quatro cantos da bússola. Vejam como ficam relativamente próximas da costa algumas das nascentes do São Francisco e do Rio da Prata que correm em direções opostas por milhares de milhas de vales, até suas distantes embocaduras no Atlântico, e, provavelmente, das chuvas que caem sobre alguns dos montes divisórios, uma parte é encaminhada para o norte, a outra, para o sul.

Sigamos agora esta grande Serra do Mar, o grande baluarte do platô brasileiro. Ela começa na província sulina do Rio Grande do Sul; iniciando-se na fronteira ocidental da província, no Rio Uruguai, segue em direção à costa em forma de uma série de encostas, voltadas para o sul, e constitui a extremidade sul do platô brasileiro; depois de chegar a poucas milhas da costa, ela a acompanha para o norte, às vezes beirando o litoral, às vezes muitas milhas terra adentro, até a altura de Cabo Frio.

Do cume de sua face marítima, a superfície do terreno e dos rios desce em gradientes suaves na direção da bacia do Prata. Em muitos pontos onde esses grandes alcantis aproximam-se do litoral, seu contorno variado e paredes serrilhadas cobertas de floresta, seus recessos profundos, penhascos e picos representam algumas das mais atraentes paisagens montanhosas de beira-mar do mundo. Em Cabo Frio, ela termina em grandes morros escarpados de gnaiss granítico; defensores envelhecidos, gastos pelo tempo e pelas intempéries, da linha costeira contra as invasões do mar.

No Rio de Janeiro, esta grande cordilheira de montanhas rochosas culmina na

Serra dos Órgãos em altitudes de 7.000 a 8.000 pés acima do mar. A baía entre terras desta cidade, cercada como é por grupos dispersos de montanhas desta serra, apresenta tais maravilhas de cenário que nenhum porto no mundo, nem mesmo Nápoles, Sidney, San Francisco ou Constantinopla, pode se comparar a suas multifárias belezas, todos tem de passar a palma à linda baía do Rio de Janeiro.

Agora, deixando a serra costeira e prosseguindo em direção ao norte pelos grandes distritos cafeeiros, mergulhamos no vale no Paraíba, e subindo novamente, alcançamos a cadeia mais celebrada do País, a Serra da Mantiqueira. Ela se ergue em São Paulo, onde um ramal segue para o norte e forma uma das paredes da bacia do Rio Grande; a linha principal continua subindo o lado ocidental do Paraíba em forma de altaneiras vertentes precipitosas e enflorestadas, elevando-se freqüentemente em penhascos e pináculos pontilhados de grandes pedras. Ela volta-se para o sul, exposta aos ventos carregados de umidade do oceano, que se condensam em chuvas quase diárias. Aqui situa-se o Pico do Itatiaia-uçu, a elevação mais alta conhecida do Brasil, a 10.040 pés acima do mar e a apenas 60 milhas da costa em linha reta. Até chegar em Ouro Preto, a serra apresenta mais ou menos o mesmo caráter, uma subida íngreme e acidentada, a partir do sul e do sudeste, e gradientes muito suaves para norte e oeste, em forma de um grande tabuleiro ondulado de prado. Em Ouro Preto, e um pouco adiante, ela dá origem a inúmeros cursos de água, que escavaram profundos vales cavernosos, dando ao planalto intermediário a aparência de montanhas, que são na verdade montanhas de denudação. Algumas destas cristas de rochas primitivas atingem grandes altitudes, notavelmente o Itacolomi, perto de Ouro Preto, e o pico do Itambé, mais ao norte. Depois de Ouro Preto, a cadeia principal começa rapidamente a assumir o caráter de um tabuleiro alto, que se alarga ao avançar Bahia adentro; ela cruza esta província em grandes platôs largos e arenosos, com uma crista ocasional sublevada à moda de dique, aqui e ali, ou mostrando onde uma massa local de materiais mais duros resistiu às influências desintegradoras e denudantes do tempo e dos rigores climáticos. Seu curso é bissecionado pelo Rio São Francisco, que mergulha no platô mais baixo da face marítima nas grandes quedas de Paulo Afonso, o Niágara do Brasil. Um pouco adiante, na província de Pernambuco, ela se une ao braço oriental do divisor de águas noroeste; juntos, os platôs se estendem até o Cabo São Roque, outro posto avançado proeminente da linha costeira.

Tracei assim, brevemente, a estrutura geral do Brasil interior, os ossos principais do monstro, e ao seguir o curso destas terras elevadas, ver-se-á que os rios do Brasil dividem-se em três grandes sistemas: a bacia do Amazonas, a bacia dos rios do Prata e os muitos rios distintos e separados que correm na direção leste para o Atlântico.

Tomando estes sistemas fluviais na ordem mencionada, tentarei falar alguma coisa sobre cada um e salientar suas diferentes características fundamentais.

No sistema do Amazonas, a bem da brevidade, incluí o Tocantins e o Araguaia, porém, embora eles não sejam agora afluentes daquele grande rio, há bons motivos para crer que eles o eram anteriormente, quando o rio Pará era uma das desembocaduras verdadeiras do Amazonas.

Essa bacia amazônica consiste na floresta baixa em forma de garrafa de seu vale superior, com 1.300 milhas de comprimento por 800 milhas de largura, e os tabuleiros elevados circundantes, que, perto de Óbidos e Santarém, chegam até perto das margens do rio principal e constituem o gargalo desta estupenda garrafa de vegetação. Por toda a extensão deste rio, a leste e oeste de Óbidos, a terra adjacente é tão baixa e plana que há, em muitos casos, mais uma série de rios mais ou menos paralelos do que um grande caudal claramente definido. É possível subir de canoa por todo o vale nestes canais laterais (denominados localmente “paraná-mirins”) e também passar através das profundas florestas por canais naturais, de um afluente para o outro, sem nunca entrar no rio principal.

É um aspecto singular do vale do Amazonas, situado como está em tal massa de água na região equatorial, que ele seja tão saudável como na verdade é, embora alguns de seus afluentes sejam no entanto muito insalubres, e onde a vida em qualquer condição torna-se um tormento devido às pragas de insetos; todavia nunca encontrei ninguém que tenha tido uma experiência de vida no Amazonas que não tenha se tornado um entusiasta apaixonado dele. A gloriosa vegetação, a vida livre de convencionalismos, a brilhante luz do sol e o calor temperado por brisas frescas contêm alguns dos elementos que compõem um paraíso, e as numerosas linhas de vapores fluviais que agora sulcam essas águas majestosas fornecem meios de rápida comunicação e de obtenção das necessidades e dos luxos da vida para os colonos.

A vegetação desse grande vale é essencialmente diferente da que se encontra nos outros dois sistemas fluviais; ela é mais vasta, de natureza puramente tropical e contém uma variedade peculiar em si mesma. As ricas terras baixas, sujeitas a inundações anuais, chuvas freqüentes durante todo o ano, e o calor contínuo produzem uma vasta riqueza de densa verdura tropical e uma área de floresta maior do que a que se pode encontrar em qualquer outra parte do globo, cortada por milhares de milhas de imensos rios navegáveis, que ao viajante parecem mais grandes mares interiores do que rios.

Dentre os imensos estoques de produtos vegetais valiosos desta grande floresta, figura preeminentemente a seringueira. Ela existe em quantidades tão vastas, e a coleta da seiva é tão lucrativa, que já atraiu até para os rios mais remotos milhares de

brasileiros aventureiros das províncias contíguas; e a despeito das privações, perigos e fadigas de tal vida, continua a fluir a corrente de ávidos caçadores de borracha. A borracha está fazendo pelo Amazonas o que o ouro fez pela Austrália e pela Califórnia; embora a maioria das outras indústrias amazônicas esteja negligenciada e paralisada, a borracha permitiu ao Pará, a Manaus e a outras cidades ribeirinhas um progresso sem precedentes: cobriu milhares de milhas de rios com vapores e disseminou uma população sobre vastas áreas, que de outro modo permaneceriam adormecidas por muitos e muitos anos.

Ainda se sabe relativamente tão pouco sobre o rio, que ainda existe uma polêmica entre os geógrafos a respeito de se o Rio Pará é ou não uma das bocas do Amazonas. Quando, no entanto, se lembra, como pode ser provado, que a quantidade de água que passa pela cidade do Pará excede em pouco a que se encontra na junção do Tocantins com as águas do Uanapu, Pacajás, Camaraipi e Jacundá, há muito pouco espaço para as águas do Amazonas – na verdade, o Amazonas só é ligado ao Rio Pará por um certo número de “furos” ou canais estreitos, tão estreitos que os vapores que passam por eles do Pará para o Amazonas quase roçam no mato das margens de cada lado, e o volume de água que pode passar por estes furos é realmente insignificante em proporção ao volume de água do grupo do Tocantins; portanto, não vejo por que o Pará deveria ser considerado uma das bocas do Amazonas. Sem dúvida, ele o foi anteriormente, mas o encontro do fluxo de água do grupo do Tocantins com o rio principal evidentemente assoreou o antigo canal amplo, do qual ainda existe uma parte, mas sua extremidade ocidental está fechada agora, e a massa de água do Amazonas segue diretamente para o mar. Esta desembocadura do Amazonas ainda não foi examinada. Estou convencido de que um canal muito melhor poderia ser encontrado aqui para os vapores atlânticos que prosseguem rio acima, do que os canais estreitos e tortuosos entre o Pará e aquele rio.

Para quem sobe o Rio Amazonas, um aspecto dos mais notáveis chama a atenção, a saber, os morros de topo horizontal das Serras de Ereré e Óbidos e a formação um pouco similar na margem oposta, nos fundos de Santarém. Estes planaltos opostos formam as paredes do vale através do qual o rio, que provavelmente já foi um grande lago interior, escavou uma passagem para o mar. É realmente um engano denominá-los serras, pois a palavra serra implica uma cadeia de montanhas ou morros, e as pretensas Serras de Ereré não estão mais habilitadas a serem consideradas uma cadeia de montanhas do que os nossos rochedos de Dover. Seus topos, em vez de serem cristas, estendem-se em forma de savanas onduladas terra adentro, sempre subindo, sulcadas em depressões e vales por muitos rios ou cursos d'água. Estranha e interes-

sante como é a aparência desses rochedos de 1.000 pés de altura, ainda assim eles não são uma exceção na bacia do Amazonas; em sua extremidade ocidental na Serra de Cupati, seguindo as margens do Rio Japura e também na face ocidental da Chapada da Mangabeira, encontram-se formações idênticas, e mesmo mais para o norte, em Roraima e seu irmão Kukenam, existe também uma configuração de certo modo similar. Esses grandes penhascos precipitosos e morros de topo horizontal isolados indicam, ou pelo menos sugerem, uma grande denudação que, ou terá ocorrido há muito tempo ou ainda está acontecendo. Estou inclinado a aceitar a segunda suposição, especialmente em vista da aparência da face ocidental da Chapada da Mangabeira, o divisor de águas Tocantins-São Francisco; do lado do São Francisco ela sobe gradualmente, em gradientes regulares até a divisa, onde assume a aparência de paredes perpendiculares de arenito com cumes planos e lembra, quando visto do leste, fortalezas gigantescas. A base destes rochedos é composta de uma rampa natural de terra dos depósitos de material caído dos paredões. Fica evidente que este tabuleiro estendia-se ainda mais longe para oeste por 20, 30 ou 60 milhas, pelos grupos separados de morros de topo plano que se encontram a estas distâncias com formações idênticas, e muitos dos quais têm cumes praticamente nivelados com relação ao tabuleiro principal. Subi ao topo de um desses Roraimas em miniatura e encontrei uma vegetação e solo precisamente similares aos daquele grande platô, enquanto a vegetação das baixadas circundantes era de um caráter totalmente diferente. Alguns destes morros isolados de topo horizontal são partidos no meio, e os lados parecem prontos a desabar a qualquer momento e adicionar seus elementos às planícies vizinhas. O esboço do Morro do Mandacaru,² um morro a cerca de 60 milhas dos tabuleiros principais, mostrará o melhor minha hipótese de denudação contínua, que a queda iminente de uma extremidade torna tão evidentemente aparente.

O Amazonas apresenta outra característica peculiar, ou seja, a ausência de um delta, pois, embora a foz do rio fique em meio aos canais de um grande arquipélago de ilhas, no entanto estas ilhas são compostas em grande parte de uma base rochosa. Na verdade, existe o reverso de um delta, pois pode-se comprovar que o mar está invadindo e carregando a terra mais depressa do que o rio consegue depositar sua matéria aluvial; todavia, tão grande é a força desse poderoso monarca dos rios, que suas águas descoloridas podem ser avistadas no mar a 100 milhas da costa.

A bacia do Prata difere da bacia do Amazonas nos seguintes aspectos: o clima é mais variável; as estações chuvosas e secas são mais distintas; as planícies baixas, em vez de serem cobertas de florestas, são muitas vezes vastas áreas lisas de capim e mato rasteiro, sujeitas a inundações dos rios; a vegetação tem caráter menos tropical – na

2. Ver página 145, vol. ii.

verdade, no Paraná e rios próximos há florestas consideráveis de pinheiros de araucária e outras árvores de regiões temperadas. A seção nordeste dessa bacia consiste em parte do grande platô ondulado brasileiro, com cinturões de floresta apenas nos vales dos rios. O Rio Grande e o Rio Paraná atravessam o grande tabuleiro sulino da bacia do Prata, o segundo encontrando o nível mais baixo do platô nas cataratas de Sete Quedas. Esta seção nordeste compreende campos admiráveis para futura colonização, um clima excelente e um bom solo, tanto para pastagem como para a agricultura, mas exige o desenvolvimento das comunicações; no momento, um colono teria o valor de sua produção absorvido pelo custo do transporte. Uma parte considerável desta bacia não é povoada, exceto por algumas tribos pobres de índios; mas no Paraguai, e no extremo nordeste e a seção em São Paulo, Rio Grande e Paraná próxima da serra costeira, há uma população considerável, principalmente dedicada à criação de gado e à agricultura, e as modernas ferrovias em São Paulo e no Rio Grande deram sem dúvida um ímpeto grande ao progresso da região, auxiliada ainda pelos imigrantes alemães e italianos.

A terceira divisão do império, contendo os rios que correm desde as serras costeiras e do divisor central, até o Atlântico, possui também características próprias, diferentes das bacias do Amazonas e do Prata. Na parte sul, do Rio Grande até o Rio de Janeiro, a serra costeira, Serra do Mar, dá origem a numerosos rios precipitosos que deságuam no Atlântico. O Rio São Francisco, que pode bem ser considerado uma bacia distinta, como realmente é, foi incluído por mim nesta seção. Ele é acompanhado durante a maior parte de seu curso pelos penhascos dos tabuleiros de cada lado de seu vale; às vezes eles se aproximam até perto das margens e fornecem situações salubres para a construção de cidades; em outros pontos, os tabuleiros só são vistos a 10 ou 20 milhas de distância do rio. Em quase todo caso, estes penhascos ou rochedos são denominados serras, um imenso engano, pois deveriam ser denominados tabuleiros. Próximo à cidade de Jacaré e em São Bom Jesus da Lapa, há algumas formações de calcário muito curiosas; elas se erguem abruptamente com lados perpendiculares a partir de uma planície, seus cumes foram esculpido pelas intempéries em pináculos, pontas e torres, com os interstícios preenchidos pelos altos cactos mandacaru azuis, em forma de candelabro. Suas paredes são manchadas e acinzentadas pelo tempo e parecem o que creio que elas são: a antiga estrutura do platô que antes cobria o vale, seus materiais circundantes mais macios tendo sido há muito denudados e carregados para o distante Atlântico. O vale do São Francisco é muito diferente do Amazonas, pela ausência de qualquer coisa que lembre a floresta do último. O primeiro só apresenta floresta nas margens imediatas do rio, atrás do qual há níveis mais baixos de

lagunas, que acompanham o rio em seu curso, variando em largura desde poucas jardas a algumas milhas, e freqüentemente estendendo-se até o sopé das escarpas próximas do tabuleiro. A maior parte da terra baixa do vale, onde não é pantanosa, é coberta com uma vegetação mirrada e tratos de campinas com pequenas extensões ocasionais de floresta. Este rio, em muitos pontos, é extremamente insalubre, especialmente no alto de seu curso. Porém, com um pouco de trabalho, estas lagunas maláricas podem ser facilmente dragadas quando a água do rio baixa e estas localidades podem ser transformadas em terras extraordinariamente ricas e férteis, em vez de serem inabitáveis em muitos pontos, como no presente.

Ao leste e ao norte do vale do São Francisco, ficam as demais depressões fluviais que constituem o resto do sistema fluvial atlântico. Aqui há tantos rios, cada um contendo sua própria bacia distinta, que é impossível no âmbito desta comunicação mencionar os numerosos grupos pequenos; basta dizer que os rios do nordeste emergem nas cristas elevadas do divisor de águas do nordeste e correm em gradientes suaves até o mar. Os rios Gurupi, Mearim, Itapucuru e Parnaíba são navegáveis pela maior parte de sua extensão, como o são muitos dos rios atlânticos da divisa leste do São Francisco. Esta região, embora em muitos pontos bastante interrompida por grupos isolados de morros e elevações de topo plano, é relativamente regular. As províncias nortistas do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco são muito sujeitas a grandes e devastadoras secas, que causam um imenso volume de miséria e sofrimento.

Esta terceira divisão hidrográfica contém em si a maior parte da população, riqueza e indústrias do império. Seu clima varia desde o clima próprio a uma latitude de 32º sul até o calor úmido do Equador e compreende uma variedade imensa de solo e vegetação, desde as vertentes enflorestadas da Serra do Mar e da Mantiqueira; as matas e planícies do Rio de Janeiro; as florestas virgens do Rio Doce; os áridos tabuleiros da Bahia, com seus estoques de riqueza mineral; as ricas montanhas minerais de Minas Gerais; os tabuleiros arenosos das cabeceiras da divisão nordeste do império e o cinturão intermediário de floresta ao pé das encostas costeiras do tabuleiro, que termina em campinas baixas, interrompidas por grupos ocasionais de morros.

Ao rever os temas de que tratei, ver-se-á que as posições das altitudes mais elevadas ficam praticamente em linha reta, pois se subtendermos uma linha desde Roraima na extremidade norte do império até o pico de Itatiaia-uçu no sul, ela passará pelos Montes Pireneus em Goiás, com alturas respectivas de 8.600, 10.040 e 9.700 pés acima do nível do mar, o mais alto sendo o Itatiaia-uçu, próximo à costa sul, e o mais baixo o Roraima, no norte.

É interessante também notar a grande depressão que se estende pelo centro do

continente sul-americano, praticamente similar ao que existe no norte-americano. Por exemplo, uma canoa pode ser navegada do Rio Orinoco para o Rio Negro, daí para o Amazonas, depois subindo os rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Alegre, onde não estará a mais de 500 ou 600 pés acima do mar; a canoa pode ser então arrastada por uma campina baixa, como se faz com freqüência, até o Rio Aguapeí, depois descer o Rio Jauru e Rio Paraguai, até Buenos Aires. A distância do Amazonas ao Prata por esta rota é de cerca de 2.500 milhas, das quais 1.650 já foram percorridas por vapores, o que deixa ainda 850 milhas a serem navegadas. Mas não se deve inferir que o total desta rota oferece um curso quase ininterrupto de rios navegáveis; pelo contrário, as 850 milhas restantes que não foram exploradas por vapores, não apenas contêm obstáculos intransponíveis à passagem mesmo do mais leve vapor, mas até mesmo, em muitos pontos, até a subida de uma canoa. Todavia, essa rota será, provavelmente, em futuro mais ou menos remoto, a linha principal de comunicação interna. A maior parte das terras desse caminho natural, sem sombra de dúvida, são tão desprovidas de desenvolvimento quanto o Congo africano – na verdade, até mais, pois os distritos são muito escassamente povoados por índios e pouquíssimos colonos. Há também a conexão entre o Rio São Francisco e o Tocantins. Uma canoa pode partir do primeiro e subir os rios Grande, Preto e Sapão. A nascente deste último rio fica em um belo lago, em um vale cercado de morros de topo plano que lembram fortalezas; as margens do lago são cercadas de bosques de magníficas palmeiras de buriti (*Mauritia vinifera*); a oeste o lago escoa em um rio considerável, de correnteza rápida, o Rio Diogo, encontra um Rio Preto e daí segue para o Rio do Sono e depois o Tocantins. Esta viagem poderia ser feita sem se tirar uma só vez a canoa da água, exceto para descer em segurança alguns trechos turbulentos no escoamento ocidental do lago.

Ver-se-á em qualquer mapa do Brasil que há muitos espaços onde não aparecem rios, e que muitas das distâncias entre os rios indicados representam na escala muitas milhas de áreas aparentemente não irrigadas; no entanto, imagino que não haja um só país no mundo tão bem irrigado quanto o Brasil, e minha experiência leva-me a crer que seria difícil percorrer 10 milhas em qualquer parte do país sem encontrar água, exceto nos tabuleiros áridos de alguns dos divisores de águas. Em um levantamento feito no Paraopeba e no Alto São Francisco, em uma distância de 317 milhas passamos por 77 rios, variando de pelo menos 15 pés de largura até uma largura muito maior, além de inúmeros riachos menores e córregos. Mas no nordeste do Brasil ocorrem ocasionalmente grandes secas que secam a totalidade dos cursos d'água, mesmo rios de volume considerável, e transformam a região em um verdadeiro deserto.

Percebe-se que, vasta como é a floresta amazônica, ela ocupa apenas um quarto

da área do império; o resto é tomado pelos tabuleiros ondulantes de 1.000 a 3.000 pés acima do mar, cadeias de montanhas que se elevam de 5.000 a 10.000 pés e pelos vales dos rios. Além das florestas do Amazonas, porém, há as vertentes orientais da serra marítima, que até a altura do meridiano de Ouro Preto são, ou eram originalmente, cobertas por florestas nativas. Na província do Paraná há também tratos consideráveis de pinheiros e outras árvores. Na maioria dos vales também se encontram longos e estreitos cinturões de florestas heirando os rios; mas o terreno mais alto intermediário entre os vales pode seguramente ser considerado como o que se conhece por chapadas, tabuleiros, gerais, campos, cerrados, ou seja, terreno plano, acidentado ou ondulado coberto apenas de capim em alguns lugares e em outros por capim, mato, plantas floríferas, cactos e palmeiras anãs, ou pelos cerrados, um nome que não pode ser traduzido para o inglês, pois não há nada na Europa que corresponda a ele; significa praticamente um mato espesso, lembrando muito a aparência de um pomar inglês crescendo em desordem, sem cuidados, tomado por ervas, arbustos e gramíneas; as árvores são pequenas, extremamente distorcidas e muito espalhadas; elas se compõem de variedades extremamente resistentes e toleram igualmente o calor, o frio, as águas e a seca. Estes campos freqüentemente se estendem por grandes áreas; em Goiás pode-se viajar diversos dias através destas terras sem jamais avistar floresta de qualquer tipo. A atmosfera dessas elevações, especialmente dos campos, savanas ou campinas do Brasil, é deliciosa e estimulante. Para apreciá-la devidamente, é preciso ter residido por algum tempo em meio à escuridão melancólica das florestas, ao seu ar úmido, impregnado com miríades de odores de plantas fragrantas ou repulsivas e de vegetação em decomposição; perturbado pela picada e zumbido monótono de insetos; atônito com o labirinto e o emaranhado de árvores colossais e cipós entrançados em festões em torno delas; e ter experimentado a sensação de solidão lúgubre e o sentimento de depressão que a sombra triste produz, e depois emergido, como da noite para o dia, nestas terras altas, claras e frescas, brilhantes de sol, adornadas de flores, fragrantas de doces perfumes, e animadas pelos sons dos pássaros, trinando, chilreando, gritando em um barulhento concerto – como a pessoa se sente então reviver e aspira a atmosfera pura e serena, cheia de ozônio, avidamente e com ímpetos infantis de gritar, de incitar o cavalo ao galope, qualquer coisa para externar sua sensação de êxtase e prazer!

Desde as savanas de Roraima e os campos do Amazonas, e por todo o interior do Brasil até suas províncias sulinas, encontra-se nestas terras altas esta atmosfera maravilhosa. Mas deliciosa como é, clara, ampla e estendida, a paisagem, que se alastra em ondas revoltas até bem longe, sombreada aqui e ali por nuvens que passam, e funde-se enfim nos contornos azuis dos morros no horizonte, no entanto esses campos são con-

siderados (ao norte da latitude de Ouro Preto) inadequados para qualquer coisa além de pastagens. Ao sul desta divisão o solo melhora em riqueza e umidade, e muito dele pode ser adaptado ao cultivo de cereais.

Outra característica dessas terras elevadas, especialmente dos platôs mais altos junto à cidade de Barbacena, é a existência e o aparecimento de numerosas concavidades irregulares nos declives e encostas de muitos dos grandes morros arredondados e cobertos de capim. Estas cavidades são na verdade deslizamentos de terra, causados pela existência de fontes de água. O aspecto destas grandes escavações naturais é pitoresco ao extremo, tanto em forma como em cor; seus lados adquiriram pela erosão todas as configurações imagináveis, pináculos, domos e torres pontudas, botaréis e ocos; ravinas, estreitas, fundas e precipitosas, ou espaços abertos e amplos cercados por paredes altas e perpendiculares rasgadas por fendas e prestes a cair, e aumentam ainda mais o caos de matacões e massas fantásticas de terra que salpicam seus chãos. Mas é na cor que reside seu maior encanto. O tom predominante é um vermelho ocre profundo, que com o verde dos morros e o céu azul no alto, pontilhado de nuvens brancas reluzentes, constitui uma encantadora combinação de tons. Qualquer uma dessas barrancas, como elas são chamadas, oferece excelentes oportunidades ao geólogo para o estudo do solo, e de fato a aparência é muitas vezes extremamente interessante. Em muitas delas encontram-se, jazendo sobre leitos de arenito próximo ao chão da cavidade, depósitos extensos de argilas laminadas, variando em espessura, mas freqüentemente divididas em camadas finas como uma folha de papel, e consistindo de uma infinita variedade de cores dos matizes mais opostos uma ao lado da outra – rosa, azul, branco, preto, cinza, laranja, carmim, púrpura e amarelo. O professor Agassiz descreveu formações precisamente similares no vale do Amazonas e encontrou-as apoiadas em leitos de arenito da mais baixa formação. Muitas destas barrancas, especialmente nas proximidades de São João del Rei, apresentam um estrato superior de cascalho de quartzo branco ou amarelo conglomerado, extremamente rico em ouro, e muitas vezes o ouro pode ser obtido na terra que o circunda do topo até o fundo dos lados, tornando o morro como que literalmente salpicado de grãos de ouro. Naquele distrito cheguei a colhê-lo na poeira da estrada.

Uma característica do Brasil é um solo de argila rico, vermelho, altamente fértil, que se encontra espalhado por todo o território do País. Pode localizá-lo no vale do Alto Paraopeba; nos arredores de São João del Rei; na foz do Rio das Velhas; no vale do Rio Preto, perto de Formosa; em Carolina, no Tocantins; e em Chapada, no Maranhão. A substância e a formação deste material podem ser brevemente descritas como um lençol de argila vermelha não estratificada, entremeada de pedregulhos e

matacões sobrepostos à rocha. Essa argila dura e lisa contém em si todos os elementos mineralógicos geralmente encontrados em rochas metamórficas antigas, como granito, gnaisse, mica, ardósia argilosa, etc.; os matacões são geralmente massas de um tipo de pedra verde, compostas de uma quantidade igual de hornblenda preto-esverdeada e feldspato, e são inteiramente diversas das rochas sobre as quais se apóiam. É bem conhecido o fato de esta formação ter dado origem à teoria de Agassiz de uma era glacial remota no Brasil, mas eu creio que suas opiniões nunca foram endossadas por nenhum geólogo competente, tendo sido contestadas com argumentos idôneos e aptos por Sir Charles Lyell. Permanece ainda um campo a ser explorado pelos cientistas a determinação desse curioso fenômeno; mas Mr. Buchanan, do *Challenger*, voltou sua atenção para ele, e a teoria sobre sua formação que propõe é não apenas provável, mas também apela para o bom senso sem chegar às raias do fantástico.

**ÍNDICE DE ASSUNTOS E GLOSSÁRIO
DE PALAVRAS E EXPRESSÕES BRASILEIRAS
USADAS NO LIVRO***

A

- Abaeté brilhante, a descoberta do. i, 259.
- Abaeté, o rio. i, 259.
- Abelha do cupim. ii, 205.
- Abelhas, variedades de. i, 136, 172, 191; ii, 105, 157.
- Abutre, o urubu. i, 63.
- Acampamentos e cenas de acampamento. i, 214, 223, 225, 229, 243, 249, 265; ii, 19, 102, 107, 125, 143, 155, 164, 210, 220, 226, 228.
- Açúcar, engenhos. ii, 273; regiões produtoras. ii, 267, 269; o melhor extrator do caldo de cana. ii, 178.
- Água no Brasil, abundância de. ii, 296.
- Ajoujo, descrição, o. ii, 33.
- Algodão, tecido artesanal nativo de. i, 103.
- Anaconda do Brasil, a. i, 272; ii, 136, 138.
- Apunhalamento não é homicídio doloso no Brasil. i, 171, ii, 80.
- Aranha d'água. ii, 142.
- Araras. ii, 102.
- Arari, o porto de. ii, 232.
- Araucária, pinheiro de. i, 81.
- Araújo, o fora-da-lei. ii, 127, 130.
- Arenosas, regiões. ii, 195, 202; estradas. ii, 190.
- Armador, arraial de Manga do. ii, 22.

* Este misto de índice remissivo e glossário, preparado pelo próprio Wells, apresenta um nível de idiosincrasia consonante com o seu relato de viagem e com os apêndices, nos quais o rigorismo científico cede lugar fácil e despreocupadamente a uma valorização da experiência sensorial e subjetiva. Não se deve esperar dele, portanto, total coerência normativa na seleção dos verbetes, nem um levantamento exaustivo dos tópicos tratados no livro. O índice apresenta, por outro lado, a vantagem de fornecer um roteiro de leitura que muito informa acerca da personalidade e das motivações do autor – enquanto engenheiro, artista e homem de sua época (N.T.).

Arocira, a. i, 186.

Arquitetura brasileira moderna. i, 44.

Arraial. O antigo significado português do termo (agora quase obsoleto) é o de alojamento de tropas em campanha. A palavra também já representou um povoado semifortificado, e numerosos povoados antigos do Brasil ainda retêm o nome de arraiais, do mesmo modo que um antigo forte ou blocausse de fronteira na América do Norte legou o nome de forte ao que é hoje uma pacífica cidadezinha do interior.

Arrieiro, o tropeiro chefe de uma tropa de mulas. i, 72.

Arte no Brasil. i, 52.

Atirando. i, 111, 165, 210; ii, 51, 91, 104, 106.

Aventuras com cobras. i, 260, 271, 304; ii, 146.

Aves do brejo. i, 271; ii, 52, 66, 92.

Avestruz sul-americana, a. i, 177.

B

Bacairis, índios, os. ii, 208.

Bacairis. ii, 208; Xerentes. ii, 132, 174; Coroados. ii, 132, 174; Gamelas. ii, 216; Guajajaras. ii, 207;

Bagre, arraial de. i, 212.

Balsa. ii, 142, 151.

Balsa de fronde de buriti. ii, 152, 163; viajando de. ii, 153 a 169.

Balseiros. ii, 151, 160, 162.

Bambus, forragem para gado. ii, 101.

Banana, nativa. ii, 166.

Baratas. i, 158; ii, 141

Barbacena, a cidade de. i, 83; importações e exportações. i, 89.

Barca do Rio São Francisco. i, 312.

Barcos, balsas e canoas, experiências com. i. 263; ii, 34 a 49, 53 a 60, 153 a 169, 175 a 181, 209 a 230, 236 a 238.

Barqueiros, i, 313; ii, 53; etiqueta dos. ii, 35; enorme apetite dos ii, 36; paciência e resistência dos; ii. 58.

Barra do Rio Grande, a cidade de. ii, 48.

Barriguda, ou árvore da seda vegetal. i, 307.

Bateia. i, 99.

Batuque, a dança do. i, 165, 170, 262.

Baunilha silvestre. i, 216.

Berne, o. Uma praga de inseto. i, 136, 143.

Besouros. i, 189.

Bicho, uma palavra que expressa qualquer coisa viva ou substância estranha, um elefante, um estrangeiro, um inseto ou um fantasma. i, 69.

Bico de Tucano, o remador, os expedientes de. ii, 179.

Bócio. i, 150, 214.

Bode, termo da gíria para mulatos. ii, 22.

Bom Jardim, a cidade de. ii, 45.

Boqueirão, Serra do. ii, 61.

Bote, o barco dos negociantes do Rio Tocantins. ii, 172.

Boto, golfinho de água-doce. ii, 180.

Braços, falta de, no Brasil. ii, 181, 219.

Brasil, seu estado atual, passado e futuro. ii, 276.

Brasileiros, da classe alta. i, 43, 54, 57, 62, 180, 202, 204; ii, 12, 30, 44, 50, 71, 181, 206, 232, 239; industriais, i, 161, 181, 264, 287; ii, 27, 48, 68, 85, 132, 140, 192, 222, 229.; indolentes, i, 44, 78, 95, 103, 107, 122, 126, 207, 213, 215, 236, 265, 290, 301, 305, 309; ii, 23, 29, 32, 62, 73, 86, 139, 167, 176, 181; *enfants terribles*, i, 282, 283; ii, 206.

Brejos, do Rio São Francisco. i, 218, 220, 224, 232, 247, 255, 311; ii, 23, 29, 35, 51; do Rio Grande. ii, 55, 56, 59; do Rio Grajaú. ii, 225.

Britânicos, produtos, no Brasil. ii, 208.

Buriti, uma palmeira. i, 217; ii, 95, 100, 108, 114.

Buritizal, grupos de buritis que nascem nos lamaçais. ii, 100, 107.

C

Cabeça-de-frade, um cacto anão. ii, 103

- Cabra, termo aplicado à classe baixa de cor de camponeses brasileiros. ii, 22.
- Caça, motivos da escassez, em distritos desabitados. i, 305; regiões de. i, 165; ii, 107, 134; codornas. i, 234; veados, pecaris. ii, 107, 134, 165; onças. ii, 108, 156, 167; pacas. i, 165.
- Caçadores brasileiros. i, 233; ii, 93.
- Caçando. i, 111, 189.
- Cachaça, uma bebida alcoólica grosseira, destilada do melão. Restilo é a mesma bebida redestilada. Aguardente de cana é um rum de qualidade superior, destilado do caldo da cana-de-açúcar. i, 169.
- Cachoeira (uma queda d'água, catarata ou corredeira) da Apertada Hora. ii, 152, 160, 162; das Broacas, i, 258; de Formosa. i.264; do Funil do Paraopeba. i, 117; do Funil do Sono. ii, 159; de Pirapora. i, 267; de Paulo Afonso. ii, 290; do Tocantins, modos de atravessar. ii, 172.
- Cacto peculiar às rochas calcárias. ii, 37.
- Café, transporte de, no Rio. i, 50; regiões produtoras de. i, 65.
- Caititu, o pecari comum. ii, 165.
- Cajueiros. i, 207.
- Calcário, fantástica aparência das rochas de. ii, 18, 37.
- Cama de acampamento, uma conveniente e portátil. ii, 55.
- Camarada, em Minas Gerais e em muitas outras partes do Brasil, é a denominação dos servidores de um viajante ou trabalhadores rurais, pois o matuto livre e independente recusa-se a ser chamado de "criado" em um país escravagista. i, 69.
- Campos, ou pradarias, notas sobre os. i, 87, 153, 154; atmosfera estimulante dos. i, 82, 153, 286; ii, 102, 297; vegetação dos. i, 81 89, 205; ii, 244.
- Canal sugerido para suprir de água as províncias do norte em tempo de seca. ii, 74.
- Canga, um conglomerado de quartzo, uma das formações diamantíferas.
- Canoas, ver *Barcos*.
- Capão, *capon*, em inglês, tem no Brasil um segundo significado. Abreviação da palavra indígena "caãpoam", ilha, ou qualquer coisa redonda, é um termo que expressa bem os agrupamentos e cinturões de matas que pontilham os campos abertos como ilhas de floresta em um mar de grama. i, 88.
- Capela Nova do Betim, o arraial de. i, 121, 144.
- Capim, melado ou gordura, ou de cheiro, uma gramínea alta e aveludada, densa-

mente impregnada com uma substância viscosa e tão cheirosa que perfuma todo o campo, como o feno recém-ceifado na Europa; é peculiar às regiões montanhosas do Brasil e às plantações abandonadas, e uma excelente forragem. i, 106.

Capivara, ou porco d'água. i, 139; ii, 91.

Capivara, uma praga para os fazendeiros. i, 139; ii, 92.

Capoeira, mata que cresce em plantações abandonadas; de acordo com sua idade é conhecida como capoeira fina (árvores novas, mato e arbustos), capoeira (floresta), ou capoeira grossa, ou capoeirão (floresta antiga, que lembra muito a aparência da floresta virgem).

Capoeiras do Rio, os, uma classe de vagabundos e assassinos. i, 55.

Carajós, índios. ii, 151.

Carinhanha, cidade de. ii, 30; Rio. ii, 30, 244.

Carnaúba, palmeira, os produtos da. ii, 45.

Carneiro, preconceito popular contra a carne de. ii, 27.

Carolina, cidade de. ii, 181.

Carrapatos, tipos de. i, 97, 138.

Carrapatos. i, 97, 135, 138.

Casamento na roça. i, 193; não é uma cerimônia indispensável no Brasil. i, 106.

Cascalho, como parte da formação diamantífera. i, 260; ii, 164.

Cascavéis. i, 272, 304; ii, 199.

Cataratas (ver *Cachoeiras*)

Cavídeo pintado, o (paca). i, 140, 165.

Cavalheiro d'Indústria. ii, 78.

Cecropia, árvore-da-preguiça ou candelabro. i, 80.

Cedro, a fábrica de algodão do. i, 180.

Cenas de floresta. i, 80, 115, 118, 134, 136, 142, 220, 234, 255, 257, 306; ii, 17, 80, 164, 193, 200, 212, 215, 223.

Cenas noturnas de acampamento. i, 208, 225, 243, 244, 262, 273, 298; ii, 19, 27, 102, 107, 109, 125, 154, 191; no rio São Francisco. ii, 34, 41, 47; no rio Grajaú. ii, 211, 212, 218, 220, 226, 228.

Cerrados, tipo de vegetação encontrado em todas as terras altas do Brasil, descrição

Cerrados, tipo de vegetação encontrado em todas as terras altas do Brasil, descrição do. i, 186.

Cerveja nacional. i, 68, 119.

Chá brasileiro, o. i, 96.

Chácara, os terrenos de uma residência afastada, semelhante ao “composto” na Índia. No Norte do Brasil a palavra é substituída por “sítio”, que também é uma designação para pequenas fazendas.

Chapéu d’Uvas, o arraial de. i, 73.

Chapada, termo usado no Brasil para designar qualquer extensão plana de terreno. A cidade de. ii, 203; da Mangabeira. ii, 117, 128.

Chuvas, estação de. ii, 83, 143, 150; efeito depressivo da. ii, 13, 20.

Ciganos brasileiros. i, 294.

Clero do interior do Brasil, o. i, 111, 242, 302.

Clima do Brasil. ii, 246.

Clima dos campos. i, 82, 153.

Cobra coral, as belas cores da. ii, 201.

Cobras, tipos de. i, 172, 200, 229, 260, 272; ii, 210, vitalidade de. i, 201; aventuras com. i. 260, 271; ii, 146; veneno de (uma injeção subcutânea de permanganato de potássio é um antídoto dos mais eficazes, largamente usado no Brasil com imenso sucesso).

Cobre, regiões produtoras de. ii, 194, 206, 227.

Coche, viajando de. i, 65, 66.

Codornas. i, 233.

Coelhos. i. 271.

Colhereiros. ii, 43.

Colonização. ii, 282.

Comércio e comerciantes. ii, 61, 72, 173, 183, 202, 207, 232, 236; o comércio do Brasil. ii, 280-1.

Comarca, área sujeita à jurisdição de um juiz de direito; divide-se em freguesias, ou paróquias, e estas em distritos.

Conexão entre os rios São Francisco e Tocantins. ii, 115, 296.

Conforto no Brasil, falta de. ii, 70.

Congonhas do Campo, a vila de. i, 98.
Congonhas, chá de, uma espécie de mate. i, 96.
Contendas, o arraial de. i, 299.
Cor tropical. i, 41, 58; ii, 228.
Coração de Jesus, arraial de. i, 290.
Coroados, índios. ii, 132, 174.
Corredeiras (ver *Cachoeiras*), travessia de. i, 264; ii, 154, 159, 161.
Corrida, uma. i, 209, 214.
Corrupião, o pássaro. ii, 211.
Couro, roupas de, dos criadores de gado. ii, 130.
Crepúsculo, efeitos do. i, 273; ii, 67, 156, 163, 220.
Crimes, no interior muitas vezes impunes. ii, 178.
Cristão, nome assumido pelos habitantes brasileiros das terras fronteiriças às dos índios. ii, 130.
Cruz, de aldeia. i, 291.
Curaçau, ou mutum. ii, 157.
Curiosidade do povo da roça. i, 174, 290, 300; ii, 83.
Curioso, um homem dos sete instrumentos. i, 160.
Custo de viagem, no Rio São Francisco. ii, 32; no Rio Grajaú. ii, 208.

D

Danças nativas. i, 170; ii, 187.
Debaixo da lona. i, 183, 208, 225; ii, 155.
Decadência do interior do Brasil. i, 78, 98, 103, 120, 148, 170, 231, 281, 302; ii, 140, 276.
Desastrosa perda, uma. ii, 162, 181.
Descoberta, uma interessante. ii, 115.
Deslizamentos de terra nos campos. ii, 298.
Diamantífera, formação. i, 260; região. i, 105, 214, 259, 281; ii, 259; minas. ii, 259.

Dissipação do povo da roça. i, 171, 265, 299; ii, 23, 29, 39, 47, 185.
Dívida nacional brasileira. ii, 279.
Divisores de águas. i, 94; ii, 97, 115, 288.
Dom Pedro II, Estrada de Ferro. i, 62; ii, 263; possibilidade de extensão futura da. i, 280; ii, 263.
Dom Quixote, o caçador. ii, 93, 108, 112.
Domingo, infortúnios advindos de viajar no. i, 229; nos lugarejos do interior. i, 129, 182; na fazenda Mesquita. I, i, 147.
Dona Chiquinha, a macaca. i, 253; ii, 78, 87.
Dourado, o peixe. i, 251, 268; ii, 185.
Doutor, o. i, 237; ii, 44.

E

Êma, ou avestruz sul-americano. i, 177.
Embira-açu, o córtex da. ii, 191.
Encantadoras cenas e paisagens. i, 38, 48, 58, 66, 81, 88, 100, 118, 205, 230, 247, 256, 262, 273; ii, 15, 47, 57, 67, 80, 96, 116, 156, 196, 200, 210, 215, 229.
Enterrar-se vivo, um recurso contra mosquitos. ii, 212.
Entre Rios, a região cafeeira de. i, 65.
Êrmo, avistando estranhos no. ii, 127.
Escravos. i, 145, 158, 169; ii, 150.
Esmolas. ii, 32, 179.
Espato acetinado, depósitos de. ii, 211.
Espingarda, o Ribeirão da. ii, 157.
Esporte (ver *Caçando, Peixes e Atirando*).
Estalagens (ver *Hotéis*).
Estanho, regiões produtoras. i, 141.
Estradas, macadamizadas. i, 65; falta de. i, 308; naturais. i, 92; arenosas. ii, 202; na floresta. i, 80; na montanha. i, 80, 102; ii, 197; sem pontes. i, 294; a União e Indústria. i, 65.

Estudantes brasileiros. ii, 44.

Excursões no Rio. i, 48, 65, 84.

Expectoração, um hábito nacional comum a todas as classes de brasileiros. i, 86; ii, 83.

Expedição, a natureza da. i, 61; ii, 31.

F

Fábrica de algodão. i, 181; ii, 280.

Farinha, de milho ou de mandioca. Farinha grosseira, feita de milho pilado ou de mandioca ralada. Uma ou outra está quase sempre presente à mesa de todas as classes de brasileiros, em toda a extensão do Império. i, 295.

Fazenda, de gado ou cultivo de café, açúcar, fumo, etc., mas as grandes propriedades açucareiras do norte do Brasil são conhecidas como “engenhos”, que significa moenda; de Boa Esperança. ii, 140; de Mesquita. i, 145; de Mocambo. ii, 12; dos Moras. i, 119; de Santo Antônio. i, 173; de São Sebastião. i, 205; da Lontra. i, 177; da Picada. i, 184; de Porto Franco. ii, 150; de Tabuá. ii, 27; d’Angelino. ii, 192; fazendas do Maranhão. ii, 238.

Fazendas e fazendeiros. i, 65, 77, 119, 145, 147, 151, 173, 184, 205, 215, 240, 249, 287; ii, 12, 19, 26, 48, 68, 85, 132, 140, 147, 150, 177, 192, 216, 229, 237.

Febre amarela. i, 55; ii, 256.

Febre, distritos assolados pela. i, 215, 220, 224, 282; ii, 182, 227; tipos de, intermitente. i, 232; devastação da. i, 220, 224, 226, 232, 244; atacado de. i, 231, 243, 245; amarela. i, 55; ii, 256.

Feroz, e suas explorações. i, 227, 297; ii, 82, 158, 165.

Ferro, montanhas de. i, 100.

Ferrovias no Brasil, públicas. ii, 263; nacionais. ii, 265; inglesas. ii, 267; Dom Pedro Segundo. i, 50; ii, 263.

Festa, uma, negra. ii, 186; religiosa. ii, 185, 231.

Finanças, do Brasil. ii, 278.

Flor da paixão nativa, a. ii, 25.

Formigas-de-fogo. ii, 220.

Formosa, arraial de. ii, 81.

Formosa, arraial de. ii, 81.

Fortaleza, morros em forma de (ver *Chapada da Mangabeira*).

Funeral de um camponês (ver *Velório*).

Fungo fosforescente. ii, 104.

Funil, as corredeiras do (ver *Cachoeira*).

G

Gado, necessidade desesperada de sal do. i, 168, 219.

Gamela, índios. ii, 216.

Gameleira, uma figueira silvestre. i, 175; ii, 210.

Gardner, o naturalista. ii, 96.

Garimpeiro, um catador de diamantes.

Gerais, charnecas incultas. ii, 95, 101.

Gipsita, depósitos de. ii, 211.

Gravatá, o abacaxi silvestre. ii, 210.

Guaicuí, o arraial de. i, 279.

Guajajaras, índios. ii, 207.

Guará (lobo). i, 233.

Guariba, o macaco gritador. i, 253; ii, 211.

Guariroba, palmeira. i, 230.

Guerra dos Guimarães. ii, 48.

Gólfãos (nenúfares). ii, 56.

H

Halfeld, M. levantamento do Rio São Francisco. i, 69.

Hospitalidade. i, 161, 180, 184, 204, 251, 287; ii, 12, 26, 38, 44, 49, 71, 133, 147;
sovina. i, 288; ii, 20.

Hotéis e estalagens, Rio de Janeiro. i, 47; interior. i, 67, 73, 78, 84, 95.

I

Ibis. i, 270.

Idade avançada no Brasil. i, 69, 174.

Igarité, um barco fluvial coberto. ii, 208.

Igrejas, i. 51, 52, 98, 130, 182, 212, 301; ii, 37, 49, 72.

Imbaúba (ver *Cecropia*).

Índigena(s), alarmes. ii, 225; garotos. ii, 173; fronteiras. ii, 132; magnanimidade. ii, 217; remadores. ii, 216; ataques e guerras. ii, 42, 95; perseguição de. ii, 178, 218, 222; tipo físico. ii, 121, 208, 218; os Bacairis. ii, 208; Xerentes. ii, 132, 174; Coroados. ii, 132, 174; Gamelas. ii, 216; Guajajaras. ii, 207; Itambeiras, índios. ii, 218, 222, 223, 227. Anambés, ou índios brancos. ii, 208; raças primitivas do Rio de Janeiro. i, 49.

Índios brancos. ii, 207.

Ingativas. ii, 227.

Ingleses no Brasil. i, 58, 67, 86, 223, 244.

Insetos nocivos. i, 97, 135, 138, 191, 219; ii, 28, 34, 139, 141, 221; torturado por. i, 138; ii, 28, 221;

Insolação, um ataque de. i, 270.

Interiorana, alimentação. i, 75, 104, 197.

Inundadas, terras. ii, 17, 20, 29, 36, 40, 55, 230, 232.

Ipê ou pau d'arco. i, 81.

Itacarambi, Morro do. ii, 18.

Itaipava, arraial de. i, 265.

J

Jacaré. ii, 214, 230; agarrado pelas piranhas. ii, 225; arraial de. ii, 16.

Jacus. ii, 216.

Jalapão, a região do. ii, 131, 150.

Januária, a cidade de. i, 311-15.

Japim, o pássaro. ii, 81.

Jararaca, a cobra. i, 260, 272.
Jardins públicos do Rio. i, 51.
Jogadores. ii, 46, 79.
Juiz de Fora, a cidade de. i, 67.
Jurubeba. i, 134.

L

Légua, a brasileira. i, 114.
Lagartos. i, 200, 271.
Lagoas. ii, 55.
Lagos mal-assombrados. i, 224; ii, 229.
Lapa, São Bom Jesus da. ii, 37.
Leather leggings (perneiras de couro) brasileiro, um. ii, 93.
Levantamento topográfico por pântanos, florestas e campinas. i, 142, 185, 233, 255.
Lobisomem. i, 224.
Lobo guará. i, 188.
Luz e sombra tropicais. i, 42, 115, 118, 144, 183, 282, 291; ii, 67, 228.

M

Mármore, depósitos de. i, 308.
Macaco gritador, o. ii, 211.
Madeira, porque é tão cara no Brasil. i, 307.
Maguari, uma garça. ii, 225.
Mandacaru, o cacto-candelabro, Morro do. ii, 144.
Mandi, peixe que coxa. i, 211.
Mangabeira, a árvore. i, 206, 216.
Mangabeira, Chapada da. (ver *Chapada*)
Maracajá, ou gato do mato. ii, 158.
Maranhão, cidade do. ii, 237.

Marimbondos. i, 138, ii, 221.

Mate, ou chá paraguaio. i, 96.

Matuto, um habitante das matas, em oposição ao sertanejo, que habita os campos das regiões pecuárias.

Mearim, o rio. ii, 230, 232, 237.

Mendicância. ii, 32.

Menu de uma estalagem do interior. i, 75.

Mergulhão, a ave. ii, 227.

Mestre-escola do interior, um. ii, 62.

Minas Gerais, o nome desta província refere-se a sua riqueza mineral, “minas em geral”, ou terra de todos os minerais.

Mineração (ver *Ouro*).

Miséria no interior do Brasil. i, 309; ii, 62, 167, 181.

Missionários italianos. ii, 174.

Montaria, pequeno barco usado no Rio Amazonas e seus afluentes. ii, 173.

Moralidade religiosa do matuto. i, 241.

Morcego-vampiro. ii, 96, 101.

Morro Velho, mina de. ii, 259.

Mortes, Rio das, origem do nome. ii, 257.

Mosquitos-pólvora. i, 224.

Mosquitos. i, 135, 219; ii, 28, 34, 41, 211; como espantá-los. i, 219.

Mulas. i, 69, 76, 105, 117, 299; ii, 65, 81, 123, 151; padecimentos das. ii, 151; aluguel de. ii, 151.

Mutuca, a mosca. ii, 78, 221.

Mutum ou curaçau. ii, 157.

N

Natividade, um velho centro minerador. ii, 139.

Nativos, tratamento dos, pelos viajantes. ii, 202.

Neblinas. i, 58, 64.

Negros industriosos. i, 284; ii, 192.

Nenúfares, um rio obstruído por. ii, 56.

Neotim, um lugarejo. i, 116.

O

Ogro, um verdadeiro. ii, 177.

Onça. ii, 156.

Opinião nativa sobre os ingleses. i, 126, 194; ii, 234.

Orquídeas. i, 68; ii, 25.

Ouro, distritos do. i, 99, 209, 281; ii, 139; mineração, ii, 257.

P

Paca, ou cávida pintada. i, 140.

Pacuí, o rio. i, 297.

Padres. i, 302; ii, 38.

Palha de milho, cigarros de. i, 117.

Palmeiras, florestas de. ii, 200, 215; o buriti. ii, 95, 100, 107, 114; a bacaba. ii, 160; a guariroba. i, 230; a carnaúba. ii, 45; a inajá. ii, 166; a marajá. ii, 200, 215; o tucum. ii, 160; a ubuçu. ii, 200.

Pancadas, um termo local usado para designar fortes correntes de água no Rio do Sono. ii, 154, 157, 159.

Pântanos (ver Brejos).

Pará, um vilarejo. ii, 46.

Paraíba, o rio. i, 65.

Paraibuna, o rio. i, 66.

Paraopeba, o rio. i, 112, 117, 149, 172.

Parecis, índios, a principal tribo do Mato Grosso. ii, 208.

Pasto. i, 76, 138.

Patos, e outras aves aquáticas, variedades de. i, 256, 271; ii, 52, 57, 66, 92, 214, 230, 237.

Pau d'arco. i, 81; grande quantidade de. ii, 80.

Pau-pereira, uma árvore. i, 220.

Paulo Afonso, quedas de. ii, 290.

Pavão selvagem. ii, 211.

Pecaris. ii, 107, 134, 164; descrição. ii, 113; atacados por. ii, 109.

Pecuária. ii, 149.

Pecuárias, regiões. i, 184, 205, 240, 283; ii, 26, 72, 149, 167; ii, 244.

Pedra da Fortaleza. i, 66.

Pedra de amolar, um morro de. ii, 211.

Pedras de Maria da Cruz, arraial de. i, 310.

Pedro Afonso, o arraial de. i, 310.

Peixes, do Rio São Francisco. i, 269; do Rio Tocantins. ii, 184; maneiras de pegar. i, 211; à bala. i, 253; modo indígena de preparar. ii, 155; pescando. i, 112, 211; abundância de. i, 269; o surubim. i, 211; o dourado. i, 252; a piranha. ii, 213; o curumatã. i, 248; o mandim. i, 211; o matrinxão. i, 211; o boto, ou golfinho da água-doce. ii, 180.

Picada, um caminho aberto no mato seja para se fazer um levantamento topográfico, seja para a abertura de uma trilha ou estrada. i, 133.

Picos de montanhas do Brasil. ii, 295.

Pig-sticking. ii, 115, 123.

Pindaíba, bosques de. i, 214; ii, 118.

Piranha, a. i, 269; ii, 213, 225, 230.

Pirapora (palavra indígena que significa "salto do peixe"), as corredeiras de. i, 267, 273; o arraial de. i, 267; calor excessivo da região de. i, 266, 270; a bela vegetação de. i, 273.

Pium, ou borrachudo. ii, 216, 219, 221.

Plumbagina, depósitos de. ii, 206.

Polícia do interior, a. ii, 183.

Porteira, o arraial de. i, 281.

Porto Franco. ii, 147.

Pradarias (ver *Campos*).

Precauções contra as febres. i, 228; ii, 256.

Prisões do interior. ii, 30.

Produções dos diversos distritos. i, 77, 89, 92, 111, 187, 236, 259, 269, 292; ii, 13, 52, 72, 139, 183, 206, 238.

Produtos agrícolas, preços dos. i, 236.

Propriedades salinas deficientes dos pastos brasileiros. i, 168.

Pulex penetrans. ii, 139.

Q

Queimadas. i, 175.

Quilombeiros, um bando de fora-da-lei, escravos fugidos, etc. ii, 130.

R

Rancho, um casebre. i, 230.

Remos, tipos de. ii, 176.

Restilo (ver *Cachaça*)

Rhea Americana. i, 177.

Rio, das Balsas. ii, 166; Diogo. ii, 120; Paraíba. i, 65; Paraibuna. i, 66; Grande. ii, 63; Grajaú. ii, 210; Carinhonha. ii, 244; Preto. ii, 66, 96; Sono. ii, 153; São Francisco. ii, 293; Tocantins. ii, 176; Mearim. ii, 236; Perdido. ii, 168; Sapão. ii, 97; das Mortes. ii, 257; das Velhas. i, 279; da Tapera Grande. i, 256; Paracatu. i, 256; Jequitaiá. i, 284; Marajá. ii, 223.

Rio de Janeiro, assim denominado pelo primeiro descobridor que ali chegou pela primeira vez durante esse mês e imaginou ser ele a foz de um grande rio, em vez de uma baía.

Roça, uma plantação misturada de mandioca, feijão, milho, batatas, etc.

Rodrigues, o tropeiro. ii, 67, 70, 90, 97, 112, 151.

S

São Bom Jesus da Lapa, a caverna, igreja e arraial de. ii, 37.

São Francisco, rio, junção do, com o Rio das Velhas. i, 281; o vale do. i, 247, 265; o clima do. ii, 294; nascente do. i, 266; febres do. i, 232; ii, 23; vegetação do. ii, 295; os pântanos do. i, 247; ii, 51; regiões diamantíferas do. i, 214.

259, 267; comércio do. ii, 265; ferrovias para o. ii, 265; a proposta nova província do. ii, 42; a barca do. i, 312; o barqueiro do. ii, 36; peixes do. i, 269; uma tempestade no. ii, 41; noites no. ii, 34, 41, 47; extensão do. i, 266.

São Gonçalo da Ponte, o arraial de. i, 103.

São João del Rei, a cidade de. i, 85; a mina de ouro de. ii, 259.

São José, o arraial de. i, 107.

Sagüis. i, 188.

Sal, importado em grande proporção. ii, 150; lambedouros. ii, 102; alto preço do. ii, 102, 150, 167.

Samambaia brasileira. i, 93; ii, 149.

Samambaia. ii, 149.

Santa Maria. ii, 95.

Santa Quitéria, a cidade de. i, 153.

Santa Rita, a cidade de. ii, 71.

Sapão, o rio. ii, 97.

Sapos, som noturno de. i, 298; ii, 226.

Sapucainha, a árvore. ii, 196.

Saudades. i, 201.

Saúva. i, 135.

Saúva. ii, 50.

Seriema. i, 176.

Serpentes. i, 272.

Serra da Mantiqueira. i, 82; ii, 290.

Serra, uma cadeia de montanha; o termo é, no entanto, freqüentemente aplicado no Brasil às paredes dos tabuleiros; da Apertada Hora. ii, 163; serras do Brasil. ii, 287; das Boas Mortes. i, 99; do Boqueirão. ii, 61; da Cinta. ii, 197; do Jenipapo. i, 281; do Mar. ii, 289; da Mantiqueira. i, 80; dos Órgãos. ii, 290; dos Três Irmãos. i, 117; do Tipi. ii, 74; Monte Marias. i, 88.

Sertão, o nome de muitos dos campos elevados do Brasil, onde os habitantes se ocupam principalmente da criação de gado. i, 184, 204.

Sertanejo, um habitante do sertão.
Sessões de Chapada, as. ii, 206.
Sico, o bicho-do-pé. ii, 139.
Sítio do Mato, a vila de. ii, 42.
Socó. ii, 214, 226.
Solidão, os dúbios prazeres da. i, 273; ii, 148.
Solo, tipos de. i, 72, 92, 94, 115, 125, 291; ii, 77, 84; peculiares ao Brasil. ii, 298; do Brasil não tão férteis quanto se costuma pensar. ii, 284.
Sono, o Rio do. ii, 153 a 169.
Suínos brasileiros. i, 267, 301.
Suçuapara, a maior espécie de cervídeo do Brasil; aventura com um. ii, 146.
Sucuriú. i, 272; ii, 136; botas de cano alto feitas de pele de. ii, 138.
Sumidouro, lugares onde um volume de água corrente desaparece por um canal subterrâneo. ii, 162.
Superstição. i, 213, 224, 229, 274; ii, 39, 66, 229.
Surubim, o peixe. i, 211, 268; ii, 185, 215.

T

Tabuleiro Grande, o arraial de. i, 181.
Tabuleiro, uma superfície larga e plana como uma bandeja, indica também as planícies gentilmente onduladas dos topos dos planaltos.
Tabuleiros do Brasil, estimulante clima dos. i, 286; áreas e características dos. ii, 297.
Tamanduá, o grande. ii, 116.
Tamanduá-bandeira. ii, 116.
Tapir. ii, 157.
Tapuias, com a palavra "gentio" é usado para denotar índios selvagens. Também é o nome da principal tribo aborígine do norte do Brasil.
Tatu, o. i, 140, 188.
Temperaturas do Brasil. ii, 246.
Tempestades. i, 128, 150; ii, 15, 41, 143, 155, 233.
Teoria glacial do Brasil. ii, 299.

Terras, grandes proprietários de. i, 65, 283; baixo preço das. ii, 13; direito de propriedade duvidoso. i, 241; ii, 86; no Brasil não tão férteis como geralmente se supõe. ii, 284; estéreis. 296; ricas. 298.

Tocantins, o rio; aspecto do. ii, 176, 180; viajando pelo. ii, 180; comércio e navegação no. ii, 172; não é afluente do Amazonas. ii, 292; o vale do. 188.

Toucinho, a camada de gordura exterior dos corpos dos porcos é separada da carne, em mantas, depois entalhada com uma faca; sal é polvilhado e esfregado nela, que finalmente é enrolada e comercializada como toucinho. A espessura varia de acordo com a gordura do animal e um porco é classificado como “de dois, três, quatro, ou cinco dedos”, dependendo da espessura de toucinho que fornecerá quando abatido. Esse produto é usado por todas as classes no Brasil como a base principal de todas as operações culinárias.

Trabalhadores. i, 171, 215.

Transporte de mercadoria e bagagem. i, 107, 239, 253, 261.

Travessia, significado da palavra. ii, 74.

Tripulação, minha, no São Francisco. ii, 34, 36, 40; no Rio Grande. ii, 53, 58; no Rio do Sono. ii, 151, 158; no Rio Tocantins. ii, 175; no Rio Grajaú. ii, 209, 224.

Troco, falta de. i, 236, 283.

Troncos submersos e raízes de árvores caídas que obstruem a navegação dos rios. ii, 217.

Tropeiro, um almocreve. i, 117, 125, 280.

Tropeiros, i, 72, 125; ii, 190.

Tucano. i, 270.

Tucum, uma palmeira. ii, 160.

Turbulentas, regiões. ii, 48.

U

União e Indústria, a estrada. i, 65.

Urubu, a vila de. ii, 43.

Usinas Centrais de Açúcar. ii, 273.

V

Vadeando rios. i, 213, 226, 279, 284, 298; ii, 124, 142, 144.

Veado, caça ao. i, 111, 233; ii, 91, 104, 106; uma aventura com um. ii, 146.

Velas e cera de carnaúba. ii, 45, 208.

Velejando no Rio São Francisco. ii, 35.

Velhas, Rio das. i, 279.

Velório brasileiro, um. ii, 88.

Velosiáceas, ou lírios arborescentes. ii, 101.

Venda, um armazém geral de secos e molhados e ferragens. i, 119.

Viagens no Brasil, confortável vestimenta para. ii, 193; segurança das. ii, 80; árduo cotidiano das. ii, 199.

Viajando a pé. ii, 200 a 202.

Vida animal nos palmeirais, a. ii, 200.

Vida no Brasil, relativa segurança da. ii, 80, 202.

Vila Pastora, a barca. ii, 53.

Vitória, a vila de. ii, 231.

X

Xerentes, índios. ii, 132, 174.

Xupé, ninhos curiosos da abelha. ii, 157.

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR

Conhecemos muito pouco sobre a vida e a carreira de James Wells, além do que ele próprio revela, *en passant*, no texto do livro.

Sabemos que seu nome completo era James William Wells, que era inglês e engenheiro civil. Que veio para o Brasil em 1868 ou 1869 e aqui permaneceu até 1886, residindo em várias cidades do litoral entre o Rio de Janeiro e o Pará. Fez várias viagens pelo interior do País, as mais importantes das quais foram a que relata neste livro, entre 1873 e 1876, e uma outra, ao Pará, em maio e junho de 1884. Em 1886 estava de volta à Pátria, morando em Beckenham, Kent, numa casa que chamava de "Olinda".

Wells era membro da *Royal Geographical Society* (RGS), de Londres, e da *Institution of Civil Engineers*. Deve ter alcançado um *status* profissional razoável na Inglaterra, pois pronunciou algumas conferências sobre geografia, geologia, ferrovias e comércio exterior do Brasil, na própria RGS e na *London Chamber of Commerce*, tendo conseguido "audiências numerosas", nas quais foi saudado como o inglês vivo que mais entendia de Brasil.

Mas seu nome não consta nem do *Dictionary of National Biography* nem do *Who Was Who*, as duas publicações inglesas mais importantes do gênero.

A RGS publicou três trabalhos de Wells em suas revistas¹ e tem em seus arquivos algumas cartas suas, os manuscritos dos trabalhos publicados, "*in his elegant handwriting*",² alguns mapas de regiões brasileiras desenhados por ele e um álbum de desenhos sobre o Brasil, a maior parte dos quais foi reproduzida no livro.

A última notícia que temos de Wells é que fez, em 1892, uma viagem de explorações à região dos *maroons*, na República Dominicana.

Não sabemos quando nem onde nasceu ou morreu, onde se formou, ou o que mais fez na vida, no Brasil ou fora dele.

O esforço, generoso e simpático, do Dr. John Hemming, diretor da RGS, pouco modificou essa situação. Atendendo prontamente a uma solicitação do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, o Dr. Hemming revirou arquivos, consultou outros membros da sociedade e tentou localizar uma neta de Wells, da qual a RGS tinha um endereço antigo, quase inteiramente em vão.

A história pessoal de James Wells permanece, por enquanto, incógnita, e seu levantamento demandaria uma pesquisa que foge ao escopo e, principalmente, aos prazos do presente projeto. Por agora, temos que nos contentar com a excelência de seu livro.

ROBERTO BORGES MARTINS

¹ Os trabalhos de Wells publicados pela RGS (e cujos manuscritos se encontram em seu poder) são: Notes of a journey from the river San Francisco to the river Tocantins and thence to the city of Maranhão, *Journal of the Royal Geographical Society*, v. 46, p. 325-328, 1876; Sketch of the physical geography of Brazil, *Proceedings of the Royal Geographical Society - New Series*, v. 8, p. 353-371, 1886; e Notes of a visit made to the delta of the Tocantins river, Brazil, *Proceedings of the Royal Geographical Society - New Series*, v. 8, p. 513-517.

² Carta de John Hemming a Paulo Tarso Flecha de Lima, 16 de junho de 1995.

SOBRE A TRADUTORA

Myriam Ávila nasceu em Belo Horizonte. Bacharelou-se em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduando-se também em Língua Inglesa com reconhecimento pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Obteve o título de Mestre em Literatura Inglesa pela UFMG, com a dissertação *Alice Through Macunaíma's Looking Glass*, em 1986. Transferindo-se para a Alemanha, iniciou seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade de Kassel, vindo a concluí-lo na UFMG, pela qual obteve, em 1994, o título de Doutora, com a tese *Rima e Solução - A Poesia Nonsense de Lewis Carol e Edward Lear*, a ser proximamente publicada pela editora Annablume, de São Paulo. Leciona atualmente Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisadora bolsista do CNPq, realiza estudo de *recém-doutor* sobre a obra do viajante e engenheiro inglês James W. Wells.

EQUIPE DE APOIO

Produção Gráfica
ELIANE LEMOS DIAS
PAOLA GAZZINELLI CRUZ DE OLIVEIRA

Digitação
ELEN JACQUELINE M. PARREIRAS

Este livro foi impresso em papel Top Print 120 grs., texto principal em Goldy Old Style corpo 12, títulos em Atlantic Inline. Tiragem de 1.500 em brochura e 500 em capa-dura. Fotolitos Via Cromo e impressão Editora Gráfica Formato.

Belo Horizonte
Primavera de 1995
FJP/CEHC